

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Magna Luzia Diniz Matos dos Santos

***Vozes na rua: práticas de leitura e escrita e construção de uma
nova imagem do morador em situação de rua***

Belo Horizonte, outubro de 2009

Magna Luzia Diniz Matos dos Santos

***Vozes na rua: práticas de leitura e escrita e construção de uma
nova imagem do morador em situação de rua***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas
Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre
em Linguística do Texto e do Discurso.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso
Linha de Pesquisa: Linha E – Análise do Discurso
Orientadora: Profa. Dra. Júnia Diniz Focas

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2009

M433v

Matos, Magna Luzia Diniz.

Vozes na rua [manuscrito] : práticas de leitura e escrita e construção de uma nova imagem do morador em situação de rua / Magna Luzia Diniz Matos dos Santos. – 2009.
317 f., enc. : il. p&b, color., tab.

Orientadora: Júnia Diniz Focas.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de Pesquisa: Análise do Discurso.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia : f. 163-172.

Anexos : f. 173-178.

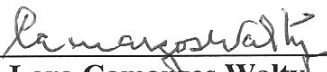
Apêndices : f. 179-317.

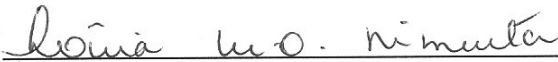
1. Pessoas desabrigadas – Teses. 2. Análise do discurso – Teses. 3. Imagem (Filosofia) – Teses. 4. Subjetividade – Teses. 5. Identidade social – Teses. 6. Comportamento social – Teses. 7. Retórica – Teses. 8. Leitura – Aspectos sociais – Teses. 9. Livros e leitura – Teses. 10. Interesses na leitura – Teses. 11. Escrita – Aspectos sociais – Teses. I. Focas, Júnia Diniz. II. Universidade Federal de Minas Gerais. III. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418

Dissertação intitulada, *Vozes na rua: práticas de leitura e construção de uma nova imagem do morador em situação de rua*, defendida por Magna Luzia Diniz Matos dos Santos em 19/10/2009 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelas Professoras Doutoras relacionadas a seguir:


Júnia Diniz Focas - FALE/UFMG
Orientadora


Ivete Lara Camargos Walty - PUC/MG


Sônia Maria de Oliveira Pimenta - FALE/UFMG

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente à Profa. Dra. Júnia Focas, minha orientadora, por ter acreditado em meu projeto de pesquisa e por possibilitar minha entrada na UFMG.

Aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais: Célia Magalhães, Emília Mendes, Ida Lúcia Machado, Maralice Sousa Neves, Regina Lúcia Péret Dell’Isola, Renato de Mello e Wander Emediato, por contribuírem para o meu aprendizado

Aos produtores da Revista *Ocas* e Jornais *Boca de Rua* e *O Trecheiro*: Adriano Cordeiro, Carlos de Paula, Cláudio Bongiovanni, Carolina de Barros, Clarinha Glock, Daniel Silva, Edmilson Silva, Guilherme Araújo, Jesuel Araújo, José Fernandes, José Ramires, Leandro Correa, Márcio Seidenberg, Marcos Dias, Nanda Duarte, Natália Ledur, Nelson Silva, Rafael Marques, Robson Mendonça, Sebastião Nicomedes, Tula Pilar e Wagner Pereira, por tornarem possível um sonho.

À amiga Solange Assumpção, pelas sugestões e pelo auxílio na coleta de dados.

A Beatriz Matos, pela companhia na coleta de dados.

A Danielle Baracho, pelas horas de leitura e revisão do texto.

Ao Ivan, a Ana Carolina e a Janaína, pelo incentivo constante.

A todos os familiares, amigos e profissionais que não foram citados, mas torceram por mim e aguardaram, com alegria, o término desta pesquisa.

Escrevo. E pronto.
Escrevo porque preciso,
 preciso porque estou tonto.
Ninguém tem nada com isso.
 Escrevo porque amanhece,
e as estrelas lá no céu
 lembram letras no papel,
quando o poema me anoitece.
 A aranha tece teia.
O peixe beija e morde o que vê.
 Eu escrevo apenas
Tem que ter por quê?

(Leminski, p. 80, *Distraído venceremos*)

Ela [a escrita] é uma arma que eu tenho [...] se eu quisesse fazer alguma coisa que custasse até sangue das pessoas daria pra fazer, mas eu pensei de uma outra forma e eu acabei [pegando] o lápis como se fosse fuzil na mão de alguém que tá no morro, uma arma é isso.

(Fragmento de entrevista com o informante 08)

RESUMO

O objetivo central dessa dissertação é verificar como as práticas de leitura e de escrita contribuem para a construção da imagem melhor do morador em situação de rua através de seu discurso. Como suporte teórico, autores como Bakhtin, Benveniste, Ducrot, Maingueneau, Fairclough, van Dijk, Goffman, DaMatta, Hall, Woodward, Tadeu Silva, além de outros estudiosos, foram tomados como referência na abordagem sobre linguagem, enunciação, polifonia, dialogismo, texto, discurso, intertextualidade, interdiscursividade, ideologia, identidade e *ethos*. Foucambert, Smith, Freire, Walty e Soares apresentaram as concepções e funções de leitura e escrita. Escorel, Snow e Anderson, Vieira, Bezerra e Rosa contribuíram com os estudos sobre a população moradora de rua. O registro escrito de 118 depoimentos, recortados de quatorze entrevistas com sujeitos que moram ou moraram em situação de rua e que participam ou participaram de práticas de leitura e escrita promovidas para esse grupo social, foi tomado como objeto de análise e permitiu identificar: as representações ou estereótipos marcados no discurso do morador em situação de rua; as práticas de leitura e de escrita mais comuns ao grupo entrevistado e as funções ou valores dados a elas; como as práticas de leitura e de escrita refletem na reconstrução de uma melhor imagem desses sujeitos. Pela análise, pode-se concluir que o morador em situação de rua utiliza-se de um discurso polifônico para dissipar estereótipos do grupo e construir uma melhor imagem de si. Embora o lugar ocupado por esse grupo social seja o da exclusão, uma parcela desses sujeitos tem buscado a reinserção social através da participação em práticas de leitura e de escrita promovidas por instituições como as que publicam a *Revista Ocas* e os jornais *Boca de Rua* e *O Trecheiro*.

Palavras-chave: morador em situação de rua, discurso, imagem de si, *ethos*, práticas de leitura e de escrita.

ABSTRACT

The main objective of this dissertation is to verify how reading and writing practices contribute to the construction of a better image of individuals in street situation through their discourse. For theoretical support, authors such as Bakhtin, Benveniste, Ducrot, Maingueneau, Fairclough, van Dijk, Goffman, DaMatta, Hall, Woodward, Tadeu Silva and other researchers were adopted as reference in this approach to language, enunciation, polyphony, dialogism, text, discourse, intertextuality, interdiscursivity, ideology, identity and ethos. Foucault, Smith, Freire, Walty and Soares introduced the conceptions and functions of reading and writing. Escorel, Snow and Anderson, Vieira, Bezerra and Rosa contributed with studies about street populations. The object of the analysis are the written records of 118 testimonies, taken from fourteen interviews with individuals who live or have lived in the streets and who are taking or have taken part in reading and writing practices offered to this social group. This material made it possible to identify the representations or stereotypes present in the discourse of people in street situation; the practices of reading and writing more common to the group interviewed and the functions or value given to these practices; how the practices of reading and writing reflect in the reconstruction of a better image of these individuals. The analysis makes it possible to conclude that the individual in street situation uses a polyphonic discourse to dispel stereotypes and construct a better image of his or her self. Despite being an excluded social group, a small number of these individuals have been seeking social reinsertion through participation in reading and writing practices promoted by institutions such as the ones that publish the magazine *Revista Ocas* and the newspapers *Boca de Rua* and *O Trecheiro*.

Keywords: person in street situation, discourse, self-image, *ethos*, reading and writing practices

LISTAS

A) LISTAS DE FIGURAS

FIGURA 1: Reportagem veiculada na Revista Veja.	17
FIGURA 1: Cartaz do 4º concurso <i>História de minha vida</i> .	19
FIGURA 3: Capa da Revista Ocas	69
FIGURA 4: Código de conduta para vendedores da Revista Ocas	70
FIGURA 5: Seção “Cabeça sem teto”	71
FIGURA 6: Capa do livro “Terapia de todos nós: vida e rua”	73
FIGURA 7: A coluna “Direto da Rua”	74
FIGURA 8: Primeira página <i>O Trecheiro</i>	75
FIGURA 9: Primeira página do Jornal <i>Boca de Rua</i>	77
FIGURA 10: Capa do livro <i>Histórias de mim: Escrituras do povo da rua</i> .	78
FIGURA 11: Capa do livro <i>Cátia, Simone e outras marvadas</i> .	79
FIGURA 12 - Questionário para jornalistas responsáveis pelas oficinas com MSR.	86
FIGURA 13: Roteiro para entrevista com MSR.	87
FIGURA 14: Normas para transcrição das entrevistas	100
FIGURA 15: Modelo usado para levantamento de valores da leitura e escrita para o MSR	101
FIGURA 16: Modelo usado para levantamento de representação da imagem do MSR	101
FIGURA 17: Modelo usado para levantamento de referência a obras e autores.	101
FIGURA 18: Categorias de análise dos dados	103
FIGURA 19: Títulos e autores mencionados pelos entrevistados.	140

B) LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Caracterização dos entrevistados em Porto Alegre e São Paulo por sexo e trabalho	91
QUADRO 2: Caracterização dos entrevistados em Porto Alegre e São Paulo por situação de moradia	91
QUADRO 3: Grau de escolaridade dos entrevistados em Porto Alegre e São Paulo	92
QUADRO 4: Participação em concursos e oficinas de leitura e escrita e publicações dos entrevistados em Porto Alegre e São Paulo	92

C) LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Pessoas em situação de rua no Brasil – 2003-2008	64
TABELA 2: Gêneros, suporte e hábitos de leitura de cada morador em situação de rua	129
TABELA 3: Valores/funções atribuídos à leitura e à escrita.	134

D) LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA	Alcoólicos Anônimos	93
ALICE	Agência Livre par Informação e Cidadania	76
COOPEMARE	Cooperativa dos Catadores de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis	60
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio	95
FEA	Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade	66
FIPE	Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas	66
GAPA	Grupo de Apoio e Prevenção à Aids	68
GETEP	Grupo de Estudos e Trabalhos Psicodramáticos	72
IFCH	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas	67
INAF	Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional	15
INSP	International Network of Street Newspapers	68
LABORS	Laboratório de Observação Social	67
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome	57
MNPR	Movimento Nacional da População de Rua	85
MSR	Moradores em Situação de Rua	15
OCAS	Organização Civil de Ação Social	68
ONU	Organização das Nações Unidas	58
PUC	Pontifícia Universidade Católica	95
RECIFRAN	Serviço Franciscano de Apoio e Reciclagem	93
SEBES	Secretaria Municipal da Família e do Bem-Estar Social	65
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial	94
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	86
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura	63
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	67
USP	Universidade de São Paulo	82

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: APRESENTAÇÃO	14
1.1. Introdução	14
1.2. A pesquisa	21
1.3. Objetivos da pesquisa	23
1.3.1. Objetivo geral	23
1.3.2. Objetivos específicos	23
1.4. Estrutura da dissertação	23
CAPÍTULO 2: QUADRO TEÓRICO E DE REFERÊNCIA	25
2.1. Concepções basilares para a pesquisa em estudos linguísticos	26
2.1.1. Concepção de linguagem, enunciação, polifonia e dialogismo	26
2.1.2. Discurso e texto	29
2.1.3. Intertextualidade e interdiscursividade	31
2.1.4. Ideologia e discurso	35
2.1.4.1. Ideologia: modelo teórico de van Dijk	38
2.1.4.2. Categorias definidoras dos tipos de grupo	40
2.1.5. <i>Ethos</i>	41
2.1.5.1. <i>Ethos</i> , estereótipo e representação	43
2.1.5.2. <i>Ethos</i> e identidade	47
2.1.6. Concepções e funções da leitura e escrita	52
2.2. <i>Quadro de referência sobre a população em situação de rua</i>	57
2.2.1. A população moradora de rua	57
2.2.2. Definição	58
2.2.3. Características	60
2.2.4. O que dizem os censos	63
2.2.4.1. MSR: São Paulo	65
2.2.4.2. MSR: Porto Alegre	67
2.2.5. Publicações de moradores em situação de rua	68
2.2.5.1. A revista <i>Ocas</i> e a seção <i>Cabeça sem teto</i>	68
2.2.5.2. O livro <i>Terapia de todos nós</i>	72
2.2.5.3. O jornal <i>O Trecheiro</i> e a coluna <i>Direto da Rua</i>	74

2.2.5.4 O jornal <i>Boca de Rua</i>	76
2.2.5.5 O livro <i>Histórias de Mim – escrituras do povo de rua</i>	78
2.2.5.6 O livro <i>Cátia, Simone e outras marvadas</i>	79
2.2.5.7 Textos do Concurso <i>Histórias de minha vida</i>	80

CAPÍTULO 3: *CORPUS*, PROCEDIMENTOS E METODOLOGIA DE PESQUISA

3.1. Metodologia e procedimentos	82
3.1.1. A coleta de dados	82
3.1.2 Caracterização das organizações que promovem as publicações	82
3.1.2.1 A Organização Civil de Ação Social (OCAS)	82
3.1.2.2 A Rede Rua	83
3.1.2.3 A ALICE	83
3.1.3 Procedimentos adotados na coleta de dados	84
3.1.4 As entrevistas	86
3.1.4.1 As perguntas feitas	87
3.1.4.2 A realização das entrevistas	88
3.1.5 Os sujeitos da pesquisa	89
3.1.5.1 Perfil dos grupos de MSR's entrevistados	90
3.1.5.2 Caracterização dos sujeitos entrevistados	93
3.1.5.2.1 Em São Paulo	93
3.1.5.2.2 Em Porto Alegre	98
3.1.6 Procedimentos para transcrição e análise dos dados	100
3.1.6.1 A transcrição dos dados	100
3.1.6.2 Definição do <i>corpus</i>	100
3.1.6.3 Tratamento dos dados do <i>Corpus</i>	102
3.1.6.4 Categorias de análise dos dados	102

CAPÍTULO 4: A ANÁLISE DE DADOS

4.1. A representação da imagem do morador em situação de rua	106
4.1.1. A imagem da rua x casa	106
4.1.2 A heterogeneidade do grupo	113

4.1.3 As representações ou estereótipos do grupo	116
4.1.4 O <i>ethos</i> do MSR: uma imagem (re) criada discursivamente	118
4.1.4.1 Nós X <i>O Outro</i>	121
4.1.4.1.1 Nós X a sociedade	121
4.1.4.1.2 Nós X instâncias governamentais	124
4.2 Práticas de leitura e de escrita dos MSR's	128
4.2.1 O que os MSR's dizem sobre os hábitos de leitura e escrita	128
4.2.2 Valores da leitura e da escrita	134
4.2.3 O <i>ethos</i> de leitores e escritores	140
4.2.3.1 Títulos, autores e temas	140
4.2.3.2 A identificação com temas e autores	142
4.2.3.3 A Revista Ocas e o Jornal Boca de Rua: a reconstrução da imagem do MSR	150
CONSIDERAÇÕES FINAIS	156
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	163
ANEXOS E APÊNDICES	173
Anexo A - Reprodução dos textos produzidos pelos moradores em situação de rua para o concurso "História de Minha Vida"	174
Anexo B - Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa	178
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	179
Apêndice B - Termo de autorização para uso de textos publicados	181
Apêndice C - Termo de autorização para uso de textos não publicados	182
Apêndice D - Exemplo de identificação dos textos na pesquisa	183
Apêndice E - Declaração de resguardo de autoria dos textos dos MSR	184
Apêndice F - Declaração do recebimento sobre informações da pesquisa	185
Apêndice G - Questionário respondido por jornalista responsável pelas oficinas da Revista Ocas	186
Apêndice H - Questionário respondido por jornalista do Jornal Boca de Rua	189
Apêndice I - Registro das entrevistas realizadas com os moradores em situação de rua.	192

CAPÍTULO 1

APRESENTAÇÃO



Mas o povo da rua fala.
 O povo da rua tem o que falar.
 O jornal vai mostrar que nunca
 ninguém está completamente certo.
 Tem pessoas que se acha “o cara”, mas não é.
 Se viesse morar na rua, não seria ninguém (BOCA).¹

1.1 INTRODUÇÃO

Mas... ele sabe escrever??? Foi essa a pergunta que me fiz, espantada, quando li na Folha de São Paulo a reportagem “Raimundo, sem-teto e cronista de São Paulo”:

Raimundo Arruda Sobrinho, presumíveis 67 anos, nascido provavelmente em Goiânia, é um dos 12 mil sem-teto da cidade. Tem problemas mentais e fez sua casa sob lonas e plásticos na ilha que separa as duas vias da movimentada avenida Pedroso de Moraes. Não incomoda ninguém. Não quer ser incomodado. “Prefiro que ninguém me veja”, costuma dizer. O que o diferencia são os textos de ficção, que assina como “O Condicionado”. Raimundo Arruda Sobrinho é escritor. Ele está ali, no mesmo lugar, há pelo menos uma década (FOLHA, 2005).²

¹ BOCA DE RUA, n. 0, dez. 2000, p. 1

²FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 25 dez. 2005. Disponível em: <
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2512200501.htm>>. Acesso em: abri. 2006.

O espanto na pergunta inicial revela preconceito, é certo, mas também suscita questões que vão além desse sentimento: como explicar essa prática em um país cuja população não tem o hábito da leitura e da escrita?

Avaliações em nível nacional, como a do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional - INAF (2001, 2003, 2005)³, apresentam dados estatísticos que informam sobre os baixos níveis de habilidade de leitura e escrita da população brasileira. Dados do 5ª edição do INAF (2005) mostram que 7% da população brasileira na faixa de 15 a 64 anos de idade são analfabetos e que apenas 26% são plenamente alfabetizados. A escolaridade aparece como o principal fator de promoção das habilidades e práticas de leitura da população. Os dados indicam, também, a importância do acesso a diferentes materiais de leitura, seja em casa ou fora dela. Como um diferencial em relação às pesquisas feitas anteriormente, o INAF comprovou a importância do ambiente familiar tanto para pessoas com escolaridade baixa como alta. Na análise desse item, constatou-se que “o nível de escolaridade da mãe, a capacidade de leitura do pai e a existência de materiais de leitura na casa onde o entrevistado passou a infância estão entre os fatores mais correlacionados ao desempenho no teste” (2005, p.17).

Essa última constatação coloca em foco a necessidade de uma maior investigação sobre a parcela da população brasileira formada pelos moradores em situação de rua. Vejamos o que dizem os estudos sobre esse grupo, especialmente no que diz respeito à renda, escolarização, ambiente familiar e ocupação no espaço urbano.

Pesquisas⁴ realizados em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, entre outras, apontam a população em situação de rua como um grupo heterogêneo, que se encontra em situações bastante diferentes, mas têm, em comum, uma sucessão de perdas – da casa, da família, do emprego, da saúde, entre outras - que implicam no desenvolvimento de outros recursos para a sobrevivência. A maioria da população é do sexo masculino, com idade média de 40 anos e baixo nível de escolaridade. A desvinculação familiar é apontada em vários estudos como um fator determinante da situação de rua.

A maior concentração dos moradores em situação de rua (MSR) ocorre na região central das grandes cidades, devido às facilidades apresentadas pela localização. As pessoas em situação de rua se abrigam em “mocós”, dormem em calçadas, sob pontes e viadutos, praças, sob marquises em grandes avenidas, cemitérios, e outros locais de pernoite

³ http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.00.01.00&acao=apres&ver=por

⁴ São Paulo: VIEIRA, 1995; SCHOR & ARTES, 2001; VIEIRA, BEZERRA & ROSA, 2004. Brasília: BURSZTYN, 2000; LEITE, 2006. Rio de Janeiro: ESCOREL, 1999; 2003. Belo Horizonte: FERREIRA, 2006. Porto Alegre: MAGNI, 1994; 1995.

improvisados. Algumas das pessoas que moram nas ruas sobrevivem de doações, de esmolas, de pequenos furtos ou, até mesmo, de tráfico de drogas. Outra parte da população de rua sobrevive a partir de atividades produtivas desenvolvidas na própria rua. Entre as ocupações mais comuns dessa parcela da sociedade, estão a catação de papel, latas e outros resíduos, a guarda de carros, algumas especialidades da construção civil e o serviço doméstico. De acordo com a Pesquisa Nacional sobre População de Rua (2008), os níveis de renda são baixos. A maioria (52,6%) recebe entre R\$ 20,00 e R\$80,00 semanais.

Quanto ao grau de escolarização, Vieira, Bezerra e Rosa (2004) verificaram que a maioria da população moradora de rua em São Paulo cursou o primeiro grau, sem, no entanto, concluí-lo. Dessa população, 6% iniciaram estudos de segundo grau e 4% chegaram a completá-lo. A proporção de analfabetos e semi-analfabetos é de 13%. Pesquisas realizadas em outros centros urbanos apontam dados semelhantes. Em Brasília, 68% da população moradora de rua possuem o primeiro grau incompleto (LEITE, 2006). No Rio de Janeiro, a média de escolaridade apontada em pesquisa realizada em 1999 é de 4,6 anos. Em outros 71 municípios brasileiros⁵, 74% dos MSR sabem ler e escrever, sendo que 58,7% possuem 1º grau (48,4% incompleto; 10,3% completo) e 7% possuem 2º grau (3,8% incompleto; 3,2% completo).

O cruzamento dos dados da pesquisa do Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional com os dados obtidos sobre moradores em situação de rua traz revelações importantes. Se, por um lado, os dados do INAF sobre a *renda*, *grau de escolaridade* e importância do *ambiente familiar* apontam para o fato de os MSR's não se encaixarem naquilo que poderia ser considerado como um fator de promoção de habilidades de leitura e escrita, por outro lado, esse grupo populacional leva grande vantagem: está imerso em um espaço urbano no qual circulam diferentes materiais impressos e tem fácil acesso a livros, revistas e jornais descartados diariamente pela população.

Seria ingênuo imaginar que o fácil acesso ao material escrito garantiria o gosto pela leitura/escrita como o que possui Raimundo, personagem citada na Folha de São Paulo. É preciso considerar o desejo e a necessidade do próprio indivíduo, os quais o levam a participar efetivamente de situações interativas com esses materiais, reflita sobre seus usos e busque estratégias para lidar com situações que envolvem esses gêneros e suportes. Assim sendo,

⁵ De acordo com a Pesquisa Nacional sobre População de Rua, realizada em 2007/2008.

insistimos na pergunta inicial e partimos para outro questionamento: se a população moradora de rua lê/escreve, quais são suas práticas de leitura e escrita⁶?

Reportagens veiculadas na televisão e na mídia impressa revelam algumas dessas práticas que surgem de forma natural no espaço social em que convivem e respondem às necessidades ou aos interesses de pessoas ou grupos dessa comunidade.

Imagens que revelam o invisível

**Mostra do fotógrafo Edison Russo reúne
retratos de moradores de rua de São Paulo,
em um trabalho que desvela a loucura e a
individualidade dos miseráveis que se
confundem com a paisagem urbana**

.....
Camila Pereira



O FILÓSOFO

O goiano Raimundo Arruda Sobrinho, de 66 anos, vive há 27 anos na rua. Já trabalhou como pedreiro e jardineiro. Hoje, passa o dia sentado em um banco improvisado num canteiro do bairro de Pinheiros, escrevendo "idéias soltas"

FIGURA 1: Reportagem veiculada na Revista Veja.
Fonte: PEREIRA, 2007⁷

⁶ Denomina-se esse exercício de práticas sociais de leitura e escrita como letramento, tal como explicita SOARES (1998, p. 44): "o letramento é um *estado*, uma *condição*: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida." (grifos da autora)

⁷ PEREIRA, Camila. Imagens que revelam o invisível. *Veja*. São Paulo, ed. 1933, 30 nov. 2005. Disponível em: < http://veja.abril.com.br/301105/p_074.html > Acesso em: out. , 2008.

Sebastião Nicomedes é de outra periferia: o centro geográfico de São Paulo. Nascido em Assis, interior paulista, ele praticamente ressuscitou no centro depois de uma queda de 4 metros de altura. Tentava instalar o luminoso de uma loja quando, há três anos, despencou lá de cima. Quando acordou, Sebastião estava só. Machucado, sem poder trabalhar, ninguém apareceu para ampará-lo. Estava no chão. Até para se matar, coisa que diz ter cogitado, era preciso subir alguns degraus. Sebastião virou morador de rua. Percebeu então que só precisava ter uma caneta para reescrever sua vida. E lentamente foi escalando sua queda, agarrado às cordas das letras. (BRUM)⁸

Arruda escreve enquanto há luz natural, com o auxílio de uma régua de 30 cm para manter as linhas retas no papel não pautado. Monta os livros, os quais distribui para as pessoas que o ajudam, com recortes de folhas de papel sulfite. Usa uma moldura de madeira de 11 cm por 16 cm para manter o espaço das margens. Assina como "O Condicionado", um pseudônimo que usa "há muitos anos". Cada exemplar doado é numerado e datado (TERRA, 2007)⁹.

Se observarmos os nomes dos personagens nas passagens citadas até o momento, verificaremos que se restringem a apenas dois: Nicomedes e Arruda. Surge daí outro questionamento: será que são apenas dois escritores ou há outros? É o próprio Nicomedes que responde essa pergunta, em entrevista à *Terra Magazine*¹⁰:

Terra Magazine - Você já teve duas peças encenadas e agora publicou um livro. Como a mídia tem acompanhado sua produção artística?
Sebastião Nicomedes - Alguns poucos espaços até noticiam, mas mesmo assim colocam o assunto de forma despolitizada. Não falam sobre a luta dos movimentos sociais que participo, não dizem que luto pelo acesso à moradia digna. Isso eles não falam, não discutem. Além disso, eu apareço como uma exceção, como se só eu fosse capaz de ser ao mesmo tempo sem-teto e talentoso, escritor. Se eles vissem a quantidade de artistas, músicos, poetas que vivem na rua! Ao mesmo tempo, algumas pessoas também só reconhecem o que faço quando a elite também reconhece (*grifo nosso*).

⁸ BRUM, Eliane. Os novos antropófagos: Artistas da periferia de São Paulo lançam sua própria Semana de Arte Moderna. *Época*. São Paulo, ed. 487, 18 set. 2007. Disponível em: < <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG79089-6014-487,00.html> > Acesso em: 10 out., 2008.

⁹ TERRA Notícias, Brasil. *Morador de rua escreve livros em São Paulo*. 13 jul. 2007. Disponível em: < <http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI1755127-EI8139,00.html> > Acesso em: 10 out., 2008.

¹⁰ BORGES, Mariana. Se eu escrevesse sempre iria incomodar. *Terra Magazine*. São Paulo, 31 mar. 2007. Disponível em: < <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1518126-EI6595,00.html> > Acesso em : 10 out., 2008.

O cartaz seguinte também aponta para a existência de outros escritores:

conta uma história de vida

4º CONCURSO HISTÓRIA DE MINHA VIDA

O TALENTO É SEU. A CHANCE É ESSA.

Concurso Literário

QUEM PODE PARTICIPAR?

MORADORES DE RUA - DE ALBERGUES - ABRIGOS - MORADIAS PROVISÓRIAS - HOTÉIS SOCIAIS - REFEITÓRIOS COMUNITÁRIOS.

LOCAIS DE INSCRIÇÕES:

ALBERGUES - ABRIGOS - MORADIAS PROVISÓRIAS - HOTÉIS SOCIAIS - REFEITÓRIOS COMUNITÁRIOS. PARA SE INSCREVER É SÓ PEDIR A FICHA DE INSCRIÇÃO, LER O REGULAMENTO, PREENCHER E ASSINAR.

LOCAL E DATA

Local: Rua Riachuelo, 268 - Dia: 17 de Setembro de 2008.

Horário: 14 às 17Hs. Data de entrega dos trabalhos: 12 de Setembro de 2008.

LOCAL DE ENTREGA DOS TRABALHOS:

RUA RIACHUELO, 268

Os trabalhos entregues após esta data serão desclassificados.

REALIZAÇÃO

MOVIMENTO PELOS DIREITOS DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DE SÃO PAULO.

APOIO:

O GRITO SILENCIOSO - FORUM DA CRIANÇA E ADOLESCENTES DA REGIÃO SÉ - ALBERGUES - ABRIGOS - HOTEIS SOCIAIS - E REFEITÓRIOS.

FIGURA 2: Cartaz do 4º concurso *História de minha vida*.

Além disso¹¹, publicações como a revista *Ocas* e os jornais *Boca de Rua*, *O Trecheiro* e *Aurora da Rua* são feitas *com* ou *para* pessoas que vivem nas ruas. Verifica-se, também, a publicação de livros como *Identidade Perdida: memórias de um morador de livro* (2003), *Histórias de Mim – escrituras do povo de rua* (2007), *Terapia de todos nós* e *Cátia, Simone e outras marvadas* (2007), que foram escritos por pessoas pertencentes a esse grupo social¹². O texto seguinte foi escrito por um poeta em situação de rua e veiculado em uma dessas publicações:

Do meio dos homens
Sou expulso, gritam comigo.
Como se grita atrás do ladrão
Sou obrigado a fugir
Para os buracos das rochas de concreto
E debaixo das pontes me aquietar
Sou chamado de louco
Fugirei para longe
Porque me envergonho do que sou (DONIZETE).¹³

A dor revelada pelo poeta “ladrão” e “louco”, que precisa se esconder embaixo de pontes e se envergonha de ser o que é, levanta mais uma questão: qual é o valor da leitura e da escrita para um sujeito estigmatizado pela sociedade?

Enfim, conforme se observa, são muitas as evidências da escrita, mas também são muitos os questionamentos! Se a pergunta inicial era *Mas eles sabem escrever?* Outras se juntaram a ela: *Mas... se sabem escrever, o que escrevem/leem? Para quê? Qual é o sentido da leitura e da escrita para pessoas que vivem nas ruas?* Foram essas as perguntas que me impulsionaram a realizar esta pesquisa, que tem como proposta a análise das práticas de leitura e de escrita dos moradores em situação de rua e a verificação de como essas práticas refletem na construção do ethos desses sujeitos.

¹¹ A população de rua também é contemplada em produções artísticas e literárias. Filmes como *À margem da imagem* (2003), *Do outro lado da sua casa* (1985), *Os carroceiros* (2005) e *Dizem que sou louco* (1994) retratam a vida dessa população.

¹² Com exceção do primeiro livro citado, autores de todos os outros participaram das entrevistas desta pesquisa.

¹³ DONIZETE, Carlos. *Ocas*, São Paulo, n. 53, ago., p. 08, 2003.

1.2 A PESQUISA

Conforme já dito, a constatação da existência das práticas de leitura e escrita de uma população que vive às margens da sociedade suscita a proposição orientadora desta pesquisa:

Como as práticas de leitura e de escrita do morador em situação de rua contribuem na construção da imagem de si no discurso?

Tal pergunta permite levantar uma série de questionamentos importantes que carecem de investigação e deverão ter suas respostas ao longo desta pesquisa: Quais são as práticas de leitura e escrita mais comuns ao morador em situação de rua (MSR) e que valores são conferidos a elas? Quais são as representações ou estereótipos do MSR marcadas em seu discurso e como essa imagem é (re) criada discursivamente? Como as práticas de leitura e escrita se refletem na construção dessa imagem?

Os sujeitos participantes da pesquisa são 14 adultos, de ambos os sexos, com idade entre 21 e 62 anos, que moram ou moraram em situação de rua (logradouros públicos, albergues, moradias sociais) e participam de práticas de leitura e escrita em espaços sociais frequentados por essa população. As produções escritas por esses sujeitos, publicadas ou não, aparecem como epígrafes ou como excertos no decorrer de todo o trabalho¹⁴.

Reportaremos a esse(s) sujeito(s) utilizando os termos “morador em situação de rua”, que aparecerá, em alguns momentos, na forma abreviada MSR, além de “população em situação de rua”, por entendermos que tais expressões consideram a transitoriedade da permanência desses sujeitos, que não têm moradia fixa e habitam em logradouros públicos, albergues e pensões. Expressões como “população moradora de rua” ou “moradores de rua” também serão usadas quando se referirem a estudos ou pesquisas que reportem a esse grupo.

¹⁴ Esses textos são identificados pelo nome ou pseudônimo dos autores, de acordo com a opção de cada no “Termo de autorização para uso de textos publicados” e no “Termo de autorização para uso de textos não publicados”.

Na condução desse estudo, que tem como objetivo geral verificar como as práticas de leitura e escrita do MSR contribuem para a construção da imagem de si no discurso, partimos da seguinte hipótese: o morador em situação de rua, ainda que seja um sujeito de baixo poder aquisitivo, lida com uma gama de textos escritos e participa de diferentes práticas, individuais ou coletivas, de leitura e de escrita. Na condição de escritor e/ou de leitor, atribui valor social à escrita e busca, por meio dela, ser (re)conhecido para, então, ascender a um patamar social até então não acessível.

A análise do Discurso (AD) nos dá o aporte necessário para essa pesquisa. Orlandi (2006, p.13) informa que “a AD tem relações importantes com a Pragmática, a Enunciação e a Argumentação, incluindo, nessas relações, a consideração necessária do ideológico, ao asseverar que não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia”. Situada no cruzamento das ciências humanas¹⁵, a Análise do Discurso apresenta várias vertentes, o que torna possível a realização de abordagens também variadas¹⁶. Machado (2001) aponta para a possibilidade de se considerar as várias abordagens da análise do discurso, sem que isso signifique detrimento de uma ou outra: “ao lado de teorias cujos fundadores têm origens francesas e suíças, coabitam, em paz, teorias cujos fundadores têm origens anglo-americanas” (MACHADO, 2001, p.40). Nessa direção, colheremos as contribuições de pesquisadores das diferentes vertentes. No decorrer de nossas reflexões, serão apontados conceitos vindos de Maingueneau, Amossy, Fairclough, Goffman, van Dijk, entre outros, que se apoiam em teorias de Benveniste e Bakhtin.

¹⁵ Segundo Maingueneau e Charaudeau (2006), observa-se uma instabilidade da análise do discurso devido ao fato dessa situar-se no cruzamento das ciências sociais. “Há analistas do discurso antes de tudo sociólogos, outros, sobretudo linguistas, outros, antes de tudo, psicólogos. A essas divisões acrescentam-se as divergências entre as múltiplas correntes.[...] Independente das preferências pessoais deste ou daquele pesquisador, existem afinidades naturais entre certas ciências sociais e certas disciplinas da análise do discurso” (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2006, p.45)

¹⁶ De modo abrangente, Mussalim (2003) aponta algumas diferenças entre duas grandes vertentes. A Análise do Discurso anglo-saxã privilegia o contato com a Sociologia, interessando-se por enunciados mais flexíveis como as conversas informais. Considera a intenção dos sujeitos numa interação verbal como um dos pilares que a sustenta. Já a Análise do Discurso de origem francesa, que privilegia o contato com a História, com textos de arquivo, que emanam de instâncias institucionais. Não considera como determinante a intenção dos sujeitos na interação, mas considera que esses sujeitos são condicionados por determinada ideologia que predomina o que poderão ou não dizer em determinadas conjunturas histórico-sociais. No entanto, a autora assinala que “atualmente, este marco divisório não é tão rígido assim” (MUSSALIN, 2003, p.113).

1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

1.3.1 Objetivo geral

- Verificar como as práticas de leitura e escrita do MSR contribuem para a construção da imagem de si no discurso

1.3.2 Objetivos específicos

- Identificar quais são as práticas de leitura e escrita, individuais e coletivas, mais comuns ao MSR;
- Investigar o valor que o MSR confere à atividade de escrita;
- Verificar qual é a imagem do MSR representada em seu discurso;
- Verificar como as práticas de leitura e escrita refletem na construção da imagem do morador em situação de rua.

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

O trabalho compreende cinco capítulos. No primeiro, apresentamos a contextualização da pesquisa e informações sobre a pergunta inicial, a hipótese norteadora, os objetivos e os sujeitos entrevistados.

O segundo capítulo, dedicado ao levantamento da literatura relevante, consta de duas partes. Na primeira, tratamos das concepções de linguagem, enunciação, texto, discurso, intertextualidade, interdiscursividade, ideologia e *ethos*, tomadas como referência para esta pesquisa. Ainda nesse segmento, abordamos algumas das diferentes concepções e funções da leitura, tendo em vista a importância desse tema em uma dissertação que tem como proposta a análise do valor da leitura e escrita para o MSR. A segunda parte deste capítulo traz um quadro de referência com o perfil dos moradores em situação de rua e suas publicações.

A descrição dos procedimentos metodológicos adotados para a realização deste trabalho compõe o terceiro capítulo. Apresentamos inicialmente o objetivo e a hipótese da pesquisa. Em seguida, discorremos a respeito da metodologia e dos procedimentos adotados para a coleta dos dados. Finalizamos o capítulo com as categorias eleitas para consecução da análise de dados.

No quarto capítulo, realizamos a análise do *corpus* selecionado nas entrevistas com moradores em situação de rua. Na primeira parte, analisamos as representações e estereótipos do grupo e a forma como esse sujeito recria, discursivamente, sua imagem. Na segunda parte, descrevemos as práticas de leitura e escrita dos MSR's entrevistados e os valores dados a essas práticas.

Na conclusão, retomamos a questão inicial - *Como as práticas de leitura e de escrita do morador em situação de rua contribuem na construção da imagem de si no discurso?*-, e a hipótese para a apresentação das conclusões do trabalho.

CAPÍTULO 2

QUADRO TEÓRICO E DE REFERÊNCIA

Nasci de um parto difícil.
Minha mãe dizia que o jeito
que o feto atravessa o
ventre e sai pro mundo é a
maneira que se vai viver.
Mas o que valia, de fato,
para ela, era estar do lado
de cá. Sem se importar ao que a gente está
predestinado (ARAÚJO).¹⁷

Neste capítulo trataremos, em um primeiro momento, das concepções basilares para uma pesquisa em estudos linguísticos. Autores como Bakhtin, Benveniste e Ducrot ao lado dos analistas do discurso Maingueneau, Fairclough e van Dijk, dos antropólogos Goffman, Hall, Woodward e Tadeu Silva, entre outros, serão tomados como referência em nossa abordagem sobre linguagem, enunciação, texto, discurso, intertextualidade, interdiscursividade, ideologia e *ethos*. Finalizaremos essa parte com algumas das diferentes concepções e funções da leitura, tendo em vista a relevância do assunto nesta dissertação, que se propõe analisar o valor das práticas de leitura e escrita para o MSR. Em um segundo momento, traçamos um quadro de referência com o perfil dos moradores em situação de rua e suas publicações.

¹⁷ ARAÚJO, Jesoel. Desejo de Vida. *Ocas*, São Paulo, n. 58, p. 09, mar /abr. 2008.

2.1 CONCEPÇÕES BASILARES PARA A PESQUISA EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

2.1.1 Concepção de linguagem, enunciação, polifonia e dialogismo

Entre as diversas concepções de linguagem que circulam em nosso meio, consideraremos, conforme Geraldi (1984), três como as principais. A primeira, sustentada pela gramática tradicional, entende a linguagem como expressão do pensamento. De acordo com essa concepção, a enunciação é compreendida como um ato individual, monológico, que não sofre influência do outro nem das circunstâncias que promovem a interação comunicacional. A expressão é produzida no interior da mente dos indivíduos, sendo sua exteriorização apenas uma “tradução” do pensamento. Desse raciocínio, é possível concluir que as pessoas que não se expressam bem não o fazem porque não pensam ou não sabem pensar.

Uma segunda concepção entende que a linguagem é um instrumento de comunicação. A língua é um código organizado através de regras que servem para transmitir informações. Desta forma, é vista como um objeto pronto, acabado, restando ao homem adquiri-la e utilizá-la.

Finalmente, de acordo com uma terceira concepção, a linguagem é uma forma de ação ou interação humana, pois através da linguagem há a ação de um interlocutor sobre o outro em determinada situação de comunicação. A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. A linguagem, nesse contexto, é o local das relações sociais em que falantes atuam como *sujeitos*. O diálogo, assim, de forma ampla, é tomado como caracterizador da linguagem.

A terceira concepção é adotada por várias correntes linguísticas como a *Análise do Discurso*, a *Linguística Textual*, a *Análise da Conversação*, a *Semântica Argumentativa*, enfim, por todas as correntes que serão, genericamente, denominadas como *Linguística da Enunciação* (TRAVAGLIA, 1996), tomadas como base para esta pesquisa.

Ao tomar-se como base a Linguística da Enunciação, torna-se necessário referenciar os trabalhos de Émile Benveniste (1988), que define a subjetividade como “a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (1988, p. 286). Esse teórico da enunciação considera que o sujeito se constitui *na* e *pela* linguagem. Conforme a teoria

benvenistiana, a subjetividade é revelada na enunciação¹⁸ através dos pronomes pessoais unidos a outras marcas formais, como os dêiticos e os verbos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do sujeito.

Benveniste classifica os pronomes em categorias de pessoa e de não pessoa. O *eu* e o *tu* pertencem à categoria de pessoa, pois são índices que marcam a presença do sujeito, definindo as pessoas do discurso. O *ele* é tomado como não pessoa, uma vez que se aplica aos referentes, ou seja, seres do mundo extralinguístico¹⁹.

Enquanto Benveniste propõe a ideia de que a linguagem será o lugar onde o indivíduo se constitui como falante e como sujeito, Bakhtin (1988) defende o dialogismo²⁰ como o caráter constitutivo da linguagem. Para esse autor, a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal e o ser humano é inconcebível fora das relações que o ligam ao outro. A língua é uma atividade, um processo criativo que se manifesta pelas enunciações. A realidade essencial da linguagem é seu caráter dialógico.

Bakhtin (1988, p.112) concebe a enunciação como “o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”. Na concepção bakhtiniana, o homem está imbricado em seu meio social, que é constituído por várias vozes relacionadas às estruturas sociais e históricas. Isso mostra a natureza ideológica e social do discurso. Além disso, a figura do *outro* é imprescindível na construção do discurso: o eu não existe sem o outro, assim como a autoconsciência só se desenvolve através do outro. Assim sendo, a palavra se orienta em função do interlocutor. Ela é composta de duas faces: *procede de alguém* e *se dirige a alguém*. A palavra constitui o produto da interação entre o locutor e o ouvinte. Essa relação, marcada pelas estruturas sociais, leva o autor a uma concepção de língua como forma de interação entre os sujeitos.

¹⁸ Em “Problemas de Linguística Geral II”, Benveniste (1989) distingue enunciado e enunciação. Segundo o autor, o enunciado é o produto linguístico de um ato de enunciação. A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. É um ato do qual o locutor (ou enunciador) é responsável, em um marco espaciotemporal concreto, e destinado a um interlocutor (alocutário ou coenunciador).

¹⁹ A polaridade das pessoas EU e TU é condição fundamental na linguagem. Durante o processo de interação verbal, os interlocutores se revezam nos papéis do EU e TU. Se, em um primeiro momento, o interlocutor A atua como EU e o interlocutor B atua como TU, em um segundo momento, o interlocutor B pode desempenhar o papel de EU enquanto o interlocutor A assume o papel de TU. É na polaridade das pessoas EU e TU que cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco - ao qual digo *tu* e que me diz *tu*”.

²⁰ “O dialogismo para Bakhtin é a condição de existência do discurso, é duplo: ao mesmo tempo que é lei do discurso constituir-se sempre de “já ditos” de outros discursos, o discurso não existe independentemente daquele a quem é interessado, o que implica que a visão do destinatário é incorporada e determinante no processo de produção do discurso”. (CARDOSO, 2003, p.25)

Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia em meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 1988, p. 113).

Apoiando-se no conceito polifônico bakhtiniano²¹, Ducrot (1987) desenvolveu uma noção linguística da *polifonia*, partindo da tese de que, no enunciado, várias vozes se fazem ouvir. Ducrot distingue vozes no enunciado que pertencem a elementos distintos: o sujeito falante, o locutor e o enunciador. O *sujeito falante* é o autor, o ser empírico, o produtor do enunciado. O *locutor* (L) “é o responsável pela enunciação considerada unicamente enquanto tendo esta propriedade” [...] “é uma pessoa 'completa', que possui, entre outras propriedades, a de ser a origem do enunciado” (1987, p.188). É a ele que se referem o *eu* e as outras marcas de primeira pessoa. O locutor pode ser diferente do autor empírico do enunciado. O terceiro elemento apresentado, o *enunciador*, são aqueles que se expressam através da enunciação, “sem que para tanto atribuam palavras precisas; se ‘falam’, é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não no sentido material do termo, suas palavras.” (1987, p.192).

Ducrot estuda formas linguísticas que funcionam como indicativos da presença de outras vozes que compõem o discurso. Dentre esses marcadores ou índices polifônicos, encontram-se o pressuposto, o subentendido, a ironia, a negação, os marcadores de pressuposição como *ainda*, *agora*, *já* e os operadores argumentativos como *mas* e *pelo contrário*. Os pressupostos são marcas linguísticas inscritas no enunciado. Embora estejam inscritas, não constituem o verdadeiro objeto do dizer. Enquanto o posto implica em uma informação nova dada pelo enunciado, o pressuposto corresponde a informações já conhecidas pelo destinatário que são, até mesmo, assumidas por uma espécie de voz coletiva. Os subentendidos são insinuações presentes em um enunciado. Tais insinuações não são marcadas linguisticamente. O subentendido *acrescenta* alguma coisa “sem dizê-la, ao mesmo tempo em que é dita.” (DUCROT, 1984).

Tomando como referência os teóricos da enunciação, Barros (2003) distingue os termos *polifonia* e *dialogismo*. Segundo a autora, o termo polifonia deve ser empregado para

²¹ Bakhtin resume sua noção de polifonia, ao estudar as relações recíprocas entre o autor e o herói na obra de Dostoiévski. (CHAREAUDEAU & MAINGUENEAU, 2006, p. 384)

caracterizar um tipo de texto em que se deixam entrever muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, em que as vozes se ocultam sob a aparência de uma. Já o termo dialogismo refere-se ao princípio constitutivo da linguagem e de todo o discurso²². Para encerrar essa parte da discussão, recorreremos às palavras de Brait que, ao explicitar a dupla dimensão do conceito de dialogismo, contribui para esclarecer que o termo polifonia compõe uma face do dialogismo bakhtiano:

Por um lado, o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo [...] que ocorre entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos apontar o dialogismo como elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem.

Por outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, são instaurados por esses discursos. [...] Bakhtin vai falar do eu que se realiza no nós, insistindo não na síntese, mas no caráter polifônico dessa relação exibida pela linguagem (BRAIT, 2005, p.98).

2.1.2 Discurso e texto

Foucault (1969) concebe o discurso como um conjunto de enunciados que derivam de uma mesma formação discursiva (FD)²³. O espaço de uma FD é atravessado pelo pré-construído, ou seja, por outros discursos que são incorporados por ela em uma relação de confronto ou aliança.

Na visão de Maingueneau (1989), os diversos discursos que atravessam uma formação discursiva não se constituem independentemente uns dos outros para serem, em seguida, postos em relação, mas se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso. Nas palavras do autor, “um discurso não vem ao mundo numa inocente solicitude, mas constrói-se através de um já dito em relação ao qual toma posição” (MAINGUENEAU, 1976 *apud* KOCH, 2007, p.14).

²² Interpretando Barros, Fiorin (2008, p. 62) dirá que o dialogismo remete ao princípio da *heterogeneidade constitutiva*. Já a polifonia “é um fenômeno mais superficial”, que diz respeito à heterogeneidade mostrada do discurso. Os conceitos de *heterogeneidade constitutiva* e de *heterogeneidade mostrada do discurso* serão tratados no item 2.1.3: “Intertextualidade e interdiscursividade”.

²³ A noção de formação discursiva, de acordo com Maingueneau (2000, p. 67), foi introduzida por Foucault para designar o conjunto de enunciados relacionados a um mesmo sistema de regras. Entretanto, foi Pêcheux que introduziu o termo na análise do discurso. Segundo Pêcheux (1995), uma formação discursiva determina o que pode/deve ser dito de um determinado lugar social. Assim sendo, é marcada por regularidades concebidas por “mecanismos de controle” que determinam o interno (que pertence a FD) e o externo (que pertence à outra FD).

Fairclough usa o termo discurso para referir-se “primordialmente ao uso da linguagem falada ou escrita” (2001, p. 32). O autor (1997, p. 83) dirá que o discurso, um tipo de prática social²⁴, “é visto como sendo, simultaneamente, (i) um texto linguístico oral ou escrito, (ii) prática discursiva (produção e interpretação de texto) e (iii) prática sociocultural”. O autor considera o *texto* como uma dimensão do discurso e usa “o termo ‘texto’ para se referir ao ‘produto’ linguístico de processos discursivos, quer se trate de linguagem escrita ou falada” (idem). Fairclough (2001) refere-se, também, ao uso do termo “discurso”, em um sentido mais concreto, quando faz referência a “discursos particulares”, tais como, o discurso religioso, o discurso midiático, o discurso feminista, etc.

A visão de discurso de Fairclough implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social: ao mesmo tempo em que a prática discursiva contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença), contribui também para transformá-la, o que acontece por meio do discurso como prática política e ideológica, ambas preocupadas com a luta pelo poder. Nas palavras do linguista: “o discurso é uma prática não apenas de representação do mundo, mas também de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.” (FAIRCLOUGH, 2001, p.91).

Três aspectos dos efeitos construtivos do discurso são identificados por Fairclough (2001). O primeiro consiste na ideia de que o discurso contribui para a construção das identidades sociais. O segundo é de que o discurso contribui para a construção das relações sociais entre as pessoas. E, finalmente, o terceiro é o de que o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e de crença.

Os efeitos construtivos correspondem, respectivamente, a três funções de linguagem²⁵. A função identitária refere-se ao modo pelo qual as identidades são estabelecidas no discurso. A função relacional é responsável por indicar como as relações sociais entre os participantes são representadas e negociadas. A função ideacional mostra os modos pelos quais os textos significam o mundo, seus processos, entidades e relações.

Baseando-se em Fairclough, Meurer (2005) faz uma distinção entre discurso e texto, que será por nós adotada:

²⁴ Segundo Kress (1990 *apud* PEDRO, 1997, p. 27) “a linguagem é entendida como o primeiro e mais importante tipo de prática social e, junto com as imagens visuais, a música e os gestos, entre outros, é uma de entre muitas práticas sociais de representação e significação”. (KRESS, G. Critical Discourse Analysis. In W. Grabe (org). *Annual Review of Applied Linguistics* 11, pp. 84-99).

²⁵ Fairclough (2001) toma como base os estudos da linguística funcional de Halliday.

O discurso é o conjunto de afirmações que, articuladas na linguagem, expressam os valores e significados das diferentes instituições; o texto é a realização linguística na qual manifesta o discurso. Enquanto o texto é uma entidade física, a produção linguística de um ou mais indivíduos, o discurso é o conjunto de princípios, valores e significados ‘por trás’ do texto. Todo discurso é investido de ideologias (MEURER, 2005, p. 87).

2.1.3 Intertextualidade e interdiscursividade

Nas palavras de Greimas²⁶ (*apud* KOCH, 2007, p.14), “todo texto redistribui a língua. Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos que existiram ou existem em redor do texto considerado e, por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis”.

Koch (2007, p. 16) afirma que todo texto é “um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior. Dele fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que ele retoma, a que alude ou aos quais se opõe”.

Na mesma orientação que os autores acima, Bazerman (2006, p. 88) afirma que “nós criamos os nossos textos a partir do oceano de textos anteriores que estão a nossa volta e do oceano de linguagem em que vivemos. E compreendemos os textos dos outros dentro desse mesmo oceano”.

Pode-se perceber, como ponto comum na definição desses autores, o postulado do dialogismo bakhtiniano que deu origem ao que Júlia Kristeva²⁷ (*apud* KOCH, 2007), em seus estudos literários, na década de 60, denominou como intertextualidade. A autora considera que cada texto se constroi como um “mosaico de citações” e é a absorção e transformação de um outro texto.

No *Dicionário de linguagem e linguística*, Trask (2004) sustenta que a intertextualidade é ainda uma ideia nova na linguística. Ainda assim, tentaremos ampliar a discussão sobre esse conceito, retomando autores em diferentes perspectivas.

Apoiando-se em estudos da Psicanálise e em Bakhtin, Jaqueline Authier-Revuz²⁸ (*apud* MAINGUENEAU, 1989, 2000; MUSSALIN, 2003; CARDOSO, 2003) propõe as

²⁶ GREIMAS, A. J. *Sémantique structurale*. Paris: Larousse, 1966.

²⁷ KRISTEVA. *Introdução à Sémantique*. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

²⁸ AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. In: *DRLAV – Revue de Linguistique*, n. 26, 1982.

formas de heterogeneidade do sujeito e do seu discurso. A autora classifica a heterogeneidade como sendo de dois tipos: a constitutiva e a mostrada.

A heterogeneidade constitutiva pressupõe a presença do Outro numa formação discursiva e confere ao discurso o caráter de heterogêneo. Authier-Revuz (idem) refere-se a um nível do inconsciente em que todo sujeito “esquece” daquilo que determina os sentidos de seu dizer, e em razão desse “esquecimento”, coloca-se na origem do dizer. Segundo Maingueneau (1989, p.75), a heterogeneidade constitutiva não é marcada em superfície. O autor entende que “o discurso não é apenas um espaço onde vem se introduzir o discurso outro, ele é *constituído* através de um debate com a alteridade, independente de toda marca visível de citação, alusão, etc.”. (MAINGUENEAU, 2000, p.79)

A heterogeneidade mostrada corresponde à presença localizável de um discurso outro no fio discursivo (MAINGUENEAU e CHARAUDEAU, 2006, p.261). Três tipos de heterogeneidade mostrada são apontados por Authier-Revuz (idem): **1)** aquela em que o locutor usa de suas próprias palavras para falar o discurso do Outro, sendo isso feito através do discurso relatado ou do discurso direto (heterogeneidade marcada); **2)** aquela em que o locutor assinala as palavras do Outro em seu discurso através de aspas, itálico, etc. sem que o fio do discurso seja interrompido (heterogeneidade marcada); e **3)** aquela em que a presença do Outro não é exposta explicitamente, mas mostrada no espaço do implícito, do sugerido. A voz do locutor se mistura à do Outro, como é o caso do discurso indireto livre, da ironia, da imitação (heterogeneidade não marcada)²⁹.

Como exemplo de heterogeneidade, apresentamos o fragmento do texto de um dos MSR's participantes desta pesquisa. O texto inicia-se com a citação de um discurso religioso que é subvertido, em alguns momentos de forma irônica, pelo discurso capitalista. Atravessando esses discursos, aparece o discurso político, que reivindica a “salvação” dos excluídos:

*“Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo”.
Até isso a humanidade adulterou.
“Amai as riquezas sobre todas as coisas e tendes mais que os outros”!
Ongs, governos, sociedade, política, religião, futebol, rock and roll.
Todos rumando para um único fim.
E o capitalismo segue usando dois pesos e duas medidas:*

²⁹ Cavalcante (2006, p. 2255) adverte que Authier-Revuz comete um equívoco ao distinguir a heterogeneidade mostrada em *marcada* e *não marcada*, tendo em vista que, “se não houvesse algum tipo de marca, o co-enunciador não alcançaria o intertexto (e o enunciador tem ciência disso)”. Propõe, então, que se considerem diferentes espécies de marca, em vez de não marcação, bem como variados graus de explicitude, evitando, dessa forma, a atribuição de marcação de explicitude apenas àquelas classicamente reconhecidas, como as que contêm verbo *dicendi*, dois-pontos e aspas, itálico, recuo de margem, redução da fonte etc”.

Onde o rico fica cada vez mais rico e o pobre cada vez mais pobre.
 Habitação não é pra todos, moradia pode ser mansão e, também, pode ser rua.
 Tecnologia, euros, dólares...
 Desemprego, drogas, doenças,
 G 8, bolsas de valores, turismo.
 Catadores, sem-teto, moradores de rua.
 A indústria que destrói o planeta é, também, a indústria que gera miséria.
 Na passagem por esse mundo louco, eu tive de conhecer a rua.
 Hoje, enquanto os governos se juntam pra salvar o planeta,
 Nós, moradores e ex de rua, nos juntamos pra salvar os excluídos.
 (NICOMEDES)³⁰

Para os analistas do discurso Maingueneau e Charaudeau (2006, p. 288), a intertextualidade “designa ao mesmo tempo uma *propriedade constitutiva de qualquer texto* e o conjunto das *relações* explícitas ou implícitas *que um texto ou um grupo de textos determinado* mantém com outros textos”. Os autores entendem que a primeira acepção é uma variante de interdiscursividade ou interdiscurso, assim definido pelos autores:

Em um sentido restritivo, o interdiscurso é um espaço discursivo, um conjunto de discursos (de um mesmo campo discursivo³¹ ou de campos distintos) que mantêm relações de delimitação recíproca uns com os outros” [...]
Mais amplamente, chama-se também de “interdiscurso” o conjunto das unidades discursivas (que pertencem a discursos anteriores do mesmo gênero, de discurso contemporâneo de outros gêneros etc) com os quais [*sic*] um discurso particular entra em relação implícita ou explícita. Esse interdiscurso pode dizer respeito a unidades discursivas de dimensões muito variáveis: uma definição de dicionário, uma estrofe de um poema, um romance... (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2006, p. 286, grifos dos autores).

Koch (2007) postula a existência de uma intertextualidade *latu sensu* e de uma intertextualidade *stricto sensu*. A primeira seria a constitutiva de todo e qualquer discurso³², enquanto a última ocorreria quando em um texto está inserido outro texto, sendo necessária a presença de um intertexto. A autora categoriza a intertextualidade *stricto sensu* em temática, estilística, explícita e implícita. A intertextualidade temática é encontrada entre textos pertencentes a uma mesma área do saber ou mesma corrente de pensamento, que partilham

³⁰ NICOMEDES, Sebastião. O fim do mundo. *O Trecheiro*. São Paulo, fev., 2007, p. 3.

³¹ Maingueneau (1989, p. 2006) define o *campo discursivo* como um conjunto de formações discursivas (ou de posicionamentos) que se encontra em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, pois, por uma posição enunciativa em uma dada região. Trata-se, por exemplo, de diferentes escolas filosóficas ou das correntes políticas que, com o objetivo de deter a legitimidade enunciativa, se defrontam de forma explícita ou não.

³² Cavalcante (2006) atenta para a similaridade do conceito de interdiscursividade, proposto por Maingueneau e Charaudeau, com o que Koch chama de intertextualidade *latu sensu*.

temas e se servem de conceitos e terminologia próprios. A estilística ocorre nas repetições, imitações e paródia de alguns estilos ou variedades linguísticas. Na intertextualidade explícita é feita, no próprio texto, menção à fonte do intertexto, como ocorre, por exemplo, nas citações, referências, menções, resumos, resenhas e traduções. Já na intertextualidade implícita não há qualquer menção à fonte do intertexto alheio, ainda que o produtor do texto espere que seu interlocutor reconheça a presença do intertexto pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva.

Como exemplo de intertextualidade implícita, Koch (2007) cita a paráfrase (que tem como objetivo seguir a orientação argumentativa do texto-fonte) e os enunciados parodísticos e/ou icônicos, as apropriações, as reformulações de tipo concessivo, a inversão da polaridade afirmativa/negativa entre outros (que contradizem a orientação argumentativa). Segundo a autora, o primeiro caso é identificado como *intertextualidade das semelhanças* por Sant'Anna³³ ou como *captação* por Maingueneau e Grésillon³⁴. Já o segundo é denominado, respectivamente, como *intertextualidade das diferenças* ou como *subversão* pelos respectivos autores.

Na literatura, Gerard Genette³⁵ (*apud* MAINGUENEAU e CHARAUDEAU, 2006) insere o termo intertextualidade em um campo mais amplo, denominado *transtextualidade*, distinto em cinco categorias: intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, arquitextualidade e hipertextualidade.

A intertextualidade, segundo Genette, diz respeito a relações de copresença identificadas entre textos, a qual pode ser explícita ou implicitamente marcada³⁶. No primeiro caso, ou seja, na citação explicitamente marcada, utiliza-se um texto ou parte dele com uma marcação convencionalmente aceita (aspas, itálico, negrito), dentro de outro texto. Já no caso da implicação da referência, remete-se a outro texto sem se convocar as palavras ou as entidades do texto-fonte. Tem-se como exemplo o plágio e a alusão. No plágio, apropria-se indevidamente de um texto, ou seja, o mesmo é apresentado como de autoria da pessoa que o utiliza. Na alusão, faz-se uma rápida menção àquilo que já se conhece, estabelecendo aproximações, paralelos e pressupõe-se um conhecimento prévio comum sobre o conteúdo da alusão entre quem lê/ouve e quem escreve/fala.

³³ SANT'ANNA, A. R. *Paródia, paráfrase e cia*. São Paulo: Ática, 1985.

³⁴ GRÉSSILON, A. e MAINGUENEAU, D. Poliphonie, proverbe et detournement. *Langages* 73, 1984, pp. 112-25.

³⁵ GENETTE, Gerard. *Palimpsestes – la littérature au second degree*. Paris: Seuil, 1982.

³⁶ Trata-se do que Koch (2007) identifica, respectivamente, como *intertextualidade explícita* ou *intertextualidade implícita*.

A paratextualidade refere-se às relações que “o texto propriamente dito” estabelece com o entorno ou a periferia do texto. Inclui elementos como título, subtítulo, prefácio, posfácio, advertências, premissas, notas de rodapé, notas finais, epígrafes, entre outros acessórios que possam remeter, explicitamente ou não, ao conjunto formado pela obra.

A metatextualidade diz respeito à relação de “comentário” sobre um texto-fonte. Cita-se como exemplo o prefácio e o posfácio.

A architextualidade estabelece uma espécie de filiação do texto a outras categorias – incluídos aqui os tipos de discurso, o gênero, os modos de enunciação, etc. - em que o texto se inclui e que o tornam como um texto único. Trata-se de uma noção reconhecida pelo autor como sendo muito abstrata, já que é mais implícita que as anteriores.

A hipertextualidade supõe a existência de um texto que deriva de outro texto pré-existente. A derivação do texto se faz por transformação de forma simples e direta, ou de forma indireta, por imitação. Têm-se, como exemplos, a paródia, o pastiche e o travestimento burlesco. A *paródia* é feita a partir da retomada de um texto, para ser reelaborado com novas e diferentes intenções daquelas criadas por seu autor. As funções discursivas dessa reelaboração podem ser humorísticas, críticas, poéticas, etc. O *pastiche* se constrói em uma imitação do estilo de um autor, dos traços de sua autoria. O *travestimento burlesco* tem finalidade satírica e consiste em modificar o estilo de um texto, conservando-se o conteúdo.

Em nossas análises, procuraremos identificar as diferentes vozes que se manifestam, de forma implícita ou explícita, no discurso do morador em situação de rua. No que se refere à interdiscursividade, daremos atenção especial aos discursos que são articulados em relação harmônica ou polêmica com o discurso do MSR. Quanto à intertextualidade, observaremos especialmente a referência a autores, títulos e fragmentos de livros.

2.1.4 Ideologia e discurso

Segundo Fairclough (2001, p. 117), as ideologias são significações ou construções da realidade - o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais - que são concebidas em diversas dimensões das formas e dos sentidos das práticas discursivas e que colaboram para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. Para o linguista, "as convenções do discurso podem encerrar ideologias naturalizadas, que as transformam num mecanismo muitíssimo eficaz de preservação de hegemonias" (2001, p. 77).

Baseando-se em Gramsci³⁷, Fairclough entende que a hegemonia é a dominação econômica, política, cultural e ideológica, exercida pelo poder de um grupo sobre os demais. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 122). Observamos o poder hegemônico quando o poder está a serviço da continuidade da dominação de uns sobre os outros. Essa dominação baseia-se mais no consenso do que no uso da força e implica a naturalização e a construção de um senso comum. As hegemonias são produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no discurso. Fairclough considera que o discurso é uma esfera da hegemonia, e a hegemonia de uma classe ou grupo sobre toda a sociedade, ou de partes da mesma, depende, em parte, da sua capacidade de moldar práticas discursivas e ordens de discurso³⁸ que a sustentem. Nas palavras do linguista:

O conceito de hegemonia implica o desenvolvimento – em vários domínios da sociedade civil (como o trabalho, a educação, as atividades de lazer) – de práticas que naturalizam relações e ideologias específicas e que são, na sua maioria práticas discursivas. A um conjunto específico de convenções discursivas (por exemplo, como conduzir uma consulta médica...) estão, implicitamente associadas determinadas ideologias – crenças e conhecimentos específicos, “posições” específicas para cada tipo de sujeito social que participa nessa prática (ou seja, médicos, pacientes...) e relações específicas entre categorias de participantes (entre médicos e pacientes, por exemplo). (FAIRCLOUGH, 1997, p. 80)

Thompson³⁹ (*apud* WODAK, 2004; SILVA, 2009; RESENDE e RAMALHO, 2006) postula que a ideologia é, por natureza, hegemônica, pois ela, necessariamente, serve para estabelecer relações de dominação e, assim sendo, reproduz a ordem social que favorece tanto indivíduos quanto grupos dominantes. Contestando a afirmação de que todo discurso é ideológico, Thompson dirá que somente são ideológicas as formas simbólicas que servem para manter relações de dominação nos contextos sociais em que elas são produzidas, transmitidas e recebidas. As formas simbólicas - “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como constructos significativos” (THOMPSON *apud* RESENDE e RAMALHO, 2006) - não são ideológicas em si mesmas. Conforme o autor:

³⁷ Na concepção gramsciana, “a hegemonia é concebida como um equilíbrio instável construído sobre alianças e a geração de consenso das classes ou grupos subordinados, cujas instabilidades são os constantes focos de luta” (FAIRCLOUGH, 2001, p.85)

³⁸ O termo *ordens de discurso* diz respeito à “totalidade das práticas discursivas de uma instituição, e as relações entre elas”. (FAIRCLOUGH, 2001, p.39)

³⁹ THOMPSON, J. B. *Ideology and modern culture*. Cambridge: Polity Press, 1990; trad. Port. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.

As formas simbólicas são ideológicas somente enquanto servem para estabelecer e sustentar relações assimétricas de poder; e é essa atividade, a serviço das pessoas e grupos dominantes, que tanto delimita o fenômeno da ideologia, dando-lhe especificidade e distinguindo-o da circulação das formas simbólicas em geral, como dá a essa concepção de ideologia proposta um sentido negativo. (THOMPSON, 1995, p. 90-1)

Assim como Thompson, Eagleton⁴⁰ (*apud* SILVA, 2009) considera que a linguagem nem sempre é determinada ideologicamente. Entretanto, opõe-se a Thompson quando o mesmo associa a ideologia a relações de dominância. Para Eagleton (p. 19), “nem todo corpo de crenças normalmente denominado ideológico está associado a um poder político *dominante*”. Tanto o discurso dos opressores, quanto o dos oprimidos são ideológicos. Eagleton afirma, também, que uma mesma formulação pode ser ideológica ou não, de acordo com o contexto: “a ideologia tem mais a ver com a questão de quem está falando o que, com quem e com que finalidade do que com as propriedades linguísticas inerentes de um pronunciamento” (EAGLETON *apud* SILVA, p. 23).

Na mesma direção de Eagleton, o linguista holandês van Dijk (1997) considera controversa a restrição da ideologia apenas a relações de dominações sociais (i.e. ideologia de um grupo dominante ou ideologias impostas por um grupo dominante). A partir da concepção de ideologia como sistema de crenças partilhadas por grupos ou como elaborações cognitivas compartilhadas por membros de um mesmo grupo social, o autor entende que “não apenas os grupos dominantes, mas também os grupos dominados possuem ideologias que controlam a sua autoidentificação, os seus objetivos e as suas ações.” (1997, p. 107).

Van Dijk (1997, p. 109) entende que, embora “nem todas as pessoas tenham ideologias políticas muito explícitas, podem ter ideologias mais pormenorizadas acerca de outros assuntos sociais relevantes para o grupo”. Essas ideologias podem ter graus variados de complexidade, indo de um grau mais simples ao mais complexo, sendo constituídas de proposições básicas ou de modelos conceituais mais abrangentes. Tal variação

pode estar “relacionada com a estratificação social e com as regras sociais, de tal forma que os líderes – as elites ou os que possuem um mais elevado nível de estudo – e, em geral, os ‘ideólogos’ de um grupo, podem ser detentores de sistemas ideológicos mais complexos e sofisticados.” (VAN DIJK, 1997, p. 109).

⁴⁰ EAGLETON, T. Ideologia: uma introdução. Tradução de Silvana Viera e Luiz Carlos Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Editora Boitempo, 1997 [1991].

Um bom exemplo dessa variação pode ser observado em textos produzidos por dois MSR's, por nós entrevistados.

Eu sei que muitos me julgam e que o único culpado pela minha vida sou eu.
(PAULA)⁴¹

e se reerguer o mendigo
a indústria da miséria entra em falência
porque a pinga gera impostos
porque o corpo que bebe
caindo ao chão não incomoda. (NICOMEDES)⁴²

Enquanto, no primeiro texto, o autor se culpa pela própria condição e compactua com a sociedade que o trata de forma excludente, o segundo grita contra a ideologia dominante, expondo os reais interesses da sociedade.

Teun van Dijk formulou uma série de conceitos básicos de ideologia que serão apresentadas a seguir, tendo em vista que o modelo teórico desse autor fará parte das análises de dados nesta pesquisa.

2.1.4.1 Ideologia: modelo teórico de van Dijk

Em “Semântica do discurso e ideologia”, a concepção de ideologia de Teun van Dijk (1997) é assim resumida pelo próprio autor:

As ideologias são modelos⁴³ conceituais básicos de cognição, partilhados por membros de grupos sociais, constituídos por seleções relevantes de valores socioculturais e organizados segundo um esquema ideológico representativo da autodefinição de um grupo. Para além da função social que desempenham ao defender os interesses dos grupos, as ideologias têm a função cognitiva de organizar as representações sociais (atitudes, conhecimentos) do grupo, orientando assim, indiretamente, as práticas sociais relativas ao grupo e, conseqüentemente, também as produções escritas e orais dos seus membros (VAN DIJK, 1997, p. 111-112).

Para van Dijk (1997, p. 108), “as ideologias se caracterizam essencialmente pelo fato de serem *partilhadas* (ou contestadas) pelos membros de grupos sociais”. Assim como não há um linguagem “privada”, também não há ideologias pessoais. As ideologias são

⁴¹ PAULA, Carlos José de. História de minha vida. *O Trecheiro*. São Paulo, n. 171, ano XIX, nov., 2008.

⁴² NICOMEDES, Sebastião. Cumplicidade. *Cátia, Simone e outras marvadas*, 2007, p. 29.

⁴³ Os modelos, na concepção do autor, são representações mentais de eventos de experiências pessoais relativas a ações, acontecimentos ou situações particulares que formam a base cognitiva de todo discurso.

sociocognitivas. São cognitivas por implicarem princípios básicos de conhecimento social, apreciação, compreensão e concepção e, simultaneamente, são sociais, por serem partilhadas por membros de grupos ou instituições e se relacionarem aos interesses socioeconômicos e/ou políticos desses grupos.

Van Dijk usa o termo *atitude* para denominar as opiniões compartilhadas por um grupo específico. Na visão do autor, as atitudes “são formas esquematizadas de cognição social avaliativa e, por conseguinte, representações sociais comuns aos membros de um grupo” (1997, p.116). Diferentemente do conhecimento de *base comum*⁴⁴, que é tratado em termos de critérios de verdade da cultura geral, as crenças são baseadas em normas e valores e são compartilhadas na base do critério avaliativo, ou seja, opiniões. As atitudes são consideradas como avaliativas ou (inter)subjetivas, porque variam entre diferentes grupos e sociedades (VAN DIJK, 2008, p. 203). As ideologias fornecem não só as bases a partir das quais se formulam apreciações acerca do que é bom ou mau, certo ou errado, mas também diretrizes indispensáveis para a percepção e interação sociais.

Ainda em “Semântica e Discurso”, van Dijk (1997) estabelece algumas categorias que organizam os interesses ou proposições avaliativas que definem o tipo de grupo. Na abordagem do linguista, as ideologias são organizadas de diversas maneiras. Ideologias que se encontram, por exemplo, em relações sociais de conflito, dominação e resistência podem organizar-se através de uma polarização que defina grupo interno e grupo(s) externo(s). O autor cita, como exemplo, as ideologias racistas e nacionais, que tendem a categorizar as pessoas com termos como “Nós contra eles”, “brancos contra negros” ou “os residentes contra os forasteiros”. O autor parte do princípio de que, por pertencerem a um grupo, os membros da sociedade se organizam conforme um esquema estrutural composto por categorias básicas e um determinado número de estratégias que definem as relações entre cada categoria.

⁴⁴ Em “Discurso e Poder” (2008, p. 203; 214-217), o autor relaciona dois tipos de conhecimentos. O primeiro é o conhecimento organizado a partir de crenças factuais compartilhado pelos muitos diferentes grupos na sociedade. Trata-se do conhecimento da *base comum*. É tido como pressuposto no discurso, “não controverso e tomado como dado e ensinado na socialização e na escola de uma dada sociedade”. O segundo é o conhecimento compartilhado por um grupo específico. É tomado por “conhecimento” dentro do próprio grupo, mas, fora do grupo, pode ser chamado de “crença” ou “opinião”, o que não significa que seja falso.

2.1.4.2. Categorias definidoras dos tipos de grupo

Entendendo que as ideologias não são construtos individuais, mas construtos sociais compartilhados por um grupo, van Dijk (1997, p. 113-115) estabelece algumas categorias que organizam os interesse ou proposições avaliativas que definem o tipo de grupo. São elas:

- **Identidade e pertença:** questões como “quem somos?”, “Quem pertence ao grupo?”, “Quem pode ser admitido?”, “Quem é aceito e quem não é?” englobam as propriedades fundamentais através das quais o grupo se autodefine, como a origem, a aparência, o sexo, a língua, a religião, etc. Segundo van Dijk, a discriminação a outros grupos assenta nessas características básicas, tendo em vista que são atribuídas a estes outros grupos, mas definem também a base de ideologias de resistência.
- **Tarefas/atividades:** questões como “O que fazemos?”, “O que se espera de nós?”, “Qual é o papel ou a tarefa do nosso grupo?” definem a ideologias de grupos e papéis sociais.
- **Objetivo:** trata-se das ações normalmente realizadas visando a uma ou mais finalidades no âmbito geral – por exemplo, jornalistas consideram que redigem notícias para informar - e das concepções que os grupos têm de si em relação a essas ações.
- **Normas / valores:** as tarefas e os objetivos de cada grupo dependem de normas e valores, isto é, de critérios ideológicos que presidem as apreciações de cada grupo. São as normas e valores que definem, por exemplo, grupos políticos como os liberais e os conservadores ou os grupos religiosos como os católicos e os protestantes.
- **Posição:** essa categoria determina quem são os amigos e os inimigos do grupo, os aliados e os adversários, assim como as relações de dominação, de conflito e as de competição entre os grupos.

- **Recursos:** um grupo só sobrevive ou se reproduz se tiver acesso a recursos sociais, ainda que mínimos. Determinados grupos obtêm esses recursos ou são definidos através do acesso a materiais ou recursos simbólicos específicos, tais como a cidadania, o direito à residência, os direitos humanos, o respeito, o emprego, a saúde, a habitação, a segurança social, os rendimentos e o conhecimento. Os ricos e os pobres, os trabalhadores e os desempregados, os sem-abrigo é que definem, em termos gerais, os que Têm e os que Não têm”.

Segundo o autor, as categorias acima relacionadas não são consideradas um reflexo da realidade social, mas uma construção ideológica da mesma, visando servir aos interesses do grupo: “são uma imagem que o grupo tem de si mesmo e de suas relações com outros grupos” (VAN DIJK, 1997, p.115).

Em nossa dissertação, consideraremos, com van Dijk, que os moradores em situação de rua, ainda que pertençam a um grupo marginalizado pela sociedade, possuem ideologias próprias, que variam em graus de complexidade. Assim sendo, os conceitos relacionados pelo autor serão oportunos para investigarmos as expressões ideológicas que identificam o grupo, as manifestações de pertença a grupos sociais, as representações de sua posição social e a imagem que o grupo tem de si em relação à sociedade.

2.1.5 *Ethos*

A retórica aristotélica definiu como *ethos* a imagem de si mesmo que o orador constrói, implicitamente, em seu discurso para persuadir o auditório. Tal imagem não equivale necessariamente ao caráter real do orador. É produzida não pelo o que é dito de si, mas pelo modo como o orador se expressa: “através de sua maneira de falar: adotando as entonações, os gestos, o porte geral de um homem honesto, por exemplo, não se diz, explicitamente, que é honesto, mas isso é mostrado” (MAINGUENEAU, 1998, p. 59, grifo do autor):

Persuade-se pelo caráter (*ethos*) quando o discurso é de tal natureza que torna o orador digno de fé, porque as pessoas honestas nos inspiram uma confiança maior e mais imediata. [...] mas é necessário que esta confiança seja o efeito do discurso, não de um juízo prévio sobre o caráter do orador. (ARISTÓTELES⁴⁵ *apud* MAINGUENEAU, 2005, p. 70)

⁴⁵ ARISTOTE, 1967/1973. *Rhétorique I-III*, éd. Et trad. De M. Dufour (Paris: Les Belles Lettres).

Eggs (2005) percebe dois campos semânticos relacionados ao termo *ethos*, na ótica de Aristóteles. O primeiro, de sentido moral, engloba atitudes e virtudes como honestidade e benevolência. O segundo, de sentido neutro, objetivo ou estratégico, relaciona-se aos hábitos, modos e costumes, comportando, assim, uma dimensão social, tendo em vista que o orador convence os ouvintes ao expressar-se de modo apropriado. Na percepção de Eggs (2005, p. 39), “essas duas faces do *ethos* constituem dois aspectos essenciais do mesmo procedimento: convencer pelo discurso”.

Ducrot (1987) faz uma releitura do *ethos* aristotélico na teoria polifônica da enunciação. O autor diferencia locutor de enunciador, estabelecendo que o E (enunciador) está para o locutor assim como a personagem está para o autor. Ducrot desdobra a figura do locutor em um (L), aquele ser, no discurso, que tem unicamente a propriedade de ser responsável pela enunciação; e em (λ), o locutor enquanto ser do mundo, uma pessoa completa, que possui a propriedade de ser a origem do enunciado. Amossy (2005, p.15) afirma que “analisar o locutor L no discurso consiste não em ver o que ele diz de si mesmo, mas em conhecer a aparência que lhe conferem as modalidades de sua fala”. Segundo a autora, é nesse ponto que Ducrot recorre à noção de *ethos*:

Não se trata de afirmações autoelogiosas que o orador pode fazer sobre sua pessoa no conteúdo de seu discurso, afirmações que, ao contrário, podem chocar o ouvinte, mas da aparência que lhe confere à fluência, a entonação, calorosa ou severa, a escolha das palavras, dos argumentos... Em minha terminologia, diria que o *ethos* é ligado a L, o locutor enquanto tal: é como fonte de enunciação que ele se vê dotada de certos caracteres que, em consequência, tornam essa enunciação aceitável ou recusável.” (DUCROT, 1987, p. 201)

Na Análise do Discurso, Maingueneau (1989, 2005, 2006, 2008) expande o conceito de *ethos*. Se para a retórica a imagem é construída pelo enunciador em um discurso oral, o conceito desse autor francês aponta, também, para o texto escrito. Maingueneau considera que ao discurso – oral ou escrito - é vinculado um “tom” que, por sua vez, associa-se a um *caráter*⁴⁶ e a uma *corporalidade*. O *caráter* refere-se aos traços psicológicos que o leitor-ouvinte atribui ao enunciador, em função do seu modo de dizer, e a *corporalidade*, a uma compleição física e a uma maneira de vestir-se e de mover-se no espaço social, ou seja, à imagem representativa do enunciador. O caráter e a corporalidade, na abordagem de Maingueneau (2005, p. 72), são inseparáveis e apoiam-se “sobre um conjunto difuso de

⁴⁶ Em *Cenas da Enunciação*, Maingueneau (2006, p. 62) chama a atenção para que o termo *caráter*, por ele usado, não seja confundido com esse mesmo termo usado para a tradução de *ethos* na Retórica de Aristóteles.

representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apoia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar”.

Para Maingueneau (2006), ainda que o *ethos* seja crucialmente ligado ao ato de enunciação, a imagem do enunciador é construída pelo público antes mesmo que ele fale: “mesmo que o destinatário não saiba nada antecipadamente sobre o *ethos* do locutor, o simples fato de que um texto pertence a um gênero de discurso ou a um certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de *ethos*. (MAINGUENEAU, 2006, p. 57). A partir desse princípio, o autor estabelece uma distinção entre o *ethos pré-discursivo*⁴⁷ e o *ethos discursivo*. O primeiro relaciona-se a representações anteriores ao discurso ou aos estereótipos, ou seja, a um conjunto de crenças e opiniões partilhadas socialmente, construídas sobre experiências ou conhecimento de mundo. O *ethos* discursivo corresponde à definição do *ethos* aristotélico e é engendrado no discurso.

2.1.5.1 *Ethos*, estereótipo e representação

Etimologicamente, o termo estereótipo destinava-se à tipografia, designando uma chapa de metal utilizada para produzir, repetidamente, cópias do mesmo texto. O termo foi introduzido nas ciências sociais por Lippmann, em 1922, que define os estereótipos como imagens mentais que se interpõem entre o indivíduo e a realidade. Na perspectiva desse autor, os estereótipos formam-se a partir do sistema de valores do indivíduo, tendo como função a organização e estruturação da realidade. (MAINGUENEAU, 2006; CABECINHAS, 2004)

A noção de estereótipo foi estudada por várias disciplinas e varia de acordo com o ponto de vista adotado. Entretanto, ainda que haja variáveis, todas as abordagens se fundam na cristalização de imagens no nível do pensamento ou da expressão.

Na perspectiva da Psicologia Social, “o estereótipo tem a ver com as imagens preconcebidas que se cristalizam em um grupo social e que interferem na maneira como os membros do grupo gerenciam a convivência” (LISARDO-DIAS, 2007, p. 26). Os estudos nessa área estão relacionados a questões como o preconceito e a discriminação, o que implica em um sentido negativo para o termo.

No arcabouço da Análise do Discurso, o conceito de estereótipo está relacionado à noção de pré-construído, desenvolvida por Pêcheux. Os pré-construídos são marcas não

⁴⁷ Denominado como *ethos prévio* por Amossy (2005) e por Haddad (2005).

explicitadas de valores, conhecimentos e julgamentos, em um discurso, de um discurso anterior. É, por um lado, o *já dito* e, por outro, o que é uma verdade para uma formação discursiva. Assim, de acordo com Lysardo-Dias (2007, p. 27), “falar em estereótipos é considerar a premência de um dizer anterior inevitável na elaboração de novos dizeres”.

Amossy (2005, p. 142) designa o estereótipo como “esquemas coletivos e representações sociais que pertencem a doxa⁴⁸”. O estereótipo desempenha um papel fundamental no estabelecimento do *ethos*. Nas palavras da autora:

De fato, a ideia prévia que se faz do locutor e a imagem de si que ele constrói no seu discurso não podem ser totalmente singulares. Para serem reconhecidas pelo auditório, para parecerem legítimas, é preciso que sejam assumidas numa doxa, isto é, que indexem em representações partilhadas. É preciso que sejam relacionadas a modelos culturais pregnantes, mesmo se se tratar de modelos contestatórios. A estereotipagem, lembremos, é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado”. (AMOSSY, 2005, p.125)

Compreendendo a *representação social* como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada com um objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET⁴⁹ *apud* BONOMO *et al.*: 2008, p.156), observa-se uma semelhança entre ela e o conceito de estereótipo. Vejamos como se relacionam essas duas noções.

Segundo Baptista (2003), tanto a representação social quanto o estereótipo surgem como representações partilhadas por um conjunto de indivíduos e são coletivamente produzidas. Entretanto, são conceitos distintos:

Trata-se, no entanto, de dois conceitos diferentes, pois remetem para dois níveis de abordagem cujo grau de generalidade difere: se os estereótipos sociais podem ser vistos como formas de representação social, nem todas as representações sociais dão origem a estereótipos. (TAJFEL⁵⁰ *apud* BATISTA, 2003, p. 04) [...] Assim, o estereótipo refere-se a percepções socialmente partilhadas de sujeitos pertencentes a grupos diferentes, as quais adquirem um caráter de rigidez e alto grau de generalização. [...] Têm um ponto de aplicação normalmente estrito, uma forte componente afetiva e encontram-se com frequência na base de atitudes de discriminação social.

⁴⁸ “A *doxa* corresponde ao sentido comum, isto é, a um conjunto de representações socialmente predominantes, cuja verdade é incerta, tomadas, mais frequentemente, na sua formulação linguística corrente” (MAINGUENEAU e CHARAUDEAU, 2006, p.176)

⁴⁹ JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In JODELET, D. (Org.). *As representações sociais* Rio de Janeiro: Vozes, 2001, p. 47-67.

⁵⁰ TAJFEL, H. Comportamento intergrupo e psicologia social da mudança. In: BARROSO, J. V. *et al.* (org.) *Mudança Social e Psicologia Social*. Lisboa : Livros Horizonte.

[...] Já as representações sociais podem incluir todos estes elementos (inclusivamente a estereotipia social), mas, no caso de não incluírem claras categorizações de grupos sociais, podem não remeter para qualquer tipo de estereotipia social, não implicando, por isso, fenômenos de discriminação social (BAPTISTA, 2003, p. 4)

Amossy (1997, p. 51) também diferencia os dois termos:

Dans une perspective qui s'intéresse à l'imaginaire social, à logique des représentations collectives à travers lesquelles un groupe perçoit et interprète le monde, le terme de représentation sociale a sans doute sur celui de stéréotype l'avantage de ne pas être chargé de connotations négatives⁵¹.

Um exemplo de estereótipo do MSR pode ser encontrado em passagens de textos escritos por sujeitos participantes desta pesquisa:

Recuso-me a pedir esmolas, mas me chamam de mendigo
Olham para mim com indiferença medo, ódio, pena. Acham
que sou vagabundo, foragido ou doente. [...]
Não sei mais do presente, o cobertor é o meu escudo. (NICOMEDES)⁵²

Tem muita gente que nos chama de mendigo e maloqueiro. Isso é
desrespeito. Vários que moram na rua são trabalhadores. E quem pede é
porque está passando por muita necessidade ou está doente. A droga, por
exemplo, é uma doença que provoca muito sofrimento e até mata. (BOCA
DE RUA)⁵³

Em oposição ao estereótipo do “mendigo”, “sujo”, “vagabundo”, “maloqueiro”, entre outros, o enunciador tenta construir outra imagem de si. Em seus discursos, diferentes estratégias⁵⁴ são utilizadas com esse fim. No *rap* citado a seguir, por exemplo, o enunciador aproxima-se de forma afetiva do enunciatário, chamando-o de “gente boa” e o convida a conhecer a realidade da rua. Ao apresentar seu mundo, chama a atenção, primeiro, para seu trabalho como vendedor do jornal, que pode ser encontrado na sinaleira (ou seja, não está mentindo) e que já apareceu na TV, o que, de certa forma, suscita credibilidade. Em seguida,

⁵¹ Em uma perspectiva que se interessa pelo imaginário social, pela lógica das representações coletivas por meio das quais um grupo percebe e interpreta o mundo, o termo representação social tem sem dúvida sobre o termo estereótipo a vantagem de não ser carregado de conotações negativas. (Tradução nossa)

⁵² NICOMEDES, Sebastião. O albergado. *Cátia, Simone e outras marvadas*. 2007, p. 17.

⁵³ PARA A sociedade pensar. *Boca de Rua*. Porto Alegre, ano VII. n. 29., ago./set. , 2008, p. 3.

⁵⁴ De acordo com Maingueneau e Charaudeau (2006, p. 219), as estratégias correspondem às “possíveis escolhas que os sujeitos podem fazer de enunciação do ato de linguagem”. Os autores propõem que as estratégias se desenvolvam em etapas que, embora não sejam excludentes, se distinguem pela natureza de seus objetivos. São elas: “uma etapa de *legitimação*, que visa determinar a posição de autoridade do sujeito [...] uma etapa de *credibilidade*, que visa determinar a posição de verdade do sujeito [...] uma etapa de *captação*, que visa a fazer o parceiro da troca comunicativa entrar no quadro de pensamento do sujeito falante”.

tenta sensibilizar o enunciatório ao mostrar a realidade da rua com os menores abandonados, a entrada para o mundo das drogas e a violência a que são submetidos:

Se liga, gente boa, que agora eu vou falar/Realidade de rua, tá botando pra quebrar / Sou um MC / Pego o meu jornal / Vou pra sinaleira / Vendo a um real/ Todo mundo compra / Todo mundo vê / Já aparecemos na TV/ Se não quer acreditar/ Está tudo normal/ É só aparecer lá no sinal [...] A minha vida é simplesmente a rua / A minha vida é realidade de rua [...] Eu tenho mais uma coisa/ Que é preciso lhe falar/ Os menores abandonados / Que não tem onde morar/ Sua casa é a rua; / Sua cama é o chão / Resto de comida; / Minha alimentação / De roupa rasgadas, de pé no chão / Nós somos cantor e também compositor [...] Crianças e jovens sem mais companhia / Andando nas ruas da cidade na noite e no dia / Na frente do serviço ou na porta da escola / Começa a corrupe de fumar e cheirar cola / A droga mais conhecida como a maconha e a farinha / Às vezes são oferecida por homens de gravatinha / A primeira é de graça /A segunda tem que pagá/ Se você não trabalha, seu pensamento será roubá / No terceiro assalto seu destino está selado/ Escapa da polícia acaba sendo baleado / Com uma bala na cabeça / E outra no coração / Assim que é a lei do cão.⁵⁵

Assim como no texto acima, em nossas análises das entrevistas, procuraremos as marcas discursivas que demonstrem as representações sobre o MSR e a forma como se referem a essas na construção da imagem de si. Usaremos o termo *estereótipo* para as representações cristalizadas que denunciam preconceito ou discriminação social e *representação social* para as outras representações. Como Batista (2002, p.138), entendemos que “o preconceito é a valoração negativa que se atribui às características da alteridade. Implica a negação do outro diferente e, no mesmo movimento, a afirmação da própria identidade como superior, dominante”. Na visão da autora, o preconceito é o resultado de uma racionalização do outro, feita a partir da configuração de uma imagem corporal e linguística, à qual se atribui uma valoração negativa. Comparando o preconceito com uma “máquina de guerra” presente nas relações sociais do cotidiano, a autora entende que “o preconceito é a mola central, reprodutor mais eficaz da discriminação e da exclusão” (BATISTA, 2002, p. 126).

⁵⁵ Rap composto por MSR após dar entrevista para a pesquisadora. 31/10/08, Porto Alegre.

2.1.5.2 *Ethos* e identidade

Conforme já dito, Fairclough entende que os discursos não só representam a vida social mas também a constituem. Na visão do autor, “o uso da linguagem é sempre simultaneamente constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença”. (2001, p. 33).

Segundo Maingueneau:

a questão do *ethos* está ligada à da construção da identidade. Cada tomada da palavra implica ao mesmo tempo levar em conta representações que os parceiros fazem um do outro, e a estratégia de fala de um locutor que orienta o discurso de forma a sugerir através dele uma certa identidade”. (MAINGUENEAU, 2006, p. 56)

O conceito de identidade, apontado por inúmeros autores (HALL *et al.* 2008) como complexo e de difícil definição, aparece, na área das ciências sociais, para dar conta dos traços de um sujeito, daquilo que possibilitaria identificá-lo como parte de diferentes grupos, classes, raças, nações. No campo da análise do discurso, o conceito de identidade associa-se às noções de *sujeito* e *alteridade*. A noção de sujeito postula a existência do ser pensante como o que diz “eu”. A noção de alteridade postula que não há consciência de si sem consciência da existência do outro, ou seja, é na diferença entre si e o outro que se constitui o sujeito (MAINGUENEAU e CHARAUDEAU 2006, p.266).

Stuart Hall (2008) considera que a identidade é definida historicamente e que não existe “a” identidade, mas “as” identidades. Na perspectiva do autor, as identidades são construídas por meio da diferença, pois não são singulares ou unificadas ao redor de um “eu” coerente. Ao contrário, estão em constante processo de mudança e transformação. Assim sendo, o sujeito vai se fragmentando, pois é composto não de uma única identidade, mas de várias identidades, muitas vezes até contraditórias.

Moita Lopes (2003), numa perspectiva socioconstrutivista⁵⁶, compartilha da posição de Hall ao entender que as pessoas têm identidades fragmentadas, múltiplas, contraditórias e em fluxo, uma vez que essas identidades são construídas de forma múltipla nos diferentes discursos, práticas e posições. O autor reproduz as palavras de Gee (1990) ao

⁵⁶ Segundo Moita Lopes (2003), o entendimento básico da posição socioconstrutivista é o de que “os objetos sociais não são dados ‘no mundo’ mas são construídos, negociados, reformados, modelados e organizados pelos seres humanos em seus esforços de fazer sentido dos acontecimentos do mundo” (SARBIN e KITSUSE, 1994, p. 3 *apud* MOITA LOPES, 2003, p. 23)

afirmar que “cada um de nós é membro de muitos discursos e cada Discurso representa uma de nossas múltiplas identidades” (GEE⁵⁷, 1990 p. xix *apud* MOITA LOPES, 2003, p. 20).

Em *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*, Hall, Silva e Woodward (2008) entendem que a identidade se constroi pela alteridade, ou seja, a tessitura de um lugar para si se institui na diferença com o outro. Apoiando-se em autores como Derrida, Hall afirma:

As identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela.[...] é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constituinte, que o significado ‘positivo’ de qualquer termo – e, assim, sua ‘identidade’ – pode ser construído. (HALL, 2008, p. 110)

Tadeu Silva (2008) considera a identidade e a diferença como o resultado de atos de criação linguística, ou seja, não são criaturas do mundo natural, são processos de produção social. Assim sendo, têm que ser ativamente produzidas no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são instituídas nos atos de fala. O autor cita, como exemplo, a definição da identidade brasileira, vista como o resultado da criação de variados e complexos atos linguísticos que a definem como sendo diferente de outras identidades nacionais.

Na visão do autor acima citado, a identidade e a diferença estão em estreita conexão com relações de poder. O estabelecimento da identidade e a marcação da diferença implicam as operações de inclusão e de exclusão. Dessa forma, dizer "o que somos" significa também dizer "o que não somos", declarar sobre quem pertence, sobre quem está incluído ou quem é normal implica em declarar, ao mesmo tempo, sobre quem não pertence, quem está excluído e quem não é normal. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras entre “nós” e “eles”, não como categorias gramaticais, mas como indicadores de posições sujeito marcadas por relações de poder (SILVA, 2008, p. 82). Em “Terapia de todos nós: vida e rua”, livro escrito nas oficinas promovidas pela Organização Civil de Ação social (OCAS), os MSR’s apresentam suas reflexões sobre as relações de poder que parecem confirmar a visão de Silva.

Temos que discutir a relações de poder. O Espaço Unibanco. As pessoas pagam o cinema. Tem pessoas que entregam o panfleto, tem pessoas que vendem a revista. Tem pessoas que nem olham pra nós. A relação de poder existe. Mas vamos separar em parte. Se fosse a revista Veja, seria diferente. Se nós caímos quando não olham para nós, nos estamos aceitando esse poder (ANDRADE *et al.* s/d., p. 33).

⁵⁷ GEE, J.P. *Social linguistics and literacies. Ideology in discourses*. Bristol: the Falmer Press.

Ao operar com a ideia de que a identidade se constrói pela diferença, Woodward (2008) constata que a identidade é relacional, ou seja, a identidade, para existir, depende de algo exterior a ela. Nas relações sociais, as formas de diferença são marcadas tanto por meio de sistemas simbólicos de representação, quanto por meio de formas de exclusão social. Essas formas de diferença são estabelecidas, em parte, por meio de um sistema classificatório capaz de dividir uma população com todas as suas características em ao menos dois grupos opostos: nós e eles; eu e o outro. A autora afirma que “a diferença pode ser construída negativamente por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como ‘outros’ ou ‘forasteiros’”. (2008, p. 50).

Tadeu Silva (2008) considera que a identidade e a diferença estão relacionadas às formas como a sociedade produz e utiliza classificações. A mais importante forma de classificação é a que se estrutura em torno de oposições binárias, como masculino/feminino, branco/negro, em que um dos termos é privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. Para Silva (2008, p. 83), “questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam”.

Segundo Tadeu Silva (2008, p. 84), “assim como a definição da identidade depende da diferença, a definição do normal depende da definição do anormal”. A normalização é um dos processos pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar é o mesmo que eleger arbitrariamente uma identidade revestida de características positivas para servir de parâmetro à avaliação e hierarquização de outras identidades, as quais serão avaliadas negativamente. Segundo o autor, “a definição daquilo que é considerado aceitável, desejável, natural é inteiramente dependente da definição daquilo que é considerado abjeto, rejeitável, antinatural. A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido.” (SILVA, 2008, p. 83).

Batista (2002) faz uma associação entre o preconceito e a noção de “diferença”. A autora afirma que a construção do preconceito e a visibilidade das discriminações decorrentes estão associadas à afirmação e manipulação das diferenças ou à insistente negação ou dissimulação da mesma. Para a autora, “a noção de diferença pode compreender mais de uma lógica: é uma realidade empírica que se manifesta no cotidiano-material, ou seja, uma lógica que organiza e que ocorre na vida concreta; e ao mesmo tempo pode ser uma atitude política presente que reivindica um projeto de mudanças, com consequências positivas para a vida em geral. Ou ainda pode parecer um simples instrumento de manipulação ou de dominação”. (BATISTA, 2002, p. 126).

Ainda segundo a abordagem de Batista (2002), as diferenças se constroem proporcionalmente na relação com as manifestações de preconceito. Assim sendo, é a partir do corpo que as discriminações ocorrem, tendo em vista que é nele que se concentram as configurações que nos permitem classificar os *códigos corporais* (cor da pele, altura, marcas etárias, usos de determinadas roupas, adereços, etc); os *códigos comportamentais* (registrados no corpo como gestos, tatuagens, odores, formas de se comportar etc); os *códigos emocionais* (tipos de sentimento, insegurança, obediência excessiva, sedução, etc); os *códigos linguísticos* (padrão linguístico, tonalidade da voz, vocabulário e outros sinais e signos identitários).

Castells (2002) apresenta três processos de construção de identidades. A identidade legitimadora, que é introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos indivíduos. A identidade de resistência, que é criada pelos indivíduos que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação e que constroem trincheiras de resistência e sobrevivência, tendo como base princípios diferentes ou mesmo opostos daqueles que permeiam as instituições da sociedade. E a identidade de projeto, que surge quando os indivíduos, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade, capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social. (CASTELLS, 2002, p. 24). Esses três tipos de identidade não devem ser considerados formas estáticas, tendo em vista que podem ocorrer mudanças em suas estruturas. Textos escritos por MSR's ilustram o que o autor define como "identidade de resistência":

Todo mundo ama, todo mundo sente amor não é porque vivemos na rua que sejamos diferentes não. Nós só não temos endereço mas, coração nós temos, pois Deus nosso criador deu esse dom para nós quando nos criou (CECO)⁵⁸.

Primeiro dizem que a gente tem que trabalhar. Daí, se trabalha no Boca de Rua, dizem que não é trabalho, que é coisa de vagabundo, fraude, 171. Só conseguem ver o trabalho da forma comum: na frente do computador, no mercado, na farmácia, na obra. O nosso trabalho é diferente, é alternativo, mas é trabalho, sim. (BOCA DE RUA)⁵⁹

Goffman (1988) conceitua a ideia de identidade estabelecendo a diferença entre aquilo que denomina de *identidade social real*, baseada em atributos que a pessoa realmente possui, e *identidade social virtual*, o que esperamos que a pessoa deva ser, ou seja, são os

⁵⁸ CECO [RAMIRES, José N.]. Na rua também tem amor. *Histórias de mim, escrituras de um povo*. 2007, p. 22.

⁵⁹ BOCA DE RUA. *Boca de rua é trabalho, sim*. Ano VII, n. 29, ago. / set. de 2008.

atributos imputados a um indivíduo pelas informações que temos dele. Nessa abordagem, o Outro tem uma importância fundamental enquanto construtor da identidade. Uma diferença muito grande entre as duas formas de identidade pode produzir a estigmatização do sujeito, resultando naquilo que o autor chama de *identidade deteriorada*.

Em “Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada” (1988), Goffman estuda o estigma, a socialização dos indivíduos estigmatizados, a manipulação da informação sobre as características tidas como depreciativas e as reações encontradas em situação de interação social. Segundo o autor, o termo estigma foi criado pelos gregos e inicialmente se referia aos “sinais corpóreos com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava”. (GOFFMAN, 1988, p. 11). Através dessas marcas, evidenciavam-se o desvio e os atributos negativos, servindo isso de aviso aos “normais”, os quais deveriam manter-se afastados da pessoa “estragada”, “impura”, “indigna” e “‘merecidamente’ excluída do convívio dos ‘normais’”. Na atualidade, esse conceito é aplicado a todos os casos em que uma característica observável é salientada e interpretada como “um sinal visível de uma falha oculta, iniquidade ou torpeza moral, proporcionando ao indivíduo um sinal de aflição ou um motivo de vergonha” (GOFFMAN, 1988, p. 12-13). A partir dessa definição, conclui-se que o estigma seria uma característica depreciativa no status moral do indivíduo que a apresenta, fato que o torna inabilitado para a plena aceitação social.

Goffman (1988, p.11) afirma que a sociedade estabelece um modelo social do indivíduo e mecanismos para categorizar as pessoas de acordo com os atributos - qualidades pessoais, posições de poder, status econômico, cor, nacionalidade, etc. - que marcam juízos de valores éticos e morais considerados comuns e naturais para os membros de cada categoria. Um sujeito que não se encaixa nos atributos próprios de sua categoria, ou seja, o indivíduo portador de um atributo que o diferencia dos outros integrantes de uma categoria em que pudesse ser incluído, não é considerado comum ou normal⁶⁰, o que o torna, na maioria das vezes, pouco aceito, rejeitado ou estigmatizado pelo grupo social que não consegue lidar com o diferente.

Em síntese, o estigma é um atributo depreciativo conferido socialmente a um indivíduo, a partir de uma determinada característica incongruente ao modelo criado de como as pessoas devem ser ou agir. O indivíduo estigmatizado deixa de ser visto como uma pessoa comum e é convertido em um sujeito maléfico, prejudicial, desprovido de critérios éticos e

⁶⁰ Segundo Goffman (1988), uma característica que estigmatiza alguém, pode confirmar a normalidade de outrem. O termo normal refere-se aquele que não porta estigma.

morais. Um sujeito estigmatizado tem sua identidade deteriorada, quando passa a ser visto como um “anormal”. Em contraposição, as pessoas estigmatizadas estão sempre tentando manipular sua identidade, no desejo de mostrar a “melhor face”⁶¹.

Entendendo que os conceitos de estigma, identidade, estereótipo e representação estão diretamente relacionados ao conceito de *ethos*, aqui entendido como a construção de uma imagem de si produzida no ato discursivo, esses conceitos serão abordados no decorrer de nossa análise.

2.1.6 Concepções e funções da leitura e a escrita

Durante muito tempo a leitura foi compreendida como a decifração da escrita. Dessa forma, ler é visto como a operação por meio da qual o leitor capta o significante pela escrita e entende o significado do texto. Entretanto, concepções mais contemporâneas definem a leitura como algo que vai além da decifração. Nesse sentido:

Todos sabem que há diferença entre ver e olhar, ouvir e escutar...Ler não é apenas passar os olhos por algo escrito, não é fazer a versão oral de um escrito. Quem ousaria dizer que sabe ler latim só porque é capaz de pronunciar frases escritas naquela língua?

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é. (FOUCAMBERT, p. 1994, p.5)

Em consonância com Foucambert, Lajolo (1988) entende que ler não é meramente decifrar, mas atribuir sentido: “é, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO, 1988, p.59). Certeau (*apud* WALTY, 1995, p. 25) também considera a independência e poder do leitor na atribuição do significado ao texto:

Quer se trate de um jornal ou de Proust, o texto não tem significação a não ser através de seus leitores; ele muda com eles, ordenando-se graças a códigos de percepção que lhe escapam. Ele só se torna texto através de sua

⁶¹ Amossy (2005) apresenta a definição de face de Goffman e de Kerbrat-Orecchione. Goffman define face como “o valor social positivo que dado indivíduo efetivamente reivindica por meio da linha de ação que os outros supõem que ele adotou durante um contato particular” [...] Kerbrat-Orecchione redefine sucintamente a noção goffmaniana de face como “o conjunto das imagens valorizantes que, durante a interação, tentamos construir de nós mesmos e impor aos outros” (AMOSSY, 2005, p.13).

relação com a exterioridade do leitor, por um jogo de implicações e de ardis entre duas expectativas combinadas: aquela que organiza um espaço legível (uma literalidade) e aquela que organiza uma diligência, necessária à efetuação da obra (uma leitura). (CERTEAU *apud* WALTY, 1995, p. 25)

Estudando a etimologia da palavra ler, do latim *legere*, Walty (1995, p.24) afirma que, em sua raiz, essa palavra traduz pelo menos três níveis de leitura. Em uma primeira instância, que correspondente aos primeiros passos na leitura, ler significa *contar ou enumerar as letras*. Em outro momento, significa *colher*, ou seja, perceber o sentido que o autor quis dar ao texto: “o leitor colheria o sentido do texto como se colhe uma laranja no pé [...] o leitor não tem poder algum, a não ser o de traduzir o sentido que estaria impresso no texto”. No terceiro nível, ler significa *roubar*, o que dá um sentido de clandestinidade: “o autor vai buscar no texto outros sentidos, construindo-os com sinais que aí estão, mesmo que o autor não tivesse consciência deles.”.

A leitura, então, implica não somente um processo de decifração de códigos estáveis e de construção de sentidos sempre idênticos a si mesmos, mas engloba a constituição de sentidos outros, que não são os mesmos pensados pelo autor da obra. No ato da leitura, portanto, o leitor *constitui* os sentidos:

Ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas seqüências. Não é encontrar o sentido desejado pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de acordo cultural, como algumas vezes se pretendeu, em uma ótica na qual o positivismo e o elitismo não escaparão a ninguém. Ler é, portanto, constituir, e não reconstituir um sentido. A leitura é uma revelação pontual de uma polissemia do texto literário. (GOULEMOT, 2009, p.108)

Soares destaca o processo interativo da leitura e da escrita:

Leitura não é esse ato solitário; é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros. (SOARES, 2000, p. 18)

Na mesma direção, Marscusi (1995, p. 56) entende que a produção de sentido é sempre uma atividade de *coautoria*, ou seja, os sentidos são parcialmente produzidos pelo autor e parcialmente completados pelo leitor. O linguista, entretanto, pondera dizendo que compreender não é uma atividade de precisão, mas também não é uma atividade imprecisa de

pura adivinhação. A compreensão é, essencialmente, uma atividade dialógica, que se efetiva na relação com o outro. É uma via de mão-dupla.

Segundo Smith (1989, p. 21), na leitura há intercâmbio entre *informação visual*, aquela que é captada pelos olhos e que “desaparece quando as luzes se apagam”, e *informação não visual*, que se refere aos conhecimentos prévios, ou seja, ao conhecimento que o leitor traz para o texto, dos quais já era detentor antes de lê-lo. Para ele, quanto mais informação não visual o leitor tiver, menos informação visual necessitará. O autor entende que uma situação de leitura fluente exige certos comportamentos do leitor:

Os leitores experientes (quando estão lendo fluentemente) (...) utilizam a informação não-visual, a fim de compreenderem, (...) assumem controle do texto através das 4 características da leitura significativa - sua leitura é objetiva, seletiva, antecipatória e baseada na compreensão. Os leitores inexperientes, (...) dependem mais das palavras reais no texto quando leem, porque estão exercendo menor controle sobre sua leitura, são mais dominados pelo texto, falta-lhes o objetivo, seletividade, antecipação apropriada e compreensão. (SMITH, 1989, p.210)

Na perspectiva da Análise do Discurso, Orlandi (2006) reconhece a leitura como um espaço de interação entre os interlocutores, entendendo que “o *texto* é o lugar, o centro comum que se faz no processo de interação entre falante e ouvinte, autor e leitor”. O sentido do texto está no espaço discursivo dos interlocutores, ou seja, não se encontra especificamente nem exclusivamente em um dos interlocutores.

A leitura é o momento crítico da constituição do texto, é o momento privilegiado da interação, aquele em que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao se constituírem como tais, desencadeiam o processo de significação do texto. (ORLANDI, 2006, p.186)

Assim sendo, não é só quem escreve/fala que significa, mas também quem lê/ouve. Não existe um sentido pronto e transparente na superfície do texto para ser apreendido pelo leitor, como também não existe sujeito-leitor antes da leitura; existem tão somente imagens de sujeitos inscritas no próprio texto. Os sentidos atribuídos ao texto são determinados pela posição sócio-histórica e ideológica dos sujeitos autor e leitor, pois é na relação do discurso com as formações ideológicas⁶² que são produzidas as diferentes leituras.

⁶² A formação ideológica é compreendida como um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais e que estão relacionadas às posições de classes em conflito umas com as outras. (BRANDÃO, 1998, p.90)

Há um jogo entre as leituras previstas para um texto e as leituras possíveis, uma vez que há uma determinação histórica que faz com que alguns sentidos sejam lidos e outros, não.

Um ponto comum pode ser traçado entre os autores acima citados: a leitura e a escrita são formas de interação. Entretanto, há uma questão que disso emerge: qual é a função social ou o valor da leitura e da escrita?

Walty e Cury (1999) entendem que o ato de escrever tem funções sociopolíticas, psicoexistenciais, entre outras:

Escrever como meio de depuração, como forma de lidar com o sofrimento, como forma de luta, como forma de partilha e participação, como reflexão sobre o estar no mundo, como mero exercício formal ou como atividade lúdica. O ato de escrever tem funções sociopolíticas, psicoexistenciais, e outras, conhecidas ou desconhecidas. (WALTY & CURY 1999, p. 125)

Já Bellenger associa a leitura ao desejo e ao prazer:

Em que se baseia a leitura? No desejo. Esta resposta é uma opção. É tanto o resultado de uma observação como de uma intuição vivida. Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido próprio é figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido (as palavras ressoam). As pessoas leem com seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. É um sinal de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer. (BELLENGER⁶³ *apud* KLEIMAN, 1983, p.15)

De modo singular, Paulo Freire (1983) reconhece a leitura como um elemento de transformação do homem e do mundo. Para esse estudioso, através da leitura o ser humano se constrói como sujeito de sua própria história, interagindo no seu mundo ou na sociedade em que vive:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. [...] De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1983, p. 11-12; 22).

Na mesma direção que Freire, Silva (1988) atribui uma função social e política à leitura, ao considerá-la uma prática que possibilita a participação do homem na sociedade. A

⁶³ BELLENGER, L. *Os métodos de leitura*. R.J: Zahar Editores, 1978. Trad. de Dora Flaksman.

leitura, quando crítica e reflexiva, levanta-se como um trabalho de combate à alienação e libertação do sujeito no mundo. Ao tornar-se leitor, o sujeito se instrumentaliza para tomar consciência da realidade e transformá-la:

A leitura caracteriza-se como um dos processos que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em termos de possibilidades de transformação sócio cultural futura. E, por ser um instrumento de aquisição, transformação e produção do conhecimento, a leitura, se acionada de forma crítica e reflexiva dentro ou fora da escola, levanta-se com um trabalho de combate à alienação, capaz de facilitar às pessoas e aos grupos sociais a realização da liberdade nas diferentes dimensões da vida. (SILVA, 1988, p.20)

Osakabe (1988, 1995) entende que a leitura e a escrita são formas através das quais o sujeito estabelece relações e constrói sua identidade pela linguagem:

Eu entenderia por escrita propriamente dita, a possibilidade de o sujeito ter o seu próprio discurso. E se se entende por leitura a compreensão, se entende por leitura o acesso a um conhecimento diferenciado, aquele que lhe permite reconhecer a sua identidade, seu lugar social, as tensões que animam o contexto em que vive ou sobrevive e, sobretudo, a compreensão, assimilação e questionamento, seja da própria escrita, seja do real em que a escrita se inscreve. (OSAKABE, 1988, p.22)

Finalizaremos este tópico com um exemplo da escrita como possibilidade de constituição da identidade. Trata-se de um texto escrito por um poeta em situação de rua⁶⁴ cuja escrita revela sua angústia ao questionar a legitimidade de se reconhecer como escritor:

Que poeta sou eu
que vive nas ruas jogado
passando frio passando fome
e vivendo todo esfarrapado
sem ter onde dormir
não podendo me alimentar
vivendo só de cachaça
para poder descansar
nas calçadas da vida
delirando na bebida
posso dormir e sonhar.

[...]
Que poeta, que poeta
eu não sei
pois já procurei
no fundo de minha alma
mas até agora eu não
encontrei
o poeta que existe em mim.

(BAHIA, 2006, p.05)

⁶⁴ Jonas Ferreira Bahia, nascido no Paraná, saiu de casa com treze anos e chegou a morar por dez anos na rua. A poesia completa pode ser lida no site http://www.rederua.org.br/pub/otreceiro/2006/148_trecheiro_outubro_2006.pdf

2.2 QUADRO DE REFERÊNCIA PARA O ESTUDO SOBRE OS MSR's

2.2.1 A população moradora de rua

A existência de pessoas em situação de rua não é um fenômeno recente e nem restrito ao Brasil ou às sociedades capitalistas modernas. Stoffels (1977) descreve a presença de mendigos e indigentes já na Grécia antiga, fruto de expropriações de terras comunitárias e movimentação de indivíduos para cidades em formação. A autora destaca, também, a “profissionalização” da mendicância estabelecida nos “pátios dos milagres” na Idade Média e a repressão à difusão de atividades ligadas à vagabundagem na Era Industrial.

Estudos do canadense Jim Ward (*apud* VIEIRA *et al.*, 2004) calculam a presença de cem milhões de *homeless* no mundo, sendo que vinte milhões vivem na América Latina. No Brasil, não existem dados precisos sobre o número de pessoas que vivem nas ruas, tendo em vista a ausência de pesquisas mais abrangentes em nível nacional. Além da omissão política, a dificuldade da pesquisa se justifica, em parte, pela complexidade em abordar uma população caracterizada como “flutuante, temporária e nômade” (ARAÚJO, 2003, p 89)⁶⁵.

Apesar das limitações, verifica-se o desenvolvimento de estudos realizados por estados ou municípios isolados, universidades, organizações da sociedade civil. Os trabalhos realizados por órgãos públicos e organizações não governamentais constituem-se por levantamentos e estimativas populacionais e por descrições de profissionais que trabalham com a população de rua e têm, como objetivo, traçar um perfil e definir ações políticas para essa população.

Destacam-se o I Seminário de População de Rua, realizado em 1992, que reuniu profissionais que trabalhavam com a população moradora de rua em diferentes municípios; os trabalhos realizados em centros urbanos como São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre; e a Pesquisa Nacional sobre a População de Rua⁶⁶, realizada em 2007 e 2008 em 71 municípios.

⁶⁵ O próprio conceito do que seja população em situação de rua é ainda vago, o que pode ser apontado como outra dificuldade nas pesquisas. Segundo Ferreira (2006), os dados obtidos nos trabalhos feitos em diferentes cidades não são comparáveis entre si, dada a diversidade de contextos, objetivos e definições utilizadas. Escorel (2003, p. 153) também aponta essa dificuldade ao dizer que “responder quem são e quantas são as pessoas que habitam os logradouros públicos da cidade depende de qual é a definição de população de rua”.

⁶⁶ Pesquisa desenvolvida pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS).

2.2.2 Definição

A adoção de diferentes conceitos para a população moradora de rua aparece além das fronteiras nacionais. A Organização das Nações Unidas (ONU) entende que os *homeless* são todos os que vivem nas ruas ou em habitações que não atendem às necessidades e aos padrões mínimos de habitabilidade. Nessa classificação, portanto, estariam incluídos os moradores de favelas, cortiços e demais habitações sem condições mínimas de salubridade.

Dias (1999) apresenta diferentes definições para o reconhecimento dessa população em cidades americanas e inglesas. A autora cita o trabalho de Rossi (*apud* DIAS, p. 1999), que faz uma distinção entre dois grupos, para abordar a definição dessa população: um grupo, conhecido literal *homeless*, composto por pessoas que não têm acesso regular à moradia convencional, dormem nas ruas e em albergues públicos. O outro grupo compõe-se dos que estão precariamente acomodados, necessitando mudar de moradia constantemente ou estão internados em instituições hospitalares, sem residência após a alta. Fisher (*apud* DIAS, 1994) baseia-se em uma definição de sem-teto derivada da lei inglesa denominada "Housing Act"⁶⁷, de 1985. A definição de sem-teto inclui tanto as pessoas que não têm onde morar, quanto as que moram em um local impróprio para ser habitado, ou ainda aquelas que estão em albergues noturnos ou em acomodações de emergência, por não poderem viver em suas casas devido à falta de segurança ou violência. No estudo de Link (*apud* DIAS, 1994), a definição de sem-teto inclui aqueles que dormem em parques, prédios abandonados, estações de ônibus e trens, em albergues ou em outras residências temporárias, ou, ainda, em casas de amigos e parentes.

Snow e Anderson (1998, p. 102) distinguem três categorias de moradores de rua no contexto americano da década de 1920. A distinção toma como referência a mobilidade e trabalho: “o andarilho era um trabalhador migrante, o vagabundo um não trabalhador migrante e o mendigo um não trabalhador não migrante”.⁶⁸

⁶⁷ A Homeless Act visa garantir acomodações e renda mínima para aqueles que estão em situação de *homelessness*: desempregados, oriundos da violência doméstica, refugiados políticos, entre outros.

⁶⁸ Os autores ainda subdividem os andarilhos em *andarilhos tradicionais*, “herdeiros do estilo de vida dos antigos andarilhos, que se baseia num ciclo de trabalho, bebida e migração” e *andarilhos hippies*, “herdeiros da contracultura da década de 60”; em *mendigos tradicionais*, “que mais se aproximam da imagem tradicional do alcoólatra da zona marginal e que raramente se envolvem em trabalho remunerado [...] não tanto porque são preguiçosos, mas porque se tornaram indiferentes ou porque estão fisicamente debilitados devido a anos de vida dura e muita bebida” e em *mendigos redneck*, que se assemelham aos mendigos tradicionais em sua relativa imobilidade e no uso pesado de álcool, mas deles se diferenciam em aspectos como a forma de subsistência baseada em comércio e esmolas, tendência em andarem em grupos, serem briguentos e pouco sociáveis em relação a outros grupos. A última categoria inclui os *doentes mentais*, “que dão alguma indicação de estarem severamente prejudicados do ponto de vista psiquiátrico” (SNOW e ANDERSON, 1998, p.104-120).

Nas produções nacionais, encontram-se classificações diversas como mendigo, andarilho, vagabundo, trecheiro, indigente, morador de rua, pedinte, sofredor de rua, sem-teto e outras. Tais classificações se devem, em parte, à diversidade de tipos e situações de viver na rua⁶⁹.

Nos anos 1970 e 1980, a população que vivia nas ruas era reconhecida como “mendigo” ou “pedinte”. Justo (2005) faz uma distinção entre esses dois termos. Enquanto o primeiro se refere àquele que não trabalha, apresenta-se sujo e maltrapilho e sobrevive nas ruas sem certos atributos sociais, tais como família e casa, o segundo possui família e casa, mas depende da ajuda de terceiros para sobreviver.

Estudos produzidos no início da década de 1990 empregam outros termos para se referir a essa população. Simões Júnior (1992, p. 15) utiliza o termo *moradores de rua* para se referir “àquele segmento da população de baixíssima renda e em idade adulta que, por uma contingência temporária ou de forma permanente, estão habitando nos logradouros públicos da cidade (praças, calçadas, marquises, jardins, baixios de viadutos), em áreas degradadas (galpões e residências abandonadas, edificações em ruínas, terrenos baldios, mocós⁷⁰, tumbas de cemitérios, carcaças de veículos, etc.) ou, ainda, eventualmente, pernoitando em albergues públicos ou em “camas quentes”⁷¹ alugadas. Segundo o autor (1992, p.18), essa população é composta pelo “mendigo profissional”, por andarilhos, alcoólatras, deficientes físicos e mentais e também por aqueles que são vítimas do desemprego.

Em 2004, a partir de um debate promovido pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome (MDS) sobre a formulação de políticas públicas voltadas para a população em situação de rua, representantes da Igreja, de entidades não governamentais e de vários municípios⁷² chegaram a uma definição para a população em situação de rua que será adotada nesta pesquisa:

Grupo populacional heterogêneo constituído por pessoas que possuem em comum a garantia da sobrevivência por meio de atividades produtivas desenvolvidas nas ruas, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a não referência de moradia regular (FERREIRA, 2006).⁷³

⁶⁹ O termo “trecheiro”, por exemplo, é usado para se referir àquele que anda nas ruas ou estradas, de uma cidade para outra, ou mesmo de um país para outro, sem se fixar em nenhum lugar.

⁷⁰ Entende-se *mocó* como “barraco, abrigo simples, casa, esconderijo, barraco debaixo do viaduto”, (ROSA, 1995, p. 240)

⁷¹ “Camas-quentes são aquelas em que há grande rotatividade de usuários, ou seja, na mesma cama dormem pessoas diferentes, em períodos consecutivos”. (BOARETTO, 2005, p. 18)

⁷² Entre eles, São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Recife.

⁷³ Definição elaborada, em 2004, durante um debate promovido pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome, voltado para a formulação de políticas públicas para a população em situação de rua.

2.2.3 Características

Escorel (2003, p.148) observa a localização da população de rua em áreas centrais em cidades como o Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Tal preferência deve-se ao fato de o Centro oferecer maiores condições de sobrevivência e também de privacidade doméstica, tendo em vista a retração da movimentação de pessoas no período noturno. De acordo com a autora, “a estreita relação entre a população de rua e as atividades de coleta de lixo é evidenciada em todas as cidades” (p. 150).

As atividades para a obtenção de dinheiro podem ser caracterizadas como lícitas, ilícitas, formais ou informais. Algumas das pessoas que moram nas ruas sobrevivem de doações, de esmolas, de pequenos furtos ou, até mesmo, de tráfico de drogas; outra parte sobrevive a partir de atividade produtivas desenvolvidas na própria rua. Além da coleta de lixo, de latas de refrigerante e cerveja, de papelões, ou de qualquer outro material reciclável comercializável, realizam outras atividades ocupacionais como guardadores e lavadores de carros, vendedores ambulantes, flanelinhas e ajudantes da construção civil são realizadas por essa população.

Vieira, Bezerra e Rosa (2004) observam a existência de uma desvalorização das atividades que realizam no próprio discurso do morador de rua. Segundo as autoras, muitos dos catadores de papel associados à Cooperativa dos Catadores de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis (COOPEMARE), que têm trabalho permanente e com jornadas extensas, reconhecem sua situação como temporária e dizem que logo conseguirão emprego.

Diversos estudos referem-se ao nomadismo da população de rua. Magni (1994) denomina essa população como *nômade urbano*, por estar em mobilidade constante. Analisando a realidade da população moradora de rua do Rio de Janeiro, Escorel (1999) se refere ao *nomadismo ocupacional* da seguinte forma: "apresenta-se sob uma elevada taxa de rotatividade (tempo de permanência no emprego anterior inferior a um ano) e configura situações de trabalho irregular, descontínuo, parcial, intermitente, ocasional, eventual, sazonal, temporário ou de duração determinada" (ESCOREL, 1999, p.185).

Kasper (2006, p.85-87) adverte que o uso comum do termo *nomadismo* para referir-se aos moradores de rua transmite a ideia de uma errância incessante, caracterizadora da vida nas ruas, havendo, porém, diversos *modos de permanência* nesse espaço. Assim sendo, esse estudioso distingue quatro desses modos. Chama de *persistentes*, as pessoas que permanecem mais de um ano exatamente no mesmo lugar. Os denominados *alternantes* são

aqueles que moram na rua parte do tempo, mas têm acesso a outro tipo de moradia. Cita como exemplo os moradores de rua que possuem uma ‘casa’ na periferia, mas ganham seu sustento pela coleta de materiais recicláveis ou com emprego precário no centro. Considera como outro tipo de alternância: a dos usuários de albergues que, interditados periodicamente por motivo de embriaguez, ficam na rua até encontrar uma vaga em outro albergue. O grupo dos *itinerantes* inclui os carroceiros e os *trecheiros*, que circulam de cidade em cidade e podem acampar, por um período variável, num lugar fixo. Finalmente, fala dos *deslocados*, indivíduos ou casais que permanecem alguns meses ou mais em uma região, mas, ou por não suportarem a pressão de remoções periódicas ou pelo fechamento do espaço que ocupavam, instalam-se em outro ponto da mesma região.

Vieira, Bezerra e Rosa (2005, p. 93-96) identificam três situações diferentes em relação ao tempo e à permanência nas ruas: *ficar na rua* (circunstancialmente), *estar na rua* (recentemente) e *ser da rua* (permanentemente). Segundo as autoras, essas situações podem ser postas em um *continuum*, tendo como referência o tempo: à medida que aumenta o tempo na rua, a condição de morador vai se tornando mais estável.

A situação *ficar na rua* circunstancialmente categoriza aqueles que, sem recursos materiais e não encontrando vaga em albergues, dormem em rodoviárias ou outros espaços públicos movimentados. Esse grupo é composto geralmente pelos que ficam desempregados e perdem a moradia, ou por aqueles que chegam recentemente à cidade em busca de emprego, de parentes ou de tratamentos de saúde e não têm para onde ir. Segundo a autora, as pessoas que se encontram nessa situação rejeitam serem identificadas como moradores de rua e se distanciam desses.

Estar na rua corresponde à situação daqueles que, alternadamente, pernoitam nas ruas, albergues, pensões baratas, depósitos de papelão e casa de parentes. A alternância é observada também nos trabalhos temporários. É comum frequentarem instituições assistenciais, locais de distribuição de comida gratuita e lugares onde se reúnem as pessoas que se encontram na mesma situação. As pessoas que pertencem a esse grupo apresentam-se como trabalhadores desempregados, na tentativa de se diferenciarem dos moradores de rua.

Já o *ser da rua* é a situação daqueles que estão permanentemente na rua e “desenvolvem formas específicas de garantir a sobrevivência, de conviver e de ver o mundo”. Essas pessoas têm a rua como um espaço de moradia, de relações pessoais, de trabalho e de obtenção de recurso de toda natureza.

Comumente, em função do tempo que estão nas ruas, sofrem um processo de debilitação física e mental, seja pela má alimentação, pelas condições precárias de higiene,

pelo uso constante de álcool ou pela vulnerabilidade à violência. As autoras afirmam que as pessoas pertencentes a esse grupo dificilmente são aceitas em trabalho temporário, ainda que seja recorrente o discurso do *trabalhador desempregado que perdeu os documentos*.

Apontada em vários estudos como um fator determinante da situação de rua, a separação da família pode se dar por diversos motivos, tais como perda da casa, da família, desavenças. Vieira, Bezerra e Rosa (2004) observam que o tema *família* é um assunto delicado de se tratar em entrevistas, pois traz à tona rupturas, decepções, sentimentos de abandono. Frequentemente, a separação conjugal ou a morte da esposa são fatores que levam os chefes de família a viverem em situação de rua.

Já o motivo que leva os jovens a viverem nas ruas é a expulsão de casa ou o abandono das famílias em razão, geralmente, de maus tratos, violência ou conflitos com pais e parentes próximos.

As pesquisadoras ressaltam que, mesmo distante, a família permanece como referência e valor para quem vive em situação de rua, e buscam em Telles observações importantes em relação ao papel da família na elaboração do projeto de vida as classes trabalhadoras:

[...] frente a uma experiência de sociedade, que se faz sob as formas da insegurança e da instabilidade, da exclusão e da legitimidade de vozes e estratégia de vida, a família se constitui simbolicamente em algo como um ponto fixo em torno do qual homens e mulheres podem contar uma história e montar uma biografia, atribuir sentido às suas existências e montar projetos de futuro, tornando o mundo, no qual estão mergulhados, um mundo plausível de ser vivido. E é nisso que o modelo de chefe provedor se reafirma, como referência de uma vida decente, mesmo que não se realize e nem tenha condições de se realizar plenamente nas situações concretamente vividas. (TELLES, *apud* VIEIRA, BEZERRA e ROSA, 2004)

Além de variáveis ligadas à família e ao trabalho, o alcoolismo é apresentado como um dos principais fatores que levam as pessoas a viverem em situação de rua. Vieira (1995, p. 44) ressalta a importância do álcool como um elemento de integração nos grupos de rua: "nesse processo [socialização na rua], o álcool é um elemento fundamental. Não se fala aqui apenas do alcoolismo, mas do álcool como elemento socializador, que integra o que parece tão fragmentado".

2.2.4 O que dizem os censos

Este tópico inicia-se com a apresentação do grupo de dados de pesquisa nacional realizada em 71 municípios brasileiros. Tal pesquisa não abrange as cidades de São Paulo, Porto Alegre, Recife e Belo Horizonte, tendo em vista que as mesmas desenvolveram estudos próprios. Considerando que os entrevistados desta dissertação pertencem às duas primeiras cidades, os dados estatísticos das mesmas aparecem nos subitens seguintes.

Realizada em 2007 e 2008, a Pesquisa Nacional sobre a População de Rua, feita em parceria entre a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, identificou 31.922 pessoas, predominantemente do sexo masculino (82%), com 18 anos completos ou mais, vivendo em situação de rua em 71 cidades brasileiras.

Essas pessoas vivem em calçadas, praças, rodovias, parques, viadutos, postos de gasolina, praias, barcos, túneis, depósitos e prédios abandonados, becos, lixões, ferros-velhos ou pernoitam em instituições (albergues, abrigos, casas de passagem e de apoio e igrejas). A maioria (69,6%) costuma dormir na rua; 22,1% costumam dormir em albergues ou outras instituições e 8,3% costumam alternar entre dormir na rua e em albergues. Entre aqueles que manifestaram preferência por dormir em albergues, 69,3% apontaram a violência como o principal motivo da não preferirem dormir na rua e 44,3% apontaram a falta de liberdade como o principal motivo de dormirem na rua e, não, em albergue. Os locais utilizados pelas pessoas em situação de rua para tomar banho são a rua (32,6%), os albergues/abrigos (31,4%), os banheiros públicos (14,2%) e a casa de parentes ou amigos (5,2%).

Os principais motivos pelos quais essas pessoas passaram a viver e morar na rua se referem aos problemas de alcoolismo e/ou drogas (35,5%); desemprego (29,8%) e desavenças com pai/mãe/irmãos (29,1%). Dos entrevistados no censo, 71,3% citaram pelo menos um desses três motivos, que podem estar correlacionados entre si ou um ser consequência do outro. Dos entrevistados, 51,9% possuem algum parente residente na cidade onde se encontram, entretanto, apenas 34,3% dos entrevistados mantêm contatos frequentes com os mesmos.

Grande parte da população em situação de rua (70,9%) é formada por trabalhadores que exercem alguma atividade remunerada. A maior parte dos trabalhos realizados situa-se na chamada economia informal: apenas 1,9% dos entrevistados afirmaram estar trabalhando atualmente com carteira assinada. Das atividades apontadas, destacam-se:

catador de materiais recicláveis (27,5%), flanelinha (14,1%), construção civil (6,3%), limpeza (4,2%) e carregador/estivador (3,1%). Apenas 15,7% das pessoas pedem dinheiro como principal meio para a sobrevivência. O relatório da pesquisa destaca a importância desse dado para desmistificar o fato de que a população em situação de rua é composta por “mendigos” e “pedintes”.

Sobre as discriminações sofridas, a maior queixa refere-se ao fato de serem frequentemente impedidos de entrar em certos locais como, por exemplo, estabelecimentos comerciais, Shoppings Centers, transportes coletivos, bancos, órgãos públicos.

A grande maioria (95,5%) não participa de qualquer movimento social ou atividade de associativismo. Apenas 2,9% confirmaram participação em algum movimento social ou associação. 24,8% dos entrevistados não possuem quaisquer documentos de identificação, o que dificulta a obtenção de emprego formal, o acesso aos serviços e programas governamentais e o exercício da cidadania. Somente 21,9% possuem todos os documentos de identificação mencionados na pesquisa.

A tabela seguinte resume os dados sobre o número de moradores em situação de rua encontrados nas principais cidades brasileiras:

TABELA 1
Pessoas em situação de rua - Brasil – 2003/2008

Ano	Local	Total
2003	São Paulo	10.399
2005	Belo Horizonte	1.164
2005	Recife	1.390
2007	Porto Alegre	1.203
2007/2008	71 municípios (exceto locais acima)	31.922
Total		46.078

Fonte: VIEIRA, 2009, p. 4.

2.2.4.1 MSR: São Paulo

O primeiro levantamento da População de Rua na Cidade foi realizado em São Paulo pela Secretaria Municipal da Família e do Bem-Estar Social (Sebes), em parceria com organizações não governamentais, em 1991. Considerou-se como população de rua “aquela que sobrevive da rua e tem a rua, de forma circunstancial ou permanente, como moradia” (VIEIRA, 1995, p. 42).

O levantamento se circunscreveu às áreas centrais da cidade e bairros adjacentes⁷⁴ e procurou identificar o tipo de população e o tempo em que eram utilizados os espaços públicos usados como moradia, sua distribuição espacial e os tipos de logradouros preferidos.

A pesquisa se desenvolveu tendo dois eixos como base: a caracterização da população de rua (perfil e formas de sobrevivência) e a avaliação das formas de atendimento no âmbito das ações públicas e privadas voltadas para essa população. Naquela ocasião, foram identificados 329 pontos de pernoite com 3392 pessoas, sendo 90% do sexo masculino, 65% com menos de 40 anos. Os lugares utilizados preferencialmente como pernoite⁷⁵ foram as ruas e avenidas (60%), seguidos de praças e largos (15,5%). Os viadutos ficaram em terceiro lugar (39%), sendo que, nesses pontos, verificou-se a existência de utensílios de cozinha, móveis e caixas improvisando mesas e armários, o que pode ser interpretado como uma tentativa de reprodução de casa enquanto espaço privativo (VIEIRA *et al.*, 2004). Com relação à escolaridade, observou-se que 5% eram analfabetos, 66,9% cursaram o primeiro grau incompleto, 32% terminaram o primeiro grau, 12% terminaram o segundo grau e 5% têm curso superior.

Estudos posteriores realizados pela mesma Secretaria constataram um aumento progressivo dessa população. Na contagem feita em 1996, chegou-se a um universo de 4549 moradores de rua. Após dois anos, em novo recenseamento, contabilizaram-se 5.334 pessoas. Entretanto, é importante assinalar que esses levantamentos não podem ser utilizados para estimar a população de toda a cidade, tendo em vista que foi realizado somente nas regiões centrais e que não foram incluídos na contagem os que se alojam em casas abandonadas,

⁷⁴ Os locais foram escolhidos a partir do levantamento dos pontos de maior concentração de pessoas. São eles: Regionais da Sé, Lapa, Pinheiros e partes das regionais da Mooca, Penha, Ipiranga, Vila Mariana e Santana (VIEIRA *et al.*, 2004).

⁷⁵ Consideraram-se como pontos de pernoite os lugares públicos como ruas, calçadas, praças, canteiros, a parte externa de prédios e abrigos armados debaixo de viadutos ou terrenos baldios ocupados por no máximo até dez barracos.

mocós e depósitos de papelão. Segundo Vieira (1995; 2004), os números certamente cresceriam caso tivessem sido incluídos na pesquisa, o que poderia ser efetivamente medido por meio de um trabalho censitário.

Após esses estudos, a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe)⁷⁶ criou uma metodologia específica para quantificar essa população e levantar informações sobre as pessoas que moram em albergues e pernoitam nas ruas da grande cidade. O trabalho foi dividido em duas etapas. A primeira consistiu numa observação para a contagem da população de rua. Optou-se por um trabalho noturno e concentrado nos pontos da cidade nos quais os moradores de rua costumam dormir: praças, viadutos, grandes avenidas, áreas comerciais com muito movimento durante o dia e desertas à noite, locais próximos a igrejas e albergues. Na segunda etapa da pesquisa foram realizadas entrevistas com os moradores de rua. A partir delas é que foi traçado o perfil dessa população.

No primeiro censo, realizado em 2000, foram identificados 8.088 moradores de rua. Um pouco mais da metade deles foi encontrada nas ruas da cidade e o restante, em albergues. O perfil seguiu o já constatado anteriormente: a maioria da população é do sexo masculino (85%), com idade média de 40 anos (62% entre 26 e 45 anos). Entre as atividades exercidas, 48,6 % são catadores e os demais são guardadores de carro, vendedores, carregadores e vigias, entre outras ocupações.

O segundo censo, em 2003, mostrou um aumento de 27% da população moradora de rua em relação ao primeiro censo. Foram contadas 10.399 pessoas, sendo que 6.186 em albergues e 4.213 nas ruas. A mesma pesquisa indica que ainda há uma predominância do sexo masculino (83,60%), em idade ativa (70% com 18 a 55 anos) e residente nas ruas há até um ano. A maior concentração dos moradores de rua é na região central da cidade, devido às facilidades apresentadas pela localização. As pessoas em situação de rua se abrigam em “mocós”, dormem em calçadas, sob pontes e viadutos, praças, sob marquises em grandes avenidas, cemitérios, e outros locais de pernoite improvisados. Nesse censo foi apontado, também, o aumento do atendimento a essa população pela Prefeitura, em razão da maior oferta de vagas em albergues.

⁷⁶ A Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas é uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos. Foi criada em 1973 como um órgão de apoio ao Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da Universidade de São Paulo (USP). Tradicionalmente, o foco de pesquisa da Fipe são assuntos estritos da área econômica, mas a fundação também realiza levantamentos e análises na área de políticas sociais.

2.2.4.2 MSR: Porto Alegre

Realizado pelo Laboratório de Observação Social (Labors), órgão vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o *Estudo do Mundo da População Adulta em Situação de Rua de Porto Alegre* teve como objetivo recensear esta população, mapear os locais onde vivem e identificar seus dados étnicos, socioeconômicos e culturais. Além disso, pretendeu-se conhecer as estratégias de trabalho e geração de renda dos moradores de rua, sua relação com as instituições e suas demandas para as políticas públicas.

Os sujeitos da pesquisa foram definidos como “todas as pessoas que se encontrassem em abrigos e albergues destinados ao acolhimento e/ou abrigo temporário, intermitente ou definitivamente, assim como aqueles que se encontrassem em atividades de perambulação/circulação pelas ruas e/ou que dissessem fazer da rua seu local de existência e habitação, mesmo que temporariamente.” (UFRGS, 2007, p. 19).

No estudo foram entrevistados 1.203 moradores em situação de rua, sendo 847 nas ruas e logradouros públicos e 356 dentro de abrigos/albergues de Porto Alegre. Desta população, 81,8% são do sexo masculino. Verifica-se uma relativa concentração etária nas faixas mais jovens da população cadastrada: 71,8% da população tem entre 18 e 44 anos. Dos locais escolhidos para pernoite, cerca de 60% dessa população dorme, cotidiana e prioritariamente, em lugares improvisados que oferecem risco e forte exposição ao ambiente natural e 35% utilizam abrigos e albergues.

No que diz respeito à escolarização, 16% nunca frequentaram a escola, 46,4% frequentaram de forma incompleta o fundamental; 6% concluíram o Ensino Médio e 2,6% ingressaram no nível superior, sendo que 0,7% o completaram.

Em relação aos vínculos familiares, apenas 8,4 % dos entrevistados afirmam contatar a família diariamente e 12, 6% a não veem há mais de um ano. Quase ¼ dessa população (24,5 %) afirma ter perdido o contato com parentes há mais de cinco anos. O motivo atribuído por um quarto dos informantes para o ingresso em situação de rua são os conflitos com parentais e afetivos.

Dos entrevistados, 29,1% ganham mensalmente até meio salário mínimo com atividades como coleta de materiais (22,9%), mendicância (15%), lavagem, guarda e limpeza de carros (12,3%).

Os locais públicos e de grande circulação de pessoas são os preferidos pelo grupo pesquisado para passar o tempo em que estão acordados: 38,8 % dizem preferir as praças, parques, pontes e viadutos e 24% preferem andar pelas ruas, ficar em calçadas e marquises.

No que se refere ao aspecto do *conhecimento* de fóruns, movimentos sociais e ONG's, o Jornal Boca de Rua se destaca: 47,9% pessoas em situação de rua conhecem o jornal. Em segundo lugar, aparece o Orçamento Participativo da Prefeitura de Porto Alegre (37%) e em terceiro (33%), o trabalho do Grupo de Apoio e Prevenção à Aids (GAPA).

Quanto à *participação* em fóruns, movimentos sociais ou ONG's, 36,4% dos entrevistados acusaram participar do Grupo Realidade de Rua, formado por integrantes do Jornal Boca de Rua que participam do Projeto Hip Hop Saúde no GAPA. A segunda entidade mais citada foi o Fórum das Pessoas em Situação de Rua, com 33,8% das citações. Em terceiro lugar, apareceram o Grupo Nuances e o Orçamento Participativo, com o percentual de 33,3% de índice de conhecimento para cada um.

Para concluir esta parte do texto, chamamos a atenção para os dois últimos parágrafos, já que o grupo de MSR entrevistado em Porto Alegre para esta dissertação é composto pelos participantes do Jornal Boca de Rua.

2.2.5 Publicações de moradores em situação de rua

2.2.5.1 A Revista *Ocas* e a seção *Cabeça sem teto*

A Revista *Ocas* (FIG.3) integra a *International Network of Street Newspapers* (INSP), uma rede mundial de 49 publicações vendidas por moradores em situação de rua de 28 países. É publicada pela Organização Civil de Ação Social (OCAS) e tem, como objetivo, não só criar oportunidades de emprego e geração de renda para moradores em situação de rua, mas também utilizar o capital obtido na realização de cursos profissionalizantes para os mesmos.



FIGURA 3: Capa da Revista Ocas
Fonte: Revista *Ocas*, set. 2005.

Os vendedores da revista são moradores (ou ex-moradores) em situação de rua, cadastrados e autorizados para tal, que seguem o código de conduta (FIG. 4) publicado em todas as edições da revista *Ocas*".

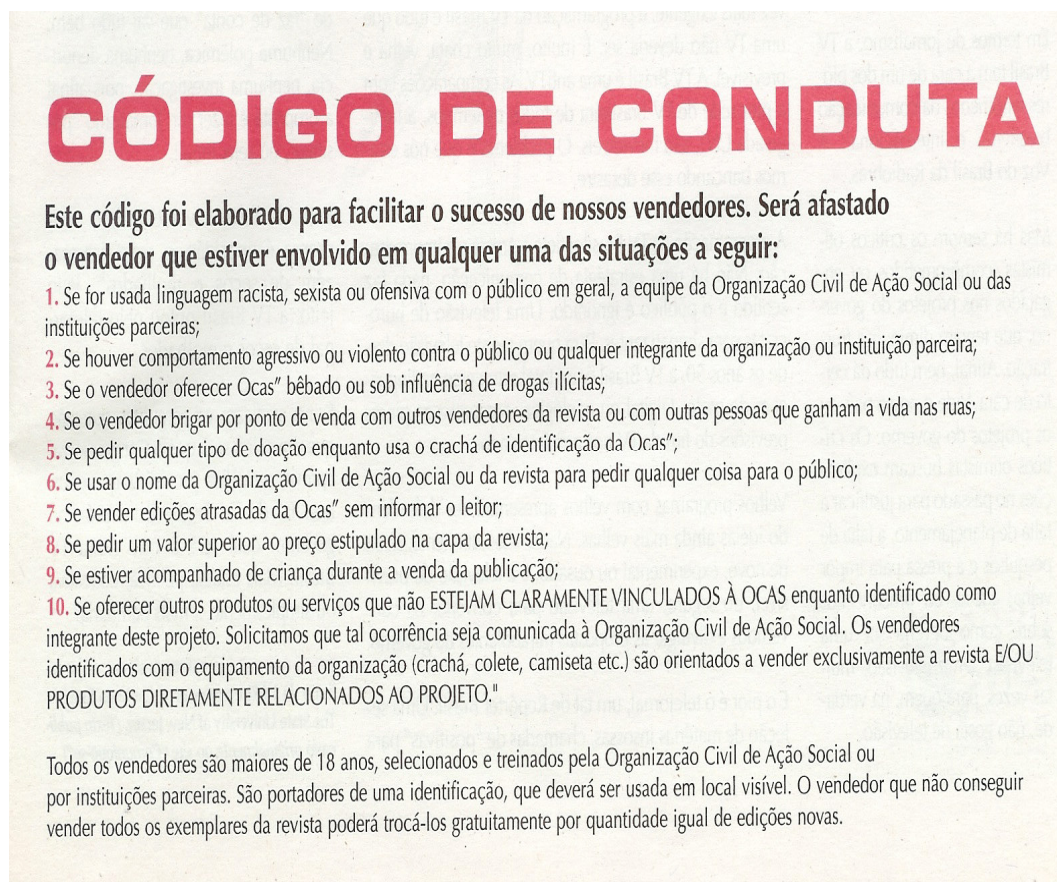


FIGURA 4: Código de conduta para vendedores da Revista Ocas
Fonte: Revista Ocas, nov. 2004, p. 29.

A revista traz temas de interesse geral com enfoque em cultura, política, movimentos de rua e questões sociais e é vendida nas ruas de São Paulo e do Rio de Janeiro pelos MSR's cadastrados pela entidade. A produção das matérias é feita por um grupo de voluntários formado por jornalistas e conta com a participação dos moradores em situação de rua. Até o final de 2007, os MSR's reuniam-se semanalmente para a "Oficina de Criação Ocas"⁷⁷. Nessas reuniões, discutiam os temas e produziam coletivamente os textos para serem publicados na seção "Cabeça sem teto" (FIG. 5). A expressão que dá nome à seção marca o lugar dos MSR's em relação a dois tipos de interlocutor: o colega-leitor (L1), que vende a revista, mas não faz parte da oficina e o comprador da mesma (L2). Tal nome, ao mesmo tempo em que aproxima o autor do texto ao L1, diferencia-o do L2, que compra a revista em sinais de trânsito ou nas bancas e é apenas simpatizante da *Ocas*.

⁷⁷ Atualmente, segundo informações do jornalista responsável pelas oficinas, as reuniões em SP encontram-se suspensas.

texto: Geraldo Gouveia de Moraes e ilustração: Pedro Metallo **cabeça sem teto**

11

Morar na rua é uma sensação de abandono, de desespero e de esquecimento. Como se nós fôssemos esquecidos por todos, vivendo em um mundo de privações.

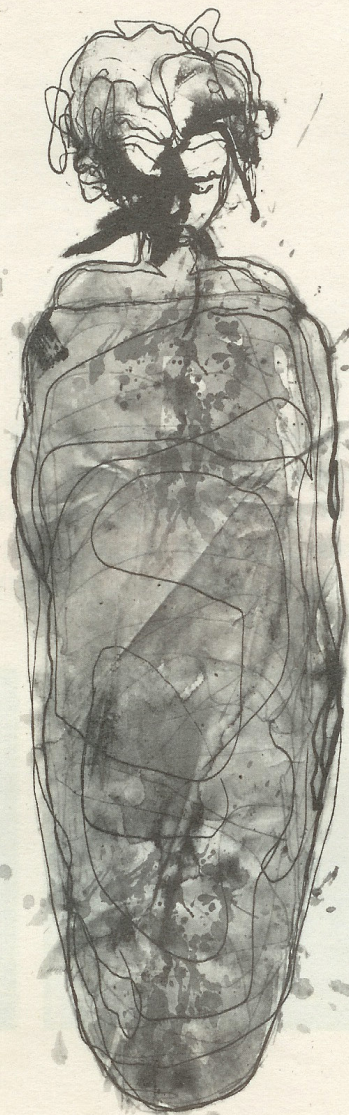
Privação é a falta das coisas mais essenciais. Nós precisamos comer, dormir, tomar banho, amar, ser amado, ser tratado com dignidade. Não temos na rua livre expressão, somos desprezados. É um vazio muito grande e, no meio desse vazio, juntamos as nossas últimas forças para sair da rua e resgatar nossa auto-estima, cidadania e respeito, para poder dar à sociedade um pouco de nós e mais amor ao próximo também.

Há muita dor, medo, tristeza, mágoa, mas nosso maior inimigo é a fome e o frio. Eles fazem parte de nosso dia-a-dia.

A dificuldade de nos comunicarmos é muito grande, pois ninguém nos dá crédito.

Todos nós, moradores de rua, somos vítimas da crise econômica e dos preconceitos. Somos marginalizados e rejeitados pela sociedade, onde as pessoas olham para a gente como se fôssemos seres de outro planeta. Algumas vezes, há pessoas de sentimento, de coração. Nós somos gente! Gente em situação de rua.

Hoje minha filosofia é a paz, o amor. Hoje eu sou luz. Agora



vivo a minha vida. Não pensar no passado, viver no presente e olhar para o futuro. Esta é a mensagem de um ex-morador de rua. ■

O que é a rua como casa?

"É uma aprendizagem da qual se deve tirar o maior proveito enquanto se estiver nela. Tem gente que diz que a maioria das pessoas que mora nas ruas a procuram por vontade própria, sem a necessidade. Mas a maioria procura a rua por necessidade, independentemente de vontade própria."

Jorge Claudir de Messias

"É de manhã acordar com o sol no rosto, o segurança dizendo que ali não é o nosso lugar, é na madrugada dormir com o sereno e com a chuva ao lado, é dormir ao lado do perigo, com o pessoal atormentando, querendo tirar a paz de quem quer descansar. A gente troca a noite pelo dia, porque muitos passam a noite trabalhando e descansam de dia."

Eduardo Fausto da Silva

"A rua não é casa. A rua é uma via pública. A rua é um inferno, onde somos marginalizados, tratados como lixo. Passamos muitas privações e não temos oportunidades. É um lugar onde os nossos direitos não são respeitados. Na rua perdemos os nossos valores, nosso amor próprio, e acabamos nos revoltando com isso. As portas não se abrem para a gente."

Geraldo Gouveia de Moraes

"Com essa casa, ninguém casa."

Carlos Migrante

Você sabe o que é morar na rua?

Após o desespero e o esquecimento, a chance de viver o presente e olhar para o futuro

FIGURA 5: Seção "Cabeça sem teto".
Fonte: Revista *Ocas*, out. 2004, p. 11.

Em entrevista à pesquisadora, o jornalista Márcio Seidenberg, responsável pela Ocas, explicou a dinâmica da oficina⁷⁸:

Pesquisadora: Como é a dinâmica da escrita dos textos na oficina?

Márcio: O trabalho começava com a reunião de pauta. Pedíamos para o grupo trazer sugestões de temas que gostariam de investigar para a revista. Inicialmente, cada um apresentava oralmente a sua proposta, o que gerava atritos, pois havia aquele que queria impor a sua idéia aos demais. Com o tempo, naturalmente o grupo notou que, para que todos tivessem a mesma oportunidade na exposição de suas sugestões, era necessário trazer a pauta por escrito, de forma elaborada: não apenas citando o tema, mas o motivo daquela escolha, a importância, o benefício, etc. Todas as pautas eram apresentadas, discutidas e, ao final da reunião, votadas; a vencedora era automaticamente escolhida para a edição corrente; as demais ficavam arquivadas, e novamente mencionadas em reuniões futuras. A partir da seleção do tema, a dinâmica variava. Às vezes saíamos para realizar apuração, em outras ocasiões definíamos o que caberia a cada componente do grupo providenciar. Os textos eram escritos individual ou coletivamente, e eram lidos e comentados por todos. A edição final era muitas vezes a compilação desse material, (que era maior do que o espaço reservado na revista), o que os integrantes geralmente compreendiam, afinal o texto em si é consequência natural do trabalho, e não é mais importante que o processo que o desencadeou.

2.2.5.2 O Livro *Terapia de todos nós*

Em junho de 2003, sob a orientação da psicóloga Maria Alice Vassimon, do Grupo de Estudos e Trabalhos Psicodramáticos (GETEP), o grupo de vendedores da Ocas começou a se reunir na sede da organização para encontros terapêuticos semanais que duravam uma hora e meia. Dois anos depois, resolveram publicar esses encontros em um livro que recebeu como título “Terapia de todos nós” (FIG. 6).

⁷⁸ A entrevista completa pode ser lida no APÊNDICE G.

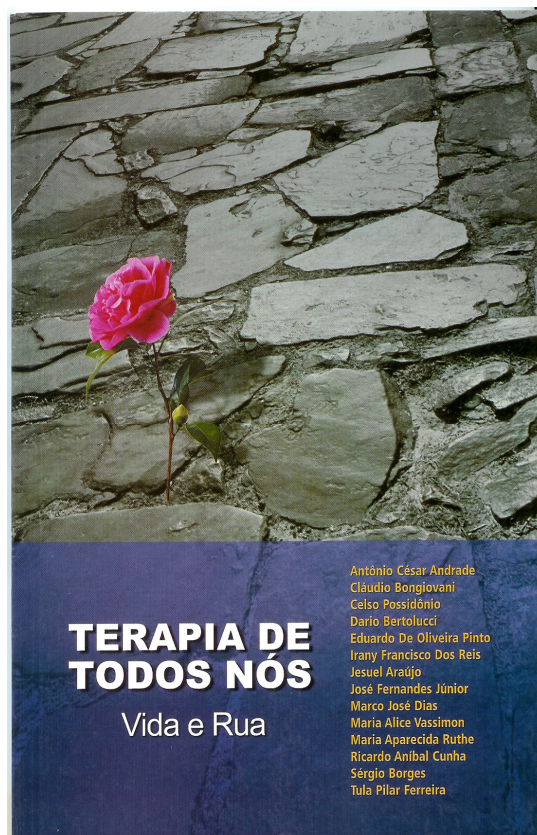


FIGURA 6: Capa do livro “Terapia de todos nós: vida e rua”
 Fonte: ANDRADE *et al.*, [2005]

Os nomes dos autores aparecem na capa, entretanto, os mesmos não são identificados no interior do livro, o que é compreensível, tendo em vista que os relatos refletem o processo terapêutico. Assim sendo, a introdução e alguns dos textos são assinados por “um dos rapazes”. O livro é organizado nos seguintes capítulos: “A história de cada um”; “A rua e as drogas”; “Itinerário de um drogado”; “A relação com a realidade – discriminação”; “A solidariedade”; “O desenvolvimento pessoal – relacionamento”; “Vida no presente”; “Nossos encontros” e “Essências”. Abaixo de cada título, aparecem as falas dos participantes da oficina, marcadas por travessão e, alternadamente, por letras em itálico⁷⁹. Segundo a psicóloga, as falas foram registradas exatamente como ditas. As intervenções da terapeuta aparecem sem as marcas anteriores. Alguns textos são ilustrados com desenhos feitos nas sessões para representar sentimentos, fatos e/ou pessoas.

⁷⁹ Com exceção de dois capítulos - “Itinerário de um drogado” e “Essências”- que apresentam textos de um só autor.

2.2.5.3 O jornal *O Trecheiro* e a coluna *Direto da Rua*

O Trecheiro (FIG.8) é publicado mensalmente pela Associação rede Rua, em São Paulo. O jornal trata de “notícias do povo da rua”. As matérias que o compõem são escritas por jornalistas, mas há espaços em que são publicados poemas ou outros textos escritos por moradores em situação de rua. Há uma coluna denominada “Direto da rua” (FIG.7) que apresenta textos escritos por Sebastião Nicomedes⁸⁰. Em entrevista dada para esta pesquisa, o autor informou sobre a origem do nome:

Foi brincando eu falei: “pô’ tem o “Direto de Nova Iorque”, outro que tá falando “Direto de Los Angeles”, vamos botar ‘Direto da rua’” [...] ele é, é da rua mesmo, fiquei até em dúvida de “Direto” e “Direito” aí ficou sendo “Direto”.

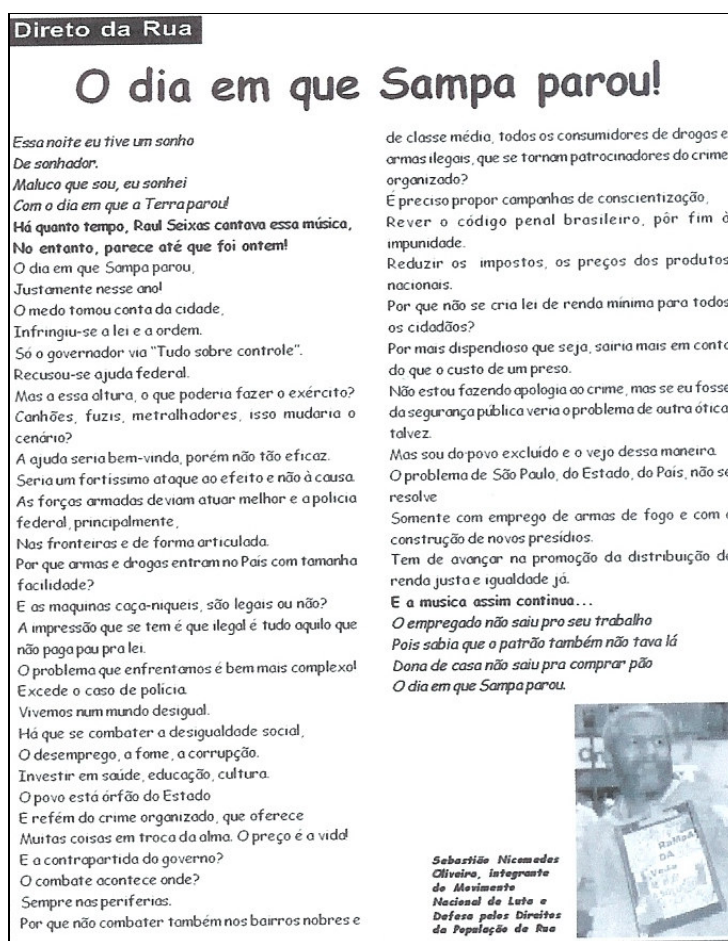


FIGURA 7: A coluna “Direto da Rua”.

Fonte: *O Trecheiro*, ago. 2006, p. 2.

⁸⁰ Conforme mencionado anteriormente, trata-se de um ex-morador de rua.

IMPRESSO

O



Trecheiro

Nº 155
Ano XVII
maio de 2007

Notícias do Povo da Rua

Rede Rua de Comunicação - Rua Sampaio Moreira, 110 - Casa 9 - Brás - 03008-010 São Paulo SP - Fone - 3227-8683 - 3311-6642

Olha o Papa! Olha o rapa!





As denúncias da expulsão das pessoas em situação de rua dos espaços do Centro da cidade cresceram com a vinda do Papa. O Trecheiro foi às ruas e queira Deus que o Papa e o Prefeito ouçam o povo da rua!

"Santo Padre Bento, o povo da rua espera sua mensagem porque é tratado como lixo"- frase escrita em alemão na faixa da Pastoral do Povo da Rua.

"A gente não está valendo nada para a sociedade. Eu era carroceiro, o rapa já levou três carroças minhas. Eles levam e se não deixar levar, a gente apanha. Criei meus cinco filhos puxando carroça na rua. Já tentei entrar na catedral e fui colocada para fora porque estava suja e rasgada. Só entra quem está com dinheiro no bolso, unhas pintadas, brinco de ouro e cordão. Se tirarem a gente daqui vão levar para onde? Eles querem esconder do Papa, eles têm que mostrar a verdade. Só quem está nessa vida sabe o que é isso." Valéria Aparecida Ribeiro, 32 anos - 25 anos morando na Praça da Sé.

"É desnecessário tirar a gente daqui. Por quê? Pra mostrar que é bonito o Brasil? Achar que aqui é um mar de rosas? A gente que mora na rua sabe o que se passa com o frio, chuva, fome... não é fácil essa vida. A gente vai para onde saindo daqui?" Paulo Rogério Assis Andrade, 32 anos - três anos morador da Praça da Sé

"Vai sair daqui e vai dormir onde? Eu acho isso uma injustiça. Eu já dormi muitas vezes aqui na praça porque não tinha vaga nos albergues." Edno Vicentini, 43 anos - oito meses morando na Praça da Sé

"Gostaria de pedir que o Papa se voltasse mais para o ser humano e enxergasse a realidade: a fome e a injustiça." Jonas Ferreira Bahia - ex-morador de rua e acampado do MST

"Vai tirar todo mundo da rua, mano? Olha o tanto de maloqueiro que tem aqui na praça?" Francisco José Pereira, 27 anos - três anos morador da Praça da Sé.

"Os GCMs querem tirar todos os moradores de rua para o Papa chegar e ver a cidade bonita. Isso aqui para mim é o inferno, é o fim. Eles estão querendo esconder a gente. Somos pessoas de bem." André de Souza, 30 anos - três anos morador da Praça da Sé

"A gente não tem lugar para ficar. A gente que trabalha de camelô, por causa da chegada do papa, o rapa tira a gente toda hora. Já que ele é um santo, que é igual a Deus, então deveria ajudar a gente e não complicar a vida da gente." Quiteria Araújo, 38 anos - dois anos moradora da Praça da Sé

Em Salvador surge a Aurora da Rua

Novo veículo de comunicação tem como objetivo a inclusão social e a geração de renda

Fabiano Viana
Começa uma nova experiência de comunicação alternativa e inclusão social para as pessoas em situação de rua de Salvador. É o jornal *Aurora da Rua* com diagramação e layout que convida o leitor a conhecer a população de rua e os assuntos relacionados a ela de uma forma própria da cultura baiana. Notícias, cartas, artes, espiritualidades, biografias são algumas das colunas que compõem o jornal. Lançado oficialmente no dia 24 de março deste ano, o jornal trouxe uma proposta pioneira para o Nordeste: uma comunicação que gera renda e inclusão.

"Nestas noites das noites da rua, eu canto a aurora. Nestas noites escuras sem lua, eu canto a aurora. Um sorriso de dor, a ternura... Aurora da Rua...", inspirado nesta poesia escrita por Henrique Peregrino, foi que surgiu o nome do novo jornal.

"Ao ler o *Aurora da Rua*, o leitor é convidado a um novo olhar sobre o povo da rua. Quem compra o jornal participa da transformação da sociedade", ressalta os coordenadores do jornal.

Publicações que já existem no Brasil voltadas à população de rua, como o jornal *O Trecheiro* em São Paulo (1991), a revista *Oxas*, sain-



Janeiro (2002), o jornal *Boca de Rua* em Porto Alegre (2000) e o recém-nascido, *Aurora da Rua*, nascem entre outras razões, da indignação pela forma preconceituosa como a grande imprensa se dirige à população de rua. Foi a partir dessa preocupação comum, que o francês Henrique Peregrino, em 2006, idealizou o *Aurora da Rua* como meio de socialização e geração de renda para a população de rua de Salvador.

Henrique, que está há sete anos à frente da Comunidade da Trindade, projeto que acolhe moradores de rua de Salvador, percebeu que havia chegado a hora de mudar essa visão da comunidade da Trindade sobre o morador de rua.

"É uma iniciativa que traz para a Bahia, pela primeira vez, o conceito de 'jornal da rua', disse ele. Hoje, o *Aurora*, não é mais um ideal, mas uma concretização. O projeto conta com a participação de 20 voluntários, entre jornalistas, empresários, estudantes e membros da Comunidade da Trindade e, atualmente, são cerca de 15 vendedores.

De acordo com a coordenação do jornal, o *Aurora* é um ideia simples e poderosa. "Moradores de rua ao venderem o jornal passam a ter fonte de renda e deixam de ser a mão que pede esmola, para a mão que se transforma ao oferecer o jornal e em troca recebe dignidade, renda e auto-

estima". A participação dos moradores de rua não se restringe somente à venda, mas, também, na definição de pauta e redação de matérias, como é o caso da Boca de Rua e da OCAS.

Para ser um vendedor, a pessoa precisa passar por uma formação de uma semana e assumir o código de conduta, escrito pelos próprios moradores de rua na primeira formação que ocorreu em fevereiro. "É uma oportunidade de recomeçar a vida a partir de uma virada econômica", explica Edcarlos Cerqueira, responsável pela formação dos vendedores.

Esses novos "micro-empresários", assim denominados pela equipe do jornal, a princípio, recebem gratuitamente dez exemplares e com a venda destes compram os exemplares seguintes. O jornal é vendido pelo preço de R\$ 1,00. Deste valor, R\$ 0,75 centavos ficam para o vendedor e R\$ 0,25 são destinados aos gastos de impressão. Segundo informação da coordenação, em apenas um mês foram vendidos cerca de 2500 exemplares.

"Esperamos que o jornal desperte políticas públicas para a problemática da rua. Além disso, queremos criar novas relações entre os moradores de rua e a população da cidade", conclui a coordenação do *Aurora da Rua*.

Dia de Luta do Povo da Rua

17ª. edição

Chega de preconceito e exclusão

Políticas Públicas são:
Atendimento digno à saúde;
Capacitação produtiva; Alternativas definitivas de moradia;
Geração de trabalho e renda;
Oportunidades de cultura e lazer

Dia 25 de maio de 2007
13 horas
Câmara Municipal de São Paulo

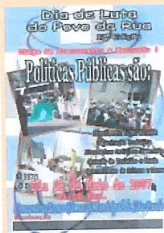


FIGURA 8: Primeira página de *O Trecheiro*
Fonte: *O Trecheiro*, maio, 2007.

2.2.5.4 O jornal *Boca de Rua*

O *Boca de Rua*⁸¹ (FIG. 9) é um periódico produzido desde 1999 por moradores em situação de rua de Porto Alegre, sob a supervisão da Agência Livre para Informação e Cidadania (Alice). Em oficinas que acontecem semanalmente, os próprios MSR's fazem a pauta, as reportagens e as ilustrações, além de venderem o jornal. A edição final e a diagramação do *Boca de Rua* conta com a participação de profissionais de comunicação. A jornalista Natália Ledur, em entrevista à pesquisadora⁸², explica a dinâmica das oficinas:

Os textos são escritos coletivamente, em grupos cujo número de integrantes varia conforme a edição. O grupo vai construindo o texto verbalmente e um integrante é responsável pela escrita dos textos, juntando o que os outros estão falando. [...] No início de cada edição decidem-se as pautas para o próximo jornal. Assim, quase sempre são publicados os textos resultantes dessa votação de temáticas a serem abordadas. Em alguns casos, os textos ficam muito extensos e são cortados no processo de edição. Em outros momentos, surgem novas idéias que resultam em mais textos do que o previsto, de modo que não há espaço no jornal para todos. Quando isto ocorre, as matérias atemporais são guardadas para publicação em outra ocasião – são as “matérias de gaveta”.

A publicação é trimestral, com tiragem de 10 mil exemplares. Os jornais são vendidos a R\$ 1,00, e a renda é integralmente revertida para os integrantes do grupo, constituindo uma fonte alternativa de renda. A equipe é composta por 30 adultos e 15 crianças e adolescentes, mas somente os adultos, devidamente identificados com crachá, podem vender o jornal. Os menores de 18 anos participam de oficinas lúdicas e educativas, que geram o *Boquinha*, um encarte especial. Os pais desses menores ou seus responsáveis recebem uma ajuda de custo semanal a manter os jovens longe do trabalho infantil. Todo o trabalho conta com a colaboração de uma equipe multidisciplinar formada por educadores e psicólogos.

⁸¹ Assim como a Ocas, o Boca de Rua integra a *International Network of Street Newspapers* (INSP)

⁸² A entrevista completa pode ser lida no APÊNDICE H.



FIGURA 9: Primeira página do Jornal *Boca de Rua*
Fonte: Boca de Rua, out./nov./dez., 2008.

2.2.5.5 O livro *Histórias de Mim – escrituras do povo de rua*

Histórias de Mim – escrituras do povo de rua (FIG.10) também é um projeto da Alice. O livro foi produzido nas oficinas de Escrita Livre, ministradas durante um ano pelo psicólogo e voluntário do *Boca de Rua*, Manoel Luce Madeira.

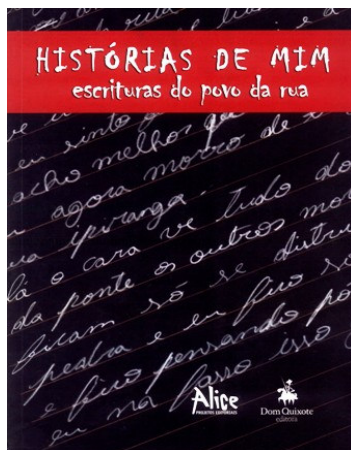


FIGURA 10: Capa do livro *Histórias de mim: Escrituras do povo da rua*.
Fonte: MADEIRA, 2007.

Na introdução, o psicólogo conta sobre a dinâmica da produção do livro.

O espaço se chamou Histórias de Rua, pois o grupo era estimulado a escrever alguma história – ou estória – que tivesse a rua como palco. Para tal, formava-se um pequeno grupo constituído por aqueles que se diziam interessados no trabalho e ofertava-se a cada membro um caderno e uma caneta. O encontro sempre era ilustrado com um texto – que podia ser de oficinas anteriores de algum literato -, com o objetivo de ilustrar, inspirar, dar idéias. Após a leitura, se tentava escrever. Aqueles que diziam ter grandes dificuldades com a escrita, pediam o auxílio de algum companheiro. Sendo os encontros semanais, havia os que levavam o material consigo com a promessa de trazê-lo na reunião seguinte prenhos de algum rabisco. Por acordo entre oicineiro e os participantes, algumas correções ortográficas foram feitas, haja vista a vergonha manifestada por estes em cometer certos “erros”. Porém, buscou-se manter a linguagem, a forma de escrever e, amiúde, as variações menos evidentes da norma culta e as que denotavam o forte caráter oral dos textos. (MADEIRA, 2007, p. 13)

Segundo o psicólogo, as oficinas de escrita aconteceram em 2006 e duravam em média uma hora e meia. Quarenta e oito textos, incluindo relatos, poesias, músicas, entre outros, de vinte autores compõem o livro. Madeira (2007, p. 13) ressalta que “nenhum texto foi declaradamente ficcionado: os sujeitos sempre diziam que o que haviam escrito era a expressão da realidade”. Não houve também, segundo o coordenador, a preocupação com

grandes apelos literários. O que se valorizava, nesses momentos, eram as possibilidades de expressão e não o “bem escrever”.

2.2.5.6 O livro *Cátia, Simone e outras marvadas*

Escrito por Sebastião Nicomedes, trata-se de um livro de prosas e poesias que misturam fragmentos autobiográficos e histórias inspiradas naquilo que se passa na vida dos MSR. A capa (FIG. 11) é feita com papelão comprado em cooperativa de material reciclado e pintado por filhos de catadores. No miolo do livro, é utilizado papel reciclado industrializado.

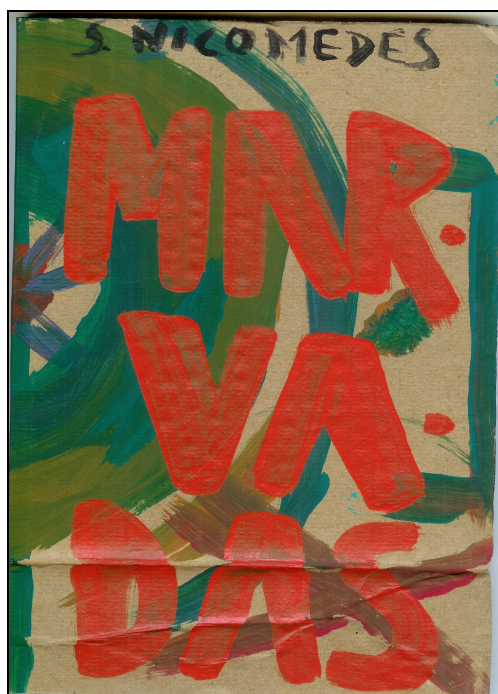


FIGURA 11: Capa do livro *Cátia, Simone e outras marvadas*.
Fonte: NICOMEDES, S. 2007.

O livro faz parte de um acervo de 35 títulos publicado no projeto Dulcinéia Catadora. O projeto é desenvolvido por artistas plásticos, escritores, catadores e filhos de catadores de material reciclável. Segundo o site Meio Tom⁸³, trata-se de um projeto auto-sustentável, derivado do “Eloísa Cartoneira”, na Argentina, que visa a valorização e inclusão

⁸³ <http://meiotom.sites.uol.com.br/>

social do catador, além de abrir novas possibilidades de atividades profissionais e desenvolver o potencial artístico dos participantes.

Além desse livro, Nicomedes escreveu duas peças teatrais - “Diário dum Carroceiro” e “Bonifácil” - e é autor da coluna “Direto da Rua” do jornal *O Trecheiro*.

2.2.5.7 Textos do Concurso *Histórias de minha vida*

O 4º concurso *Histórias de minha vida* foi realizado pelo Movimento pelos Direitos da População de Rua de São Paulo e teve, como objetivo, incentivar o hábito da escrita e leitura da população em situação de rua.

Segundo o regulamento, poderiam participar do concurso “os cidadãos em situação de rua, moradores de rua, abrigos, hotéis sociais, moradia provisórias, ocupações, locações sociais, favelas e cortiços de ambos os sexo e faixas etárias, cor e credo religioso”.

Cada inscrito pôde participar com uma história, que deveria ser inscrita em uma das categorias: história real ou história fictícia. Os trabalhos inscritos na primeira categoria deveriam conter: “a) Motivo pelo qual foi parar na rua. b) Motivo que levou a ficar em situação de rua; c) Referencial do local em que tudo começou; d) Como espera sair dessa situação”. Já os inscritos na categoria ficcional deveriam contar: “a) Em que se baseia sua história; b) Como se sente inserido nesta história; c) E qual o principal objetivo do seu personagem”. Os trabalhos poderiam ser entregues, até o dia 12 de setembro de 2008, digitados em até 2 páginas ou escritos a mão em, no máximo, 4 páginas.

A divulgação dos resultados e entrega dos prêmios foi feita no dia 17 de setembro do mesmo ano em uma confraternização que reuniu não só os participantes do concurso, mas também outros MSR's que costumam frequentar os eventos promovidos pela Rede Rua. Os primeiros lugares de cada categoria receberam um troféu, um certificado e R\$ 50,00. Os segundos colocados receberam um troféu e R\$ 30,00. Os terceiros colocados receberam um certificado e R\$ 20,00. O texto vencedor foi publicado no Jornal *O Trecheiro* em novembro do mesmo ano e encontra-se no ANEXO A.

CAPÍTULO 3

CORPUS, PROCEDIMENTOS E METODOLOGIA DE PESQUISA

[Morar na rua] é de manhã acordar com o sol no rosto, o segurança dizendo que ali não é o nosso lugar, é na madrugada dormir com o sereno e com a chuva ao lado, é dormir ao lado do perigo, com o pessoal atormentando, querendo tirar a paz de quem quer descansar. A gente troca a noite pelo dia, porque muitos passam a noite trabalhando e descansam de dia. (SILVA, 2004)⁸⁴.

Conforme já mencionado, o objetivo principal deste estudo é verificar como as práticas de leitura e de escrita do MSR contribuem para a construção da imagem do MSR em seu discurso. A hipótese é que o morador em situação de rua, ainda que seja um sujeito de baixo poder aquisitivo, lida com uma gama de textos escritos e participa de diferentes práticas, individuais ou coletivas, de leitura e de escrita. Na condição de escritor e/ou leitor, o MSR atribui valor social à escrita e busca, por meio dela, ser (re) conhecido para, então, ascender a um patamar social até então não acessível. A partir desse objetivo e da hipótese, definimos a metodologia e procedimentos de coleta e análise de dados descrita adiante.

⁸⁴ SILVA, Eduardo Fausto da. Você sabe o que é morar na rua? *Revista Ocas*. Nº 27, out., 2004, p 11

3.1 METODOLOGIA e PROCEDIMENTOS

3.1.1 A coleta de dados

Para a coleta de dados, utilizamos o levantamento bibliográfico e a pesquisa de campo. No levantamento bibliográfico, feito com o objetivo de identificar o conhecimento disponível sobre o assunto, estudamos as características gerais da população moradora de rua. Como fontes de pesquisa, foram utilizados livros, periódicos, trabalhos acadêmicos, pesquisas governamentais, além dos sites e materiais publicados por associações e instituições voltadas para moradores em situação de rua.

Através da pesquisa bibliográfica, tomamos conhecimento de publicações específicas voltadas para a população moradora de rua, tais como a Revista *Ocas*, o Jornal *O Trecheiro* e o Jornal *Boca de Rua*, publicados respectivamente pela Organização Civil de Ação Social (OCAS), Associação Rede Rua e pela Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação (Alice).

A opção pela pesquisa de campo foi tomada a partir da verificação da necessidade de termos um contato face a face com o grupo pesquisado, o ambiente e o objeto investigado. Inicialmente, essa pesquisa seria feita com os MSR's de Belo Horizonte (BH), cidade onde reside a pesquisadora. Entretanto, como não se constatou a existência de publicação de textos produzidos por esse grupo em BH, optamos por entrevistar os MSR's em São Paulo, cidade em que fica a sede da revista *Ocas* e do Jornal *O Trecheiro* e em Porto Alegre, onde é produzido o Jornal *Boca de Rua*.

3.1.2 Caracterização das organizações que promovem as publicações

3.1.2.1 A Organização Civil de Ação Social (OCAS)

A *Organização Civil de Ação Social*, como já dito, é responsável pela publicação da revista *Ocas*. A organização mantém, através de voluntários e parcerias, os programas: a) *Psicodrama*: onde foi gerado o livro “Terapia de Todos Nós – Vida e Rua”, sob a orientação de uma psicóloga; b) *Projeto Metuia*: coordenado por terapeutas ocupacionais, com a colaboração de alunos da USP; c) *Oficina de criação*: com voluntários de áreas profissionais

diversificadas que orientam os vendedores a criarem textos, fazerem fotos e outras atividades artísticas, dando origem à seção “cabeça sem teto”, publicada na revista; c) *Projeto esportivo*: desenvolvido pela *Homeless World Cup*, um evento mundial que busca, através dos esportes e particularmente do futebol, a oportunidade de colocar em discussão questões como a pobreza e a falta de moradia no mundo. O Brasil participou das seis Copas da Homeless World Cup: na Áustria, Suécia, Escócia, África do Sul, Dinamarca e na Austrália e é um dos candidatos a sediar a oitava copa. Dois dos entrevistados desta pesquisa representaram a Ocas na Copa da Dinamarca, onde fizeram palestras para outros grupos participantes.

3.1.2.2 A Rede Rua

Segundo dados do site⁸⁵, desde 1980 a Rede Rua promove comunicação a partir dos excluídos, documentando e assessorando a comunicação de movimentos, entidades e grupos sociais e populares. Além do jornal *O Trecheiro*, a rede mantém projetos que incluem: a) o albergue *Pousada da Esperança*, que atende diariamente 120 homens em situação de rua oferecendo-lhes abrigo, alimentação e condições de higiene; b) a *Associação de Catadores Reciclando a Esperança*, um projeto de reciclagem que possibilita alternativas de geração de renda; c) o *Núcleo Santo Dias*, que presta atendimento diário a 80 homens, desenvolvendo oficinas e encaminhando para cursos de profissionalização; d) o *Refeitório Comunitário Núcleo de Serviço e Convivência*, que oferece cerca de 500 refeições diárias, entre café da manhã, almoço e jantar, além de atividades sócio-educativas, como oficinas de artesanato, de comunicação, palestras, entre outras; e) a *Moradia Provisória*, que oferece moradia para 30 homens, em duas casas, em regime de cogestão. Alguns dos entrevistados em São Paulo fizeram referência ao trabalho de reciclagem, à distribuição de alimentos e à Moradia Provisória oferecidos por projetos dessa Rede.

3.1.2.3 A Alice

A Alice é formada por jornalistas e profissionais de diversas áreas. Segundo o site⁸⁶, essa ONG tem, como objetivo, “desenvolver projetos de comunicação voltados para a área social; discutir o comportamento, a ética e as tendências da grande imprensa; formar leitores críticos; e contribuir para democratizar e qualificar a informação no país”. Além do

⁸⁵ <http://www.rederua.org.br/>

⁸⁶ http://www.alice.org.br/portal/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1

jornal *Boca de Rua* e do *Boquinha*, a Alice desenvolve os seguintes projetos: a) *Telecentro Alice*, destinado a promover a inclusão digital dos moradores de rua aos recursos de informática e das telecomunicações, junto ao Parque da Redenção; b) as oficinas “*Des(dez)mandamentos da mídia*”, que “têm o objetivo de proporcionar aos leitores (em especial os educadores, estudantes do ensino regular e trabalhadores do chamado Terceiro Setor) uma leitura clara dos mecanismos de manipulação utilizados pela chamada grande imprensa e também capacitá-los para multiplicar este conhecimento”; c) o projeto “*Retalhos – Contos sem Fadas das avós do século 21*”, realizado em parceria com o grupo Renascer de Terceira Idade da cidade de Bagé (RS), que desenvolve um trabalho de resgate do universo feminino das primeiras décadas do século passado para publicar, em forma de livro-almanaque, as histórias, receitas, benzeduras, simpatias, fórmulas medicinais caseiras, música e vocabulário de mulheres com idade entre 60 e 90 anos; d) o projeto *Saideira – Encontros Periódicos sobre Comunicação*, que se propõe reavivar o hábito dos encontros de jornalistas ao final de cada edição do jornal. Os encontros, realizados mensalmente em um bar da cidade, contam com a participação de convidados, jornalistas e estudantes de comunicação, que discutem temas focados na atuação ética da imprensa, tendências, polêmicas, contextualização e resgate histórico da comunicação no País.

3.1.3 Procedimentos adotados na coleta de dados

Katz (*apud* GIL, 2002, p. 132) sugere alguns procedimentos que auxiliam a coleta de dados e que procuramos seguir: a) buscar apoio das lideranças locais; b) aliar-se a pessoas ou grupos que demonstrem interesse pela pesquisa; c) fornecer aos membros da comunidade as informações obtidas; d) preservar a identidade dos respondentes.

Iniciamos nossa pesquisa buscando o auxílio dos diretores, pessoal administrativo e jornalistas ligados à *Ocas* e ao *Boca de Rua*. Os primeiros contatos com a *Ocas* se deram, via e-mail e telefone, no final de 2006, época em que foi iniciada a pesquisa bibliográfica. Os contatos com os responsáveis pelo *Boca de Rua* foram feitos a partir de setembro de 2008. Os dois grupos, além de se disponibilizarem para dar as informações necessárias, contribuíram com o envio de jornais e revistas pelo correio e se dispuseram a agendar os horários e ceder o local para as entrevistas. Tanto os responsáveis pelo primeiro grupo quanto os do segundo receberam informações sobre os objetivos desta pesquisa, as condições para a participação

dos sujeitos informantes e a forma como seriam conduzidas as entrevistas, passando as informações aos entrevistados.

Dois MSR's aqui entrevistados também viabilizaram o contato com o grupo de São Paulo: um deles, ex-vendedor da *Ocas* e participante ativo nas atividades promovidas pela ONG. O outro, um líder no Movimento Nacional da População de Rua (MNPR). Os dois foram citados de maneira respeitosa em vários momentos das entrevistas. Esse último possibilitou o contato com os organizadores do concurso “História de minha vida”, promovido pelo “Movimento pelos direitos da população em situação de rua de São Paulo”, que autorizaram que a pesquisadora assistisse à entrega dos prêmios e realizasse as entrevistas com os vencedores e/ou participantes do Concurso.

Fairclough (2001) sugere a ampliação do *corpus* em algumas pesquisas. Essa ampliação pode ocorrer através de julgamento ou de entrevistas com pessoas que tenham algum tipo de relação significativa com a prática social que se analisa, considerando-se os aspectos da amostra. Segundo o linguista:

Há várias maneiras pelas quais um *corpus* pode ser ampliado com dados suplementares. Pode-se, por exemplo, obter julgamentos sobre aspectos de amostras do discurso no *corpus*, com base em painéis de pessoas que estão em alguma relação significativa com a prática social em foco. [...] O ponto a enfatizar é que entrevistas, painéis, etc. são amostras adicionais de discurso. É uma maneira pela qual podem ampliar o *corpus* e simplesmente acrescentá-las. O *corpus* poderia ser considerado não como totalmente constituído antes do início da análise, mas aberto e com possibilidades de crescimento em resposta a questões que surgem na análise. (FAIRCLOUGH 2001, p. 277-288)

Em nossa pesquisa, optamos por ampliar o *corpus* utilizando questionários com os jornalistas responsáveis pelas oficinas do Jornal Boca de Rua e da Revista Ocas. As perguntas feitas para esses profissionais, conforme se vê a seguir (FIG.12), relacionam-se às práticas de leitura e escrita realizadas nas oficinas de textos por eles conduzidas. As informações dadas foram utilizadas na interpretação dos dados⁸⁷.

⁸⁷ Os questionários respondidos encontram-se no APÊNDICE G e H.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS Práticas de leitura e escrita de moradores em situação de rua A) NOME DO ENTREVISTADO: B) QUESTIONÁRIO: 1. De quanto em quanto tempo acontece a oficina? 2. Há algum critério alguma restrição para a participação nas oficinas? Qual (is)? 3. Como é a sua participação na oficina? 4. Há outras pessoas que participam da coordenação da oficina? Como essas pessoas atuam? 5. Quantos moradores em situação de rua participam da oficina? Há participantes mais assíduos? 6. Há atividades de leitura nas oficinas? Em caso positivo, que tipo de atividades? 7. Como é a dinâmica da escrita dos textos na oficina? 8. Os participantes escrevem os textos individualmente, em duplas, em grupo? 9. Você interfere na elaboração dos textos? Como? 10. Que critérios são utilizados para a escolha dos textos que serão publicados na seção “Cabeça sem teto”? 11. Você percebe a preferência pela escrita de algum tipo/gênero de texto? Em caso positivo, que tipo/gênero são preferidos? Como você percebe essa preferência? 12. Os participantes apresentam resistência à escrita de algum tipo/gênero de textos? Em caso positivo, em quais gêneros/tipos? Como você percebe essa resistência? 13. Há participantes que trazem textos escritos fora da oficina? 14. Os participantes têm o hábito de leitura? Como demonstram isso? 15. Os participantes demonstram preferência por algum escritor? Em caso positivo, qual? Como demonstram isso? 16. É comum a citação de nomes de autores ou partes de textos na elaboração dos textos? 17. Em sua opinião, por que os moradores em situação de rua participam das oficinas de criação da revista Ocas/Boca de Rua?

FIGURA 12 - Questionário para jornalistas responsáveis pelas oficinas com MSR.

3.1.4 As entrevistas

A participação dos entrevistados consistiu em responder a uma entrevista oral, feita individualmente e gravada em um aparelho de gravação digital e em fita K7.

Antes de responder às perguntas, os entrevistados leram (ou ouviram a leitura) e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁸⁸. Nesse termo, foram informados sobre o objetivo da pesquisa, as características gerais dos sujeitos participantes, a forma como seriam conduzidas a entrevista e a divulgação dos resultados. Após a leitura do TCLE, os entrevistados viram um exemplo de como os textos de sua autoria poderiam ser identificados na dissertação⁸⁹ para, em seguida, optarem por assinar ou não a autorização para o uso, nesta pesquisa, de textos produzidos por eles⁹⁰. Por unanimidade, os sujeitos solicitaram que seus textos escritos fossem identificados.

⁸⁸ Ver apêndice A

⁸⁹ Ver apêndice D

⁹⁰ Ver apêndice B e C.

3.1.4.1 As perguntas feitas

O roteiro de perguntas (FIG.13) foi elaborado previamente pela pesquisadora⁹¹, entretanto, o mesmo serviu apenas como um ponto de apoio para a abordagem dos temas pretendidos: história de vida, práticas e valores da leitura e escrita. Assim sendo, a entrevista não se ateve à ordem, à leitura das perguntas e nem mesmo à restrição do tema. Assuntos não previstos no roteiro, mas abordados na conversação, que pudessem ser relevantes para a pesquisa, também foram considerados. Na condução da entrevista, procurou-se dar um tom informal, para que os entrevistados se sentissem à vontade para falarem de si⁹².

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM MSR	
A. Dia a dia. “Conte-me como é o seu dia a dia”.	
B. História de vida. “Conte-me a sua história de vida: onde nasceu, sua família, como vive”.	• Cidade de origem; • Vida familiar. Até que idade você morou com sua família? O que fez com que você deixasse de morar com sua família? Você se casou? Mora com alguém? • Fatos marcantes em diferentes épocas da vida • Escolaridade: • Moradia: Tipo/local de moradia em situação de rua. Motivo pelo qual foi parar na rua. Motivo que o levou a permanecer ou não em situação de rua
C. Hábitos de Leitura	• Você costuma ler? Em caso negativo: 1. Por que não lê? Gostaria de ler? 2. O que a leitura pode mudar na vida de uma pessoa? Em caso positivo: 1. O que você costuma ler? Por que lê? Com que frequência você lê? 2. Quando você criou o hábito da leitura? 3. Há algum motivo especial que fez com que você criasse esse hábito? 4. O que a leitura pode mudar na vida de uma pessoa? 5. Você e seus colegas leem juntos em alguma situação?
D. Hábitos de Escrita	• Você costuma escrever? Em caso negativo: 1. Por que não escreve? Gostaria de escrever? 2. O que a escrita pode mudar na vida de uma pessoa? Em caso positivo: 1. O que você costuma escrever? Por que? Com que frequência você escreve?

⁹¹ Os termos em negrito serviram para dar ao entrevistador uma maior visibilidade dos temas que deveriam ser abordados, caso o entrevistador não mencionasse os mesmos.

⁹² A transcrição completa das entrevistas pode ser encontrada no APÊNDICE I desta dissertação.

2. Quando você criou o hábito da escrita? Há algum motivo especial que fez com que você criasse esse hábito? 3. Para quem costuma escrever? 4. Que gênero ou tipo de texto você costuma escrever: poemas, reportagens, relato de experiência ou outro? Por quê? 5. Você prefere escrever histórias reais ou de ficção (que não aconteceram na sua vida)? 6. Há algum assunto sobre o qual você goste mais de escrever? Qual? 7. O que a escrita pode mudar na vida de uma pessoa? 8. Quem você tem como um modelo de bom escritor? O que ele tem de especial? 9. Você tem textos publicados? Quantos? Onde foram publicados? 10. Você e seus colegas escrevem juntos em alguma situação? (Oficinas, por exemplo)
E. Para participantes de oficinas de escrita do jornal Boca de Rua e Revista Ocas 1. Como é a sua participação na elaboração do jornal/revista? 2. Por que você participa da oficina de escrita da Ocas/Boca de Rua? 3. Você costuma escrever algo fora dessa oficina? O que?

FIGURA 13: Roteiro para entrevista com MSR.

3.1.4.2 A realização das entrevistas

Quatorze MSR's foram entrevistados nesta pesquisa, sendo 9 em São Paulo e 5 em Porto Alegre. As nove entrevistas com os MSR's de São Paulo foram feitas entre os dias 17 e 19 de setembro de 2008. A duração de cada entrevista oscilou entre 20 minutos e 1h20min. Apesar da dificuldade apresentada para a marcação das mesmas, devido à falta de endereço fixo e telefone dos entrevistados, sete das entrevistas foram agendadas previamente, por telefone, com um funcionário da *Ocas*. As outras duas foram feitas no Centro Franciscano de Reinserção Social, na região central de São Paulo, após a entrega dos prêmios do concurso "História de minha vida". Seis entrevistas foram feitas na sede da *Ocas* e uma, a pedido do entrevistado, foi feita em uma praça próxima ao local. O entrevistado justificou seu pedido dizendo que ficaria mais à vontade naquele local por ter ali dormido durante muitas noites. A pesquisadora aceitou o pedido tendo em vista a oportunidade de conhecer e observar um dos espaços frequentados no dia a dia do grupo.

As entrevistas com o grupo do *Boca de Rua* foram feitas em um salão no Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS (GAPA), espaço onde acontecem as oficinas de produção do jornal, na região central de Porto Alegre, no dia 31 de outubro de 2008. As reuniões foram agendadas por duas das jornalistas responsáveis pelas oficinas de produção do jornal. Cinco dos sete MSR's agendados compareceram na data e horário combinados. Os dois que não compareceram não justificaram a falta. A possibilidade do não comparecimento de alguns já havia sido prevista pelas jornalistas. As entrevistas duraram, em média, 25 minutos. À medida

que iam chegando, os entrevistados esperavam na porta do salão. Após serem entrevistados, juntavam-se novamente aos colegas na porta do salão, em conversa animada.

Mesmo cientes de que responderiam somente àquilo que quisessem, os integrantes dos dois grupos responderam a todas as perguntas feitas.

3.1.5 Os sujeitos da pesquisa

Como critério para a seleção dos sujeitos participantes denominados MSR, observamos: o entrevistado deveria ser adulto; morar ou ter morado em algum momento de suas vidas em situação de rua, ou seja, em logradouros públicos da cidade (praças, calçadas, marquises, jardins, baixios de viadutos), em áreas degradadas (galpões e residências abandonadas, edificações em ruínas, terrenos baldios, etc.) moradias provisórias⁹³ ou albergues públicos. Além disso, deveria participar ou ter participado de práticas de leitura e escrita promovidas para esse grupo social, tais como a OCAS, Alice ou Rede Rua.

A situação de um dos entrevistados em São Paulo difere de todos os MSR's na pesquisa. Trata-se de uma vendedora da Revista *Ocas* que durante cinco anos, mesmo não tendo dormido nos locais descritos anteriormente, viveu como MSR, sempre na iminência de ir para as ruas, por falta de pagamento de um quartinho que alugava para dormir com os dois filhos. Nas palavras da entrevistada⁹⁴:

Então isso daí ((situação iminente de ida para a rua)) foi muito por causa de emprego [...] o que pesava muito era essa coisa “ah, negra né, semi-analfabeta, mãe solteira, pobre, mulher” [...] as pessoas me excluíam muito nessas questões né, [...] **eu fui ficando sem emprego, acabou o dinheiro, acabou tudo** eu falei: “e agora que vai ser de mim, roubar eu não sei né, ser prostituta eu também não sei” porque tem, pra ser prostituta tem que ter todo um esquema né, eu não tinha, eu falei: “meu Deus o que eu vou fazer da vida” e aí foi, **as coisas foram apertando, apertando, apertando** e chegou num ponto que a pessoa ((dona do quarto que ela alugava)) falou: “olha, **você vai sair da minha casa, que eu quero a casa**, você não tem dinheiro pra pagar, não sei o que.” e **ficou aquela coisa de despejo sabe e aí eu fiquei desesperada foi onde eu encontrei o pessoal que vendia OCAS** [...] e aí eu vim e comecei a vender OCAS, mas **eu não tava em situação de rua ainda, mais faltava, como a psicóloga da gente aqui fala a Maria Alice, falta “um triz” né por “um triz” você não ficou em**

⁹³ Segundo site do Fórum Centro Vivo, “o programa de moradias provisórias teve início em 2003 e funciona da seguinte forma: moradores de rua ou de albergues fazem entrevistas com a SMADS (Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social) e, se demonstram ter condições de levantar renda, passam a habitar uma moradia alugada pela prefeitura no prazo de seis meses, renováveis por mais seis meses, pagando uma taxa de condomínio que varia entre R\$25 e R\$35. Disponível em: <<http://dossie.centrovivo.org/Main/CapituloIIIParte5>> Acesso em jul. 2009.

⁹⁴ As expressões sublinhadas relacionam-se a aspectos físicos e psicológicos da entrevistada em risco iminente de rua e a identificação com o grupo.

situação de rua, então foi isso que aconteceu porque, eu me identifiquei em vender a revista, [...] **a gente tava no escuro já, sem comida, só não ficamos sem água porque a água é junto, eles ((os donos do quartinho)) não iam cortar a água deles e cortar a minha, senão teria ficado sem água também, mas sem luz a gente já tava [...]**eu não aguentava mais **aquela humilhação**, aquela coisa “me dá meu dinheiro, sai da minha casa” e batendo porta na cara da gente, judiando dos meus filhos, xingando meus filhos [...] e eu agradeço muito a Deus esse momento que eu vi o Seu Cláudio vendendo OCAS, aquele dia ele falou que eu poderia, **antes de cair né totalmente em desgraça, em situação de rua, que eu poderia arrumar uma grana e mesmo que eu não pagasse o aluguel**, mesmo que qualquer outra coisa **eu ia ter dinheiro pra comer**, pra comprar **a higiene pessoal** essas coisas toda **e o leite das crianças**, que os meus filhos tomavam leite, mamavam ainda, [...] e foi assim, com muita dignidade que eu fui me re/resgatando né e aí no projeto foram acontecendo muitas coisas legais. [...] então é todo um processo e **eu construí muita coisa com os meninos aqui que eu falo muita amizade, são os meus amigos do coração e a gente fala que a gente é família OCAS**, até tinha uma época que tinha um monte de vendedor e **a gente saía junto, a gente comia junto, a gente vendia junto**, às vezes nem só nos eventos como na rua mesmo né, **a gente comia no albergue junto que tem os albergues que tem o prato, Bom Prato né, que é a comida de um real**, que é uma comida boa a gente comia junto e **construímos tudo isso né indo pra rua e vê como é que era um precisando do outro, um apoiando o outro**, [...] e a gente construiu assim uma amizade, uma família, foram várias fases aqui na OCAS né, nesses cinco anos que eu fiquei vendendo a revista, então **a gente se identificou muito** né, dessa forma, essa coisa de albergue também ia, **muitos chegaram a ir na minha casa, dormir sabe, a gente domingo fazia comida, ficava junto e a gente acabou virando meio que uma família, mesmo o que tava no albergue né, ou o que tava na rua mesmo**.[...] **naquele tempo que eu tava né em situação de exclusão mesmo e só as pancadas em cima.** (SIR09TPF)

Conforme se vê no relato, a psicóloga da *Ocas* reconheceu a entrevistada na condição de MSR. Em nossa pesquisa, optamos também por incluí-la nessa condição, tendo em vista a identificação da mesma com o grupo. Entretanto, sempre que nos referirmos a ela, na análise de dados, acrescentaremos as letras SIR em frente ao número de sua identificação, marcando sua condição de situação iminente de rua.

3.1.5.1 Perfil dos grupos de MSR's entrevistados

Conforme já dito, quatorze moradores em situação de rua foram entrevistados nesta pesquisa. Os quadros 1, 2, 3 e 4, apresentados adiante, resumem o perfil dos dois grupos de entrevistados.

QUADRO 1
Caracterização dos entrevistados em Porto Alegre e São Paulo por sexo e trabalho

	SÃO PAULO	PORTO ALEGRE	TOTAL
SEXO	Masculino: 08	Masculino: 05	- Homens: 13; - Mulher: 01
TRABALHO	- Não trabalha: 01; - Trabalho informal: 06 (Venda da Revista Ocas: 3; reciclagem de papéis: 1; venda de seu livro: 1; venda de cosméticos e “pesquisas”: 1); - Trabalho formal: 02 Vendedor em editora (1), em albergue (1).	Trabalho informal: 05 (Venda do jornal Boca de Rua: 4; cuida de carros: 1. Dos 04 que têm o jornal como principal fonte de renda, um ainda faz artesanatos e outro lava carros).	- Não trabalha: 01; - Trabalho informal: 11 - Trabalho formal: 02

Fonte: Dados colhidos pela pesquisadora no momento das entrevistas.

QUADRO 2
Caracterização dos entrevistados em Porto Alegre e São Paulo por situação de moradia

	SÃO PAULO	PORTO ALEGRE	TOTAL
Fase em que saíram de casa	Após 18 anos: 09	- Entre 6 e 12 anos: 04 - Com 17 anos: 01	- Adultos: 09; - Adolescente: 01; - Crianças: 04.
MORADIA Motivos da ida para a rua	- Problemas familiares: 04 (Uso de droga ou álcool pelo MSR ou por membro da família; desavenças com pai /mãe /irmão); - Morte da família: 01; - Desemprego: 02; “Perseguição política”: 01; “Envolvimento com mulheres”: 01.	Problemas familiares: 05 (Uso de drogas pelo entrevistado; alcoolismo dos familiares; violência na família; desavenças com padrasto).	- Problemas familiares: 09; - Desemprego: 02; - Outros problemas: 03
Moradia Atual	- Em situação de rua: 04 (Não tem local fixo para dormir: 1; mora em casa social:1; Mora em albergue: 2); - Saindo das ruas: 03 (em quarto de pensão (2), divide apartamento com colega(1); - Com a família: 02.	- Em situação de rua: 04 (Dorme em logradouros públicos e debaixo de marquise: 4; alterna logradouros públicos com albergue: 1); - Com a família: 01.	- Em situação de rua: 08 - Saindo da rua: 03 - Morando com a família 3;

Fonte: Dados colhidos pela pesquisadora no momento das entrevistas.

Nota: Lembramos que o grupo social caracteriza-se pela transitoriedade no modo de viver. Assim sendo, é grande a possibilidade de alteração desse quadro em período próximo ao da entrevista. As regras de funcionamento dos albergues e casa sociais (prazo restrito, controle rígido de horário de entrada e saída, etc.) contribuem para essa mobilidade, fazendo com que os MSR's alternem esse tipo de moradia com os locais públicos.

QUADRO 3
Grau de escolaridade dos entrevistados em Porto Alegre e São Paulo

	SÃO PAULO	PORTO ALEGRE	TOTAL
Escolaridade	• Não revelou: 01; • Ensino Fundamental: 03 (02 concluíram); • Ensino Médio: 04 (03 concluíram); • Ensino Superior: 01 (concluiu o curso de Química, além de ter iniciado e abandonado os cursos de Psicologia e Comunicação). • Outros cursos: 03 (inglês; dança; vendas; AUTOCAD; pré-vestibular, sendo 02 em curso; aperfeiçoamento para falar em público).	• Nenhum concluiu o Ensino Fundamental. (02 frequentaram somente as séries iniciais; 02 abandonaram os estudos na quinta série e 01, já em situação de rua, iniciou seus estudos e frequentou até a sexta série).	• Ensino Superior: 01 • Ensino Médio: 04 (03 completo) • Ensino Fundamental: 08 (06 incompleto); • Não revelou: 01; • Outros cursos: 03

Fonte: Dados colhidos pela pesquisadora no momento das entrevistas.

QUADRO 4
Participação em concursos e oficinas de leitura e escrita e publicações dos entrevistados em Porto Alegre e São Paulo

	SÃO PAULO	PORTO ALEGRE	TOTAL
Oficinas / concursos	• Participação nas oficinas da Revista Ocas: 06; • Participação no concurso História de minha vida: 02.	• Participação nas oficinas de escrita do Jornal Boca de Rua: 05; • Participação no grupo de rap Realidade de Rua: 03.	• Participação em oficinas: 11; • Participação em outros concurso/grupo de rap: 05.
Textos publicados	• Tem textos publicados em livros, revistas e/ou jornais: 09 * na Revista Ocas: 06; * no Jornal O Trecheiro: 2; * no livro Terapia de nossas vidas: 04; * em outros livros, sem coautoria: 02 (sendo 1 em CD). • Tem outras publicações: 01 (Duas peças de teatro)	• Tem textos publicados em livros e/ou jornais: 05 * no jornal Boca de Rua: 05; * no livro Histórias de mim: escrituras de um povo: 02;	• 14 têm textos publicados

Fonte: Dados colhidos pela pesquisadora no momento da entrevista.

3.1.5.2 Caracterização dos sujeitos entrevistados

3.1.5.2.1 Em São Paulo

Informante 01CJP tem 49 anos, três filhos e mora, há três meses, no albergue São Francisco, em São Paulo. Concluiu o primeiro grau e era funcionário público até se separar da esposa, em 1996. O entrevistado atribui sua separação ao alcoolismo. Após a separação, mudou-se da cidade de São Paulo para o interior do estado. Após algum tempo trabalhando “na roça”, voltou para a capital, trabalhou como porteiro, mas perdeu o emprego. Atualmente ocupa a maior parte do tempo participando de um projeto da Igreja São Francisco, RECIFRAN - “Serviço Franciscano de Apoio e Reciclagem”, e de outras atividades, tais como reuniões com a psicóloga do albergue e com um grupo de apoio dos Alcoólicos Anônimos (AA) e cultos da Igreja Batista. Nos sábados e domingos, dias em que as atividades das quais participa são suspensas, perambula por igrejas, espaços culturais e só retorna ao albergue à noite. Diz não escrever muito por falta de material, mas escreve as atas do RECIFRAN. Participou do concurso Histórias de minha Vida e seu texto foi publicado no jornal *Trecheiro*.

Informante 02CBA nasceu em São Paulo e fez um ano de Psicologia e um ano de Comunicação Social. Mudou-se para Minas Gerais – MG - e, entre outros serviços, trabalhou em indústrias de tapeçaria, terraplanagem, laboratórios e siderúrgica. Casou-se e formou uma família com três filhos. Já casado, concluiu o curso de Química na Universidade Federal. No período do governo Collor, perdeu o emprego e foi trabalhar em São Paulo, deixando a família em MG. Em um dos finais de semana em que não foi visitar a família, perdeu a esposa, dois filhos e outros três familiares em um acidente de carro. O entrevistado atribui o acidente familiar como o motivo para sua ida para as ruas de São Paulo. Depois de onze meses vagando nas ruas de São Paulo, foi encaminhado por psicólogas para a *Ocas*. Tornou-se vendedor da revista e participante, durante dois anos, do grupo de terapia, responsável pela produção do livro “Terapia de nossas vidas”. Representou a revista na Suécia, Escócia, Portugal, Holanda e Dinamarca, no campeonato mundial de futebol de rua. Morou em albergues, quartos de pensão e, atualmente, divide o aluguel de um apartamento com um colega. Trabalha há um ano como vendedor de revistas em uma editora de São Paulo. Tem carteira assinada, além de receber todos os direitos trabalhistas e comissão pela venda de revistas. Já como vendedor da *Ocas* e como funcionário da editora, fez cursos de vendas, de fidelização de cliente, aperfeiçoamento para falar em público. Atualmente, faz curso de

inglês, frequenta reuniões de grupos de uma igreja budista e participa de vários eventos culturais para a venda da revista. Durante a entrevista, o entrevistado citou e fez vários comentários sobre livros, filósofos e autores de sua preferência, tais como Chico Buarque, Guimarães Rosa, Irvin D. Yalom, Foucault, Ana Boutier, Deleuze, Benjamin, Jung, Nietzsche, Abel Rossenin.

Informante 03DGS tem 62 anos, é pai de dois filhos, viúvo e ex-presidiário. O pai era engenheiro e morreu quando o entrevistado tinha 18 anos. Com a morte do pai, ficou sabendo que era filho adotivo. Revoltou-se contra a família após ter os documentos de identidade anulados em um processo judicial em que a mãe requeria o patrimônio do pai. A partir daí, envolveu-se em delitos e, em 1967, foi preso por roubo de carros. Condenado a quase trinta anos, entre idas e vindas, cumpriu 12 anos em períodos intercalados de reclusão na penitenciária Carandiru e Valparaíso, em São Paulo. No período em que esteve cumprindo pena em regime semiaberto na Valparaíso, diz ter estudado o Código Penal para escrever para um jornal sobre os benefícios dos presos e escrever processos para presos que não tinham como pagar um advogado. Após sair da prisão, morou por seis meses em uma moradia provisória no Bairro Glicério, financiada pela Prefeitura de São Paulo. Há quatro anos, considera-se um dos que mais vende entre os vendedores da *Ocas* e paga R\$150,00 de aluguel em “um quarto-cozinha”. É autor de alguns textos publicados na Revista *Ocas*.

Informante 04EAS nasceu em Santo André, São Paulo. Perdeu a mãe quando tinha 16 anos. Aos 24 anos, concluiu o curso técnico como projetista mecânico no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Morou com a família até os 26 anos. Após formar-se, tentou fazer um curso de AutoCad e também estágios, mas, não tendo os recursos necessários, foi morar com uma tia no Rio de Janeiro. Ficou com a tia apenas 25 dias e, influenciado pelos amigos, foi morar na casa de alguns deles, sem comunicar sua decisão para a família. Negou-se a retornar para a casa do pai quando o mesmo descobriu seu paradeiro. A família internou-o em um hospital psiquiátrico, mas ele fugiu. Desde que saiu de casa, já chegou a ficar até cinco anos sem visitar a família. Em situação de rua, trabalhou temporariamente como office boy, com entrega de catálogos e como vendedor da revista *Ocas*. É autor de alguns textos publicados nessa revista. Frequenta aulas em um curso preparatório para o vestibular. O entrevistado ainda não tem endereço fixo.

Informante 05JA fez curso no SENAI, foi metalúrgico e trabalhou em uma fábrica, em São José dos Campos. Após uma crise na fábrica, foi morar com a irmã e trabalhar em Ribeirão Preto. Na época, envolveu-se com drogas (crack e cocaína) e foi internado durante três anos em uma casa de recuperação. Após o tratamento, não conseguiu mais nenhum trabalho, tornando-se dependente dos parentes. Militante do PT, diz ter sofrido perseguição política em sua cidade, o que o fez mudar-se para São Paulo e viver como MSR. Na capital, morou em albergues, em praças e embaixo de pontes. Entre 2005 e 2006, morou em albergues ou ruas de cidades como Campo Grande, Cuiabá, Porto Velho, Manaus. Justifica-se afirmando que, por problemas de saúde mental, possui uma carteira do Governo Federal isentando-o de pagar passagens. Atualmente, é vendedor da revista *Ocas* e mora de aluguel em um quarto de pensão. Costuma passar dez a doze horas em frente à Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, onde tem vários amigos universitários e vende uma média mensal de trezentas a quatrocentas revistas por mês. O entrevistado tem o segundo grau completo, fez o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e pretende fazer vestibular para o curso de Direito ou Geografia no próximo ano. É autor de um livro em CD, coautor do livro “Terapia de todos nós” e de vários textos publicados na *Ocas*. Diz ter o hábito da leitura desde criança. Na infância e adolescência, era sócio da biblioteca pública de São José dos Campos e lia de dois a quatro livros por semana. Na época, participou do conselho literário na Fundação Cultural de São José dos Campos e chegou a escrever um conto para a revista literária criada por esse conselho. Entre os autores lidos, o entrevistado citou Gabriel Garcia Marques, Dostoiévski, Allan Paul, Hemingway, Jorge Amado, Veríssimo, Guimarães Rosa.

Informante 06JFJ é paulista, tem 41 anos e concluiu o segundo grau. É autor de textos publicados na Revista *Ocas* e no livro “Terapia de todos nós”. O entrevistado diz não gostar muito de escrever, mas ser um grande leitor. Começou a ler por influência do irmão mais velho, que era sócio do Círculo do Livro. No decorrer da entrevista, citou vários autores e livros, tais como Huxley, Máximo Gorki, Clarisse Lispector, Jorge Amado, Guimarães Rosa. Saiu de casa aos 28 anos e atribui sua ida para o albergue à degeneração do núcleo familiar. Até então, morava com a mãe e os dois irmãos em um dos imóveis da família, que era utilizado como pensão. Devido à dependência química do irmão mais novo, a mãe foi morar em uma casa de praia da família e deixou os três filhos na capital. Em seguida, o irmão mais velho, funcionário da Caixa Econômica Federal, foi transferido para uma cidade do interior de SP. O irmão mais novo envolveu-se em brigas, a família perdeu alguns bens, e o entrevistado achou melhor sair de casa e ir para um albergue público. Passou grande parte dos últimos

treze anos em situação de rua. Nesse período, tentou voltar para casa algumas vezes, mas retornava para o albergue quando o irmão se envolvia em conflitos. Nessas idas e vindas, conheceu a *Ocas* e tornou-se vendedor da revista. No dia da entrevista, estava satisfeito por estar iniciando o primeiro trabalho com registro na carteira. Voltou a morar, mais uma vez, na casa da família com o irmão, que está em tratamento por dependência química.

Informante 07NSJ é autor de várias músicas, poemas e ganhador de prêmio do concurso “História de minha vida”. Tem 39 anos e nasceu em uma fazenda no sul da Bahia. Saiu de casa aos 13 anos, quando se envolveu com bebida e droga (maconha). Aos 18 anos, foi para São Paulo, onde trabalhou na construção civil, e também como ascensorista, ator em peças pornográficas, jardineiro e artista plástico. Diz ser grande fã de Raul Seixas e apresenta-se, fisicamente, como esse músico. Na entrevista, contou uma profusão de sonhos que teve, muitos deles com o cantor. Diz já ter feito várias apresentações como músico e participado “vinte e nove vezes” do programa de televisão do apresentador Leão Lobo. Está em situação de rua desde 1993, tendo morado em orfanatos, albergues e, até mesmo, em casa própria, construída em terreno da prefeitura e vendida para a compra de drogas. Acredita que está em situação de rua devido ao envolvimento com várias mulheres. Teve três filhos com duas delas. Criou uma das filhas por quase dois anos, quando a mesma foi levada para um orfanato pelo Conselho Tutelar e, depois de algum tempo, entregue à avó.

Informante 08SNO nasceu em Assis, interior de São Paulo. Perdeu os pais quando era ainda criança e foi morar com a irmã, que era freira, até os 17 anos e meio. Saiu da casa da irmã e entrou na escola da Marinha, em Vila Velha. Seis meses depois, pediu desligamento da escola e foi para Maceió, Salvador e, finalmente, em 1986, São Paulo. Na época trabalhou como “saqueiro”, pintor de paredes, “chapa de caminhão” e dormia em pensões. Em 2000, aprendeu a fazer letreiros e a pintar placas e faixas e, com a situação financeira melhor, alugou apartamento. Em 2003, investiu todo o dinheiro que tinha na compra de materiais e aluguel de um salão para morar e montar sua oficina. No primeiro serviço contratado, sofreu um acidente e foi internado para fazer uma cirurgia no braço. No período em que esteve no hospital, os colegas que trabalhavam com ele venderam os equipamentos e entregaram o imóvel para o proprietário. Com o braço engessado e sem trabalho e moradia, o entrevistado foi morar na rua e, posteriormente, em albergues. No período em que dormia nas ruas, frequentou bibliotecas e escreveu vários textos. Atua como liderança no movimento da população sem-teto e é membro do grupo de articulação do Movimento Nacional da População de Rua

(MNPR). Utilizando-se de computadores de lan houses, mantém um blog com notícias que envolvem a população que vive em situação de rua. Já foi entrevistado em programas de TV, jornais e pela Revista Época. É autor de um livro, de vários textos do jornal *O Trecheiro* e de peças teatrais. Atualmente, vive em uma pensão. Fez questão de dar a entrevista para a pesquisadora em uma das praças em que dormiu diversas vezes.

Informante SIR09TPF nunca morou nas ruas, mas sente-se tão excluída socialmente como tal. Filha de cozinheira, morou em casas de famílias ricas, em Belo Horizonte, nas quais a mãe trabalhava. Lendo e relendo livros das estantes dessas casas e escrevendo nos quatinhos à noite, criou o hábito da leitura e da escrita. Foi para São Paulo, fez várias entrevistas em empresas para conseguir um trabalho. Atribui o insucesso nas entrevistas ao preconceito contra a sua cor, sexo e condição social. Trabalhou como empregada doméstica, mas não parava nos empregos, devido ao comportamento polêmico: “eu era muito brigona, brigava muito pelos meus direitos”. Mãe de três filhos, morava em um quarto de aluguel, mas encontrava-se sempre na iminência de ser despejada, devido à falta de pagamento. Mesmo não sendo moradora de rua, procurou e foi aceita como vendedora da *Ocas*. Vendeu a revista durante 5 anos. Há três meses, além de cuidar da casa e dos filhos, está fazendo pesquisas “para um Instituto”, vendendo cosméticos e estudando sobre a história afrodescendente. Faz aulas de dança africana e participa de oficinas de teatro, de literatura, de música. Costuma ir a shows musicais e ao teatro, quando gratuitos. Diz ser poetiza “renomada [...] pelo menos na [sua] área e pretende fazer um trabalho de dança com poesia. Com essas atividades, quer “ter conteúdo” e se “tornar uma grande profissional”. Estudou até o terceiro ano do Ensino Médio, mas não tem o diploma. Pretende fazer o supletivo para adquiri-lo. Gostaria de fazer um curso profissionalizante de tradutor e intérprete em inglês e espanhol. Diz já ter usado muito o inglês para vender a *Ocas* para estrangeiros nas ruas. Tem quatro filhos com idades entre 3 e 20 anos. Conheceu o companheiro atual, pai da filha mais nova, na *Ocas*. Atualmente, mora com os quatro filhos e conta com a ajuda da filha mais velha e do companheiro na divisão das despesas da casa.

3.1.5.2.2 Em Porto Alegre

Informante 10ASC tem 31 anos. Saiu de casa com seis anos de idade. Diz que já cheirava cola na época. Há um ano largou as drogas e voltou a morar com a família. Atribui sua volta ao encontro com o pai, até então não conhecido. Estudou até a quinta série do primeiro grau. Parou de estudar quando levou “quinze tiros”, teve “problemas na visão” e ficou “oito anos na cadeira de roda”. Atualmente, trabalha vigiando carros na porta de um restaurante. Todas as segundas-feiras participa das oficinas de criação do *Boca de Rua* e às quartas-feiras participa do grupo *Realidade de Rua*. É autor de dois textos publicados no livro *Histórias de mim: escrituras do povo da rua* e de várias músicas. Durante a entrevista, compôs um rap e cantou algumas de suas canções. O entrevistado foi o primeiro a chegar ao local da entrevista e lá permaneceu durante todo o tempo. Por duas vezes, interrompeu as entrevistas dos colegas porque queria ouvir o que eles diziam. Após solicitação da entrevistadora, concordou, sem resistência, em esperar fora da sala. No término das entrevistas, esse mesmo MSR foi acompanhando a pesquisadora no caminho do hotel. Queria contar mais sobre sua vida. A pedido da mesma, parou para lancha em um café, onde se despediram.

Informante 11JNMR tem 27 anos e morou com a mãe até os 10 anos, época em que começou a sair de casa. Saiu definitivamente de casa aos 12 anos, quando começou a usar drogas. Atribui sua saída ao desentendimento com o padrasto, que era violento com ele e com a mãe. Diferente dos colegas que pararam de estudar quando foram para as ruas, o entrevistado matriculou-se em uma escola e começou a estudar aos 14 anos, já como MSR. Considera que esse interesse se deve ao convite para a participação no jornal. Na ocasião, questionava-se: “como é que eu vou fazer um jornal sendo que não sei ler, não sei escrever”. Parou de estudar no início da sexta série do Ensino Fundamental, quando a escola em que estudava fechou o curso noturno, e teve a matrícula negada em outras escolas por falta de endereço fixo. Diz gostar de ler e de escrever músicas, poemas e histórias de ficção porque sai “da realidade do mundo que vive” e vai “para o mundo de fantasia”. Diz ter facilidade para falar em público, por isso costuma ser estimulado pelo grupo a representá-lo. Todas as segundas-feiras participa das oficinas de criação do *Boca de Rua* e às quartas-feiras participa do grupo *Realidade de Rua*. É autor de dois textos publicados no livro *Histórias de mim: escrituras do povo da rua* e de vários textos do jornal. É idealizador da *Bocoteca*, uma biblioteca do *Boca de Rua* direcionada ao MSR. Trabalha vendendo o Jornal *Boca de Rua*.

Informante 12LC tem 25 anos. Trabalha vendendo o Jornal *Boca de Rua*. Costuma alternar as noites dormindo em albergues ou em “abas” de lojas. Saiu de casa com 10 anos. Atribui sua ida para a rua ao uso de bebida pela mãe e pelo padrasto e à violência em casa. Estudou até a terceira série do Ensino Fundamental. Parou de estudar aos 10 anos, quando começou a usar drogas. Diz que gosta de escrever poesias e músicas e de ler jornais e revistas, mesmo quando estão velhos. Todas as segundas-feiras participa das oficinas de criação do *Boca de Rua* e às quartas-feiras participa do grupo *Realidade de Rua*. Gostaria de ter esse tipo de atividade durante todos os dias para ocupar seu tempo e diminuir o uso das drogas.

Informante 13RM tem 26 anos. Nasceu e morou no Mato Grosso com os pais e o irmão até os 14 anos. Os pais mudaram-se para Porto Alegre, e o entrevistado ficou com o irmão, em sua terra natal. Aos 17 anos, com o falecimento do pai, resolveu ir para a capital gaúcha, junto com uma namorada, para morar com a mãe. O entrevistado não foi bem recebido pela mãe, que bebia muito, e foi morar em albergue. Não conseguiu se acostumar com a disciplina do albergue e foi morar na rua. Era usuário de droga e tentou, sem êxito, internar-se para tratamento por três vezes. Há seis meses parou de usar drogas, por esforço próprio. Estudou até a quinta série. Diz que gosta de ler e citou alguns livros e autores como Papillon, Cabeça de Porco, MV Bill, e Lair Ribeiro. Costuma escrever o que os colegas ditam nas oficinas de escrita do Jornal *Boca de Rua*. Trabalha vendendo o jornal e quer voltar a fazer artesanato para vender.

Informante 14WMP dorme em frente ou nas proximidades do GAP. Os pais se separaram quando tinha cinco anos. A mãe juntou-se ao padrasto e mudou-se com a família para uma cidade próxima. Dos 13 aos 14 anos, o entrevistado tentou várias vezes sair de casa por causa de brigas com o padrasto. Acabou fugindo para morar nas ruas de Porto Alegre. É usuário de drogas. Já tentou se internar para tratamento, mas não conseguiu permanecer na clínica. Participa das oficinas de criação do *Boca de Rua*. Trabalha vendendo o Jornal *Boca de Rua* e tomando conta de carros.

3.1.6 Procedimentos de transcrição e análise dos dados

3.1.6.1 A transcrição dos dados

As entrevistas foram transcritas, tendo como referência as “Normas para transcrição” (FIG. 14) apresentadas por Castilho e Pretti⁹⁵ (*apud* KOCH, 1992, p.73) para a indicação das seguintes ocorrências:

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento	/
Entonação enfática	maiúscula
Alongamento de vogal ou consoante	:: ou :::
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do pesquisador	((minúsculas))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição	-- --
Citações literais, reprodução de discurso direto ou leitura de textos.	“ ”

FIGURA 14: Normas para transcrição das entrevistas
Fonte: Castilho e Pretti (*apud* KOCH, 1992, p.73).

A identificação dos entrevistados e de parentes foi feita sob a forma de números, siglas ou nomes fictícios.

3.1.6.2 Definição do *corpus*

De posse das entrevistas já transcritas, obtivemos um total de 1203 respostas. Tendo em mente a pergunta inicial, a hipótese e os estudos teóricos, investiu-se na análise dessas respostas para a seleção dos dados, considerando três grandes frentes de investigação, que nos possibilitariam elaborar respostas para as questões que suscitaram esta dissertação:

- As práticas de leitura e escrita, individuais e coletivas, mais comuns ao MSR e os valores conferidos a elas;
- A representação da imagem dos moradores em situação de rua;
- A verificação de como as práticas de leitura e escrita refletem na construção do *ethos* do MSR.

⁹⁵ CASTILHO & PRETTI. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Vol. 2 – Diálogo entre dois informantes. São Paulo. T. A. Queiroz/EDUSP, p. 9-10.

As respostas foram agrupadas por temas, em quadros como os ilustrados abaixo⁹⁶. Ao final, selecionamos um *corpus* composto por 118 unidades que denominamos como “fragmento”, “relato”, “depoimento” ou “excerto”.

Práticas e valores da leitura e da escrita			
FRAGMENTO/RELATO/EXCERTO	PRÁTICA		FUNÇÃO LEITURA ESCRITA (FE)
	(FL)	(FE)	
..... (Informante: -----)			
.....			

FIGURA 15: Modelo usado para levantamento de valores da leitura e escrita para o MSR

Representações da imagem			
FRAGMENTO/RELATO/EXCERTO	Imagem		Evidências
	Si	Outro	
..... (Informante: -----)			
.....			

FIGURA 16: Modelo usado para levantamento de representação da imagem do MSR

Referência a obras e autores		
Títulos	Autores	Fragmento/relato/excerto
.....		 (Informante: -----)
.....		

FIGURA 17: Modelo usado para levantamento de referência a obras e autores

⁹⁶ Devido à restrição ao número de páginas para trabalhos como este e considerando que as respostas mais relevantes se encontram no decorrer de nossas análises, optamos por não anexar os quadros. Entretanto, a transcrição completa das entrevistas encontram-se no anexo e poderão ser disponibilizadas, desde que autorizadas pela pesquisadora, para pesquisas acadêmicas futuras.

3.1.6.3 Tratamento dos dados do *Corpus*

De acordo com Galvão (2004, p. 126, p. 142):

A apresentação estatística de dados, embora muito importante [...] não consegue explicar a multiplicidade de fenômenos que contribuem para a configuração de certas situações e trajetórias de pessoas singulares, normalmente homogeneizadas em consequência de sua classificação em grupos aos quais pertencem (como, por exemplo, “camadas populares”, “analfabetos”, “nordestinos”).

[...]

Analisar histórias de trajetórias particulares de leitores pode auxiliar a ultrapassar a análise desencarnada que as estatísticas tendem a mostrar. Auxiliam a melhor compreender a multiplicidade de fatores e mediações que se encontram entre indivíduos singulares e a leitura, a escrita e o impresso.

Tomando como princípio a afirmação de Galvão e considerando a especificidade do grupo aqui pesquisado, optamos pela pesquisa qualitativa como metodologia de trabalho, tendo em vista que a mesma não privilegia a análise estatística de dados, mas trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitude e opiniões desse grupo social (PAULILO, 1999). Entretanto, não desconsideramos a análise quantitativa, que foi útil na contabilidade das respostas dos MSR's sobre a ocorrência e valor das práticas de leitura e escrita dos MSR's.

3.1.6.4 Categorias de análise dos dados

Acreditamos que a pergunta orientadora dessa pesquisa - *Como as práticas de leitura e de escrita do morador em situação de rua contribuem para a construção da imagem de si no discurso?* - nos remete às concepções e funções da leitura e da escrita e ao conceito de *ethos*, entre outros correlacionados.

Segundo Fairclough (2001, p. 287), o objetivo na análise de *ethos* é “reunir as diversas características que vão em direção à construção do eu, ou de identidades sociais, na amostra”. Ao propor um quadro de categorias analíticas⁹⁷ para a análise do discurso, o autor

⁹⁷ Para trabalhar com o discurso, Fairclough (2001) sistematiza uma análise tridimensional: a do *texto*, a da *prática discursiva*, e a dimensão da *prática social*. O autor propõe categorias analíticas para cada uma dessas dimensões. No texto, privilegia-se a descrição dos elementos linguísticos. As categorias analíticas propostas nessa dimensão incluem os aspectos formais do texto e a organização no que se refere ao vocabulário, à gramática, à coesão e a estrutura textual. A dimensão da prática discursiva envolve os processos de produção, distribuição e consumo dos textos. Nessa dimensão, procura-se interpretar o texto observando-se a força dos

considera que a ideologia, a intertextualidade e interdiscursividade, entre outras, podem ser relevantes para a análise do *ethos*. Essas categorias foram privilegiadas na análise dos dados desta pesquisa (FIG.18).



FIGURA 18: Categorias de análise dos dados

A análise dos dados foi feita em duas dimensões. Na primeira parte, buscamos tratar das representações da imagem do morador em situação de rua com o objetivo de responder às seguintes questões: Quais são as representações ou estereótipos do MSR marcadas em seu discurso e como essa imagem é (re) criada discursivamente?

Na segunda etapa, descrevemos e analisamos as práticas da leitura e da escrita do grupo a fim de respondermos: quais são as práticas de leitura e de escrita, individuais e coletivas, mais comuns ao MSR e que valores são conferidos a elas?

Finalizamos o texto com reflexões sobre a pergunta inicial orientadora da dissertação: como as práticas de leitura e escrita do MSR contribuem para a construção da imagem de si no discurso?

enunciados, a coerência, a intertextualidade e a interdiscursividade. A dimensão da prática social busca a explicação para o evento discursivo, focalizando as práticas sociais mais amplas e pode se referir ao contexto situacional, ao contexto institucional e ao contexto cultural. Nessa dimensão, procura-se explicar como o texto é investido de aspectos sociais relacionados à ideologia e ao poder em uma concepção de hegemonia.

No decorrer de toda a análise, foram observados os índices de valores ideológicos presentes no discurso do MSR e as vozes que se manifestam de forma implícita ou explícita. No que se refere à ideologia, foram observadas as expressões que identificam o MSR, as manifestações de pertença a grupos sociais, as representações de sua posição social e a imagem que o grupo tem de si em relação à sociedade.

No que se refere à interdiscursividade, foi dada atenção especial à forma polêmica ou harmoniosa em que os discursos das instituições sociais e governamentais atravessam o discurso do MSR. Quanto à intertextualidade, foram observadas, principalmente, a *referência*, a *alusão* e as *paráfrases*⁹⁸ feitas a autores e livros. Para a verificação do efeito de sentido que tais elementos produzem no texto, foram observadas as modalidades apreciativas. Entendemos, com Maingueneau & Charaudeau (2006, p.49), que as modalidades apreciativas integram o conjunto das marcas através das quais o enunciador exprime um julgamento de valor ou uma reação afetiva. Segundo os analistas do discurso, “as apreciações estão ligadas às estratégias de construção da imagem do locutor e de ação sobre o destinatário”. Assim sendo, consideramos que análise dessas marcas, associadas aos elementos intertextuais acima citados, contribuirão efetivamente na análise do *ethos* do MSR.

Dessa forma, encerramos a descrição dos procedimentos e metodologia adotados, desde o objetivo e hipótese até o processamento para a análise dos dados. Os resultados obtidos na etapa da análise serão apresentados na parte seguinte.

⁹⁸ Sobre esses conceitos, entendemos que na *referência* aparece explicitamente o nome de personagens, de romances, de autores, mesmo que somente um desses elementos esteja presente. Na *alusão* é feita uma breve menção a outro texto ou a um de seus componentes. Na *paráfrase*, recupera-se um texto por outro, seguindo a orientação argumentativa do texto-fonte.

CAPÍTULO 4

A ANÁLISE DE DADOS



*Fiquei na rua, sentada na calçada
Cantarolando uma canção.
Na embriaguez, conversei em Inglês
Hi darling I'm well and I like pinga
Com mel
Em Espanhol, la emocion viene de mi
Corazón
Me gusta uma Cuba Libre!
Cachaça do Caribe
Ai, Caramba, muchacha
Não dá mais pra viver sem a danada da
cachaça .(FERREIRA)⁹⁹*

Na primeira parte desta análise, trataremos das representações da imagem do morador em situação de rua. Iniciaremos a abordagem com algumas reflexões sobre a imagem da casa e da rua para o MSR. Em seguida, trataremos da imagem do grupo. Entendendo o *ethos* como a construção da imagem de si e consoante com a afirmação de autores como Maingueneau (2008), Amossy (2005) e Haddad (2005), para os quais o *ethos* está ligado ao ato de enunciação, mas que há representações ou estereótipos sobre o enunciador anteriores ao discurso, buscaremos compreender a imagem do MSR na sociedade e a forma como esse sujeito lida com essas representações.

Em seguida, descreveremos as práticas da leitura e da escrita do grupo a fim de respondermos às questões: quais são as práticas de leitura e de escrita, individuais e coletivas, mais comuns ao MSR e que valores são conferidos a elas?

⁹⁹ FERREIRA, Tula Pilar. Amantes da Manguaça. *Revista Ocas*. São Paulo, n. 37, ago, 2005, p. 12.

4.1. A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM DO MORADOR EM SITUAÇÃO DE RUA

Procurando entender a sociedade brasileira, DaMatta (1997) traça uma oposição entre o código da casa e o da rua. Segundo esse antropólogo, a casa e a rua não representam apenas espaços geográficos, mas são, acima de tudo, entidades morais, esferas de ação social. Em cada uma dessas esferas, existem valores e idéias específicas, que guiam ou influenciam o comportamento dos agentes em determinada direção. Em casa, somos *pessoas*, ou seja, nos definimos como um ser basicamente relacional: “todos que habitam a casa se relacionam entre si por meio de laços de sangue, idade, sexo e vínculos de hospitalidade e simpatia” (1997, p. 53). Na rua, somos *indivíduos*. O indivíduo, ao contrário da pessoa, é uma contigüidade estrutural com o mundo das leis impessoais, as quais submetem e subordinam. Iniciaremos este tópico com a análise da representação dessas duas esferas para os sujeitos entrevistados.

4.1.1. A imagem da rua x casa

Os relatos sobre as lembranças da infância e sobre o aconchego do lar mostram que alguns MSR's compartilham da visão da casa como um espaço fundado em relações de afeto com a família:

- (1) Eu nasci aqui no interior de São Paulo, nasci em Assis que é ali na divisa com o Paraná, na época, como hoje, mudou bastante era uma cidade pequena era tipo roça mesmo tinha muita poucas casas, bastante canavial, bastante agricultura e meu pai era ferro velho, eu conheci meu pai já desde que eu comecei a me entender por gente, então nós tínhamos um quintal e ali meu pai comercializava ferro velho e aí... das lembranças boas que eu tenho de infância são isso porque tinha os brinquedos, tudo que a gente fazia praticamente vinha desmontado aquelas coisas a gente montava pra poder aproveitar, pra poder brincar e como o bairro não tinha asfalto, não tinha carro, não tinha televisão, não tinha essas coisas, a gente se divertia com tudo que a gente podia criar a gente se divertia, nossos brinquedos a gente fazia, papagaio, estilingue essas coisas todas e... cresci assim e... depois tive o contato com a escola, mas eu sempre era muito dado a liberdade né eu gostava de passear, gostava, então eu às vezes pegava circular pra ir pra longe pra passear e eu ia pra rio, atrás de rios pra nadar, pra pescar, sempre gostei dessa coisa de liberdade, mas parecia um ensaio aquilo que eu não tinha percebido, porque com muito pouco tempo dessa infância mesmo acabei perdendo os meus pais né, morreu meu pai depois morreu minha mãe e isso, na terceira série morreu meu pai eu tava na quarta já morreu minha mãe, então essa um pouco dessa liberdade é... dessa coisa de andar de ir pra onde quer, fazer o que quer isso meio que me preparou pro que eu ia enfrentar pra frente dali. (08SNO)

- (2) Quando você tá em situação de rua é terrível coisa e tal, fora da tua casa longe da família, aquela baixa estima né e toda vez quando você acorda no albergue você não sabe se vai pra direita ou pra esquerda. [...] Ficava “a ver navios” mesmo, ficava “a ver navios” [...] Me sentia um moribundo [...] Num tinha [lugar pra ir] a não ser esses lugares aí que você vai só pra encher barriga só depois continua andar pela cidade sem “eira nem beira”. (06JFJ)
- (3) Nessa época, quando eu comprei minha casa eu já tava com 19 anos né, primeira casa e minha mãe morava na roça, mais meus irmão e meu padrasto... aí minha mãe, meu sonho era montar um salão de festa que eu sempre fui festeiro, minha mãe: “não, meu filho, você vai voltar pra São Paulo, você tá novo, você vai arrumar trabalho lá... então você compra uma casa pra eu morar com seu padrasto” aí eu falei: “tudo bem” deixei a minha irmã, minha mãe e meu padrasto... tinha na época dez filho, comigo seria onze que eu sou o mais velho, aí vim pra São Paulo, fiquei 15 anos sem voltar lá. (07NSJ)
- (4) Eu tô lutando por ela [casa], eu tenho que conseguir ela porque eu assim, eu quero buscar minha filha pra tá perto de mim, minha avó tá com 85 anos eu que tenho que cuidar dela. (07NSJ)
- (5) É que na minha casa é diferente do que aqui... eu não tô mais na rua entendeu, tô na minha casa, na minha casa eu só vou pra mim dormir, tomar banho, escovar os meus dentes, trocar a minha roupa, eu lavo a minha roupa lá também tem máquina, mas eu não gosto de lavar a roupa na máquina não, encolhe a roupa, eu lavo na mão, eu mesmo gosto de lavar que a gente fica com a unha bem limpinha... (010ASC)

Se o código da casa “é fundado na família, na amizade, na lealdade, na pessoa e no compadrio” (DAMATTA, 1997, p.24), a rua é um espaço definido como o inverso: é o local de individualização, de luta e de malandragem. A rua é o lugar do perigo, “é na rua que devem viver os malandros, os meliantes, os pilantras e os marginais em geral – ainda que esses mesmos personagens em casa possam ser seres humanos decentes e até mesmo bons pais de família” (idem, p.55).

A concepção da rua como um espaço de periculosidade é confirmada por sujeitos dessa pesquisa:

- (6) É não gosto de morar na rua e não gosto de morar em albergue... tanto é que eu faço o maior esforço pra pagar meu quarto entendeu... eu não gosto assim de morar na rua não. É muito perigoso. (005JA)
- (7) Ah eu não tenho paradeiro fixo porque na rua desde quando eu vim pra rua e comecei a dormir em locais fixos eu aprendi uma coisa que... a gente não pode dormir num lugar só entendeu, a gente tem que tá sempre trocando é uma estratégia porque a gente dormindo sempre num lugar só sempre no mesmo local entendeu, porque na rua... nesse mundo da rua que a gente vive, nesse mundo das drogas que a gente vive ainda existe muita... rivalidade, muita briga muita rivalidade, aí então muita gente gosta de pegar

a gente dormindo entendeu, aí sabe como ó se o fulano, o fulano dorme em tal lugar “bom é lá que eu vou pegar ele é lá que ele tá”... (011JNMR)

- (8) [...] que nem morador de rua né, só tô dormindo porque acho que durmo com meu cachorro do meu lado[...] porque tipo eu durmo com um morador de rua ali... eu dou um rango pra ele, dou alguma coisa pra ele e ele (MSR) me rouba, não são todos [...] mas a maioria de cinquenta tira dez, quarenta é...(014WMP)

Embora a rua seja concebida como um espaço perigoso, em que se encontra a droga, a rivalidade, a insegurança, a covardia e a traição, observa-se que a violência, tanto física quanto psicológica, encontrada na casa, apresenta maior dimensão do que a encontrada na rua; de acordo com alguns entrevistados, esse é o motivo de sua opção por viver em situação de rua:

- (9) Na casa do meu pai o que tinha pra me oferecer era só mundo do crime, só mundo do... aí então tipo pra mim não fazer nada na vida, como tipo eu não gosto de roubar, não gosto de assaltar, não gosto de nada entendeu, eu peguei saí pra rua e na rua tive um monte de opção né, que eu ia fazer, se eu ia roubar, a traficar se eu ia né, eu escolhi a guardar de carro né. (014WMP)
- (10) [...] a minha mãe se juntou com outro [...] aí esse cara levou nós embora daqui [...] pra nós tentar esquecer um pouco da cidade aqui né, que aqui naquela época era muita, era briga de arma, era briga com facão e garrucha e coisas né, daí então ele queria levar nós pra lá pra nós esquecer um pouco daqui. Aí eu me criei apanhando dele porque eu tinha aquela revolta né, que eu queria ser criado com meu pai não com ele, aí com meus 8 anos de idade ele me levou pra... trabalhar lá na (praia de Magister) nós construiu uma casa eu ia, e eu fui levando a vida aí eu fui, com essa revolta eu fui fugindo de casa comecei com 13 a 14 anos fugi de casa... parei de estudar daí quanto mais eu fugia mais eu apanhava, mais eu fugia mais apanhava aí foi, foi, foi que eu vim embora pra Porto Alegre. (014WMP)
- (11) [...] o alagoano daqueles porreta né, saiu com meu irmão aí cheirou [cocaína] [...] QUANDO eu chego em casa, eu num tava sabendo nada disso né, eu entro no corredor aí tinha um negão deste tamanho armado né, na cintura, o alagoano muito nervoso né com uma peixeira na mão e falando né: “esse é o irmão dele tal” [...] DEPOIS do ocorrido, [...] eu refleti comigo eu falei: “ah, quer saber, eu vou sair fora”, aí liguei pra minha mãe aí minha mãe falou: “ah, que que é você é louco, você vai pra onde, você vai morar na rua?” eu falei: “mãe eu cuido da minha vida, da minha vida eu cuido, mas nem que eu tenha que ir prum albergue público eu vou, mas eu não vou deixar mais outros colocarem minha vida em risco” bati o telefone e foi o que fiz... (06JFJ)
- (12) Eu saí da minha casa porque a minha mãe nesse tempo né ela vivia com um senhor negro, meu padrasto, ele era negro e ele:: acho que a gente não se entendia muito “tá ligado”, ele bebia, ele batia na minha mãe e a gente acabava brigando e como naquele tempo eu era pequeno né, não podia fazer nada, aí eu peguei e preferi chegar e sai pra cá pra rua, aí eu consegui me

segurar até meus 12 [...] com 12 anos eu já conhecia a droga aí eu já não ficava mais em casa não pela mordomia de casa entendeu, mas já vinha pra rua já por causa da intenção da droga, [...] eu peguei e disse pra ele [padrasto] né “ó meu um dia eu vou crescer e um dia nós vamos conversar de homem pra homem, hoje tu é um homem feito eu sou, recém tô entrando na adolescência, mas um dia tu, um dia eu ainda vou conhecer a maldade eu vou te mostrar o que que é isso daí a gente vai conversar de homem pra homem”... aí com 16 anos já tinha já um pouco de maldade na cabeça, já tava já louco pela droga, tá ligado, louco pela droga porque... quando os primeiros momentos da droga, tá ligado, ela te deixa mais impulsivo, tá ligado, te deixa mais homem, freqüente a todas as necessidades aí:: eu com 16 anos eu peguei acabei... acabei dando uma facada no meu padrasto entendeu, porque ele pegou e deu um soco na cara da minha mãe... eu peguei e disse pra ele “ó meu agora eu tô grande, nós vamos conversar de homem pra homem” aí eu peguei acabei dando uma facada nele, mas não matei tá lá ele, hoje ele me respeita tudo. (011JNMR)

- (13) Eu nasci em Porto Alegre né, minha família são de Viamão... aí meu padrasto e minha mãe bebiam muita cachaça “tá ligado”, eu apanhava muito quando era pequeno aí quando deu eu abandonei eles né. [...] faz quinze anos que eu moro na rua, tenho 25 anos. (012LC)

Dessa forma, a rua passa a ter a significação social de casa para esses sujeitos. É na rua que se encontra o alimento, a cama, o banho, os amigos, a “família” dos MSR’s. A rua, para o MSR, nem sempre é o espaço da individualização, do *eu*, mas o espaço da coletivização, da pessoa em que o *nós* e o *a gente* prevalecem. A rua, mais que um espaço em que o sujeito supre suas necessidades básicas (toma banho, lava a roupa, se alimenta, dorme), ainda que como subcidadão¹⁰⁰ perante a sociedade, é o espaço da amizade, da solidariedade, um espaço em que o sujeito pode “abrir a sua voz” (FRAG. 16) e ser ouvido pelas pessoas que “estão abertas para acreditar em você”:

- (14) No Belém, tem uma casa de convivência onde *a gente* vai lá pra almoçar, dava pra lavar roupa, pra tomar banho e no caminho dessa casa de convivência tem a biblioteca da Moca que é num Parque da Moca, então *a gente* vai nesse parque pra deitar na grama, pra deitar no sol, pra dormir, pra jogar xadrez, jogar dominó, tem grupos que ficam tomando cachaça, tem de tudo lá, mais quando *a gente* lavava a roupa, tomava um banhozinho tranquilo *a gente* entrava pra dentro da biblioteca e muito, hoje é muito freqüentado lá (08SNO)

¹⁰⁰ Para DaMatta, em casa somos *supercidadãos*, ou seja, “podemos fazer coisas que são condenadas na rua, como exigir atenção para a nossa presença e opinião, querer um lugar determinado e permanente na hierarquia da família e requerer um espaço a que temos direito inalienável e perpétuo” (1997, p.20). Já na rua somos *subcidadãos*, passamos sempre por indivíduos anônimos e desgarrados, somos quase sempre maltratados pelas chamadas ‘autoridade’ e não temos nem paz, nem voz.

- (15) Morei debaixo da ponte sabe, morei debaixo da ponte do (Praia) de Belos, morei na Prainha *a gente* fazia barraco sabe, *a gente* morou ali, *a gente* juntava negócio pra comer, *a gente* ia no fórum ai tinha um cara que ele largava lá no prédio, lá no portão de... que ele largava lá no portão... lá largava um saco de comida assim feijão, saco de arroz, saco de salada vinha tudo separadinho sabe, *a gente* ia lá no lixo lá e pegava lá, aí levava de carrinho ou então levava aqui na paleta, aí lá embaixo da ponte *a gente* tinha uns latão, *a gente* botava nas lata, *a gente* esquentava era a nossa alimentação e tinha carro terça, quarta, quinta eles passavam meia noite “‘pipi’ ((som de buzina de carro)) ó o lanche” aí eles traziam, uns traziam cachorro quente *pra gente*, uns traziam sanduíche e suco, uns traziam marmitex que é um potezinho de comida assim sabe todas essas coisas levavam na rua pra nós e *a gente* assim sobrevivia na rua né.(010ASC)
- (16) Na cidade de São Paulo existe um lema: “você não está sozinho”, você não está sozinho, se você puder... se você conseguir abrir a sua voz e conversar com as pessoas, as pessoas elas... acho que elas são capazes de acreditar, estão abertas pra acreditar em você... isso é muito bom em São Paulo... (04EAS)
- (17) Hoje eu não moro mais na rua, eu tenho tudo na minha casa entendeu, eu moro numa ilha, mas os meus irmãos mesmo são os que moravam na rua comigo, meus pais são aqueles que me criaram na rua que me davam cada coisa pra mim comer na rua pra eu não ir pegar negócio no lixo, esses são meus parentes mesmo que eu não moro com meu pai e não moro com a minha mãe. (010ASC)

Segundo DaMatta (1997, p.54), não podemos transformar a rua na casa, nem a casa na rua, impunemente. “*Ser posto para fora de casa* significa algo violento, pois se estamos expulsos de nossas casas, estamos privados de um tipo de espaço marcado pela familiaridade e hospitalidade perpétuas daquilo que chamamos de *amor, carinho e consideração*”. A decepção ou a revolta pela perda da família é traduzida no discurso do MSR’s:

- (18) Eu fiquei sabendo [do acidente em que perdeu a esposa e filhos] na segunda-feira de manhã [...] cheguei aqui [em São Paulo, onde trabalhava] na sexta de manhã, na sexta de manhã que eu, aí eu saí desesperado pelo mundo sabe, sem nada, sem ninguém, acabou pra mim não tinha ninguém, pegava Deus eu dava tanto soco nele porque ele era culpado pra mim ele era o culpado se eu tivesse lá não teria acontecido aí eu fiquei onze meses vagando que nem um doido, bebendo que nem um louco, sabe, pesava 30 kg, hoje eu peso 64 kg eu pesava 30 kg e aí aquilo foi, sabe, acumulando e eu não, tem um pedaço que eu não consigo, eu tento, às vezes eu tento muito, mas eu não consigo lembrar o que que acontecia, tem uma época que eu não consigo, até hoje ainda tá em branco essa parte, eu sei que eu fiquei vagando pela rua por um período de onze meses [...].Naquela situação sabe, nada, nada mudaria a minha vida, nada se eu falei pra você que eu peguei Deus e comecei dar murro nele, então nada ia mudar a minha vida[...] eu não acreditava em mais nada, num sabe, minha visão era sempre revoltada, nossa eu tinha uma, uma visão totalmente, totalmente sabe, destruidora eu queria destruir, eu queria

acabar, porque se eu não podia ter porque que os outros podia ter se “pô” porque que só comigo, não? Então eu coloquei aquilo, até eu conseguir ir passando os lados né...(02CBA)

- (19) É eu estudei, eu estudei num dos melhores colégios de São Paulo, estudei no Caetano de Campos, é que hoje é a Secretaria de Turismo na Praça da República, o meu pai era engenheiro e quando ele morreu eu tinha 18 anos de idade, aí eu fiquei sabendo da verdade que eu era filho adotivo, aí a minha cabeça foi a pique, certo. A velha, a minha mãe né, a Dora¹⁰¹, ela se revoltou porque o Prata né, na ocasião papai né, ele tinha mais duas mulher e cada ela tinha, tinha um filho, então como ele, ele deixou um patrimônio, todo mundo foi em cima da herança certo, ela contratou um advogado que, que era parente dela tirou todo mundo fora também, pegou aquela certidão de nascimento antiga que tinha guardado há mais de 18 anos e entrou na vara de registros rubricos, aí meu nome foi anulado, meu nome, eu fui criado com o nome de DRFP e de lá pra frente meu nome mudou para “Fulano GS”, aí minha cabeça foi a pique. Aí eu comecei a aprontar contra a família e aprontando contra a família eu fiz um “bocado” de bagunça, certo e fui preso, eu fiz miséria, entendeu, e de repente me deu um estalo na cabeça e eu mudei totalmente de vida, entendeu [...] Por ironia dessa situação toda, a velha, a velha Dora, durante praticamente... Meu velho morreu em 66, até, até os anos 80, 82, 83 ela virava as costas pra mim, entendeu? Certo? E de repente ela, ela atinou que a idade também chegou nela legal, entendeu e ela fez de tudo pra, pra, pra me encaminhar novamente pro caminho certo? Entendeu? Ela fez de tudo sabe tudo, tudo, tudo. Ela comprou carro pra mim, fez, fez, fez o diabo entendeu? Certo? E ela morreu em 88. 88 pra 2008 já tem 20 anos que ela morreu certo? Que ela morreu. (03DGS)
- (20) Eu acabei descobrindo que a minha família não tava interessada em mim, não tava interessada nos meus ideais, não tava interessada nas minhas procuras, nos meus projetos “pô”, eu tinha acabado de fazer dois anos de SENAI entendeu [...] já tava desesperado e minha família não me agüentava mais, eu tava perdendo a cabeça [...] e nisso eu fui conhecendo muita gente, conhecendo pessoas de cultura, pessoas de... sabe, as pessoas foram vendo que eu tinha alguma coisa pra fazer, alguma coisa pra conseguir que eu tinha que me virar mesmo, que eu tinha que meter a cara, porque que eu não fazia isso, porque que eu não fazia aquilo e eu comecei a fazer tudo isso, fazia isso, fazia aquilo, fazia assim, fazia assado, as coisas foram acontecendo [...] eu acabei me acostumando eu deixei minha família sabe assim, de vez... fiquei praticamente cinco anos sem ver minha família fui fazer uma visita o mês passado, sabe? (04EAS)
- (21) Olha eu falar sinceramente eu não tenho pra onde voltar, porque eu separei da minha esposa em 1996, mesmo assim ela me deu uma chance ainda pra conviver um tempo com ela, mesmo assim não deu certo né, porque a falha foi minha mesmo por causa do alcoolismo, cheguei num ponto que ela num suportou mais, ela pediu a separação e na época eu era funcionário público, então não quis dar o braço a torcer né, aquele orgulho todo, só que o tempo foi passando, passando eu fui me perdendo a autoestima e hoje eu tô vivendo na situação que tô, mas eu tenho perspectiva de voltar reconstruir uma família. (01CJP)

¹⁰¹ Nome fictício

DaMatta entende que, se a casa é calmaria, repouso, a rua é “terra que pertence ao ‘governo’ e ao ‘povo’ e que está sempre repleta de fluidez e de movimento” (1997, p.57). Esse movimento é reconhecido pelos MSR’s e parece exercer um certo fascínio em alguns deles. Afinal, “durante o dia, o dia é belo, é movimentado, tem muito movimento na rua, né?” (011JNMR). A rua é, então, o espaço da criatividade, um lugar de transformações e de novas perspectivas:

- (22) É muito interessante esse lance porque... é:: às vezes você tá dentro de casa você não faz nada sabe você não faz nada, você não lê você não escreve, você não pinta, você não borda... e nem cancela o setting, você não sabe que o setting existe... sabe, mas... é interessante na rua, os cara sentam na praça, pegam o papel, escrevem muitas horas seguidas, muitas coisas, talvez não saiam muitas escritas, mas eu sei que eles tem o hábito (04EAS)
- (23) Do lado [*casa*] existia a minha vida pessoal a minha responsabilidade da minha vida pessoal, minha vida pessoal, família, trabalho, estudo, namorada e do outro lado [na rua] existia os amigos “ah, não... dá hora, vamos lá e não sei o que” sei que rolou alguma coisa e eu acabei vendo o mundo de outra forma entendeu, [na rua] eu conheci muita gente interesSANTE, conheci pessoas que viviam numa outra etnia, tipo independente, alternativa e eu acabei me identificando que se tem os adapto dos bens materiais, na vida familiar... essas possibilidades não era tão ruim assim, eu acabei me apegando nessas condições... aí eu comecei aprender a (viver) [...] Eu fui andando conhecendo o mundo, conhecendo pessoas, apesar que eu não aumentei muito o meu conhecimento, mas eu peguei experiência de vida... que é uma coisa muito importante, tem pessoas que tem experiência, mas não tem conhecimento de luta, conhecimento de mundo e isso é muito é debilitado assim da minha forma de visão hoje né, como eu te disse eu conheço várias etnias, várias possibilidades... aqui em São Paulo eu nunca tinha, eu nunca conheci uma pessoa que tinha vindo, vamos assim dizer... de Belém do Pará, por exemplo, aonde que eu ia conhecer uma pessoa do Belém do Pará em nenhum lugar que eu saiba a não ser se eu fosse pra lá, mas aqui em São Paulo eu conheci de Sergipe né...(04EAS)
- (24) Eu andei o Brasil inteiro 2005, 2006 fui parar lá em Manaus...[...] Saí rodando. É saí, saí em situação de rua inclusive morei muito em albergue, morei na rua, Campo Grande, Cuiabá, Porto Velho... (05JA)
- (25) [...] em resumo eu, a minha perspectiva de vida, eu tô com 62 anos eu não sei se por mais 10 anos eu vou ter, vou estar nesse pique aí, não tenho mais vaidade, sabe não tenho, como o que quero, durmo a hora que quero, faço o que quero, trabalho praticamente quatro vezes por semana, certo e às vezes trabalho em dia de sábado, certo, levando a vida, conheço o Brasil todo, todas as capitais e procuro uma outra vida tá. (03DGS)

O discurso sobre a liberdade na rua é recorrente nas entrevistas com o MSR, embora o informante 11JNMR pondere sobre o paradoxo da rua como espaço de liberdade e prisão:

- (26) Comecei já a frequentar a rua mais por causa da droga [...] a rua todo mundo diz que é liberdade, mas na rua não é liberdade porque a gente na rua a gente é preso por causa do vício da droga entendeu, então é realmente uma prisão porque a gente vem pra rua pensando que vai ter liberdade, que vai ter uma vida livre, tu tem uma vida livre, tu tem liberdade, não tem horário pra acordar, não tem horário pra dormir, não tem horário pra fazer uma refeição, não tem horário pra nada entendeu, então tu tem que fazer (política) na rua, agora em casa aí já é uma vida mais regrada, tu tem que ter horário pra se levantar, tem que ter horário pra dormir ou então pra dormir até mais tarde, tem tudo isso. (011JNMR)

Os relatos acima nos revelam vozes destoantes: ora a casa é revelada como o espaço do afeto, dos vínculos familiares, ora é a que rua representa esses valores. Nesse sentido, a rua é um espaço ambíguo, que representa a liberdade e o aprisionamento, a violência e a paz, a traição e a lealdade. Uma verdade fica evidente: a rua como um espaço de heterogeneidade, tema do próximo tópico dessa dissertação.

4.1.2 A heterogeneidade do grupo

A população moradora de rua é essencialmente heterogênea. A diversidade é encontrada não só nas causas que os levaram a morar nas ruas, mas também nas formas de interação e de sobrevivência. É como diz Araújo (2003, p.88), em seu estudo sobre migração e vida nas ruas: “a vida dessas pessoas não é nada simples ou óbvia, como pode parecer pelo uso do jargão ‘população de rua’. Para além de tal jargão, escondem-se diversidades, relações interpessoais e de trabalho complexas”. Mas os moradores de rua percebem essa diversidade? Considerando que este trabalho trata da imagem desse grupo, a pergunta foi feita com a intenção de observarmos como o próprio grupo se define. Os relatos seguintes respondem essa questão e contribuem para a concepção da imagem desse grupo social:

- (27) Eu percebo a diversidade [entre MSR] sim porque eu fui uma das pessoas que eu fui mesmo, eu não fiz opção de morador de rua eu praticamente eu mesmo eu próprio me excluí né, que nem eu falo por causa do meu alcoolismo né, que foi contrastado que é uma doença, e eu estou tentando me recuperar, então nesse pouco tempo que eu tô na rua eu tenho experiência sim, porque essas pessoas que fizeram opção pra morar na rua muitas vezes se sente que a gente que tá sendo empurrado pra rua a gente tá tomando o espaço deles e não tem mais espaço aqui na cidade pra ninguém, se não fosse os albergues aí que, é hotel social né, moradia social que o, pelo menos isso a sociedade tá proporcionando pra gente, então existe muita diversidade sim, tem gangues, tem marginais, tem pessoas de bem, tem famílias, tem criança, então a gente que tá na rua, por isso que a gente procura tá em albergue porque em albergue pelo menos a gente tem apoio social.(01CPJ)

- (28) Conheci pessoas formadas na rua uns por opção outros por outras situações, mas a população de rua ela é bem diversificada, principalmente em São Paulo, em quase 15 mil pessoas morando na rua é uma população super diversificada, é, existe grupos que são grupos que tem família tá, mas tá envolvido com droga não pode ir pro bairro senão os cara mata então eles vem pro centro, tem aqueles que vêm de vários lugares do Brasil achando que São Paulo é uma maravilha, chega aqui vê que é tudo ilusão acaba na rua, esses também forma um outro grupo, tem aquele grupo daqueles que briga com a família sabe, se desgosta larga tudo e vem pra rua e tem esses que são os, os menos favorecidos mesmo sabe, que já é, que nem o Chico Buarque fala que no tempo dele ele “via as pessoas na rua”, hoje ele está vendo “os filhos das pessoas na rua”, também na rua, então tem família na rua, tem criança tá, tem as pessoas que, tem aqueles cara que você pega, leva, dá banho, corta o cabelo, troca de roupa e tal e enquanto ele tá limpo ele tá bem, começou a sujar ele volta pra rua sabe, é aí que tá, tem aqueles outros que fecharam-se muitos hospitais psiquiátricos, esses hospitais psiquiátricos aqui da região, São Paulo, Grande São Paulo, fecharam não agüentam, mandaram os doentes pra família, a família não quer os doentes, então esses doentes estão na rua. Só existe uma equipe que cuida desses doentes que é, que são os “Médicos sem Fronteira”, inclusive acho que eles estão até terminando o projeto deles porque eles não têm mais sustentação, ninguém apóia o trabalho deles e eles cuidam dos dementes, dos doentes na rua e tal... (02CBA)
- (29) ((Os grupos são)) bem separados, tem o grupo daqueles que só bebe, bebe, bebe, dorme ali mesmo, bebe, bebe, bebe, dorme ali mesmo sabe, não sai daquele lugar, então são grupos separados e dentre esses, esses grupos, as pessoas que compõem esses grupos a gente vê que elas são pessoas formadas, pessoas instruídas é, pessoas até com visão política muito definida sabe e em situação de rua... [...] as pessoas falam “ah, são arredios, são...” e tem aquele negócio também né de falar “ah, todo morador de rua é ladrão, é maconheiro, é mau elemento” não, *só quem já teve lá é que sabe como é que é*, existe sim sabe, existe, os traficantes usam as crianças, usam os jovens pra traficar, pra usar, pra, mas é um mundo que não tem muito envolvimento com o morador de rua, porque o morador de rua ele é mais, vamos dizer assim, ele é mais reservado. Por exemplo, no canto dele, se ele tem um canto, uma pedra, um lugar pra ele guardar o cobertor e tal, eu não vou, eu não posso chegar lá que eu tô invadindo o espaço dele e aqui no meu também ele não vem porque ele sabe que ele tá invadindo espaço, tem uma garrafa de pinga, tem três cara pra mim chegar lá pra beber eu tenho que ou ser conhecido deles ou ser trazido por um deles... (02CBA)
- (30) É muito difícil a pessoa que mora na rua, entendeu sair da rua. Primeiro que o seguinte, então ele tem praticamente tem um assistencialismo porque ele mora em albergue e não paga, ele, ele, ele come no Bom Prato por R\$1, 00, então certo, quer dizer, e normalmente ele anda sujo, não toma banho e pá e tal, então é, e geralmente é raras as pessoas que tem estudo entendeu, que, que se dê bem na rua entendeu, agora quando, quando ele tem estudo e tá na rua, é alguma coisa problemática, psicológica que, que, que levou ele pra rua, mas quando ele não tem estudo, já é problema altamente social porque não tem, não tem capacitação pra emprego nenhum e tal, então ele fica naquela, certo. (03DGS)

- (31) [Tem muita gente morando na rua] porque ele quer né, ele não tem mais atração pela vida material, pela vida física, pela vida consistente nos seus é... seus donativos. (04EAS)

Se confrontarmos os estudos sobre a população moradora de rua¹⁰² com os excertos acima, veremos que há um denominador comum: os dois apontam para a diversidade social do grupo, os motivos da ida para as ruas, a formação dos grupos. Tal ocorrência sugere que alguns MSR's procuram se informar sobre o próprio grupo, o que pode ser confirmado no seguinte relato:

- (32) ((na biblioteca do albergue)) eu peguei um livro de uma, não sei se era socióloga ou antropóloga... que ela fez um estudo que desde a Idade Média existiam pessoas que resolviam perambular por aí e não aceitava aquela coisa de... se fixar num lugar e tal e que até tem uma foto duma pessoa dessa era um desenho que era um italiano no caso que ele tinha uma..., uma... como se fala, uma mochilinha atrás né nas costas com umas painéis tal e... essa coisa enfim... né... (06JFJ)

Entretanto, sabe-se que o discurso dos sujeitos acima não é mera reprodução do que dizem os estudiosos, mas uma produção de quem vive e sabe o que é viver nas ruas, afinal, “só quem já teve lá é que sabe como é que é” (FRAG. 29). Nesse novo discurso, várias vozes se fazem ouvir. A voz de Chico Buarque é citada para se referir às famílias que habitam as ruas. O discurso das instâncias governamentais e da sociedade paulista aparece na voz que rejeita a minoria que busca emprego nas grandes cidades (“tem aqueles que vêm de vários lugares do Brasil *achando que São Paulo é uma maravilha*, chega aqui *vê que é tudo ilusão acaba na rua*”). O discurso da esfera da saúde aparece na voz que reivindica mais hospitais e apoio para os “Médicos Sem Fronteira”¹⁰³.

Ao lado de todas essas vozes, outras se confundem, evidenciando um sujeito fragmentado, que ora usa o “eu” e o “a gente” reconhecendo-se como membro do grupo (“que *eu tô na rua*”, “a sociedade tá proporcionando *pra gente*”; “*a gente que tá na rua*”); ora nele se inclui e dele se exclui, embaralhando-se com o uso da primeira e terceira pessoas (“porque *essas pessoas* que fizeram opção pra morar na rua muitas vezes *se sente* que *a gente que tá sendo empurrado* pra rua *a gente* tá tomando). Há ainda momentos em que o sujeito se exclui totalmente desse grupo e incorpora o discurso social tal como aparece no relato 30.

¹⁰² Apresentados no capítulo 2.

¹⁰³ Trata-se de “uma organização humanitária internacional que leva cuidados de saúde a vítimas de catástrofes, conflitos, epidemias e exclusão social”. Dados sobre a organização encontram-se no site <http://www.msf.org.br/mhome.asp>.

Situando-se no papel de observador, o informante 03dgs emprega a terceira pessoa para se referir ao MSR e avalia a situação “cômoda” desse sujeito (“é muito difícil a pessoa que mora na rua...”, “ele come”, “ele mora”, “e não paga”). Os estereótipos são reforçados no discurso que os reconhece como “sujos”, “sem capacitação para o emprego”, “sem estudo” e psicologicamente “problemáticos”. Ao atribuir a dificuldade da saída das ruas ao *assistencialismo* que mantém o sujeito nesse lugar, alia-se, mais uma vez, ao discurso social que critica as políticas públicas.

A voz da sociedade que estigmatiza o MSR é também marcada pelo informante 02CBA (“as pessoas falam *ah, são arredios, são...*”; “*ah, todo morador de rua é ladrão, é maconheiro, é mau elemento*”). Considerando que essas são representações cristalizadas ou estereótipos do MSR e que a noção de estereótipo “desempenha papel essencial no estabelecimento do *ethos*” (AMOSSY, 2005, p.125), trataremos desse aspecto em um tópico especial, a seguir.

4.1.3 As representações ou estereótipos do grupo

Mattos (2004, p.49) observa “a existência de representações sociais pejorativas, em relação à população em situação de rua, que se materializam nas relações sociais”. Segundo o autor, designações como *louco, vagabundo, preguiçoso, bêbado, sujo, perigoso, coitado, mendigo* são comuns quando dirigidas a essas pessoas. Conforme apontamos no capítulo 2, tais representações serão aqui denominadas como *estereótipos*, uma vez que se referem a imagens cristalizadas, que denunciam preconceito ou discriminação social. Lembramos, ainda, que entendemos o preconceito como uma valoração negativa que implica a negação do outro e a afirmação da própria identidade como superior.

Tomemos os seguintes depoimentos para observarmos como esse estereótipo se materializa no discurso do MSR.

- (33) [As psicólogas] me receberam aí me levaram numa, numa casa comunitária pra cortar o cabelo, tomar banho, porque eu tava um caco, eu tava um, pior do que mendigo, aí fui cortei o cabelo ela me arrumou uma roupa né. (02CBA)
- (34) Eu morava na rua, na verdade eu dormia no chão usava tudo ali, mas eu andava sempre limpo, nunca andei sujo ia na “Harmonia” tomá o meu banho. (10ASC)

- (35) Ah meu dia pra mim agora é melhor que antes porque antes meu mundo eu... no meu mundo eu... era drogado, o dia pra mim não era bom porque eu gostava de curtir mais a noite entendeu, aí eu fazia a noite não tinha o que fazer no dia aí o dia eu dormia todo eu sei que a vida do drogado guarda horror né, mas pra mim agora tá melhor que eu larguei de tudo e trabalho hoje né? [...] Faz um ano que eu larguei de tudo que eu usava droga, cheirava cola, não gosto nem que cheire perto de mim, pra mim agora tá bom, eu trabalho, todo mundo gosta de mim, viram que eu mudei né, que eu não sou mais aquele mesmo... que eu roubava, fazia as coisas, andava sujo sabe, sempre com unha grande. (10ASC)
- (36) Eu faço a música [...] dos moradores de rua aqui ó ((cantando em ritmo de rap)) “trabalho, trabalho, não consegue o que comer se você passar na Andradas como eu não aprendi para você, primeiro lhe recebe com carinho para dar a ele o que comer, mas seus amigos já começam a dizer hã até que você tem sorte arrumou o que comer, mas não foi o suficiente para dividir com vocês, mas um amigo diz não dá nada vamos pra casa tirar essa roupa rasgada, esquecer o passado, renovar o presente para que a miséria não encoste em mais gente, se você é do Brasil e está sua mente sempre sonhando então com um Brasil mais diferente.”... isso é real com os moradores de rua. (10ASC)

Os quatro depoimentos registrados acima foram feitos por informantes que viveram nas ruas, mas que, no momento atual, encontram-se em outra condição. O informante 02 divide o aluguel de um apartamento com um colega e trabalha há um ano com carteira assinada. O informante 010ASC afirma que voltou a morar com a família, mas passa quase todo o dia com os colegas, que moram nas ruas de Porto Alegre (ver depoimentos 05 e 17).

O discurso desses dois informantes é marcado pela diferenciação entre seu passado e o presente. No passado, tempo em que se encontravam nas ruas, reproduzem a imagem estereotipada do *drogado*, do *ladrão*, do *sujo*, do *preguiçoso* que “não tinha o que fazer” e “dormia”. Utilizando-se de verbos no pretérito e expressões de apreciação com valor negativo, representam o discurso da sociedade excludente e preconceituosa: “eu tava um *caco*, eu era *pior* do que o mendigo”. Goffman (1988, p. 41) explica tal atitude, afirmando que “a pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos normais, adquirindo, portanto, as crenças da sociedade mais ampla em relação à identidade e uma ideia geral do que significa possuir um estigma particular”.

Em oposição ao passado, o presente revela o discurso da renovação (“vamos pra casa tirar essa roupa rasgada, esquecer o passado, renovar o presente”), e assumem uma nova identidade, simbolizada tanto pela nova imagem física (barba feita, cabelo cortado), quanto pelos valores sociais, como o trabalho. O hoje representa a inclusão, a aceitação da sociedade (“todo mundo gosta de mim, viram que eu mudei né, que eu não sou mais aquele”).

Entretanto, se em alguns momentos esse sujeito assume a ideologia imposta pelo discurso social hegemônico, em outros, retoma um discurso diferenciado, na tentativa de traçar uma nova imagem do MSR. Vejamos como isso acontece.

4.1.4 O *ethos* do MSR: uma imagem (re) criada discursivamente

Em uma dimensão pragmática, o *ethos* constrói-se na interação verbal e é interno ao discurso. Por outro lado, na dimensão sociológica de Bourdieu (*apud* AMOSSY, 2005, p. 120), o *ethos* consiste na autoridade exterior de que goza o locutor e, embora ocupe um lugar determinante, nada tem de construção discursiva. Para esse autor, o poder da palavra não está em sua “substância propriamente linguística”, mas deriva da adequação entre a função social do locutor e do discurso. Amossy (2005, p. 136) pondera essas posições ao dizer que “a eficácia da palavra não é nem puramente exterior (institucional) nem puramente interna (linguageira). Ela acontece simultaneamente em diferentes níveis”. Sabe-se que o lugar ocupado pelo morador em situação de rua é o da exclusão da sociedade, ou seja, um lugar em que o sujeito é destituído de poder. Sabe-se, também, que esse sujeito tem buscado uma nova posição social. Assim sendo, nos relatos seguintes, buscaremos elucidar como o MSR tenta reconstruir sua imagem discursivamente.

No excerto que segue, de forma persuasiva, o informante emite uma valoração positiva sobre o grupo social:

- (37) Existe uma coisa muito interessante na população de rua que é, você consegue tudo com o morador de rua, tudo que você quiser, mas primeiro você tem que angariar a confiança dele, a hora que ele confiar ele se abre, ele mostra o trabalho ele mostra capacidade, mas enquanto ele não tiver uma confiança você pode conversar com ele que ele (assobio), distorce a conversa e conversa inteligente, mas distorce a conversa pra você não descobrir nada dele, não sabe, não se infiltrar na vida dele, agora se você consegue obter a confiança dele, não é dando dinheiro ou dando pão, num, a palavra sabe, o conforto sabe, tem uma palavra que mexe com o cara, ele começa a confiar, a partir do momento que ele confiou em você, então você, você fica sabendo de tudo ele te conta a história, te fala e isso é muito é, bem interessante porque essas pessoas que tem escritas, que tem poemas, que tem histórias escritas, rascunho que se você pegar dá pra fazer livro, você pegar cada caderno deste tamanho escrito tudo sabe aquele negócio que hoje é dia tal, tá assim, assim, assim, um diário, você consegue, mas primeiro você tem que ganhar a confiança. [...] Então o que falta, falta que... justamente isso que as pessoas consigam a confiança desse morador aí você tem mil produtos que você pode desenvolver em qualquer tipo de trabalho. [...] Na rua devido a essa diversidade é muito difícil você se vincular a um desses grupos, mesmo que você seja um desses grupos é muito difícil se vincular

justamente pela falta de confiança, a partir do momento que você consegue a confiança aí, aí é fácil você tem entrada nesse grupo, não sendo é um pouco difícil e ele também tinha o mesmo defeito que eu, eu era muito sozinho eu era muito afastado das pessoas. (02CBA)

O informante inicia essa parte do relato utilizando-se de uma estratégia de captação, ao chamar a atenção do pesquisador para um aspecto positivo do grupo: “existe uma coisa muito interessante na população de rua”. Na articulação do discurso, é construída uma imagem do MSR como um homem que, aparentemente, é fechado, solitário, desconfiado, porém bom (“você consegue tudo o que quiser com ele”), inteligente (“distorce a conversa pra você não descobrir nada dele”), letrado e honesto (“não é dando dinheiro ou dando pão”, que se consegue algo, mas, “a palavra”).

Nos excertos seguintes, observa-se esse mesmo movimento. Apresentam-se aspectos com valor positivo de membros e/ou do grupo social na tentativa de criar uma nova imagem do mesmo: a imagem do MSR letrado em oposição ao estereótipo do “analfabeto”, “sem escolaridade”.

(38) O cara que tá na rua é muito mais bem informado do que quem não tá, ele lê jornal todo dia, ele lê revista todo dia, ele se informa, ele para na loja, ele assiste jornal sabe, é jornal que ninguém lê aparece na mão dele ele lê sabe, é muito difícil você vê um mendigo lendo a Gazeta Mercantil, saber da Bolsa, eu sei que tem muita gente, na rua tem gente formada, dentista, engenheiro, médico, conheci vários na rua formados, contabilista, publicitário, tudo na rua, uns por opção, outros por situações diversas né, mas a maioria formada e ali na rua, então o cara quando tá na rua é um cara que tem uma visão da vida ele lê, mesmo na rua ele lê, você pode passar aí você vai ver um carregador de papel ele para, lê o jornal, ele lê metrô, ele lê a Folha de ontem, ele lê... tudo que aparece ele tem que tá lendo [...] Isso [crença de que MSR é analfabeto, que tem pouco estudo] não existe, isso é metáfora. (02CBA)

(39) Eles [MSR] leem. Eu conheci até um “brother” [...] ele já não tem mais vínculo social né, ele é uma pessoa (desarregada) do bem de consumo e ele é superesclarecido, é um cara superconsciente conhece banda, conhece rock, conhece rua, conhece bairro, conhece cidade sabe... e ele sabe o que gosta, sabe o que pede, sabe o que fala e ele vendia umas mensagens que ele escrevia, ele pegava uma folha escrevia uma mensagem assim superinteressante e falava assim: “olha aqui pra mim amigo que não sei o que ó, por essa poesia, esse manuscrito eu tô te... vejo que você gostou e quanto que vale esse manuscrito por você ter lido pra ficar pra você?” ficava assim: “não, não” “pra me ajudar a comer alguma coisa, pra me ajudar a beber um café, pra me ajudar comer um pãozinho”, “legal, bacana, pode ver tá de primeira” aí geralmente o pessoal não queria porque faltava uma lógica, faltava uma lógica entendeu e “putz” meu... (04EAS)

- (40) Você vai entrevistar hoje um sujeito muito... é... muito rico né, o SNO ele tem aquela coisa toda, aquela coisa toda dos negros né e:: foi a primeira pessoa que eu conheci... que a gente se conheceu lá no Centro Alternativo de Arte e Cidadania, aquela proposta também de um cara que chamava VI [...] ele veio trabalhar com teatro, quando ele veio pra São Paulo se deparou com essa miséria, [...] aí ele criou um método aqui conversou a subprefeitura da Moca né, arrumou um galpão e criou um método que chamava “Teatro da Solidão Solidária” aí o que ele fazia... ia em albergues públicos ia na faculdade né, na São Judas e na (Anhembi) que são as mais próximas aqui da Moca onde fica o espaço Uso Comunidade e aproveitando alunos de faculdade, pessoas em situação de rua, profissionais liberais, donas de casa da Moca e juntava tudo num sábado à tarde num caldeirão que era muito interessante né, a gente trabalhava sobre quatro trechos que ele havia escrito e sobre exercícios dessa técnica aí da Solidão Solidária que ele desenvolveu e foi onde eu conheci o “SNO”, o Gê que é uma pessoa muito bacana também ele é de Volta Redonda, Rio de Janeiro, o AX que era o braço direito do SNO que acaba proporcionando que o SNO escrevesse um monólogo do qual ele vai falar melhor que eu disse daí, que foi o primeiro texto de teatro encenado na cidade de São Paulo numa pessoa em situação de rua através dum CNPJ do CAC que ele conseguiu colocar no Teatro Fábrica São Paulo que fica ali na Consolação, ficou por pouco tempo, mas é uma vitória né, é uma carga de preconceito né essa coisa... (06JFJ)
- (41) ((A entrevistada TPF)) é uma menina... uma pérola negra aquilo... aquilo lá é um dom de Deus mesmo né, e mesmo... ela nunca esteve em situação de rua, ela sempre tá em situação de risco social, por ser negra, pobre, mãe solteira, mãe de três filhos e ela que criou os três... mas ela tem um dom pra literatura que Deus lhe deu mesmo (06JFJ)
- (42) ((Muitos MSR leem)) literatura das boas. É Plínio Marcos, o JFJ você conversa com ele, ele fala de Plínio Marcos ele sabe de Bocage, ele sabe desse “poeta maldito” aí, foi com ele que eu aprendi aquele negócio, como é que é, “jamais morrerei, sou velha, não sei o que, jamais, nunca comi, ‘fodi’ sem nunca ter” um negócio assim que é esse, eu nunca lembro os nomes, mas o JFJ é bom nisso, ele é bom mesmo... “JFJ como é que é aquele poema?”, falou a frase tal, ele sabe, “JFJ quem falou a frase X?”, ele sabe, ele sabe tudo (SIR09TPF)
- (43) Às vezes a pessoa na rua fica sabendo antes que saia no jornal, certas coisas assim... problemas que ocorrem assim tipo... até problema em albergue mesmo quando sai no jornal “pá albergue não sei o que, pá, pá, pá” morador de rua já tá sabendo há horas sabe já tá sabendo do problema a tempos (013RM)

Todos os relatos ressaltam a presença ou, até mesmo, a superioridade (“o cara que tá na rua é muito mais bem informado do que quem não tá”; “jornal que ninguém lê aparece na mão dele ele lê”; “fica sabendo antes que saia no jornal”; “a maioria formada”; “o cara quando tá na rua é um cara que tem uma visão da vida”) de membros do grupo que detêm o conhecimento enciclopédico. A notabilidade desses sujeitos é atribuída tanto ao fácil acesso à revista e ao jornal, tidos como símbolos do saber, quanto à formação cultural (falar idiomas,

ler e informar sobre autores reconhecidos, escrever peças teatrais) e acadêmica dos mesmos (“dentista, engenheiro, médico, conheci vários na rua formados, contabilista, publicitário”).

Na estruturação desse discurso, o efeito de sentido do saber é produzido pelo uso de metáforas (“é uma pérola negra”), de adjetivos (“o JFJ é bom nisso, ele é bom mesmo”), da repetição do prefixo *super* (“superesclarecido”, “superinteressante”) e dos verbos *saber*, *conhecer* e *ler* (“*conhece* banda, *conhece* rock, *conhece* rua, *conhece* bairro, *conhece* cidade”, “*sabe* o que gosta, *sabe* o que pede, *sabe* o que fala”; “ele *sabe* de Bocage”, “ele *sabe* desse ‘poeta maldito’”, “ele *sabe*, ele *sabe* tudo” “ele *lê* jornal todo dia, ele *lê* revista todo dia”, “ele *lê* metrô, ele *lê* a Folha de ontem, ele *lê*... tudo que aparece”). É interessante observar que até mesmo a noção de riqueza é associada ao verbo “ter”, usado no sentido de posse do conhecimento em contraponto ao preconceito velado ou explícito contra os grupos excluídos (“você vai entrevistar hoje um sujeito muito... é... muito *rico*, né, o SNO ele *tem* aquela coisa toda, *aquela coisa toda dos negros*”; ele escreveu “o primeiro texto de teatro encenado na cidade de São Paulo duma pessoa em situação de rua” [...] “é uma vitória”)

4.1.4.1 Nós X o outro

Nos excertos acima, observa-se a valorização da imagem de MSR’s e, em alguns momentos, a desvalorização, às vezes de forma sutil, daquele que não pertence a esse grupo (ser menos informado, por exemplo). Nos excertos seguintes, observaremos a ocorrência dessa mesma *polarização* que define o grupo interno e o(s) grupo(s) externo(s) (VAN DIJK, 1997). Entretanto, os entrevistados dão uma maior ênfase à face negativa do outro, sendo a posição desse último ocupada pela sociedade e pelas instâncias governamentais.

4.1.4.1.1 Nós X a sociedade

Em estudos sobre o racismo, van Dijk (1997, p.110) afirma que, na maioria das vezes, os membros de grupos minoritários são “capazes de reconhecer procedimentos racistas quando com eles são confrontados”. Pode-se dizer o mesmo em relação ao MSR, frente a outros que não pertencem a esse grupo. Nos relatos seguintes, as vozes em que predomina o preconceito e as reações provocadas são marcadas no discurso do MSR:

- (44) porque na rua era assim a gente... tem gente que não gosta, não gosta de nós... nem que encoste, encosta a gente “ah, pô” já fica bravo, tem gente que

já é nervosa mesmo, mas tem gente que tem um carinho por amor por moradores de rua, gosta de ajudar aquela pessoa, eu sou um, eu sou bom até pras pessoas que são ruim pra mim e eu não moro mais na rua, cheirava cola, não cheiro mais. (10ASC)

No excerto 44, o entrevistado evidencia a discriminação sofrida (“não gosta de nós *nem que encoste*”), justifica essa ação (“porque *já é nervosa mesmo*”), mas aponta para a maldade do outro, ao assumir um discurso de ser bom para aqueles que o maltratam. Termina o relato negando sua identidade como MSR e reforçando o estereótipo de que quem mora na rua usa drogas.

Nos relatos seguintes, assume-se o discurso da resistência. Denominamos como *discurso da resistência* aquele que é proferido pelos sujeitos que assumem uma “identidade de resistência”, nos termos de Castells (2002). Trata-se do discurso dos que se encontram em posição desvalorizada pela sociedade dominante, mas que resistem aos valores dessa e constroem “trincheiras de resistência e sobrevivência” tendo como base princípios diferentes dos que circulam na sociedade ou mesmo opostos a eles.

- (45) o que eu mais desejo e o que é mais a gente bate contra... não é a pessoa está em situação de rua... acho que... a condição de situação de rua é um termo muito relevante [...] o que eu quero dizer é assim, é que as pessoas, a maioria da sociedade né, sempre se pauta pelo que... é no, tem uma expressão em inglês que é “establishment” né, que é o que na minha opinião é pros poderosos né, os que detêm o poder tanto na área financeira como na área de comunicação também. [...] quando... você tá na sua casa, você tem o seu emprego normalmente te vendem uma sensação de segurança que pra mim não é real não é, enquanto outras pessoas tão morando muito mal, tão passando né, tão tendo problemas aqui em São Paulo que é grave de enchente, leptospirose tal né, então é o que é... o que é... o maior câncer assim nesse sentido é o preconceito das pessoas, porque as pessoas vêem as pessoas em situação de rua, ah, é claro que eu não posso generalizar [...] a gente vê aqui em São Paulo porque... essa coisa muito né do preconceito que é muito... [...] ó peguei a revista aqui né ((dramatiza a situação pegando a revista e folheando-a como se estivesse mostrando a revista para alguém)), aí eu falava assim: “ah, você conhece a OCAS?” “ah, não nunca...” “então a OCAS é abreviação disso aqui, é associada a essa rede aqui e ela né... é a possibilidade de geração de renda pras pessoas que estão em situação de rua tal” aí quando eu falava isso a pessoa fazia assim eu ((levanta-se e dramatiza a situação na qual o transeunte afasta-se balançando a cabeça e a mão negativamente)) eu falava: “uai que que tá pegando aí?” ((risos)) ou senão a gente fala aqui muito na OCAS que tem uma mão burguesa né... é muito comum em São Paulo que é uma, é uma cidade que tem um “time”, que são muito ligeiro né, às vezes você tá abordando a pessoa na rua assim, ((continua a dramatizar a situação na qual o passante afasta-o com a mão)) “ou o que você tá fazendo” aí as pessoas passam lá, principalmente na Paulista aqueles homens bem vestidos as mulheres de “tailler” tal aí PASSA, mas finge que você não existe né... às vezes você se coloca bem...você não

pode dar passagem pra pessoa, mas você vai de acordo com o que faz...((risos)). (06JFJ)

No excerto acima, o discurso da resistência aparece como uma crítica ao discurso ideológico dos defensores do “establisment”¹⁰⁴, termo usado para se referir àqueles “que detêm o poder tanto na área financeira como na área de da comunicação”. Tal crítica adquire um tom político em um discurso que sai em defesa da minoria, que mora mal e que está sujeita a doenças. A metáfora da “mão burguesa” associada ao modo de vestir (“homens bem vestidos, mulheres de *tailleur*”) coloca em cena os valores de um grupo privilegiado que habita as grandes cidades e que insiste na invisibilidade social (“PASSA, mas finge que você não existe”), ou seja, ignora aquele que se encontra à margem da sociedade. O relato traduz, ainda, a repulsa representada fisicamente através do gesto de balançar a cabeça e a mão negativamente. Dessa forma, o informante apresenta uma face negativa da sociedade, ao mesmo tempo em que constrói a imagem positiva do grupo que tenta trabalhar, mesmo que não atinja o outro, insensível aos problemas reais.

O discurso da resistência aparece também na voz da entrevistada SIR09TPF, autora do relato 46, que viveu em situação iminente de rua. Já no início do relato surge uma voz que põe em xeque a sociedade que não conhece as agruras do MSR, mas que o julga (“ah, ele não quer sair dessa vida”). Em seguida, a informante, colocando-se na posição de quem sabe o que diz (“mas a nós que távamos ali vendo”), justifica de forma branda a situação daquele que está na rua (“não é que ela não quer sair dali, às vezes é a condição”, “ela não tem mais nem ESTRUTURA às vezes, ela não tem mais nem ESPERANÇA”, “são pessoas, são pessoas”). Em um segundo momento, expõe os valores da sociedade – riqueza, estudo, família, casa – e mostra a fragilidade dos mesmos, que podem findar a qualquer momento (“de repente...”). Assume, então, um tom impositivo, para afirmar categoricamente (“eu falo e afirmo”) que qualquer um é passível de “cair” e tornar-se igual àqueles que estão na rua, mesmo os que já estiveram em outra posição social (“gente da gente ver que tinha bens”).

A escolha lexical, que segundo Fairclough, pode ser ideológica e politicamente investida (2001, p.232), indica valores semânticos com acepção negativa (cair, socos, pancadas, desgracar) e cria um efeito de ameaça à sociedade, que em alguns momentos é

¹⁰⁴ “*Establishment*, em sentido mais abstrato, refere-se à ordem ideológica, econômica e política que constitui uma sociedade ou um Estado” [...] “Em sentido mais restrito, pode referir-se a um grupo de indivíduos com poder e influência sobre determinada organização ou campo de atividade”. (WIKIPÉDIA) <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Establishment>> Acesso em julho/2009.

diretamente evocada pelo pronome *você* (“se *você cair* no primeiro *soco*... *você* vai cair sempre e *você* vai se *desgraçar* sempre entendeu”). No encerramento do relato, é restabelecido um tom mais ameno, que se coaduna com a voz da sociedade, perplexa diante daqueles que se encontram nas ruas (“*eu* falava: ‘*eu não acredito* que essa pessoa está na rua’”, “*da gente* ver...”).

- (46) Eu vi [formação de grupos diferentes], eu vi e inclusive muitas vezes das pessoas abria a boca: “ah, ele não quer sair dessa vida.” entendeu assim, mas a nós que távamos ali vendo não é... às vezes não é a pessoa não querer, não é que ela não quer sair dali, às vezes é a condição que ela tá... ela não tem mais nem ESTRUTURA às vezes, ela não tem mais nem ESPERANÇA que ela vai sair um dia daquilo ou então... tem aqueles que tão no albergue, tem todo aquele apoio socialista né, socialista, ele sabe que ele lá, ele vai tomar banho ali, vai ficar então todos os dias... aí acaba o tempo dele ali ele vai pra outro e ele vai ficando né, nessa vida... [...] tem aqueles que não vendiam a revista porque não se identificavam outros “ah, eu não tenho é queda pra venda”, “ah isso aí não tá com nada” né... tem tudo isso, então varia muito assim... mas é eu falo que são pessoas, são pessoas... [...] então esse grupo todo aí né, essa diferença toda de situação de rua eu falo e afirmo “qualquer pessoa pode cair em situação de rua, ela pode ser a pessoa mais rica, mais estudada, mais estrutura dentro de casa, de repente... se ela não for forte perante as pancadas que a vida dá na gente, os socos, que são socos fortes, se *você cair* no primeiro *soco*... *você* vai cair sempre e *você* vai se *desgraçar* sempre entendeu... pode ser qualquer pessoa que tá na rua.” porque eu conheci muita gente que eu ficava assim, eu falava: “eu não acredito que essa pessoa tá na rua.” entendeu, gente da gente ver que tinha bens... a pessoa tinha toda uma riqueza e a família vira as costas... a família virar as costas aí acabou (SIR09TPF)

4.1.4.1.2 Nós X as instâncias governamentais

Nos relatos seguintes, o lugar do outro como instância governamental é marcado pela violência cometida pela polícia contra o eu/nós, MSR's, ou seja, um lugar marcado pelo abuso do poder que, segundo van Dijk (2008, p.29), “significa a violação de normas e valores fundamentais no interesse daqueles que têm o poder e contra o interesse dos outros”:

- (47) aqui em Porto Alegre eu acho que é muito errado tipo... eu como natural de Porto Alegre eu acho que eu tenho todo o direito de tipo de... dormir numa calçada, de ficar numa calçada de dentro de Porto Alegre sentado... e aqui acontece muito de a polícia correr né, os moradores de rua sair... fazer sair... tipo que nem ocorre no supermercado Zafare aqui... eles dão café e almoço ali pra eles, pra eles pega e correr nós dali, só que eu não fico na frente [...] É que tipo na calçada onde que eu quiser... tá entendendo tipo se eu quiser dormir ali na calçada, isso é... porque a maioria das pessoas não gosta... mas eu não tô usando droga... eu não tô cheirando loló... eu não tô bebendo

cachaça tá entendendo, respeito do menor ao maior...tipo qual é o mal que eu tô fazendo de tá deitado ali naquela calçada com meu cachorro? (014WMP)

- (48) Me levaram um colchoado que a tia tinha me dado no dia que tava frio, que ela viu eu tremia de frio que eu sem nada... a tia pegou largou um edredom novinho em cima de mim... aí tá e era dia 7 de Setembro dia do desfile da pátria deles sabe, eles [policiais] pegaram me levaram pro nono aí tocaram meu acolchoado no lixo, novinho que eu tinha ganhado da madrinha... acolchoado coisa mais linda. (012LC).

Marcando a posição de cidadão de Porto Alegre, o enunciador do relato 47 reivindica o seu “direito” como tal. Ao fazer isso, pode-se observar uma oscilação, marcada pelas reticências e pelas expressões que indicam dúvida (“eu acho que”) e substituições do verbo *dormir* pelo *ficar*. Em seguida, apresenta uma denúncia contra a polícia que, corrompida por um supermercado da cidade, impinge-lhe maus tratos. A negação apresenta-se como um índice de polifonia. A expressão “*eu não tô usando droga... eu não tô cheirando loló... eu não tô bebendo cachaça*”, acompanhada por uma afirmação (“respeito do menor ao maior”) e pela pergunta (“qual é o mal...?”), responde a uma voz que, do outro lado, o acusa de estar usando droga, beber, desrespeitar o outro, fazer o mal.

O excerto 48 é estruturado a partir de um lamento em forma de narrativa canônica¹⁰⁵. Em um primeiro momento, apresenta-se a cena em que ocorreu o fato. O vocabulário utilizado para apresentar a caracterização detalhada dos objetos, do tempo, das ações (“no dia que *tava frio*”, “eu *tremia de frio*”, “eu *sem nada*”) transporta o enunciador para uma cena de pobreza e sofrimento, mas que contém a presença de elementos reconfortantes (“a tia pegou largou um *edredom novinho* em cima de mim). Em seguida, aparece a ação da polícia. Se anteriormente as palavras criam um sentido de afeto, o novo sentido é o da violência: os policiais *tocaram* fogo e jogaram no *lixo*. Fizaram tudo isso no dia da pátria *deles* e não do informante. Finaliza-se a narrativa retomando o tom afetivo para evidenciar que o acolchoado era “novinho”, “coisa mais linda”.

Se os dois últimos relatos denunciavam a violência das autoridades policiais que correm, batem, queimam colchões dos MSR's, os relatos seguintes também apresentam uma face negativa dos responsáveis pela saúde pública e dos seguros contratados por empresas privadas:

¹⁰⁵ Utilizo a expressão “narrativa canônica” para me referir à estrutura da narração apresentada em três momentos: a) um cenário ou orientação, com a apresentação de personagens, lugar onde acontecem os fatos); b) a complicação com o início da trama propriamente dita; c) a resolução, o desenrolar da trama até o seu fim (KLEIMAN, 1989).

- (49) Ô, tipo a saúde porque é “foda”... alimentação é difícil, “pô” tudo é difícil na rua pra ti chamar, esses dia chamei o SAMU, tava um amigo nosso passando mal o SAMU não veio, porque era morador de rua.[...] Ou às vezes quando chega tu já vê as cara assim “pá” sabe, de decepção assim, “pô, se soubesse nem tinha vindo” sabe aquela cara que se soubesse nem tinha vindo. Como também existe muita gente legal que não tá nem aí e pega e vem cumprimenta, às vezes até abraça nós sabe, que assim o preconceito é forte, o preconceito é forte... em certos lugares o cara não pode ENTRAR sabe, não pode...[...] Mc Donald’s, o shopping Praia de Belas aqui no...[...] tu nem entra, o segurança já nem deixa tu entrar, não dá tempo nem de pedir pra sair, eles não deixam nem tu... Mc Donald’s lá uma vez, assim uma história rápida assim, eu tô passando pela, porque o Mc Donald’s tem Drive Tru pro pessoal estacionar assim sabe, aí eu tô passando tem um copo de refri no chão, mas assim tipo ninguém tá bebendo, largaram ali... muito acontece isso e eu peguei e o segurança pegou e me chamou de “filho da puta” falou assim “que que é ‘filho da puta’ larga isso aí não sei o que” aí eu falei “é do senhor?” ele falou “não larga isso aí ‘meu’” aí eu falei “cara isso aqui vai pro lixo” falei pra ele “isso aqui vai pro lixo” ele falou “não quero saber tá retrucando ainda” veio pra cima de mim com um bastãozinho que cresce assim dá um choque, eu tenho marca até hoje aqui assim nas costas [...] Pegou me deu um choque nas costas, saí correndo e tava de chinelo, larguei o chinelo o segurança do Mc Donald’s pegou meu chinelo, tocou pra dentro dum... do terreno do prédio assim sabe, pra mim não pegar no caso, “pô” aquilo lá me revoltou o cara me chamou assim, ele xingou, xingou minha mãe sabe, xingou minha mãe, pior foi isso... aí eu peguei xinguei ele falei um monte de coisa ele veio correndo atrás de mim, na hora eu tava com uma mochila pesada, larguei a mochila ele pegou minha mochila aí eu fui no tumulto lá no Mc Donald’s né “pô” não precisava tudo aquilo por causa de um copo que ia pro lixo sabe, porque muitas vezes quem tá na rua come do, vive do lixo né.(013RM)

O excerto 49 é estruturado a partir de duas denúncias: contra a falta de atendimento do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) e contra os seguranças de empresas privadas. Na primeira, uma breve descrição da expressão (“tu já vê as cara assim ‘pá’ sabe, de decepção assim”) e a citação das palavras dos agentes de saúde (“pô, se soubesse nem tinha vindo”) criam o efeito da negligência e discriminação com o MSR. O informante continua seu discurso justificando que há pessoas que o tratam de forma diferente. Entretanto, ao falar sobre isso, reforça a discriminação sofrida quando diz que “*também* existe muita gente legal *que não tá nem aí e pega e vem cumprimenta*, às vezes *até abraça*”, indicando que o esperado seria que esses se afastassem e não o cumprimentassem, como se faz com um “normal”, na terminologia de Goffman (2008).

A segunda denúncia é ilustrada com a narração de um fato que evidencia o abuso de poder do grupo policial contra a minoria. As expressões usadas no discurso criam a imagem de um MSR (eu) inicialmente submisso (que *passa, pega* um copo *largado no chão*

que *vai para o lixo* e que pergunta respeitosamente “é do *senhor?*”), que é confrontado pelo outro, que o xinga, machuca e agride. O informante conclui o relato avaliando negativamente a ação do segurança (“não precisava tudo aquilo por causa de um copo que ia pro lixo”) e se posicionando como aquele que come e vive do lixo.

As prefeituras também são alvos de críticas do grupo:

- (50) Hoje a população de rua tá um pouco mais arredia justamente por causa do trabalho, antes quando era a Marta a prefeita esse trabalho era mais simplificado tinha resultado, depois que entrou o outro prefeito esse trabalho ficou só, vamos dizer assim só no superficial, então isso se você for entrevistar alguém na rua você vai encontrar isso, é vem a menina com a tabuleta “seu nome, ah se tiver vaga a gente vai arrumar pra você no albergue”, só que os caras faz tanto isso, todo dia faz isso que o morador de rua “ah é prefeitura, nem quero, nem quero dar mais meu nome, você já pegou meu nome cinquenta vezes você quer o que, não me arrumou nada”, você entendeu? Então “ah, você é da prefeitura?” então quando alguém chega pra conversar com eles, “não, não sou da prefeitura”, “não você também é do grupo e tal você não vai me arrumar nada, não vai...” (02CBA)
- (51) Aqui [mostrando foto na Ocas] é uma região central, aqui tem uma pessoa dormindo né, coisa ali os cara joga água “sem eira nem beira” né, em cima do cara mesmo... [...] Segundo o subprefeito da regional Sé, eles tiveram até uma reunião e ele argumentou o seguinte, ele né como subprefeito da Sé, ele falou: “mas as pessoas que usam o centro da cidade elas querem a cidade limpa... eu não tenho culpa que o senhor tá lá” ele falou bem assim né, eu tenho que prezar pela maior parte da população (06JFJ)

No relato 50, o informante posiciona-se ao lado da administração “simplificada”, porém efetiva, do prefeito anterior e contra o trabalho “superficial” da administração atual. O discurso direto traz a voz dessa última, que promete, mas não cumpre, e também a voz da minoria, cansada de ouvir promessas. Já o relato 51 traz a voz da indignação com as ações inescrupulosas dos representantes do poder (“os cara joga água ‘sem eira nem beira’”) e a voz da subprefeitura que, além de não assumir a responsabilidade de zelar pela população como um todo (“não tenho culpa...”; “tenho que prezar pela maior parte da população”), reproduz a discriminação: querem a cidade limpa e jogam água nas pessoas que são vistas como a própria sujeira.

4.2 PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA DOS MSR's

Os 14 MSR's entrevistados revelaram práticas de escrita coletiva ou individual, em maior ou menor escala. Os cinco entrevistados em Porto Alegre participam das oficinas de escrita do *Boca de Rua* e têm textos publicados nesse jornal. Dois participantes das oficinas têm, também, textos publicados no livro “Histórias de mim: escrituras de um povo” e três participam do “Realidade de Rua”¹⁰⁶, um grupo de criação de RAP e de Hip Hop¹⁰⁷.

Dos 9 entrevistados em São Paulo, dois participaram do concurso “História de minha vida” na categoria “histórias verídicas”. O autor do texto vencedor costuma escrever somente atas das reuniões que participa no projeto de reciclagem. O outro participante compõe músicas e poemas não publicados, mas conhecidos por colegas que participam dos eventos freqüentados pelo grupo. Seis dos entrevistados participam das oficinas de escrita da *Ocas* e têm textos publicados na seção “Cabeça sem teto” dessa revista. Quatro participaram das seções de terapia com psicólogos do Grupo de Estudos e Trabalhos Psicodramáticos (GETEP) e são coautores do livro produzido pelo grupo. Dois têm livros publicados sem coautoria, sendo um em CD. Um deles, além do livro publicado, é autor de duas peças de teatro e é responsável pela coluna “Direto da Rua” no jornal *Trecheiro*.

4.2.1 O que os MSR's dizem sobre os hábitos de leitura e escrita

As resposta às perguntas sobre as preferências e os hábitos de leitura e escrita dos entrevistados revelaram práticas que vão além das promovidas pelas instituições acima, conforme se vê na tabela 2.

Dos 14 entrevistados, 13 disseram gostar de ler, embora alguns relatos revelem contradições, pouco valor e/ou frequência de práticas da leitura. Toma-se, como exemplo, o seguinte:

- (52) Porque a leitura é o principal né, a leitura é o principal das coisas né [...] esses dias eu achei uns livro que era bem interessante com um cara lá... aí o cara pegou e me deu pra mim... eu troquei com ele por dinheiro né, ele “ah esses livros são bem interessante pra mim” aí ele “ah vou dá vinte pila pra ti pelos livro tá bom?” ah tá bom achei no lixo mesmo né. (014WMP)

¹⁰⁶ Blog do grupo: <http://www.rapdomercedez.blogspot.com/>

¹⁰⁷ O RAP é a sigla de *Rhythm and Poetry* (Ritmo e poesia) e designa um tipo de canção que surgiu nas periferias das grandes cidades americanas, tornando-se porta-voz das minorias. Segundo Farias (2003), o RAP está vinculado a um movimento cultural de rua conhecido como Hip Hop que possui em seu bojo o *graffite*, pichação com arte ou dirigida, e o *break*, um tipo de dança que acompanha o RAP.

TABELA 2
Gêneros, suporte e hábitos de leitura de cada morador em situação de rua¹⁰⁸

	TOTAL	ENTREVISTADO													
		São Paulo							Porto Alegre						
		01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14
Suportes															
Livro	9	-	1	-	1	1	1	1	1	1	-	1	-	1	-
Revista	4	-	1	-	1	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-
Jornal	5	1	1	-	-	-	-	1	-	-	1	-	1	-	-
Gibis	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-
Bíblia	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Enciclopédia	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Panfleto	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Gêneros															
Bibliografia	3	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Canção/música/hino	6	1	1	-	1	-	1	1	-	-	1	-	-	-	-
História em quadrinhos	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-
Horóscopo, signo	2	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-
Manchete	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-
Notícia	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Poema	3	-	-	-	-	-	1	1	-	1	-	-	-	-	-
Programação / guia cultural	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Romance, conto	9	1	1	-	-	1	1	1	1	1	-	1	-	1	-
Texto religioso	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Sobre o ato e o hábito de ler															
Citou livros e/ou autores lidos	9	1	1	-	1	1	1	-	1	1	-	1	-	1	-
Costuma ler “muito”, “bastante”	7	-	1	-	1	1	1	-	1	1	-	-	1	-	-
Formou o hábito na infância ou adolescência	6	-	-	-	1	1	1	-	1	1	-	-	-	1	-
Formou o hábito em ambiente familiar ou escolar	5	-	-	-	1	-	1	-	1	1	-	-	-	1	-
Gosta de ler	13	1	1	-	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora.

Somente um dos MSR's expressou verbalmente não encontrar sentido para a leitura e para a escrita no momento atual de sua vida. Trata-se de um vendedor da *Ocas* que atualmente vive em uma moradia social. Quando jovem, o entrevistado costumava frequentar a biblioteca do presídio em que cumpria pena para estudar o Código Penal, escrever matéria para um jornal e elaborar processos para os colegas:

¹⁰⁸ Registramos somente os gêneros, suportes e hábitos citados. Entretanto, é possível que alguns MSR's exerçam práticas que não foram manifestadas.

- (53) Quando eu tava no semiaberto de, de, de Valparaíso eu escrevi um jornal pra, pro pessoal que estava no semiaberto entendeu e eu sempre escrevi, certo.[...] a gente escrevia sobre o, o, a situação carcerária entendeu, escrevia sobre os benefícios das leis que estavam, que estavam em benefício dos presos, certo e eu, eu ajudei a implantar a remissão de pena [...], eu também era, fui recursista né, eu montei um monte de processo que eu tinha e eu não tinha dinheiro pra pagar advogado, eu comecei a estudar o Código Penal, então eu fazia recurso pra preso, certo... dentro da biblioteca da, da, da do (sistema) certo, tinha, tem biblioteca lá. [...] **A escrita pra mim hoje é, é, é a mesma coisa como se estivesse escrevendo uma listinha como se fosse pra mim comprar no supermercado.** [...] Ah, eu, ler hoje? **O meu companheiro na minha frente é a televisão**, certo, eu vejo muito filme, certo, sempre eu tenho um filme pra ver, sempre eu, sou catador de, de filme, tenho vídeo cassete, DVD, gosto de ver muito filme. (03DGS)

Ao serem indagados sobre *o que gostam* de ler, diversos gêneros e suportes¹⁰⁹ foram citados. As expressões sublinhadas nos próximos excertos indicam, além desses elementos, alguns eventos, características e apreciações sobre a leitura e a escrita:

- (54) A gente ((MSR)) só tem lido junto assim, quando a gente participa de algum **culto** né, que muitas vezes o pastor distribui assim, aqueles **panfletos** pra gente poder ler, cantar **os hinos** né, mas em situação de rua não. [...] eu trabalho na parte de reciclagem de jornais, revista e papelão e quando eu tô, é, reciclando jornal e papelão, revistas, eu vejo muitas **manchetes** aí que **me chamam a atenção** e nos **jornais** vem muito **guia de São Paulo** e esses guias **de vez em quando** que pego pra ver onde têm **bibliotecas, videotecas** né, que tem **muito lugar, que tem muita cultura**. (01CJP)
- (55) Eu **gosto sim de ler bastante**, eu **gosto de ler** assim **de escrever também** [...] não que eu seja muito romântico, mas **eu gosto ler livro de romance... eu gosto de ler história**, eu gosto de ler assim... **jornal eu não sou muito bem chegado** não, mas meu signo, **eu gosto de ler o meu signo** é... quando tem alguém assim que eu amo que tá lado a lado **eu gosto de ver o signo da pessoa** também. (07NSJ)
- (56) Agora eu não tenho lido **muitos livros inteiros**, embora eu tenha alguns eu **tô lendo aos poucos**, eu tô lendo **mais coisa solta**, mas eu **leio muitos livros**. (08SNO)
- (57) ((Gosto de ler)) o meu **signo**. [...] **Gibi pra mim lê... eu só gosto de ler aqueles de super-heróis história em quadrinho**. A **revistinha do X-man** (10ASC)

¹⁰⁹ “Entende-se *gênero* como toda forma textual, falada ou escrita, concretamente realizada e encontrada em nossa sociedade com denominações e usos diversos. Os gêneros discursivos podem ser identificados porque são formas textuais que mantêm um certo conjunto de características relativamente estáveis, ainda que variando em termos de extensão, conteúdo e estrutura. O *suporte* de um gênero “é um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”. (MARCUSCHI, p. 2003).

- (58) Eu **gosto de ler bastante**. [...] Eu **costumo ler mais é ROMANCE**. [...] Eu **gosto** assim meio que **conto de fada**. [...] Eu vejo elas ((pessoas em situação de rua)) mais lê do que escreve. [...] É elas lê mais é **jornal**. [...] eu acho que elas leem **notícia**, notícia a única notícia que a gente mais ouve na rua é **futebol e página policial**. [...] Política **ninguém dá valor à política**. Não vejo muito, escrita não. (11JNMR)
- (59) Ah eu gosto de ler tudo “tia”, **jornal**, Diário da (USP) que é mais cedo. [...] Bah! ((leio todo dia)) **nem que seja um ((jornal)) velho**, uma **revista** alguma coisa... (012LC)

Seis MSR's afirmam ter formado o hábito da leitura na infância ou adolescência, sendo cinco em ambiente familiar ou escolar. Quatro atribuem esse hábito à influência da mãe, pai, irmão ou professor.

- (60) **Minha mãe sempre me incentivou a ler**, ela me OBRIGOU a ler “você vai ler esse **gibi do Pato Donald, do Mickey, do Walt Disney**, enfim... toda essa... esses **quadrinhos** minha mãe obrigava eu ler né, mas na verdade **eu gostava de ler revista de moda**, porque a minha família tinha uma malharia né, mas eu **nunca fui assim um grande leitor**, eu lia só por ler mesmo e sempre tive assim a experiência de ler **enciclopédia, dicionário, revistas Geografic, Veja, Época, Isto é**, enfim... **sempre tive uma experiência com a leitura de diversas autorias, de diversos escritores** né, eu já li... Drummond de Andrade, eu freqüentava a **Biblioteca Municipal em São Paulo**... [...] eu terminei o Ensino fundamental estudando em **biblioteca** né, eu tinha **hábito de estudar livro de xadrez em biblioteca** né e... **eu sempre tive uma, uma sorte com... escrita porque eu sempre escrevi textos** né, e muitas vezes eu sempre tirava, sempre tirei boas notas em textos dez, sempre tirava assim nota alta né, **eu... ganhei um prêmio em Santo André na escola onde estudava** assim, segundo melhor texto né, segunda melhor música narrada, porque na verdade era um texto que eu fui... construindo uma música desse texto né e **eu ganhei o segundo lugar do... do Festival Municipal de rap**, uma coisa assim...(04EAS)
- (61) Lá em São José dos Campos **eu lia pelo menos dois livros por semana**. [...] Eu sou sócio da **biblioteca desde adolescente** (05JA)
- (62) **Nó! Eu sempre leio**, né. [...] Ah, eu assim eu comecei ler **por influência do meu irmão mais velho** né, ele... quando ele tinha 18 anos ele entrou no concurso da Caixa Econômica Federal que ele tinha um salário mensal e que logo no começo ele ficou sócio do Círculo do Livro... aí ele foi começou a comprar dois livros por mês na época era vendedor do Círculo do Livro ele levava pra casa e depois de lê-los passava pra mim, aí... (06JFJ)
- (63) **Na infância eu gostava de escrever**, em Sabará eu cheguei ganhar um concurso de redação no SENAI, sobre mães e eu **lia muitos livros** daquela série Vaga-lumes quando eu era pequeno [...] Acho que **a escola ela me ensinou a gostar de ler que eu lia muito lá na infância**, depois eu parei (08SNO)

- (64) Sempre [li], isso aí sempre, **sempre desde moleque assim nunca fui de criar muita coisa** assim, **mas sempre gostei [...]** de lê, principalmente.
(013RM)

Dos seis autores dos relatos acima, cinco saíram de casa já adultos e um saiu já no final da adolescência. Assim sendo, a amostra condiz com pesquisas que mostram a importância da influência da família na formação do leitor¹¹⁰. Entretanto, a situação do informante 11JNMR aponta para uma outra possibilidade: a rua como um espaço de aprendizagem da leitura. Vejamos o que diz o entrevistado:

- (65) Foi na rua que eu comecei a estudar, foi na rua que eu aprendi a ler, foi na rua que eu aprendi a escrever e foi na rua que eu tenho interesse por livros.[...] Eu entrei na escola depois que eu já vim pra rua já... quando eu tava em casa eu não tinha, não tinha tempo de ir pro colégio porque até então minha mãe era... minha mãe e meu padrasto eles eram vendedores ambulantes entendeu, então eu tinha que vim pro centro pra poder ajudar eles a cuidar das banca, vender sacola pra poder ajudar no sustento da casa entendeu.[...] Quando eu fui pra rua aí ainda não tinha entrado numa escola entendeu, porque cheirava muita cola entendeu, muita “loló”, cola eu nunca cheirei cola de sapateiro, mas antes quando era mais novo eu usava era muito solvente, muita “loló” entendeu aí o: “Boca de Rua” teve uma época isso há... seis anos atrás, teve ali na rodoviária ... nesse tempo eu era da rodoviária ali, ficava por ali pelos entornos da rodoviária... aí eles tiveram lá fazendo uma entrevista com um pessoal, com uma gurizada de lá né e me convidaram pra entrar no programa [oficinas de escrita do jornal], aí eu peguei bah! fiquei um tempo sem comparecer nas reuniões aí teve um integrante que pegou e insistiu pra mim entrar na reunião, pra mim entrar no projeto fazer parte da equipe, aí eu me interessei aí eu comecei a participar das reuniões aí bah! é só gravador e isso e aquilo aí eu fiquei pensando pra mim “pô” como é que eu vou fazer um trabalho, como é que eu vou fazer um artesanato sendo que eu não sei montar as peça, como é que eu vou fazer um jornal sendo que eu não sei lê, não sei escrever” aí foi aonde eu me matriculei no Colégio Willians Richard, fica aqui na Érico Veríssimo aí ali eu comecei a estudar, comecei a dar o começo dos estudos.[...] eu entrei na primeira série fiz até a quinta completa, tenho o começo da sexta. [...] Exatamente, o “Boca” que me deu incentivo. [...] Eu gosto de ler bastante.
(11JNMR)

O relato acima nos remete aos estudos de Hall (2008, p. 31), que afirma que “podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de outra”. O informante

¹¹⁰ Conforme dados do INAF (apresentado nas páginas iniciais dessa dissertação) e da pesquisa “Retrato da Leitura”, realizada em âmbito nacional sobre o comportamento do leitor, a família e a escola é que exercem a maior influência na formação de leitores. Dados sobre a última pesquisa encontram-se disponíveis em < <http://www.prolivro.org.br/ipi/publicar4.0/dados/anexos/48.pdf>>. Acesso em março de 2009.

deixa claro seu conflito quando é confrontado com a possibilidade de entrar para um projeto que abre perspectivas que simbolizam, de alguma forma, o poder (“bah! é só gravador e isso e aquilo”), mas, ao mesmo tempo, marca a sua exclusão do próprio grupo de MSR’s por não saber ler. Entretanto, se em um primeiro momento o entrevistado recua (“fiquei um tempo sem comparecer nas reuniões”), tentando manter uma identidade de resistência (cf. CASTELLS, 2002), em um segundo momento, cria forças para ocupar uma nova posição dentro do grupo. No excerto seguinte, relata sobre essa sua conquista:

- (66) E até aqui no grupo às vezes quando a gente tá no grupo aqui, quando têm umas pautas que tem que ler isso e aquilo, tá ligado, aí todo mundo corre, todo mundo corre pra cima de mim né...((risos)) [...] ouvir o líder até quando têm que apresentar o grupo, representar alguma coisa assim eles topam tudo pra cima de mim “aí o gravatinha” eles já me chamam de “gravatinha” já né ((risos)), mas tudo isso porque é um dom que eu acho que eu tive essa oportunidade de pegar e correr atrás do meu sonho, correr atrás do meu objetivo, tá ligado, e hoje graças a Deus eu tenho... eu tenho assim... uma facilidade de conversar com público, público grande, tá ligado, coisa que eles não tem eles são meio tímidos. [...] Eu represento bastante o grupo, tenho facilidade pra isso entendeu, então os próprios companheiros eles me cobram bastante, me cobram bastante isso também, tá ligado, que quanto tem assim alguma apresentação, alguma palestra, algum show ou alguma coisa assim eles cobram bastante a minha presença, muitas vezes eu falo que eu não vou, tá ligado, que eu não tô com vontade que eu não tô a fim de ir aí eles pegam “não, mas tu tem que ir, pô!, se não é tu, bibi, baba...” eu “tá, eu tenho que ir” não por mim né, mas pelo grupo. (011JNMR)

É de tal atitude que emerge um dos valores da leitura e da escrita (tema do próximo item) dado pelos MSR’s: uma concepção política, em que aprender a ler/escrever significa não um meio de *domesticação*, mas um meio de *libertação*. Conforme Freire:

Só assim a alfabetização cobra sentido. É a consequência de uma reflexão que o homem começa a fazer sobre sua própria capacidade de refletir. Sobre sua posição no mundo. Sobre o mundo mesmo. Sobre o seu trabalho. Sobre seu poder de transformar o mundo. Sobre o encontro das consciências. Reflexão sobre a própria alfabetização, que deixa de ser algo externo ao homem, para ser dele mesmo. Para sair de dentro de si, em relação com o mundo, como uma criação. Só assim nos parece válido o trabalho da alfabetização, em que a palavra seja compreendida pelo homem na sua justa significação: como uma força de transformação no mundo. (FREIRE, 1975, p. 142)

4.2.2 Valores da leitura e da escrita

Perguntas como - *Por que você lê/escreve? O que a leitura/escrita pode mudar na vida de uma pessoa? O que, por que ou para que as pessoas que estão na rua leem/escrevem?* -, entre outras, foram feitas com o objetivo de verificar as funções e/ou valores dados pelos MSR's à leitura e a escrita (TAB. 3). Os relatos¹¹¹ que refletem alguns desses valores serão analisados no decorrer do capítulo.

TABELA 3
Valores/funções atribuídos à leitura e à escrita¹¹²

	Total	Leitura	Escrita
a) Ampliar conhecimentos, informar ou informar-se, estudar, pesquisar ou saber sobre um assunto específico.	06	4	2
b) Aumentar capacidade de pensar, raciocinar.	02	2	-
c) Contar a própria história, informar sobre a vida na rua, publicar.	09	-	9
d) “Desabafar”, fazer uma “terapia”, “sair da solidão”, “sair da paranóia da loucura da droga”.	11	2	9
e) Desenvolver habilidades de leitura, escrita, fala: “falar melhor”, “escrever melhor”.	04	3	1
f) Identificar-se com o autor, personagem, tema: “ser como”, “fazer como”, “ler/escrever mais sobre”.	13	7	6
g) Interagir, “participar do mundo/sociedade”, mostrar para o outro, ser valorizado, “reconhecido”, transformar-se, aproximar-se das pessoas.	12	5	7
h) Ocupar o tempo.	03	1	2
i) Participar de concurso, festival, sarau, vestibular.	06	1	5
j) Registrar para não esquecer.	03	-	3
k) “Reivindicar uma mudança”, transformar o mundo, a sociedade.	03	1	2
l) “Sair da realidade”, “viver um mundo de fantasia”.	02	-	2
m) Ter autonomia, ser independente.	01	1	-
n) Ter “prazer”; satisfazer-se.	10	7	3
o) “Vender”, “publicar”.	03	-	3

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora.

Em oposição à concepção política, observada no excerto 65, em que a leitura e a escrita são vistas como uma prática libertadora, surge a voz de uma sociedade excludente através do discurso de informantes que associam o valor da leitura à capacidade de pensar, raciocinar, ou ao “falar bem” para ascender socialmente:

¹¹¹ As expressões sublinhadas nos excertos desse item destacam expressões relevantes na análise dos valores/funções dados à leitura e a escrita.

¹¹² Uma mesma função pode ter sido atribuída por vários entrevistados. Optamos por agrupar as respostas por semelhança. Entretanto, outros agrupamentos são possíveis. A função “n”, por exemplo, pode ser incluída em “a”, ou a função “c” pode ser incluída em “d” ou “g”, ou seja, pode-se ter prazer em leituras informativas, assim como contar a própria história pode ser uma forma de desabafo ou de interação etc.

- (67) a gente fica muitas vezes... tá conversando com essas **pessoas que não sabem lê nem escrever**, então eles perguntam, no sentido figurado assim **a gente fala “pau” e eles tão entendendo “pedra”**, dá impressão que as **pessoas não tem mais sanidade mental**, parece que as pessoas **tá desligada do mundo**, esse é meu modo de pensar. (01CJP)
- (68) Eu gosto de ler... livros [...] tem um livro ali até sobre... **como é que o cara deve de falar, como é que o cara não deve de falar, como é que tem que ser as coisas, como é que não tem que ser**. [...] Eu gosto [desse tipo de livro], é meio interessante.[...] Eu gosto desse livro porque ele fala sobre tipo... **como é que é a linguagem que tu tem, como é que trata as pessoa como é que não trata**.[...] É tipo porque bem visto assim tipo não é:: você falar melhor, mas tipo assim com respeito, com caráter de nome e honestidade **as pessoa vão em qualquer lugar né, chegam onde que quer né**. (014WMP)

A esse respeito, Kleiman (1995) afirma tratar-se do “mito do letramento”, ou seja, de uma ideologia que vem se reproduzindo e que confere ao domínio da escrita uma enorme gama de efeitos positivos e desejáveis não só no âmbito da cognição, mas também no âmbito do social. A autora exemplifica esse último aspecto com textos veiculados na mídia que multiplicam as crenças de que a alfabetização *garante* a capacidade de integração na vida moderna, a ascensão e a mobilidade social.

Nove dos quatorze entrevistados manifestaram o desejo de contar a própria história para que a sociedade conhecesse mais sobre a vida nas ruas. Doze citaram a leitura e a escrita como forma de interagir com os pares ou com a sociedade, de participar do mundo e ser valorizado, reconhecido:

- (69) eu acho que isso aí ((participação em situações de escrita coletiva)) é uma coisa que falta muita falta, **chamar a atenção das pessoas pra ver se eles acordam um pouco**, porque a pessoa fica na rua, ele fica sem alternativa, só quer saber de pedir, pedir e pedir e num, sei lá, não parte pra luta, perdeu a autoestima. (01CJP)
- (70) eu acho que **eles** ((MSR que **escrevem nas ruas**)) tão... tão procurando um, **participar do mundo da forma deles entendeu**, [...] **uma forma de... estar presente** eu acho que eles, eles **interagem**. (04EAS)
- (71) Vejo, vejo ((muita gente escrevendo)). Se você vê músico e poeta que tem na rua é incrível, **o cara faz poesia de um cisco no chão, de uma nuvem no céu**...[...] Acho que ((escrevem)) porque **não tem com quem desabafar**, não tem com quem, eu tive essa sorte de encontrar a Maria Alice aqui, então eu trazia pra ela e **punha tudo pra fora isso me esvaziou**, mas eles não tem com quem... (02CBA)
- (72) ((A leitura e a escrita podem mudar a vida de uma pessoa)) porque é, por exemplo, ó você pode ver das pessoas que estão dormindo aqui ((aponta

peessoas dormindo nos bancos da praça)) é esquecimento, elas tão desaparecendo desse mundo já totalmente... e **a leitura pode ir colocando ela de volta nesse contato com “tá ninguém me ouve”, mas ela escreve né, ela lê... talvez ela passe a mostrar pra alguém... ou não... ela lê o que alguém escreveu... e isso ajuda na identidade...** (08SNO)

- (73) ((Se)) **as pessoas tivessem mais esse hábito de ler mais elas veriam o mundo, fariam o mundo melhor em tempo**, sei lá, de tá se drogando, traficando ou trabalhando demais, que às vezes a gente também vê muito isso ou reclamando demais da vida, se tivesse lendo ela ia achar alguma coisa na leitura, no livro... (09TPF)
- (74) **eu escrevo mais pra mim e mostro na roda do... pros colegas, tá ligado, pra gente pegar fazer um comentário**. [...] no grupo de Hip Hop que eu participo, na reunião do “Boca” e com alguns **conhecidos** na rua... alguns **clientes**, tá ligado, que tem bastante cliente... com a minha venda de jornal, já faz seis anos já né, então a gente conhece, acaba conquistando bastante amizades aí a gente pega e pára pra **debater algum assunto** sobre aquilo ali. . (01IJNMR)

Refletindo sobre o significado da escrita, Sant’Anna (1996, p.28) declara que, em um determinado momento, escrevia para desvelar seus sentimentos. O autor considera que escrever é “um modo de olhar as coisas pelo seu avesso, de ver o mundo em suas costuras, em seu negativo, tentando revelar o irrevelável”. Onze entrevistados também percebem a leitura e a escrita como uma forma de descobrir seus sentimentos, “sair da solidão”, “desabafar”, fazer “terapia”. Denominaremos essa como uma função *terapêutica* da leitura e da escrita. Nos relatos desses entrevistados, pode-se observar que o ato da leitura e da escrita é solitário, escrever não implica um sujeito externo, um *outro* que leia aquilo que se escreveu. O interlocutor é o *eu*. Em algumas situações, nem o próprio escritor lê o que escreve e, quando lê, isso é feito em um momento distante ao do ato da escrita. Nessas situações, a escrita torna-se um objeto de análise sobre o sentimento que o movia na época de sua produção e o atual (“eu guardei as coisas que eu escrevi então eu vejo as mudanças”).

- (75) Ó, o fato de **escrever muda bastante a vida**, porque a gente praticamente tá pondo, a gente **tá se expondo** né, como é que fala, a gente tá é **desabafando** na escrita, tanto faz uma história real que nem eu escrevi a minha ou... como né, uma história de ficção, que nem minha vida teve problema de ficção também né, **são trechos da vida que passa depois que a gente lembra que dá pra escrever alguma coisa, dá pra expor** alguma coisa. (01CJP)
- (76) Antes ((escrever)) **era um desabafo** tá, era mais um desabafo, normalmente na rua eu escrevia é, e **depois eu fui fazendo análise**, muito revoltado, **eu era muito duro** até comigo mesmo **eu me criticava muito**, então depois pra mim foi interessante que eu guardei as coisas que eu escrevi então **eu vejo as mudanças** sabe, eu escrevi aquilo há dois anos atrás, isso aqui eu

escrevi um ano atrás, isso aqui eu escrevi ontem. [...] **escrevia aleatoriamente...**o que ia acontecendo. (02CBA)

- (77) Geralmente eu leio e **não gosto de ler aquilo que eu escrevi ...** ((rindo)) ou por síntese assim de:: de timidez, **eu tenho timidez quando escrevo**, é interessante, [...] **quando eu escrevo, eu escrevo alguma coisa forte, alguma que seja consistente, alguma coisa que eu me baseio em lenda, me baseio em histórias... de culpados que se saíram inocentes...** (04EAS)
- (78) Eu não sei porque que ((um colega MSR)) escreve... pra mim **é um misto de solidão, especificamente a situação de rua** né, que eu tô falando, **eu acho que a solidão colabora muito pra você se expressar de alguma forma** e não... que a... angústia de tá em situação de rua pode canalizar pra outra coisa que infelizmente que a gente vê que é mais comum né, que é o cara beber, o cara se drogar entendeu. (06JFJ)
- (79) Eu pensava que era coisa mais minha, mas hoje eu vejo hoje pessoas na rua que já tão inclusive completamente loucos... loucos assim né que é... não é loucos é pessoa que perdeu a identidade de pessoa humana já... que **ela tá ali isolada que não fala com ninguém**, e é impressionante que elas tem um caderno que elas ficam escrevendo, eu não sei se tem lógica o que tá escrevendo se tão fazendo número, rabisco, mas é um... eu percebo que é um processo, acabam tendo essa coisa de escrever é de muita gente. [...] Quem é rico faz terapia né... vai em psicólogo, psiquiatra... **a gente faz na escrita da gente, a gente faz a própria terapia** (08SNO)
- (80) a minha casa era no emprego, no quartinho né, tava lá eu não tinha nada pra fazer pegava e ficava escrevendo, lia, escrevia, já **criei esse hábito por causa da solidão**, a solidão na infância me levou... e às vezes eu lembro que as pessoas brigavam comigo, até hoje eu tenho esse hábito **se você brigar comigo se eu ficar muito chateada** eu vou ouvir música ou **vou ler, ler livros e livros quando eu tô chateada**, [...] **a leitura vem muito nisso**. (09TPF)

Ainda com uma função terapêutica, a leitura e a escrita podem significar uma forma de “reduzir” ou “sair da paranóia da loucura da droga”:

- (81) eu escrevo pra poder pegar e **sair um pouco da paranóia da loucura da droga**. [...] Eu procuro escrever ((quando drogado)) pra mim poder me **centrar num mundo**, num mundo atual entendeu [...] Quando eu tô drogado eu escrevo mais e presto mais atenção na leitura. [...] Consigo me concentrar mais. . (011JNMR)
- (82) eu acho **bastante interessante** ((participar das oficinas porque)) tem **um espaço que o cara pode conquistar** e aí tu num tá na rua, aqueles minuto ali pra ti que podia tá me drogando eu tô num... tô num...como se diz... numa **redução de danos**, que fica **uma, duas horas, três horinha sem usar nada**, não tô dizendo que eu sou um drogado pra tia não, não é necessário, mas **uma horinha, duas horinha tu não usar nada já é redução, tá ligado, aí é muito bom... não bebe cachaça, não toma uma cachacinha...** (012LC)

Ou, ainda, pode apontar caminhos para uma autotransformação:

- (83) ((Livro)) Que eu gostei foi “Cidade de Deus”. [...] li bastante... Paulo Coelho, Paulo Coelho eu curto bastante também. [...] Eu li o... é... até me esqueci... teve um o:: “O anjo da luz”, “O guerreiro da luz” quer dizer, “O guerreiro da luz” ele bah! **me deu bastante força, me apoiou bastante** “tá ligado”, **porque quando tava assim, tava meio caído, tava meio pra baixo, pegava o livro assim folheava e daí ele tinha uma mensagem** “tá ligado” aí **ele dizia às vezes bah! ser um Guerreiro de luz “tu tem que ser calmo, tu tem que ser espiritual, tu não pode ser carnal”** entendeu alguma coisa assim que bah! **me inspirava** e bah! **me deixava pra cima.** (011JNMR)

Nos relatos acima, a leitura e a escrita aparecem com uma função de catarse, de desabafo para uma autotransformação. O relato seguinte aponta para outra possibilidade: a transformação não só de si, mas do grupo. Nesse sentido, a leitura e a escrita tornam-se “uma arma”, um instrumento para “reivindicar uma mudança”, ou seja, adquirem uma função sociopolítica de transformação da sociedade, do mundo.

- (84) eu encontrei, como eu sempre carrego comigo, um bloco de recibo... o verso dele é sempre limpo, em branco e aí arrumei lápis e eu comecei escrever, escrever aleatório, digo poesias... coisa que eu chamo de crônica que eu fui saber, nem sei se é crônica, mas eu chamava já de crônica e são poesias também... e relatando tudo que tava acontecendo comigo ali e eu tinha... só que é uma fase meio estranha porque **eu rasgava o que eu escrevia, rasgava... não guardava não, foi... um outro morador de rua** também que acabou conversando comigo e que **me jogou uma ideia** que eu não tinha me apercebido dela... que **ao invés de rasgar eu poderia fazer alguma coisa, poderia contar a história da gente que poderia mudar pra eles e principalmente mudar pra mim**, “de repente muda pra você também” aí eu “é faz sentido” e aí eu comecei com essa ideia que ele me passou e com uma ansiedade que eu tinha de... começar... eu acho que era... **era o que eu tinha pra poder cobrar alguma mudança, reivindicar uma mudança ou sonhar com alguma mudança...** era na escrita. [...] No começo ((quando começou a escrever como MSR)) era muito mais revolta do que qualquer outro sentimento de... amor ou de sensação, de felicidade, era muito mais revolta né. [...] Como é que eu posso dizer... acho que até hoje ela **[a escrita] é uma arma que eu tenho...** acho que até hoje... eu poderia:: por exemplo, pegar em...arma e... **soltar minha revolta de outra forma...** poderia pensar “eu tô na rua, sem dinheiro, com fome e fazer uma revolução aqui vai”, por exemplo, poderia pensar... que eu tinha muita facilidade pra juntar grupos, sempre tive facilidade pra juntar grupos, então eu vivia sozinho... que eu gosto reservadamente dormir no meu canto tal... mas tinha muita facilidade pra juntar grupos, pra reunir grupos, mas se eu quisesse fazer alguma coisa que custasse até sangue das pessoas daria pra fazer... mas eu pensei de uma outra forma **e eu acabei [pegando] o lápis como se fosse fuzil na mão de alguém que tá no morro, uma arma é isso.** (08SNO)

A construção metafórica em que a palavra escrita é associada ao campo semântico da luta (“arma”, “revolução”, “juntar grupos”, “sangue”, “fuzil”) aludem ao discurso revolucionário que ressalta a necessidade de “cobrar”, “reivindicar”, “sonhar com alguma mudança” em prol de um bem para o grupo.

É o mesmo autor do excerto acima que ressalta uma outra função da leitura e da escrita para o grupo - a fuga da realidade:

- (85) **pra algumas pessoas também é uma forma de viver outro mundo...** eles de repente no mundo que ela escreve, como eu já vi algumas pessoas que eu conheço... que não tem intenção de publicar e não mostram pras pessoas inclusive... por amizade a alguns eu vi... aí eu percebo que **na história ali ele tem um outro mundo BEM MELHOR... que tá tudo certo, família, a vida dele, a trajetória de vida**, então são também tem esse lado na escrita né. (08SNO)

Tal função é confirmada por outros informantes:

- (86) **O assunto que eu mais gosto de escrever é... assim... é de pessoas desconhecidas que num mundo totalmente distante eles acabam se encontrando, acabam se conhecendo e se tornando uma amizade e futuramente criam um romance** entendeu é mais ou menos um aspecto assim. [...] Eu **gosto** assim meio que **conto de fada**. [...] Eu acho que eu gosto desse assunto porque **eu acho que na vida real é impossível “tá ligado” uma rainha pega e casar com um plebeu** entendeu. [...] Eu acho que não acontece, **na vida real não acontece**, mas pelo que a gente lê em vários livros, vários como teve no... no... aquela a do... da “Távola redonda” aquela mulher do “Rei Arthur” lá que ficou com Lancelot entendeu. [...] É, **é uma história que eu penso pra mim** né(11JNMR)..

Os excertos acima nos remetem à Walty (1995, p.27), que entende que “cada um projeta no texto, lido pela leitura, seus anseios, suas angústias, suas pulsões e desejos”. Consoante com essa afirmação e acreditando que o mesmo se dá em relação à escrita, outro dado nos chama a atenção: o desejo que os MSR’s manifestaram de ler e/ou escrever mais “sobre” ou “como” um determinado autor, músico, tema. Denominamos tal manifestação como uma função/valor de *identificação* com o outro, com a palavra do outro. Considerando a relevância desse aspecto na construção da imagem do MSR, trataremos dessa função, separadamente, como um subitem do item seguinte.

4.2.3 O *ethos* de leitores e escritores

4.2.3.1 Títulos, autores e temas

Cinquenta e um títulos de livros, revistas, artigos e canções e quarenta e oito autores (FIG. 19) foram mencionados pelos entrevistados¹¹³.

REFERÊNCIA	
Títulos*	Autores / compositores*
A cor púrpura; A hegemonia de Foucault; A herdeira; A história de Olga; A revolta de Freud; Admirável mundo novo; Ali Babá e os 40 ladrões; Bíblia; Branca de Neve; Budapeste; Cabeça de porco; Caminhos do Saara; Capitães de areia; Cátia, Simone e outras marvada; Cidade de Deus; Cidadania e miséria; Cristiane F; Gabriela cravo e canela; Gibi do Pato Donald, Gibi Gibi do Mickey, do Walt Disney; Grande Sertão Veredas; Juntando os pedaços; História de mim; Negras raízes; O abusado; O caçador de pipas; O Cofre; O germinal; O guerreiro da luz; Papillon; Távola Redonda; Quando Nietzsche chorou; Rapunzel; Revista Cais; Revista Factum; Revista Letenié; Revista X-man; Revista sobre Raul Seixas; Revista Época; Revista Geografic; Revista Hecho; Revista Isto é; Revista Língua Portuguesa; Revista Líter; Revista Veja; Sítio do Pica-Pau Amarelo; Terapia de todos nós; Três vagabundos; Vida e época de Michael K; Vagabundos.	Abel Rossenin; Ana Boutier; Benjamin Jung; Bocage; Caco Barcelos; Carolina de Jesus; Cora Coralina; Castro Alves; Cecília Meireles; Celso Athaide; Caetano; Chico Buarque*; Clarice Lispector; Deleuze; Dias Gomes; Dostoiévski; Drummond de Andrade; Edgar Allan Paul; Elisa Lucinda; Foucault; Frederico Fellini; Gabriel Garcia Marques; Guimarães Rosa*; Hemingway; Huxley; Irvin D. Yalom; Jack London; Jorge Amado; Kurt Cobain (Banda do Nirvana); Lair Ribeiro; Luis Gama; Malcolm X; Machado de Assis; Manoel Bandeira; Marcelino Freire; Martin Luther King; Máximo Gorki; Monteiro Lobato; MV Bill; Nelson Mandela; Nietzsche; Paulo Coelho; Plínio Marcos; Raul Seixas; Sabotage; Sidney Sheldon; Veríssimo; Washington Olivetto.
TOTAL: 51	TOTAL: 48

FIGURA 19: Títulos e autores mencionados pelos entrevistados.

Fonte: Dados obtidos nas entrevistas.

Nota: * Os nomes, completos ou não, aparecem conforme foram citados pelos entrevistados.

** Guimarães Rosa e Chico Buarque foram citados por três entrevistados. Os demais foram citados apenas uma vez

A referência aos nomes foi feita de forma natural no decorrer das entrevistas, ou seja, não houve formalmente uma pergunta sobre os autores ou títulos lidos para todos os entrevistados. Somente foram questionados sobre esse aspecto aqueles que demonstraram ter interesse ou algum hábito de leitura. É importante observar que dos nove entrevistados que

¹¹³ Além dos títulos e autores que aparecem da figura 19, houve menção a outros, porém os entrevistados não se lembraram dos nomes.

citaram livros e autores, quatro¹¹⁴ se destacaram pelo volume de citações: 29 dos 51 títulos e 40 dos 48 autores.

A diversificação dos temas lidos é grande. Através das entrevistas, da leitura de algumas das obras ou, até mesmo, em breves consultas a sites de livrarias, pode-se constatar que os livros tratam desde assuntos relacionados à psicologia, à filosofia, e à sociologia como, por exemplo, doenças mentais, desigualdade social, droga, racismo, encontrados na literatura estrangeira e brasileira, até temas mais cotidianos, como a corrupção e a violência, encontrados em jornais e revistas.

A referência a grandes autores e títulos, algumas vezes lidos em concomitância, a explicitação das diversas nacionalidades, a afirmação do gosto pela leitura, os comentários sobre as obras e a densidade dos temas tratados produzem o efeito de sentido¹¹⁵ que engloba o saber e criam uma imagem de leitores que leem e conhecem grandes nomes de livros e autores, o que contribui para a construção do *ethos* de leitores¹¹⁶.

- (87) Eu tava lendo [ao mesmo tempo] “O caçador de pipas”, tava lendo “Quando Nietzsche chorou” e “A história de Olga” **nossa, cada uma mais triste que o outro** e então eu falei: “não, peraí, **deixa eu ler um depois eu vou ler outro, depois vou ler o outro**” [...] eu **tô lendo agora** uma sele..., uma **linha de livros assim falando de grandes filósofos**, né, e todos eles do Irvin D. Yalom, é um **escritor alemão, escreve muito**, então **eu já li** “Quando Nietzsche chorou”, A revolta de Freud”, agora tem, é... agora tem a... “A hegemonia de Foucault” e tem... e tem... “Deleuze” e “Cidadania e miséria”, acho que **é quatro, quatro ou cinco**, então **eu tô lendo uma coleção** assim só de, aí quando que eu li esse “Quando Nietzsche chorou”, **nossa enquanto eu não cheguei no fim desse livro eu não parei** e muita coisa sabe, muita coisa eu consegui pegar porque **é uma história de uma cura por palavra, a cura sobre palavra, a cura da palavra ele curou uma doente, débil mental que achavam que era débil mental, ele curou através da palavra e assim ele curou Nietzsche, é Breuer médico, Freud psicanalista curaram Nietzsche que só depois, que ele era louco o negócio dele era se matar, só depois dele curado, ele escreveu né Humano, humanamente impossível**, da Gaia e tal e foi escrevendo, **mas só depois quatro anos passando por tratamento é, tratamento clínico com Joseph Breuer e tratamento psicológico com o Freud e a partir daí é que ele viu que aconteceu a cura de outras pessoas ele conseguiu curar Nietzsche e a partir daí começou escrever esse monte e eu tô lendo essa sequência**. (02CBA)

¹¹⁴ Entrevistados 02CBA, 05JA, 06JFJ e 09TPF que citaram respectivamente 13 títulos e 9 autores, 6 títulos e 8 autores, 3 títulos e 7 autores, 7 títulos e 16 autores.

¹¹⁵ O termo “efeito de sentido” é aqui usado para nos referirmos não ao *sentido literal*, mas ao “*sentido específico*, que aparece em contexto e em situação” e que é apreendido por inferência (cf. MAINGUENEAU & CHARAUDEAU, 2006, p.79).

¹¹⁶ As expressões sublinhadas nos excertos desse item destacam nomes de autores, obras lidas, comentários sobre as obras e expressões relevantes na análise de fatores que contribuem na construção do *ethos* de leitores.

- (88) **Eu tenho uma mania de leitura** né, quando... lá em São José dos Campos **eu lia pelo menos dois livros por semana**.[...] **eu sou sócio da biblioteca desde adolescente** [...] eu lia **pelo menos, três, quatro, dois, um livro por semana** e:: daí teve uma... teve a prefeitura do PT lá na cidade né da Ângela Alckmin, ex-deputada daí ela criou uma... uma... como é que chama? Um conselho literário na Fundação Cultural de São José dos Campos e **eu participava desse conselho literário** e eles criavam, faziam até uma revista literária chamada “Liter”... e lá eles colocavam Gabriel Garcia Marques é... Dostoievski é... Edgar Allan Paul **a gente trabalhava com literatura e fazia textos, escrevia.** (05JA)
- (89) Eu **lia de tudo** né que ele trazia **desde escritores ingleses** né o Huxley aquele “Admirável mundo novo” até Máximo Gorki né **escritor russo** depois [meu irmão] começou a trazer Clarisse Lispector e Jorge Amado [...] Acho que [a partir] **daí deu esse gosto pela literatura** né, porque a **literatura tem essa coisa né, quando a gente pega o gostinho da coisa a gente não quer largar mais né.** (06JFJ)
- (90) Eu **tô hoje lendo uns livros** que é uma escritora que me dá... então ela fez uma seleção de **grandes autores** que ela acha que vão contribuir pra minha escrita **que tem muito a ver com a linha que eu escrevo**, aí eu tô lendo esses livros, são alguns **autores internacionais** [...] Olha, eu li, por exemplo, eu gostei de “Três vagabundos” que é do Jack London, eu **gostei**, “O germinal” eu **gostei** eu li “Vida e época de Michael K”, “Vagabundos” **tem bastante livro aí que eu tô lendo né.** (08SNO)

4.2.3.2 A identificação com temas e autores

Consoante com a afirmação de Orlandi (2006, p.185), que sustenta que “o leitor, na medida em que lê, se constitui, se representa, se identifica”, nesta sessão analisaremos a questão da identificação do MSR com autores e temas tratados em suas leituras e escritas ¹¹⁷. Partilhando da concepção de Resende & Ramalho (2006, p.72), que entendem que “a maneira como atores sociais são representados em textos pode indicar posicionamentos ideológicos em relação a eles e a suas atividades” e que a “a análise de tais representações pode ser útil no desvelamento de ideologias em textos e interações”, analisaremos também os posicionamentos ideológicos revelados na apresentação dos autores e temas representados. Iniciaremos com a análise de um relato sobre a formação do hábito de leitura de um dos entrevistados:

- (91) eu era muito menina a minha mãe pôs a gente nas casas né, aquela coisa “ah, deixa eu cuidar do filho da senhora, dona Antônia, ajudar” ajudar nada, escravizar a gente, gera os escravismo isso sim, mas enfim até hoje eu

¹¹⁷ As expressões sublinhadas nos excertos desse item destacam autores, títulos e expressões relevantes na análise dos valores/funções de identificação.

agradeço a situação porque a gente, se nós tivemos um pouco de conhecimento de coisas melhores foi por causa disso que a gente foi morar na casa das patroa da minha mãe e a minha mãe tinha muita patroa, ela era cozinheira, renomada lá em Minas essas coisas, quituteira né muito, todo mundo chamava, chamava e aquele monte de filho, mãe solteira aí ajudavam, então nessas casas que eu trabalhava tinha aqueles, aquelas ESTANTES ENORMES eram mansões né, aquelas estantes enorme e eu lia, via aquilo eu ficava assim MARAVILHADA, inclusive tinha uns livros de inglês, o inglês que eu sei do que eu sei do básico, sem ser o da escola, foi nesses livrinhos que eram pra criança, então era muito fácil e eu tinha uma memória muito boa, então eu já via aquilo ali gravava né, e li inglês, lia as histórias, FÁBULAS né tinha todos aqueles livros daquelas histórias “Rapunzel”, “Branca de Neve”, todas essas, “Ali Babá” eu lembro que eu gostava desse “Ali Babá e os 40 ladrões” toda essa linha do “Ali Babá” eu lia tudo, sabia tudo de cor [...] aí eu lembro que a gente morava na favela e chegava no final de semana que a gente ia pra casa eu juntava a criançada lá a gente ia brincar de “roda”, a gente brincava de “rouba bandeira”, “queimada” eu falava: “a gente vai brincar de contar história.” e eu era a única que sabia contar história, as crianças sentavam e eu ficava contando e era desses livros que eu lia nas estante né, enquanto eu tava limpando, arrumando a casa eu ficava lá lendo “ah, menina, você demora tanto pra limpar, aí em cima não tá tão sujo” era a parte de cima né, dos quartos é que eu tava lendo... e ainda esses dias eu tava falando que eu não gostava muito de Monteiro Lobato eu falava: “nó como é que pode um homem escrever tanta coisa chata.” eu achava chato Monteiro Lobato aí hoje eu sei porque... não vou nem comentar porque é uma coisa bem é coisa de racismo sabe enfim... [...] mas eu lia essas outras fábulas eu gostava, lia livros eu lembro que eu li “A cor púrpura” eu era muito menina... eu li “Negras raízes” eu era meninona... que livro mais eu li... aquele do Sidney Sheldon que era lindo “A herdeira”... tem esses clássico que eu li tudo foi assim né... e eu gostava já de ler, gostava de ler, escrevia, não sei o que eu fazia com as escritas, eu escrevia, escrevia, era até uns anos atrás eu rasguei um caderninho, que dó que eu rasguei aquele caderninho tinha tanta coisinha que eu escrevia... (SIR09TPF)

A informante inicia o relato marcando o seu lugar de filha da cozinheira e traz o discurso do racismo, da sociedade que “escraviza a gente”, mas que, apesar disso, trouxe oportunidades para o acesso ao “conhecimento” de livros e da língua inglesa, símbolos de prestígio social. De forma envolvente, transporta o leitor, ora para o cenário suntuoso das bibliotecas das casas, que representa o poder social, ora para a favela, local em que se brinca como criança e em que se reproduz o conhecimento através das histórias lidas e desconhecidas pelos habitantes do lugar. É importante observar que a biblioteca é o palco do encantamento, mas também é o do despertar da consciência. Se, em um primeiro momento, a informante associa, ainda que de forma vaga, o autor Monteiro Lobato ao racismo, em um segundo momento toma consciência disso (“hoje eu sei porque... não vou nem comentar porque é uma coisa bem é coisa de racismo”) e traz à tona vozes de autores que se rebelam contra o tema.

Questionada sobre o que tem lido atualmente, a informante continua:

- (92) Ah, eu tô, como é o nome, Manoel Bandeira, Cora Coralina, maravilhosa, nossa gente do céu eu falo: “como é que essa pessoa foi fazer sucesso com 76 anos né?” esse Plínio Marcos que **é super forte** aqui em São Paulo que é também **tô tentando compreender melhor** ainda é aquele Bocage **identifica muito comigo né, safadeza pura** ê “trem bão sô” (risos) falei: **“ah é a minha cara isso.”** é o Bocage, quem mais que eu tenho lido, eu tenho em casa nossa, um monte de livro bacana né, li **a história do Malcolm X** lá, **maravilhoso eu me identifico com esse homem** né, um trequinho da **história do Nelson Mandela** também, Martin Luther King, todos esses **grandes nomes os negros eu quero ler**, Luis Gama, **Luis Gama devia tá nos livros de história**, tenho uma revolta com isso, das escolas né que foi um **herói nacional negro**, tem vários outros e não tão no livro de história, por quê? Porque nós éramos negros, nós não tínhamos, mas a gente vai ter a gente tá tendo né essas opções, então **essas pessoas assim eu devo ter tido alguma coisa com eles no passado**, ele foi meu pai, meu tio, meu primo, meu irmão, meu filho, porque **não é possível tanta, parecer** né, a gente parecer aquela **mesma situação, a mesma briga, a mesma luta**, eu tô aqui, sou uma pessoa eu existo, **eu também sei ler, eu também sei escrever** né tudo isso que a sociedade barra tanto, então é essa coisa polêmica, tá muita polêmica em cima do que eu escrevo sabe, aqui em São Paulo. (09SIRTPF)

Em seus comentários, a informante vai tecendo a imagem de uma leitora que tem buscado a leitura de temas diversos, mas que traz consigo a identificação com autores que tratam do racismo. A informante não só cita mas também comenta os autores e os livros. Ao tratar do assunto, a entrevistada protesta contra a voz silenciada do “herói nacional negro”, que não foi tratado em livros de história. Ao protestar, funde-se com autores que tratam do tema, passando a usar a primeira pessoa do plural (“*nós* éramos negros, *nós* não tínhamos, mas *a gente vai ter a gente*); tenta justificar essa fusão (“eu devo ter tido alguma coisa com eles no passado...”), aponta para a luta hegemônica imposta pela sociedade que teima em manter a exclusão da minoria (“aquela *mesma* situação, a *mesma* briga, a *mesma* luta”) e reafirma sua condição de ser uma “pessoa” que tem potenciais semelhantes aos “normais” (“eu *também* sei ler, eu *também* sei escrever”), embora excluída desse grupo. A queixa da informante vai ao encontro dos conceitos de van Dijk (2008, p.84), ao afirmar que “a escrita e a fala parecem desempenhar um papel crucial no exercício do poder”. Há que se reconhecer, entretanto, que para o exercício desse poder são necessários recursos que se fundam em atributos ou bens valorizados socialmente, mas desigualmente distribuídos, como, por exemplo, riqueza, posição, *status*, autoridade, ou ainda o pertencimento a um grupo dominante ou majoritário (VAN DIJK, 2008, p.42).

A identificação com aqueles que sofrem com o racismo é reforçada no discurso que ressalta a emoção:

- (93) Ah, o “Negras raízes”, “A cor púrpura” **marcou a minha vida assim, a minha infância inteira até hoje** eu lembro e eu lembro que **quando eu li o “Negras raízes” eu chorava muito**, chorava muito, **como que podia fazer isso com um homem**, porque que fizeram isso contra Kunta Kinte, **chorava, chorava, chorava**, que hoje passa o filme, até pouco tempo eu falei pros meus filhos “mãe vamos assistir” eu falei: “**não quero assistir esse filme porque me marcou muito**”. (SIR09TPF)

Segundo dados da Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, 35,5% das pessoas que passaram a viver e morar na rua apontaram, como motivo principal dessa escolha, os problemas de alcoolismo e/ou drogas. No grupo de MSR's por nós entrevistado, 8 mencionaram esse vício. Conforme vimos nos relatos 81 e 82, a leitura e a escrita foram apontados com uma função que denominamos como terapêutica, ou seja, o ato de ler e escrever implica em não uso ou redução do uso das drogas. Nos relatos seguintes, retomaremos essa questão para observarmos aspectos relacionados à identificação com autores e títulos que tratam desse tema.

- (94) Eu **tô procurando um livro do Caco Barcelos “O abusado”** já pedi pros livreiro trazer pra mim e:: tô esperando esse livro chegar na banca lá tal na PUC lá daí o cara, aí comprar o livro daí eu vou ler. [Pesquisadora: o que tem de interessante nesse livro que você ta querendo tanto ler?] A história do Fernandinho Beira Mar... conta a história dele, ele, por exemplo, tem um pedaço dele na capa, os amigos só publicaram um pedaço desse livro... ele chegou a ser sequestrado 36 vezes pela polícia, a polícia sequestrava e pedia resgate... a polícia do Rio de Janeiro.[...] A própria polícia pedia resgate dele. [Pesquisadora: o que está te interessando nisso?] **Interessando porque eu sempre tive uma vida nas drogas né, então eu queria saber a vida de um traficante também como é que é tal...** Embora eu conheça vários traficantes tal... conheço lá no meu bairro lá em São José dos Campos tem um cara que é traficante foi criado junto comigo hoje ele vende cocaína, maconha, pedra... (05JA)
- (95) **Eu gosto de escrever sobre droga e dependência. O livro que eu mais li, que mais me influenciou** assim foi a da Cristiane F a **droga dependente lá da Alemanha** lá, [...] Aliás, não foi ela que escreveu, foi uma gravação depois foi compilado em livro né.(05JA)
- (96) Escrevi um conto meu chamado “Joe” que eu perdi eu não tenho na cabeça muito esse conto aí, também o **conto da casa de recuperação** também contava em si que **eu podia morrer de overdose de cocaína** tal (05JA)

Os relatos acima foram feitos por um mesmo informante. Trata-se de um rapaz que viveu muito tempo nas ruas, foi usuário de cocaína e crack e tem o hábito da leitura e da escrita. Ao falar sobre esses hábitos, o entrevistado demonstra que o universo da droga também se faz presente em suas leituras. Falando da sua busca incessante pelo livro (“eu tô procurando”, “já pedi”, “tô esperando”), o informante mostra sua ânsia na leitura de um livro que representa um mundo vivido por ele. Nos relatos 95 e 96, o entrevistado confirma sua preferência pelo tema, mostrando que o mesmo faz parte, também, de suas produções escritas (“Eu gosto de escrever sobre droga e dependência”; “também contava em si que eu podia morrer de overdose de cocaína”).

Se o atributo de identificação que aparece nos últimos relatos é a droga, nos relatos seguintes o elemento que merece destaque pertence a outra dimensão: a dos grandes nomes da música, da literatura, da publicidade.

Representantes do RAP como MV Bill, Celso Athaíde e Sabotage, do rock nacional e internacional como Raul Seixas e Kurt Cobain e da música popular brasileira como Chico Buarque e Caetano Veloso foram citados por MSR’s.

O informante 10ASC adotou um codinome com as iniciais M.C., que significa mestre de cerimônias e designa o cantor responsável pela apresentação dos shows de RAP. O entrevistado é componente do grupo de RAP Realidade de Rua e autor de várias músicas que tratam sobre a vida nas ruas. Já o entrevistado 07NSJ apresenta-se fisicamente como Raul Seixas e diz ser “cover” do cantor. Segundo o informante, a semelhança vai além da aparência física:

- (97) eu li um livro que falava sobre... na realidade uma revista, que **falava sobre Raul Seixas** [...] a música “Gita” do **Raul Seixas**, ela **me emociona muito** e eu tenho uma... que **a vida do Raul, pelas letras dele**, eu não o conheci pessoalmente, mas **as letra dele tem alguma coisa a ver com a minha vida**, acho que **é por isso que eu sou muito fã do Raul Seixas**. (07NSJ)

O líder da banda Nirvana, Kurt Cobain¹¹⁸, ícone do movimento *grunge*, um rock alternativo que marcou os jovens dos anos 90, é apresentado como uma referência para o entrevistado 04 que, no momento atual, tem se dedicado a escrever sobre a vida do cantor:

- (98) eu escrevi muita coisa sobre... **a minha própria realidade** e o que **essa música, o que essa banda e o que esse grupo isso influenciou na sua vida** né, eu tinha 16 anos né então eu parei de... ser uma pessoa e comecei a ser

¹¹⁸ Segundo informações do site http://www.abril.com.br/noticia/diversao/no_288563.shtml.

outra pessoa, meus 16 anos até os meus 23 anos eu vivi nessa imagem, nessa imagem, exatamente nessa imagem. (04EAS)

A voz de Chico Buarque, reconhecido como “um tremendo talento”, autoriza o informante 02CBA a retomar a escrita de seus textos antigos:

- (99) Chico Buarque quando escreveu Budapeste ele **ficou dois anos escrevendo depois jogou tudo fora**, passou seis meses ele foi lá e catou tudo e começou escrever de novo, já pegou aquele, aí eu falei: “‘puta’ se o cara, se o cara que é o Chico Buarque o cara **é um tremendo talento** ele escreveu jogou fora e depois foi buscar, ah peraí **vou pegar meus textos antigos também**”. **Aí comecei pegar uma coisa e tal** e tá servindo pra esse trabalho que eu tô fazendo do livro. [...] ele [Chico Buarque] escreveu e jogou fora, depois passou um tempo ele foi lá começou catar aqueles papel e começou a escrever o Budapeste, que Budapeste foi escrito assim, ele escreveu um ano parou aí ficou dois anos sem escrever depois voltou e ele continuou escrevendo. **E é um livro que nossa, eu viajei naquele livro de uma forma muito forte, porque, porque me deu uma direção, uma direção legal**, porque eu percebi no livro que os textos que ele tinha escrito e que não queria colocar e depois esses textos reformulados. Então dá pra você perceber no livro porque ele não fala: “não, eu parei de falar sobre isso, não quero mais falar sobre isso” lá na frente ele fala: “bom, retornando aquilo que eu não queria falar hoje eu tô falando” tal, agora assunto... (02CBA)

Além do nome do cantor, o informante 02CBA que, conforme já dito, é formado em Química e ex-estudante de Psicologia e de Comunicação Social, traz nomes de outros grandes escritores e de filósofos e diz ser influenciado, principalmente, por Nietzsche e Foucault, apesar de reconhecer que *tem uma visão da vida diferente à visão de Foucault*:

- (100) do Abel Rossenin eu li “A estrada do Saara” e é um livro, “Caminhos do Saara” **é um livro fascinante e me influenciou em algumas coisas** porque tem um, um, vamos dizer assim, **quase que uma comparação entre quem passou uma situação difícil na rua, quem tá passando uma situação difícil pra atravessar um deserto**, então isso me relacionou um pouco [...] eu tenho muita influência principalmente é, esses filósofos Nietzsche, Foucault, Ana Boutier, Deleuze, Benjamin, Jung, essas **me influenciam muito**, principalmente Nietzsche e Foucault, Foucault é, **ele tem uma visão da vida que não é a minha visão**, às vezes eu me contraponho às ideias dele, mas é **ele tem uma visão quase que é, estilizada do que eu vejo hoje** e isso ele falava há cem anos atrás né, então **o que ele falava naquela época eu vejo hoje de uma forma diferente**, mas **tem uma correlação entre o texto dele e a influência que, no meus textos no que eu escrevo** percebo assim, Nietzsche e Foucault **esses me influenciam muito...** brasileiro tem o Chico, tem o Guimarães que eu sou apaixonado por Guimarães Rosa e não consigo ler um texto dele sem não dar risada, eu sou, eu não consigo ler um texto de Guimarães Rosa sem não dar risada e por aí vai (02CBA)

Legitimada pelo escritor Marcelino Freire (“que tá super na moda!”) e outros, a informante ajusta sua imagem ao erotismo de Bocage, à presença marcante de Elisa Lucinda (“ela é toda ‘pá’”), e “à preocupação com o social” de Cora Coralina. A entonação, o vocabulário jocoso, o discurso direto utilizado para remeter à própria voz que reforça os valores positivos e as semelhanças com esses escritores constroem uma imagem divertida e original (“eu num copiei dela, nem sabia que existia”) de uma escritora passível ao sucesso.

- (101) Então quando eu li o Bocage, então eu tenho um texto que eu escrevi que chama “Giselda” eu quis pô esse nome “Giselda” que eu achei esse nome exótico e que inclusive eu peguei dicas com aquele, Marcelino Freire, aqui em São Paulo **tá super na moda Marcelino Freire** eu fiz oficina de poesia com ele e ele me deu umas dicas eu alterei o texto, mas assim quando eu li eu digo “ó, ‘fulana’ que Giselda é essa?” aí depois eu li Bocage que era um texto não sei o que “ah é de ‘foder’ com meu negrinho né” que era uma madame toda pompa, mas ela gostava bem de ir lá com o negrinho eu “ah, tá vendo à toa” então **eu me identifiquei eu falei**: “poxa **não é que eu tenho uma linhagem meu Deus do céu né, de Bocage**.”e depois uma outra, uma outra também que eu li que agora não vou lembrar, **também identifiquei aí as pessoas me identificavam com ele “Elisa Lucinda”** né “aí você não sei o que” eu falei: “mas quem que é essa Elisa Lucinda meu Deus que que é isso, quero conhecer essa mulher.”aí fui na peça da Elisa Lucinda “Parei de falar mal da rotina”, nossa que espetáculo! aí falei: “**tá vendo eu sou a mulher mesmo**” **porque ela é toda “pá”** né, ela chega, ela interpreta os textos dela, eu falei: “**nó, mas não é que eu tenho mesmo um ‘Q’ da mulher gente!**”, **identifico com a mulher, nem sabia né, eu não sabia**, mas tem essa coisa mesmo e é muito engraçado **às vezes você escrever e pensar “poxa tá parecendo ‘fulano’”**... e a Cora Coralina **essa coisa do socialismo é de ler assim, do preocupar com o social, com os irmãos, morador de rua, prostituta** né, eu lendo os textos dela, da criança, eu falei “poxa, eu escrevo umas coisas que as pessoas falam que é...” que eu achei que era bobo algumas coisinhas que eu tenho em casa eu falei: “**poxa, mas parece Cora Coralina**, porque que eu não vou falar disso no sarau, vou declamar sim”, entendeu... porque parece **se a mulher faz sucesso, também vou fazer... eu num copiei dela, nem sabia que existia entendeu, tem toda né essa identificação mesmo** assim... (09TPF)

O informante 06JFJ se identifica como alguém que cultivava o hábito da leitura (“quando a gente pega o gostinho da coisa a gente não quer largar mais”) e é valorizado pelas colegas pelo grande conhecimento a respeito dos livros. Entretanto, não se reconhece com um bom escritor, embora venha se esforçando para melhorar sua escrita (“partindo do princípio que quem consegue escrever algo de bom lê bastante eu comecei a dar esses garranchos”). Nas oficinas da Ocas, descobriu seu potencial criativo e a facilidade para criar títulos que

captam a atenção do leitor. Associa essa habilidade à dos publicitários e traz a voz de um dos mais renomados para expressar sua admiração:

- (102) É e a **capacidade de sintetização também** né, porque genial... **eu não sou nem do dedão do cara** lá o Washington Olivetto, mas “num é nem uma Brastemp” é... sabe... ((risos)) [...] **Eu tiro o chapéu pro cara** porque... nossa! (06JFJ)

Se os informantes acima manifestam sua admiração e identificação com autores e músicos, reconhecem marcas de estilo desses naquilo que escrevem, o informante 08SNO, ao contrário, diz que gosta de ler, cita livros lidos como “Três vagabundos”, “O germinal”, “Vida e época de Michael K”, mas assume que tem evitado ler muito para não ser influenciado por autores de origem e “linha ótica” desconhecidas:

- (103) [Tem algum autor que te influencia na escrita?] Não, não até meu medo de ler muito é isso, pegar influência e me perder, até eu leio com muito... esse ritmo de leitura eu diminui por isso... eu leio um autor gravo a história, espero um tempo pra... desencanar daquilo ali pra ler um outro, porque eu penso que se eu pegar muita influência eu vou me perder nisso aí. [...] É porque... eu sei lá, posso querer mudar o jeito de escrever, de palavras, de versos e aquilo pode querer significar o que eu não quero dizer e eu não sei que mundo eles viveram e que linha ótica que eles estavam olhando aquilo que eles escreveram e eu... essa influência eu não gostaria não. É pra mim seria como um cantor de Sertanejo de repente sair cantando Pagode, depois sai cantando Rock fica estranho. (08SNO)

Tal relato contribui para a formação da imagem de um cidadão que percebe a leitura como uma prática de alcance político. Trata-se de um leitor que não lê passivamente, mas questiona aquilo que lhe chega às mãos. Faz-se a leitura não só da palavra, mas a leitura do mundo, conforme Freire (1983). Forma-se, também, a imagem de um escritor consciente de sua responsabilidade com o grupo, avesso a influências de outros que não pertencem ao seu mundo, um escritor que ... “sei lá, pode querer mudar o jeito de escrever [...] e aquilo pode querer significar o que eu não quero dizer”.

É importante observar que, em outro momento da entrevista, a pesquisadora perguntou sobre citações de partes de músicas que compõem os textos escritos e publicados pelo entrevistado e o motivo de esses serem escritos em forma de versos. Finalizaremos esse tópico do texto com a transcrição integral dessa parte da entrevista, que mostra estratégias usadas, não só para captar o leitor de seus textos (“faço a mesma coisa”, “coloco de uma

forma que... ou desenganados eles vão acabar lendo”), mas, acredito, tornar a vida mais amena com a leitura:

P – Porque que você escreve sempre em forma de versos e para quê?

(104) **I** – É... eu... acho muito pesado algumas coisas... aí pra ter uma forma que as pessoas leiam aquilo também sem levar uma angústia pra ninguém, deprimir com os textos ou ser... pra não ser apelativo, pra não ser sabe... aquela coisa muito forçada de dor, mas então eu procuro... dessa forma é...

P – Amenizar um pouco a coisa.

(105) **I** – É.

P – Você acha que o poema de certa forma ele cria uma ilusão de que aquilo não tá tão perto, é isso?

(106) **I** – Ele pelo menos pra quem num... porque o que eu ouço das pessoas “ah, não adianta escrever nada da rua que ninguém vai ler sobre isso, ninguém interessa eles vão ler outras coisas” aí essas outras coisas são sempre... né, muito romantizadas e tal... eu falei “não, então eu FAÇO A MESMA COISA, coloco de uma forma que... ou desenganados eles vão acabar lendo” eu vou por essa linha.

P – É uma estratégia então pra você captar o leitor.

(107) **I** – É. É, por exemplo, numa história que eu tô escrevendo agora que é em forma de romance aí já é diferente né, eu tento, não é tanto com essa combinação de versos e prosas, mas também é uma história em que eu tento passar algumas histórias que eu gostaria que as pessoas lessem, mas eu tô enquadrando muito perto do que um qualquer escritor faz, um Machado de Assis, qualquer um faz e que as pessoas leem, eu tô fazendo assim.

4.2.3.3 A Revista Ocas e o Jornal Boca de Rua: a reconstrução da imagem do MSR

Iniciamos este capítulo com algumas reflexões sobre a imagem da casa e da rua para o MSR. Finalizaremos com a representação das instituições que promovem as publicações, especialmente a Revista Ocas e o jornal Boca de Rua, para o MSR.

Vejamos, em um primeiro momento, a opinião dos dois jornalistas responsáveis pelas oficinas promovidas para a produção dos textos diante de uma pergunta que contribui para a interpretação da questão que pretendemos aqui tratar.

Pesquisadora: Em sua opinião, por que os moradores em situação de rua participam das oficinas de criação do Jornal Boca de Rua / Revista Ocas?

Márcio Seidenberg, jornalista da Revista Ocas:

Acho que o(s) motivo(s) varia(m) a cada vendedor, mas, com base na nossa experiência e convívio com o grupo, mapeamos três: pela convivência

coletiva, troca de experiências; construir coletivamente material para a revista e, assim, apropriar-se dela; aprimorar as vendas.

Natália Ledur, jornalista do Boca de Rua:

Acredito que eles tenham motivos muito distintos. Dentre várias possibilidades, eu penso que alguns participam pelo desejo de expressar suas ideias e de contar como é a vida nas ruas, mudando um pouco a relação dos demais habitantes da cidade com essa população. Também creio que alguns integrantes participem apenas para receber os jornais no fim de cada reunião, interessados apenas na renda. Outros, parece-me que participam do grupo devido ao sentimento de pertencer a uma coletividade, de estabelecer relacionamentos e estabelecer vínculos com outras pessoas.

Vejamos, agora, o que dizem os participantes dos grupos. Conforme já dito, os MSR's que participam das oficinas do Boca de Rua produzem, com a ajuda de profissionais, tanto as fotos como os textos de todo o jornal. Falando sobre o jornal, observa-se que os MSR's vão construindo o *ethos* de jornalistas:

- (108) Aqueles ali ((apontando para uma parede que expõe alguns jornais)) é o jornal que fala só dos moradores de rua, *nosso* jornal *é só um* que fala da rua *nosso* jornal não fala mais de coisa que nem o “Diário Gaúcho” entendeu *nosso* Diário *é só* dos moradores de rua [...] *aí a gente...* cada um faz a matéria do morador de rua [...] *a gente* tem que procurar os lugar, *a gente* tem que sair bem certo mesmo, aquilo ali que *a gente* quer fazer pra sair do jornal do morador de rua, *a gente* tem que ir lá no local, fazer a entrevistada com ele ,*aí* ele vai responder, *a gente* vai escrever né, *aí* depois que *a gente* conversa de novo, *a gente*, *a gente* vai de novo, *aí* pega mais um nome na família porque que ele tá na rua e tudo, que nem aconteceu comigo aqui... entendeu, *aí a gente* coloca na matéria do jornal, *a gente* escolhe uma capa pro jornal *que é só* de moradores de rua também, esse senhor que tá na capa ali ((apontando jornal)) só com uma perna, esse senhor *a gente* botou ele na capa do jornal porque ele foi um pai para vários moradores de rua que hoje são advogado, delegado são hoje são dono de firma... (10ASC).
- (109) Eu trabalho é:: vendendo o jornal “Boca de Rua” um jornal *feito totalmente* pelos moradores em situação de rua sendo que *a gente* mesmo, *nós próprios* moradores de rua *fizemos* as fotos, as entrevistas, *escrevemos* as matérias, *fizemos* os textos, tudo como um jornalista faz né, *a gente* faz... bem dizer... *a gente* faz mais que o jornalista porque jornalista apesar de tudo eles tem algum certificado, eles tem algum atestado que eles são jornalistas, tá ligado, mas nós não temos nada que comprove que nós somos jornalista, mas *nós* temos a mesma função que eles.[...] Eles ((os jornalistas)) estudam pra isso. [...] Sem ninguém ensinar o dia a dia nos ensina (011JNMR).
- (110) Ah, não uso [droga] com bastante frequência... tento dá uma parada entendeu, por exemplo, durante o dia, durante o dia, o dia é belo, é movimentado tem muito movimento na rua né, então eu acho que *a gente* também tá em função de trabalho eu acho que fica meio “xarope”, tá ligado, *a gente* pegar e conversar com o cliente drogado ou fora, totalmente fora de si entendeu, *aí* então eu deixo mais é pra noite (011JNMR).

- (111) O “Boca” é... já apareceu em TV como a senhora já ficou sabendo, a senhora veio LÁ de Minas Gerais aqui em Porto Alegre pra conhecer o pessoal do “Boca”... a senhora vê né como o “Boca” é né... naquela cidade lá é famoso o “Boca de Rua”...tem um cara que trabalhava com nós aqui que tá lá na França estudando...(012LC)
- (112) Eu tô botando a minha mente trabalhar junto com o grupo entendeu, um fala uma coisa aí tu vê que não é... tu vai ajudando o outro, tá ligado, aí *nós* montemo aquele... aí *nós* montemo aquele... é tipo dum quebra-cabeça, tá ligado, quando um não sabe onde vai aquela peça aí o outro sabe e pum! aí dá. (012LC)

O pronome possessivo “nosso” associado ao pessoal “nós” e à expressão “a gente”, as comparações com os outros jornais, as palavras “só” e “totalmente” para referir-se à exclusividade do jornal e a enumeração das atividades próprias de um jornalista refletem a relação afetiva e o orgulho dos produtores do jornal. Para o MSR, O Boca de Rua não é um jornal qualquer, como “os outros” distribuídos na cidade. É o “nosso jornal”, o jornal que “a gente” produz, vende, fala da “nossa vida”, faz “como” ou mais do que o jornalista “que tem certificado”. Assim sendo, o jornal representa o espaço da criação, da interação, da participação na sociedade, da saúde física e mental, do tempo bem aproveitado com trabalho, embora nem sempre seja assim reconhecido pela sociedade:

- (113) Muita gente ainda tem preconceito quando vê um “bucê” de rua fala assim “não isso aí é ‘chinelagem’ isso aí é...” eles acham que a gente ganha um rio de dinheiro, sei lá que eles pensam né porque tem muita gente fala assim “ah vai trabalhar, não sei o que isso aí ((vender o jornal)) não é serviço, não sei o que” “pô” [...] Pô! a gente se empenha em fazer o jornal, a gente se empenha em vender, como é que não vai ser um tipo de serviço, então quer dizer que a “Zero Hora” não é serviço, tipo assim...[atuamos como jornalista] bem mais que como vendedor às vezes, por causa que às vezes pra uma matéria o cara tem que correr bastante assim sabe pra conseguir tudo mais (013RM).

Diferentemente dos participantes do *Boca de Rua* que produzem todo o jornal, o participantes das oficinas da *Ocas*, embora escrevam alguns textos para a publicação na revista, têm como função principal a venda das revistas. Falando sobre o *Boca de Rua*, os MSR’s vão construindo uma imagem de jornalistas; falando sobre a *Ocas*, vão delineando a imagem de alguém que aprendeu a trabalhar e se tornou um vendedor:

- (114) A ((psicóloga)) Rosângela ia lá ((na praça onde vivia)) e ela me encaminhou e me deu o endereço da OCAS, mas eu ainda é... não acreditava muito, aí um dia por puro acaso, que nada é por acaso, eu tô

sentado perto duma igreja tem um rapaz que tá com um folheto da OCAS, eu falei: “onde é que é a sede dessa revista?” ele falou: “pô é aqui na torre da igreja, você quer subir lá?”, uai vamos lá conhecer, aí eu subi lá, aí eu conheci a Kênia, conheci o Valdir, conheci o Luciano, eles me passaram tudo e tal, aí eu peguei que eles davam dez revistas, eu peguei as dez revistas e saí pra rua eu falei: “como né, eu não tô a altura de, de, de falar com ninguém, de vender nada pra ninguém”, eu fiquei uma semana com aquelas revista ali não conseguia vender que eu não tinha coragem de parar as pessoas, aí andando pela rua encontrei um vendedor lá em frente o Itaú Cultural, eu não esqueço disso até hoje, eu falei: “Jason, você quer essas revistas pra você?”, ele falou: “ó, porque meu?”, não porque o primeiro bueiro que eu encontrar eu vou jogar isso né, não consigo vender e tô morrendo de fome e não consigo vender isso né, ele foi lá, comprou um lanche de calabresa, um suco, chegou lá e falou: “ó, senta aí, come, toma esse suco e fica olhando eu vender”. Aí eu fiquei sentando vendo ele vender, aí passou umas duas horas mais ou menos, ele foi lá comprou um lanche, um suco, sentou lá e falou: “ó, agora eu vou tomar o meu lanche e você vai vender a revista” e eu fui e vendi. Aí a partir daí eu comecei criar vontade de vender, aí comecei participar das reuniões tal, aí surgiu a Maria Alice, a psicóloga aqui da OCAS, aí comecei a participar das terapia e foi dois anos nessa terapia, aí eu já tinha um ponto de venda, já comecei conhecer pessoas, comecei desenvolver um pouco na venda, comecei ter o meu dinheiro né, aí já começava, já começou deslumbrar algum objetivo, alguma coisa pra fazer da vida. E aí conversando aqui, participando com a Maria Alice é, é, toda segunda-feira a gente tava aqui, nisso foram dois anos que resultou num livro né, não sei se você conhece, mas deve ter aí, é, resultou num livro dos relatos dos participantes né, e todas as pessoas que participaram do livro é, se tiver aqui na OCAS ainda deve ser um ou dois, porque todos eles foram empregados, já saíram da OCAS, é, quem não tá empregado tá trabalhando informalmente e tal... [...] Vendendo na OCAS, eu saí do albergue, fui pra um quarto, depois aluguei outro quarto e aí aluguei o apartamento (02CBA)

- (115) Eu fiz alguns cursos e esses cursos me deram a condição de perceber algumas coisas bem interessantes que só vendedor, só vendedor que percebe essas coisas né, você olha pra uma pessoa e fala: “ah, essa pessoa é inteligente” aí o cara é um tremendo “tapado” né, mas o vendedor ele tem uma visão mais, mais crítica dessas questões, então você percebe a pessoa, você percebe pelo porte, pelo é, pela postura, pelo falar você conhece se a pessoa tem conhecimento ou não se a pessoa tem um certo, se é letrada ou não. Então esse curso dá essa possibilidade (02CBA).
- (116) Quando eu fui morar no albergue e fiquei quatro anos e meio, cinco anos morando mais aqui no Arsenal da Esperança mesmo né, tinha vezes que eu morava oito meses aqui no Arsenal aí eu tentava um contato com a minha mãe, com esse meu irmão que tem dependência química a coisa tava mais ou menos... tá um pouco melhor tal aí eu retornava aí ele fazia outra besteira pegava, eu já tinha experiência, eu falava: “ah, vou ‘picar a mula’ de novo” aí eu “picava a mula” ficava mais um ano e dois meses aí foi nesse ínterim que eu conheci, acabei conhecendo a OCAS que foi uma coisa que me deu Norte né enquanto eu tiver nesse situação porque quando você tá em situação de rua é terrível coisa e tal, fora da tua casa longe da família, aquela baixa estima né e toda vez quando você acorda no albergue você não sabe se vai pra direita ou pra esquerda né e a OCAS foi uma coisa que me deu um Norte assim no sentido de todo dia quando eu saía do albergue já

tem um lugar pra ir, onde eu vou lá conversar com pessoas que tavam passando o mesmo problema e a ter como né a editora da OCAS falou: “ó aqui a OCAS, a revista OCAS é um instrumento da pessoa em situação de rua poder usar né, cabe a ela né...” eu me lembro claramente quando eu vim aqui fiz a entrevista pra pegar as dez primeiras revistas que é oferecida gratuitamente¹¹⁹ a menina me explicou e eu: “ah, sim” [...] ((Antes, eu)) num tinha ((lugar para ir)) a não ser esses lugares aí que você vai só pra encher barriga só depois continua andar pela cidade sem “eira nem beira”, vamos dizer assim né, agora com a OCAS não, a OCAS me permitiu pegar a revista ir prum ponto de venda, no caso o primeiro ponto de venda que eu tentei aqui em São Paulo foi o Parque Colégio, oferecer a revista embora tenha, teve uma dificuldade imensa porque a maioria das pessoas não conheciam o projeto era aqui na cidade de São Paulo, na hora do almoço que a gente vai tentar vender a revista né, que as pessoas saem dos escritórios e vão almoçar tem uma dificuldade enorme em função de que no horário de almoço as pessoas querem ou almoçar ou cobrir um cheque no banco alguma coisa assim e não estão dispostas a ouvir um projeto social por incrível que pareça o lance da OCAS tem essa contradição né [...] pra você ter uma idéia eu andava, eu andava mais ou menos meio que ininterruptamente das seis da manhã às seis da tarde sabe, sai vai pra, vem pra cá, vai pra OCAS, vai pro Bom Prato, vai vender revista e aqui não tá legal de vender revista, se locomove, come alguma coisinha pra dar mais um gás pra andar até outro lugar da cidade aí vende um pouco de revista, aí vendi umas cinco revistas já tô com quinze reais, sosseguei um pouco, aí eu num quero gastar com condução vou economizar e vou a pé pro albergue entendeu, aí venho lá do Anhangabaú até o Brás aqui a pé, aí chegava seis horas eu chutava “o pau da rabiola” mesmo né... (06JFJ).

Através da marcação do tempo, os dois relatos mostram o processo de transformação do MSR. Antes da entrada na Ocas, os sujeitos se reconhecem “moribundos”, pessoas que andam “sem eira e nem beira” e não estão à “altura de falar com ninguém”. O encontro com a revista significa dar “um norte” à vida, garantir sua sobrevivência e interagir com o outro. Essa possibilidade da interação com os pares fica clara nos relatos seguintes:

(117) Porque o seguinte, se você, se eu for contar a minha vida pra uma outra pessoa que não esteja ligada à OCAS certo, ela vai ficar até, até ter um sobressalto, então pelo seguinte, aqui, aqui é um lugar onde que tem várias pessoas que são excluídos socialmente, então aqui é um lugar onde que eu posso me abrir, aqui todo mundo sabe que eu já tive preso e tal, mas lá fora eu não posso falar isso, porque já, já me olham com outros olhos (03DGS).

(118) Eu construí muita coisa com os meninos aqui (na OCAS) que eu falo muita amizade, são os meus amigos do coração e a gente fala que *a gente* é família OCAS, até tinha uma época que tinha um monte de vendedor e *a gente* saía junto, *a gente* comia junto, *a gente* vendia junto, às vezes nem só nos eventos como na rua mesmo né *a gente* comia no albergue junto que tem os albergues que tem o prato, Bom Prato né, que é a comida de um real, que é uma comida boa *a gente* comia junto e construímos tudo isso né indo

¹¹⁹ Somente as dez primeiras revistas são oferecidas gratuitamente. Com o dinheiro obtido na venda das mesmas, o vendedor passa a comprar as revistas que serão vendidas com um lucro de R\$1,00.

pra rua e vê como é que era um precisando do outro, um apoiando o outro [...] *a gente* construiu assim uma amizade, uma família, foram várias fases aqui na OCAS né, nesses cinco anos que eu fiquei vendendo a revista, então *a gente* se identificou muito né, (SIR09TPF)

Para os vendedores, a Ocas parece ser o espaço em que, com a ajuda dos companheiros, resgata-se a autoestima e aprende-se, não só a “vender”, “trabalhar”, mas também a interagir e a dividir com o semelhante. Um lugar onde ninguém se escandaliza nem discrimina (“eu for contar a minha vida pra uma outra pessoa que não esteja ligada à OCAS certo, ela vai ficar até, até ter um sobressalto”), porque é “um precisando do outro, um apoiando o outro”. Trata-se de um espaço de solidariedade, expressa na voz do companheiro (“ó, senta aí, come, toma esse suco e fica olhando eu vender”) que ensina que o vender não implica competição, mas aprendizado para a sobrevivência. Enfim, tanto o jornal quanto a revista representam para o MSR o espaço da cidadania.

Conforme dissemos no início deste capítulo, os relatos sobre a casa e a rua nos revelam vozes destoantes.

Ora a casa é revelada como o espaço do afeto, dos vínculos familiares, ora a rua representa esses valores. Nesse sentido, a rua é um espaço ambíguo, que representa a liberdade e o aprisionamento, a violência e a paz, a traição e a lealdade. Uma coisa fica evidente: a rua como um espaço de heterogeneidade.

Sobre a representação da Revista Ocas e do Boca de Rua, faremos alguns acréscimos. Se as vozes são destoantes em relação à casa e à rua, essas mesmas vozes são uníssonas em relação às oficinas promovidas pela revista e pelo jornal. Para o MSR, esse é um espaço de afeto, de vínculos, de trabalho e, principalmente, de esperança de mudança, de transformação, não da vida de um, mas de todo o grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Constrangimento é chegar perto de um carro e ver o vidro fechar na hora.
Constrangimento é ser xingado sem ter feito nada.
Constrangimento é a falta de educação. Tu chega na maior humildade e disciplina: “aí padrinho, desculpa incomodar...”, e tem que ouvir um “não tem nada pra malandro!”, “vai, vai, vai!” ou um “puxa o salame”.
Constrangimento é o motorista de um Ford Fusion te dar dois centavos e ainda dizer: “Não gasta tudo de uma vez só”.
Constrangimento é acordar embaixo de uma aba com um cara te jogando um balde d’água gelada.
Constrangimento é acordar, não ter nada para comer e ter que revirar lixeira para engolir algo.
E o maior de todos os constrangimentos é ser ignorado. É quando nem olham para a cara da gente, quando fazem de conta que somos invisíveis.
Como se a gente não fosse ninguém, como se fosse nada.(BOCA DE RUA)¹²⁰*

Neste estudo, buscamos compreender como as práticas de leitura e de escrita do morador em situação de rua contribuem para a construção da imagem de si no discurso.

Trabalhamos com a hipótese de que o morador em situação de rua, ainda que seja um sujeito de baixo poder aquisitivo, lida com uma enorme variedade de textos escritos e participa de diferentes práticas, individuais ou coletivas, de leitura e de escrita. Na condição

¹²⁰ BOCA DE RUA. *Falam em constrangimento, é?*. Ano VII, n.. 29, ago. / set. de 2008.

de escritor e/ou de leitor, o MSR atribui valor social à escrita e busca, por meio dela, ser (re)conhecido para, então, ascender a um patamar social até então não acessível. Dessa forma, contrapomo-nos aos estereótipos do morador em situação de rua visto como um sujeito “analfabeto”, não escolarizado e alheio aos acontecimentos do mundo.

Finalizaremos nosso estudo, com a apresentação da síntese dos dados obtidos no que diz respeito à questão central: "Como as práticas de leitura e de escrita do morador em situação de rua contribuem para a construção da imagem de si no discurso?" e às questões secundárias: “Quais são as representações ou estereótipos do MSR marcadas em seu discurso e como essa imagem é recriada em seu discurso?” e “Quais são as práticas e valores da leitura e escrita mais comuns aos moradores em situação de rua e que valores são conferidos a elas?”.

Em relação à primeira pergunta:

*** Quais são as representações ou estereótipos do MSR marcadas em seu discurso e como essa imagem é recriada em seu discurso?**

Em nossa pesquisa, confirmamos que a população moradora de rua é diversa e complexa. Tal diversidade e complexidade se fazem presentes tanto nas causas que levam as pessoas a morar nas ruas, quanto nas formas de interação e de sobrevivência que exercitam nesse ambiente. Ter um modo de vida diferente daquele que é considerado como “normal” faz com que essa população seja estigmatizada e receba designações tais como *louco*, *vagabundo*, *preguiçoso*, *bêbado*, *sujo*, *perigoso*, *coitado*, *mendigo*, afinal,

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é "natural", desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. [...] A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade. Na medida em que é uma operação de diferenciação, de produção de diferença, o anormal é inteiramente constitutivo do normal. Assim como a definição da identidade depende da diferença, a definição do normal depende da definição do anormal. Aquilo que é deixado de fora é sempre parte da definição e da constituição do "dentro". A definição daquilo que é considerado aceitável, desejável, natural é inteiramente dependente da definição daquilo que é considerado abjeto, rejeitável, antinatural. A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido. (SILVA, 2008, p. 83)

Observamos que há momentos em que o MSR reproduz o discurso da sociedade dominante, incorporando em seu discurso a imagem estereotipada que dele se tem. Parece-nos razoável concluir que se trata de uma estratégia de legitimação, ou seja, o MSR assume o discurso da sociedade para obter alguma inserção social, ainda que, de modo inconsciente, esteja aderindo ao preconceito. Entretanto, se em alguns momentos esse sujeito assume a ideologia imposta pelo discurso social, em outros, refaz esse discurso e, em oposição aos estereótipos impostos pela sociedade, tenta reconstruir sua imagem utilizando-se de uma *estratégia de apresentação positiva de si e apresentação negativa do outro* (VAN DIJK, 2008, p. 252). Em outras palavras, investe-se em um discurso de resistência, para confrontar seus valores com os valores “mesquinhos” da sociedade. Observamos, ainda, a adoção de um discurso de renovação, no qual, incorporando uma *identidade de projeto*¹²¹ (CASTELLS, 2002), apresentam ações e conquistas que redefinem sua posição na sociedade.

Em suma, na composição do discurso dos MSR, várias vozes se fazem ouvir: a voz preconceituosa da sociedade que o exclui, a voz do descaso das instâncias governamentais, a voz romântica trazida pelo poetas e músicos, a voz dos psicólogos, filósofos e intelectuais que tratam dos problemas sociais, físicos e psíquicos. No decorrer do discurso do MSR, observou-se a tentativa de reconstrução da imagem estereotipada desse grupo social. À medida que fala, o MSR vai construindo sua imagem como de um sujeito responsável, que trabalha, embora o seu trabalho não seja reconhecido pela sociedade excludente; um sujeito romântico, que gosta de ler “o signo da pessoa amada” e sonha “viver como em um conto de fadas”, embora seja reconhecido como *violento e perigoso*; um sujeito experiente que, por isso, conhece a diversidade e complexidade de seu grupo, embora ciente de que, nele, todos sejam nivelados e taxados como *bandidos*; um sujeito que conhece parte dos problemas da cidade porque vive esses problemas, embora sua presença seja incômoda ou invisível para a sociedade e os órgãos governamentais; um sujeito político, que luta em defesa dos interesses do grupo a que pertence, embora não tenha sua voz ouvida; um sujeito que escreve e que lê, embora suas produções *ainda* não sejam conhecidas pela sociedade.

Em relação à segunda pergunta:

- * Quais são as práticas leitura e escrita dos moradores em situação de rua e que valores são conferidos a elas?**

¹²¹ Conforme definição encontrada no capítulo 2, página 50.

No que diz respeito ao ler e ao escrever, observamos que a rua é um espaço diversificado no qual convivem tanto sujeitos escolarizados - que dominam as habilidades da leitura e da escrita - quanto aqueles que frequentaram somente os anos iniciais da escola; constatamos, no entanto, que os sujeitos entrevistados, independente do seu nível de escolarização, participam de práticas de leitura e escrita tanto individuais, quanto coletivas.

A leitura de materiais como jornais ou revistas parece ser mais comum entre aqueles que recorrem a esses veículos para se informarem a respeito dos acontecimentos do dia a dia e sobre os eventos culturais. A preferência pelos livros foi observada entre os que cultivam o hábito da leitura desde a infância ou adolescência, antes de viverem em situação de rua.

A escrita individual ou coletiva tornou-se mais evidente do que a leitura: os 14 entrevistados têm textos publicados em livros próprios ou em espaços destinados às produções dessa população, tais como a Revista *Ocas* e os jornais *Trecheiro* e *Boca de Rua*.

Dentre os 15 valores e funções atribuídos à leitura e à escrita, 5 se destacam:

- Valor/Função de interação, em que ler/ escrever significa interagir com os pares ou com a sociedade, participar do mundo; contar sobre a própria vida.
- Valor/Função que denominamos como *terapêutica*, em que ler/escrever significa fazer “terapia”, “sair da solidão”, “desabafar”, “autotransformar-se”, “reduzir” o uso da droga”;
- Valor/Função sociopolítica, em que o ler/escrever implica uma transformação não só de si, mas do grupo, da sociedade, do mundo;
- Valor/Função de fuga, em que ler/escrever significa sair da realidade, viver um mundo melhor;
- Valor/Função de *identificação* com o outro, sendo esse *outro* representado por grandes nomes da música, da literatura, da psicologia, da publicidade, ou mesmo representado por um tema ou personagem que apresenta algo em comum com o entrevistado, como a droga, o racismo, a desigualdade,

As cinco funções/valores atribuídas à leitura e à escrita relacionadas acima estão de alguma forma interligadas. As três primeiras envolvem a transformação de si e/ou do outro para a participação na sociedade. A quarta propõe a fuga da realidade para viver como o cidadão “normal” que integra a sociedade. Finalmente, a quinta implica ser como aquele que é

reconhecido e valorizado não só pelo entrevistado, mas pela sociedade em geral. Enfim, parece-nos que o maior valor da leitura e da escrita é a possibilidade que essas práticas ensejam de reinserção desse sujeito na sociedade.

Em relação à pergunta orientadora de nossa pesquisa:

*** Como as práticas de leitura e de escrita do morador em situação de rua contribuem na construção da imagem de si no discurso?**

Amossy considera que o *ethos* se constrói, simultaneamente, na interação verbal e na autoridade exterior de que o locutor goza. Consoante com essa afirmação, concluímos que, embora o lugar ocupado pelo MSR seja o da exclusão, esse sujeito tem buscado uma nova posição social, tanto no que se refere à interação com o grupo, quanto através da inserção no trabalho proporcionado, principalmente, pela participação na produção e na venda da revista *Ocas* e dos jornais *Boca de Rua* e *O trecheiro*.

Assim sendo, as organizações que promovem as oficinas de escrita, concursos literários e publicações voltadas para a população moradora de rua cumprem um papel essencial na construção de uma nova imagem desse grupo social. Sabemos que o engajamento em movimentos como os promovidos por essas instituições propiciam a construção de um espaço de interação entre parceiros. Sabemos, também, que é na interação com o outro que nos constituímos como sujeito. Conforme Geraldi:

os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem com os outros. Sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como “produto” deste mesmo processo. Neste sentido, o sujeito é social já que a linguagem não é o trabalho de um artesão, mas trabalho social e histórico seu e dos outros e é para os outros e com os outros que ela se constitui. Também não há um sujeito dado, pronto, que entra na interação, mas um sujeito se completando e se construindo nas suas falas. (GERALDI, 1993, p.6).

Dessa forma, conclui-se que a participação nas práticas de leitura e escrita significa a possibilidade de constituição do sujeito e de sua reinserção social. Faltam ao morador em situação de rua não só a moradia, a família, ou um trabalho digno, mas, principalmente, a necessidade de ser enxergado como “pessoa”. As práticas de leitura e escrita parecem dar um novo sentido à vida desse sujeito, proporcionando-lhe a possibilidade de ser visto como cidadão e, não, como um subcidadão pertencente a “um grupo social que se torna economicamente desnecessário, politicamente incômodo e socialmente ameaçador” (NASCIMENTO, 2003, p. 81).

Ao analisar as práticas discursivas no cotidiano de uma comunidade social de baixo poder aquisitivo e grau de escolaridade, mas que tem acesso à cultura letrada e se envolve em diferentes práticas de leitura e de escrita como sujeito do discurso, cremos contribuir para uma melhor compreensão das articulações discursivas e culturais dos moradores em situação de rua. Com isso, esperamos motivar e incentivar o planejamento e a execução de projetos que valorizem essas práticas e ampliem as oportunidades de participação dessa população em eventos de letramento, a partir das experiências da própria comunidade. Esperamos, ainda, despertar a comunidade acadêmica para a necessidade de serem realizadas outras pesquisas que enfoquem as produções discursivas do MSR, contribuindo para o conhecimento mais abrangente – e ao mesmo tempo especializado – dessa população e sua produção escrita, desaguando, quem sabe, num movimento de mudança social específica em favor da mesma. Dessa forma, estaremos atendendo a reivindicação do grupo que se ressentia ao ser preterido para dar lugar à elite:

Outro dia uma jornalista perguntou pra mim se eu acho que eu sou parte da literatura marginal e eu até não sabia identificar o que que era essa literatura marginal que eu tô aprendendo agora com isso, que depois do último debate que teve lá que quase saiu fogo né, lá na periferia... porque eles tão indo lá pra periferia debater com a gente literatura marginal... é poeta da periferia, é poeta não sei das quantas né, então a gente tá incomodando né, eu falo. Então assim eu não tenho academicismo eu acho que se eu tivesse academia né, de letras que as pessoas falam tanto... eu acho que... gente eu já tava rica, já... te juro eu já teria escrito mil livros... que eu tô atrás de escrever um livro sabe... juntar meus textos eróticos, por exemplo, e fazer nem que fosse um livrinho de dez páginas, um livretinho né, pra eu ganhar um dinheirinho... não acho como assim, mas se eu tivesse... e uma coisa que me revoltou assim barbaramente umas moças que... o cara foi fazer um trabalho com a gente: “ah, ‘fulana’ eu vou te escolher, não sei o que, não sei o que.” e não pegou os meus textos, num pegou a mim, mas pegou as outras três moças que uma delas não tem nem tanta essência assim, ela sabe a academia, mas ela não tem essência, aquela coisa de “ah, que linda essa moça assim, aí que lindo isso que você escreveu”, mas ela tá lá porque ela fez Letras na USP não sei o que, todas elas têm PUC, USP, sei lá o que mais “PUSP” sabe e eu não, eu não tenho e não tô fazendo questão sabe, não tô fazendo questão porque... eu não quero correr pra, pra academia pra eu ter valor não, se tiver que ter valor vai ser assim mesmo “Carolina de Jesus” e que seja enquanto eu estiver viva né... que a Carolina... agora que ela morreu, tão aí fazendo mil sucessos com as coisas dela e ela morreu de fome, porque também não se vendeu né... então pra mim, Cora Coralina 76 anos, agora tá aí, livros lindos, maravilhosos, grossos, com poesias mil né... aí não adianta sabe, eu falo “então que seja agora” e falo pros meus filhos também “ó se eu for embora aí ficar nego aí ‘escafunchando’ sua mãe, ‘fulana’, ‘fulana’, vocês não deixam não, rasga tudo, taca fogo.” porque tem que ser agora que eu tô aqui. (SIR09TPF)

Nosso estudo permanece aberto a novas e mais extensas análises e nos apropriamos das palavras de Orlandi (1999, p. 64) para externar nossas convicções: “uma vez analisado, o objeto permanece para novas e novas abordagens. Ele não se esgota em uma descrição”.

Vale registrar que este trabalho não só nos trouxe muitos conhecimentos como também nos levou a ultrapassar as fronteiras do olhar técnico. Crescemos com ele de forma prazerosa e esperamos que esse processo se estenda ao leitor.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA



- AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARAÚJO, Carlos Henrique. Migrações e vida nas ruas. In. BURSZTYN, M. (org.). *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003, p. 88-117.
- ANDRADE, A. C. *et al. Terapia de todos nós: vida e rua*. São Paulo: Event Editora e eventos Ltda, [2005].
- ARAUJO, Jesoel. Desejo de vida. *Ocas*, n. 58, Março/abril. 2008, p. 09.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1988. (Trad. brasileira com base na trad. francesa, de 1977, do original russo de 1929).
- BAPTISTA, Maria Manuel. *Estereotipia e representação social: uma abordagem psico-sociológica*, 2003. Disponível em <http://sweet.ua.pt/~mbaptista/toppage1.htm>. Acesso em: abri. 2009.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In. BARROS, D. L. P. de e FIORIN, J. L. (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003, p. 01-09.
- BAZERMAN, Charles. *Gênero, Agência e escrita*. São Paulo: Cortez, 2006.
- BENTES, A. C. Linguística Textual. In MUSSALIM, F & BENTES, A.C. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2003, vol. 1, p.245-285.
- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação *Problemas de Linguística Geral II*. 3 ed. Paulo: Pontes, 1989.
- _____. A natureza dos pronomes. *Problemas de Linguística Geral I*. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1988.
- _____. Da subjetividade na linguagem. *Problemas de Linguística Geral I*. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1988.
- BOARETTO, R. C. *Velhos à margem na margem das ruas: a experiência de uma moradia provisória no município de São Paulo*. 192 p. Dissertação [Gerontologia]. São Paulo, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2005.
- BOCA DE RUA. Porto Alegre: Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação (Alice), 1999 - . Trimestral.
- BONOMO, Mariana, TRINDADE, Zeidi Araújo, SOUZA, Lídio de *et al.* Representações sociais e identidade em grupos de mulheres ciganas e rurais. *Psicologia*, 2008, vol.22, n.1, p.153-181. ISSN 0874-2049.
- BOZZI, Aurélia Hübner Peixoto. Moro onde não mora ninguém: Praça Raposo Tavares, s/n., Maringá, Pr, BR. *Revista Urutágua*, n. 6, Abr/Mai/Jun/Jul. 2005. Paraná, Brasil Disponível em: <www.uem.br/urutagua/006/06bozzi.htm> Acesso em: 28 ago. 2006.

- BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Unicamp, 2005.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 7. ed. Campinas, S.P.: Editora da UNICAMP, 1998.
- _____. *Analizando o discurso*. 2005. <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/brand001.pdf> > Acesso em: 28 jun. 2009.
- BURSZZTYN, Marcel. Vira-mundos e “rola-bostas”. In. BURSZZTYN, M. (org.). *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003, p. 230-258.
- CABECINHAS, R. *Processos cognitivos, cultura e estereótipos sociais*. Atas do II Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal. 21-24 de Abril, 2004. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/1650/1/rcabecinhas_II_Iberico_2004.pdf> Acesso em: abri. 2009.
- CANTARINO, Carolina. A organização internacional dos moradores de rua. *Cienc. Cult.* [online]. 2005, vol. 57, no. 1 [cited 2008-01-08], pp. 6-7. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 ago. 2006.
- CARDOSO, Silvia H. B. *Discurso e Ensino*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- CASTELLS, M. *O poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002
- CAVALCANTE, Mônica M. Referenciação e intertextualidade. *XXI Jornada Nacional de Estudos Linguísticos*. 2006.
- CECO [José Nedir Ramires]. Na rua também tem amor. In. MADEIRA, M. L. (Org.) *Histórias de mim: escrituras do povo da rua*. Porto Alegre: Alice Projetos Editorias e Dom Quixote, 2007, p. 22.
- COSTA, Ana Paula. População em situação de rua: contextualização e caracterização. *Revista Virtual Texto e Contexto*, n. 4, ano IV, p.1-15, dez. 2005. Disponível em: <www.pucrs.br/textos/atual/ana-paula.pdf> Acesso em: 28 ago. 2006.
- CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*. São Paulo: Pontes, 1987.
- _____. Enunciação. In. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, vol. 2, p. 368-393, 1984.
- ESCOREL, Sarah. Vivendo de teimosos: moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro. In. BURSZZTYN, M. (org.). *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003, p. 139-169.
- _____. *Vidas ao Léu - Trajetórias de exclusão social*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press [ed. Br.: Discurso

- e mudança social. I Magalhães (Trad). Brasília: UNB, 2001], 1992.
- _____. Discurso, mudança e hegemonia. In PEDRO, E. R. (org). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997, p. 77-103.
- _____. A Análise Crítica do Discurso e a Mercantilização do Discurso Público: as Universidades. In MAGALHÃES, Célia (Org). *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. Belo Horizonte: Fale-UFMG, 2001, p. 31-82.
- FARIAS, Iara Rosa. Elementos de semiótica aplicados a canção RAP. *Cadernos de Semiótica Aplicada*. V.. 1, jun., 2003. Disponível em: <<http://www.fclar.unesp.br/grupos/casa/artigos/V1/20031007/CASA-artigo-20031007.pdf>> Acesso em 30 jul. 2009.
- FERNANDES, S. C. S. Breves reflexões sobre o preconceito. *Psicologia em foco*. Faculdade Pio Décimo, v. 1, jul./dez. 2008.
- FERREIRA, F. P. M. População em situação de rua, vidas privadas em espaços públicos: o caso de Belo Horizonte 1998 – 2005. *Anais do XII Seminário sobre a economia Mineira*, 2006. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da UFMG. CEDEPLAR, Universidade Federal de Minas Gerais.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2008.
- FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. (Trad. De *Question de Lecture*, 1989).
- FOUCAULT, M. A. *A arqueologia do saber*. 3 ed. Rio de Janeiro: R.J. Forense-Universitária, 1987. (Trad. de *L'archéologie du Savoir*, 1969).
- FRANGELLA, Simone Miziara. *Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo*. 362 p. Tese [Doutorado em Ciências Sociais]. São Paulo, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1983.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Leitura: algo que se transmite entre as gerações? In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, 2004, pp.125-153.
- GERALDI, JoãoWanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____. (Org). *O texto na sala de aula – leitura & produção*. 2.ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984. Cap.5, p.41-48.
- _____. No espaço do trabalho discursivo. In: _____. (Org). *Portos de Passagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Cap.3, p.115-189.

- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (org.) *Práticas da leitura*. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009, p. 107-116.
- GREIMAS, A. J. *Sémantique structurale*. Paris: Larousse, 1966.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991.
- HADDAD, Galit. Ethos prévio e ethos discursivo: o exemplo de Romain Rolland. In: AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005, Cap. 6, p. 145-165.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 103-133.
- INAF. Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional. *Avaliação de Leitura e escrita 2005*. 8 set. 2005. Disponível em <http://www.ipm.org.br/an_ind_inaf_5.php?in=5> Acesso em: 21 ago. 2006.
- INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica*. Disponível em <<http://www.inep.gov.br/>> Acesso em: 21 ago. 2006.
- JUSTO, J. S. & NASCIMENTO, E. C. Vidas errantes e alcoolismo: uma questão social. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, vol. 13, n. 003, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000, p. 529-538.
- KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. São Paulo: Pontes, 1989.
- _____. A concepção escolar da leitura. In: *Oficina de leitura: teoria e prática*. São Paulo: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- _____. O que é letramento? In: KLEIMAN, A. (Org) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 1987.
- _____. As diferentes concepções de linguagem. In: *A inter-Ação pela linguagem*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 1992.
- KOCH, I. G. V; BENTES, A.C.; CAVALCANTE, M.M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

- LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina. (Org.). *A leitura em crise na escola*. 9.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p.51-62.
- LEITE, Sílvia Silva Cavalcante. Migrações e vida nas ruas: a manifestação da exclusão social no plano piloto - Brasília. *XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. ABEP, Caxambu, Minas Gerais, 18-22 set., 2006.
- LESSA, Júnia França & VASCONCELLOS, Ana Cristina. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- LYSARDO-DIAS, Dylia. O discurso do estereótipo na mídia. In. EMEDIATO, W., MACHADO, I. L. e MENEZES, W. (Org.). *Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 25-36.
- LYSARDO-DIAS, Dylia. A construção e a desconstrução de estereótipos pela publicidade brasileira. *Stockholm Review of Latin American Studies*. Issue n. 2. November 2007, p. 25-35.
- MACHADO, Ida Lúcia. Uma teoria de análise do discurso: a semiolinguística. In. MARI, H.; MACHADO, I. L. & MELLO, R (Org.). *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG/CAPES, 2001, p. 39-62.
- MADEIRA, Manoel Luce. História de nós - estilhaço. In. MADEIRA, M. L. (Org.) *Histórias de mim: escrituras do povo da rua*. Porto Alegre: Don Quixote, 2007.
- MAGNI, Cláudia Turra. *Nomadismo urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre*. Dissertação [Mestrado em Antropologia Social]. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.
- _____. Povo da rua: um estudo sobre o nomadismo urbano. *Coleção: Cadernos da Cidade*, Porto Alegre, vol.2, no.4, jun. 1995.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 2 ed. Campinas: Pontes/Editora da UNICAMP, 1989.
- _____. *Termos-chaves da análise do discurso*. São Paulo: Cortez, 1998.
- _____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. Ethos, cenografia, incorporação. In. AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. Problemas de ethos. In. MAINGUENEAU, D. *Cenas da Enunciação*. Curitiba, PR: Criar Edições, 2006.
- _____. A propósito do ethos. In. MOTTA, Ana Raquel & SALGADO, Luciana. (Org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____. *Initiation aux méthodes d'analyse du discours*. Paris: Hachette, 1976

- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de Ensino de língua*, 1996. Mimeografado.
- MATTOS, Ricardo Mendes & FERREIRA, Ricardo Franklin. The elderly homeless situation: Sísifo revisited. *Estud. psicol. (Campinas)*, Mar. 2005, vol.22, no.1, p.23-32.
- _____. Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. *Psicologia e Sociedade*. 16 (2): 47-48; maio/ago. 2004.
- M.C. DOM [Adriano da Silva Cordeiro]. Grandes amigos. In. MADEIRA, M. L. (Org.) *Histórias de mim: escrituras do povo da rua*. Porto Alegre: Alice Projetos Editoriais e Dom Quixote, 2007, p. 25.
- MDS. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua: relatório*. 2006. Disponível em <<http://www.mds.gov.br/noticias/institucional/secretarias/secretaria-de-avaliacao-e-gestao-da-informacao-sagi/arquivo-sagi/pesquisas>> Acesso em: 21 fev. 2009.
- MDS. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, Secretaria Nacional de Assistência Social. *Sumário executivo da Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua*. Brasília, DF: 2008. Disponível em <http://www.mds.gov.br/institucional/secretarias/secretaria-de-avaliacao-e-gestao-da-informacao-sagi/arquivo-sagi/pesquisas>. Acesso em outubro de 2008.
- MENEZES, W. A.. Discurso político e gêneros discursivos. In. MACHADO, I. L. & MELLO, R (Org). *Gêneros: Reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFGM, 2004, p. 243-261.
- MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: MEURER, J. L.; BONINI, A; MOTTA-ROTH, Desirée (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.
- MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In. MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (Org). *Introdução à linguística*. Belo Horizonte: Cortez Editora, 2000, p. 101-142.
- NASCIMENTO, E. C. *Errância e errantes: um estudo sobre a mobilidade do sujeito e o uso de bebidas alcoólicas na contemporaneidade*. 160 p. Dissertação [Mestrado em Psicologia]. Assis: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2004.
- NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. In. BURSZZTYN, M. (org.). *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003, p. 56-83.
- _____. Juventude: novo alvo da exclusão social. In. BURSZZTYN, M. (Org.). *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003, p. 121-138.

NICOMEDES, Sebastião. *Cátia, Simone e outras Marvadas*. São Paulo: Edições Dulcinéia Catadora. 2007.

_____. O fim do mundo. *O Trecheiro*, São Paulo, ano XVII, n. 152, Fevereiro, 2007, p. 3.

O TRECHEIRO. São Paulo: Rede Rua de Comunicação, 1991- . Mensal. Disponível em: <<http://www.rederua.org.br>> .

OKASABE, Haquira. Considerações em torno do acesso ao mundo da escrita. In: ZILBERMAN, Regina. (Org). *A leitura em crise na escola*. 9.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p.147-152.

_____. O mundo da escrita. In: ABREU, Márcia. (Org). *Leitura no Brasil*. Antologia Comemorativa pelo 10º COLE. Campinas: ABL / Mercado de Letras, 1995, p.15-22.

OLIVEIRA, Dijaci David de. Migração, redes e projetos: os moradores de rua em Brasília. In: BURSZZTYN, M. (Org.). *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003, p. 172-200.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Uma questão da leitura: a noção de sujeito e a identidade do leitor*. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. Campinas, SP: Pontes, 2006, p. 177-192.

PAULA, Carlos José de. História de minha vida. *Jornal O Trecheiro*. Nº 171. Ano XIX. Novembro de 2008

PAULILO, M A. S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. *Serv. Soc. Rev.* Londrina, v.2, n.2, p. 135-148, jul./Dez. 1999.

PÊCHEUX, M. A Análise do Discurso: Três Épocas (1983). In GADET, F., HAK, T. (Org). *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de B. S. Mariani et alii. Campinas: Editora da Unicamp, p 311-319, 1997.

PEDRO, Emília Ribeiro. Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. In PEDRO, E. R. (Org). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997, p. 19-46.

PISA. Programa Internacional para Avaliação de Alunos. *Informativo Leitura 2003*. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/internacional/pisa/Novo/oquee.htm>> Acesso em: 21 ago. 2006.

RESENDE, V. M. e RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

REVISTA OCAS. São Paulo: Organização Civil de Ação Social, 2002 - .

ROSA, Cleisa M. M. (Org.). *População de rua: Brasil e Canadá*. São Paulo: Hucitec, 1995.

- SCHOR, Silvia Maria e ARTES, Rinaldo. *Primeiro censo dos moradores de rua da cidade de São Paulo: Procedimentos metodológicos e resultados*. Economia Aplicada. São Paulo, v. 5, n.4, pp. 861-883, out/dez. 2001.
- SEIXAS, Raul. *O dia em que a Terra parou*. Warner Chappell. 1978.
- SERRANO, C. E. G. *Eu mendigo: alguns discursos da mendicância na cidade de São Paulo*. 135 p. Dissertação [Mestrado em Psicologia]. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2004.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. O que significa escrever? *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 2, n. 12. p.27-30, nov./dez. 1996.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Elementos de pedagogia da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 73-102.
- SILVA, Renata. Linguagem e ideologia: embates teóricos. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 9, Número 1, Tubarão, Santa Catarina, p.157-180, jan./abr.2009. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0901/9_art7.pdf> Acesso em: 01 abr. 2009.
- SILVA, Denize Elena Garcia da. A pobreza no contexto brasileiro: da exclusão econômica social à ruptura familiar. *Discurso e Sociedade*, 2(2), 2008:265-296.
- SIMÕES JÚNIOR, José Geraldo. Moradores de rua. *Revista Pólis*, São Paulo, n. 7, 1992.
- SMITH, F. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- _____. *Leitura significativa*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 1999.
- SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- _____. Letramento e escolarização. RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil*: São Paulo: Global, 2004, pp.89-113.
- _____. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em mar. 2009.
- SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed, 1998. (Trad. de *Estratégias de lectura*, 1996).
- STOFFES, Marie-Ghislaine. *Os mendigos na cidade de São Paulo – ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. (Coleção Estudos Brasileiros, v. 21).

- STREET, Brian. Abordagens Alternativas ao Letramento e Desenvolvimento. 3º TELECONGRESSO Internacional de Educação de Jovens e Adultos, outubro de 2003. (mimeo).
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Cadastro de Crianças, Adolescentes e Adultos em Situação de Rua e Estudo do Mundo da População Adulta em Situação de Rua de Porto Alegre/RS*. Porto Alegre, 2007.
- TOSTA, Tânia Ludmila Dias. Memória das ruas, memórias da exclusão. In. BURSZZTYN, M. (Org.). *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003, p. 201-229.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.
- VAN DIJK, T. Semântica do discurso e ideologia. In PEDRO, E. R. (Org.). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997, p. 77-103.
- _____. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.
- VIEIRA, M. A. C. População de rua no Brasil. *Jornal O Trecheiro*. Nº 177. Ano XIX. Maio de 2008.
- _____. Perfil da população de rua: São Paulo. In: ROSA, Cleisa M. M. (Org.). *População de rua: Brasil e Canadá*. São Paulo: Hucitec, 1995, p. 42-45.
- _____. BEZERRA, E. M. R. & ROSA, C. M. M. (Org.). *População de rua: quem é, como vive, como é vista*. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- WALTY, Ivete Lara Camargos. *Corpus rasurado: exclusão e resistência na narrativa urbana*. Belo Horizonte: PUC Minas / Autêntica, 2005.
- _____. Os sentidos da leitura. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 4, p.22-37, jul./ag. 1995.
- _____. & CURY, Maria Zilda. *Textos sobre textos: um estudo da metalinguagem*. Belo Horizonte: Dimensão. 1999.
- _____. & CURY, Maria Zilda, PAULINO, Graça. *Intertextualidades: teoria e prática*. Belo Horizonte: Lê. 2 ed. 1999.
- WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 4, n. esp., Tubarão, Santa Catarina, p.223-243, 2004. Disponível em:
<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0403/11%20art%2010.pdf>.
 Acesso em: 28 mar. 2009.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e da diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 7-72.

ANEXOS E APÊNDICES



ANEXO A – Reprodução dos textos produzidos pelos moradores em situação de rua para o concurso “História de Minha Vida”.

IDADE: 49 anos

Carlos

Albergue São Francisco

01

História real da minha vida.

Tudo começou quando minha esposa pediu a separação, e nós nos divorciamos.

Fui trabalhar na roça numa cidade no interior de São Paulo, região oeste. Talvez para fugir da realidade fui tomar outros ares. Mal sabia o que o futuro me reservaria ~~tudo~~ por despreparo próprio. Depois de algum tempo consegui voltar para a capital, consegui um emprego como porteiro e fui morar em um quarto alugado, mas por causa de minhas bebedeiras perdi o emprego, e não tive mais condições de pagar o aluguel.

Enhei em desespero, e resolvi abandonar tudo, e vim para o centro da cidade, mais uma vez tentar a sorte, e outra vez dei com os burros n'água e não consegui ir para frente.

Sem rumo na vida virei morador de rua, exatamente no vale do Anhangabaú, e só me restava viver correndo atrás de serviço, social para poder se alimentar e dormir

em albergues como pernoites para poder 102
 descansar, porque minha vida se tornara em
 (uma) sofrimento, as vezes eu não consigo
 conter minhas lágrimas. Parece não existir
 explicação para o fato de meu casamento
 transformar-se em cinzas. Sou pai de três
 filhos, fui um bom profissional em algumas
 firmas que trabalhei, respeitado entre colegas
 e vizinhos, eu sempre acreditei que as
 diferenças com minha esposa não passavam
 de algumas palavras ásperas e descontentamentos
 passageiros. Com o passar do tempo veio

* desilusão amorosa e me tornei um dependente
 do álcool, isto me levou a fazer parte de
 grupos de pessoas que por meras razões
 chegaram a condição de morador de rua.

Me tornei um catador de material reciclável
 talvez seja uma profissão, o futuro de alguns ou não

mas que é com toda dignidade o trabalho
 do cidadão catador e morador de rua.

Eu sei que muitos me julgam, e que o
 unico culpado e responsável pela minha vida
 sou eu.

Estou tendo a experiência de conviver
 com pessoas embriagadas, drogadas, outras
 com problemas psiquiátricos.

→ VIDE

03] Estou morando em albergue com qualidade de vida que deixa a desejar. Quando surge uma vaga de emprego, o meu endereço me compromete.

Hoje eu sei que sou um alcoólatra, mas com ajuda de boas pessoas que ainda existe darei o primeiro passo, mas o segundo passo eu tenho a certeza que depende de mim.

Muitas vezes eu reflito, qual o verdadeiro sentido da vida?

Talvez minha vida não tenha o mesmo sentido a de outros.

Mas espero que a minha vida seja com potencial e possibilidades, e que isto me leve a alegria de querer e permanecer vivendo a "Vida".

Olá Boa tarde. O meu nome é Nelson, nasci em 24/09/1969 tenho um vulgo artístico de Bob Neto. Sou artista plástico, e estudei jardinagem. Faço cover de Raul Seixas à 10 anos. Nasci em uma fazenda no sul da Bahia. Lembro que a partir dos 4 anos acordava cedo para conversar com as plantas, e molhar o rosto com sereno, lembro-me que era criticado até pelos meus parentes. Aproximadamente aos 5 anos ouvi pela 1ª vez a música “ouro de tolo” com Raul. A noite sonhei com disco voadores e aviões diferentes. Ao 7 anos sonhei que fui ao inferno, eu podia ver muitos demônios diferentes uns dos outros. Ainda aos 7 anos, estava chorando debaixo de uma árvore chamada cajueiro, e um pássaro pousou em um galho e cantava. Capitei sua mensagem, e escrevi a minha primeira música que se chama “Mane taitana. Aos 13 anos sonhei que fui ao céu, fui recebido pelos anjos, e um deles aproximou-se de mim e disse: Grave estas palavras e passe para seus amigos. “Eu já fui e vou voltar para deitar nos braços de quem mas amei e beijar seus pés, de quem está na cruz, eu me refiro a Jesus”.

Este homem de quem eu falo, que por sinal vai descer do céu trazendo a benção pra quem nele crê, e nós todos juntos para sempre viveréis.

Ainda aos 13 anos por não conhecer o meu verdadeiro pai, eu sai de casa. Voltei aos 17 anos. Aos 18 vim para uma grande metrópole chamada São Paulo e fui parar na construção civil, cheguei ao cinema nos anos 90 onde fazia sexo ao vivo. Por sorte minha transava com lindas garotas, casei aos 26 e tive dos filhos com essa garota, Jéferson e Creison. A minha esposa fugiu com o primo, levando meus 2 filhos. Quando completei 28 anos fui procurar uma igreja e entrei numa casa de cultura. Fiz um curso de canto popular com o Paulo Venâncio, ainda este ano, eu tive muitas visões com o demônio, daí então passei a ler a bíblia e rezar bastante. Tive muitos encontros com o cantor Raul Seixas em visão, aos 29 anos engravidei uma menina com 15 anos que me deu uma filha chamada Pâmela. Esta mulher também foi embora deixando a criança com 6 meses de idade comigo, alguns tempo depois fui acusado de tráfico e levei uma tijolada na cabeça, peguei muitos pontos nisso a minha filha foi para o orfanato e eu no Arsenal da esperança. 42 dias depois consegui a guarda da minha filha, que esta com minha avó Olímpia. Aos 35 anos tive o prazer de conhecer meu verdadeiro pai e uma linda irmã chamada Telma. Fui para a cidade de diadema, conheci o Leão Lobo e participei 29 vezes de seus eventos, realizados pela tele-arte produções. Fui a cidade de Caragua litoral de São Paulo e sonhei que o Raul Seixas verdadeiro estava fazendo um show no Centro Franciscano que eu roubava a sua capa de violão e uma menina de 14 anos tomava a capa e disse: “Esta capa é do Raul, você apenas pode cantar as suas músicas”. Na mesma semana tive uma grande perda, o meu irmão e afilhado foi assassinado a tiro por um traficante com 16 anos na Bahia. Voltei para São Paulo outra vez e fui para o Arsenal, onde fiquei sabendo do concurso “O grito silencioso”, fui encaminhado pela assistente social ao centro franciscano e um funcionário me atendeu e disse que não sabia nada do concurso e que o chá era às 14horas, fui a uma casa de apoio, e uma mulher me perguntou se eu tinha ido para comer, tinha que entrar na fila. Com muita luta consegui participar, fui vencedor em 1º lugar na categoria cover, um representante do concurso e do movimento me convidou para uma entrevista particular e me ofereceu um premio, que seria uma casa da CDHU, além de estimular o meu trabalho, eu até hoje continuo esperando. Mas agradeço a Deus pelas conquistas e também ao senhor Robson Mendonça, por ter realizado grandes eventos ao Centro Franciscano pelo espaço e principalmente a todos os convidados.

ANEXO B – Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa¹²²

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Parecer nº. ETIC 339/08

Interessado(a): Profa. Júnia Diniz Focas
Câmara de Pesquisa
Faculdade de Letras - UFMG

DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 07 de outubro de 2008, após atendidas as solicitações de diligência, o projeto de pesquisa intitulado **"Moradores em situação de rua: práticas de leitura e de escrita e construção de identidade"** bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.

Profa. Maria Teresa Marques Amaral
Coordenadora do COEP-UFMG

Av. Pres. Antonio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II - 2º andar – Sala 2005 – Cep:31270-901 – BH-MG
Telefax: (031) 3409-4592 - e-mail: coep@prpq.ufmg.br

¹²² O título provisório “Moradores em situação de rua: práticas de leitura e de escrita e construção da identidade” foi substituído por “Vozes na rua: práticas de leitura e escrita e construção de uma nova imagem do morador em situação de rua”.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

Pró-reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação
Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa universitária sobre as práticas de leitura e escrita de moradores em situação de rua.

Os participantes dessa pesquisa são adultos de ambos os sexos que não têm residência fixa e que moram ou moraram em logradouros públicos como ruas, avenidas, praças, pontes e/ou em albergues nos últimos anos e que tenham textos escritos e publicados em jornais, livros ou revistas.

O objetivo desse estudo é verificar qual é o valor dado pelo morador em situação de rua às suas práticas de leitura e de escrita e como essas práticas refletem na construção da imagem no seu discurso.

A sua participação consistirá em responder a uma entrevista oral que, com sua permissão, será gravada em fita de áudio. Sua identificação será feita somente por números ou siglas, ou seja, seu nome não aparecerá na pesquisa. As perguntas relacionam-se às suas práticas de leitura e escrita e ao valor das mesmas em seu cotidiano. Caso não queira responder a alguma pergunta, sinta-se à vontade para deixar de respondê-la.

É possível que a sua rotina seja alterada, em apenas um ou dois dias, para que a entrevista seja concluída. Você não terá nenhuma despesa, nem será pago para participar dessa pesquisa.

As respostas dadas nas entrevistas, os textos publicados estudados e o resultado serão apresentados em uma dissertação de mestrado – isto é, um trabalho científico – a ser apresentado publicamente, com acesso livre para você e todas as outras pessoas interessadas, na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, em data e horário ainda não marcados.

Acreditamos que com a sua participação você estará contribuindo para a construção de projetos que valorizem as práticas de leitura e escrita da população em situação de rua.

Se tiver alguma dúvida, entre em contato, a qualquer momento, com os responsáveis pela pesquisa - Magna Diniz Matos, fone 3281-6884 e Júnia Diniz Focas, fone

3409-5492 - ou com o Conselho de Ética em Pesquisa – COEP, localizado à Avenida Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2005 – UFMG – Campus Universitário. CEP: 31270-901. Telefax: 3409-4592 Belo Horizonte, Minas Gerais.

Concordância com a participação na pesquisa (só assine se concordar)

Fui informado (a) sobre os objetivos e a importância de minha participação nessa pesquisa e concordo em participar da mesma. Confirmo que recebi uma cópia deste documento e sei que posso esclarecer dúvidas, a qualquer momento, com a pesquisadora. Por isso, dou meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar nesse estudo.

_____, ____ de _____ de 200__.

Assinatura

Nome:
Endereço:
Cidade:
Contato:
Nome do Representante Legal (se menor):

APÊNDICE B – Termo de autorização para uso de textos publicados

Termo de autorização para uso de textos publicados

(só assine se concordar)

Eu, _____,
portador do documento _____ autorizo que o texto

_____ (título
do texto), de minha autoria, seja utilizado integralmente e sem ressarcimento de direitos
autorais, no projeto “Moradores em situação de rua: práticas de leitura e de escrita e
construção da identidade”¹²³.

Estou ciente de que somente meu sobrenome ou as iniciais de meu nome aparecerão abaixo
do texto e que meu nome completo e a fonte farão parte da referência bibliográfica da
pesquisa, respeitando meus direitos como autor.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que
nada haja a ser reclamado a título de direitos, e assino a presente autorização em 02 (dias) vias
de igual teor e forma.

_____, ____ de _____ de 200__.

Assinatura

Nome:
Endereço:
Cidade:
Contato:
Nome do Representante Legal (se menor):

¹²³ Título provisório da pesquisa.

APÊNDICE C – Termo de autorização para uso de textos não publicados

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Pró-reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação

Comitê de Ética em Pesquisa

Termo de autorização para uso de textos não publicados

(só assine se concordar)

Eu, _____,
portador do documento _____ autorizo que o texto

_____ (título do texto)
de minha autoria e ainda não publicado em revistas, jornais ou órgãos da imprensa, seja
utilizado no projeto “Moradores em situação de rua: práticas de leitura e de escrita e
construção da identidade”.

Estou ciente de que somente as iniciais de meu nome aparecerão abaixo do texto e que meu
nome só aparecerá na bibliografia da pesquisa se assim eu quiser.

Vi um exemplo de como o texto poderá ser identificado e quero que meu nome:

Opção 1:

() seja abreviado abaixo do texto e **não apareça na bibliografia da pesquisa,
mantendo anônima a minha identidade.**

Opção 2:

() seja abreviado somente abaixo do texto, mas **apareça na referência
bibliográfica da pesquisa, para divulgar meu trabalho no meio acadêmico.**

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que
nada haja a ser reclamado a título de direitos, e assino a presente autorização em 02 (dias) vias
de igual teor e forma.

_____, ____ de _____ de 200__.

Assinatura

APÊNDICE E – Declaração de resguardo de autoria dos textos dos MSR**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

Pró-reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação
Comitê de Ética em Pesquisa

Belo Horizonte, 10 de Setembro de 2008

Declaração

Declaro que na pesquisa “Moradores em situação de rua: práticas de leitura e de escrita e construção de identidade”, serão analisados fragmentos ou textos integrais escritos por moradores em situação de rua.

Os textos de autoria dos participantes da pesquisa já publicados em órgãos da imprensa, tais como, Revista *Ocas*, Jornal *Trecheiro*, Jornal *Boca de Rua*, serão identificados por siglas e aparecerão em notas de referência e na referência bibliográfica de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Os textos só serão apresentados integralmente quando autorizados pelo autor (ver em anexo o “Termo de autorização para uso de textos publicados”)

Quanto aos textos não publicados, serão analisados somente aqueles cujos autores autorizarem sua utilização (ver em anexo o “Termo de autorização para uso de textos não publicados”). Esses textos serão identificados por siglas abaixo do título e poderão aparecer ou não na bibliografia da dissertação, conforme o desejo de cada autor.

Magna Luzia Diniz Matos

APÊNDICE F – Declaração do recebimento sobre informações da pesquisa (originais entregues ao COEP)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Pró-reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação
Comitê de Ética em Pesquisa

_____, ____ de _____ de 2008
(cidade)

Declaração

Declaro que recebemos as devidas informações sobre os objetivos da pesquisa “Moradores em situação de rua: práticas de leitura e de escrita e construção de identidade”, os sujeitos participantes, o local e as condições sobre a realização da entrevista com os moradores em situação de rua e concordamos que as entrevistas sejam realizadas em datas e horários combinados previamente, na _____ (endereço), em _____ (cidade).

Nome do responsável

Função

APÊNDICE G – Questionário respondido por jornalista responsável pelas oficinas da Revista Ocas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Pró-reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação

A) NOME DO ENTREVISTADO: Márcio Seidenberg

B) QUESTIONÁRIO

1. **De quanto em quanto tempo acontece a oficina?** *As oficinas ocorriam semanalmente, sempre aos sábados, das 9h30 ao meio-dia, na sede da Ocas. Em São Paulo os trabalhos aconteceram entre setembro de 2004 a dezembro de 2007. No Rio de Janeiro, entre 2006 e 2007.*
2. **Há algum critério alguma restrição para a participação nas oficinas? Qual (is)?** *Não havia restrições. Os encontros eram abertos a todos (vendedores da Ocas ou não). A porta da sede ficava sempre aberta.*
3. **Como é a sua participação na oficina?** *Os voluntários atuavam no suporte, na preparação das dinâmicas, na organização da reunião (para que tivesse um foco definido) e na compilação do material que era desenvolvido nas oficinas.*
4. **Há outras pessoas que participam da coordenação da oficina? Como essas pessoas atuam?** *Sim, o trabalho era dividido entre 4 voluntários, em média.*
5. **Quantos moradores em situação de rua participam da oficina? Há participantes mais assíduos?** *Não chegamos a quantificar, mas as reuniões, nos dois primeiros anos da oficina, contavam, em média, com a participação de 10 a 15 vendedores, além dos voluntários. Sim, havia integrantes assíduos, mas também aqueles que esporadicamente compareciam. Entre os assíduos, nem todos colaboravam diretamente. Alguns acompanhavam a reunião do início ao fim, sem interagir. Cada um tinha seu tempo e grau de envolvimento.*
6. **Há atividades de leitura nas oficinas? Em caso positivo, que tipo de atividades?** *Eventualmente fazíamos atividades de leitura. Dependia da pauta que estava sendo desenvolvida.*
7. **Como é a dinâmica da escrita dos textos na oficina?** *O trabalho começava com a reunião de pauta. Pedíamos para o grupo trazer sugestões de temas que gostariam de investigar para a revista. Inicialmente, cada um apresentava oralmente a sua proposta, o que gerava atritos, pois havia aquele que queria impor a sua idéia aos demais. Com o tempo, naturalmente o grupo notou que, para que todos tivessem a mesma oportunidade na exposição de suas sugestões, era necessário trazer a pauta por escrito, de forma elaborada: não apenas citando o tema, mas o motivo daquela escolha, a importância, o benefício, etc. Todas as pautas eram apresentadas, discutidas e, ao final da reunião, votadas; a vencedora era automaticamente escolhida para a edição corrente; as demais ficavam arquivadas, e novamente mencionadas em reuniões futuras. A partir da seleção do tema, a dinâmica variava. Às vezes saíamos para realizar apuração, em outras*

ocasiões definíamos o que caberia a cada componente do grupo providenciar. Os textos eram escritos individual ou coletivamente, e eram lidos e comentados por todos. A edição final era muitas vezes a compilação desse material, (que era maior do que o espaço reservado na revista), o que os integrantes geralmente compreendiam, afinal o texto em si é consequência natural do trabalho, e não é mais importante que o processo que o desencadeou.

8. **Os participantes escrevem os textos individualmente, em duplas, em grupo?** *Depende do tema escolhido. No especial de 3 anos da Ocas, os vendedores escreveram textos individuais sobre o significado do aniversário. Mantivemos a integridade de todos. Já a abertura da entrevista da Rita Cadillac foi obtida pela compilação dos vários depoimentos individuais. Neste caso, o grupo optou por formatar um único texto. Há pautas em que cabem textos coletivos e individuais. No trabalho sobre as drogas, os vendedores escreveram o texto principal sobre as entrevistas que fizeram e um dos integrantes deu sua visão particular sobre o assunto.*
9. **Você interfere na elaboração dos textos? Como?** *A construção do trabalho é sempre coletiva, a “interferência” é inerente ao processo. Não no sentido de manipular o que está sendo produzido ou de alterar a gênese do texto, mas de adaptá-lo a um formato, juntá-lo com outros materiais ligados ao mesmo tema.*
10. **Que critérios são utilizados para a escolha dos textos que serão publicados na seção “Cabeça sem teto”?** *O material final – que é publicado na revista – vai sendo montado com o que os vendedores nos entregam. Diria que deveríamos ter a cara de fanzine mesmo, já que, na maioria das vezes, compilamos, juntamos, aglutinamos a produção. Geralmente conseguimos fazer uma edição final equilibrada, que dá voz ao grupo a partir das colaborações individuais. Quando algo não é utilizado procuramos conversar com os integrantes e buscar um consenso.*
11. **Você percebe a preferência pela escrita de algum tipo/gênero de texto? Em caso positivo, que tipo/gênero são preferidos? Como você percebe essa preferência?** *Não percebo uma preferência, e sim uma tendência ou uma predileção por textos pessoais, e de temas ligados ao universo da rua. Mas não é possível generalizar.*
12. **Os participantes apresentam resistência à escrita de algum tipo/gênero de textos? Em caso positivo, em quais gêneros/tipos? Como você percebe essa resistência?** *Não.*
13. **Há participantes que trazem textos escritos fora da oficina?** *Sim, às vezes o participante já traz pauta e texto final prontos. Tentamos aproveitar em algum espaço, mas o grupo entende que o trabalho coletivo tem prioridade sobre o individual.*
14. **Os participantes têm o hábito de leitura? Como demonstram isso?** *Creio que os participantes, à medida que as oficinas foram se desenvolvendo, começaram a ter contato mais contínuo com a própria revista (muitos disseram que não liam antes de vender) e também com a realidade, de onde extraem as pautas que apresentam nas reuniões.*
15. **Os participantes demonstram preferência por algum escritor? Em caso positivo, qual? Como demonstram isso?** *Alguns têm preferências individuais, mas não chegamos a conversar sobre esse assunto.*

- 16. É comum a citação de nomes de autores ou partes de textos na elaboração dos textos?** *Lembro-me apenas de quando utilizamos textos e músicas relacionados ao tema da solidão para desenvolver um texto sobre esse universo.*
- 17. Em sua opinião, por que os moradores em situação de rua participam das oficinas de criação da revista Ocas?** *Acho que o(s) motivo(s) varia(m) a cada vendedor, mas, com base na nossa experiência e convívio com o grupo, mapeamos três:*
- Pela convivência coletiva, troca de experiências;
 - Construir coletivamente material para a revista e, assim, apropriar-se dela;
 - Aprimorar as vendas.

A seguir, alguns depoimentos colhidos em dezembro de 2006:

Cláudio

“Ninguém é jornalista, mas nós tivemos uma experiência bem legal; muitas pessoas nem imaginavam que poderiam escrever fizeram um texto editado na revista. Então o cara ficou conhecido pelo menos pelas pessoas a quem ele vende a revista e com isso conseguiu mais um trunfo para as vendas. O que é a oficina? A oficina é aquilo que está na missão, mas com mais atrativos como: a participação em grupo, temas que a gente debate assumindo posturas não só diante de nós mesmos, mas para onde a revista vai circular e etc. Eu acho que a revista mostrou muito isso, esse espaço em que a gente pode dar a nossa voz e essa foi a proposta da oficina esse ano. O ideal é que a gente divulgue cada vez mais nossos textos na revista”.

“A oficina, a oportunidade de mostrarmos a nossa voz na revista, com reportagens, texto editados só mostra a todos nós a nossa capacidade de fazermos uma revista de qualidade e entretenimento. Os leitores vão poder conhecer um pouco mais de você”.

Sérgio

“Meu nome é Sérgio Borges e to muito feliz na revista Ocas. Foi um ano de luta, um ano de trabalho. Tem muita gente que chega aqui morto, as vezes encontra dificuldade, as vezes a pessoa não sabe porque encontrou dificuldade. Chega no local de vender revista, e etc. Ai muitos criticam, as vezes cobram da pessoa muito e, as vezes não é assim. tem várias situações que não tem condições de ter êxito naquilo que você faz, isso foi o ruim pra mim, mas o bom é estar junto, e se envolver em grupo tem o Marcio, o seu Cláudio, e vários outros aqui que participam da oficina. Isso foi excelente, me ajudou muito, me estruturou muito porque eu desde do tempo que eu fiquei situação de rua eu estive só e pra superar essa dificuldade aqui em São Paulo não é fácil né. É uma luta, as vezes o pessoal nem entende, muitos cobram de você, e você fica numa situação até meia constrangedora, não é fácil. (...) Sobre a oficina? Na oficina aprendi muito, teve muitos participantes e também muitos textos que eu ajudei a fazer também, né? Muitos me ajudaram também que não é fácil e agradeço a todo mundo e que cada um apóie o outro aqui pq não é brincadeira, não é fácil”.

APÊNDICE H – Questionário respondido por jornalista do Jornal Boca de Rua

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Pró-reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação

A) NOME DO ENTREVISTADO: *Natália Ledur*

B) QUESTIONÁRIO

1. **De quanto em quanto tempo acontece a oficina?** *As reuniões de produção do jornal ocorrem semanalmente, às segundas-feiras, tendo cerca de uma hora e meia de duração.*
2. **Onde acontece a oficina?** *Atualmente, as reuniões acontecem na sala 10 do Mercado Público de Porto Alegre. Esta sala é usualmente cedida para encontros de movimentos sociais.*
3. **Há algum critério ou restrição para a participação nas oficinas? Qual (is)?** *Existem diversas regras para a participação no grupo, como não dormir ou não comer durante a reunião, não usar drogas antes ou durante o encontro, respeitar os demais integrantes do grupo, entre outras. Entretanto, não existe nenhum tipo de seleção para a entrada de integrantes no grupo. Os moradores de rua que desejam participar devem fazer a inscrição em um encontro e frequentar 3 reuniões sem receber os jornais como pagamento. Após este período, tornam-se integrantes do jornal Boca de Rua.*
4. **Quantos moradores em situação de rua participam da oficina? Há participantes mais assíduos?** *Podem participar até 30 pessoas em situação de rua. Atualmente, há cerca de 18 pessoas participando. Os integrantes não podem faltar a mais de 3 reuniões consecutivas, pois perdem a vaga. Assim, a maioria dos integrantes frequenta todas as reuniões.*
5. **Como é a sua participação na oficina?** *Sou facilitadora da reunião. Organizo os momentos iniciais, dou os recados importantes, anoto as sugestões de pauta. Após a divisão do grupo para a realização das matérias, sou responsável pela realização de uma matéria específica por edição. Assim, auxilio os integrantes: marco as entrevistas, acompanho nas saídas, degravo as entrevistas, estimulo a produção dos textos. Faço a distribuição e contagem dos jornais, atualizo a lista de presença, distribuo os crachás. Quando as matérias estão prontas, participo do processo de edição do jornal, juntamente com os outros coordenadores.*
6. **Há outras pessoas que participam da coordenação da oficina? Como essas pessoas atuam?** *Nas reuniões do Boca adulto, participam mais três pessoas: a jornalista Rosina Duarte, o estudante de Psicologia Luciano Piccoli o estudante de jornalismo Laion Espíndula. Todos atuam da mesma forma.*
7. **Há atividades de leitura nas oficinas? Em caso positivo, que tipo de atividades?** *As atividades de leitura se restringem a leitura de matérias, entrevistas ou cartas. Entretanto, estamos iniciando o projeto de uma biblioteca itinerante, em que os integrante poderão pegar livros emprestados para ler em outros horários.*

8. **Como é a dinâmica da escrita dos textos na oficina? Os participantes escrevem os textos individualmente, em duplas, em grupo?** *Os textos são escritos coletivamente, em grupos cujo número de integrantes varia conforme a edição. O grupo vai construindo o texto verbalmente e um integrante é responsável pela escrita dos textos, juntando o que os outros estão falando.*
9. **Você interfere na elaboração dos textos? Como?** *Certamente há uma interferência, embora exista um esforço para que essa interferência seja a menor possível. O simples ato de passar os textos escritos para o computador já resulta em uma mudança, pois os erros ortográficos são modificados. Além disso, durante as reuniões, quando o grupo demonstra dificuldades em iniciar ou continuar um texto, dou algumas opiniões ou sugestões.*
10. **Que critérios são utilizados para a escolha dos textos que serão publicados?** *No início de cada edição decidem-se as pautas para o próximo jornal. Assim, quase sempre são publicados os textos resultantes dessa votação de temáticas a serem abordadas. Em alguns casos, os textos ficam muito extensos e são cortados no processo de edição. Em outros momentos, surgem novas idéias que resultam em mais textos do que o previsto, de modo que não há espaço no jornal para todos. Quando isto ocorre, as matérias atemporais são guardadas para publicação em outra ocasião – são as “matérias de gaveta”.*
11. **Você percebe a preferência pela escrita de algum tipo/gênero de texto¹? Em caso positivo, que tipo/gênero são preferidos? Como você percebe essa preferência?** *A maioria dos textos escritos são em forma de matéria jornalística. Há, porém, espaço para os relatos pessoais, quando não há exigência de uma forma específica. Como vários dos integrantes também participam de um grupo de rap, é comum que alguns textos sejam escritos como letras de música. Uma integrante já falecida, Chinesa, costumava escrever poemas.*
12. **Os participantes apresentam resistência à escrita de algum tipo/gênero de textos? Em caso positivo, em quais gêneros/tipos? Como você percebe essa resistência?** *Percebe-se uma dificuldade na escrita de textos impessoais, que não sejam escritos na primeira pessoa do singular ou do plural. Constantemente há uma tentativa de transformar as matérias jornalísticas em relatos pessoais.*
13. **Há participantes que trazem textos escritos fora da oficina?** *Há alguns participantes que escrevem textos em outros horários, mas não é muito frequente. Na maioria das vezes, são matérias que realizaram em outros horários.*
14. **Os participantes têm o hábito de leitura? Como demonstram isso?** *Alguns participantes tem o hábito da leitura, mas na maioria dos casos se resume a leitura de jornais. Entretanto, quando são disponibilizados livros, eles costumam demonstrar bastante interesse, principalmente por livros que abordem temáticas próximas a eles. Como exemplo, cito o livro Falcão – Meninos do Tráfico, do rapper MV Bill e de Celso Athayde.*

- 15. Os participantes demonstram preferência por algum escritor? Em caso positivo, qual? Como demonstram isso?** *Não é notável a preferência por nenhum escritor específico.*
- 16. É comum a citação de nomes de autores ou partes de textos na elaboração dos textos?** *Não é comum. Na maioria das vezes em que isto acontece, são os coordenadores que apresentam estes trechos.*
- 17. Em sua opinião, por que os moradores em situação de rua participam das oficinas de criação do Jornal Boca de Ruas?** *Magna, eu acredito que eles tenham motivos muito distintos. Dentre várias possibilidades, eu penso que alguns participam pelo desejo de expressar suas idéias e de contar como é a vida nas ruas, mudando um pouco a relação dos demais habitantes da cidade com essa população. Também creio que alguns integrantes participem apenas para receber os jornais no fim de cada reunião, interessados apenas na renda. Outros, parece-me que participam do grupo devido ao sentimento de pertencer a uma coletividade, de estabelecer relacionamentos e estabelecer vínculos com outras pessoas.*

APÊNDICE I – Registro das entrevistas realizadas com os moradores em situação de rua.

Informante 1 – Código de identificação 01CJP, entrevista feita em 17/09/08. São Paulo.

Pesquisadora – Nós estamos aqui com o “fulano”, o “fulano” é de São Paulo e ele é um morador em situação de rua e ele vive no albergue São Francisco. “Fulano” me fala um pouquinho do seu dia a dia, como é a sua rotina, da hora que o senhor levanta até a hora que o senhor se deita.

Informante – Minha rotina do dia a dia é assim, quando eu me desperto eu primeiro agradeço a Deus né pelo dia, pelo dom da vida, pelo ar que respiro depois eu vou fazer as minhas necessidades físicas né, necessidades básicas, higiene pessoal, tomo meu café no albergue e vou pra minha atividade né que é no núcleo de reciclagem.

P – Durante o dia a sua atividade profissional ou as suas atividades de lazer, de encontro são como, são quais atividades?

I – Ó, porque o lazer praticamente a gente não tem, entendeu, apesar que a gente estamos em uma média de 80 pessoas né, tá participando lá do projeto RECIFRAN, a gente conversa bastante, dá risadas né, mas o lazer mesmo fica a desejar, porque a gente não tem.

P – Que que é esse projeto RECIFRAN?

I – São núcleo de reciclagem, patrocinado pela prefeitura, mas é um projeto do...é, como é que tá aqui é ((*mostra a parte de trás da camisa*))...REPRAS?

P – “Serviço Franciscano de Apoio e Reciclagem”.

I – Isso. É um projeto né da Igreja São Francisco que procura ajudar as pessoas que tem em situação de albergue.

P – Então vocês trabalham reciclando materiais vendem e isso reverte em renda pra vocês?

I – A gente recicla o material como aprendizagem né, a gente é velho de serviço em material, antes de fazer às vezes, e o lucro é repartido entre a gente, entre o pessoal que participa do projeto.

P – Tem alguma espécie de lazer, fora isso que o senhor relatou, das brincadeiras, da comunicação, tem alguma outra atividade que vocês, que o senhor tem assim, sem ser esse tipo de divertimento entre vocês?

I – Ó, no albergue a gente tem várias atividades né, dia de segunda-feira eu participo da reunião dinâmica com a psicóloga, na terça-feira eu participo do grupo de apoio com AA, na quarta-feira também eu participo de um grupo, mas é fora do albergue, na quinta-feira eu participo dum culto, da Igreja Batista, na sexta-feira a gente participa de vez em quando duns filme que a Assistente leva pra gente para assistir, mas só que no sábado e domingo a gente não tem lazer, porque a gente fica como semiaberto né, a gente tem que sair passar o dia fora e só retornar à noite e durante o dia a gente fica andando.

P – E nesse dia, sábado e domingo que o senhor tem que preencher, o senhor fica andando e o senhor escolhe que tipo de lugares para ir para preencher o seu dia e passar o tempo?

I – Ó, eu tô procurando encher, preencher meu espaço porque aqui no centro de São Paulo tem muitas igrejas, e eu não tenho assim escolha por religião, mas pra mim tanto faz eu ir numa igreja católica, igreja evangélica né, e muitas vezes procurar um, os espaços culturais também que São Paulo tem bastante, domingo passado eu fui lá no Ipiranga, porque eu desde criança tinha um sonho de conhecer o Museu do Ipiranga, e matei a curiosidade, foi muito legal.

P – Como é que o senhor descobre os eventos culturais que o senhor pode ir?

I – Ó, eu descubro assim, porque eu faço lá no RECIFRAN, faço parte do núcleo de reciclagem e eu trabalho na parte de reciclagem de jornais, revista e papelão e quando eu tô, é, reciclando jornal e papelão, revistas, eu vejo muitas manchetes aí que me chamam a atenção e nos jornais vem muito guia

de São Paulo e esses guias de vez em quando que pego pra ver onde têm bibliotecas, videotecas né, que tem muito lugar, que tem muita cultura, aqui tem muito chão também.

P – O senhor escolhe pra ler que tipo de material especialmente?

I – Olha, o que me chama muita atenção é a violência, fala muito em corrupção, pobreza, a gente vê o povo né, reclamando muito pedindo moradia, educação ainda mais agora que tempo de eleição, isso me chama muito atenção, pessoal da política do interior é que só dá atenção pra gente nessa época de ano eleitoral né.

P – O senhor tem assim, autores preferidos nessas andanças de leitura do senhor?

I – Literatura que me chama muita atenção é Cecília Meireles, ator eu sou muito fã da Regina Duarte, Francisco Cuoco, Tarcísio Meira, são grandes artistas que me chamam atenção por causa da minha infância né, Regina Duarte e Francisco Cuoco me chamam muita atenção aquela novela Selva de Pedra 74, novela muito boa.

P – E Cecília Meireles o que que o senhor lembra dela assim, porque Cecília Meireles?

I – A Cecília Meireles o bom da literatura dela é que é uma pessoa muito meiga, muito explicativa, chama muita atenção na vida da gente, parece que ela escreve o cotidiano, ela não define se é pessoa de rua se é pessoa de alta classe social, ela escreve, ela tem um roteiro super interessante.

P – A sua vida familiar, como é que ela é o senhor é só, o senhor tem família, o senhor tem pra onde voltar, como é que é essa sua situação?

I – Olha eu falar sinceramente eu não tenho pra onde voltar, porque eu separei da minha esposa em 1996, mesmo assim ela me deu uma chance ainda pra conviver um tempo com ela, mesmo assim não deu certo né, porque a falha foi minha mesmo por causa do alcoolismo, cheguei num ponto que ela num suportou mais, ela pediu a separação e na época eu era funcionário público, então não quis dar o braço a torcer né, aquele orgulho todo, só que o tempo foi passando, passando eu fui me perdendo a auto-estima e hoje eu tô vivendo na situação que tô, mas eu tenho perspectiva de voltar reconstruir uma família.

P – O senhor estudou?

I – Tenho o primeiro grau completo.

P – E o senhor viveu em situação de rua, está ainda em situação de rua há quanto tempo?

I – Olha depois que eu saí do meu lar, eu tentei arriscar minha vida lá pro lado do interior né, região Oeste como tá escrito na minha história aí, só que também não deu certo, não consegui ir pra frente, voltei pra São Paulo, consegui arrumar um emprego, mas também não deu certo, é porque eu não sei por que razão tudo dá errado, e eu tô numa situação de albergue, mas tá três meses que eu tô nessa liga, mas eu pretendo sair rápido porque não agüento mais.

P – E o senhor escreve, costuma escrever?

I – Eu só não tô escrevendo muito ultimamente por falta de material né, você pode, eu fiz essa história da minha vida aí eu pedi papel almaço pra menina lá, porque ela não tinha nem papel sulfite né, papel com linhas. Aí eu fiz um trabalho assim, coisa que eu já vinha pensando né, meditando eu coloquei no papel quando surgiu esse concurso aí, aí eu resolvi entrar e eu agradeço muito a Assistente lá que ela passou no computador pra mim, fez um disquete foi super legal.

P – Mas no dia a dia assim o senhor não escreve?

I – Eu escrevo assim, mas não autorias né, eu escrevo assim porque muitas vezes eu participo da reunião, eu faço parte da comissão política lá da RECIFRAN, a gente participa muito de reuniões e eu escrevo atas.

P – E porque que o senhor foi escolhido para escrever as atas?

I – Eu num sei se é porque eu tenho mais facilidade para escrever né, rápido e depois passar a limpo, talvez seja por isso né, escrever rápido e passar a limpo depois.

P – E o senhor vê assim alguma vantagem em pessoas que estão em situação de rua que escrevem daquelas que não escrevem e das que leem e daquelas que não leem?

I – Uma vantagem?

P – O senhor vê diferença entre os que estão em situação de rua que escrevem e leem, daqueles que não escrevem e não leem?

I – Ah, tem diferença sim, muita diferença, que a gente quando escreve e sabe lê a gente tem outra visão da vida né, e a gente fica muitas vezes tá conversando com essas pessoas que não sabem lê nem escrever, então eles perguntam, no sentido figurado assim a gente fala “pau” e eles tão entendendo “pedra”, dá impressão que as pessoas não tem mais sanidade mental, parece que as pessoas tá desligada do mundo, esse é meu modo de pensar.

P – Nessas pessoas que o senhor conviveu na rua o senhor percebe assim, grupos diferentes, pessoas diferentes, porque a gente conversou com algumas pessoas que estão em situação de rua e elas falaram assim que não existe um, vamos falar assim, ah moradores em situação de rua é assim, assim, assim, que tem uma diversidade muito grande, tem gente com curso superior e tem gente sem nenhuma formação, tem gente que é de gangue e tem gente que não é que a maioria não é de gangue coisa nenhuma, e que morador de rua não é ladrão, morador de rua na verdade é uma pessoa que fez uma opção e tem gente que foi empurrada pra rua, então tem grupos muito distintos, então falar assim: “morador de rua” é muito amplo, então tem que saber que existem vários grupos, o senhor viu isso assim, o senhor que viveu ali mesmo, nessa situação e tem vivido ainda, o senhor percebe essa diversidade mesmo?

I – Eu percebo a diversidade sim porque eu fui uma das pessoas que eu fui mesmo, eu não fiz opção de morador de rua eu praticamente eu mesmo eu próprio me excluí né, que nem eu falo por causa do meu alcoolismo né, que foi contrastado que é uma doença, e eu estou tentando me recuperar, então nesse pouco tempo que eu tô na rua eu tenho experiência sim, porque essas pessoas que fizeram opção pra morar na rua muitas vezes se sente que a gente que tá sendo empurrado pra rua a gente tá tomando o espaço deles e não tem mais espaço aqui na cidade pra ninguém, se não fosse os albergues aí que, é hotel social né, moradia social que o, pelo menos isso a sociedade tá proporcionando pra gente, então existe muita diversidade sim, tem gangues, tem marginais, tem pessoas de bem, tem famílias, tem criança, então a gente que tá na rua, por isso que a gente procura tá em albergue porque em albergue pelo menos a gente tem apoio social.

P – O senhor nunca morou na rua, rua, rua não, sempre em albergue.

I – Eu nunca morei na rua, mas eu já dormi assim, várias vezes na rua, mas morar não, morar por enquanto não.

P – O senhor já participou de situações em que o senhor e outros moradores em situação de rua liam juntos? O senhor lembra de alguma situação que o senhor teve, compartilhou, viveu alguma situação que vocês liam juntos?

I – Olha que eu me lembro a gente só tem lido junto assim, quando a gente participa de algum culto né, que muitas vezes o pastor distribui assim, aqueles panfletos pra gente poder ler, cantar os hinos né, mas em situação de rua não.

P – Escrita também coletiva assim.

I – Também não, e eu acho que isso aí é uma coisa que falta muita falta, chamar a atenção das pessoas pra ver se eles acordam um pouco, porque a pessoa fica na rua, ele fica sem alternativa, só quer saber de pedir, pedir e pedir e num, sei lá, não parte pra luta, perdeu a autoestima.

P – O senhor conhece a OCAS?

I – OCAS?

P – O senhor conhece?

I – Não.

P – A OCAS é uma organização só para moradores em situação de rua que eles têm oficinas de escrita, que é sábado à tarde, dá para o senhor e eles treinam as pessoas pra vender, publicam o texto da pessoa, vou dar um exemplo, vou mostrar para o senhor a revista e dão as revistas, um percentual grande para o vendedor que é o autor vender as revistas e um percentual grande para ele também, então que é autor também. É uma boa opção para o senhor conhecer e as oficinas acontecem aos sábados à tarde, com uma jornalista.

I – Em São Paulo?

P – Aqui em São Paulo. Vou dar o endereço para o senhor, nós íamos lá para fazer entrevista com estas pessoas. E é uma boa alternativa de renda para o senhor também. E não é incompatível com a reciclagem, o senhor pode vender no sábado e domingo durante o dia enquanto o senhor está visitando os locais públicos, o senhor pode oferecer para as pessoas. É uma opção boa.

P – O que que o senhor acha que a escrita muda na vida de uma pessoa, o que que o fato de escrever muda?

I – Ó, o fato de escrever muda bastante a vida, porque a gente praticamente tá pondo, a gente tá se expondo né, como é que fala, a gente tá é desabafando na escrita, tanto faz uma história real que nem eu escrevi a minha ou como né, uma história de ficção, que nem minha vida teve problema de ficção também né, são trechos da vida que passa depois que a gente lembra que dá pra escrever alguma coisa, dá pra expor alguma coisa.

P – O senhor acha então assim que moradores de rua, por exemplo, esses da revista OCAS, todos eles escrevem, então tem vários que já tem publicado livro, tem alguns que tem CD de música que eles escreveram coisas que são da vida né, é um grupo bacana para o senhor conhecer, como que eles resgatam a auto-estima vão pra frente também, resgatando a cidadania deles perdida. Como é que o senhor vê isso, a gente nem fica imaginando porque que essas pessoas né, estão nessa situação e estão caçando escrever, entrar em concurso de escrita. Porque essa necessidade de escrever? Como é que o senhor vê essa necessidade a partir da sua própria experiência, porque que você vê essa necessidade, das pessoas escreverem ou então cantarem ou então dançarem, porque essa necessidade de dizer alguma coisa pro outro?

I – Talvez essa necessidade seja porque a gente muitas vezes tem amnésia alcoólica né, muitas vezes tem pensamento bom, depois a gente fica pensando, “pô” porque que eu não escrevi, muitas vezes que é que nem eu falo pra senhora, por causa de falta de material, por falta de uma caneta né, então é porque, então se a gente tem em mãos, a gente sentando até na cama mesmo, igual quando eu perco o sono eu fico imaginando a minha vida né, e fico no próprio pensamento aqui já vem uma história né, então é muito importante disso, isso aí.

P – O senhor tem algum texto publicado?

I – Não entendi.

P – O senhor tem algum texto publicado em algum lugar, revista, jornal?

I – Ainda não.

P – AINDA não né, muito bem gostei de ver senhor “fulano”, AINDA não. Então o senhor também não escreve né, é assim, coletivamente o senhor não viu isso acontecer, então o senhor vai saber isso...

I – Por enquanto né, escrita solitária.

P – Eu agradeço muito a sua contribuição viu senhor “fulano”.

I – Obrigado a você tá.

Informante 2 – Código de identificação 02CBA, entrevista feita em 17/09/08. São Paulo.

Pesquisadora – Eu sei que você já tá trabalhando...Eu queria começar até assim, que você me contasse como é que é seu dia-a-dia, as suas atividades, como é que está essa situação sua de trabalho mesmo?

Informante – Hoje eu tô, tô bem, tô empregado, é, eu trabalho numa editora e a gente tem uma equipe de vendas e então a gente tem a segunda-feira, a gente tem treinamento né, na parte da tarde apresentação de relatório e tal e ali você fica sabendo nessa reunião né, na entrega de relatório semanal, você fica sabendo a escala de trabalho, aí sabe aonde você vai trabalhar, com quem e aí na terça-feira você vai pro trabalho, aí toda quinta-feira na parte da manhã, é, se a gente não estiver em algum evento que tenha, que tenha o início na parte da manhã a gente tem que estar na editora tá, assim a equipe tem que estar na editora na quinta-feira pela manhã pra ver com quem vai sair, se mudou alguma coisa, tal e aí você tem toda uma escala de trabalho e tem que cumprir aquela escala né, quando não há eventos então, é, os vendedores eles são distribuídos pra pontos fixos né, como faculdade, como museu...

P – Qual que é a Editora mesmo, “fulano”?

I – Editora Segmento.

P – Ah, tá é a da revista portuguesa?

I – Da língua portuguesa, isso.

P – Da língua portuguesa.

I – E essas, é, esse trabalho tem, tem sido assim, pra mim tem sido muito eficiente, porque é...

P – Você tem é, um horário fixo lá, não?

I – Tenho a gente tem um horário, a gente entra 08h30min e sai às 17h30min.

P – E é carteira assinada?

I – Carteira assinada, todos os direitos trabalhista e a comissão né, cada venda a gente tem uma comissão.

P – E tem quanto tempo que você está lá mesmo?

I – Fez um ano dia primeiro agora.

P – Ah, então já tem um tempinho bom.

I – Um ano.

P – E como é que é, é, você normalmente de manhã você vai pra Editora, o seu dia a dia, você vai pra Editora, trabalha até de tardinha e à noite, como é que é, eu queria que, você tem alguma atividade fora o trabalho, além do trabalho...

I – Tenho, eu faço inglês, eu faço inglês quarta de manhã, eu tenho duas aulas, quarta de manhã e sábado à tarde, sábado às quatro horas e, e as quarta-feira a gente vem e eu tenho, eu participo de um grupo budista, duma igreja budista, então eu tenho, uma atividade domingo pela manhã né, sempre domingo das sete e meia até onze hora eu tô lá, é, agora eu tenho, tenho às vezes a gente trabalha até as seis, sete, oito horas da noite...

P – E se diverte como?

I – Ah, sim... eu vou, vou, vou no teatro...

P – Só falando de trabalho, trabalho, trabalho.

I – Não, por que a Editora ela tem muito contato na linha cultural, justamente por ser uma linha voltada pra cultura e a gente sempre tem, a gente sempre ganha ingresso de teatro, de peça, de cinema, então as quinta-feira quando a Editora tem ela dá ingresso pra gente assistir peça de teatro, oficinas tá, a própria revista tem umas oficinas de, de língua portuguesa redação, escrita, diálogo, falar em

público, tal e a gente é obrigado a participar, a gente é obrigado. Tem uma data na semana que a gente é obrigado a participar, então como a gente, nós somos seis vendedores, por exemplo, essa semana não tem, essa semana não tem, não tem encontro, passeio tal, porque a gente tem evento durante a semana toda, aí na segunda-feira, isso acontece sempre na quinta, quando não tem, por exemplo, que a gente tá com a semana lotada, com a semana cheia, com a semana cheia, então a gente não tem espaço, a gente trabalha até dez hora, dez hora que termina a feira, termina nove, dez hora, fica até o fim, então e na quinta-feira quando a semana não é cheia que tem espaço, aí na quinta-feira a gente tá na Editora, aí a gente ganha um ingresso pra assistir um teatro, uma peça, um show.

P – E sua vida familiar, como é que é?

I – Bom, minha vida familiar...

P – Bom, mas como é que é “fulano”, como é que foi assim, a sua história, me conta aí, aquele dia você contou um pouco, mas...

I – Então, eu, eu...

P – Você veio...

I – É eu sou nascido aqui, criado aqui, é, estudei um pouco aqui, aí minha família morava em Bauru, eu fiquei aqui com a minha avó, aí aos 18 anos quando deu fim do exército eu fui morar com meus pais porque eu ia fazer faculdade, aí passei na faculdade, eu fiz um ano de Psicologia...

P – Aqui em São Paulo?

I – Não, em Bauru, em Bauru, aí fiz um ano de Psicologia e não deu, aí eu fiz um ano de Comunicação Social, também parei, aí arrumei um trabalho, fui trabalhar numa, numa indústria de, de tapeçaria, e aí eu comecei a aprender um pouco de tinta né, tingir cor e tal e fui é, manuseando as tinta e fui aprendendo um pouco, e aí apareceu uma oportunidade pra mim trabalhar numa indústria de terraplanagem, mas era lá em Minas Gerais, fazer uma estrada de Pará de Minas a Paineiras, são 200km de estrada e ele me convidou, um amigo engenheiro me convidou pra mim ir trabalhar: “se quiser ir trabalhar no laboratório, lá tal” e eu fui e com três meses que eu tava lá eu conheci a minha esposa...

P – Você tinha 18 anos na época?

I – Não, não, eu já tava, eu já tava, não, eu já tava, quando eu conheci ela eu já tava com 28, 29 anos.

P – Sei...

I – E, aí a gente começou a se conhecer e tal, só que o trabalho continuava e a gente ia ficando um pouco longe da cidade que é Pitangui né, quando, eu conheci ela foi quando a estrada chegou a Pitangui certo, nosso alojamento eu passei a conhecer, convidei ali, gostei do lugar, e aí, quando terminou a gente já tava namorando, quando terminou a estrada lá em Paineiras o cara falou: “ó a gente vai abrir uma outra frente de trabalho que vai ser em Mantena no interior da Bahia se você quiser, você vai com a gente a mesma coisa aqui, tem casa, tem tudo...”, mas como eu tava já, quase noivo eu falei: “não, acho que não”, então a mãe da minha noiva falou: “ó “fulano” se você não for pra lá e ficar aqui a gente conversa com alguém aí, tem, a gente tem um bom conhecimento aqui, que em Minas é muito isso né, as pessoas se conhecem e eu conheço o dono da siderúrgica o William, e a gente vê se arruma pra você lá, eu falei: “tá legal” aí fiquei, aí fiquei em Pitangui e fui trabalhar, ela conseguiu e fui trabalhar nessa siderúrgica, aí casei, casei e tal, continuei trabalhando lá e comecei a produzir pro laboratório, comecei a aprender no laboratório, aí o, um dono de uma mineradora, o Fred, ele foi lá e pediu “fulano” eu precisava de um analista pra trabalhar pra mim, só que é em Ibititê, é tem carro pra levar, carro pra trazer e tal, porque todas as análises feitas iam pra siderurgia e quem fazia era eu, aí, do minério de ferro, aí ele falou ó “fulano” tô montando um laboratório e eu queria que você fosse lá dar uma olhada, vê o que que falta, você me ajuda a montar esse laboratório lá. Aí eu fui lá, ajudei ele a montar o laboratório, aí eu trabalhava na siderúrgica e trabalhava pra ele, então eu fazia meu horário na siderúrgica que era as oito horas, aí saía seis horas da tarde ia pra Ibititê, ficava até meia noite, uma hora lá, voltava, descansava...E aí trabalhando lá, ele gostou, inclusive as análises que eu fiz pra ele foram de um minério de ferro que ia ser exportado pra, não sei se pra Alemanha ou

pro Japão uma coisa assim e ele gostou e tal, ele falou: “ó ‘fulano’, se você quiser eu falo com o William e, é eu te pago a mesma coisa que você ganha lá, você trabalha três dias pra mim aqui. Aí foi lá acertamos com a diretoria da siderúrgica, então três dias por semana eu ia trabalhar pra ele, tinha um horário de quatro, cinco horas lá pra mim fazer a análise do minério todo, que era minério de exportação e ele viu meu interesse e falou: ”pô”, você é formado?”eu tenho dois ou três anos de faculdade, mas não sou formado em nada, “você quer fazer Química?”falei ‘pô’, interessante né, “então ó, você estuda, passa no vestibular que eu pago a faculdade, te dou uma força na faculdade.” Aí tá, aí estudei um ano...

P – Isso você já era casado ou não?

I – Já era casado, minha filha já tava pra nascer. Aí estudei um ano e fui, prestei vestibular na Federal, passei e comecei a estudar Química, aí nasceu minha filha, depois nasceu outro, depois nasceu outro e eu continuei trabalhando, isso foram ... 12 anos de trabalho né, isso foi... Naquela siderúrgica eu trabalhei uns três anos, depois fui pra ele trabalhei mais uns três... É e aí quando eu me formei que eu, é, passei a ser Químico responsável pela siderúrgica, eu fui convidado pra trabalhar na USIMINAS, o doutor Glauber foi e lá e falou: “não, se você quiser ir pra lá é só me procurar e tal”, aí eu fui pra USIMINAS, só que a USIMINAS era em Ipatinga, é em Ipatinga e é LONGe de Pitangui, muito né, aí o que que eu fiz, é, aluguei um apartamento em Ipatinga e ficava lá a semana e fim de semana eu ia pra Pitangui.

P – A família ficou em Pitangui?

I – Ficou, a família ficou em Pitangui. E aí é, quando entrou o plano Collor, aí eu já tinha os três, os três filhos, tinha a Rita que era maior, o Leo e o Lu¹²⁴, eu tinha os três filhos e quando chegou o plano Collor, cortaram, foi um monte de gente mandada embora e eu fui também. Mas logo em seguida, não demorou nem um ano, eu fui convidado pra trabalhar aqui numa fundição aqui em São Paulo, aqui na, aqui na Avenida industrial, como lá não tinha muito emprego e quem tava não ia sair pra dar vaga, eu falei: “tá então eu vou pegar” e vim trabalhar aqui, então eu vinha, ficava aqui 15 dias, de 15 em 15 dias eu ia pra lá, aí numa, num mês de Maio, mês das mães é, num fim de semana ela falou, eu falei ó eu num vou esse fim de semana, vou deixar pra ir no outro fim de semana porque eu tenho trabalho eu quero terminar nesse final de semana e aí na sexta-feira eu saio daqui de manhã e chego aí de tarde passar o final de semana aí, bom já que você não vai vim pra cá, nós vamos na festa do milho em Goiás, lá em Anápolis”... Tudo bem. Aí eles foram aí foi meu cunhado, minha sogra, meu sobrinho de sete anos, meus três filhos e minha mulher, eles foram pra lá, aí passaram lá, quando foi no domingo na hora do almoço me ligaram, ela me liga “ó a Rita tá impertinente tal, quer ir com a madrinha pro Tocantins que não sei o que...” não, não, trás ela pra casa que ela tem aula, tem escola, tal. Um tava com, o Lu ia fazer quatro, Leo ia fazer, tava com dois e pouco que ele e o Lu não é distante e a Rita ia fazer oito, nove, Lu ia fazer quatro, Leo ia fazer três, é, os dois tem um ano, ela já é mais, e daí a pouco ela me liga de novo, “a Rita quer falar”, “oh, pai deixa eu ir lá e tal eu vou ficar só uns dois dia ela me trás ela me leva em casa e tal”, não filha você tem que voltar, você tem que ir pra escola e tal, “tá bom”, mais tarde me liga de novo: “a pai deixa eu ir e tal”, perturbou tanto que eu falei “então vai, mas cuidado, vai e tal, fala pra ela entrar em contato a hora que trouxer você, vai buscar ou vai no aeroporto, ela trás cá, não sei vocês se vira aí, tá”. E ela foi pra Tocantins no domingo, ela saiu de lá umas duas, três horas da tarde e o pessoal, o pessoal que vinha voltando saiu um pouco mais tarde, saiu por volta de quatro horas mais ou menos e quando ele pegou a 040, entre, naquele perto do trevão ali de Ituiutaba tal, isso era umas seis e meia sete horas mais ou menos isso o carro bateu com um caminhão de madeira, incendiou e morreu todo mundo e eu só fui saber no outro dia às cinco da manhã, saí desesperado, mas não me falaram o que tinha acontecido falaram que minha mulher tava mal, que tava no hospital tava mal, não contaram que, e eu saí daqui, peguei o ônibus aqui tal, são onze horas de viagem cheguei lá era sete horas da noite quase, aí não pude ver os corpos, que tava tudo lacrado, tudo fechado carbonizado, aquilo me desnorteou e a Rita, é, tava no Tocantins e a menina ficou desesperada lá e nossa, aí quando ela chegou também eu não consegui fazer o enterro, as pessoas, pedi pra, porque foi minha sogra, meu cunhado, a família ficou completamente desarticulada né, aí meus cunhados correram tal, e...

¹²⁴ Nomes fictícios.

P – Eram quantas pessoas, no acidente?

I – Foi meu cunhado, minha sogra, meu sobrinho, os dois meninos e minha mulher, seis pessoas, o motorista do caminhão também morreu. Então, é, e aí aquilo deu uma, uma guinada na minha vida de uma forma que, então a Rita falou comigo: “vou pra casa da tia e tal” e foi pra casa da tia lá em Anápolis, que era irmã da minha mulher, aí eu vim pra São Paulo pra resolver o que tinha que resolver fechar minha, minha vida aqui, voltar pra lá né, tem minha casa lá, só que quando eu cheguei aqui minha casa tava roubada, queimada, tudo sabe, estropiado, porque eu morava numa ruazinha particular e o vizinho da frente também viajou, era só quatro casas na rua e ficou as duas casas do fundo, as duas casas da frente a molecada foi lá e fizeram a maior bagunça...

P – Enquanto você estava lá?

I – Eu tava lá, é, porque eu fui pra lá, eu fiquei sabendo na segunda-feira de manhã, foi segunda, terça, quarta, na quinta-feira que eu voltei né, cheguei aqui na sexta de manhã, na sexta de manhã que eu, aí eu saí desesperado pelo mundo sabe, sem nada, sem ninguém, acabou pra mim não tinha ninguém, pegava Deus eu dava tanto soco nele porque ele era culpado pra mim ele era o culpado se eu tivesse lá não teria acontecido aí eu fiquei onze meses vagando que nem um doido, bebendo que nem um louco, sabe, pesava 30 kg, hoje eu peso 64 kg eu pesava 30 kg e aí aquilo foi, sabe, acumulando e eu não, tem um pedaço que eu não consigo, eu tento, às vezes eu tento muito, mas eu não consigo lembrar o que que acontecia, tem uma época que eu não consigo, até hoje ainda tá em branco essa parte, eu sei que eu fiquei vagando pela rua por um período de onze meses, aí um dia eu tava lá na, no viaduto do São Carlos do Pinhal, na Paulista e chegou um senhor de chinelo, bermuda, sentou e começou conversar e tal, perguntou porque que a gente tava ali, qual era a vida da gente, foi lá comprou lanche e tinha mais uns dois ou três ali, aí falou: “bom se vocês quiserem, ninguém tá obrigando ninguém a nada, se vocês quiserem tem um endereço aqui, vocês procura esse pessoal né e eles vão te direcionar nalguma coisa. Naquela situação sabe, nada, nada mudaria a minha vida, nada se eu falei pra você que eu peguei Deus e comecei dar murro nele, então nada ia mudar a minha vida né e aí, bom, e um dia eu não sei porque cargas d’água, né, como eu te disse: “nada é por acaso né” eu falei: “eu vou lá nesse lugar”, fui lá, cheguei lá, é, eu gosto sempre de citar aonde eu faço esse debate das duas psicólogas que foram, sabe, meu esteio que eu acho que sem aquelas psicólogas eu acho que eu não teria estrutura pra tá aqui hoje, a Rosângela e a Bárbara, me receberam aí me levaram numa, numa casa comunitária pra cortar o cabelo, tomar banho, porque eu tava um caco, eu tava um, pior do que mendigo, aí fui cortei o cabelo ela me arrumou uma roupa né, fez uma carta, me levou num albergue eu nem sabia que existia isso. Aí eu fui pra um albergue, aí no outro dia ela falou: “ó amanhã você vem me deu o passe de ônibus, pega o ônibus vem pra cá e tal, você toma o café, almoça aqui e tal”, aí durante a semana eu ia quase todo dia eu tava lá, aí ela pego: “ó ‘fulano’ tem esse endereço aqui, que se caso você quiser fazer algum dinheiro né, tentar contactar com as pessoas tal”, era o endereço da OCAS...

P – Esse anterior era de onde? Esse que, que...

I – Do projeto CLAREOU, projeto que não existe mais, era um projeto duma ONG tá, de um grupo de, de psicólogos que davam estrutura pras pessoas em condições de rua e, eles tinham um financiamento acho que do Canadá e tal...

P – Lá que a Rosângela...

I – Isso lá que a Rosângela ia lá e ela me encaminhou e me deu o endereço da OCAS, mas eu ainda é... não acreditava muito, aí um dia por puro acaso, que nada é por acaso, eu tô sentado perto duma igreja tem um rapaz que tá com um folheto da OCAS, eu falei: “onde que é a sede dessa revista?” ele falou: “pô é aqui na torre da igreja, você quer subir lá?”, uai vamos lá conhecer, aí eu subi lá, aí eu conheci a Kênia, conheci o Valdir, conheci o Luciano, eles me passaram tudo e tal, aí eu peguei que eles davam dez revistas, eu peguei as dez revistas e saí pra rua eu falei: “como né, eu não tô a altura de, de, de falar com ninguém, de vender nada pra ninguém”, eu fiquei uma semana com aquelas revista ali não conseguia vender que eu não tinha coragem de parar as pessoas, aí andando pela rua encontrei um vendedor lá em frente o Itaú Cultural, eu não esqueço disso até hoje, eu falei: “Jason, você quer essas revistas pra você?”, ele falou: “ó, porque meu?”, não porque o primeiro bueiro que eu encontrar eu

vou jogar isso né, não consigo vender e tô morrendo de fome e não consigo vender isso né, ele foi lá, comprou um lanche de calabresa, um suco, chegou lá e falou: “ó, senta aí, come, toma esse suco e fica olhando eu vender”. Aí eu fiquei sentando vendo ele vender, aí passou umas duas horas mais ou menos, ele foi lá comprou um lanche, um suco, sentou lá e falou: “ó, agora eu vou tomar o meu lanche e você vai vender a revista” e eu fui e vendi. Aí a partir daí eu comecei criar vontade de vender, aí comecei participar das reuniões tal, aí surgiu a Maria Alice, a psicóloga aqui da OCAS, aí comecei a participar das terapia e foi dois anos nessa terapia, aí eu já tinha um ponto de venda, já comecei conhecer pessoas, comecei desenvolver um pouco na venda, comecei ter o meu dinheiro né, aí já começava, já começou deslumbrar algum objetivo, alguma coisa pra fazer da vida. E aí conversando aqui, participando com a Maria Alice é, é, toda segunda-feira a gente tava aqui, nisso foram dois anos que resultou num livro né, não sei se você conhece, mas deve ter aí, é, resultou num livro dos relatos dos participantes né, e todas as pessoas que participaram do livro é, se tiver aqui na OCAS ainda deve ser um ou dois, porque todos eles foram empregados, já saíram da OCAS, é, quem não tá empregado tá trabalhando informalmente e tal...

P – Você sabe o nome do livro?

I – É, “Terapia de todos nós”.

P – Eu vou olhar.

I – Eu acho que aqui na OCAS tem, eu acho que aqui na OCAS tem. Então a partir daí eu comecei a desenvolver né, e aí surgiu a oportunidade de, de participar do grupo de futebol né, que a OCAS ela é filiada ao Internacional Network Street Papers...

P – Eu vi vários troféus...

I – Então, esse, essa associação ela, ela tem em 50 países, ela emite 84 publicações todas voltadas para o pessoal de rua, na Europa não são moradores de rua, lá ninguém mora em rua, mas tem aquelas pessoas que são os, chama lá de “homeless”, aqueles que estão temporariamente fora de casa porque na Europa é muito fácil você ir de um país pro outro, da Rússia pra Polônia, da Polônia pra Áustria, da Áustria pra Suécia é muito, o Mercado Comum Europeu é, dos países que fazem parte do Mercado Comum Europeu não tem é, é, tanta rigidez nas, nas alfândegas nos aeroportos tá, é mais fácil, então é, o que que é o “homeless”, o “homeless” é aquelas pessoas que vem, é aquele sueco que vem pra Dinamarca não tem onde morar na Dinamarca, pega revista pra vender, vende ganha o ticket do almoço, tem um lugar pra ele dormir tá, então ele não quer mais a Dinamarca, “túm” vai pra Holanda, tudo muito perto, sabe, 40 minutos, uma hora, você tá no outro país, e eles andam, então esses são os “homeless”. Então, mas em todos os países tem algum lugar pra ele comer, a revista pra ele vender...

P – Tem albergues lá, tem uma coisa maior que o albergue é isso?

I – Não é nem albergue, não é nem albergue, lá são apartamentos tá, é ele vai lá pegar o ticket do almoço, tem um lugar lá ele vai lá buscar o ticket pra ele almoçar e ele recebe a chave pra um lugar pra ele ir dormir tá, recebe a revista pra ele vender e tal e essa associação ela promove todo ano um campeonato mundial de futebol de rua, então é, todas as revistas que fazem parte vão pra um lugar, que nem a gente foi pra Suécia, foi pra Escócia eu fui pra Portugal, fui pra Holanda e fui pra Dinamarca. Eu fui fazer uma palestra em Portugal, fui fazer uma palestra na Dinamarca e, e outra na Holanda, tudo através desse grupo a gente levava um atleta representando o Brasil e lá são um do Japão que foi lá pra fazer a palestra essa outra vez de Portugal só foi eu, é, só eu do Brasil e o de Portugal, na Holanda foi um da Holanda, um da Holanda e outra do Brasil, então tava, então eu tive em muitos países, tudo através desse, dessa associação, então é, a partir daí eu comecei a criar um, um vínculo maior, tá, e aí entra a família, minha família é minha filha hoje...

P – E ela mora lá ainda?

I – Ela mora lá em Anápolis.

P – Em Anápolis...

I – Eu falo com ela quase todo dia, falo com ela por telefone é, tá prestando vesti..., tá fazendo cursinho pro vestibular é, eu tô sempre mandando alguma coisa de vestibular pra ela estudar e tal, é,

tenho minha casa lá em Pitangui que tá lá minha cunhada é que cuida da casa lá tá tudo fechado com os móveis tudo...

P – Isso tem quanto tempo que você falou?

I – Foi em 2001, vai fazer, fez sete anos agora em Maio.

P – Então lá você não...

I – Eu só fui uma vez, não voltei mais.

P – Depois do acidente só uma vez?

I – Só fui uma vez.

P – A casa...

I – Aí eu fui no Natal, depois que eu me restabeleci aqui, depois de dois anos eu fui no Natal lá em Anápolis visitar minha filha e tal, mas como eu não tinha dinheiro pra ir pra, pra Pitangui pra resolver eu tive que voltar e agora eu tô tentando ver se eu consigo esse ano ir lá pra mim resolver minha questão da minha casa. E aí convivendo aqui tal e eu fiz curso de vendas em vários lugares, fiz um curso aqui do DOT que é uma, uma entidade que tem 70 anos de consultoria é, fiz um outro curso numa escola, na escola de publicidade e marketing, é curso de vendas, fiz um curso de fidelização de cliente, fiz um curso de, de aperfeiçoamento de falar em público e, e tô fazendo agora o inglês, mas é, fazendo esses cursos eu fui me adaptando, porque eu vendia a revista OCAS, então quando a gente tá vendendo a revista OCAS sempre aparece um cara do partido querendo que você venda os jornaizinhos do partido, uma revistinha qualquer e tal pra você vender, ganha uma comissãozinha e tal, mas sempre me davam o cartão e tal, e aí bom, pelo menos eu tava na época, eu tava firme na OCAS porque a OCAS que tava me dando o meu sustento, tanto é que vendendo na OCAS, eu saí do albergue, fui pra um quarto, depois aluguei outro quarto e aí aluguei o apartamento, então é, tinha um dia eu tava vendendo a minha revista lá no sábado, chegou uma mulher eu expliquei o projeto pra ela, conversei com ela e tal, ela não comprou a revista "ó vou dar uma visitada depois eu...", aí visitou a pinacoteca, foi no Museu da Língua, visitou o Museu da Língua Portuguesa eu falei: "passou aqui ela não quis já era, não vou ficar pensando, a mulher não quis, vou continuar vendendo pra outro né", mas eles ficaram, ela o marido e a filha, ficaram vendo eu trabalhar ... eu pensei que eles tinham ido embora e eles tavam vendo eu trabalhar, aí depois de duas horas que ela tinha falado comigo ela voltou, aí me deu um cartão falou: "ó, eu tenho uma Editora, gostei de ver você trabalhar, se você quiser trabalhar comigo você me procura", mas como eu tava tão acostumado com esse negócio, jornalzinho, revistinha, essas coisinhas é, entregar panfleto sabe, eu falei: "mais uma que vai me dar uma bagulheira pra mim vender, né", mas foi passando na outra semana eu falei: "vou lá ver" aí fui, e eu tava com tudo preparado aqui pra dez dias depois ir pra Paraty, uma semana depois eu ir pra Paraty no Festival Literário e eu já tava me arrumando aqui, queria comprar revista, porque eu fui em vários...

P – Vendendo?

I – É vendendo é, ia vender isso, e eu fui uma vez eu e o outro vendedor, depois fui uma vez sozinho e ia de novo, porque eu vendia bem lá chegava a vender quinhentas, seiscentas revistas e tal, nossa dava um dinheiro bom pra mim, aí eu falei: "não, eu vou, eu vou pra Paraty né", mas no meio da semana eu fui lá, cheguei lá fui super bem recebido, ela: "ó 'fulano' aqui é assim, assim, assim, nós...", quando eu vi a revista, quando eu vi o que eles editavam, eu falei: "não, acho que ESSE é o meu ramo", porque é o ramo que mexe com cultura, com educação, lida com professor, com aluno, com diretor, com mantenedor de escola, aí eu foquei bem e falei: "não, acho que esse é o meu ramo", "você vai fazer uma experiência tá?" eu falei: "tá", "eu vou te dar umas revistas você vai vender avulsas, tal, se você achar que é interessante", eu falei: "pô", eu tô indo pra Paraty, né", "você tá indo pra Paraty? Nós não temos ninguém pra vender lá, você quer levar?", aí me deu trezentas revistas...

P – Era essa da...

I – A Língua Portuguesa.

P – Da Editora Segmento?

I – É do próprio, é Fernanda Oliveira¹²⁵ que é mulher do dono, é diretora e ela me deu trezentas revistas, me pagou táxi, me pagou a passagem, me pagou a hospedagem lá em Paraty e aí eu falei: “não, vou...”, e eu fui pra Paraty, levei acho que cem revistas da OCAS pros meus clientes que já me conheciam e levei a Língua Portuguesa, eu nunca tinha vendido a revista Língua Portuguesa e por incrível que pareça eu levei trezentas vendi duzentas e onze revistas, quando eu voltei aí ela falou: “nossa ‘fulano’ você vendeu tudo isso?” eu falei: “vendi” “não, uai, pode trazer a sua documentação que eu vou te registrar” então dia primeiro de agosto ela me registrou, aí eu passei a ter um salário ter todos os benefícios da CLT, saúde, transporte, tudo, é, seguro, tudo, e comecei a trabalhar com eles e tô até hoje, então é, hoje eu tenho o maior, nossa, eles tem uma confiança em mim eu fui agora pra, pra Atibaia numa, numa feira educacional que teve lá, ficou tudo sob minha responsabilidade, fica tudo sob minha responsabilidade, primeiro porque o grupo, do jeito que eu sou acho que o mais velho da turma, então a “responso” fica comigo né, diz ó, alguns dizem ó, não o tio “fulano” é mais né, bem mais novo que eu então eles deixam a responsabilidade comigo e ela né, por saber da minha responsabilidade que eu gosto de ter essa responsabilidade no trabalho eles deixam a responsabilidade tudo pra mim. Então é, por exemplo, é então em Atibaia mesmo eu, deu cento e quatorze mil reais de venda né, é muito dinheiro na responsabilidade né e foi tudo normalmente tranquilo sem nenhum problema, então isso me fez ter mais base na editora.

P – Você lê essas revistas?

I – Leio todas.

P – Lê?

I – Leio todas. É leio, faço treinamento de 15 em 15 dias é, e eu leio muito, leio em casa também.

P – E sempre foi assim? Sempre gostou de ler?

I – Não, eu sempre fui um bom leitor eu sempre gostei, havia, houve tempo que eu não conseguia ler né...

P – O tempo que você estava na rua, você lia não?

I – Ah lia, lia.

P – Mesmo...

I – Ah, você pensa que, o cara que tá na rua é muito mais bem informado do que quem não tá, ele lê jornal todo dia, ele lê revista todo dia, ele se informa, ele para na loja, ele assisti jornal sabe, é jornal que ninguém lê aparece na mão dele ele lê sabe, é muito difícil você vê um mendigo lendo a Gazeta Mercantil, saber da Bolsa, eu sei que tem muita gente, na rua tem gente formada, dentista, engenheiro, médico, conheci vários na rua formados, contabilista, publicitário, tudo na rua, uns por opção, outros por situações diversas né, mas a maioria formada e ali na rua, então o cara quando tá na rua é um cara que tem uma visão da vida ele lê, mesmo na rua ele lê, você pode passar aí você vai ver um carregador de papel ele para lê o jornal, ele lê metrô, ele lê a folha de ontem, ele lê tudo que aparece ele tem que tá lendo...

P – Esse jargão, esse mito, esse critério “morador em situação de rua é analfabeto, tem pouco estudo” isso não é real?

I – Não, isso não, isso não existe, isso é metáfora né, porque é que nem eu falei, conheci pessoas formadas na rua uns por opção outros por outras situações, mas a população de rua ela é bem diversificada, principalmente em São Paulo, em quase 15 mil pessoas morando na rua é uma população super diversificada, é, existe grupos que são grupos que tem família tá, mas tá envolvido com droga não pode ir pro bairro senão os cara mata então eles vem pro centro, tem aqueles que vêm de vários lugares do Brasil achando que São Paulo é uma maravilha, chega aqui vê que é tudo ilusão acaba na rua, esses também forma um outro grupo, tem aquele grupo daqueles que briga com a família sabe, se desgosta larga tudo e vem pra rua e tem esses que são os, os menos favorecidos mesmo sabe, que já é, que nem o Chico Buarque fala que no tempo dele ele “via as pessoas na rua”, hoje ele está

¹²⁵ Nome fictício.

vendo “os filhos das pessoas na rua”, também na rua, então tem família na rua, tem criança tá, tem as pessoas que, tem aqueles cara que você pega, leva, dá banho, corta o cabelo, troca de roupa e tal e enquanto ele tá limpo ele tá bem, começou a sujar ele volta pra rua sabe, é aí que tá, tem aqueles outros que fecharam-se muitos hospitais psiquiátricos, esses hospitais psiquiátricos aqui da região, São Paulo, Grande São Paulo, fecharam não aguentam, mandaram os doentes pra família, a família não quer os doentes, então esses doentes estão na rua. Só existe uma equipe que cuida desses doentes que é, que são os médicos sem fronteira, inclusive acho que eles estão até terminando o projeto deles porque eles não têm mais sustentação, ninguém apóia o trabalho deles e eles cuidam dos dementes, dos doentes na rua e tal...

P – Tem uma atuação desse pessoal também, mas assim poucos voluntários né, deve ter pouca gente, mas poucos grupos, mas existe uma ajuda desses grupos.

I – Existe, existe sim, não, tem muitos grupos que dão comida, que dão, mas tratamento médico, tratamento o básico né, a gente fala médico ambulatorial que é o primeiro tratamento né, os Médicos Sem Fronteira é que faziam no pessoal de rua, tanto é que eu participei com eles, tanto aqui na OCAS eu participei com eles, a gente dava sopa assim, café da noite, a gente dava sopa, cortava o cabelo, trocava de roupa, os médicos iam examinar, faziam curativo, arrancava dente né, tinha um ônibus cortava cabelo, dentista sabe, no ônibus era tudo dividido tinha sala do médico, a sala do dentista e do barbeiro, então a gente parava num lugar que tinha muita gente, tinha bastante gente, aí fazia esse trabalho, isso foi um ano que eu trabalhei com eles e senti, por eles não tá tendo apoio, que não é leve, eles são voluntários e a organização é uma organização internacional, só tem o apoio que eles recebem de lá, de fora, que do Brasil eles não recebem nada, a não ser se agora eles entraram com, a Petrobrás acho que ia dar uma ajuda e tal, mas a gente, que eu não fui mais e não fiquei sabendo, mas o grupo fazia esse trabalho. Então são você vê a diversidade da população de rua, então, por exemplo, quem é o cara que, que tá envolvido com droga ele vem pra cá ele não se envolve com aqueles que vêm do interior ou do outro estado...

P – São grupos separados?

I – Separados.

P – Bem demarcados mesmo?

I – Bem separados, tem o grupo daqueles que só bebe, bebe, bebe, dorme ali mesmo, bebe, bebe, bebe, dorme ali mesmo sabe, não sai daquele lugar, então são grupos separados e dentre esses, esses grupos, as pessoas que compõem esses grupos a gente vê que elas são pessoas formadas, pessoas instruídas é, pessoas até com visão política muito definida sabe e em situação de rua...

P – Desses 15 mil aproximadamente aqui em São Paulo, quantos você arriscaria dizer que, quantos mil que tá ali nesse grupo, que continua alimentando esse hábito de leitura...

I – Ah, são muitos, são muitos.

P – Arrisca um número pela sua experiência, desses 15 mil.

I – Ah na faixa aí de, ah tem que calcular a faixa de uns cinco, seis mil são bem instruídos, são letrados, são pessoas que não...

P – Você acha que esse pessoal continua lendo, essas pessoas que estão ali eles continuam lendo, por quê? Pra que que será que, o que a leitura pode contribuir, se a leitura pode contribuir, como ela pode contribuir de alguma forma na vida delas?

I – Ah, eu acredito que num primeiro momento é curiosidade, porque quem é analfabeto que não lê nada, esse interesse é menor, não tem muito interesse de lê, vê figura na revista no jornal, “ó você viu esse cara aqui, ó o que esse cara fez”, mas ele não tá entendendo o que tá acontecendo ali, agora quem já tem é... esse hábito de leitura ou tem alguma instrução num primeiro momento é por curiosidade por oferecer notícia, num primeiro momento é essa curiosidade, num segundo momento já é uma instrução, muitos que eu vi assim né, num grupo que a gente tinha um maior contato é, lia e passava pros outros discutia, levantava tese pra ser discutida “ah o prefeito não sei o que”, então os cara tinha visão...

P – E os outros interessam e mesmo aqueles que não leem ficam atentos?

I – É, tem, tem, tem...

P – Então eles servem como, de certa forma, como um líder ali que tá, como um informante no caso?

I – É eu não digo um líder, mas um anunciante né, “ó meu vai ter, vai passar...” sempre tem uma pessoa mais falante mais, um pouco mais instruída que direciona um grupo, “ó tá tendo sopa em tal lugar, vão pra lá?” aí vai todo mundo lá, toma a sopa né, “ó vai dar lanche em tal lugar”, “ó vai cortar cabelo lá, quem quer cortar o cabelo vamos lá”, então sempre tem alguém que, hoje a população de rua tá um pouco mais arredia justamente por causa do trabalho, antes quando era a Marta a prefeita esse trabalho era mais simplificado tinha resultado, depois que entrou o outro prefeito esse trabalho ficou só, vamos dizer assim só no superficial, então isso se você for entrevistar alguém na rua você vai encontrar isso, é vem a menina com a tabuleta “seu nome, ah se tiver vaga a gente vai arrumar pra você no albergue”, só que os caras faz tanto isso, todo dia faz isso que o morador de rua “ah é prefeitura, nem quero, nem quero dar mais meu nome, você já pegou meu nome cinquenta vezes você quer o que, não me arrumou nada”, você entendeu? Então “ah, você é da prefeitura?” então quando alguém chega pra conversar com eles, “não, não sou da prefeitura”, “não você também é do grupo e tal você não vai me arrumar nada, não vai...”

P – Não vai me ajudar em nada, você só tá fazendo hora aqui...

I – Você entendeu? Então isso também tem uma, é bem é duma influência muito grande, por isso as pessoas falam “ah, são arredios, são...” e tem aquele negócio também né de falar “ah, todo morador de rua é ladrão, é maconheiro, é mau elemento” não, só quem já teve lá é que sabe como é que é, existe sim sabe, existe, os traficantes usam as crianças, usam os jovens pra traficar, pra usar, pra, mas é um mundo que não tem muito envolvimento com o morador de rua, porque o morador de rua ele é mais, vamos dizer assim, ele é mais reservado. Por exemplo, no canto dele, se ele tem um canto, uma pedra, um lugar pra ele guardar o cobertor e tal, eu não vou, eu não posso chegar lá que eu tô invadindo o espaço dele e aqui no meu também ele não vem porque ele sabe que ele tá invadindo espaço, tem uma garrafa de pinga, tem três cara pra mim chegar lá pra beber eu tenho que ou ser conhecido deles ou ser trazido por um deles...

P – Aquele espaço é público, mas é deles, mas é privado.

I – É público, mas é privado entendeu? Então isso é muito, é muito forte dentro do morador de rua e é uma coisa bem interessante também, teve um fato que, nossa que me, me mudou completamente uma visão eu, tava eu e um senhor bem mais velho do que eu e nós tamo, tamo “vamos arrumar qualquer coisa pra comer né, agora” isso é duas da tarde, aí passamos, vou lá naquele restaurante pedir comida, aí fui lá e cheguei pro cara e falei “ó meu tô morrendo de fome me arruma uma comida pra nós qualquer coisa pra comer aí”...

P – Isso é na época que você tava na praça?

I – Eu tava na rua, aí o cara falou “não agora não tem e tá e pá e sai daqui” né, sai aí fui lá falei “pô, véio esse cara pôs até pra fora lá não vai dar nada” ele falou “puta’ vamos num outro restaurante” aí fomos no outro restaurante fica aí que eu vou lá, aí ele foi, demorou, demorou eu já tava até dormindo de fome e ele não aparece, de repente aparece ele com um marmiteix, uma outra cumbuca um monte de pão, refrigerante, falei “pô’ mas como você conseguiu?” ele falou assim “você chegou lá e pediu comida” eu falei “foi, falei que tava com fome e ele não me deu” eu fui lá e falei pra ele, falei “ó eu moro na rua, tô com fome, não quero nada, me dá um prato pra lavar, banheiro pra lavar, chão pra limpar e você me dá comida” aí o cara deu pra ele lá um banheiro pra ele lavar, um corredor pra ele limpar e deu a comida pra ele, então aquilo eu falei “ah, eu fui lá pedi o cara não me deu, ele foi lá e pediu, mas pediu de outra forma, ele ofereceu um trabalho pra fazer e tal pra ter em troca o alimento”, então aquilo ficou muito na minha cabeça...

P – Isso é uma estratégia que é usada por muitos ou não?

I – Olha, foi o único que eu vi isso eu só não posso dizer por que foi o único que eu vi.

P – Foi uma estratégia né, ele ofereceu uma troca...

I – Ofereceu uma troca, pra você ver que ele também não era tão ignorante assim né, pra você ver que o nível de visão ou de entendimento dele era um pouquinho maior que os outros, um pouquinho maior que o meu, porque eu fui lá pra pedir, simplesmente pedir e o cara não me deu.

P – Agora, “fulano” você falou assim que o pessoal lê muito e outras pessoas já me falaram isso, “não a pessoa lê muito” que tá convivendo com jornal ali, tem muitos catadores de papel inclusive, então tem um contato muito grande com esse material. E a escrita? Você vê assim muita gente escrevendo?

I – Vejo, vejo. Se você vê músico e poeta que tem na rua é incrível, o cara faz poesia de um cisco no chão, de uma nuvem no céu...

P – Será porque que essas pessoas tanto escrevem?

I – Acho que porque não tem com quem desabafar, não tem com quem, eu tive essa sorte de encontrar a Maria Alice aqui, então eu trazia pra ela e punha tudo pra fora isso me esvaziou, mas eles não tem com quem...

P – Então a escrita é uma forma de desabafo ali, é uma forma de estar falando com alguém?

I – Eu acredito que sim.

P – E será que alguém lê?

I – Eu acho que alguém lê.

P – Eles mostram uns pros outros?

I – Mostra, fala. É... no Parque Dom Pedro, tem um parque enorme, então ficam vários moradores de rua, chega os cara falar poesia, declamar poesia, “ó essa música foi eu que fiz ó” chegou um cara que tava na rua aqui, eu falei pra ele: “‘pô’ meu você tá na rua?” “tô na rua” “vamos lá na OCAS lá você pega umas revistas pra vender” você precisa ver o cara como o, a composição o cara compunha música, jogado na rua, veio pra cá, já gravou CD, já saiu daqui, já tá aparecendo...

P – Isso eu preciso até de saber quem é. O nome...

I – Dele é... Que inclusive ele lançou CD tem o nome dele aí eu não lembro agora, mas se lançou vários CDs de vez em quando ele vem aqui na OCAS, ele era vendedor da revista, então é, eu acho que é, a maneira de passar é assim é, mostrar pra alguém e tal e você sabe que existe uma coisa muito interessante na população de rua que é, você consegue tudo com o morador de rua, tudo que você quiser, mas primeiro você tem que angariar a confiança dele, a hora que ele confiar ele se abre, ele mostra o trabalho ele mostra capacidade, mas enquanto ele não tiver uma confiança você pode conversar com ele que ele ((assobio)), distorce a conversa e conversa inteligente, mas distorce a conversa pra você não descobrir nada dele, não sabe, não se infiltrar na vida dele, agora se você consegue obter a confiança dele, não é dando dinheiro ou dando pão, num, a palavra sabe, o conforto sabe, tem uma palavra que mexe com o cara, ele começa a confiar, a partir do momento que ele confiou em você, então você, você fica sabendo de tudo ele te conta a história, te fala e isso é muito é, bem interessante porque essas pessoas que tem escritas, que tem poemas, que tem histórias escritas, rascunho que se você pegar dá pra fazer livro, você pegar cada caderno deste tamanho escrito tudo sabe aquele negócio que hoje é dia tal, tá assim, assim, assim, um diário, você consegue, mas primeiro você tem que ganhar a confiança. É, existe coisas assim, por exemplo, eu conheci um rapaz que escrevia muito, desenhava maravilhosamente bem, quando eu fiz o, a reportagem pro Globo Repórter ele tava, o rapaz tava lá tal eu falei pro repórter: “‘pô’ entrevista o cara, pinta bem, ele desenha bem, escreve bem” aí o cara: “deixa eu ver isso daí, deixa eu ver seu desenho aqui” daí o cara deu o desenho, eu falei: “não meu” na hora ela ligou: “Fausto dá uma passada aqui pra você ver” aí veio o cara da Bloch Editores, um amigo dele: “não opa, vem cá você vai trabalhar com a gente tal e desenha aqui tal, vamos pra lá” e levou o outro rapaz, hoje ele desenha pra Bloch faz, desenha quadrinho, revista em quadrinho que ele desenha. Então o que falta, falta que... justamente isso que as pessoas consigam a confiança desse morador aí você tem mil produtos que você pode desenvolver em qualquer tipo de trabalho. Teve um cara que hoje é famoso, hoje é famoso e ele teve a mesma, acho que a mesma direção de rua que nem eu, porque na rua devido a essa diversidade é muito difícil você

se vincular a um desses grupos, mesmo que você seja um desses grupos é muito difícil se vincular justamente pela falta de confiança, a partir do momento que você consegue a confiança aí, aí é fácil você tem entrada nesse grupo, não sendo é um pouco difícil e ele também tinha o mesmo defeito que eu, eu era muito sozinho eu era muito afastado das pessoas é, tinha contato, tinha amizades, mas era bem poucas quase eu sempre, e ele também, é o Seu Jorge, Seu Jorge cantor que já morou em Paris, já viajou a Europa toda... era morador de rua, tem cada música e ele fala: “ó a maioria das melhores músicas escrevi quando tava na rua”...

P – Fazia muito sucesso né...

I – E a maioria das músicas que ele escreveu tava na rua.

P – Você chegou a escrever muita coisa quando você estava na rua?

I – Ah, eu escrevi nossa, eu escrevi...

P – Você tem o hábito de leitura você já falou escrita também?

I – Escrevo muito.

P – E na rua você escrevia?

I – Escrevia.

P – E escrevia assim, alguém lia ou era só pra você mesmo?

I – Você sabe que, olha, eu não sei uma vez um padre pegou meu caderno, leu depois, não, tinha pessoas que liam sim.

P – E você tem textos publicados eu vi alguns inclusive, você tem é, texto seu publicado, só seu, não?

I – Não, tem, tem texto só meu, tem agora nessa Editora eu tenho um texto na revista de RH Melhor Gestão de Pessoas.

P – O que você gosta de escrever?

I – Ah, eu escrevo, normalmente eu escrevo aquilo que tá me envolvendo é, por exemplo, teve uma questão que nem eu fui, fui participar de uma, de um evento e nesse evento tinha um grupo de pessoas que sabe, faziam uma série de coisas, brincadeiras, relatos e tal então eu falei sobre esse grupo é, já aconteceu de falar sobre política, sobre educação eu falo muito sobre cultura.

P – É mais estilo reportagem né “fulano”?

I – Às vezes sim, não muito reportagem mais é, dissertação mesmo, alguns contos, eu tenho uns dois ou três contos...

P – Você conseguiu nesses contos é o que você conta histórias mais reais ou são ficção, esses que, você imagina?

I – Ah, eu misturo um pouco eu tenho que trazer a ficção... (interrupção) Então eu tento trazer a ficção pra uma, tentar mostrar uma realidade, eu tento mostrar assim a visão do que seria a ficção nessa realidade, por exemplo, hoje eu vejo, eu fui lá pra ver, e eu tava escrevendo eu fui lá pra ver a situação de alguns albergues né, então eu tive comparando os albergues daqui de São Paulo é, fiz uma pesquisa sobre as casas de auxílio no Canadá e as casas de auxílio em Buenos Aires então inclusive estão até me mandando algumas coisas, a menina lá do Canadá vai me mandar mais alguma coisa e eu quero ver se agora eu consigo fechar e fazer um bom trabalho, eu quero ver se eu faço um bom trabalho, trazer uma ficção pra essa, que eu quero contar como é que a pessoa de mentalidade diferente consegue trazer o real que é a vida difícil aqui pra uma, uma ficção, por exemplo, pra uma POSSÍVEL melhora, para um possível enriquecimento, para um possível é, uma estrutura né...

P – A escrita então, você falou que para algumas pessoas você acha que a escrita é usada mais como um desabafo. E pra você? Quando você escreve, pra que que você escreve?

I – Olha, tem hora que eu escrevo é só pra tirar da cabeça mesmo pra por no papel pra mim não esquecer, mas é, que nem esse trabalho que eu tô fazendo, esse eu tô focado em fazer, quero ver se eu

consigo montar esse livro, quero escrever esse livro, mas ainda tá no começo tá, que eu tô fazendo um monte de, tô colhendo um monte de informação, agora na Editora eu tenho uma chance de mandar a Editora editar pra mim sem eu pagar nada, sem eu gastar nada né, então eu tô aproveitando essa oportunidade, eu quero ver se eu faço essa compilação geral mesmo entregar tudo e até, sei lá, até o meio do ano eu quero ver se eu termino e ponho ele, vou editar...

P – E quando você estava na rua você escrevia pra que?

I – Antes era um desabafo tá, era mais um desabafo, normalmente na rua eu escrevia é, e depois eu fui fazendo análise, muito revoltado, eu era muito duro até comigo mesmo eu me criticava muito, então depois pra mim foi interessante que eu guardei as coisas que eu escrevi então eu vejo as mudanças sabe, eu escrevi aquilo há dois anos atrás, isso aqui eu escrevi um ano atrás, isso aqui eu escrevi ontem...

P – Era que tipo de texto, era conto uma coisa assim?

I – Não, era, era eu escrevia aleatoriamente...

P – Era sobre a vida que você ia escrevendo?

I – Escrevendo aleatoriamente o que ia acontecendo.

P – Um diário, mais um diário assim?

I – É mais, tipo diário só que era mais desabafo, é pondo aquela revolta pra fora...

P – Essa revolta era por conta do acontecimento do acidente, com a coisa da família e tal ou com a sua situação de rua?

I – Mais com o acontecimento, eu não preocupava, eu achava que na época eu era nada porque se foi todo mundo e eu fiquei, porque que eu fiquei?

P – Você perdeu a família toda no acidente...

I – E aí eu fiquei né, então eu escrevia mais nessa revolta que nem eu falei pra você né, eu não acreditava em mais nada, num sabe, minha visão era sempre revoltada, nossa eu tinha uma, uma visão totalmente, totalmente sabe, destruidora eu queria destruir, eu queria acabar, porque se eu não podia ter porque que os outros podia ter se “pô” porque que só comigo, não? Então eu coloquei aquilo, até eu conseguir ir passando os lados né...

P – Como que é esse negócio também de que morador de rua só escreve poema e música?

I – Ah, o Tião, Sebastião, escreveu peça, já escreveu peça de teatro, o, o eu esqueço o nome do cara, já gravou CD, o William escreveu, junto com outra pessoa, escreveu outro livro, o Ricardo tá escrevendo livro certo, então é, não é só contos e poesias é uma coisa que vem bem mais, esse Ricardo ele está escrevendo um livro, inclusive de vez em quando ele me pega...

P – Ele foi morador de rua ou é ainda? Está em situação de rua ou não, o Ricardo?

I – Não, o Ricardo, não eu acho que tá em albergue ainda, ele tá em albergue ainda, acho que ele tá lá no, lá em Santo Amaro, eu não tenho certeza, mas ele tá em albergue. De vez em quando ele me liga pede informação: “‘pô’ ‘fulano’ como é que eu faço isso tal”...

P – Que tipo de informação que ele pede?

I – Ah, “pô” “fulano” ó eu tenho um negócio aqui, eu fiz um relato assim, assim tal você acha que é legal colocar e tal...

P – Sobre o texto, sobre a construção do texto que ele pede?

I – É, é. Porque aqui ele via que a gente escrevia, ele também participava e ele viu que eu tinha uma visão assim fala: “ah, tamo escrevendo isso aqui ‘fulano’ tal que você acha?” e eu dou uma lida e tal: “olha vou levar pra você e tal quando eu tiver mais...” aí quando tem mais alguma coisa ele me liga: “ó vou passar aí”...

P – Você faz a revisão do texto...

I – Não eu só vejo e tal falo: “ó aqui você, acho que você deve mudar e tal, vamos ver aqui”, então eu, a gente tenta construir alguma coisa ali com que ele escreveu né.

P – Você gosta de escrever assim, em grupo? Porque nas oficinas tem muita coisa que é escrita em grupo.

I – É aqui na oficina era interessante porque a gente tinha o tema né, então é, é muito mais fácil né, você tem o tema, “ó nós vamos falar sobre isso”, então cada um faz uma parte né, aí a gente vai construindo o texto, não é ruim trabalhar em grupo não, mas é porque eu sempre...

P – Cada um escreve e depois junta os textos?

I – É, é. Cada um escreve sua parte, por exemplo, “nós vamos falar de computação”, então cada um fala sobre computação e aí a gente vai juntando os textos...

P – Escreve aqui mesmo?

I – Era aqui a oficina.

P – Cada um faz lá individualmente.

I – É, tinha a mesa ali a gente escrevia tal, fazia, dava o tema a gente escrevia, aí discutia sobre os temas: “isso aqui entra, isso aqui entra, isso aqui ó falta isso” até...

P – Montar um texto único.

I – Montar o texto.

P – E aí como é que é quem monta esse texto único?

I – Aí é o coordenador.

P – O próprio, o Márcio?

I – O Márcio.

P – O que é o jornalista que pega todos os textos...

I – É o Márcio, é, isso.

P – Ele pega parte dos textos?

I – É dependendo da, dependendo do tema né, às vezes tem um texto que tem um, um enfoque maior do tema ou então um, um são focos diversificados então a gente vai juntando “ó esse aqui sai, esse aqui vem, ó falta isso vamos colocar”...

P – E tem muita gente nessa oficina?

I – Ah, sempre teve bastante.

P – E você acha que o pessoal participa da oficina pra que? Por quê? Qual que é o objetivo?

I – Bom, aqui na OCAS era pra sair na revista né...

P – Pra ser publicado.

I – Publicou na revista você tem a sua matéria, você vende mais.

P – Ah, então quando, a pessoa que está participando...

I – Isso, “fulano” aí “ó, esse texto aqui é meu”, então fica mais interessante pro vendedor...

P – Então o objetivo seria maior, mais assim a venda daquele número ou você acha que aquilo também de certa forma pode ser, valoriza a pessoa. Você acha que isso, o texto escrito, a pessoa que escreve ela é valorizada por escrever? Você acha que isso tem um valor? É atribuído um valor pra aquela pessoa porque ela escreve?

I – Tanto é que você está aqui, você leu textos, meu, de outros e se interessou, então isso desperta o interesse das pessoas. E pra mim é legal porque, porque é alguém leu meu texto sabe. A venda da

revista em si, é, é o senso monetário, é o senso financeiro porque eu preciso né e eu preciso, então já que tem um texto meu eu tenho mais um subsídio pra mim falar pro cliente que, que eu escrevo na revista tá. Então essa é uma da, agora a maior, a maior importância é isso que você tá fazendo, porque se você não tivesse lido o texto, se você não tivesse se interessado pela obra, você não iria conhecer esse trabalho, você não ia me conhecer, não ia conhecer esses textos, então o interessante é que as pessoas conheçam esses textos.

P – Você leva a sua palavra pra quem tá lá longe, que você nem conhece...

I – É então.

P – De certa forma comunica.

I – Porque essa é a maneira, eu acho que a satisfação maior é justamente essa é, assim, o lado monetário é essencial, mas as pessoas saberem que você escreve que sabe que tem uma, um vínculo com aquilo que você faz, com aquilo que você trabalha, há pouco tempo eu escrevi uma, um texto na revista da Segmento que é “Melhor gestão de pessoas”, ela só lida com sistema RH, sistema financeiro é, é, lida com todas as questões de RH é, é, passando o espaço da empresa e tal e eu escrevi um texto sobre, justamente isso, sobre o espaço físico tá a gerência do espaço físico, porque eu conheci a editora, conheci a outra editora que é no mesmo prédio que é, são quase coligadas e percebi que no setor de RH é uma salinha muito pequenininha, os computador muito apertado sabe, então não, eu acredito que faltava né, tanto é que eu falei, que faltava o gerenciamento físico né, aí entrei pro lugar que eu fui eu vi que o setor de RH é o setor mais apertado é o setor é o menor setor da empresa sabe, é o setor onde trabalha um número de pessoas num lugar muito apertado, num lugar muito pequeno, então isso é gestão física, aí eu escrevi sobre gestão física e o editor falou: “não ‘fulano’ vou nessa edição mesmo” eu falei: “não meu deixa eu arrumar e tal” “não vai assim mesmo” aí a revisora foi lá: “ó que legal ‘fulano’ vamos por nessa revista” e lançaram na revista, foi justamente na revista do ano passado logo que eu, que tô quatro meses na revista, na editora eu já escrevi pra revista e esse ano em Novembro eu vou escrever outro texto só que aí vai ser na Revista Educação, aí vai ser voltada ao professor às pessoas com quem eu trabalho que eu colhi durante esse ano trabalhando com professores, com educadores, com mantenedores de escola...

P – Eu queria conhecer esses textos seus, porque eu conheço os da OCAS...

I – Tem muita coisa, tem muita coisa eu tenho, nossa, eu tenho vários textos eu preciso chegar lá em casa e dá uma revirada e procurar, mas eu tenho bastante, tem texto que eu mandei pra Cais, tem texto na Factum, um da Coluna de Portugal, um da Suécia...

P – Cais é em Portugal?

I – Portugal, a Factum é na Suécia. Tem um texto lá, tem outro texto que foi agora pra, agora não, faz tempo, foi pra Letenié, na Espanha, na França é, da Cais foi “Silêncio”, falando sobre o silêncio...

P – Você tem ele não? Aqui não né?

I – Comigo não, eu devo ter em casa. Eu tenho sobre, aquele é sobre silêncio o outro sobre futebol e o outro é... Ah o outro é sobre psicologia, foi esse que é o que saiu agora.

P – Porque na pesquisa, eu não sei se você viu, talvez é, tá no termo que você recebeu eu tô fazendo tanto entrevistas que é o que você me autoriza, autorizou que nós estamos fazendo aqui agora, mas tem uma parte que é de análise de alguns textos, não são todos, quer dizer eu vou fazer uma seleção, vou pegar, ler alguns textos e selecionar, acho que os textos publicados não está aqui não, e eu vou então analisar alguns aí se você quiser, se você puder me autorizar a ler esses textos e usar na pesquisa eu gostaria muito.

I – Então aí você vê, eu vou dar uma procurada em casa eu devo ter alguns textos, eu tenho, eu tenho um caderno lá que tem alguns textos, mas não estão terminados, esses eu comecei escrever e parava...

P – Pode ser texto publicado ou não publicado, não tem problema, aí se você, eu não sei assim como é que a gente faria pra eu pegar isso e tal, mas eu dou um jeitinho pra pegar com você...

I – Eu vou dar uma separada lá...

P – Eu acho interessante até pra divulgar porque isso vai pra essa tese né, pra essa dissertação eu vou colocar o texto e tal, aí você vê se quer ser identificado ou não a gente conversa sobre isso, mas é uma forma de divulgar essa produção né, que acho que as pessoas têm que ver, conhecer é uma forma de...

I – Mais tem muita coisa que eu começo escrever e depois não é isso que eu quero fica lá metade do texto aí passa um monte de tempo “puta’ mais eu tava escrevendo isso, vou terminar” aí eu, a idéia vem e...

P – Aí você já muda um monte de coisa que escreveu... O momento já é outro...

I – Você escreve um texto hoje daqui a três dias você vai ler e falar: “ah, mas não era isso que eu tava querendo” ou “era isso mesmo” então...

P – Você falou inclusive do que você escreveu na época que você estava na rua que hoje você olha e que você acha que é um texto carregado...

I – Carregado, um texto nossa, doído que às vezes eu começo ler e não quero ler aí eu paro de ler sabe, porque eu vejo que é muito pesado é, foi um momento em que sabe tudo aquela, aquele nervosismo, aquela raiva foi passada pro papel...

P – E hoje parece que seus textos são mais voltados a trabalho mesmo não é pelo que você está falando mais assim do que você tá vivendo agora em termos de trabalho de liderança mesmo na venda e...

I – De comunicação, contato com pessoas, esse, esse é o foco maior desse aprendizado, porque é eu fiz alguns cursos e esses cursos me deram a condição de perceber algumas coisas bem interessantes que só vendedor, só vendedor que percebe essas coisas né, você olha pra uma pessoa e fala: “ah, essa pessoa é inteligente” aí o cara é um tremendo “tapado” né, mas o vendedor ele tem uma visão mais, mais crítica dessas questões, então você percebe a pessoa, você percebe pelo porte, pelo é, pela postura, pelo falar você conhece se a pessoa tem conhecimento ou não se a pessoa tem um certo, se é letrada ou não. Então esse curso dá essa possibilidade e é isso que eu tô fazendo através desses trabalhos eu tô pegando textos né, eu foco alguma coisa, um vou direcionar, aí escrevo alguma coisa tal, depois eu vou lapidando, tem muita coisa que saiu fora que eu acho que não tá legal né, até uma vez é, pra você ver como que é as coisas né, eu leio muito, então nossa, eu tava lendo três livros de uma vez eu tava ficando pirado né...

P – Que tipo de livro que você lê?

I – Eu tava lendo “O caçador de pipas”, tava lendo “Quando Nietzsche chorou” e a história de “Olga” nossa cada uma mais triste que o outro e então eu falei: “não perai, deixa eu ler um depois eu vou ler outro, depois vou ler o outro” que se eu, aí bom, hoje eu vou ler um pedaço “ah, esse aqui enjoou” aí eu confundi com, “não perai” aí parei.

P – Três é demais...

I – É aí parei. Então eu tava, tava escrevendo aí eu comecei a pensar, eu li um livro há tempos atrás e aquilo me fez sabe, Chico Buarque quando escreveu Budapeste ele ficou dois anos escrevendo depois jogou tudo fora, passou seis meses ele foi lá e catou tudo e começou escrever de novo, já pegou aquele, aí eu falei: “puta’ se o cara, se o cara que é o Chico Buarque o cara é um tremendo talento ele escreveu jogou fora e depois foi buscar, ah perai vou pegar meus textos antigos também”. Aí comecei pegar uma coisa e tal e tá servindo pra esse trabalho que eu tô fazendo do livro.

P – É?

I – É tá servindo, porque foi relatos que eu peguei há muito tempo atrás e hoje tá, veio à tona né, tá trazendo o que eu preciso. Então foi a mesma coisa, ele escreveu e jogou fora, depois passou um tempo ele foi lá começou catar aqueles papel e começou a escrever o Budapeste, que Budapeste foi escrito assim, ele escreveu um ano parou aí ficou dois anos sem escrever depois voltou e ele continuou escrevendo. E é um livro que nossa, eu viajei naquele livro de uma forma muito forte, porque, porque me deu uma direção, uma direção legal, porque eu percebi no livro que os textos que ele tinha escrito e que não queria colocar e depois esses textos reformulados. Então dá pra você perceber no livro porque

ele não fala: “não, eu parei de falar sobre isso, não quero mais falar sobre isso” lá na frente ele fala: “bom, retornando aquilo que eu não queria falar hoje eu tô falando” tal, agora assunto... Então é uma coisa assim, e escrever é isso, hoje eu não tô no “barato” de escrever, posso sentar lá e ficar o dia inteiro lá que não vai sair nada, mas às vezes acordo três, quatro horas da manhã vem uma idéia pra escrever aí eu escrevo. Eu tava fazendo um, é prospecto né, eu tava fazendo um prospecto e era o prospecto que eu tinha que apresentar na revista de publicidade, então eu queria, eu queria enfeitar a revista de tudo quanto é jeito, por um monte de coisa, mas não vinha na minha cabeça, eu li uma, li duas, li três revistas, “não mais tem uma coisa que falta aqui... ah, depois eu escrevo” não tava. Aí um dia eu não conseguia dormir “‘puta’ não consigo dormir” já era duas horas da manhã “‘pô’ amanhã tenho que acordar cedo não consigo dormir” fui lá tomei um suco e tal aí começou a aflorar umas ideias eu falei: “ah, ‘pô’ já que eu tô aqui né” comecei a escrever, parei de escrever era seis horas da manhã, só levantei, só parei fui tomar banho larguei tudo daquele jeito, fui pro trabalho, de noite quando eu voltei que eu fui ver o que eu tinha escrito na madrugada, aí nossa, eu falei: “não agora tenho cortar que eu escrevi muito aqui, que eu escrevi muita coisa além, que aí eu enfeitei demais, aí eu tive que começar, porque veio naquela hora e na hora que vem não tem como, eu vou escrevendo, escrevendo, depois eu vou ver o que eu escrevi.

P – Aí você dá uma limpada.

I – Aí a gente limpa e tal, vê o que se aproveita. Então textos assim, textos sujo nossa, têm de monte eu, vou escrevendo, eu tenho um caderno dessa grossura que eu escrevi, escrevi eu acho que eu não tenho nem nada naquele caderno, mas tá tudo lá eu já usei vários pedaços em textos aí...

P – É você precisa guardar, porque às vezes em algum momento você vai usar.

I – É o que eu faço, fica lá...

P – Você falou do Chico, você tem um escritor de sua preferência?

I – Chico Buarque.

P – É o Chico e tem mais algum outro não?

I – Não, eu gosto, nossa eu gosto muito é, eu tô lendo agora uma sele..., uma linha de livros assim falando de grandes filósofos né, e todos eles do Irvin D. Yalom, é um escritor alemão, escreve muito, então eu já li “Quando Nietzsche chorou”, “A revolta de Freud”, agora tem, é... agora tem a... “A hegemonia de Foucault” e tem... e tem... “Deleuze” e “Cidadania e miséria”, acho que é quatro, quatro ou cinco, então eu tô lendo uma coleção assim só de, aí quando que eu li esse “Quando Nietzsche chorou”, nossa enquanto eu não cheguei no fim desse livro eu não parei e muita coisa sabe, muita coisa eu consegui pegar porque é uma história de uma cura por palavra, a cura sobre palavra, a cura da palavra ele curou uma doente, débil mental que achavam que era débil mental, ele curou através da palavra e assim ele curou Nietzsche, é Breuer médico, Freud psicanalista curaram Nietzsche que só depois, que ele era louco o negócio dele era se matar, só depois dele curado, ele escreveu né Humano, humanamente impossível, da Gaia e tal e foi escrevendo, mas só depois quatro anos passando por tratamento é, tratamento clínico com Joseph Breuer e tratamento psicológico com o Freud e a partir daí é que ele viu que aconteceu a cura de outras pessoas ele conseguiu curar Nietzsche e a partir daí começou escrever esse monte e eu tô lendo essa sequência.

P – Eu quero saber só mais uma coisinha que eu sei que você tá com horário. Esses autores, quando você vai escrever, você acha que você usa, eles te influenciam na sua escrita, você acha que você usa alguma ideia, alguma passagem?

I – Uso, uso.

P – Você costuma citar isso ou isso vem assim, uma coisa mais natural?

I – É muito difícil eu não, agora no momento assim não me passa, mas eu não cito muito, mas a ideia, sempre alguma ideia sempre surge, por exemplo, é do, do Abel Rossenin eu li “A estrada do Saara” e é um livro, “Caminhos do Saara” é um livro fascinante e me influenciou em algumas coisas porque tem um, um, vamos dizer assim, quase que uma comparação entre quem passou uma situação difícil na rua, quem tá passando uma situação difícil pra atravessar um deserto, então isso me relacionou um

pouco, agora eu tenho muita influência principalmente é, esses filósofos Nietzsche, Foucault, Ana, Boutier, Deleuze, Benjamin, Jung, essas me influenciam muito, principalmente Nietzsche e Foucault, Foucault é, ele tem uma visão da vida que não é a minha visão, às vezes eu me contraponho às ideias dele, mas é ele tem uma visão quase que é, estilizada do que eu vejo hoje e isso ele falava há cem anos atrás né, então o que ele falava naquela época eu vejo hoje de uma forma diferente, mas tem uma correlação entre o texto dele e a influência que, no meus textos no que eu escrevo percebo assim, Nietzsche e Foucault esses me influenciam muito, brasileiro tem o Chico, tem o Guimarães que eu sou apaixonado por Guimarães Rosa e não consigo ler um texto dele sem não dar risada, eu sou, eu não consigo ler um texto de Guimarães Rosa sem não dar risada e por aí vai...

P – Você me ajudou demais “fulano”...

Informante 3 – Código de identificação 03DGS, entrevista feita em 18/09/08. São Paulo.

Pesquisadora – Senhor “fulano” o senhor pode relatar para nós como que é o seu dia a dia da hora que o senhor levanta até a hora que o senhor se deita?

Informante – Na hora que eu levanto?

P – Qual é a sua rotina, o seu dia a dia?

I – O meu dia a dia, sô, eu tenho mais de 60 anos, eu sou viúvo, minha mulher morreu em 99, e eu conheci a velhice da OCAS através da pastoral carcerária, porque eu tava preso, eu puxei 12 anos de reclusão, não duma vez, intercalado, sendo que o maior tempo que eu fiquei preso foi 2 anos e 3 meses, aí eu conheci um padre alemão chamado Gunter, e ele me ajudou a sair da penitenciária de Valparaíso, aí eu fui até ele e daí ele me encaminhou na OCAS e eu já tô praticamente há 4 anos aqui, certo. E aqui eu aprendi a ganhar um dinheiro honesto entendeu, essa é a conclusão que eu chego. Eu tenho tudo, eu tenho geladeira, televisão 29 polegadas, tudo com o dinheiro ganho na OCAS. Eu acredito que eu seja um dos vendedores que ganha mais de R\$1000,00 por mês com a venda da revista.

P – O pessoal aqui tem o maior respeito com o senhor mesmo. O senhor mora onde?

I – Eu moro na Guilhermina Esperança, num quarto e cozinha, certo eu pago R\$150,00 de aluguel, R\$50,0 de luz, duzentos reais.

P – O senhor já morou na rua ou em albergue?

I – Nunca morei na rua. Eu morei, eu morei num, eu saí da penitenciária fui pra um Hotel, a minha família tem um bom poder aquisitivo e eles bancaram pra mim, aí eu arrumei uma moradia provisória através do Assistente Social que tinha que, ele me encaminhou pra uma moradia provisória no Glicério, aí eu morei lá 6 meses e de lá eu aluguei um quarto que eu tô lá desde que eu saí.

P – Lá no Glicério foi no albergue São Francisco?

I – Não é, é uma, não é albergue né, é moradia provisória, entendeu, a pessoa paga um aluguel de R\$50,00 por mês e tem um contrato de 6 meses, ele tem a chave, ele entra e sai a hora que quer, entendeu.

P – É uma moradia social?

I – É uma moradia social, certo. É na rua dos estudantes lá no Glicério e de lá, tô por aí.

P – Quem que financia essa moradia temporária?

I – Quem financia a moradia, é da prefeitura, certo, a prefeitura é que banca, então o seguinte, ela, são 6 casas, cada casa deve ter mais ou menos uns... uns 5 quartos, casas antigas, e numa dessas casas é que tem um centro comunitário, onde tem, até tem uma, uma moça que vem nas segundas-feiras aqui ela também, a Débora, ela presta assistência lá também, tem, tem, tem festa de fim de ano, tem cinema, enfim é legal lá, entendeu, certo. Lá cada casa deve morar mais ou menos em torno de, de 20

a 25 pessoas, certo, tem armário, tem, tem, tem cama, tem fogão, tem, enfim, tem tudo, prato, ih, tudo, tudo, certo, fogão a prefeitura dá o gás, entendeu e simplesmente.

P – Nessa vida do senhor, assim, nessa vida temporária que o senhor passou é claro que o senhor viu que sabia que era temporária, que o senhor ia ter uma perspectiva de futuro, quem que o senhor viu passar nessa vida do senhor de modo temporário, quem que o senhor encontrou nesse caminho do senhor, por exemplo, nessa moradia social?

I – Olha quem eu encontrei? Eu encontrei o seguinte, é, é muito difícil a pessoa que mora na rua, entendeu sair da rua. Primeiro que o seguinte, então ele tem praticamente tem um assistencialismo porque ele mora em albergue e não paga, ele, ele, ele come no Bom Prato por R\$1,00, então certo, quer dizer, e normalmente ele anda sujo, não toma banho e pá e tal, então é, e geralmente é raras as pessoas que tem estudo entendeu, que, que se dê bem na rua entendeu, agora quando, quando ele tem estudo e tá na rua, é alguma coisa problemática, psicológica que, que, que levou ele pra rua, mas quando ele não tem estudo, já é problema altamente social porque não tem, não tem capacitação pra emprego nenhum e tal, então ele fica naquela, certo.

P – Assim, nessa nossa pesquisa, a gente encontrou bastante gente com estudo, que, por exemplo, perdeu a família num acidente e se revoltou, é a gente encontrou pessoas que se afundaram no alcoolismo tinha um bom emprego e estão saindo agora pelos Alcoólicos Anônimos e tentando se reerguer, nós tivemos pessoas que tiveram uma doença grave e perderam temporariamente a sanidade mental e voltaram, recuperaram a sanidade, mas quando acordaram dessa, desse mal se recuperaram viram tudo destruído, mas né, então a gente encontrou pessoas assim, com estudo né.

I – O meu caso é, é, é meio polêmico entendeu, é o...

P – Mas a gente vê que o senhor tem uma instrução.

I – É eu estudei, eu estudei num dos melhores colégios de São Paulo, estudei no Caetano de Campos, é que hoje é a Secretaria de Turismo na Praça da República, o meu pai era engenheiro e quando ele morreu eu tinha 18 anos de idade, aí eu fiquei sabendo da verdade que eu era filho adotivo, aí a minha cabeça foi a pique, certo. A velha, a minha mãe né, a Dora¹²⁶, ela se revoltou porque o Prata né, na ocasião papai né, ele tinha mais duas mulher e cada ela tinha, tinha um filho, então como ele, ele deixou um patrimônio, todo mundo foi em cima da herança certo, ela contratou um advogado que, que era parente dela tirou todo mundo fora também, pegou aquela certidão de nascimento antiga que tinha guardado há mais de 18 anos e entrou na vara de registros rubricos, aí meu nome foi anulado, meu nome, eu fui criado com o nome de DRFP e de lá pra frente meu nome mudou para “Fulano GS”, aí minha cabeça foi a pique. Aí eu comecei a aprontar contra a família e aprontando contra a família eu fiz um “bocado” de bagunça, certo e fui preso, eu fiz miséria, entendeu, e de repente me deu um estalo na cabeça e eu mudei totalmente de vida, entendeu, eu tenho, tenho um primo que é dentista aqui no Largo da Concórdia, tenho outro que tem um escritório de contabilidade na Rui Barbosa certo, meus amigos são tudo médico, engenheiro e tal. E eu tô nessa daí, tô aí, enfim, em resumo eu, a minha perspectiva de vida, eu tô com 62 anos eu não sei se por mais 10 anos eu vou ter, vou estar nesse pique aí, não tenho mais vaidade, sabe não tenho, como o que quero, durmo a hora que quero, faço o que quero trabalho praticamente quatro vezes por semana, certo e às vezes trabalho em dia de sábado, certo, levando a vida, conheço o Brasil todo, todas as capitais e procuro uma outra vida tá.

P – Então, como o senhor relatou, acontecem acidentes na vida das pessoas né, que levam né...

I – Por ironia dessa situação toda, a velha, a velha Dora, durante praticamente... Meu velho morreu em 66, até, até os anos 80, 82, 83 ela virava as costas pra mim, entendeu? Certo? E de repente ela, ela atinou que a idade também chegou nela legal, entendeu e ela fez de tudo pra, pra, pra me encaminhar novamente pro caminho certo? Entendeu? Ela fez de tudo sabe tudo, tudo, tudo. Ela comprou carro pra mim, fez, fez, fez o diabo entendeu? Certo? E ela morreu em 88. 88 pra 2008 já tem 20 anos que ela morreu certo? Que ela morreu. E eu, eu acabei de liquidar as minhas coisas em 2003, porque sempre eu tinha, eu tinha, tinha deixado um rastrozinho entendeu? e que eu saia demorava uns oito, nove ou dez um ano a captura me pegava de novo, então eu liquidei tudo, fiquei quites, fui indultado, fui

¹²⁶ Nome fictício.

condultado, mas demorou praticamente um, pra liquidar 12 anos de, de, de pena, demorou quase 30 anos, certo, de, de, de ficar entrando e saindo certo? Não é que eu puxei, eu puxei 12 anos no total, mas demorou quase 30 anos pra mim, pra eu pagar com esses 12 anos.

P – Nessa história toda sua, como é que ficou a leitura? Como é que, nessa história de vida toda sua, sofrida, com esses, com essas dores na alma, como é que, como é que a leitura esteve presente?

I – Ah, eu entrei, eu entrei, eu entrei na cadeia em 67, em 67 não tinha televisão, entrei no Carandiru, que não existe mais hoje, de vez em quando o diretor autorizava uma transmissão pelo, pelos auto-falantes uma partida de futebol e jornal também não existia, não tinha jornal e tocavam discos até nove horas até na hora do silêncio, sabe, depois veio a evolução liberaram a televisão em 84, liberaram a televisão, mas antes tinham liberado o radinho portátil, hoje a televisão tem vídeo cassete, tem computador, tem tudo lá dentro, então certo, e antigamente o, o, o preso trabalhava, lá no Carandiru ele trabalhava no serviço administrativo, eu trabalhava na seção de finanças, eu fazia compra pro presídio, desde material elétrico até gênero alimentício e com isso também recebia visita, certo, é eu qualificava a visita na entrada na hora que ela entrava pro, pro presídio, certo e enfim, eu dentro do, do Carandiru, eu, eu tinha até anotação no prontuário de, de preso de comportamento exemplar, certo, é isso.

P – E depois que o senhor saiu, teve a possibilidade de sair com a ajuda desse padre que o senhor falou aqui fora o senhor teve oportunidade, teve interesse de continuar lendo e escrevendo?

I – Eu, eu tinha o jornal né, é quando eu, quando eu tava no semiaberto de, de, de Valparaíso eu escrevi um jornal pra, pro pessoal que estava no semiaberto entendeu e eu sempre escrevi, certo.

P – O senhor buscava onde, o senhor buscava onde esse material pra escrever o jornal?

I – Ah, dentro da biblioteca da, da, da do (sistema) certo, tinha, tem biblioteca lá certo.

P – O que que o senhor escrevia preferencialmente nesse jornal?

I – Ah, a gente escrevia sobre o, o, a situação carcerária entendeu, escrevia sobre os benefícios das leis que estavam, que estavam em benefício dos presos, certo e eu, eu ajudei a implantar a remissão de pena, sabe o que é remissão de pena? Cada 3 dias trabalhado ganha 1, quando apareceu aquela lei que o juiz corregedor tinha assinado, aí ele foi lá na, era o maior presídio do Carandiru, ele falou que tinha uma lei que a cada 3 dias trabalhado ia ganhar 1, pra convencer isso pra aquele pessoal não foi fácil não viu, hoje todo mundo ganha remissão de pena e assim por diante, e eu também era, fui recursista né, eu montei um monte de processo que eu tinha e eu não tinha dinheiro pra pagar advogado, eu comecei a estudar o Código Penal, então eu fazia recurso pra preso, certo.

P – Então o senhor lia e escrevia focado nessa sobrevivência lá dentro?

I – Na sobrevivência lá dentro.

P – E fora? Vamos imaginar agora, o senhor saiu e o senhor está lá na sua moradia temporária, lá na moradia social, fora o senhor já não tinha mais necessidade de fazer isso, o que que o senhor buscou aqui fora, já sem essa preocupação do presídio o que que o senhor buscou culturalmente ou um lazer na sua vida profissional, o que que foi te interessando?

I – Ó, o problema meu é o seguinte, eu, eu viajei muito entendeu, eu conheço o Brasil todo, todas as capitais, eu conheço oito países entendeu, o crime que me levou pra cadeia é que eu levava carro pro Paraguai, então eu ganhei muito dinheiro, certo, eu, eu puxava carro da Bahia pra levar pro Paraguai, certo, eu morei em Salvador, eu morei em Porto Alegre, eu morei em Manaus, morei em Minas, morei em Divinópolis certo, morei em Ipatinga, morei em Acesita, morei... Eu, eu não tinha paradeiro, ficava 4, 5 meses num lugar e de repente eu fiquei velho e num tinha mais pique pra, pra viajar, entendeu, aí eu assentei a poeira, eu não joguei a chuteira, eu não pendurei a chuteira eu joguei ela fora entendeu, então fiquei, cheguei nos 60 parei, parei com tudo não quero saber de nada, veja o que aconteceu, deu um estalo, não quero, não me, eu não saio à noite, não saio, seis sete horas da noite já tô em casa certo, o meu lazer de, é DVD certo, domingo eu já tenho uma programação, faço a minha feira entendeu, é assim eu já tenho uma rotina já, já ponderada na idade que eu tenho.

P – O que o senhor gosta de ler hoje?

I – Ah, eu, ler hoje? O meu companheiro na minha frente é a televisão, certo, eu vejo muito filme, certo, sempre eu tenho um filme pra ver, sempre eu, sou catador de, de filme, tenho vídeo cassete, DVD, gosto de ver muito filme, tenho um cachorro.

P – E escrita, o senhor gosta de escrever o que e sobre o que?

I – Ah, eu quando, quando tinha reunião aqui na OCAS pra escolher a matéria, fazia parte e se não gostava da matéria não vinha e assim por diante, certo.

P – O senhor gosta de escrever o que, poema, é conto, o que?

I – Eu gosto de escrever sobre a vida, experiência de vida.

P – Conto mesmo?

I – É, isso.

P – História real, conto...

I – Eu gosto de ler e escrever sobre fatos verídicos, fatos reais.

P – Porque essa é a opção?

I – Essa opção porque o seguinte, porque eu acho que cada um tem uma experiência de vida e tem que se levar em conta isso daí.

P – E porque a história inventada o conto inventado tem menos interesse pro senhor, que também é uma história?

I – Pra mim já não tem interesse porque, é inventado, num, ninguém viveu aquilo.

P – Por exemplo, ontem nós fomos num concurso de histórias de moradores em situação de rua, na maioria, tem alguns que optaram um tanto que não optaram foram empurrados pra rua como esses exemplos que eu dei pro senhor e tem histórias duras, como alguns exemplos que eu contei pro senhor que não são o senhor “José”¹²⁷, são muitos outros “Josés” por aí e...

I – O “Jose” que a senhora tá falando, inclusive ele é da Bienal do livro, ele até trabalha numa editora...

P – Então, são muitos outros “Josés” que nós conhecemos ontem... E ontem nós vimos tantos outros “Josés” também com histórias difíceis de perda que foram empurrados na rua, eles não optaram por estar na rua, e eles me falaram da necessidade de falar, de escrever, escrever para eles é uma necessidade, pro senhor escrever é o que? Porque essa necessidade de falar da sua história de vida, falar de histórias reais, porque que o senhor tem essa necessidade, porque que o senhor se envolve, quando o senhor falou assim: “não, eu gosto quando têm determinadas matérias, pautas, eu gosto, eu me interesse, eu gosto de ler”, porque essa necessidade?

I – Porque o seguinte, se você, se eu for contar a minha vida pra uma outra pessoa que não esteja ligada à OCAS certo, ela vai ficar até, até ter um sobressalto, então pelo seguinte, aqui, aqui é um lugar onde que tem várias pessoas que são excluídos socialmente, então aqui é um lugar onde que eu posso me abrir, aqui todo mundo sabe que eu já tive preso e tal, mas lá fora eu não posso falar isso, porque já, já me olham com outros olhos.

P – Porque que o senhor tem vontade de falar isso pra essas pessoas que estão aqui?

I – Porque é uma experiência de vida, certo e aqui tem várias pessoas, tem até uma mulher que trabalhava aqui, a Ruth que ela tá presa certo, já teve um outro que, que também escrevia junto comigo aqui que foi preso também certo, e não tá trabalhando aqui, mas é que ele é envolvido com o Movimento dos Sem Terra.

P – Mas quando o senhor publica na OCAS, todo mundo está lendo não é só quem está em situação de rua.

¹²⁷ Nome fictício.

I – Perfeitamente, mas aí quando a pessoa, ela tem, ela tem um interesse mais na revista, então eu mostro a matéria que eu escrevi, e tenho até uma revista dizendo até como eu conheci a Rita Cadillac, eu conheci a Rita Cadillac foi no Carandiru, entendeu, se a pessoa pergunta, se ela tá, se ela quer saber mais a meu respeito aí eu “troco jogo” com ela, senão eu fico na minha, certo, eu num, eu só ofereço a revista, mas se ela quer, quiser entrar na minha intimidade, não tem, não tem problema em dizer isso.

P – Então pro senhor a escrita não é um desabafo?

I – Não, não é um desabafo, certo, eu já, eu já, eu consegui colocar a minha situação social com relativo à minha família, com o que for eu consegui dar um basta nisso, que eu, eu, eu padeci demais mesmo certo, já pensou, de repente você mudar totalmente o nome, filiação, tudo, tudo virar de ponta cabeça, então eu consegui conciliar esse ponto aí.

P – O senhor já superou essa fase da escrita como desabafo, hoje a escrita para o senhor é o que?

I – A escrita pra mim hoje é, é, é a mesma coisa como se estivesse escrevendo uma listinha como se fosse pra mim comprar no supermercado.

P – Mas o senhor está saindo na revista será que hoje ela não é prestígio?

I – Eu não penso mais nisso.

P – Não?

I – Eu tenho mais de 60 anos, vou pensar no que? Eu não sei, eu não sei como é que eu vou estar daqui a 10 anos, certo, a realidade é o seguinte, a velhice é decadente entendeu, eu vejo a pessoa com mais de 70 anos, ele se torna imundo, já não corta a unha, não corta cabelo, ele já se desleixa, então eu tô caminhando pra, pra essa, pra essa realidade, certo, entendeu, eu tô caminhando pra essa realidade eu vou pensar no que, eu vou pensar em time de futebol, ih, não, ih, não, vou ver meu filminho, vou comer o que eu gosto e tá bom, certo, tá super, eu tô esperando a morte chegar tranquilo certo, não quero mais criar problema, não quero ter problema com nada e tô levando a vida.

P – O senhor então não tem mais família né?

I – É, eu não tenho mais família, eu tenho primos certo, é, mas é primo que tem a minha idade também, o Lino que é o dentista aquilo é 4 anos mais novo que eu e o outro 4 anos mais velho, quer dizer, eu tenho 60 o Edmir ainda tem 67 anos ele não é meu primo é meu amigo entendeu, eu vou lá tomo café com ele, se eu tô sem dinheiro me empresta cem conto pra mim, tá não tem problema nenhum certo, o outro é dentista já pôs minha dentadura em cima e embaixo certo, quer dizer ele lá e eu cá, os dois são desquitados já moram com outras mulheres e pá e tal, cada um tem a sua vida entendeu, mas o Lino empurrava ele num jipinho e o Edmir a gente soltava pipa na praia, na Praia Grande quando a gente era moleque e os outros morreu tudo certo, a tia morreu, tio morreu, tudo morreu que se tivesse vivo teria mais de 100 anos de idade, certo entendeu, então eu tô, eu tô naquela fase de, de fim de vida entendeu, 60 o que eu vou esperar com mais de 60 anos, vou fazer projeto pra que?

P – Se o senhor olhar pra trás, se o senhor olhar agora, o senhor conseguiu um estágio bem melhor né?

I – É, eu vou querer mais o que? Como é que eu vou tá, com 62 anos, mais 20 anos, “pô” 82, como é que eu vou estar com 82 anos, será que eu vou estar andando, vou tá dando um jeito?

P – Isso aí nem eu sei, nem eu sei com 82...

I – Agora quando tinha 20 anos, 30 anos já é outra coisa, pai, filho pequeno, não, não tem nada a ver. Eu tenho dois filhos, eu tenho uma menina e tenho um garoto, o garoto tem 34 anos e a menina tem 29.

P – O senhor tem contato com eles?

I – Eu tenho contato com a menina certo, ela mora em Porto Seguro e o rapaz ele mora em Artur Nogueira, em São Paulo, esse eu não tenho contato.

P – Mas é isso então, é só eu agradeço a sua contribuição, muito obrigada viu senhor “fulano”.

Informante 4 – Código de identificação 04EAS, entrevista feita em 18/09/08. São Paulo.
Tempo: 00:35:08

Pesquisadora – O “fulano” pede para que a entrevista seja feita na cozinha da Ocas.

Pesquisadora – Eu vou te pedir pra você contar um pouco sobre a sua história de vida, à medida que eu for tendo alguma dúvida eu vou te perguntando, tá? Então me conta um pouquinho da sua história.

Informante – A minha história ela, assim eu posso dizer que são não minha história né, é uma história com diversas histórias e diversos acontecimentos né, que marcam um após o outro, uma história se completa com a outra, um fato se concretiza com outro né, mais eu acho que nem sempre todas as histórias têm que ser boas, assim nem todas as histórias são boas né, eu acho que também nem assim como também elas foram é... ruins a ponto né, que sempre teve um, alguma coisa que fosse um ponto de fuga um ponto de... saída pra, pra divergências da vida né, coisas que a gente tá naquela situação não tem como nem ir nem voltar e você tem que esperar o resultado às vezes até sem poder ter uma reação que é superdifícil assim, supercomplicado você se adequar a essa possibilidade de não ter o que fazer, você tá ali sabe, então as histórias são mais baseadas nessa conclusão assim. Não sei, mas... é... às vezes a gente quer uma coisa né e sai pra buscar né e foi a mesma coisa eu assim, eu queria ter uma possibilidade de... de reação com a minha vida, reação...

P – Você nasceu onde?

I – Eu? Nasci em São Paulo né eu sou, nasci em Santo André é uma região paulistana aqui, é uma região paulistana aqui de São Paulo né, no ABC paulista é uma área assim é industrializada né.

P – Tá e como é que é a sua família?

I – Minha família, minha família ela é migrada né, uma vem do Paraná outra vem, uma vem do Paraná, de Minas, não, uma vem de Minas e outra veio da Bahia né, meus avós são... da parte do meu avô são italianos e da parte da minha avó são espanhóis né e... um espanhol casou com uma índia, a índia casou teve três filhos e os filhos foram espanhóis e os filhos foram netos, depois veio né toda a miscigenação da família com relação a nossa formação né, então a família da minha mãe é baseada nessa origem, do meu pai, do meu avô é baseado na questão da Itália mesmo né, agora do meu pai é nesse sentido são espanhóis também né, dois espanhóis com búlgaros.

P – E você nasceu aqui em Santo André e viveu com eles?

I – Vivi com eles até os meus, ah até os meus 26 anos, até meus 26 anos né e... essas histórias é meio assim porque aos 16 eu perdi minha mãe, aos 16 eu perdi minha mãe, com 26 anos eu já tava assim é com outra cabeça, outra cabeça, essa cabeça que eu tinha queria enxergar a uma coisa só, essa cabeça que eu tinha queria enxergar uma coisa fala: “pô” é eu acho que tenho que sair né, sair vê o mundo saber o que tá acontecendo conhecer essas funções da vida” e... eu procurei artifícios pra tentar realizar essa possibilidade porque na época que eu tinha 26 anos falar a verdade eu fiz em oitenta e... noventa e oito o SENAI, assim quando eu terminei o SENAI eu tinha 24 anos.

P – Então você estudou até...

I – Eu fiz SENAI né, eu fiz SENAI.

P – SENAI é curso técnico, não é?

I – Isso, eu fiz SENAI dois anos né e eu fiz um curso de projetista mecânico eu fiz curso integral, dois anos.

P – E o curso técnico que você fez foi nessa área de mecânica?

I – Isso. Né eu fiz um curso técnico não tive muito saída por causa que eu... assim... não consegui ter apoio das pessoas pra, pra pagar um curso de AutoCAD que é o curso obrigatório nessa área né, tive o azar de perder dois estágios assim, um seguido do outro. Eu viajei pro Rio de Janeiro, viajei pro Rio de Janeiro, fiquei 25 dias lá tentando assim, assim eu fiquei em choque né falei: “puta” eu perdi tudo na minha vida, não consegui o dinheiro do curso, não consegui os estágio, perdi tudo na minha vida, não tenho mais nada” aí eu resolvi a vida, tentar resolver a vida em outro estado que foi pro Rio de Janeiro, aonde a família da tia que é irmã do meu pai tem um marido que é carioca e ele conhece o Rio de

Janeiro inteiro e ele já morou em vários lugares e eles falou dessas coisas pra mim e eu optei pelo Rio de Janeiro fiquei lá no Rio de Janeiro 25 dias eu não me adaptei com o clima, choveu demais, durante muito tempo, eu não tô acostumado eu tava sem, sem lugar pra ficar acabei voltando e levei assim como uma aventura assim.

P – E aí quando você foi pra lá você ficou na casa dos seus parentes?

I – Não eu fiquei na casa de uns amigos que eu fiz lá um dia.

P – Ah, tá e aí você voltou, voltou pra sua casa?

I – Voltei pra minha casa, voltei pra minha casa e...

P – Você era adolescente nessa época?

I – Não adolescente né tinha uma idade, cerca de uns vinte e poucos, 25 anos, 24 pra 25 anos.

P – Rapaz ainda.

I – E eu não tinha experiência no mundo, tinha experiência na vida, minha vida era família, trabalho, clube, salão, acampamento com o pessoal conhecido nunca tive uma experiência de viver a vida sozinho né...

P – E o que que te fez...

I – Ah, foi fatos decorrentes entendeu, as coisas foram acontecendo assim de forma abismável porque eu voltei pra casa da minha tia, fiquei um mês, fiquei um mês na casa da minha tia depois disso eu conheci uns amigos, não, daí eu tinha conhecido uns amigos, não, sim, aí eu peguei fiquei na casa da minha tia eu tinha conhecido uns amigos né e num curso que eu tinha feito de música e eu acabei ficando na casa desse cara uma casa divina dele que era em Santo André, no o que, que é em Paranapiacaba e acabei ficando um tempo na casa desse brother depois eu sai da casa dele e fiquei um tempo em outro casarão né, acabei acampando no mato fiquei mais um tempo e enfim assim, depois dessa vez que eu voltei do Rio de Janeiro eu fui pra esse lugar né, então...

P – E porque você não foi pra sua casa?

I – Não, assim ó eu fui pra casa dos meus parentes só que eu não queria... assim ficar... no despojo, porque eu não tinha trabalho, eu tinha perdido os cursos né as pessoas tinham seus sustentos individuais feito na casa da minha tia, minha tia ela se vira por ela, ela é uma viúva, só tira por uma né, minha mãe faleceu em 94 né... é uma fase que eu não gosto de contar muito ((riso sem graça)) é muito triste por perder a mamãe, mãe é “foda” né, mãe é “foda”, enfim e eu fiquei esse tempo todo nessa, nessa percução né de Paranapiacaba durante uns cinco, seis meses, voltei né acabou se dando assim de eu ser descoberto que eu não tava na casa do meu pai, não tava na casa da minha tia, descobriram que eu tava morando noutro lugar sozinho e eu tinha saído da casa desse amigo meu, eu tinha saído, tinha saído da casa do meu amigo, tinha saído do outro casarão que eram outros amigos e fui parar na mata e tinha desistido então eu tinha voltado pra minha família, eu tinha feito uma visita assim, porque eu tava bem vestido, tava na casa, tava tranquilo e minha família não suspeitou nada assim “puta” tudo tranquilo e eu freqüentava um clube e esse clube percebeu que tinha alguma coisa errada porque.. mas isso depois de uma decorrência de assim, de uma semana, duas semanas né, falou: “‘pô’ ‘fulano’” já faz umas duas semanas que você não troca de roupa né ‘mano’?” eu olhei assim e falei: “‘pô’ não é que eu não troco de roupa não é que as coisas sabe como é que é o dinheiro né, eu desempregado eu não posso tá comprando roupa lá no “Didia” pra vestir de manhã” “ah, beleza” aí pegou e ligou pra minha família, aí minha família falou: “não ele tá na casa do pai dele” ele tá assim: “não, deixa eu ligar pro pai dele, então qual é o telefone” aí ligou pro pai dele: “não, ele tá na casa da tia dele” aí descobriram que eu não tava em lugar nenhum quiseram me internar...

P – Você que quis sair? Você não queria voltar mais pra sua casa?

I – Eu não tava mais a fim de viver com meus parentes, não tava a fim de viver com meus pais, não tava a fim de viver com ninguém e eu sabia duas coisas se eu tinha chegado até ali sem conquistar muita coisa na vida, se eu continuasse ali eu ia continuar no mesmo processo e sabia que se eu continuasse ali eu ia continuar dessa forma e peguei e falei: “ah, não”.

P – Foi uma decepção com você mesmo então?

I – Não, não foi uma...

P – Tipo assim, “ah, também não tô trabalhando e então eu não tô dando um retorno pra minha família então eu vou me virar sozinho”, foi isso?

I – Ah, foi isso, foi baseado nesse sentido, mas houve um incentivo né, porque do lado existia a minha vida pessoal a minha responsabilidade da minha vida pessoal, minha vida pessoal, FAMÍLIA, TRABALHO, ESTUDO, NAMORADA e do outro lado existia os AMIGOS...

P – Que isso é mais forte né?

I – Existia os amigos “ah, não dá hora, vamos lá e não sei o que” sei que rolou alguma coisa e eu acabei vendo o mundo de outra forma entendeu, eu conheci muita gente interesSANTE, conheci pessoas que viviam numa outra etnia, tipo independente, alternativa e eu acabei me identificando que se tem os adapto dos bens materiais, na vida familiar... essas possibilidades não era tão ruim assim, eu acabei me apegando nessas condições... aí eu comecei aprender a (viver) “pô” se não tem um trabalho, se não sei aonde eles possam... ninguém da comida pra você, ninguém dá roupa, ninguém dá nada, você tem que trabalhar, você tem que fazer alguma coisa... você tem que (tê aquela mão de obra, tem que varrer) você tem que pegar alguma coisa e essas foi minhas opções entendeu, foi minhas opções que eu tive pra poder chegar a grandes (testes) porque senão não teria feito nada né... e com tudo isso, com tudo isso entendeu, eu acabei me acostumando eu deixei minha família sabe assim, de vez... fiquei praticamente cinco anos sem ver minha família fui fazer uma visita o mês passado sabe, e:: com tudo isso assim, deixando meus amigos da primeira vez né, que nem essa primeira vez que eu saí do casarão, pensei o que ia fazer da vida aí... minha família me internou né e eu acabei fugindo do hospital aí eu descobri que minha família...

P – Hospital, que tipo de hospital?

I – Psiquiátrico. Um hospital psiquiátrico, eu acabei desse hospital psiquiátrico né e eu descobri que a minha família não tava muito a fim de mim também não sei se era decepção de eu não ter servido pra nada eu já tava um homem de 24 anos e tava precisando ser internado pela irmã e pelo pai, foi o que me pareceu. Aí uma tia minha falou pra mim porque que eu não ia embora, eu olhei pra ela e falei: “ah, a senhora me desculpa aí”... sério eu só pedi desculpa, eu só pedi desculpa, aí acabou acontecendo das coisas esquentarem na casa da minha tia, com relação a desemprego, com relação a minha é, condição de família né ((levantou pra pegar um chá)). O que eu tava falando?

P – Da sua tia.

I – Ah, sim, a minha tia ela é meio egoísta nessa condição né de que eu não podia, assim porque que eu não ia embora de uma vez né, aí eu acabei descobrindo que a minha família não tava interessada em mim, não tava interessada nos meus ideais, não tava interessada nas minhas procuras, nos meus projetos “pô”, eu tinha acabado de fazer dois anos de SENAI entendeu todo mundo trabalhando, todo mundo comprando as coisas, tendo dinheiro, tendo carro, tendo conta no banco, investindo em casa na praia, investindo em chácara, enchendo a vida de... coisas inúteis entendeu, comendo do ótimo e do melhor, “pô” você pedir quatrocentos “pau”, isso aqui foi em 98 né, quatrocentos reais pra poder pagar um curso que ia ser o meu futuro eu tava com 25 anos agora eu tô com 32... sabe minha família falar assim: “ah não você não vai querer fazer o curso não, você vai querer pegar o dinheiro que não sei o que” até porque eu nunca tinha dado motivo de desconfiança de tamanho assim... é... de deslealdade de eu ter servido a minha família, porque eu servi a minha família, tipo eu nunca fui preso, eu nunca roubei, nunca matei, não fui um delinquente de... de... buscas é... assim de segurança sabe, eu sempre fui uma pessoa tranquila e... eu observei que nessa trajetória que eu tava vivendo, eu tava querendo descobrir o mundo e saber a minha vida passada, as condições que eu estava e o que a minha família tava me propondo eu tinha uma análise eu falei: “porra! perai” e eu sabia quem eram meus amigos porque existiam dois tipos de amigos que eu convivia na época, existiam os amigos que, que realmente queria ver o meu bem, a minha melhora sabe, queria ver o meu crescimento e queria ver eu, e queria ver eu... melhor, ótimo, porque eu tinha muitas coisas boas, porque o pessoal alternativo que eu conheci era esse pessoal que me dava uma segurança, já um outro pessoal já queria uma outra possibilidade entendeu, então eu falei: “não, tem que optar né, tenho que optar” porque o convite pro

crime, convite pro tráfico no Rio de Janeiro, o convite pro tráfico aqui em São Paulo, ganhando cinquenta pau desempregado querendo arrumar um emprego, 24 anos faltava pouco tempo pra terminar o SENAI, já tava desesperado e minha família não me agüentava mais, eu tava perdendo a cabeça “problema não eu te dou uma trezentos e oitenta, cinquenta pau por noite, você faz o pagamento dos polícias, segura a droga e o cara só vem buscar pra distribuir” eu falei: “‘porra’ não é isso que eu quero pra mim cara, eu quero ‘pô’ acabei de me formar no SENAI eu quero uma coisa melhor, uma coisa (possibilitável), uma coisa que tiver que fazer alguma coisa, porque eu não tô a fim de... ficar por aqui” eu falei: “porra já ficou um, já ficou dois, já ficou três e:: eu não quero, eu não nasci pra fazer isso” e nisso eu fui conhecendo muita gente, conhecendo pessoas de cultura, pessoas de... ((serve chá)) sabe, as pessoas foram vendo que eu tinha alguma coisa pra fazer, alguma coisa pra conseguir que eu tinha que me virar mesmo, que eu tinha que meter a cara, porque que eu não fazia isso, porque que eu não fazia aquilo e eu comecei a fazer tudo isso, fazia isso, fazia aquilo, fazia assim, fazia assado, as coisas foram acontecendo eu fui andando conhecendo o mundo, conhecendo pessoas, apesar que eu não aumentei muito o meu conhecimento, mas eu peguei experiência de vida... que é uma coisa muito importante, tem pessoas que tem experiência, mas não tem conhecimento de luta, conhecimento de mundo e isso é muito é debilitado assim da minha forma de visão hoje né, como eu te disse eu conheço várias etnias, várias possibilidades... aqui em São Paulo eu nunca tinha, eu nunca conheci uma pessoa que tinha vindo, vamos assim dizer... de Belém do Pará, por exemplo, aonde que eu ia conhecer uma pessoa do Belém do Pará em nenhum lugar que eu saiba a não ser se eu fosse pra lá, mas aqui em São Paulo eu conheci de Sergipe né...

P – Na rua, assim...

I – Na cidade de São Paulo, porque na cidade de São Paulo existe um lema: “você não está sozinho”, você não está sozinho, se você puder... se você conseguir abrir a sua voz e conversar com as pessoas, as pessoas elas... acho que elas são capazes de acreditar, estão abertas pra acreditar em você... isso é muito bom em São Paulo... então conheci muita gente diferente por causa desse motivo, porque outra, eu fui office boy aqui em São Paulo, eu fui office boy eu já fui um cara que já freqüentei muito esquema de Rap eu conhecia o:: São Bento né eu conhecia:: a Zona Leste né eu conhecia alguns lugares né aqui em São Paulo...

P – E como é que entrou a escrita na sua vida ou a leitura, como é que é você gosta de ler e isso já era uma coisa que você lia já desde a infância, como é que você começou a ler... você gosta de ler?

I – Sim.

P – Você lê muito?

I – Muito.

P – Ainda?

I – Ainda ((risos)).

P – E quando que começou isso na sua vida, a leitura?

I – Minha mãe sempre me incentivou a ler, ela me OBRIGOU a ler “você vai ler esse gibi do Pato Donald, do Mickey, do Walt Disney, enfim... toda essa... esses quadrinhos minha mãe obrigava eu ler né, mas na verdade eu gostava de ler revista de moda, porque a minha família tinha uma malharia né, mas eu nunca fui assim um grande leitor, eu lia só por ler mesmo e sempre tive assim a experiência de ler enciclopédia, dicionário, revistas Geografic, Veja, Época, Istoé, enfim... sempre tive uma experiência com a leitura de diversas autorias, de diversos escritores né, eu já li... Drummond de Andrade, eu freqüentava a biblioteca municipal em São Paulo... até porque em opção do pseudo “B”, eu terminei o ensino fundamental estudando em biblioteca né, eu tinha hábito de estudar livro de xadrez em biblioteca né e... eu sempre tive uma, uma sorte com... escrita porque eu sempre escrevi textos né, e muitas vezes eu sempre tirava, sempre tirei boas notas em textos dez, sempre tirava assim nota alta né, eu... ganhei um prêmio em Santo André na escola onde estudava assim, segundo melhor texto né, segunda melhor música narrada, porque na verdade era um texto que eu fui... construindo uma música desse texto né e eu ganhei o segundo lugar do... do festival municipal de rap, uma coisa assim...

P – E que tipo de livro que atualmente você lê? Revista, porque agora você tá me falando mais de revistas, revistas e tal, atualmente você continua mais nessa leitura de revistas ou você gosta de livros também?

I – Ó, pra falar a verdade, pra falar a verdade... eu tô lendo... bastante livro assim porque eu tô fazendo Literatura né, eu tô me preparando pro Vestibular né, e não sei se vai dar tempo pra mim ler esses livros todos, mas eu tô lendo alguns deles né, pelo menos.

P – Quais que você tá lendo?

I – De Guimarães Rosa eu tô lendo né, tô lendo esse não é... ai, ai, ai não lembro o nome dela...

P – Sei... o título também não? São textos pra Vestibular que você tá lendo?

I – É, é...

P – Da lista de Vestibular?

I – Não, não é livro dado pelo professor de Literatura que era bom a gente ler, porque seria interessante.

P – Você tá fazendo cursinho?

I – Aham (afirmativo) tô fazendo cursinho no Spinelli, Spinelli.

P – Ah, tá. Então você tá seguindo as sugestões da lista deles?

I – Isso.

P – Você acha que existe muito essa, você já tinha me falado assim “olha na rua você não imagina o que que tem, tem médico, tem gente formada e que tá aí que tá na rua e que tá vivendo bem” né porque querem...

I – Porque ele quer né, ele não tem mais atração pela vida material, pela vida física, pela vida consistente nos seus é... seus donativos.

P – E você observa que a leitura e a escrita está presente nessas pessoas, você acha que elas, que existe isso das pessoas lerem... de escreverem porque vocês são meus informantes né...

I – É muito interessante esse lance porque... é:: às vezes você tá dentro de casa você não faz nada sabe você não faz nada, você não lê você não escreve, você não pinta, você não borda... e nem cancela o seting, você não sabe que o seting existe... sabe, mas... é interessante na rua, os cara sentam na praça, pegam o papel, escrevem muitas horas seguidas, muitas coisas, talvez não saiam muitas escritas, mas eu sei que eles tem o hábito assim, nós assim, o pessoal que eu conheci, eu, eu mesmo nunca fui dessas aptidões, de sentar ficar escrevendo, lendo, eu gosto de ficar num lugar reservado, num lugar de... conforto e apropriação de silêncio pra tá, tá me voltando pra aquilo que eu tô procurando... sabe e:: na rua não, na rua você vê a gente pegando papel assim sabe, geralmente não pega jornal pra escrever, não pega folhas juntas assim, mas geralmente eles pegam papel de pão, geralmente pegam papel de padaria, folha seca... porque são papéis que eu não sei se tem alguma coisa assim voltada pra, pra realidade da rua mesmo, mas eu sei que tinha um cara que ele pegava papel de pão assim, ele pegava... dez papéis de pão assim cortava todos iguais e escrevia uma agenda dos seus dias, dos seus momentos e, interessante...

P – As pessoas leem? Eles dão pra outras pessoas lerem ou eles mesmos escrevem e leem, eles são os próprios leitores?

I – Eles leem, eles leem. Eu conheci até um “brother” lá no Itaú Cultural quando eu vendia OCAS que esse “brother” ele... ele novo.. novo, 27, 28 anos mais ou menos... e:: ele já não tem mais vínculo social né, ele é uma pessoa (desarregada) do bem de consumo e ele é superesclarecido, é um cara superconsciente conhece banda, conhece rock, conhece rua, conhece bairro, conhece cidade sabe... e ele sabe o que gosta, sabe o que pede, sabe o que fala e ele vendia umas mensagens que ele escrevia, ele pegava uma folha escrevia uma mensagem assim superinteressante e falava assim: “olha aqui pra mim amigo que não sei o que ó, por essa poesia, esse manuscrito eu tô te... vejo que você gostou e quanto que vale esse manuscrito por você ter lido pra ficar pra você?” ficava assim: “não, não” “pra

me ajudar a comer alguma coisa, pra me ajudar a beber um café, pra me ajudar comer um pãozinho”, “legal, bacana, pode ver tá de primeira” aí geralmente o pessoal não queria porque faltava uma lógica, faltava uma lógica entendeu e “putz” meu...

P – Será porque que essas, porque que você acha que, qual que é o valor da escrita pra essas pessoas?

I – Ah, eu acho que assim que não tem nem o que falar, esse “mano” falava se a cabeça parasse ele... ele não sabia onde que ele ia parar, mas a cabeça dele não podia parar porque ele viajava muito, ele... não tinha ninguém aqui nessa cidade e:: ele não queria falar nada nesse dia se queria voltar, se queria ir embora, se queria continuar, eu... por mais que não tenha NADA, por mais que eu tenha, assim andado por cima e por baixo eu tô num lugar onde eu conheço... num lugar que eu conheço, já trabalhei aqui na Barra Funda já trabalhei em outros lugares aqui, trabalhei na Zona Leste, Centro-Oeste, Zona Sul, trabalhei em todas essas regiões entendeu. Trabalhei numa empresa que entregava... lista telefônica no estado de São Paulo, trabalhei no Correio, trabalhei no CORREIO ((rindo)), então eu conhecia tudo isso pra mim não era novidade entendeu, o máximo que eu vou fazer lá é ler e não me perder, porque assim ó, eu li lá eu sei aonde o bonde vai para... justamente onde eu quero, bairro tal...

P – Você acha que a escrita pra essas pessoas é uma forma de que, de desabafo de, é uma terapia?

I – Eu acho que eles... tão... tão procurando um, participar do mundo da forma deles entendeu, se eles puderem obter uma forma de... estar presente eu acho que eles, eles interagem.

P – E pra você? Pra você o que que é quando você escreve, quando você, o que que significa isso na sua vida?

I – Quando eu escrevo pra mim é um “rombio”, como é que fala essa palavra, é “rondio”, é “rondio” não é? “Rondo”, “rondo” “orrondo”, “orrondo” né, porque geralmente eu leio e não gosto de ler aquilo que eu escrevi ... ((rindo)) ou por síntese assim de:: de timidez, eu tenho timidez quando escrevo, é interessante, mas eu leio assim, eu escrevo, quando eu escrevo, eu escrevo alguma coisa forte, alguma que seja consistente, alguma coisa que eu me baseio em lenda, me baseio em histórias... de culpados que se saíram inocentes... sabe, eu gosto de falar uma especificidade realmente... assim, não que seja... pro meu esclarecer, mas que deu a entender que os fatos tem que ser expostos...

P – Você escreve mais sobre é ficção ou mais de fatos reais?

I – Eu gosto de escrever mais sobre fatos reais assim.

P – Acontecimentos do seu dia a dia?

I – Isso. É a caracterização do seu ser no seu... nas suas procuras, buscas, nas suas procuras...

P – E aí você falou que pra você, você não gosta de ler os seus textos, então se isso, se é um desabafo, se é uma forma de se colocar, talvez você não goste depois de ver... o resultado?

I – Não, porque eu já escrevi diversos tipos de texto que eu encarei com normalidade, eu li o texto, reli, e encarei com normalidade né, eu tô com um texto aqui que eu escrevi que... é um texto, será que eu tô com esse texto? acho que eu tô com um texto aqui sobre... sobre a música internacional do Brasil né... e é baseado sobre a vida de Kurt Cobain né a banda do Nirvana, então eu escrevi muita coisa sobre... a minha própria realidade e o que essa música, o que essa banda e o que esse grupo isso influenciou na sua vida né, eu tinha 16 anos né então eu parei de... ser uma pessoa e comecei a ser outra pessoa, meus 16 anos até os meus 23 anos eu vivi nessa imagem, nessa imagem, exatamente nessa imagem.

P – Então você é... com qual frequência que você gosta assim de escrever?

I – Quando eu tenho... a responsabilidade sobre aquilo que vai ser mencionado, assim escrever aleatoriamente eu não... não vejo porque né, não vejo por que.

P – Então você tem um compromisso, sua escrita é uma escrita que você tem mais um compromisso em conseguir atingir alguma coisa, atingir um objetivo.

I – Sim, sim. Eu acho que a minha escrita, eu acho que... eu que nem eu disse pra você sobre esse livro que, que eu tenho né como, tá em vista... algumas coisas que eu tô falando é a respeito desse livro né, esse livro é justamente isso é minha realidade de vida, é minha posição com relação aos acontecimentos, porque... é:: eu penso assim ó “‘putz’ eu não fui o maior homem do mundo” porque que eu não fui o maior homem do mundo? “Não fui o melhor homem do mundo” porque que eu não fui o melhor homem do mundo né? Porque talvez eu não fosse aquele chinês e talvez eu não fosse um Ananias né, então acho que nem tudo é uma piada mas às vezes algumas coisas nessa vida acontecem assim... fracassamente assim tipo uma comédia, vira uma comédia sabe... então existe tanta coisa que, que não tem cabimento assim que você acaba rindo e se conformando porque é a única coisa que dá a interpretar entendeu.

P – Você, alguém lê seus textos “fulano”?

I – Sim, teve gente que leu meus textos, acham bastante interessante né, eu... conversas bestas assim me deparei vendendo as revistas e me deparei com pessoas que gostavam assim dos meus textos achavam que eu tava ficando famoso, achavam que eu tava virando intelectual né...

P – E porque que você colocou esse pseudônimo, você tá usando ele, “B” de onde surgiu?

I – “B” surgiu do seguinte eu... tive mudanças fixas né, eu voltei da casa dos meus amigos, vivi com meus parentes né e fiquei pouco tempo, arrumei... ba-laio de sei lá, de sapo pra poder tá vivendo com eles... e acabei falando: “não, vamo que vamo que vai ser bom” fui pra São Bernardo conheci uma mulher, trabalhei com ela seis meses não tive retorno né, eu desejava... acabei entrando nos sem teto, fui parar na quadra da Gaviões da Fiel, fui parar depois no... campo da Gaviões, vim pro Brás, fiquei um tempo fui pro Franco da Rocha, saí porque não aguentei o clima e o tempo, fiquei doente tive que voltar fui vender artesanato na república aparece um amigo de Santo André e me diz: “falou ‘B e aí e tal” eu olhei pro Pedro e falei: “‘porra’ meu querido que que tá acontecendo né” e o Pedro me olhou e falou assim: “‘pô’ não tô lembrado não mano” eu falei: “‘pô’ eu tô lembrado, mas você que não tá lembrado de mim” virei e falei assim: “ó liga não é assim mesmo, danado” e eu falei: “não, beleza vou ali comprar um negócio e tal” e acabou me chamando de “B” e eu busquei essa... essa conclusão... sabe assim, essa conclusão porque que o cara me chamou de “B” sabendo que meu nome era “fulano” o qual eu estimava com todo caráter né, ((rindo)) então eu fiquei pensado aí eu descobri que o pessoal na república, o próprio pessoal na república muito era do Pará, do Paraná, de Londrina, não sei da onde e geralmente eles usavam um outro nome fora aqueles que eles tinham entendeu, conforme a cara do cliente eles falavam um nome, conforme a cara do cliente eles não falavam o nome... eu aprendi isso aí eu adaptei “B”, mas eu não tava suficientemente sustentado por essa posição e fui na biblioteca estudar o:: significado dos nomes e porque que eu poderia usar o nome fictício...então procurei em todos os dicionários, em todos os livros, todas as prateleiras daquela biblioteca municipal até achar uma resposta e eu achei que existe o pseudônimo né que é o:: dicionário dos, dicionário literário que tem essa faceta -- tá gravando legal -- eu acabei adaptando esse pseudo “B”, então depois disso eu pensei realmente que eu tinha um... futuro na literatura, eu sempre escrevi alguma coisa, sempre escrevi uma frase, eu sempre fiz desenho, grafite, frases, poemas, eu tenho diversos poemas assim que eu... não tem em escrita, mas tá lembrança... no consciente né, que é muito legal os poemas e... é, então eu fiquei usando “B” e tinha um amigo meu que era mais louco ainda, mais louco ainda do que eu, ele tinha 38 anos, não tinha 29 anos na época... e ele tinha um rastafári assim, ele vendia artesanato e ele ficava chapado e falava: “cadê o S..., cadê o S..., cadê o S...” aí eu voltava assim ele: “aí ele aí”...

P – Então te deu sobrenome...

I – Me deu sobrenome.

P – Nós vamos ter que encerrar por causa do horário, principalmente por causa do Marcos, tem alguma coisa assim que você quer registrar? Deixar ainda pra gente finalizar assim, alguma coisa que você não falou e que eu não perguntei você quer falar?

I – Eu acho que nessa vida você vai ser aquilo que você quiser ser... eu acho que não existe nada comandado, não existe nada que foi comandado pra você fosse aquilo que você estiver sendo... você pode acreditar que você vai ser aquilo que você queria ser.

P – É, é isso aí.

Informante 5 – Código de identificação 05JA, entrevista feita em 18/09/08. São Paulo.
Tempo: 00:21:44

Pesquisadora – Eu gostaria que você me contasse um pouquinho do seu dia a dia.

Informante – Ó, o meu dia a dia é... acordar cedo, tomar o café da manhã tal, vim aqui na OCAS comprar revista e ir pra PUC... agora lá na PUC passo mais ou menos umas dez, doze horas vendendo revista. Conheço bastante pessoas tal, eu tenho uma média de trezentas, quatrocentas revistas vendidas lá na PUC por mês e depois eu volto, vou jantar, volto pra casa e tal e tomo um banho e vou dormir, ouço um pouquinho de rádio e tal.

P – E você mora com quem?

I – Moro sozinho.

P – E mora onde?

I – Eu moro lá na (Ribeirão Coelho).

P – Lá é...

I – É um quarto.

P – Me conta um pouquinho da sua história de vida.

I – Eu... fiz SENAI, fui metalúrgico tal, trabalhei em fábrica, depois é... houve um período é de fracasso de fábrica, lá em São José dos Campos, isso no interior, aí eu peguei mudei pra Ribeirão Preto, fui trabalhar com ripa tal, trabalhei com ripa, depois me envolvi... eu usava maconha né... depois me envolvi com cocaína tal com craque, daí comecei a ouvir vozes tal aí fui internado numa casa de recuperação... nesse meio tempo eu levei três anos pra sair das drogas ... e ... aí:: levei três anos quando saí das drogas tal... e num consegui um trabalho melhor mais... aí fiquei na dependência dos parentes tal, eu... militava no PT, milito no PT tal... e na época era Fernando Henrique era Presidente tal na minha cidade lá em São José dos Campos o prefeito era do PSDB, daí a gente começou a fazer uma militância mais forte lá... fizemos uma oposição brava a prefeitura tal, daí começou uma perseguição política lá na cidade tal... aí eu vim pra São Paulo.

P – Nessa época que você falou que você envolveu com droga e tal você morava com a sua família?

I – Morava, morava eu e minha irmã, minha mãe é falecida né.

P – Moravam só vocês dois?

I – Eu, minha irmã, meu cunhado e minha sobrinha.

P – E aí quando você mudou aí você já mudou sozinho, deixou a família?

I – Quando eu mudei pra São Paulo?

P – É.

I – Mudei sozinho. Eu tenho uma irmã que mora aqui em São Paulo, mas não tem condições de morar com ela, então eu ia pra albergue.

P – Então você já veio pro albergue?

I – Isso, aí tinha dia que tinha vaga no albergue eu dormia no albergue, tinha dia que não tinha vaga no albergue ainda não tinha esse capta aí que leva você pra outro lugar do albergue, não tinha essas perua, aí dormia na rua.

P – Então você já veio direto, a sua situação você atualmente você mora em albergue ainda?

I – Não, não moro mais.

P – Qual que é o local que você mora, é casa...

I – Um quarto de uma pensão.

P – Mora sozinho?

I – Moro sozinho.

P – E como é que é você não chegou a morar na rua mesmo não?

I – Morei na rua sim.

P – Sem ser... fora do albergue?

I – Fora do albergue.

P – Em Praça, em...

I – Embaixo da ponte.

P – Aqui em São Paulo já?

I – É.

P – Como é que é ... você tem alguma, você tem textos da OCAS...

I – Tem, tenho um livro também.

P – Você participou do livro?

I – Participei do livro, tem um conto meu chamado “Itinerário de um drogado”.

P – E você gosta de escrever?

I – Gosto de escrever outro tá na revista Caio Blat tem um pedaço do meu livro “Desejo de vida”.

P – Você tem um livro escrito?

I – Eu tenho um livro tá em CD.

P – Que é o da “trajetórias” não?

I – Tá em CD.

P – Ah, você tem aquele livro do CD, acho que ontem até a Carolina comentou.

I – Isso, a Carol, a jornalista?

P – Isso.

I – ISSO tenho.

P – Tá lá no CD?

I – Tá lá no CD.

P – Você vende na porta da PUC?

I – Não posso vender junto entendeu tô vendendo pra alguns amigos, algumas pessoas perguntam inclusive da revista Caio Blat aí eu tenho umas cópias, agora eu não tenho, por exemplo, vou tirar cópia tá faltando dinheiro pra tirar cópia entendeu? aí tira a cópia tal, daí, aí eu vendo.

P – E esse, quando que você criou esse hábito de escrita?

I – Ah, eu tenho uma mania de leitura né? quando... lá em São José dos Campos eu lia pelo menos dois livros por semana.

P – Isso desde pequeno, de criança ainda?

I – De criança, de adolescente... e eu sou sócio da biblioteca desde adolescente desde que, desde 1974/75 mais ou menos, 76 mais ou menos... biblioteca pública de São José dos Campos e eu lia pelo menos, três, quatro, dois, um livro por semana e:: daí teve uma... teve a prefeitura do PT lá na cidade né da Ângela Alekmin, ex-deputada daí ela criou uma... uma... como é que chama? Um conselho literário na Fundação Cultural de São José dos Campos e eu participava desse conselho literário e eles criavam, faziam até uma revista literária chamada “Liter”... e lá eles colocavam Gabriel Garcia

Marques é... Dostoievski é... Edgar Allan Poe a gente trabalhava com literatura e fazia textos, escrevia, escrevi um conto meu chamado “Joe” que eu perdi eu não tenho na cabeça muito esse conto aí, também o conto da casa de recuperação também contava em si que eu podia morrer de overdose de cocaína tal...

P – Você não chegou a registrar escrever esse conto?

I – Escrevi, mas na revista literária né, mas eu não tenho mais essa revista, então eu perdi o conto.

P – Ah, sim, você não tem mais, perdeu a própria revista, o volume?

I – É.

P – E que tipo de livro, de texto que você gosta de ler?

I – Eu gosto de ler é ... romance.

P – Romance?

I – Isso.

P – E quais autores que você gosta?

I – Eu gosto de... Hemingway, eu gosto do Jorge Amado, eu gosto...

P – Quais livros do Jorge Amado?

I – “Capitães de areia”, “Gabriela cravo e canela” é... outro lá... esqueci o nome agora.

P – E outros autores, de outros autores?

I – Outros autores eu li já é Veríssimo, eu li Guimarães Rosa, eu li...

P – Do Guimarães Rosa você gostou?

I – Gostei.

P – Achou a linguagem dele...

I – Muito massa.

P – É massa?

I – É. Sertão da Bahia lá, sertão de Minas né ((risos)).

P – É do Norte né, Norte de Minas...

I – É minha mãe é do Norte de Minas, minha mãe era quer dizer né, de Ponte Nova.

P – E você acha que tem alguma relação a sua leitura, você gostar desse tipo de, do Guimarães com a sua mãe, com essa, você faz alguma ligação com o lugar que ela mora, alguma coisa assim, não?

I – Não muito, não muito não, porque não é muito agreste, não era muito agreste lá onde minha mãe morava, mas era Norte de Minas também, eu conheço o Norte de Minas porque eu já fui pra Bahia várias vezes passei por lá tal, Teófilo Otoni, Governador Valadares tal...

P – E pra escrever, o que que você gosta de escrever?

I – Eu gosto de escrever a minha experiência né, a minha vida tal, como que passou...

P – Então são histórias mais reais?

I – São.

P – O seu conto é um conto quase que verídico, de coisas acontecidas?

I – Isso, exatamente.

P – Você não cria tanto a...

I – Não, são coisas verídicas, verídicas.

P – E porque que você gosta de escrever, o que que a escrita representa pra você, o que que é a escrita pra você?

I – Uma terapia, uma terapia muito boa tal, muito...

P – Com que frequência que você escreve?

I – Ah, agora eu não tô escrevendo, por exemplo, e nem tô lendo porque eu tô procurando um livro do Caco Barcelos “O abusado” já pedi pros livreiro trazer pra mim e:: tô esperando esse livro chegar na banca lá tal na PUC lá daí o cara, aí comprar o livro daí eu vou ler.

P – Pois é, mais o último que você leu tem quanto tempo?

I – O último livro?

P – É.

I – Faz... o que... um mês.

P – Ah, então você continua lendo bastante?

I – Eu continuo.

P – E você falou que agora você não tá escrevendo, mas agora quando?

I – Ah, ultimamente, faz uns dois meses que eu não escrevo.

P – O que que tem de interessante nesse livro que você tá querendo tanto ler?

I – “O abusado”?

P – É.

I – A história do Fernandinho Beira Mar... conta a história dele, ele, por exemplo, tem um pedaço dele na capa, os amigos só publicaram um pedaço desse livro... ele chegou a ser sequestrado 36 vezes pela polícia, a polícia sequestrava e pedia resgate... a polícia do Rio de Janeiro.

P – A própria polícia seqüestrava e pedia resgate?

I – A própria polícia pedia resgate dele.

P – O que que tá te interessando nisso?

I – Interessado porque eu sempre tive uma vida nas drogas né, então eu queria saber a vida de um traficante também como é que é tal... Embora eu conheça vários traficantes tal... conheço lá no meu bairro lá em São José dos Campos tem um cara que é traficante foi criado junto comigo hoje ele vende cocaína, maconha, pedra...

P – Você usa droga ainda, não?

I – Hã?

P – Você atualmente é usuário de droga ainda, não?

I – Não, às vezes eu fumo baseado, mas...

P – Não é um dependente assim, não é um uso frequente?

I – Não, não, não.

P – Quando você escreve, normalmente você escreve sóbrio, você tá bem...

I – Aham (afirmativa), tomo no máximo uma cerveja.

P – E isso tem alguma relação com a sua escrita, pra você escrever você precisa de beber ou de usar alguma coisa ou você quando escreve está são?

I – São. Isso.

P – Normalmente são?

I – Normalmente são

P – Quais são os temas que você mais gosta de escrever? Sobre o que que você gosta?

I – Eu gosto de escrever sobre droga e dependência.

P – É um tema bem marcante na sua vida.

I – Hum hum (afirmativa).

P – Foi o que fez você sair de casa. Foi por isso que você saiu da sua casa que você...

I – Não eu saí por causa de militância política... saí por causa de militância política e também e saí também pra ter outros... outros ares tal... eu tava afastado também de saúde mental eu tenho uma carteirinha do Governo Federal que eu não pago passagem pra andar pelo Brasil, aí eu andei o Brasil inteiro 2005, 2006 fui parar lá em Manaus...

P – Então já tem um tempinho isso, você já tava morando em São Paulo e saiu... rodando?

I – Saí rodando. É saí, saí em situação de rua inclusive morei muito em albergue, morei na rua, Campo Grande, Cuiabá, Porto Velho...

P – E você tem esperança de sair da rua? Você quer sair ou você acha que do jeito que tá...

I – Na rua sem casa assim, não, não é. Não gosto de morar na rua.

P – Você tem vontade de sair.

I – É não gosto de morar na rua e não gosto de morar em albergue... tanto é que eu faço o maior esforço pra pagar meu quarto entendeu... eu não gosto assim de morar na rua não. É muito perigoso.

P – Ontem a gente escutou uma pessoa dizendo assim “escrever é um desabafo”, você concorda com isso?

I – No meu caso é, no meu caso é tal, pena que não foi publicado meu livro tal, mas...

P – Você convive lá com seus amigos, você tem outros amigos que gostam de ler e de escrever e que tem esse hábito?

I – Tem muito amigo universitário tal, tem sim.

P – Os universitários... você tem um contato muito grande porque você fica ali na frente, logo na PUC ali então...

I – Exatamente.

P – E fora? E pessoas que frequentam a rua ou que moram em situação de rua você vê isso, as pessoas lendo, escrevendo?

I – Tem um poeta, tem um cara que inclusive foi vendedor de OCAS tal... é poeta, muito bom, bom poeta e mora em albergue.

P – E porque que será que essas pessoas gostam, usam da escrita, pra que que será que, porque que elas gostam de escrever, você imagina?

I – No caso desse poeta aí eu acho que foi um dom dele né.

P – Já era uma...

I – É exatamente.

P – Você já... sempre escreveu você falou que sempre gostou de ler e de escrever isso desde adolescência também você escreve?

I – Não, foi depois que eu, depois que eu fui parar na casa de recuperação mesmo.

P – Por isso que você tá dizendo que é um desabafo.

I – É exatamente.

P – Você tá trabalhando atualmente, como é que tá sua situação assim de trabalho?

I – Eu tô com a revista.

P – Com a revista, aí você falou que fica quase que o tempo todo na PUC.

I – É na PUC.

P – Um dia a dia apertado cheio que ele tem. Quando você escreve, você gosta de escrever sobre a sua vida que você falou, sobre as coisas, sobre droga... é uma coisa que você, dependência e tal. Quando você escreve, você tem algum autor assim que... você acha que te influenciou, que te influencia na escrita?

I – Ah, o livro que eu mais li, que mais me influenciou assim foi a da Cristiane F a droga dependente lá da Alemanha lá, mas...

P – Mais e o estilo de autor, tem algum autor, que tipo de texto que você gosta?

I – Aliás, não foi ela que escreveu, foi uma gravação depois foi compilado em livro né.

P – Aham (afirmativa), da Cristiane né.

I – Isso.

P – É eu não lembrava disso não, eu já li o livro, mas não sabia desse.

I – Isso, exatamente.

P – E tem algum, você escreve poemas também, não?

I – Não, poemas não.

P – Tem algum autor que você acha assim, que você gosta de escrever às vezes, passagens de músicas, passagens de textos que você usa na sua escrita?

I – Não, não tem.

P – Normalmente quando, como é que é o seu processo de escrever, te dá uma vontade... você tá lá fazendo é alguma coisa e de repente vem essa vontade, como é que é, seu processo criativo assim?

I – Geralmente já tenho compromisso né, por exemplo, esse livro aí tinha o compromisso de escrever, então comprei um caderno tal.

P – Como? Compromisso com quem?

I – Tinha um compromisso com a Carol.

P – Ah, sim. Você combina, combinou antes, ela te pediu pra escrever essas...

I – Eu falei que eu ia escrever tal e ela falou: “escreve que depois a gente diagrama tal, tudo mais” aí, por exemplo, comprei o caderno tal parava duas horas da tarde de vender revista, ia pro barzinho que era do Zé tal e ficava escrevendo até as cinco horas da tarde.

P – E lá tinha um lugarzinho pra você ficar escrevendo?

I – Tinha, tinha.

P – Nessa época você não tinha seu quarto ainda?

I – Eu tinha, mas meu quarto não é o ideal não.

P – Você gosta de ficar mais... E aí você escreve se envolve com aquilo e vai longe.

I – Isso.

P – Você nem vê a hora passar né?

I – Nem vejo.

P – Então é um desabafo mesmo hein “fulano”... é uma terapia que você tá fazendo hein? Você frequentou a escola?

I – Frequentei, eu termino, eu termino o nível colegial, Ensino Médio.

P – Então você chegou a formar segundo grau?

I – Eu tenho, tenho segundo grau, fiz ENEM e ano que vem vou fazer uma faculdade.

P – Ah é? E que curso que você tá querendo fazer?

I – Tô entre Direito e Geografia, um dos dois.

P – Você tem, você chegou a participar das oficinas da OCAS?

I – Participei.

P – E tem algum texto publicado da OCAS já?

I – Tem um texto meu na Caio Blat.

P – Além desses textos publicados na OCAS você tem algum outro, em algum outro além do livro também?

I – Tem no livro.

P – E o CD?

I – No CD.

P – E no Trecheiro você tem algum?

I – No Trecheiro não.

P – Já mandou pra eles algum?

I – Não, nunca mandei. ((rindo))

P – Tem que mandar, tem que mandar.

I – Tem que mandar, é Trecheiro.

P – As pessoas leem seus textos?

I – Leem, gostam.

P – Comentam, tem gente que chega e fala “li aquele texto”...

I – É isso exatamente, tem uma professora lá da PUC que dá a maior força... é... manda e-mail tudo...

P – Ah, que bacana. Qual que é a sua sensação quando você termina de escrever o texto?

I – De alívio.

P – E vontade de começar outro, não?

I – Ah, eu queria escrever a minha vida inteira entendeu, desde criança até hoje, eu vendendo OCAS como é que é, porque tem a questão também da ignorância no Brasil né, eu tava perguntando, esses dias nós tava conversando com os argentinos né, então argentino vende o dobro do que eu vendo por dia, na Argentina

P – Da OCAS? A revista?

I – A Hecho.

P – Lá na Argentina é Hecho?

I – É exatamente. Vende o dobro do que eu vendo por dia lá, vende em metrô, aqui não pode vender em metrô, lá eles vendem em metrô.

P – Aqui não pode, é regra?

I – É não pode vender nada no metrô né... não pode pedir esmola... não pode um monte de coisa eles avisam tudo no rádio do metrô.

P – Ah, tá. É uma regra da prefeitura.

I – Aí você não pode vender no metrô... não pode vender nos trens tal e não pode vender na rua, na rua aqui assim pode, mas em frente ao shopping tal dependendo do lugar que você vai não pode... tem várias restrições entendeu, pedimos uma força pro Gerente no Espaço Unibanco, ele falou: “nós somos muito agradecidos ao Espaço Unibanco tal”, a OCAS falou: “não, sem problema tal”.

P – O que que você, o que que fez com que você criasse esse hábito, tem gente que fala assim, eu até escutei aqui agora, “eu comecei a ler porque meu irmão tinha Círculo do Livro e lia muito e foi uma coisa que me influenciou” e você, o que que influenciou a escrever?

I – Acho que depois que você lê bastante aí fica fácil, não fica uma coisa difícil assim de escrever entendeu, desenvolver um texto é fácil, eu desenvolvo um texto assim rapidinho, certo.

P – O que que te fez começar esse hábito de escrever, tem alguma coisa?

I – A leitura.

P – A leitura. Você foi lendo muito, admirando o que você lia e começou a querer fazer também.

I – É exatamente.

P – Qual que é o valor da leitura na vida das pessoas? Você acha que isso muda alguma coisa?

I – Muda geralmente a pessoa que lê mesmo, eu conheço várias pessoas que são autodidatas, não aqui em São Paulo, em São Paulo eu tenho pouco contato, mas lá em São José dos Campos, por exemplo, pessoas que não tem nem a oitava série, mas desenvolve um papo intelectual de nível universitário devido a leitura.

P – Você que escolheu vender na porta da PUC?

I – É então tinha um vendedor lá... aí ele saiu do projeto, inclusive eu acho que ele tá vendendo poema hoje em dia, de vez em quando eu encontro com ele lá no Espaço Unibanco lá no almoço vendendo poema e:: ele saiu deixou lá ao léu entendeu aí eu peguei e assumi, aí faz três anos que eu vendo lá.

P – E lá, essa escolha desse local, você acha que tem mais troca com os leitores por serem estudantes assim, você acha que isso muda alguma coisa, eles leem, os estudantes da PUC leem seus textos?

I – Leem.

P – Comentam com você alguma coisa?

I – Comentam.

P – Que tipo de comentário que eles fazem?

I – Comentários legais, bons.

P – Você falou que a professora já comentou os alunos também comentam.

I – Os alunos também tal.

P – Te incentivam?

I – Incentivam tudo.

P – Você gosta de mostrar pra eles?

I – Gosto.

P – Tem alguma situação que você costuma ler junto assim, em grupo, um grupo que forma, já teve alguma... alguma atividade em grupo? A oficina, por exemplo, é uma atividade em grupo, que é pra escrita.

I – Tinha lá em São José dos Campos.

P – Tinha? Que tipo de atividade?

I – É a gente fazia a revista “Liter” né.

P – Ah, ta... essa revista.

I – É então.

P – Que era pra escrever?

I – Pra escrever, a gente escrevia textos, desenvolvia textos tal.

P – É o mesmo sistema aqui da OCAS, cada um escreve um pedaço e depois discute e monta um texto final?

I – É em partes porque na verdade na “Liter” as pessoas são intelectuais né, na revista de literatura de São José dos Campos tinha poetas, tinha leitores, tinha cara que já escreveu peça de teatro, tinha gente que já tinha livro publicado tal e:: tinha pessoas formadas na USP em Letras, então tinham pessoas com mais conhecimento literário do que aqui, que aqui esses conhecimentos é a Carol e o Márcio que é jornalista e o resto tudo aprendiz né?

P – Você tem alguma coisa que você gostaria de falar e que eu não te perguntei e que você acha que é importante registrar?

I – Não.

P – Não? Então podemos encerrar? Então tá, muito obrigada viu.

I – De nada.

Informante 6 – Código de identificação 06JFJ, entrevista feita em 18/09/08. São Paulo.
Tempo: 00:57:24

Pesquisadora – Nós estamos agora entrevistando o “fulano”. Então ele vai falar um pouquinho... primeiro já vai me explicar um pouco sobre os textos que ele já escreveu alguma coisa nessa área.

Informante – Quando me disseram que ia ter essa entrevista do pessoal de Minas tal referente às pessoas que foram ou são vendedores da revista OCAS né, e que participaram com algum tipo de texto né, seja um livro que a gente escreveu junto com a Maria Alice que é o “Terapia de todos nós” vida em rua né, seja na oficina de texto que ocorre aos sábados que infelizmente tá um pouquinho parado ainda por até... sei lá, como eu vou explicar pra você, sei lá... não é falta de interesse dos vendedores... mas a população em situação de rua ela... vive uma situação muito...

P – Instável.

I – Instável, exatamente esse é o termo... e o que durante quatro anos foi uma beleza, todo sábado tinha gente aqui fazendo a oficina de texto junto com o Márcio Seidenberg que é uma pessoa muito boa aqui em São Paulo... que é o jornalista que coordenava as oficinas e que permitia, através desses encontros que era aos sábados de manhã... nós mesmos termos um espaço dentro da revista que chama “cabeça sem teto” né, que era onde as pessoas podiam se expressar né, e era um a gente tem umas lembranças muito boas... e eu... volto né, essas reuniões porque eu creio que meio que é a alma do negócio, vamos dizer assim né, da revista porque... porque vai do pressuposto que... se eu não me engano... mesmo a rede que gerencia esse tipo de educação em mais de quarenta países do mundo que é a Internacional Network Street Papers em contrapartida ela exige né que tenha, em qualquer publicação do mundo, qualquer país do mundo tenha, esse espaço pra pessoa em situação de rua poder se expressar também e durante esses quatro anos foi uma experiência muito intensa, muito bacana né, dado a diversidade cultural das pessoas que apareciam aqui na OCAS até né, país enorme né tinha gente às vezes de Pernambuco, Rio Grande do Sul e de Minas, Paraná e da Bahia né, e... aqui nós de São Paulo tal e era muito legal né, a gente escolher a pauta a gente é... ia pra campo, fazer entrevista, tirar as fotos tal, e tem “n” revistas, infelizmente eu falei com o Marcos que eu aqui eu tenho uma que

saiu um texto meu, de minha autoria que foi uma revista de Janeiro e Fevereiro aquela bimestral né, e que a idéia da pauta pensada anteriormente foi homenagear a cidade de São Paulo no seu aniversário que era 25 de Janeiro e a gente pensou no seguinte, fazer um texto homenageando uma rua que é bem conhecida aqui em São Paulo e que possivelmente a gente possa vender a revista ali, mais sem que o leitor da revista percebesse de que rua você tá falando só... dando dicas no texto né de que ao final de ter lido o texto ele fala: “nossa, essa rua é tal rua” né...

P – Imaginasse aquela rua, pela descrição identificar.

I – É. E eu felizmente eu tive a ideia de fazer da Rua Augusta aqui em São Paulo que é uma rua muito conhecida né, e que tem o Espaço Unibanco de Cinema que tem um lugar onde normalmente eu vendo a revista também e que me deu, felizmente o texto saiu muito, é... saiu bruto a princípio que eu num tenho as técnicas que os jornalistas têm, mas depois uma menina que é voluntária né, a Raquel que ela estudou jornalismo ela me deu uns toques e deu uma lapidada no texto, mas a idéia ficou bem legal porque a Rua Augusta ela sai aqui mais ou menos do centro da cidade e vai até a Avenida Paulista, eu nas minhas andanças né, que pessoa em situação de rua anda bastante né, até nas andanças pra ir pra Paulista comecei a verificar né, já o que eu tinha de bagagem, pelo fato de ser paulista, tenho 41 anos e conheço a Paulista, a Augusta faz tempo e... nessa nova perspectiva de pessoa em situação de rua né, que a gente tem uma outra, vamos dizer assim, outro “insite”, outra visão que a gente tem das coisas né, e... foi muito feliz esse texto aí eu fiquei muito feliz com o final porque foram aparecendo umas coisas meio que inesperadas né, eu, pra você ter uma ideia, a primeira rua quando sai da Martins Fontes e entra na Augusta o comecinho da Augusta a primeira travessa chama João Guimarães Rosa né, por isso que eu tô lendo ele tal, tem o Grande Sertão Veredas tal e... você andando nessa rua as personagens que frequentam essa rua, essa rua em São Paulo é conhecida pelo fato de... à noite tem uma vida boêmia muito intensa e ser um lugar de... de aqui na cidade de São Paulo de prostituição né, e de manhã tem aquela de ser uma rua meio comercial, meio que mora aqueles velhinhos né que moram ali naqueles prédios que resistem né à urbanização da cidade tal e... muitos jovens né, adolescentes que... você não sabe né, tem aquela contradição que eu achei interessante citar no texto, que é que “aparecem meninos que parecem meninas e meninas que parecem meninos” né aí eu até citei né do João Guimarães Rosa que são... andando na Augusta você... enxerga vários “Diadorins” né, que é aquele personagem dum () que ele é meio que... na atuação da TV Globo a Bruna Lombardi fez né...

P – Você chegou a ler o livro?

I – Infelizmente ((risos)) todo o livro eu não leio não, mas tem partes do livro que eu conheço bem porque ele é muito citado né eu li do João Guimarães Rosa dele é... eu tentei ler assim... mas a linguagem é muito difícil de ser compreendida né, principalmente por gente assim que é de outro estado vem dos centros urbanos e confesso que tentei ler o Grande Sertão Veredas, mas eu parei meio que no começo do livro, mas então é um livro que eu tenho vontade de insistir em ler porque já me disseram isso que é normal a pessoa tentar começar a ler e a linguagem ser um pouco complicada pras pessoas que não são lá do Norte de Minas, por exemplo, lá no Vale do Jequitinhonha tudo e eu pretendo ler assim porque dizem que...eu percebo... que é uma literatura muito boa, muito extensa né...

P – E você costuma ler outros autores?

I – Nó! leio sempre né.

P – É, o que que você gosta de ler?

I – Ah, eu assim eu comecei ler por influência do meu irmão mais velho né, ele... quando ele tinha 18 anos ele entrou no concurso da Caixa Econômica Federal que ele tinha um salário mensal e que logo no começo ele ficou sócio do Círculo do Livro... aí ele foi começou a comprar dois livros por mês na época era vendedor do Círculo do Livro ele levava pra casa e depois de lê-los passava pra mim, aí... eu lia de tudo né que ele trazia desde escritores ingleses né o Huxley aquele “Admirável mundo novo” até Máximo Gorki né escritor russo depois começou a trazer Clarisse Lispector e... Jorge Amado mesmo né, então por influência desse meu irmão mais velho que eu comecei a...

P – A ler todos também. Ele lia, comprava e você lia também.

I – Ele passava eu lia também.

P – E hoje, porque é... você começou menino... ainda então começou a...

I – Acho que daí deu esse gosto pela literatura né, porque a literatura tem essa coisa né, quando a gente pega o gostinho da coisa a gente não quer largar mais né.

P – Atualmente você tá lendo alguma coisa, não?

I – Atualmente eu tô lendo um livro, mas é um livro ((riu)) meio esquisito assim tô dizendo que é esquisito eu não sei nem se eu trouxe o livro ((procurando o livro na mochila)), acho que eu deixei em casa porque eu tinha que trazer um sapato que era pra mim trabalhar lá no refeitório porque eles tão com falta de bota lá e quando vai lavar os banheiro eu preciso de um sapato melhor que esse aqui pra não molhar os pé, mas é um ex-vendedor da OCAS ele é meio que esporádico aqui na OCAS ele tem 51 anos ele é de Jundiá, se não me engano e... ele escreveu um livro de esoterismo e... nessas andanças aqui na OCAS, ele, na última reunião com a Maria Alice que é a psicóloga que juntou aquele material todo pra escrever o livro lá de “Terapia de todos nós” né, aí a gente conversou e ele... tava com essa idéia de poder... poder comercializar o livro de autoria dele e ele emprestou um exemplar pra ler né, e a princípio é um livro sobre esoterismo, então o livro que eu tô lendo atualmente é esse.

P – Esses livros, essa leitura, você acha que isso influência na sua escrita?

I – Ó, com certeza né, eu sempre, eu sempre tive vontade de escrever aí por incrível que pareça né, tem... há males que vem pro bem, eu comecei... esse o único texto que foi publicado na revista porque eu fiquei muito satisfeito porque acho que num... pra mim não importa a quantidade sim qualidade né, e... eu nunca tinha tido oportunidade... já anteriormente eu já falava com pessoas né, no meu círculo de colegas e amigos tal aí falava: “ah, poxa eu leio bastante, mas não consigo escrever” aí teve um homem lá até que falou pra mim: “se você não tentasse começar a colocar no papel você nunca vai conseguir né”, eu acho que até então coloca no papel que sai alguma coisinha né, depois você vai organizando e tal... aí eu falo: “ah, não tenho coragem, não tenho coragem, eu não tenho ‘saco’ pra fazer isso” sabe, “eu gosto de lê, eu gosto de lê e escrever não é comigo eu acho que escrever é muito DIFÍCIL, a pessoa tem que ter sabe... tem que ter algum dom mesmo que eu acho que é nato né, já nasce com a pessoa ou outras coisas né, mas pegando... partindo do princípio que quem consegue escrever algo de bom lê bastante eu comecei a dar esses garrancho aí, mas... ((riu))

P – Mas você acha assim, para que você acha, porque que é importante escrever, porque que você tinha essa vontade de escrever?

I – Ah, eu... é uma coisa meio que... a gente, o fato de escrever, não tenho pretensão de ser escritor não sabe, eu acho que escrever realmente eu acho... continuo achando que seja muito difícil né, admiro muitos escritores né, admiro... às vezes a forma como cada um escreve né, você vê né, já vi várias coisas né na vida... uma vez eu li um texto do Chico Buarque de Holanda que ele fala que se debruça em frente ao computador e começa e tem um processo de criação literária diferente do Caetano Veloso, por exemplo, que tá fazendo barba né e... de repente vem uma letra de uma música na cabeça dele né...

P – De quem?

I – Do Caetano Veloso. O Caetano Veloso... uma vez vendo um documentário na TV Cultura, ele disse que escreveu aquela música “Outras palavras” quando ele foi se barbear e tal né, então essas diferenças do processo criativo da literatura... que eu acho muito maravilhoso né, isso daí é uma coisa que acho tá ligado aos dons das artes que Deus deu pro ser humano tanto na área da escrita, como na música, na pintura, nas artes cênicas também acho que é um dom de Deus e... é claro que é aquela coisa né, a questão é que é mais 90% de transpiração e 10% de inspiração né, mais eu num tenho pretensão assim eu gosto, ainda gosto de lê... mas não tenho pretensão de montar uma carreira como escritor...

P – Pois é, mas quando você escreve o que você sente?

I – Ah... é uma satisfação pessoal que acho que é pro escritor acho que é um bicho meio... nesse sentido, ele é meio... não é egocêntrico nesse sentido... egocêntrico no sentido do prazer que depois do

texto feito dá pra pessoa... eu fiquei muito, com esse texto da Rua Augusta aí, eu fiquei muito satisfeito de ter lido aquilo e assim: “poxa depois de lê tanto... mostrou aí uma coisa que eu escrevi né”

P – Ele mostrou uma coisa que você, mostrou pra você mesmo que você é capaz de uma coisa que você talvez nem imaginasse?

I – É, sim, nesse sentido sim.

P – Você até se conheceu um pouquinho através dessa escrita, conheceu uma capacidade sua que você não sabia.

I – É verdade né, anteriormente a gente conversando aqui eu citando sobre... o olhar na cidade né e foi muito feliz esse momento cronológico da feitura do texto, porque... foi naquele tempo que eu comecei a observar a Augusta né, de que... e essas possibilidades como eu disse né, de quando eu ia pensar né, eu passo na Augusta quase que vixi né, “mó cara” né, eu me lembro que eu ia buscar exame médico pra minha mãe lá na Avenida Europa e passava pela Augusta, mas eu nem “thum” de perceber que a primeira rua, a primeira travessa da Augusta era tem o nome de João Guimarães Rosa ou que...

P – Isso você começou a observar foi quando surgiu essa possibilidade de você escrever sobre a Augusta? Ou você organizou essas ideias?

I – Calhou, calhou o tempo cronológico como eu lhe disse de tá participando dessa oficina... de tá inserido nessa pauta que a gente havia escolhido previamente durante aquela semana, que a gente escolhe uma pauta num sábado e:: vem com algum esboço no outro sábado pra... porque normalmente temos quatro sábados né, fechar o texto na oficina então um escolhe a pauta e os outros três trazem esboço pra desenvolver até fechar o último sábado... e eu só pensei nessa possibilidade de esboçar essa coisa aí, esse texto né que eu fiz é:: no... foi assim no segundo sábado eu trouxe o esboço, mas foi tudo aí nesse tempo cronológico, no terceiro a menina jornalista me ajudou a lapidar...

P – E como é que ela ajuda, como é que é isso você mostra e ela vai mudando palavras assim, não?

I – É são pessoas assim né que... eu penso assim... eu tenho 41 anos eu fiz o segundo grau completo e infelizmente eu não pude fazer curso superior nenhum. Essa voluntária a Raquel, inclusive ela os voluntários que são meio esporádicos aqui também na OCAS né, tem gente que fica um mês, tem gente que fica um ano de voluntário depois acaba saindo, logo vem outros entende, e a Raquel no caso é uma menina de... se não me engano ela deve ter uns 20 anos, e ela tá no primeiro ano... se bem que... não no segundo ano de jornalismo e ela se dispõe vir aqui sábado com muito boa vontade e ela como tá estudando, tá praticando né, aquilo diariamente ela tem mais condições de pegar uma palavra e falar que tal palavra seja melhor aqui do que aqui ou... ela insistia muito: “a ideia tá muito boa só que tá mal organizado né, vamos organizar tal” a gente tava passando no café e a gente organizou lá.

P – É um trabalho mais de diagramação de texto, de organizar ideias, às vezes completar uma ideia que não tava clara... Agora me conta uma coisa, atualmente você já esteve em ou está em situação de rua?

I – Não, já estive e eu fiquei cinco anos em situação de rua.

P – Me conta um pouquinho da sua história de vida.

I – Então a minha... cada pessoa que tá em situação de rua, CADA pessoa precisa ter um lugar, CADA pessoa que tá em situação de rua teve o seu porque de tá naquela situação... no meu caso especificamente foi em função da... deteriorização do núcleo familiar em função principalmente dum irmão que eu falo que é o mais novo, mas assim somos em três homens em casa, tem esse mais velho que é... funcionário da Caixa Econômica Federal que tá com 48 anos que tá bem, eu tô com 41 atualmente tem esse que atualmente tá com 33, o Júlio¹²⁸ meu irmão mais novo... o Júlio infelizmente desde os 13 anos teve problema com dependência química, começou usar maconha, depois começou a usar cocaína, depois começou a usar crack e infelizmente se viciou em crack foi... tendo uma, um progresso nessa coisa da dependência química dele a ponto de... infelizmente a família se... ir desestruturando em função da, daquela coisa que toda família de dependente químico passa né, que a

¹²⁸ Nome fictício

gente sabe que é... barra pesada em horas que a gente não dormia em paz, porque sempre some coisas materiais de casa pra ele poder não ficar devendo na boca de fumo né, que hoje aqui em São Paulo chama (biqueira) né, as bocas de fumo que normalmente nas favelas tal e... minha mãe sofreu muito com isso né, minha mãe ...atualmente mora na Praia Grande né, que é no litoral Sul aqui de São Paulo e ela... teve a oportunidade que ela sofreu tanto com esse meu irmão aí que ela... ela se isentou né, ela chamou não só ele não, mas os outros dois também falou: “olha já tá tudo barbado, já tudo criado, eu vou me reservar a ficar aqui na Praia Grande porque eu já tenho uma idade tal e... vocês que... independente de um ser assim, outro ser assim, outro ser assado eu não quero mais saber de nenhum dos três né, vocês que se virem, eu já fiz minha parte, já criei os três” e atualmente eu tô morando né, com esse meu irmão mais novo que tá com 33 anos e... GRAÇAS A DEUS né, que antes tarde do que nunca, começou a ter consciência da... do problema da dependência química que ele tem que é muito forte né, no sentido de que... desde os 13, já tá com 33 né que nem a mulher do CAPS né, que é o Centro de Atendimento Psicológico Social que é ligada a prefeitura aqui em São Paulo que ele tá fazendo tratamento a psiquiatra falou pra ele: “nossa você tem uma bagagem né, de história que você pode me ajudar muito essa moçadinha que tá começando agora né de 17, 18 anos usando droga ilícita ou lícita você pode me ajudar muito porque... é raro eu ver pessoas como você assim” normalmente, ele sabe disso, eu conheci pessoas... desse uso comum aí dessa vida que eles tem né de submundo tudo que... foram pessoas que eu vi crescer e vi infelizmente morrer também né, tem duas pessoas...

P – A sua mãe ela foi, quantos anos você tinha nessa época?

I – Ó essa época eu tinha o que, uns 28, 28 anos.

P – Então até os 28 anos você morava com a sua família?

I – É nessa época eu tinha 28 anos... é que é assim a situação se deteriorou mesmo... é uma coisa que não é da noite pro dia, não é? Como eu lhe disse não foram nem 20 dias, nem 20 semanas, nem 20 meses, são 20 anos de dependência química né, ininterruptamente né, então tem vezes que a coisa melhora, logo pioram e... essa inconstância que vai também mexendo muito com o emocional das pessoas a ponto de as pessoas, chegou ao ponto de perder o respeito um pelo outro né, e a ponto de... porque é assim, mas quando eu resolvi vir pra situação de rua é quando minha mãe se, se reservou o direito dela morar na Praia Grande e eu... meu irmão mais velho ele é funcionário da Caixa Econômica Federal ele trabalha 18 anos em agências aqui em São Paulo depois pediu transferência pra Itu, que é essência turística aqui perto de São Paulo, conseguiu transferência, casou, teve uma filha e foi morar em Itu e eu fiquei com esse meu irmão.

P – Você ficou em casa com ele, na sua casa?

I – É, é. É um imóvel antigo que a gente tem lá na Vila Formosa de propriedade da minha mãe que... é uma pensão né, eu fiquei num quarto ele ficou no outro, mas ele tava envolvido ainda nessas coisas da dependência... conheceu pessoas lá na Vila Formosa que é desse mundo e colocou minha vida em risco, porque ele... uma... as pessoas que usam pensão são pessoas... eram bem... como na OCAS aqui, bem instáveis né, fica dois meses na pensão depois sai e vem outra, aí você não sabe de onde a pessoa vem tal não sei que lá e a pensão é da minha mãe a gente começou administrar porque era o único bem móvel que sobrou pra ela além do apartamento lá na Praia Grande a gente tinha dois aqui no Tatuapé, mas que infelizmente teve que ser vendidos pela vida que a gente tava vivendo tal e... quando ele alugou um quarto que uma pessoa que... eu fui conversar com ela informalmente ela disse que usava cocaína eu falei: “e não vai dar certo porque ele não sabe de onde veio, vai dar ‘merda’ né,” português claro, aí não deu outra... primeira sexta-feira, só que cada um cada um, a pessoa usava trabalhava numa fábrica de vela na Vila Manchester que fica próximo da Vila Formosa e meu irmão que fez com a família durante muito tempo, ou seja, que a família se disponibilizasse de... de tudo pra sustentar o vício dele achou o direito de fazer isso com a pessoa que alugou lá que não tinha nada a ver com a família dele né, era um alagoano tal e o alagoano daqueles porreta né, saiu com meu irmão aí cheirou aí meu irmão se achou que ele devia colocar mais cocaína pra cheirar o alagoano porreta falou: “ah, você vai sustentar teu vício né rapaz, tu é barbudo qual que é?” aí meu irmão se achou no direito de pegar arrombar o quarto dele pegar a televisão dele e levar pra biqueira lá, QUANDO eu chego em casa, eu num tava sabendo nada disso né, eu entro no corredor aí tinha um negão deste tamanho armado né, na cintura, o alagoano muito nervoso né com uma peixeira na mão e falando né: “esse é o

irmão dele tal” falou ((risos))com ele, então o que? Fui obrigado a falar né, eu quase me “cago” nas calças ou pelo menos né ((risos)) “que que é teu irmão é louco né?”o negão fazia assim eu falei: “ah, o que que ele fez” “Ah” aí eu já fui né matutando aquilo aí eu falei; “ah, o que que ele fez, vendeu sua televisão, tá.” Eu liguei pra minha mãe lá na Praia Grande, minha mãe teve que se deslocar lá na prainha pegar uma televisão reserva que ela tinha vim pra cá, dá a televisão pro cara pro cara sossegar e ir embora da pensão. DEPOIS do ocorrido, de feito o alagoano baixar a bola, vamos dizer assim, ele acabou saindo da pensão porque não tinha mais clima pra ele ficar lá tal, eu refleti comigo eu falei: “ah, quer saber, eu vou sair fora”, aí liguei pra minha mãe aí minha mãe falou: “ah, que que é você é louco, você vai pra onde, você vai morar na rua?” eu falei: “mãe eu cuido da minha vida, da minha vida eu cuido, mas nem que eu tenha que ir prum albergue público eu vou, mas eu não vou deixar mais outros colocarem minha vida em risco” bati o telefone e foi o que fiz... vim aqui pra cima da Esperança que era um lugar que eu mal conhecia, mas desci na estação Brás aqui comecei a perguntar, perguntar, aí as pessoas me disseram onde era aí eu fiquei aqui, fiquei na triagem e foi quando eu... eu fui morar no albergue e fiquei quatro anos e meio, cinco anos morando mais aqui no Arsenal da Esperança mesmo né, tinha vezes que eu morava oito meses aqui no Arsenal aí eu tentava um contato com a minha mãe, com esse meu irmão que tem dependência química a coisa tava mais ou menos... tá um pouco melhor tal ... aí eu retornava aí ele fazia outra besteira pegava, eu já tinha experiência, eu falava: “ah, vou ‘picar a mula’ de novo” aí eu “picava a mula” ficava mais um ano e dois meses aí... aí foi nesse ínterim que eu conheci, acabei conhecendo a OCAS que foi uma coisa que me deu Norte né, enquanto eu tiver nesse situação porque... quando você tá em situação de rua é terrível coisa e tal, fora da tua casa longe da família, aquela baixa estima né e toda vez quando você acorda no albergue você não sabe se vai pra direita ou pra esquerda né, e a OCAS foi uma coisa que me deu um Norte assim no sentido de todo dia quando eu saia do albergue já tem um lugar pra ir, onde eu vou lá conversar com pessoas que tavam passando o mesmo problema e a ter... como né a editora da OCAS falou: “ó aqui a OCAS, a revista OCAS é um instrumento da pessoa em situação de rua poder usar né, cabe a ela né...” eu me lembro claramente quando eu vim aqui fiz a entrevista pra pegar as dez primeiras revistas que é oferecida gratuitamente, a menina me explicou e eu: “ah, sim” eu tinha ido anteriormente uns vinte dias nessas famigeradas “bocas de rango”né que as pessoas falam né...

P – É tipo um restaurante...

I – É tipo um refeitório que instituições espíritas ou católicas mesmo ou servem na rua ou tem espaço físico aqui na cidade de São Paulo que você vai lá aí se faz aquela fila ENORME, mas... eu vi que não era meu lugar aquilo.

P – A sua ocupação no dia a dia era qual? Você tinha ocupação?

I – Então minha ocupação era vender a OCAS.

P – Antes da OCAS você ficava...

I – Ficava “a ver navios” mesmo, ficava “a ver navios”...

P – Andando pela rua...

I – Me sentia um moribundo né, porque...

P – Nenhum lugar pra ir você tinha?

I – Num tinha a não ser esses lugares aí que você vai só pra encher barriga só depois continua andar pela cidade sem “eira nem beira”, vamos dizer assim né, agora com a OCAS não, a OCAS me permitiu... pegar a revista ir prum ponto de venda, no caso o primeiro ponto de venda que eu tentei aqui em São Paulo foi o Parque Colégio...oferecer a revista embora tenha, teve uma dificuldade imensa porque a maioria das pessoas não conheciam o projeto era aqui na cidade de São Paulo, na hora do almoço que a gente vai tentar vender a revista né, que as pessoas saem dos escritórios e vão almoçar tem uma dificuldade ENORME em função de que no horário de almoço as pessoas querem ou almoçar ou possivelmente cobrir um cheque no banco alguma coisa assim e não estão dispostas a ouvir um projeto social por incrível que pareça o... lance da OCAS tem essa contradição né, que no albergue as pessoas são obrigadas a acordar muito cedo né, eu me lembro que no Arsenal começava acendia-se as luzes dos dormitórios às cinco horas da manhã e até quinze pras sete você tinha que tá na

rua... pra funcionar, porque é um albergue é enorme são 1150 homens, tem gente do Oiapoque ao Chuí fora os Sul Americanos, são bolivianos, chilenos, argentinos, paraguaios tal tem muita gente no Arsenal e... precisa funcionar aquilo né e tinha regras pra funcionar aquilo e as quais eu sempre tive... não tive problema de cumpri-las porque mesmo porque se não cumpri-las eles colocam a pessoa na rua de novo tal...

P – Ali você pode deixar suas coisas, tem um lugar que você deixa as suas coisas lá?

I – Tem um bagageiro, tem um refeitório que é o mesmo... equivalente do Bom Prato que é oferecido almoço pra comunidade né, que se paga um real e se almoça que lá em Belo Horizonte eu conheci também quando eu fui lá no... no Festival de Cidadania lá de BH e... à noite funciona pros internos só, então aquelas 1150 pessoas elas jantam no mesmo equipamento que é servido o almoço né...

P – Ali mais eles servem a refeição, mais então é lugar pra dormir e uma refeição né?

I – Exato.

P – E tem um horário de apagar as luzes...

I – Deixa eu só aqui fazer uma parte agora, por isso que é... albergue noturno né.

P – E aí à noite tem uma hora que apagam as luzes...

I – Dez horas, dez horas apagam as luzes.

P – E você costumava, quando tava no albergue, lê, tinha alguma atividade cultural não?

I – Aí que tá num, infelizmente eu gostava muito de lê na cama e no albergue não era possível né, mas... felizmente no Arsenal da Esperança é um albergue que... funciona bem apesar do número de pessoas que tem lá e tem até uma biblioteca né...

P – Dentro do albergue?

I – Dentro do albergue e eu fazia uso né, contínuo dessa biblioteca quando eu, quando eu tava também... disposto ou não fatigado fisicamente né porque... a vida no albergue é muito difícil né, também a gente sai num determinado, pra você ter uma ideia eu andava, eu andava mais ou menos meio que ininterruptamente das seis da manhã às seis da tarde sabe... sai vai pra, vem pra cá, vai pra OCAS, vai pro Bom Prato, vai vender revista e aqui não tá legal de vender revista, se locomove, come alguma coisinha pra dar mais um gás pra andar até outro lugar da cidade... aí vende um pouco de revista, aí vendi umas cinco revistas já tô com quinze reais, sosseguei um pouco... aí eu num quero gastar com condução vou economizar e vou a pé pro albergue entendeu, aí venho lá do Anhangabaú ATÉ o Brás aqui a pé, aí chegava seis horas eu chutava “o pau da rabiola” mesmo né...

P – Já chegava no albergue com vontade de deitar e dormir...

I – Exatamente.

P – O que você via assim no albergue, você já viu pessoas assim ligadas a leitura e a escrita, tem esse tipo de conversa?

I – Já. Felizmente o período que eu fiquei ALI de ter as mesmas pessoas que eu conheci no albergue que foi o SN que você entrevistou ontem né...

P – Vou entrevistar hoje.

I – Então, você vai entrevistar hoje um sujeito muito... é... muito rico né, o SNO ele tem aquela coisa toda, aquela coisa toda dos negros né e:: foi a primeira pessoa que eu conheci... que a gente se conheceu lá no Centro Alternativo de Arte e Cidadania, aquela proposta também de um cara que chamava VI [...] ele veio trabalhar com teatro, quando ele veio pra São Paulo se deparou com essa miséria, [...] aí ele criou um método aqui conversou a subprefeitura da Moca né, arrumou um galpão e criou um método que chamava “Teatro da Solidão Solidária” aí o que ele fazia... ia em albergues públicos ia na faculdade né, na São Judas e na (Anhembi) que são as mais próximas aqui da Moca onde fica o espaço Uso Comunidade e aproveitando alunos de faculdade, pessoas em situação de rua, profissionais liberais, donas de casa da Moca e juntava tudo num sábado à tarde num caldeirão que era

muito interessante né, a gente trabalhava sobre quatro trechos que ele havia escrito e sobre exercícios dessa técnica aí da Solidão Solidária que ele desenvolveu e foi onde eu conheci o “SNO”, o Gê que é uma pessoa muito bacana também ele é de Volta Redonda, Rio de Janeiro, o AX que era o braço direito do SNO que acaba proporcionando que o SNO escrevesse um monólogo do qual ele vai falar melhor que eu disse daí, que foi o primeiro texto de teatro encenado na cidade de São Paulo duma pessoa em situação de rua através dum CNPJ do CAC que ele conseguiu colocar no Teatro Fábrica São Paulo que fica ali na Consolação, ficou por pouco tempo, mas é uma vitória né, é uma carga de preconceito né essa coisa

P – E você acha que elas, as pessoas que estão envolvidas que estão em situação de rua e se envolvem com a escrita, porque que será que elas fazem isso, porque a situação já é difícil já tá com a autoestima muito baixa né, porque normalmente as pessoas ficam com a autoestima baixa demais, será porque que elas recorrem à escrita?

I – Eu num vejo correlação, eu num vejo correlação nisso eu... sinceramente falando eu num vejo correlação nisso, eu vejo que “n” pessoas que estão em situação de rua, pessoas como o Seu “CBA” que você conversou ontem que era formado a nível superior, é Químico formado, por uma fatalidade foi parar em situação de rua né, e a gente sabe que... o que é grande é o preconceito e não... o fato de o cara ser... vamos supor, vamos fazer um paralelo, se o cara é músico né, ele é músico anterior a situação de rua, ocorre alguma fatalidade na vida do cara que pode levar ele a situação de rua... ele vai ser músico de rua né, já tá inserido no contexto né, há possibilidade como eu disse do CAAC que vai abrir uma possibilidade do cara, ou mesmo se o cara vier a vender a revista OCAS aqui...tem a possibilidade da oficina de texto né, que vai abrir a possibilidade do sujeito pensar talvez numa coisa na vida dele que talvez ele nunca tivesse pensado né.

P – É, mas esse, vamos olhar por esse lado aí desse músico que você falou, o músico que tá até bem e de repente ele vai morar nas ruas, a letra das músicas talvez mudem um pouco.

I – Ah, claro.

P – Por causa da situação.

I – Claro.

P – Então, mudar... a escrita, será que isso interfere, será que isso é usado por algum motivo especial, qual que é a função da escrita...

I – Não, mais aí eu creio que parte do princípio que o homem é... é fruto do meio que vive né, aquilo assim, não só especificamente na situação de rua, enfim todo né, vamos supor, o cara que tá lá carceragem ele não fala sobre a vida dele né de privações, da carceragem tal.

P – Será porque que ele vai escrever também, porque será que a gente fica escrevendo e...

I – Ah, aí que tá, aí que ta... porque talvez na situação de rua eu já vi muita gente escrevendo assim... o SNO acho que é inerente da coisa dele, porque eu não conheço muita gente que escreve não, são poucos né...

P – Você acha que são poucos?

I – Tem a nossa vendedora que é a “TPF” né que não sei se você já conhece...

P – Vou conhecer hoje também.

I – Então, que é uma menina... uma pérola negra aquilo... aquilo lá é um dom de Deus mesmo né, e mesmo... ela nunca esteve em situação de rua, ela sempre tá em situação de risco social, por ser negra, pobre, mãe solteira, mãe de três filhos e ela que criou os três... mas ela tem um dom pra literatura que Deus lhe deu mesmo né, que... a gente num vê e é assim e perguntar... por que ela escreve é... tô falando de pessoas em relação de, é meio particular isso acho... o SNO eu tive a oportunidade de morar com ele numa moradia provisória depois que é um programa da prefeitura que depois do albergue quando se percebe que as pessoas tão gerando alguma renda, vendendo OCAS, por exemplo, as assistentes sociais encaminham pruns casarões antigos aqui no centro de São Paulo que tem a possibilidade de você ter a chave né, então você já tem uma certa autonomia, tal e era muito comum

deu chegar dá rua a noite e ver o SNO na cozinha escrevendo e tal, até brincava com ele, “o que o senhor tá fazendo aí e tal, não sei o que” “não eu tô escrevendo alguma coisa pro Trecheiro né” que ele tinha uma coluna no Trecheiro, mas... eu não sei porque que escreve, pra mim é um misto de solidão, especificamente a situação de rua né, que eu tô falando, eu acho que a solidão colabora muito pra você se expressar de alguma forma e não... que a... angústia de tá em situação de rua pode canalizar pra outra coisa que infelizmente que a gente vê que é mais comum né, que é o cara beber, o cara se drogar entendeu.

P – É talvez uma forma de desabafo que a escrita pode... ajudar, a função talvez seja essa...

I – É, embora eu insisto que eu não faça correlação assim da pessoa em situação de rua escrever, mas sim... anteriormente a pessoa já ter esse dom... tá em situação de rua elaborar textos que tenham a ver com essa situação... o SNO é um exemplo muito claro disso, ele tem até um livro de poesias que chama “xxx” tal... que são poesias que se você lê atentamente né, com certo cuidado, você vai ver que tá todas, quase todas tão falando dessa coisa da rua né, então é porque eu tenho em casa, aqui eu não tenho, mas tem uma coisa, infelizmente eu não trouxe, mas tem uma coisa aqui...

P – Desse livro que você fala?

I – É.

P – Eu tenho o livro, pode falar.

I – Você tem aí?

P – Não aqui não.

I – Infelizmente tem uma coisa que eu não me lembro, mas é uma que eu mais gostei né, que ele fala da relação da pinga pro chão, que o chão tal...

P – A pinga, eu lembro.

I – Você lembra?

P – Em poucas palavras ele vai puxando outras.

I – Pois é... eu achei muito interessante aquele texto lá né, e no final assim as pessoas passam né e num porque a pinga a gente paga ali imposto (nessa ideia dele) tá lá no chão e tal né...

P – Hoje você tá, qual que é a sua situação, hoje agora você saiu do albergue mora com seu irmão?

I – Exatamente, tô tentando né dá um Norte pro meu irmão também né, no sentido que ele tá fazendo tratamento eu percebo hoje que ele... até uma queixa que eu falei ontem quando eu fui numa psicóloga... que é assim... a pessoa quando usa droga muito tempo quando ela para de usar ela tem uma síndrome de abstinência, é comum e é muito complicado pra pessoa né, então tem que ter uma pessoa auxiliando, tô tentando, eu tô tentando né auxiliar que eu também num...

P – É um peso né, é um peso pra...

I – É um peso pra família né, e especificamente que quem tá fisicamente lá com ele no dia-a-dia sou eu, eu confesso que às vezes eu perco a estribeira, que às vezes é meio difícil eu saio andando, deixo ele falando sozinho, mas ele começa até chorar tal quando dá dependência química é uma coisa que incomoda né, não é que me incomoda, incomoda né qualquer cidadão acho né, é complicado, mas tomara Deus ele consiga aí com a medicação que ele tá tomando tal e tomando às rédeas mesmo né da doença dele nas mãos dele... é a primeira vez na vida que eu vejo ele fazer isso, espero sinceramente que ele consiga né.

P – E a sua situação de trabalho como é que ela está?

I – Minha situação de trabalho ela tá assim... hoje tá meio graças a Deus né tá meio corrido o negócio, mas tá graças a Deus eu consegui registro na carteira e até tem a entidade que é a Rede Rua que publica o Trecheiro também e a Rede Rua que anteriormente eu já te falei é composta por dois albergues que ficam no bairro Santo Amaro, um refeitório... chama refeitório Penaforte que fica na Rua Penaforte Mendes aqui na altura da Nove de Julho na Praça 14 Bis atrás né, onde é servido o café

da manhã, almoço e janta pras pessoas que estão em situação de rua... é o único refeitório na cidade de São Paulo que serve janta também, os outros só servem almoço, a pessoa toma normalmente o café da manhã no albergue e... felizmente eu tô trabalhando lá.

P – Então hoje você não tá em situação de rua, hoje você tem endereço fixo, com seu irmão você mora onde mesmo?

I – Moro na Vila Formosa.

P – Lá na sua casa, onde vocês moravam antes?

I – É.

P – E já tá com carteira assinada, situação de trabalho tá...

I – Não tá muito, não tô muito satisfeito não porque o dinheiro mesmo eu só vou ver daqui um mês né... ((risos))

P – É o primeiro mês?

I – É o primeiro mês, aliás, hoje, ontem foi minha folga porque eu trabalhei cinco dias direto, trabalhei... comecei a trabalhar na sexta passada, sexta, sábado, domingo, segunda, terça, ontem folguei, hoje eu vou pegar da uma até as dez né...

P – Então agora o seu primeiro emprego com carteira assinada.

I – É.

P – Então é um passo novo que você tá dando na sua vida hein?

I – Ah, tá sendo um...

P – Já tá estabilizando, daqui a pouquinho tá... arranjando uma namorada, mais séria...

I – Não, eu já tô namorando.

P – Já tá namorando, tá casando daqui a pouco...

I – Ah, tomara Deus né.

P – É e formando a sua família...

I – Eu tenho vontade né.

P – Vai se Deus quiser, se você tem vontade...

I – É a vontade e...

P – Persistência né, você consegue.

I – É claro.

P – Tem alguma coisa que você quer me contar que nós não falamos aqui, que você acha importante.

I – Ah, não sei... acho que... o que eu mais desejo e o que é mais a gente bate contra... não é a pessoa está em situação de rua... acho que... a condição de situação de rua é um termo muito relevante do que eu... eu uso muito um exemplo nesse tempo que eu tava no Arsenal eu fazia uso da biblioteca aí lendo uns livros que tinha lá... eu peguei um livro de uma, não sei se era socióloga ou antropóloga... que ela fez um estudo que desda idade média existiam pessoas que resolviam perambular por aí e não aceitava aquela coisa de... se fixar num lugar e tal e que até tem uma foto duma pessoa dessa era um desenho que era um italiano no caso que ele tinha uma..., uma... como se fala, uma mochilinha atrás né nas costas com umas panelas tal e... essa coisa enfim... né... o que eu quero dizer é assim, é que as pessoas, a maioria da sociedade né, sempre se pauta pelo que... é no, tem uma expressão em inglês que é “establishment” né, que é o que na minha opinião é pros poderosos né, os que detêm o poder tanto na área financeira como na área de comunicação também... nos proporciona pra viver o que a gente vive né, sendo que quando... você tá na sua casa, você tem o seu emprego normalmente te vendem uma sensação de segurança que pra mim não é real não é, enquanto outras pessoas tão morando muito

mal, tão passando né, tão tendo problemas aqui em São Paulo que é grave de enchente, leptospirose tal né, então é o que é... o que é... o maior câncer assim nesse sentido é o preconceito das pessoas, porque as pessoas vêem as pessoas em situação de rua, ah, é claro que eu não posso generalizar todas as pessoas que eu conheci porque tem muita gente que vendendo a revista OCAS parava, conversava comigo e o que mais me chamava atenção nessas pessoas falavam: “nossa, mas eu vejo aquele cidadão naquele estado e eu me sinto impotente, porque eu não posso ajudar, não sei como ajudar aquela pessoa né, como é que eu faço?” perguntava pra mim né, eu falei: “olha ((risos)), a mim você pode comprar a revista que você vai tá me ajudando né, agora aquele cidadão tem instituições que ajudam, o senhor pode entrar como voluntário lá e começar a trabalhar também tal” e... a gente vê aqui em São Paulo porque... essa coisa muito né do preconceito que é muito... eu tenho raramente assim porque quando eu comecei a vender a revista, assim, vamos supor que você é uma leitora né, eu te parei na rua que já é nossa... se eu estabeleço dois minutos de comunicação saudável na rua a pessoa normalmente que eu consigo vender a revista só se a pessoa diz que não quer comprar não, não compra porque deve ser respeitada também, mas eu falava assim, ó peguei a revista aqui né ((dramatiza a situação pegando a revista e folheando-a como se estivesse mostrando a revista para alguém)), aí eu falava assim: “ah, você conhece a OCAS?” “ah, não nunca...” “então a OCAS é abreviação disso aqui, é associada a essa rede aqui e ela né... é a possibilidade de geração de renda pras pessoas que estão em situação de rua tal” aí quando eu falava isso a pessoa fazia assim eu ((levanta-se e dramatiza a situação na qual o passante balançasse a cabeça e a mão negativamente)) falava: “uai que que tá pegando aí?” ((risos)) ou senão a gente fala aqui muito na OCAS que tem uma mão burguesa né... é muito comum em São Paulo que é uma, é uma cidade que tem um time, que são muito ligeiro né, às vezes você tá abordando a pessoa na rua assim, ((continua a dramatizar a situação na qual o passante afasta-o com a mão)) “ou o que você tá fazendo” aí as pessoas passam lá, principalmente na Paulista aqueles homens bem vestidos as mulheres de “tailler” tal aí PASSA, mas finge que você não existe né... às vezes você se coloca bem...você não pode dar passagem pra pessoa, mas você vai de acordo com o que faz...((risos)).

P – Já te empurra de certa forma, dá aquela parada.

I – Existe a mão burguesa né, a mão burguesa.

P – Essa mão de afastamento.

I – É.

P – Mas isso será que é só com a revista, com a OCAS ou é com todo tipo de venda, porque o que a gente vê hoje na rua é um comércio intenso né.

I – Ah, infelizmente hoje em dia na cidade de São Paulo tem um problema de comércio informal muito grande né, de camelôs, mercadoria pirata que... o poder público principalmente acaba colocando todo mundo no mesmo “saco” né, inclusive a OCAS... eu tive problema de vender a OCAS com a GCM né, que é a Guarda Civil Metropolitana né, quando eles declararam guerra mesmo aos camelôs aqui no centro da cidade eu tava vendendo OCAS lá no Centro Cultural Banco do Brasil e veio um GCM e falou: “você tá vendendo essa revista?” eu falei: “tô” aí eu tentei argumentar falando que era um projeto tal aí ele falou: “ó, posso até entender isso, mas você faz o favor, você pega as suas revistas, coloca na sua bolsa e vai dar um ‘rolê’, porque minha chefia tá pra passar aqui se minha chefia passar aqui e ver alguém vendendo alguma coisa não é incomum... eu vou ter que contratar um advogado porque eles me acusam de prevaricação”, ou seja, ver uma situação e não tomar atitude né... eu fiquei assim... é o Cabo Rodolfo aqui da, faz parte da GCM aqui da Sé aí eu num...

P – Foi até tranquilo com você né, pelo menos não te tomou a revista...

I – Foi, foi, mas eu me senti um pouco assim já... ah, foi um dia meu ruim que eu tava... e num tava conseguindo vender aí... ah, na rua acontece muita coisa ao mesmo tempo também que você tem que né...

P – É uma oportunidade assim, é uma luzinha que você vê e que alguém vem tentando apagar.

I – É, é, exatamente, exatamente. Você tá mó, usando esse tipo de alusão que você fez você tava né (versicando, versicando, versicando) vem alguém com um balde e joga em cima de você, vai ficar “puto” né...

P – É porque em outra situação você ficaria pior né, sem vender aí é que você talvez fosse um risco né, porque uma pessoa que tá à toa, parada e...

I – Porque eu não posso bater boca com ele né...

P – É.

I – Eu não posso bater boca, tenho que, mas eu vou tá perdendo a minha razão né se eu fazer isso num tem, teve experiências vendendo a OCAS que da maioria das vezes foi maravilhoso assim, fiz amizade...

P – A OCAS parece que é um, é um ponto muito forte na vida dessas, quem consegue vir e começar e se envolver com o projeto parece que é uma coisa que...

I – Claro, assim como o Seu “CBA” que você falou... que deve ter falado muito bem do projeto eu e outros vendedores aí que conseguiram dar um Norte na sua vida através do projeto, foi infelizmente a população em situação de rua aqui em São Paulo, inclusive tem uma matéria do “Cabeça sem Teto” que foi feita pelo Márcio, já que a gente não tá fazendo né ((risos)), ele fez sozinho aí a gente tava aqui numa reunião na casa de oração do povo de rua... discutindo que vai ter possibilidade do MDS né, do Ministério de Desenvolvimento Social... eles fizeram uma pesquisa pra saber quem que são as pessoas que tão na rua pra ter algum tipo de grupo interministerial né, envolvendo trabalho, saúde e habitação pra ver o que que eles podem fazer né, e aí tá tendo essas reuniões aqui, mais essa foto aqui do poder público ((mostra a página da revista)), por exemplo, ela é muito chamativa né, porque você lendo depois da matéria você vai perceber que a pessoa aqui tá órgão de uso da prefeitura, aqui é uma região central, aqui tem uma pessoa dormindo né, coisa ali os cara joga água “sem eira nem beira” né, em cima do cara mesmo...

P – Eles tão lavando, eles não tão nem aí né.

I – Segundo o subprefeito da regional Sé, eles tiveram até uma reunião e ele argumentou o seguinte, ele né como subprefeito da Sé, ele falou: “mas as pessoas que usam o centro da cidade elas querem a cidade limpa... eu não tenho culpa que o senhor tá lá” ele falou bem assim né, eu tenho que prezar pela maior parte da população não posso...

P – Você sente muita falta da oficina?

I – SINTO, sinto, é o que eu mais sinto falta.

P – Mas você sente falta da oficina que era um espaço que vocês tinham pra...

I – Nossa, eu tenho muito...eu sou muito dinâmico eu tenho muitas ideias, eu até brinquei com o Márcio uma vez que a maioria do nome dos textos né da... da matéria acabava que todo mundo opinando, mas eu... eu tenho... tenho, vamos supor, um dom mesmo pra sintetizar as coisas né, quando a Rita Cadilac veio aqui foi uma possibilidade de sair um texto muito interessante também porque através de uma outra voluntária que trabalhava com shows, tinha um contato da Lurdinha que é a assessora de imprensa da Rita Cadilac, aí ligou pra ela, aí ela falou: “ó ligou eu vou aí, vocês querem me entrevistar eu venho” aí... sábado nove horas da manhã tava eu e os vendedores aqui a gente teve quase um troço né, de ver a Rita Cadilac do imaginário masculino né, aquela coisa né, mas o Márcio já anteriormente falou: “ó a gente não vai explorar nem a bunda dela nem os filmes pornôns que ela fez, a gente vai explorar o lado social que ela sempre fez né, que foi prevenção de AIDS que tem no Carandiru, quando existia Carandiru aqui em São Paulo que inclusive na entrevista a gente... ficou sabendo que ela não tem apoio nenhum da Secretaria de Administração Penitenciária, ela faz aqueles shows distribui camisinhas do bolso dela né e cartilhas do DST AIDS dentro do presídio do bolso dela e assim... foi muito divertido assim perceber que às vezes o que é vendido né, aí tocou em assuntos delicados também sobre os filmes pornô, sobre a questão do PCC tal... tem até né coisas que a gente não podiam sair publicadas porque talvez alguém do PCC que lesse né, podia se meio complicado né, mas assim foi...

P – Foi um sucesso essa entrevista.

I – Ah e assim é... e tipo assim na... quando chama a matéria né, tipo aqui ó ((mostra a página da revista)) “Vozes em busca de justiça” ele provavelmente ele que né, ele que colocou, mas da Rita tava lá a gente chama essa matéria de como né “Rita de Cássia Cadilac”, “Cadilac na oficina” né, porque tinha vindo na oficina de texto aí foi, foi chuvando, foi chuvando, aí ficou aí tem uma Rita, Ritas porque ela a gente percebeu que envolve não tem como você desassociar a Cadilac da Rita de Cássia que é o nome dela mesmo, porque ela é devota de Rita de Cássia né tem... quando você entra na casa dela tem um Santuário que é até meio complicado eu que fiz essa permuta de juntar o sagrado com o profano porque tem uma foto dela no tempo que ela tava no Chacrinha junto com ((rindo)) a Rita de Cássia lá tal, então não tem não dá pra dissociar né, aí eu pensei assim aí me veio na cabeça “As Ritas”né aí seriam “As Ritas dois pontos de Cássia Cadilac” porque ficou as Ritas né, que todo mundo votou tal e ficou um pouco pro final e de Cássia Cadilac no outro aí foi meio que também dei um jeitinho né aí eu falei: “ah...”

P – Ficou legal, fez um contra, colocou o comum e o oposto aí das duas, ficou legal.

I – É.

P – Esse texto da Rua Augusta aí que você fala, eu acho que eu li um que é, logo que, eu não sei se é esse que começa citando uma passagem de um texto de uma música do Caetano. É “rua, essa rua sem luz...” alguma coisa, é essa reportagem que você fala da Rua Augusta não?

I – É.

P – Você costuma usar passagens de textos nos seus textos?

I – Ah, com certeza referência sempre, sempre.

P – Você tá falando que você gosta de dar os títulos e isso é uma força, costuma usar vozes de outros autores né, do Caetano e tal pegar alguma passagem e inserir no texto?

I – Ah, com certeza, até nesse texto da Rita eu usei aquela música do Chico Buarque lá que “a Rita levou o meu sorriso, no meu sorriso dela no assunto”, mas aí... não deu certo... eu pensei nisso, mas não deu certo né, mas comumente, por isso que a oficina... tem uma oficina legal porque a gente tem uma bagagem cultural que vai se usando isso daí né...

P – Ela prepara...

I – Eu se tivesse tido a oportunidade de estudar, de fazer uma faculdade, de trabalhar alguma coisa eu possivelmente, usando essas coisas que eu tô lhe falando, eu uma vez eu falei pro Márcio eu gostaria de trabalhar numa agência de publicitário no setor de criação porque eu sou bom pra criar, pra ter criatividade, pra ter idéias.

P – É que são textos mais sintéticos né, o texto publicitário você tem que falar pouco e forte a sua palavra né.

I – É, mas idéias, outras ideias entendeu.

P – É porque você tá falando em título.

I – É e a capacidade de sintetização também né, porque genial eu não sou nem do dedão do cara lá o Washington Olivetto, mas “num é uma Brastemp” é... sabe... ((risos))

P – É bom mesmo.

I – Eu tiro o chapéu pro cara porque nossa.

P – Bom, então agora nós vamos encerrar né, tudo bem?

I – Foi um prazer conversar aí.

P – Quer falar mais alguma coisa?

I – Não acho que tá bom.

Informante 7 – Código de identificação 07NSJ, entrevista feita em 17/09/08. São Paulo.
Tempo: 00:34:58

Pesquisadora – “Fulano” primeiro eu queria que me contasse como é a sua vida, queria que você me contasse a sua vida, sua história de vida.

Informante – Posso começar do começo?

P – Pode, pode começar do começo.

I – Então, eu nasci no sul da Bahia, numa fazenda chamada “Pedra do Sino” que essa fazenda é da minha avó ela tem 85 anos e me lembro assim aos quatro anos de idade mais ou menos eu gostava de levantar cedo, às seis da manhã pra tomar café e conversar com as plantas e dialogar com elas pra mim seria uma mania que eu tinha e até meus parente criticava eu chegava com o rosto, molhar o rosto com o sereno das plantas e eu lembro que aproximadamente cinco anos, meu pai, meu padrasto eu não conhecia o meu pai verdadeiro, meu padrasto ele saiu foi fazer umas compra na feira dia de sábado e quando ele chegou com o rádio, um rádio que seria do tamanho de uma caixa, uma caixa grande, aí ele chegou eu perguntei pra ele assim, eu gaguejava, eu falei: “bença aí painho?” aí ele: “Deus abençoe meu filho” eu falei assim: “o que que é essa caixa?” aí ele falou: “essa caixa eu vou fazer ela falar.” aí pôs seis pilha de bateria e ligou o rádio e tava cantando uma música do Raul Seixas que se chama “Oro de Tolo” eu lembro isso até hoje e eu comecei me tocar na letra da música e quando foi à noite eu comecei sonhar com disco voadores eu via uns aviões diferentes nos espaços às vezes carro preto aquelas coisas e comecei vê umas coisas, estrela brilhando assim e eu fiquei com aquilo na cabeça só que eu não gostava das músicas do Raul Seixas, quando foi a sete anos mais ou menos de idade eu tive um sonho que eu fui no inferno é quando fui recebido por uns monte de atentação, fogo e água suja, cobra, serpente e uns demônio diferente um do outro e nisso eu continuei minha vida é saí de casa aos 13 anos de idade, brigava muito com a minha mãe, até hoje nós não se dá bem, eu mais ela, eu saí de casa aos 13 anos aí apanhei muito do mundo eu fui morar numa fazenda bem distante da minha casa, parente meu não sabia onde eu morava e eu ia pras festa com os amigos da minha infância, chegava lá os cara jogava eu em confusão, às vezes eles mesmo batia em mim nós começava a discutir e...((interrupção)) Os amigos jogava eu em muita confusão, muita bebedeira, me ensinou a fumar maconha aos 13 anos de idade, aí eu voltei pra minha casa, a minha mãe foi me buscar com meu padrasto eu já tava com 17 anos e eu tava jogando bola eu e uns amigos...((interrupção)) Então... eu parei no.... [você tinha um padrasto...], sim eu tava/fui trabalhá numa fazenda e eu cheguei eu tinha um facão e uma bota de borracha eu cheguei numa fazenda e perguntei pro proprietário, eu falei: “ô bênção senhor” ele: “Deus abençoe” aí eu falei: “senhor o senhor poderia me dar um trabalho?” ele falou assim: “olha você nem saiu das fraldas ainda de onde que você vem?” eu falei pra ele: “eu sou de Ussuca, é pertinho da cidade de Ilhéus e eu não tenho pai nem mãe e eu queria trabalhar” aí ele falou assim: “você..” me deu um trabalho pra trabalhar dentro da casa dele como mordomo tinha a esposa dele, só que naquele tempo não chamava mordomo chamava caseiro, essas coisas assim, aí quando eu voltei pra minha casa aos 17 anos, minha mãe foi me buscar e eu voltei, daí eu completei 18 anos vim pra São Paulo aí fui trabalhar na construção civil na região aqui de Vila Nova Conceição, Santo Amaro aí fiquei, voltei na Bahia comprei a minha primeira casa nessa cidade, um ano e meio depois.

P – Você tinha quantos anos nessa época?

I – Nessa época, quando eu comprei minha casa eu já tava com 19 anos né, primeira casa e minha mãe morava na roça, mais meus irmão e meu padrasto... aí minha mãe, meu sonho era montar um salão de festa que eu sempre fui festeiro, minha mãe: “não meu filho você vai voltar pra São Paulo, você tá novo, você vai arrumar trabalho lá então você compra uma casa pra eu morar com seu padrasto” aí eu falei: “tudo bem” deixei a minha irmã, minha mãe e meu padrasto... tinha na época dez filho, comigo seria onze que eu sou o mais velho, aí vim pra São Paulo, fiquei 15 anos sem voltar lá.

P – A sua família ficou lá?

I – Ficou lá, toda a minha família. Eu voltei pra São Paulo em 89, foi no ano 90 aí eu voltei pra São Paulo aí fui trabalhar no cinema aqui na Avenida São João... aí arrumei serviço no Cine Santana e eu era porteiro e disso que porteiro começou a ter assim pode falar a verdade?

P – Pode.

I – É peça de teatros de filmes pornô sexo, pornografia e eu como eu era meio curioso eu comecei a falar que eu conseguia fazer aquilo ali aí o autor do, o diretor da peça ele falou assim: “vamos por o ‘fulano’ pra fazer um teste” aí eu fiz o teste com uma menina chamada Rosana e eu passei no teste e eu fiquei quase um ano fazendo esses trabalho de filmes pornô é... peça de teatro. Aí eu fui morar em pensão que o lugar era vizinho e lá eu arrumei é muita namorada comecei me envolver com muitas mulher, fui parar no albergue que chamava Daes em 93...

P – Foi quando você então começou a ir pra rua.

I – Isso... comecei ir pra rua aí fui parar nesse albergue aí morei quinze dias, mas como eu sou um cara que sou muito inteligente, eu comecei fazer minhas correria, buscar emprego, buscar oportunidade ia nos programa de televisão me oferecia pra cantar mesmo sem saber de nada, além das minhas música que eu escrevi nas antiga, por exemplo, aos sete anos de idade eu tinha... minha mãe me bateu e eu comecei a chorar debaixo de um pé de cajueiro, uma planta, uma árvore... chegou um passarinho e começou cantar uma música, uma mensagem, assim tipo uma mensagem eu acordei e foi quando eu decorei na mente a minha primeira música e escrevi ela... aí eu comecei, escrevia uma música aqui, trabalhava de... ascensorista... aí foi em 2000, 26 anos eu casei, eu casei com uma Helena que foi a minha esposa que eu primeiro que eu casei com ela, ela teve o filho aí quando ela tava grávida do outro filho ela fugiu com o primo dela pra Bahia e levou... ela bem distante da minha cidade... aí levou um filho nos braços e um na barriga, fugiu com seu primo. Eu fui morar no interior de São Paulo num lugar chamado Iguaçu e lá eu conheci uma menina de 15 anos... a Márcia e eu comecei... ter um caso com ela, engravidei ela, ela teve uma filha eu coloquei o nome de Pâmela Aparecida e essa mulher, seis meses depois fugiu de casa com a mãe dela e deixou a criança comigo... eu fiquei um ano e sete meses cuidando dela sozinho, pagava pra alguém cuidar e trabalhando e fui morar em Campo da Rocha e fizeram uma denúncia falsa de mim, falaram que eu era traficante, pra tomar minha filha, falaram que eu era traficante, que eu usava muita droga e que eu jogava...((interrupção)) aí acusaram eu de traficante, falavam que eu maltratava minha filha... eu trabalhava nessa época... eu trabalhava montando palco... eu viajava por vários lugares do país, trabalhava numa empresa que chamava Carder, eu tinha contato com muitos artistas e aí minha filha... o Conselho Tutelar tomou a minha filha de mim levou prum orfanato e eu fui parar no Arsenal da Esperança, hoje seria, não sei se você sabe, mas seria tipo um albergue não é mesmo um albergue eles não gosta que chama... eu fui parar lá, aí 42 dias eu consegui localizar um irmã minha pedi ajuda pra ela, ela foi me ajudou, tirei a minha filha do orfanato ela tava com um ano e oito meses e eu ganhei a guarda dela... aí eu levei ela pra Bahia, hoje ela tá com a minha avó que é a mãe do meu padrasto tá cuidando dela, ela vai fazer nove anos agora em Novembro. Disso aí eu voltei pra São Paulo, construí uma casinha na cidade de Diadema aí fui... tive que vender essa casa pra viver aqui porque era muita droga, morava na favela, terreno da prefeitura, pessoal queria... chamava a gente de dia pra ir pro mau caminho eu não queria seguir aquele caminho... às vezes a gente era obrigado pagar até pedágio pra morar nesse lugar... daí eu saí de lá e continuei minha vida, participei do Leão Lobo, fui participei do Zé Bento, vinte e nove vezes com o apresentador Leão Lobo... fui mordomo da comadre dele a Mercê Alexandre e fui fazer uma visita a Caraguatutuba, nessa semana que eu tava em Caraguá, eu sonhei, eu não conhecia aqui o Centro Franciscano e eu sonhei, isso foi 2005.. eu sonhei que o Raul Seixas verdadeiro fazia um show aqui no Centro Franciscano e que eu chegava e roubava a capa do violão do Raul Seixas... que eu pegava e queria levar pra mim e que uma menina de 14 anos, ela aproximou de mim falou assim: “olha, essa capa é do Raul você não pode pegar a capa dele, apenas você pode CANTAR as músicas do Raul Seixas.”ela queria dizer assim que eu podia fazer um “cover” do Raul e eu fiquei assim eu falei: “então você tá certa” nessa mesma semana eu tive uma grande perda eu sonhei também que uma... sobrinha minha a Ludmila chegava pra mim e me dava um monte de flores, chegava com uma irmã minha, a mãe dela, e meu cunhado que é padrasto dela, aí me dava aquele monte de flor, na mesma hora apresentou um adolescente assim de bermuda e nu da cintura pra cima, nisso era o meu irmão que tava morrendo na Bahia levou, ele foi morto pelo traficante. É:: teve uma confusão lá entre ele, meus

irmão não tem problema com droga, não tem problema, são tudo trabalhador e eles tavam tomando umas bebida, foram passando na rua e o traficante saiu atirando nele aí matou meu irmão com 16 anos e matou o irmão dele também, o tiro pegou por ele no irmão dele, esse cara também já foi morto, esse traficante também... daí eu continuei fazendo esses “cover” aí cheguei aqui fui, morava no Arsenal aí fui procurar, fui encaminhado pelo uma assistente social pra mim fazer encaminhamento que eu fiquei sabendo do primeiro concurso que eu participei, foi 2007 é o “Caça Talento, grito silencioso” aí eu vim aqui... e não que eu tô querendo é lamentar, mas eu cheguei aí toquei a campainha saiu um rapaz daqui, um funcionário, ele me atendeu e falou assim, eu falei pra ele: “ô irmão eu queria me informar sobre o concurso de caça talento, eu fui encaminhado pelo uma assistente social pra mim fazer uma inscrição” aí ele falou assim: “olha, eu num sei nada disso não, não sei nada de: caça talento não e ó o chá começa às quatorze hora se você quiser tomar o chá espera na fila.” aí eu fiquei assim, nem sabia nada de chá, aí fiquei assim “o que é chá?” Vi um monte de gente aí fui embora, vô saber, cheguei lá eu comentei com a assistente social ela falou assim: “olha, eu vou te encaminhar pra outro lugar porque o pessoal não te conhece, o pessoal vê você assim pensa que você tem um coração ruim, mas você não é uma má pessoa, você tem um coração bom.” aí encaminhou eu pra uma casa de apoio eu fui nesse lugar, quando cheguei lá uma mulher me atendeu aí ela falou assim pra mim, eu falei pra ela a mesma história do concurso ela falou assim: “o senhor veio pra comer, porque que o senhor não aguarda na fila? Aguarda na fila o senhor está com historinha de concurso.” eu falei: “senhora, mas olha atrás aí o cartaz anunciando.” ela falou: “ó aguarda na fila aí vai comer depois a gente conversa.” aí já que eu tava lá falei: “vou comer.” comi quando eu saí ela fechou a porta.

P – E você ia participar era com textos?

I – Não, eu ia é fazer... dublar Raul Seixas... eu ia fazer uma participação. Aí eu voltei falar com a assistente social, ela ligou pro Robson, ela ligou pro Robson o Robson falou: “não falta um dia só.” aí ele falou assim: “manda ele vim aqui.” aí eu vim... eu morava lá no Brás... aí eu vim praqui, quando cheguei fui procurar ele na câmara, chegou lá ele fez a minha inscrição aí eu ganhei o concurso, primeiro lugar, ganhei e o: representante no movimento desse negócio de assistente social, aliás, dois, um deles me chamou a uma entrevista particular aí falou assim: “você ganhou o concurso e nós te damos uma medalha, essa medalha não seria um prêmio, nós vamos te dar uma moradia, seria uma casa da CVHU.”, aliás, tinha um depois chegou mais outro... eu sei o nome deles dois, só que eu não quero assim... aí me ofereceu esse prêmio aí eu procurei ele vinte e duas vezes, nada dele, sumiu, aí quando é agora ele começou aparecer, agora em 2008, foi quando eu vi ele aí eu procurei pra ele, ele falou: “ó vô te oferecer pra participar do outro concurso.” aí pôs eu pra participar do outro concurso, eu fui ganhei o concurso também em primeiro lugar, no fim mando e-mail pra ele, falo, nada, ele não comenta nada sobre isso e eu também não tenho a quem cobrar chegar assim e me expor pra dizer não vou cobrar e eu tive muita, eu agradeço a Deus pelas minhas conquistas, tive o prazer de cantar com o presidente Lula é... 2007... 22 de Dezembro eu fiz uma abertura do Raul Seixas e como eu digo assim, eu gosto muito de canto, sou jardineiro é... sou artista plástico... eu sei fazer plantas artificial... gosto de viajar e gosto curtir a vida assim.

P – O motivo que te levou a morar na rua mesmo, qual foi? Porque que você resolveu a morar em situação de rua?

I – É assim... eu não é nem que eu tenho vontade... eu tenho vontade de sair pela, mais pela discriminação que há entre a gente.... o que me trouxe a morar nessa situação é porque assim, foi problema de mulher, mulher e esse movimento dessa minha casa que eu tô lutando por ela, eu tenho que conseguir ela porque eu assim, eu quero buscar minha filha pra tá perto de mim, minha avó tá com 85 anos eu que tenho que cuidar dela e: problema de mulher, tinha uma loja em Mogi das Cruzes no bairro de Ilha Peba eu como eu produzia minhas artes, eu mesmo fazia meus artesanato eu montei uma loja, aluguei um ponto e paguei... pagava cem reais de aluguel mais vinte de água e luz seria cento de vinte e com três dias que eu tava lá apareceu uma mulher ela dizia que era evangélica e ela tinha um... supermercado assim, um mini mercado de frente a minha loja e ela falou pra mim assim... ficava só na minha loja... aí eu perguntei pra ela porque se ela não tinha marido, ela largava a loja dela, o mercado dela e ficava ali, ela falou: “eu não tenho marido.” eu falei: “e aquele rapa... senhor que fica lá um moreno cidadão.” ela falou: “é meu sócio.” aí eu comecei namorar com essa mulher, ela tinha 32 anos, quando foi com quinze dias, esse negão que a pessoa que ela indicou assim que morava com ela, me

esperou numa quebrada ele e mais três cara e me deu uma surra, me bateu... aí saí, ainda a polícia passando na hora aí pegou e falou: “não...” levou nós todo mundo pra fazer um boletim de ocorrência aí eu falei pra ele: “senhor eu faz quinze dias que eu moro aqui eu não conheço ninguém aqui foi ela que foi na minha casa e falou que era sozinha.” aí o policial falou deu razão pra mim, porque eu tava certo não sabia e eu, ela largou do cara e eu continuei morando com ela e... quando foi uns seis meses depois o cara mandou dois cara pra ir atirar em mim lá e eu tive que sair de lá dentro dum carrinho de carroça... os cara jogaram uns cobertor por cima, uns amigos e tiraram eu de lá e eu perdi tudo que eu tinha aí eu vim parar no Arsenal da Esperança novamente... esse foi mais um motivo deu, deu vim pro albergue.

P – Você chegou a estudar?

I – Sim, eu estudei... na Bahia eu estudei até a terceira série do primário, era ABC, Cartilha, Nova Infância e... até o terceiro ano aí vim pra São Paulo, só que aqui eu num estava assim em escola, mas eu lia bastante eu escrevia, continuei escrevendo e o mundo foi me ensinando, em 2005 eu fiz um curso de jardinagem na Cidade Universitária de São Paulo e daí eu acabei completando o primeiro grau, assim, como é o... é o Ensino Fundamental.

P – Você tava em situação de rua nessa época?

I – Nessa época em 2005 eu tava em situação de rua sim.

P – Mas e ler, você gosta de lê?

I – Eu gosto sim de ler bastante, eu gosto de ler assim de escrever também, eu gosto também de escrever.

P – E o que que costuma ler?

I – É assim mais, não que eu seja muito romântico, mas eu gosto ler livro de romance... eu gosto de ler história, eu gosto de ler assim jornal eu não sou muito bem chegado não, mas meu signo, eu gosto de ler o meu signo é... quando tem alguém assim que eu amo que tá lado a lado eu gosto de ver o signo da pessoa também.

P – Você lembra assim, algum nome de livro que você leu nesses últimos dias ou nesses últimos períodos aí?

I – Lido assim... eu li um livro que falava sobre... na realidade uma revista, que falava sobre Raul Seixas é... foi o que eu tenho lido ultimamente assim.

P – O Raul Seixas, você gosta muito dele a sua aparência... aproxima né, o seu cabelo, a barba, o Raul Seixas, que que é que você gosta tanto, que te chama tanto atenção no Raul Seixas?

I – Foi assim, eu vou falar uma coisa, eu nem sei se eu posso falar isso entendeu, mas isso quando me toca no coração eu nunca falei assim publicado esses assunto... em 97 quando a minha mulher separou de mim, a mulher que eu casei eu fui morar num sítio e lá eu fui procurar uma... eu tava procurando trabalho, só que eu nunca gostei de trabalhar em serviço pesado, serviço braçal eu nunca fui chegado e eu tava em Santo Amaro e eu entrei numa casa de cultura, pensando em ser uma igreja e daí eu perguntei pro segurança assim: “ô como é que faz pra mim assistir a missa?” ele falou: “não, mas aqui num é igreja aqui é um centro, uma casa de cultura.” aí eu falei: “mas pra que?” ele falou: “você pode fazer curso de canto popular.” e eu comecei fazendo o curso de canto popular e quando eu comecei voltar sonhar com televisão, Raul Seixas depois dele, eu sonhei que o Raul Seixas chegou perto de mim vestindo uma camisa azul marinho e com assim, cheio de ouro nos braço assim, corrente de ouro e pegou um livro e abriu tipo um álbum de fotos e abria assim na minha cara, aí ele mostrou assim, primeiro ele mostrou um médico, ele falou: “se você quiser ser um médico eu posso...” tipo assim, eu não tô tendo como me expressar, mas ele formava eu num médico, aí me mostrou um piloto de avião, “se você quiser ser um piloto você tem o poder pra ser”, foi mostrando, quando chegou no Raul Seixas cantando ele abriu... o álbum assim tava a imagem do Raul com os braços abertos cantando, aí ele fechou na minha cara, na hora que chegou e eu comecei a ter vocação... quando eu ouvi a música “Gita” do Raul Seixas, ela me emociona muito e eu tenho uma... que a vida do Raul, pelas letras dele,

eu não o conheci pessoalmente, mas as letra dele tem alguma coisa a ver com a minha vida, acho que é por isso que eu sou muito fã do Raul Seixas.

P – Quando você escreve você costuma usar alguma coisa dele nos seus textos?

I – Não.

P – Você acha que você tem influência de algum escritor ou algum autor ou algum músico na sua música, nos seus textos?

I – Eu acho que sim, eu vou ter essa oportunidade, assim eu nunca tive assim, um apoio da pessoa que dissesse assim: “toma, eu vou te dar um.” assim, por exemplo, um espaço pra mim ensaiar, poder estudar um violão, pra falar a verdade eu num tenho nem um violão, pra mim ter um violão, pra mim tá estudando, por exemplo, assim uma tem hora que eu tô andando na rua e eu começo vim as música na minha mente e eu começo a cantar, só que aí no outro dia na hora não tem como eu escrever, não tenho como gravar... aí eu esqueço às vezes, mas eu tenho música minha que eu compôs com sete ano que não saiu da minha memória até hoje, eu tenho 38 anos vou fazer 39 agora em Setembro e num saiu da minha mente, ficou esse texto na minha mente e as coisas que vai acontecendo comigo também no dia-a-dia eu vou gravando tudo na mente.

P – Que tipo de... o que que você costuma escrever? Quais são assim os tipos de texto ou gêneros que você costuma escrever? Por exemplo, reportagem, música, poema, o que que você gosta de escrever?

I – É eu gosto de escrever assim história, é poemas, música é que eu costumo escrever que é assim, eu costumo forçar a minha mente nisso aí, mais na parte da música.

P – E qual que é... você gosta de escrever histórias reais ou você inventa as histórias que não aconteceram?

I – Não, eu não invento história eu acho que assim... a minha é mais de dentro de mim mesmo é coisa real, é coisa que sai de mim, por exemplo... a música sai de dentro de mim, os artesanato que eu faço sai da imaginação, uma tatuagem que tenho foi uma imaginação eu imaginei, tudo meu é imaginado, por exemplo, a música é uma coisa que... assim... não é que todas coisa aconteceu comigo, mas eu tenho aquela visão das músicas.

P – Pois é, mas essa música, você conta a sua história ou histórias de coisas que aconteceram com você ou você imagina uma situação e gosta de escrever sobre aquilo?

I – Às vezes sim, às vezes tem música, por exemplo, assim uma música minha que chama “A boca sabor de mel” essa música, ela é tipo assim... uma MPB, essa aí foi uma história que aconteceu com a minha mulher que eu casei e depois da separação dela eu escrevi essa música ... e também tem uma mensagem que um passarinho tava cantando no galho da árvore e me transferiu aquela mensagem, através da mensagem dele eu captei as idéias e escrevi a minha primeira música e também tenho aquelas músicas também que eu vou inventando... assim... montando uma palavra às vezes, por exemplo, assim da situação que a gente vive também eu faço também assim.

P – Qual que é o assunto que você mais gosta de escrever?

I – Assunto?

P – É sobre qual assunto?

I – Sobre minha vida e sobre carta... eu gosto de escrever carta... mandar carta eu gosto de escrever mesmo assim assuntos sobre a minha vida, sobre, por exemplo, mandar uma carta pra uma namorada assim eu também adoro fazer isso também.

P – Você costuma mandar carta mais pra namorada, pra família você costuma também corresponder por carta?

I – É também só que ultimamente eu num tô escrevendo porque dá trabalho pra mim receber as carta, mas é:: eu num tô mandando carta pra minha família mas eu tô ligando assim, eu ligo às vezes pra...

P – Quantas vezes, com que frequência que você costuma escrever, você escreve todo dia ou uma vez por mês, como é que é, tem uma frequência assim?

I – Eu tenho uma mania de... todo dia eu escrever duas, três palavra, mesmo que seja pouco, mas eu tenho que escrever, todo dia.

P – Diário assim você escreve não?

I – Sim... eu sou muito apaixonado por água eu gosto de assim, sobre água eu num escrevo, mas assim eu imagino como que seria o fundo do mar, eu imagino assim... os peixes né brilhando.

P – Eu falei diário, você tem um diário? Diário pra escrever?

I – Diário, sim, não, num tenho diário não tenho, mas eu escrevo todo dia eu tenho um caderno eu vou escrevendo, aí depois eu passo pra minha agenda.

P – Você tem alguém... quem que costuma ler as suas histórias? Tem alguém que lê todas ou que você gosta de mostrar ou você costuma mostrar pro grupo do albergue, por exemplo, ou assim de alguma Praça, de algum lugar?

I – Eu não gosto de mostrar pra ninguém, eu gosto de ler sozinho, ficar só pra mim, assim quando é uma música que eu escrevo eu, as minhas música eu primeiro procuro registrar elas na biblioteca e deixar ela registrada e depois aí que eu mostro, mas eu gosto mais de cantar elas.

P – Então você mostra quando você canta?

I – Isso.

P – E outros textos... você escreve só pra você?

I – Só pra mim.

P – Ninguém lê?

I – Não, ninguém.

P – Mas você nunca mostrou ou assim por falta de oportunidade?

I – Já mostrei muito pra muitos amigos assim, às vezes tem aqueles amigos mais próximo, aquelas pessoas que costuma tá mais dia-a-dia com a gente.

P – Quando você morava com a sua família que você falou que foi até 13 anos não é isso?

I – Isso até os 13.

P – Você tinha esse hábito de ler e de escrever?

I – Sim, aí eu comecei estudar eu tinha é:: 8 ano de idade mais ou menos... e aí eu era direto eu estudava em duas escola eu estudava a manhã e estudava à noite no MOBREAL aí além da escola tinha professora e tinha o professor da noite que fazia o MOBREAL e o meu, nesse tempo era só estudar o que eu gostava de fazer era estudar.

P – E a sua família têm esse hábito de ler, escrever, as pessoas da sua...

I – Não tem. Da família... minha família toda assim... eu sou... pela família da minha mãe eu sou meio... criticado, pela família da minha mãe, meus irmãos da parte da minha mãe eu sou criticado por eles, a família do meu padrasto, mora tudo junto assim, são a minha mãe é separada do meu padrasto, mas a família do meu padrasto tudo me apóia em tudo, mas... lá eles até admira eu eles fala que eu sou o, quando eu chego lá é “chegou o cantor de São Paulo” aí todo mundo vai lá pra casa da minha avó, vai visitar eu, vou tomar água de coco, vou beber com eles, saio com eles ali pelo menos “chegou o cantor”, mas eles admira eu porque eu o que mais sabe lê na família sou eu, que nós nascemo na roça, nós a cidade mais próxima era uma hora e meia pra gente chegar até a cidade mais próxima.

P – Você gosta de escrever com outras pessoas, mesmo de criar uma letra de música tal, você gosta de, você tem co-autor? Outros autores que te ajudam?

I – Sim, não tem não... eu tenho assim alguém que me ajuda no violão, que faz, ajuda ensina eu fazer, mas pra fazer as minha letra, eu queria ter oportunidade porque eu tenho muitas encaminhamento assim, muita música encaminhada, mas eu não tenho oportunidade de conhecer alguém que ajuda nessa maneira.

P – Você tem texto publicado?

I – Tenho sim, publicado na... tipo assim, escrito, registrado na biblioteca, tenho.

P – E publicado em alguma revista ou jornal?

I – Não tenho não.

P – Nem no jornal Trecheiro?

I – No jornal do Trecheiro só tenho a minha foto só e...

P – O texto não tem nenhum?

I – Não, tem assim uma matéria que o próprio jornal escreveu.

P – E esse texto que você ganhou da outra vez, não quis publicar ele ou não achou um lugar pra publicar?

I – Não achei ((rindo)), não achei ainda eu queria ter.

P – Tem que ir lá conhecer a revista OCAS, conhece?

I – Não, não conheço ainda eu conheço assim algum pessoal que... é... que faz parte da revista, mas eu não conheço a revista OCAS ainda.

P – Tem mais alguma coisa que você quer me falar e que você quer deixar registrado?

I – Se você tiver alguma pergunta pra fazer.

P – Então eu tenho só que te agradecer, viu. Gostei muito de você

I – Obrigado.

P – E agora eu quero conhecer seus outros textos também.

Informante 8 – Código de identificação 08SNO, entrevista feita em 18/09/08. São Paulo.
Tempo: 00:39:53

Pesquisadora – O “fulano” pede para que a entrevista seja feita na Praça em frente.

Pesquisadora – Eu quero que você me fala da sua história de vida é uma das coisas que eu quero e quero que você me fala sobre o dia-a-dia. Então você prefere começar por onde?

Informante – Aí você vai me pontuando com as perguntas?

P – Não você pode me falar, por exemplo, fatos marcantes, como é que é, qual que é a sua história de vida? É isso que eu queria saber.

I – Comum, comum de todas/muitas pessoas eu nasci aqui no interior de São Paulo, nasci em Assis que é ali na divisa com o Paraná, na época, como hoje, mudou bastante era uma cidade pequena era tipo roça mesmo tinha muita poucas casas, bastante canavial, bastante agricultura e meu pai era ferro velho, eu conheci meu pai já desde que eu comecei a me entender por gente, então nós tínhamos um quintal e ali meu pai comercializava ferro velho e aí... das lembranças boas que eu tenho de infância são isso porque tinha os brinquedos, tudo que a gente fazia praticamente vinha desmontado aquelas coisas a gente montava pra poder aproveitar, pra poder brincar e como o bairro não tinha asfalto, não tinha carro, não tinha televisão, não tinha essas coisas, a gente se divertia com tudo que a gente podia criar a gente se divertia, nossos brinquedos a gente fazia, papagaio, estilingue essas coisas todas e... cresci assim e... depois tive o contato com a escola, mas eu sempre era muito dado a liberdade né eu

gostava de passear, gostava, então eu às vezes pegava circular pra ir pra longe pra passear e eu ia pra rio, atrás de rios pra nadar, pra pescar, sempre gostei dessa coisa de liberdade, mas parecia um ensaio aquilo que eu não tinha percebido, porque com muito pouco tempo dessa infância mesmo acabei perdendo os meus pais né, morreu meu pai depois morreu minha mãe e isso, na terceira série morreu meu pai eu tava na quarta já morreu minha mãe, então essa um pouco dessa liberdade é... dessa coisa de andar de ir pra onde quer, fazer o que quer isso meio que me preparou pro que eu ia enfrentar pra frente dali e aí eu fui criado em Sabará, ali perto de Belo Horizonte, minha irmã ela é missionária, uma freira e morava com mais duas lá italiana que era freira da missão de onde ela veio e aí ela me levou, ela foi minha tutora eu fui criado lá até completar 18 anos, quase com 18, 17 e meio eu saí da casa dela entrei na escola da Marinha fiquei até completar 18 anos aí com 18 eu pedi desligamento, eles não tinham tirado a bandeira, senão tinha que ficar mais um ano e meio obrigatório e aí eu saí, saí pelo mundo já.

P – A sua infância então foi em Sabará?

I – É indo pra adolescência já né, dos 11 anos, 11 anos/12 a adolescência foi em Sabará. Eu vim pra aqui, aqui ((mostra a praça)) também eu já dormi muito né.

P – Ah é?

I – É e aqui também eu fiz muito artesanato, muita coisa eu tinha espaço, então pra mim tem uma relação também mais tranquila.

P – Você fica mais à vontade, fica mais num lugar que...

I – É eu não preciso ficar criando o que eu tô falando né, faz parte né.

P – Ahã (afirmativa), o pessoal da rua né, fica tá.

I – Os carroceiros dormem aqui à noite.

P – E aí, aí você chegou e já veio direto pra cá?

I – Quando eu saí de lá eu fui pra Vila Velha.

P – Sei, no Espírito Santo.

I – Que eu fiquei na Marinha na escola de lá Vila Velha, depois que eu saí de lá eu viajei um pouquinho eu fui a Maceió, fui a Salvador.

P – Mas a trabalho ou como é que é, você ia em situação de rua?

I – É... eu... naquele tempo era fácil conseguir trabalho, eu já mexia com pintura de paredes e também era muito forte, então eu descarregava caminhões, sacaria era algo que até 86 era muito fácil de arrumar, então eu ia tranquilo porque eu conseguia trabalho né, isso veio do meu pai também “saqueiro”, meus irmãos foram “saqueiros” eu também fui, “chapa” que chamam hoje, aqui no Brás ainda tem isso, mas tá sumindo porque as empilhadeiras fazem quase que o trabalho todo que um “chapa” fazia, carga, descarga e tudo mais e aí eu vim, tentei ir pra minha casa e cheguei a ir pra minha casa, pra casa dos meus pais né que eles deixaram, nós nos encontramos ,praticamente teve um período que a família toda, os irmãos quase todos nós nos encontramos lá em Assis de novo na casa dos meus pais, mas já não havia mais clima até porque houve muita, conflitos por causa daquele terreno, por causa daquela casa ali, que era uma casa muito simples era tanto que ela não valia mais nada e ela acabou caindo com o tempo, nem existe mais a casa, só o terreno, mas um meu irmão se sentia dono o outro achava que era dono, um queria vender, outro queria ficar com a casa, outro e nessa bagunça toda a gente que era menos experiente na vida tava, então não agüentei o tranco não, mas acabei aí eu voltei porque o frio é frio então nesse período, com 18 fiquei alguns meses e vim pra São Paulo direto e tô aqui desde 86.

P – E como é que é em, como é que foi a sua chegada aqui.

I – É eu cheguei no mesmo processo de “sacaria” sabe e aí foi interessante que um irmão meu tinha vindo dois antes, quando eu cheguei eu desci no Tietê vim andando pela Cruzeiro do Sul vim parar aqui no Brás perto do Mercado Municipal na Zona Cerealista pra descarregar caminhão, a hora que eu

cheguei meu irmão tava lá no ponto e já também pra descarregar caminhão, então a gente acabou se encontrando e a gente ganhava por caminhão e ficavam em pensão por dia.

P – Você sempre ficava nessa situação? E quando é que você começou a morar aí você veio morar aqui depois, nessa Praça?

I – Ah, certo, quando eu virei morador de rua foi mais ou menos, até 2002 eu levei uma vida bem normal, bem tranqüila morei em apartamento, morei em casa.

P – Quando você veio ficou em pensão aí depois você foi morar numa casa, isso aí que você tá falando.

I – É o que eu tô te falando eu trabalhava descarregando caminhão, nesse período então eu morava em pensão, alugava quarto.

P – E quando, mas quando?

I – Aí eu aprendi uma profissão eu aprendi fazer letreiros, pintar placas e faixas.

P – Ah, sei.

I – Aí eu passei a ganhar um pouco mais por conta dessa profissão é mais valorizada, foi algum tempo, até algum tempo e aí foi que eu comecei alugar apartamento morei na Bela Vista, morei na Consolação porque com letreiros eu ganhava bem podia fazer isso.

P – E você era solteiro nessa época?

I – Continuo ainda ((risos)).

P – Ah, tá.

I – Aí eu, eu tinha uma namorada que eu pretendia me casar logo e aí em 2000 eu tava já pensando em montar minha própria oficina, porque até então eu era um letrista ambulante eu tinha todo o meu material, mas fazia todo o serviço na loja que me contratava, era pra pintar placa eu ia lá e fazia a placa lá, era pra pintar o toldo eu pintava o toldo lá e aí eu consegui alugar um salão grande aqui na Souza Garcia, montar uma oficina pra fazer o letreiro que aí me possibilitava uma outra condição melhor e aí eu arrumei uma equipe de trabalho também e nesse período eu não tinha guardado dinheiro, tinha alguma coisa, mas era pouca né, que num dá pra necessariamente que eu havia aprendido com empresa que é capital de giro, eu não tinha o capital de giro né e mais o que eu tinha eu investi, comprei compressor pra fazer pintura, comprei máquina de solda tudo que dava pra fazer luminoso, fazer toldo, investi tudo ali entreguei aonde eu morava e fui morar na oficina que aí nesse período foi um período que a gente tava super bem eu e essa menina que a gente tava já...

P – Namorando, morando...

I – É tava quase amasiado essa que é a verdade e aí eu falei com ela, ela foi ficar uns dias na casa da tia dela eu ia ficar uns dois meses, três na oficina pra equilibrar, pegar um dinheiro e eu queria não alugar o apartamento eu ia vê um jeito de comprar, financiar e dá uma entrada no apartamento aí já seria nosso mesmo e isso foi agora em 2003 e mal o ano começou a gente esperou passar o carnaval, começamos a trabalhar e no PRIMEiro dos serviços eu sofri um acidente, foi uma falta de sorte e se fosse, por exemplo, no último serviço ou no terceiro eu taria com um bom, com algum dinheiro no bolso, mas foi no primeiro e aí do jeito que eu tava ali que eu fui internado e fiquei uns dias internado, coisa de oito dias, quando eu saí o que eu tinha de referência pra mim, pensei eu moro na minha oficina de letreiros é pra lá que eu vou voltar né, vou lá o pessoal deve ter adiantado o serviço tem algum dinheiro e fico lá até eu me recuperar eu fiz foi uma cirurgia no braço, quando eu cheguei lá não tinha mais o salão o pessoal havia entregado pro proprietário.

P – Sei você ficou em tempo internado então?

I – Uma semana só.

P – Ah, foi uma semana. Eu acho que eu vi um pouco a sua história em algum lugar, alguma dessas coisas que eu já li.

I – É o pessoal meio que se sentiu meu sócio e todo mundo se sentiu ao mesmo tempo competidor, enquanto eu internei eles desmancharam tudo foi cada um fazer uma coisa, com os orçamentos que nós tínhamos de serviço, cada um virou dono do seu próprio negócio, mas isso como eles não tinham sido pago nesse período que nós tava trabalhando também venderam tudo que eu tinha, dividiram lá entre eles lá então quando eu saí então não tinha dinheiro, não tinha o que vender pra arrumar dinheiro não tinha nada.

P – E aí então que você começou a viver em situação de rua? Isso foi o que motivou a sua/essa vida sua mais viver em situação de rua foi esse acidente?

I – É aí eu não tinha como resolver, eu não tinha como morar em algum lugar, eu não tinha como morar em algum lugar eu não tinha como pagar aluguel, diária de pensão, mensalidade de pensão eu não tinha como fazer trabalhos porque as pessoas mesmas que sempre me deram trabalho sempre me viam com aquele bruto gesso, diziam “tô pensando em fazer mais pra frente” e aí eu fiquei e ninguém empresta dinheiro, fiquei sem dinheiro pra comer, sem dinheiro pra dormir aí eu tive que realmente ir morar na rua.

P – Então aí agora vamos naquela pergunta né, porque, deixa só passar esse (trem), o barulho aqui tá pior do que lá em?

I – Mais eu tô me sentindo mais...

P – Mais a vontade.

I – É.

P – Mais me fala uma coisa o que que te faz escrever, porque que você escreve esse tanto, você tem um volume muito grande de textos e porque que você escreve tanto e quando começou essa atividade e continua essa atividade?

I – Olha, eu tava como esse senhor que tá ali né ((aponta para um homem que está dormindo no banco da praça)), de dia parado pra nada né e de noite jogado no chão e eu gostava na infância eu gostava de escrever, em Sabará eu cheguei ganhar um concurso de redação no SENAI, sobre mães e eu lia muitos livros daquela série Vaga-lumes quando eu era pequeno e aí o que que aconteceu eu encontrei, como eu sempre carregava comigo, um bloco de recibo, o verso dele é sempre limpo, em branco e aí arrumei lápis e eu comecei escrever, escrever aleatório, digo poesias, coisa que eu chamo de crônica que eu fui saber, nem sei se é crônica, mas eu chamava já de crônica e são poesias também e relatando tudo que tava acontecendo comigo ali e eu tinha só que é uma fase meio estranha porque eu rasgava o que eu escrevia, rasgava... não guardava não, foi... um outro morador de rua também que acabou conversando comigo e que me jogou uma ideia que eu não tinha me apercebido dela que ao invés de rasgar eu poderia fazer alguma coisa, poderia contar a história da gente que poderia mudar pra eles e principalmente mudar pra mim, “de repente muda pra você também” aí eu “é faz sentido” e aí eu comecei com essa ideia que ele me passou e com uma ansiedade que eu tinha de... começar eu acho que era, era o que eu tinha pra poder cobrar alguma mudança, reivindicar uma mudança ou sonhar com alguma mudança... era na escrita.

P – O sentimento seu quando escrevia era de uma certa revolta então?

I – No começo era muito mais revolta do que qualquer outro sentimento de amor ou de sensação, de felicidade, era muito mais revolta né.

P – Então a escrita pra você é o que, pra que que ela assim, naquele momento ela servia pra... pra que?

I – Como é que eu posso dizer, acho que até hoje ela é uma arma que eu tenho, acho que até hoje eu poderia, por exemplo, pegar aí... minha arma e soltar minha revolta de outra forma, poderia pensar “eu tô na rua, se dinheiro, com fome e fazer uma revolução aqui vai”, por exemplo, poderia pensar que eu tinha muita facilidade pra juntar grupos, sempre tive facilidade pra juntar grupos, então eu vivia sozinho, que eu gosto reservadamente dormir no meu canto tal, mas tinha muita facilidade pra juntar grupos, pra reunir grupos, mas se eu quisesse fazer alguma coisa que custasse até sangue das pessoas daria pra fazer, mas eu pensei de uma outra forma e eu acabei [pegando], o lápis como se fosse fuzil na mão de alguém que tá no morro, uma arma é isso.

P – Você vê muito essa escrita em outras pessoas que tão na rua ou você acha que isso é uma coisa mais sua?

I – Eu pensava que era coisa mais minha, mas hoje eu vejo hoje pessoas na rua que já tão inclusive completamente loucos, loucos assim né que é... não é loucos é pessoa que perdeu a identidade de pessoa humana já que ela tá ali isolada que não fala com ninguém, e é impressionante que elas tem um caderno que elas ficam escrevendo eu não sei se tem lógica o que tá escrevendo se tão fazendo número, rabisco, mas é um, eu percebo que é um processo, acabam tendo essa coisa de escrever é de muita gente. As bibliotecas que eu freqüentava... que eu ia no Belém, tem uma casa de convivência onde a gente vai lá pra almoçar, dava pra lavar roupa, pra tomar banho e no caminho dessa casa de convivência tem a biblioteca da Moca que é num Parque da Moca, então a gente vai nesse parque pra deitar na grama, pra deitar no sol, pra dormir, pra jogar xadrez, jogar dominó, tem grupos que ficam tomando cachaça, tem de tudo lá, mais quando a gente lavava a roupa, tomava um banhozinho tranquilo a gente entrava pra dentro da biblioteca e muito, hoje é muito frequentado lá, então eu comecei a também a tomar um contato com os livros de novo sobre teatro, tinha vontade de escrever sobre teatro e eu voltei a fazer com isso.

P – Você falou que as pessoas escrevem muita gente na rua, que tem muita gente escrevendo e que isso parece que, pelo que você tá me dizendo, parece que isso serve é pra própria construção da identidade da pessoa isso contribui pra que ela se conheça mais, pra que ela se perceba como uma pessoa?

I – É... pra alguns é... pra é uma, quem é rico faz terapia né, vai em psicólogo, psiquiatra a gente faz na escrita da gente a gente faz a própria terapia e pra algumas pessoas também é uma forma de viver outro mundo, eles... de repente no mundo que ela escreve, como eu já vi algumas pessoas que eu conheço, que não tem intenção de publicar e não mostram pras pessoas inclusive, por amizade, alguns já vi, aí eu percebo que na história ali ele tem um outro mundo bem melhor, que tá tudo certo, família, a vida dele, a trajetória de vida, então são também tem esse lado na escrita né.

P – De criar um mundo próprio?

I – Um mundo é, um outro mundo que dá pra, naquele mundo ali ao seu modo ele constrói uma outra forma de viver.

P – Nos seus textos você costuma fazer isso, não? De criar esse mundo específico seu ou você ou é outro tipo de escrita?

I – Ah, os meus textos eu tô treinando pra criar um pouco mais de outros mundos, um pouco mais das fantasias hoje eu ainda sou muito apegado ao que eu vejo ao que eu vivo né.

P – Os temas normalmente quais que são?

I – Sempre acaba tratando essa questão da indiferença, da desigualdade e porque deveria ser diferente, porque que não é diferente é sempre pra esse lado, então por mais que eu tente falar de alguma coisa hoje eu acabo trazendo, aparece um carroceiro, aparece um sem-teto ou um morador de rua, aparece um problema ali é... que aí às vezes não é a minha história... que nem eu tô vendo aquele carroceiro passando ((aponta carroceiro)), aquelas latas de tinta vazia, conforme for uma caixa de papelão, de repente eu venho escrevo e vem um personagem que é aquele, aquela situação, quer dizer não é uma coisa minha, mas também não consegui inventar é uma coisa que eu vivenciei.

P – Aí você imagina de certa forma, como que é a vida dele e cria a história.

I – É num, é... eu... eu dou vida ao personagem, ele me inspira o personagem né e depois outro passa e eu tento mais do que imaginar eu procuro me aproximar, por exemplo, se eu quiser é eu achei interessante também, eu passo por aqui descubro ele passando, começo a conhecer o mundo dele e vejo como construir isso também.

I – Tá muito frio pra você?

P – Tá um pouquinho frio né, mas dá.

I – Aqui no banco dá pra você pegar sol.

((INTERRUPÇÃO))

P – Quando você escreve normalmente você gosta mais do texto de ficção ou de história real? Um texto, história que eu falo assim, de vida real contando fatos reais.

I – É... é... fatos reais, a ficção é eu considero ficção assim é que não é a minha história, por exemplo, tem gente que acha que tudo que eu escrevi é o meu “ah, ele viveu isso desse personagem, escreveu dum cara bebendo, então vai beber, escreveu dum cachorro aí tal”, mas ela é ficção é... eu considero essa ficção porque não é minha vida, mas ela é uma história real.

P – É uma coisa vivida por outras pessoas que você tá vendo ali no dia a dia.

I – É um, é o que eu vivenciei, não vivi, vivenciei.

P – A maioria dos seus textos, mesmo aquele “O dia em que Sampa parou” ele é em forma de versos, é uma forma de poema ali tá escrito como se fosse um poema, porque que você usa os versos pra falar dessas, porque que você tem/você escreve sempre em forma de versos e por quê?

I – É eu acho muito pesado algumas coisas aí pra ter uma forma que as pessoas leiam aquilo também sem levar uma angústia pra ninguém, deprimir com os textos ou ser... pra não ser apelativo, pra não ser sabe aquela coisa muito forçada de tudo, mas então eu procuro dessa forma é...

P – Amenizar um pouco a coisa.

I – É.

P – Você acha que o poema de certa forma ele cria uma ilusão de que aquilo não tá tão perto, é isso?

I – Ele pelo menos pra quem num... porque o que eu ouço das pessoas “ah, não adianta escrever nada da rua que ninguém vai ler sobre isso, ninguém interessa eles vão ler outras coisas” aí essas outras coisas são sempre né muito romantizadas e tal eu falei “não, então eu faço a mesma coisa, coloco de uma forma que ou desenganados eles vão acabar lendo” eu vou por essa linha.

P – É uma estratégia então pra você captar o leitor.

I – É. É, por exemplo, numa história que eu tô escrevendo agora que é em forma de romance aí já é diferente né, eu tento, não é tanto com essa combinação de versos e prosas, mas também é uma história em que eu tento passar algumas histórias que eu gostaria que as pessoas lessem, mas eu tô enquadrando muito perto do que um qualquer escritor faz, um Machado de Assis, qualquer um faz e que as pessoas leem, eu tô fazendo assim.

P – Eu vi vários textos seus e em alguns eu vi que você usa passagens, igual “O dia em que Sampa parou”...

I – (interrupção pra falar com alguém que passava) Voltei, voltei pra São Paulo. Não tem jeito não, vai mais volta.

P – Eu vi nos seus textos que você usa às vezes algumas passagens de, por exemplo, “O dia em que Sampa parou” você usou o nome da música do Caetano, do Raul né “O dia em que a Terra parou” e eu vi algumas passagens, parece que você cita de outros autores que isso é muito comum na escrita né, você intencionalmente você mostra, a gente vê que você tem intenção de que o leitor perceba isso, porque senão você não usaria quase a mesma coisa, usando só uma mudança...

I – Os textos do Trecheiro, por exemplo, eu escrevo muito pra rua e até me surpreende que vai pra, pra todo mundo acaba lendo, mas aí que que eu percebo, os moradores de rua como é que vão incentivar eles a lerem, se as pessoas não gosta de ler, não gosta de nada, mas de cantar eles gostam, eles cantam essa música, eles cantam aquela, então com algumas estrofes de letra de música é ele vai montando na cabeça outra forma de lê e ele se confunde com música com outro e aí eles acabam gostando de ler o texto, eles acabam lendo o texto do começo ao fim, eu ouço do pessoal da rua “não eu gostei daquele texto lá” ou “concordei com aquilo, não concordei com aquilo” então ele leu inteiro pra entender eu utilizo por isso e a gente tem na memória de alguma fase da vida a música marcou e aí fica fácil pra mexer.

P – Então isso também você usa como uma forma de captar atenção do seu leitor, você... normalmente quem lê seu texto, você sabe? Quem que é o público que lê mais e que comenta com você.

I – É agora, agora eu tô descobrindo cada vez mais um leque maior que eu não conhecia, que eu não sabia que tinha, mas que eu tenho muito contato direto é com o pessoal da rua mesmo.

P – Eles leem então?

I – Leem.

P – Leem, comentam, entendem?

I – Comentam porque eu parei, teve um período agora em 2007/2006 que eu parei de escrever no Trecheiro por mais de seis meses e teve reclamação, teve cobrança, teve gente “pô” aí questionava eu falei “então era” tinha um público ali meio fiel lendo aquilo.

P – No Trecheiro tem uma seção que é escrita por moradores em situação de rua né que é a “Direto da rua” né que ela chama?

I – É na verdade eu que criei aquela coluna, que por sinal...

P – É, pois é e ela, a sua intenção é que aquela coluna seja escrita.

I – É uma hora eu quero que o pessoal assuma aquela coluna.

P – Aquela coluna é a SUA coluna, não é a coluna que o jornal criou pra dar voz pra outros não é a sua coluna e tem outras...

I – Foi brincando eu falei: “pô” tem o direto de Nova Iorque, outro que tá falando direto de Los Angeles, vamos botar ‘Direto da rua’”, mas não é propriedade de “fulano” ela é do jornal é algo...

P – Pois é, mas quem escreve lá é só o “fulano”?

I – Não esse período que eu não escrevi, por exemplo, outra pessoa escreveu

P – Ah tá.

I – E... todo mês eu tenho escrito porque eu tinha me comprometido de escrever até 2010 naquela coluna, mas é... por exemplo, não quer dizer que seja do “fulano” ela é do jornal Trecheiro a coluna “Direto da rua” de repente alguém “ah, eu queria escrever no ‘Direto da rua’” ué a gente vai fazer então “ah, não quero escrever todo mês, queria escrever esse mês” então tá bom escreve é um texto dele, ou a gente acha o espaço no jornal colocou o que ele escreveu, porque o jornal tem esse paralelo também, não tem só o “fulano” escrevendo tem poesias da rua que sai, outras coisas que sai e ele coloca, mas se a pessoa faz questão naquele espaço é tranquilo pra colocar, ele é, é da rua mesmo, fiquei até em dúvida de “Direto” e “Direito” aí ficou sendo “Direto”.

P – É mais ficou ótimo o título. Qual que é o seu nível de escolaridade?

I – É oitava, concluí a oitava.

P – Então isso é uma coisa sua você não aprendeu na escola? Não foi a escola que te ensinou a escrever? Você aprendeu sozinho.

I – Acho que a escola ela me ensinou a gostar de ler que eu lia muito lá na infância, depois eu parei, agora escrever acho que é um...

P – Você lê muito ainda?

I – Eu leio. Agora eu não tenho lido muitos livros inteiros, embora eu tenha alguns eu tô lendo aos poucos, eu tô lendo mais coisa solta, mais eu leio muitos livros.

P – Que tipo de livro, por exemplo, que você lê?

I – Ai, eu tô hoje lendo uns livros que é uma escritora que me dá então ela fez uma seleção de grandes autores que ela acha que vão contribuir pra minha escrita que tem muito a ver com a linha que eu escrevo, aí eu tô lendo esses livros, são alguns autores internacionais.

P – Quais, por exemplo?

I – Olha, eu li, por exemplo, eu gostei de “Três vagabundos” que é do Jack London, eu gostei, “O germinal” eu gostei eu li “Vida e época de Michael K”, “Vagabundos” tem bastante livro aí que eu tô lendo né.

P – Tem algum autor que te influencia na escrita?

I – Não, não até meu medo de ler muito é isso, pegar influência e me perder, até eu leio com muito... esse ritmo de leitura eu diminui por isso eu leio um autor gravo a história, espero um tempo pra... desencarnar daquilo ali pra ler um outro, porque eu penso que se eu pegar muita influência eu vou me perder nisso aí.

P – Você tem medo de perder a sua criatividade por influência de outros autores?

I – É porque eu sei lá, posso querer mudar o jeito de escrever, de palavras, de versos e aquilo pode querer significar o que eu não quero dizer e eu não sei que mundo eles viveram e que linha ótica que eles estavam olhando aquilo que eles escreveram e eu... essa influência eu não gostaria não. É pra mim seria como um cantor de Sertanejo de repente sair cantando Pagode, depois sai cantando Rock fica estranho.

P – Quando você coloca então aquelas, por exemplo, esses textos que eu falei né do Raul Seixas e tal é uma forma só de captar o público, mas de certa forma tudo que a gente escuta a gente reproduz, de alguma forma né toda vez que você escreve você é o “fulano” que escreve do ponto de vista do “fulano”, mas é claro que tem você não iniciou...

I – Muitos cachorros são amigos dos moradores de rua não abandona nós...

P – É a gente vê muito isso. Então você não usa assim vozes de outros autores, você evita essas vozes de outros autores no seu texto.

I – Ah eu evito, evito porque talvez não queira significar nada né e as citações de letras de música é porque eu também tenho lembranças de coisas, gostava de cantar, gostava de ouvir que me marcaram pro resto da vida.

P – “Fulano” nós já estamos até encerrando assim, mas me fala uma coisa, você acha que a leitura e a escrita ela pode mudar a vida de uma pessoa?

I – Pode. Pode porque é, por exemplo, ó você pode ver das pessoas que estão dormindo aqui ((aponta pessoas dormindo nos bancos da praça)) é esquecimento, elas tão desaparecendo desse mundo já totalmente... e a leitura pode ir colocando ela de volta nesse contato com “tá ninguém me ouve”, mas ela escreve né, ela lê... talvez ela passe a mostrar pra alguém... ou não... ela lê o que alguém escreveu... e isso ajuda na identidade... ir ao teatro, eu acho que essa coisa das palavras dá muita linha pra você fazer cenas também em relação a isso...

P – É o teatro é uma outra forma que você tem de escrita, eu falei muito na poesia do texto tipo em versos, mas você usa também do teatro e, mais é isso são os versos...

I – É no teatro eu vou mais além porque eu faço alguns textos, por exemplo, “O diário de um carroceiro” que é um grupo da cooperativa paulista de teatro que pegou e levou pro circuito profissional e aí eu comecei com o teatro levar pra outras pessoas que não, que eu hoje eu não tenho poder de alcance, com a peça eles assistem é por essa linha também e a outra...

P – Você foi apresentada a sua peça no teatro Fábrica não é isso?

I – Fábrica, Sérgio Cardoso, Santo Agostinho...

P – E você foi no teatro você participou dessa, você via?

I – Participei.

P – Você ficou como é que foi o seu sentimento?

I – Nossa eu amei tudo isso.

P – É e as pessoas comentavam com você depois?

I – Comentavam.

P – O teatro eu acho que ele alcança um número maior de pessoas do que poema ou o texto escrito né, tem muita gente que não gosta, quer dizer, não é que alcança mais talvez alcance um público diferente.

I – Te leva a querer um texto diferente de ler, eu recebo muito, muita gente me escreve querendo ter acesso ao texto “Teatro de um carroceiro”.

P – Ele não foi publicado?

I – Ainda não.

P – E vai ser?

I – Vai ser, mas eu não publiquei até de propósito já que as pessoas vão lendo outras coisas.

P – E você tem vontade que esses textos seus sejam encenados, quando alguém pede você costuma autorizar?

I – Costumo.

P – O uso deles...

I – Esses que eu faço a peça autorizo sim tem vários grupos que já fizeram em Salvador, Ribeirão Preto, que eles me avisam que fizeram, às vezes se eu consigo eu vou assistir ou não.

P – E aí sai seu nome lá na autoria da peça?

I – Não é... quando eles, eles se inspiraram, agora a peça mesmo eu negocio ela, a peça pra mim é trabalho eu negocio com o grupo que quer colocar em cartaz, é direitos autorais são minha forma também de levar minha vida né.

P – Tá certo, é lógico, ali é uma coisa eles estão comercializando essa peça sua.

I – É e eu pego bem pouco disso aí eu pego 10% de direitos autorais, então eles ficam com 90% do montante do que eles precisam fazer, mas pra mim tá bom e é legal que eles levam isso pra frente, eu faço questão de autorizar, agora quando é uma peça que não tem fim lucrativo que eles não tão cobrando ingresso, que eles não vão, aí eu cedo tranquilo de boa né.

P – Eu quero falar depois um pouco mais disso com você, depois da entrevista. Você quer colocar mais alguma coisa nessa entrevista, você quer registrar alguma coisa, você quer deixar alguma mensagem ou deixar mais alguma coisa falada aqui que nós não conversamos?

I – Ah, tem tanta coisa assim que, que na hora assim fico meio perdido pra dizer.

P – É, qualquer coisa você quiser depois registrar, você pode me escrever também e tal e aí a gente conversa.

Informante 9 – Código de identificação 09TPF, entrevista feita em 18/09/08. São Paulo.
Tempo: 01:03:40

Pesquisadora – Nós estamos com a colega “fulana” uma pessoa que passou por momentos difíceis e que aqui hoje na OCAS é presta um depoimento sobre a sua história de vida e a sua trajetória de leitura e escrita. “Fulana” conta pra nós como é o seu dia a dia hoje, da hora que você levanta até a hora que você se deita.

Informante – Nossa ((risos)) aí... Então é que a minha rotina já tem uns três meses mais ou menos né que ela deu uma mudadinha porque antes eu realmente sobrevivia da venda da revista OCAS né, mas agora eu tenho feito várias outras coisas e eu andei fazendo umas pesquisas pra um Instituto e agora eu tô trabalhando também com uns cosméticos né. representando uma empresa, então a coisa tá muito assim, VARIADA, mas eu tenho estudado bastante também, então a minha rotina tá muito nisso né

cuidar da casa, dos filhos, fazer a comidinha pras crianças, levar neném na creche essas coisas todas e depois eu saio pra trabalhar né, então o trabalho que eu tenho mais feito mesmo, pelo menos nesses últimos três meses, é essa variedade pra não ficar sem dinheiro né, até porque eu tô tendo um apiozinho também em casa, então eu tô mais sossegada um pouco, mais descansada... mas a minha rotina tá super devagar assim eu aí tenho ido pra aula eu tô fazendo aula de dança africana em dois lugares diferente, uma aula meio pauleira né, então tem que ter muita energia, tem que comer bem, descansar senão a gente não dá conta e eu pretendo juntar esse trabalho da dança com a minha escrita que... já que eu sou poetiza né, pelo menos renomada né, lá no meu... na minha área como diz o pessoal, então eu quero fazer um trabalho de dança com poesia, então eu tô me fixando muito nisso e tenho feito uma aula aos sábados de história africana e... aula de história africana e... como é que é mesmo o negócio? É... afrodescendente, então tá muito legal, um espaço muito bacana aqui em São Paulo que chama Cachoeira a aula é muito boa né, então aos sábados de manhã eu tô fazendo essa aula, e... estudando um pouco e tô vou nas peças, continuo aquela coisa de freqüentar o teatro né quando tem as peças gratuitas ou às vezes eu ganho ingressos, então eu continuo indo nos shows musicais, nas peças teatrais... então minha rotina tá muito nisso né, de pegar os eventos, pegar essas aulinhas, pegar oficinas eu tenho feito também muitas oficinas de teatro, de literatura, de música, tudo que dá pra eu aprender que eu quero me tornar uma grande profissional e como tem essa coisa do fomento da grana pra ajudar o artista eu quero ter conteúdo pra ir ver se eu adquiero esse dinheiro também pra eu fazer meu trabalho que segundo as pessoas dizem é muito bacana... só que eu não tenho nenhuma estrutura pra nada né, só mesmo a vontade de crescer.

P – Você estudou, a sua escolarização foi até em que nível ô “fulana”?

I – Então eu terminei até o terceiro ano que é agora é o Ensino Médio, Ensino Médio né, eu estudei até o Ensino Médio num lugar muito bom aqui em São Paulo, não tenho o meu diploma ainda, porque lá eles não dão diploma porque era filantropia e daí acabou a filantropia, mas a faculdade não reconheceu né, esse curso que a gente fazia, mas a gente teve a melhor alfabetização que a gente podia ter, a gente que eu falo nós lá desse curso que éramos jovens e adultos, então eu recuperei tudo que eu perdi na infância e na adolescência por não poder estudar... por situação né de dificuldade financeira, então... lá eu recuperei, fiquei seis anos estudando né, quando eu comecei a vender OCAS eu estudava ainda, era legal, vendia OCAS na escola pros professores né, os alunos não compravam porque eram gente simples como eu, mas os professores compravam e ajudavam bastante e... fiquei nesses seis anos então estudando e foi muito legal então... eu acabei sabendo bastante e recuperando mesmo, só que eu preciso do meu diploma porque lá na frente né, que se eu for ter DRT essas coisas eu vou precisar do diploma.

P – Você nunca pensou em fazer as provas do Telecurso, as provas de suplência do governo pra isso?

I – Então... aí eis a questão, pensar eu penso só que a última que teve agora de novo eu perdi outra vez, agora em agosto novamente que eu fui atrás aí a moça falou: “‘fulana’ foi semana passada.” aí eu falei: “gente eu não acredito.” do ano retrasado eu tava aqui com as meninas do “Mituia” que tem umas moças que vem aqui na OCAS faz um trabalho com a gente toda segunda-feira eu sempre participo com elas, até hoje eu venho que é muito gostoso e... então elas olharam pra mim e falaram: “ah, ‘fulana’ encerrou antes de ontem as inscrições.” aí quando foi esse ano agora eu sabe, muita coisa, CORRERIA, FILHO, CASA, TRABALHO né, tudo pra cuidar eu acabei perdendo de novo por questão de dias também, então falei: “gente ano que vem não é possível, vou entrar no supletivo, vou pagar né, ficar estudando seis meses e pagar o diploma só vou ter que fazer isso, porque...”

P – E aí a tua chance de fazer a prova do ENEM e entrar via Pro - Uni na universidade.

I – Isso, as pessoas têm falado muito isso pra mim, só que eu acho assim... que eu fico vendo a universidade é muito cansativa, muito difícil, exige muito da gente pra você ser um bom estudante, que eu quero ser uma boa estudante, só que a minha vida eu acho um momento pra eu fazer é não vai dar, por causa que eu tenho as crianças né, e tô fixada nessa coisa da dança, não vou deixar a dança por nada porque agora que eu tô começando a ficar bem mesmo e eu tenho assistido grandes artistas né, da dança contemporânea, então eu vejo eu tenho que continuar pra eu não perder esse “fio da meada” né, então eu não sei se eu vou fazer faculdade, eu tive atrás de um curso que eu quero fazer

de tradutor intérprete, que era no SENAI na época eu voltei a estudar por causa desse curso, só que agora eu fui lá, fui mês passado e não tem mais.

P – Tradutor intérprete de LIBRAS? Língua de sinais?

I – Não de línguas mesmo, no caso eu faria inglês e francês naquela época, hoje como tá predominando no mercado o... como é que fala, o espanhol, eu faria inglês e espanhol né inglês eu já tenho meio caminho andado né e faltaria completar os outros anos que faltam pra terminar e... o espanhol eu ia fazer, só que é o que eu vou fazer mesmo quando eu tiver certeza que eu vou ter um resultado profissional lá na frente e a moça ela falou que tem um curso lá que eles ensinam a gente faz o inglês, acho que é no SENAI e depois a gente pega esse curso pra aprender a dar aula sabe, pra ter licença pra dar aula, eu achei interessante também, porque ainda que fosse só inglês, mas pra mim já seria legal usar o inglês assim, eu já usei muito na rua inclusive vendendo OCAS né, pros gringos, porque a OCAS ela tem em 50 países então já ajudava, quando a gente foi também com o projeto pro exterior também a gente, usei bastante o inglês lá então é uma coisa que já tá bem adiantada para minha pessoa, então eu quero fazer uma coisa que já tá a caminho porque pra eu sabe... começar tudo de novo ou então fazer uma coisa muito difícil aí eu num, realmente já tô com uma certa idade, os 29 anos eternos que eu falo que eu tenho ((risos)) já tão ficando assim... é como é que fala, vencidos então eu não posso, não quero ficar fazendo muita coisa pra me estressar.

P – Como é que é a tua família hoje “fulana”?

I – Ah, então graças a Deus agora maravilhosa né, família... minha filha tá mais velha tá enorme tem 20 anos já... ela trabalha, me ajuda muito... e a nossa vida tá bem gostosinha agora que a gente passou, era eu só né, quando ela, a “Sa”¹²⁹, era menorzinha e o “Pê” pequenininho eu passei muita dificuldade.

P – São quantos filhos?

I – São três... agora tem a Dan que tem 3 aninhos, mas as criança cuida dela assim a “Sa” ela é uma mãe também pra ela né e ajuda...

P – Então tem a “Sa” de 20 anos...

I – O “Pê de 12 e a “Dan” de 3 anos.

P – Você tem um companheiro?

I – Então e tem esse companheiro que a gente se conheceu aqui na OCAS... que não é meu marido, mas é quase marido eu falo com ele, só que a gente ainda não sabe... é a gente se conheceu aqui no projeto quando a gente viajou né pro exterior juntos, ele jogando futebol, ele era o goleiro e a gente se envolveu e acabou que ele sofreu um acidente de carro né, e eu fui dar um socorro pra ele e tamo aí enrolados até hoje, isso vai fazer três anos já né... então tem ele também que no caso a gente tá numa boa, ele ajuda em casa que ele recebe do INSS né, por causa do acidente e ele acaba dando uma força também... e a gente tá nesse dilema, ele já tá acostumado com as crianças né, e a nossa vida tá mais assim, mais pra casado do que pra outra coisa qualquer... mais ainda assim a gente é mais amigo que qualquer outra coisa né.

P – E como é que a “fulana” foi um dia estar numa situação provisória, uma situação de moradora de rua? Ou como é que foi essa sua situação de estar excluída do convívio como, não vou falar como uma pessoa normal não, porque esse nome de normal é uma coisa pesada né parece que todo mundo que não tá é anormal, mas numa situação especial vamos dizer assim.

I – Então isso daí foi muito por causa de emprego, faltou emprego você sabe, faltou tudo, acabou o dinheiro e assim eu fui ver, na minha situação, na atual situação que eu estava que o que pesava muito era essa coisa “ah, negra né, semi-analfabeta, mãe solteira, pobre, mulher” então a coisa foi tudo em cima disso né e as pessoas me excluíam muito nessas questões né, eu fazia ficha nas empresas, aqui em São Paulo o pessoal é muito preconceituoso, e eu fazia ficha nas empresas e tudo, eles viam até que eu tinha um certo potencial, mas quando lia lá “ah, quantos filhos, dois, ah, solteira, depende de

¹²⁹ Nomes fictícios.

você parcial...” era parcial e uma outra pergunta, totalmente, uma coisa assim e meus filhos dependiam totalmente de mim, eu era totalmente só, pagava aluguel né, não tinha nada né e não tinha marido e então aí ficava aquela coisa, não consegui emprego aí eu me especializei em trabalhar de lavanderia, trabalhava de passadeira né na época e trabalhei de empregada doméstica muitos anos, só que essa coisa de empregada doméstica realmente me cansou e me cansa até hoje, eu fico na rua vendendo as coisas de camelô, mas eu não quero trabalhar em casa de família mais porque eu sofri muito, muita coisa né aquela coisa de, do quartinho de ficar lá no quartinho né e aqui em São Paulo mesmo é a situação da empregada doméstica é muito mais difícil do que em Belo Horizonte, que em Belo Horizonte as pessoas tem muito mais respeito, as patroas é muito mais igualdade assim, a gente não é aquela coisa dentro de casa, um ser dentro de casa, tem todo um respeito e aqui era outro mundo, então eu fiquei muito com essa coisa, esse peso no coração, não quero mais trabalhar disso e tinha aquela coisa de dormir na casa né e trabalhar até tarde não ter hora pra descansar, pra parar e domingo eu tinha que ficar lá porque não tinha pra onde ir aí enfim, aí eu falei: “eu não quero mais trabalhar de empregada doméstica” e depois de passadeira também aconteceram muitas coisas também que eu falei: “olha, eu sou uma pessoa inteligente eu não mereço isso.”e eu era muito brigona, porque eu brigava muito pelos meus direitos tal e acabei ficando excluída também por causa disso “ah, ela é muito boa funcionária, mas ela é muito polêmica”então “ah, você que sabe se você pegar ela pra trabalhar, vai contaminar todos os outros funcionários”e ficou aquela coisa, ninguém me dava emprego eu fui ficando sem emprego, acabou o dinheiro, acabou tudo eu falei: “e agora que vai ser de mim, roubar eu não sei né, ser prostituta eu também não sei porque tem, pra ser prostituta tem que ter todo um esquema né, eu não tinha” eu falei: “meu Deus o que eu vou fazer da vida”e aí foi, as coisas foram apertando, apertando, apertando e chegou num ponto que a pessoa falou: “olha, você vai sair da minha casa, que eu quero a casa, você não tem dinheiro pra pagar, não sei o que.”e ficou aquela coisa de despejo sabe e aí eu fiquei desesperada foi onde eu encontrei o pessoal que vendia OCAS né o seu “C”, daí ele falou: “vai lá no projeto e vê a situação tal”e aí eu vim e comecei a vender OCAS, mas eu não tava em situação de rua ainda, mais faltava, como a psicóloga da gente aqui fala a Maria Alice, falta “um triz” né por “um triz” você não ficou em situação de rua, então foi isso que aconteceu porque, eu me identifiquei em vender a revista, já arrumei o dinheirinho, esperta né sempre guardo pra amanhã que eu não sou boba e tirava o dinheirinho de comprar as coisas pras crianças e pagava condução né e guardava o dinheirinho e fui juntando pra pagar o aluguel de novo, então foi onde a pessoa falou: “ah, então você vai mudar e você não vai me pagar o que você me deve?”eu falei: “mas quem me mandou embora foi você.”aí ela falou: “ah, então, ah quanto que você tem?”aí eu tinha mesmo o dinheiro que eu ia mudar pagar carroto essas coisas e alugar outra casa, então essa quantia toda eu peguei e acertei com a pessoa uns meses, acertei água, luz essas coisas a gente tava no escuro já, sem comida, só não ficamos sem água porque a água é junto, eles não iam cortar a água deles e cortar a minha, senão teria ficado sem água também, mas sem luz a gente já tava bem, a gente já tava até acostumado a ficar no escuro, bom que economizei bastante pra Eletropaulo, horrorosa que cobra um juro absurdo da gente eu falei: “ah, pelo menos eu fiquei muito tempo sem pagar pra esse povo.”((risos)), mas foi uma situação muito difícil, ah, eu sempre com otimismo né, assim e eu sou uma pessoa muito forte, muito positiva então eu acho que eu jamais iria chegar a morar na rua ou no albergue que eu acho que é uma situação muito, muito, muito né difícil e eu tinha muito medo disso, muito medo, medo, medo de expor meus filhos né e a minha filha grandinha eu falei: “Se eu for morar no albergue com essas crianças não vai ser boa coisa pra nós duas, nós duas enquanto mulher, ela mocinha, despontando a mocidade né.” desapontando que fala? Desabrochando, exato e não ia ser legal pra gente, eu falei: “eu não posso expor meus filhos a isso né.”eu falei: “eu também não posso ficar com eles na rua.”e ficava aquela humilhação eu não agüentava mais aquela humilhação, aquela coisa “me dá meu dinheiro, sai da minha casa” e batendo porta na cara da gente, judiando dos meus filhos, xingando meus filhos enquanto eu não tava né e as pessoas tinham que ir pra escola, eu falei: “se eu for pra rua como é que essas crianças vão estudar?”né aí foi tudo, foi um processo muito difícil que eu às vezes eu prefiro nem ficar falando muito sabe, disso, mas foi muito difícil assim e eu agradeço muito a Deus esse momento que eu vi o Seu “C” vendendo OCAS, aquele dia ele falou que eu poderia, antes de cair né totalmente em desgraça, em situação de rua, que eu poderia arrumar uma grana e mesmo que eu não pagasse o aluguel, mesmo que qualquer outra coisa eu ia ter dinheiro pra comer, pra comprar a higiene pessoal essas coisas toda e o leite das crianças, que os meus filhos tomavam leite, mamavam ainda, o “Pê” mamava ainda e tudo isso né e foi assim, com

muita dignidade que eu fui me re/resgatando né e aí no projeto foram acontecendo muitas coisas legais.

P – Você permaneceu na casa que você tava então? Então você não chegou a morar em casa social, albergue, nada disso?

I – Nada disso continuei nessa casa que até hoje tem a pendência desse dinheeeiro bendito pra pagar, que eu ainda não mudei de lá também por causa desse dinheiro né e as humilhações também lá continuam ou até pioraram um certo tempo aí porque, quando esse moço que tá na minha casa, então a mulher ficou muito em cima “ah, agora vocês, então quer dizer vocês aumentou e como é que é não vai sair dinheiro daí?” aí ela ficou em cima dele pra né, dia do pagamento controlava mais do que a gente, até que chegou um dia que eu tive que dar um basta eu falei: “não peraí, que direito que são esses né, dela invadir a vida da gente desse jeito e tal.” e eu esses dias mesmo eu tava até conversando eu falei: “poxa ‘meu’, porque é difícil mudar sabe e pra eu mudar de casa agora eu vou ter que mudar toda a estrutura dos meus filhos de escola né.” a creche da neném tudo isso foi muito difícil pra arrumar, tudo isso não é simples, pega as coisas e muda, não é assim entendeu, como essa pessoa fala e a gente bate de frente até hoje assim né, só que eu tô lá, não tô lá porque ela é boa, que ela fala que ela é muito boa, tô morando na casa dela, não eu pago o aluguel pra morar lá, as duras penas né eu vou juntando, vou juntando e vou pagando né e como eu fiz esses trabalho extra até ganhei um dinheiro a mais eu já paguei algumas coisas também pra né aliviar um pouco, mas até hoje eu tô lá nessa casa...

P – Então vê a dívida do passado né?

I – É um dinheiro grande que eu devo pra ela né e que ela fica: “ah, me paga aos poucos, me paga aos poucos.” eu e a minha filha a gente tá entrando num acordo pra gente pagar os picadinhos e ficar livre e sair pra gente investir o dinheiro do aluguel na nossa própria casa né que a gente tá vendo um esquema de casa pra gente morar também pra gente sair dessa situação, mas agora eu não tenho mais medo dessa coisa de rua porque tem a minha filha, então eu sei que com ela, nós duas juntas, se sozinha né eu consegui, nós duas juntas também né que nós não vamos ficar em situação de rua mesmo e meu amigo que morava em albergue né, tava no albergue quando ele foi lá pra casa ele ficava falando: “ah vou sarar vou voltar pro albergue.” eu falei: “olha, se depender de mim você não vai voltar pro albergue, você se ajeita né arruma uma casinha pra você, eu te dou uma força até você conseguir sair dessa situação, mas vai voltar pro albergue, tudo que você sofreu lá né você acha, é digno pra uma pessoa né o ruim que é viver em albergue, você vai voltar pro albergue depois de tudo que você viveu e resgatou de vida aqui em casa, tá certo que você tava doente né, mas e o outro lado da humanidade o outro lado humano que você aprendeu com a gente, que a gente aprendeu com você, não é justo voltar pro albergue né.” então é uma situação que eu não desejo assim pra ninguém né e eu acho que a gente tem que ser muito forte pra não chegar nessa situação.

P – E apesar de você não ter chegado na situação de uma pessoa em situação de rua, você encontrou uma identidade com essas pessoas aqui da OCAS né, então você mesmo que não tenha vivido tal e qual a situação lá da rua, você viveu praticamente, emocionalmente, financeiramente, psicologicamente as mesmas dores que eles viveram né, então o fato só de você não ter saído da rua, foi só um detalhe a mais, porque na verdade você, pelo que você tá me contando aqui, se eu tiver errada você me corrige, você tá me fazendo relatos iguaizinhos aos que os seus colegas, que tem também um nível assim de conversa intelectual, também relataram, então na verdade eu te identifico nesse grupo em situação de rua, não pelo fato de ter ficado na rua, mas de ter vivido as mesmas dores de perda, de exclusão, é isso mesmo?

I – É. Essas dificuldades todas é, esse olhar da sociedade para com a gente né, aquela coisa antes de você tá na rua a pessoa já te joga na rua, “porque ah, num tem emprego, aí como que ela vai pagar, aí mãe solteira, aí dois filhos sozinha, um, aí não tem estudo.” sabe então é todo um processo e eu construí muita coisa com os meninos aqui que eu falo muita amizade, são os meus amigos do coração e a gente fala que a gente é família OCAS, até tinha uma época que tinha um monte de vendedor e a gente saía junto, a gente comia junto, a gente vendia junto, às vezes nem só nos eventos como na rua mesmo né a gente comia no albergue junto que tem os albergues que tem o prato, Bom Prato né, que é a comida de um real, que é uma comida boa a gente comia junto e construímos tudo isso né indo pra rua e vê como é que era um precisando do outro, um apoiando o outro, porque poxa “fulana”, você tá

nessa situação, você tá sem o dinheiro do aluguel hoje, você tá sem o dinheiro da condução, vamos vender revista, vamos pegar o dinheiro pra você, e era “ah eu pago o seu almoço hoje, você paga o meu almoço amanhã” sabe, muito dos meninos às vezes tinha dia, tempos que eles não conseguiam vender a revista falava: “meu eu tenho o dinheiro, vamos comer todo mundo.” né e a gente construiu assim uma amizade, uma família, foram várias fases aqui na OCAS né, nesses cinco anos que eu fiquei vendendo a revista, então a gente se identificou muito né, dessa forma, essa coisa de albergue também ia, muitos chegaram a ir na minha casa, dormir sabe, a gente domingo fazia comida, ficava junto e a gente acabou virando meio que uma família, mesmo o que tava no albergue né, ou o que tava na rua mesmo.

P – Você identifica “fulana” no grupão chamado “moradores em situação de rua” diferentes grupos? Ou é um grupão só “moradores em situação de rua”? Porque tem gente que fala assim, “ah é tudo uma coisa só” tem gente que fala “não, tem vários grupos, tem os que são gangue, é mesmo traficante, o povo da droga, tem o outro que é bandido, tem o grupo que por uma contingência foi jogado na rua então tem gente... tem engenheiro, tem administrador, tem pessoas que perderam a família e aí tiveram problema sério e que perderam o sentido da vida, então foram empurrados pra rua, tem família que fez a opção por morar na rua, quer morar na rua, não quer voltar pra casa, você vê isso, nesse cotidiano seu você viu isso, essa heterogeneidade de pessoas na rua?

I – Eu vi, eu vi e inclusive muitas vezes das pessoas abria a boca: “ah, ele não quer sair dessa vida.” entendeu assim, mas a nós que tavamos ali vendo não é... às vezes não é a pessoa não querer, não é que ela não quer sair dali, às vezes é a condição que ela tá... ela não tem mais nem ESTRUTURA às vezes, ela não tem mais nem ESPERANÇA que ela vai sair um dia daquilo ou então... tem aqueles que tão no albergue, tem todo aquele apoio socialista né, socialista, ele sabe que ele lá, ele vai tomar banho ali, vai ficar então todos os dias... aí acaba o tempo dele ali ele vai pra outro e ele vai ficando né, nessa vida... tem aqueles que não vendiam a revista OCAS, por exemplo... que a revista OCAS é um trabalho, eu diria que é um emprego, porque pra mim foi um emprego durante cinco anos, porque era daí que eu tirava a minha sobrevivência, só que você tem que ter toda uma estrutura legal pra você ter um dinheiro legal, fazer aquele trabalho, aquele horário né, então tem aqueles que não vendiam a revista porque não se identificavam outros “ah, eu não tenho é queda pra venda”, “ah isso aí não tá com nada”né... tem tudo isso, então varia muito assim... mas é eu falo que são pessoas, são pessoas... o que eu queria assim da sociedade mesmo é que a sociedade tivesse respeito pelas pessoas, não julgar... aí vamos supor, o cara tá na rua, tá na calçada se ele quer ficar ali não é por o chuveirinho pra tirar ele dali sabe... não é vim catar tralha e catar tudo do cara que ele tem as coisas dele ali, então dá uma condição pra ele, se ele quer ficar na rua, se é por opção, o que eu acredito que nenhum cidadão fica na rua por opção... ele pode ter acostumado àquela vida porque ele não tem outra opção, mas ele NÃO QUER ficar naquela situação porque como, por exemplo, quando chove e o frio que tá fazendo hoje sabe, quem que quer ficar na rua meu Deus...chega na hora da comida, você não tem o que comer você ter que ficar catando lixo né então eu falo, quem é que quer passar fome, quem que quer passar frio? Às vezes aquele sol escaldante quem quer ficar né, a tal pessoa não quer, tinha que dar condição pra pessoa... aí vamos supor, ela quer ficar na calçada é diferente, mas ela vai ter um lugar pra ela ir dormir, tomar banho, comer, sei lá... aí é o livre arbítrio também, não interferir no livre arbítrio da pessoa, mas também dá uma condição melhor de humanidade né, de cidadão pra ele porque ele é um cidadão, ele é uma pessoa, pode não tá registrado lá né, nos computadores lá não sei aonde né, enquanto é uma pessoa que está em exclusão social, então tem todo um processo... tem a esquizofrenia, que eu acho que é a pior de todas a situação do morador de rua... da pessoa de situação de exclusão social que é onde eu acho que eu não fiquei pior também...se eu fosse esquizofrênica eu não ia ter estrutura pra agüentar o que eu agüentei e ficar numa boa né, com tudo que falavam pra mim eu não decaí mais do que eu fiquei porque o meu problema mesmo um pouco foi depressão... porque eu sou sentimental, eu tenho sentimento, eu sou uma pessoa né, e ao mesmo tempo eu tinha meus filhos pra apoiar e falar: “poxa não sô só eu tem eles, eu tenho que fazer alguma coisa.” né então se eu tivesse uma condição, sei lá, uma estrutura da sociedade, do governo, não sei onde é que teria essa estrutura pra me dar um apoio, eu não teria passado o que eu passei, não taria devendo esse dinheiro até hoje né... não teria ficado naquela condição toda e realmente não passar fome né, porque falou: “poxa eu tenho que arrumar uma coisinha pra comer amanhã, então vamos lá, vamos buscar o dinheiro pra comer amanhã.” vamos vender umas revista né, já cheguei a fazer muita limpeza na casa dos

outros, faxina, lavar roupa, essas coisas pra ter um dinheirinho pra comer amanhã... então quer dizer eu pensava, vou lá buscar um dinheiro, de uma forma digna, porque também tem a forma você sabe... de outras formas né que daí não tem mais volta, entrou, caiu ali acabou, que é a droga, que é o roubo, tem companheiros nossos da OCAS que infelizmente foram roubar, não agüentaram o tranco, roubou... e aí né é a gente vai deixar de apoiar eles? ele não é menos um amigo porque ele foi lá roubar e tá na cadeia né, eu conhecia ele de uma forma, então pra mim ele continua sendo a mesma pessoa só que ele né, se desestruturou e roubou né... ou tem aquela que foi lá e vendeu o corpo e aí, vai fazer o que? É uma opção dela né, então tem tudo isso, eu graças a Deus corri pra escola, eu corri pro teatro, sei lá, pra dança pra outras coisas melhores né e consegui ter uma estrutura e se eu fosse esquizofrênica... como é que ia ficar, eu não ia ter estrutura, meus filhos talvez também ficassem esquizofrênicos por causa de mim né, então esse grupo todo aí né, essa diferença toda de situação de rua eu falo e afirmo “qualquer pessoa pode cair em situação de rua, ela pode ser a pessoa mais rica, mais estudada, mais estrutura dentro de casa, de repente... se ela não for forte perante as pancadas que a vida dá na gente, os socos, que são socos fortes, se você cair no primeiro soco... você vai cair sempre e você vai se desgraçar sempre entendeu... pode ser qualquer pessoa que tá na rua.” porque eu conheci muita gente que eu ficava assim, eu falava: “eu não acredito que essa pessoa tá na rua.” entendeu, gente da gente ver que tinha bens... a pessoa tinha toda uma riqueza e a família vira as costas... a família virar as costas aí acabou, eu já não tinha família mesmo né, porque minha mãe já tinha morrido, minhas irmãs em Minas, eu aqui sozinha... então era eu e eu e Deus e eu e ia, eu e eu e eu, dois né, eu e Deus, Deus e eu... e meus filhos né, que meus filhos nessa época eram crianças então eu também não podia contar com eles... podia contar assim eles estavam esperando por mim, mas pra uma palavra, “que que eu faço agora, dá um conselho pra mamãe” hoje eu posso falar isso, mas naquele tempo que eu tava né em situação de exclusão mesmo e só as pancadas em cima “ah, você não serve”, “você é isso”, “você não tem isso, você não tem aquilo”, “ah, você não tem marido” sabe ah, não precisava falar “mais você é negra”, “nós não queremos, nós queremos uma pessoa com boa aparência” até que “porque que você não mandou sua foto antes de vir preencher a ficha?”, é claro “a gente não quer ter uma negrinha aqui nessa loja bonitinha na porta do shopping” entendeu... tem tudo isso, mas pra faxineira tinha vaga sabe, eu falei: “ah, mas eu não quero também ser faxineira, que se dane, tô desempregada tô ‘fodida’.” ((risos)) vamos dizer, tô, falta a palavra mais bonitinha, tô né... mais eu também não, poxa se tem porque que ela não quer me dar um emprego lá se eu tenho condição, como ela mesma falou que eu tenho condição, mas quer me dar o de faxineira entendeu, porque tem que ser faxineira não posso ser a recepcionista entendeu ou uma “HOLSTERS” né que é tão chique ser “holsters” assim vai.

P – “Fulana” a gente vai falar um pouquinho sobre agora as suas práticas de leitura e de escrita, então a “fulana” leitora e a “fulana” produtora de textos. Como é que você formou seu hábito de leitura, desde pequena, nesses momentos difíceis, como é que foi sua história de leitura, sua inserção no mundo dos livros?

I – Ah, essa história é muito engraçada eu hoje ((risos)) eu acho das minhas patroas né ouvi essa história elas vão falar: “então é por isso que ela não trabalhava.” porque eu era muito menina a minha mãe pôs a gente nas casas né, aquela coisa “ah, deixa eu cuidar do filho da senhora, dona Antônia, ajudar” ajudar nada, escravizar a gente, gera os escravinhos isso sim, mas enfim até hoje eu agradeço a situação porque a gente, se nós tivemos um pouco de conhecimento de coisas melhores foi por causa disso que a gente foi morar na casa das patroas da minha mãe e a minha mãe tinha muita patroa, ela era cozinheira, renomada lá em Minas essas coisas, quituteira né muito, todo mundo chamava, chamava e aquele monte de filho, mãe solteira... aí ajudavam, então nessas casas que eu trabalhava tinha aqueles, aquelas ESTANTES ENORMES eram mansões né, aquelas estantes enorme e eu lia, via aquilo eu ficava assim MARAVILHADA, inclusive tinha uns livros de inglês, o inglês que eu sei do que eu sei do básico, sem ser o da escola, foi nesses livrinhos que eram pra criança, então era muito fácil e eu tinha uma memória muito boa, então eu já via aquilo ali gravava né, e li inglês, lia as histórias, FÁBULAS né tinha todos aqueles livros daquelas histórias “Rapunzel”, “Branca de Neve”, todas essas, “Ali Babá” eu lembro que eu gostava desse “Ali Babá e os 40 ladrões” toda essa linha do “Ali Babá” eu lia tudo, sabia tudo de cor aí eu contava história pras crianças, eles falavam: “como essa menina conta história bem.”, mas porque eu já tinha lido o livro antes, eu gostava e eu queria contar aquilo... aí eu lembro que a gente morava na favela e chegava no final de semana que a gente ia pra

casa eu juntava a criançada lá a gente ia brincar de “roda”, a gente brincava de “rouba bandeira”, “queimada” eu falava: “a gente vai brincar de contar história.” e eu era a única que sabia contar história, as crianças sentavam e eu ficava contando e era desses livros que eu lia nas estante né, enquanto eu tava limpando, arrumando a casa eu ficava lá lendo “ah, menina, você demora tanto pra limpar, aí em cima não tá tão sujo” era a parte de cima né, dos quartos é que eu tava lendo... e ainda esses dias eu tava falando que eu não gostava muito de Monteiro Lobato eu falava: “nó como é que pode um homem escrever tanta coisa chata.” eu achava chato Monteiro Lobato aí hoje eu sei porque... não vou nem comentar porque é uma coisa bem é coisa de racismo sabe enfim... aí eu lembro que eu falo: “aí.” era chato e eu deixava Monteiro Lobato pro canto e eu já assistia o “Sítio do Pica-Pau Amarelo” já tem tudo na televisão mesmo, no Sítio pra que eu vou ficar lendo essa coisa, mas eu lia essas outras fábulas eu gostava, lia livros eu lembro que eu li “A cor púrpura” eu era muito menina... eu li “Negras raízes” eu era meninona... que livro mais eu li, aquele do Sidney Sheldon que era lindo “A herdeira” tem esses clássico que eu li tudo foi assim né... e eu gostava já de ler, gostava de ler, escrevia, não sei o que eu fazia com as escritas, eu escrevia, escrevia, era até uns anos atrás eu rasguei um caderninho, que dó que eu rasguei aquele caderninho tinha tanta coisinha que eu escrevia...

P – E você escrevia em casa?

I – Não nos empregos, a minha casa era no emprego, no quartinho né, tava lá eu não tinha nada pra fazer pegava e ficava escrevendo, lia, escrevia, já criei esse hábito por causa da solidão, a solidão na infância me levou... e às vezes eu lembro que as pessoas brigavam comigo, até hoje eu tenho esse hábito se você brigar comigo se eu ficar muito chateada eu vou ouvir música ou vou ler, leio livros e livros quando eu tô chateada, invés de brigar com os outros né que eu era arredia, muito pirracenta, mal criada, “aff Maria” como eu era terrível, hoje ainda bem que até agora meus filhos nenhum me puxaram, Deus conserva ((risos)) que eu era danada, mas também era a minha situação né eu queria ser criança, eu queria brincar, eu queria brinquedos novos, queria roupa boa que nem as filhas das minhas patroas tinham... eu só ficava com o restinho eu ficava revoltada, queria tudo aquilo e a gente chegava em casa a nossa realidade era a favela, era esgoto a céu aberto... a gente juntava lavagem pra, aquela época criava porco em Belo Horizonte, lembra? Criava porco assim nos lugares né... morava lá minha infância toda, sou de Minas e aí a gente aí, tinha que juntar lavagem e levar pros, pra ganhar um dinheirinho pra ajudar minha mãe, minha mãe com aquela “trouxona” de roupa na cabeça... eu lembro disso até hoje, então a leitura vem muito nisso, só que eu lembro que as pessoas falavam: “essa menina, ai! fica querendo ser doutora, só vive escrevendo.” “aí deixa isso pra lá menina.” falava pra minha mãe: “essas suas filhas sonha muito alto, quando é que PRETO vai ser doutor? Quando é que PRETO vai ter estudo?” porque naquela época não tinha era uma... né, era que carteira de trabalho tinha saído a poucos tempos, negro tava numa situação muito ainda de... na sociedade né, de diminuída né, então tinha todo esse preconceito, mas eu lembro minha mãe falava: “deixa minhas filhas né, ((pronuncia puxando o s na palavra filhas)) que minha mãe era carioca, deixa as minhas filhas, é o mínimo que elas tem.” falava né assim com a gente, mas assim a gente não ganhava livro, que nem hoje o meu filho ganha livro, porque o “Pê” ele tem essa mesma coisa, então eu falo “tá vendo, como é que puxa” e agora tem a “Dan”, INCRÍVEL ela lê, a “Dan” lê, ela tem três anos, ela lê assim “hum, hum” não lê a palavra, mas ela lê a imagem “mãe olha” ontem mesmo ela tava com o gibizinho, que ela adora o gibi da Mônica “mãe olha, ela tá dando, o neném tá fazendo xixi” aí eu fui ver tinha mesmo uma menininha, não sei se é irmãzinha da Magali, com a fraldinha “mãe ela vai pô a fraldinha, a Magali” na outra, no outro quadrinho com a fraldinha na mão, eu falei “gente que incrível, ela sabe lê” que que tá acontecendo, “nossa “Dan” é mesmo, nem eu tinha reparado” então essa coisa dos meus filhos também gostar de LER, de declamar essas coisas eu acho que vem do sangue né que as pessoas não deixaram eu tê isso quando criança, talvez, eu falo, se tivesse investido em mim hoje eu seria uma grande escritora, uma grande artista assim sabe.

P – E aí dessa situação difícil que você relatou quase né, quase na rua, mas se identificando com aqueles companheiros todos aí em situação de rua, parece que esse momento foi marcante pra você investir de fato numa escrita mais profissional né, como é que foi essa sua inserção nessa escrita mais profissional, nessa questão dos poemas e depois essa história da inserção na dança junto e esse projeto de escrever e inserir a música junto com a escrita.

I – Então isso foi bem interessante porque a gente foi é começando a ir no sarau que tinha do lado da minha casa, daí eu ia no barzinho e via aquelas pessoas no microfone falando as coisas, contando e ficava doida também, só que eu por vergonha de me achegar e minha filha nessa época desabrochando né, não é essa a palavra? Desabrochando a gente ia todo mundo achava ela muito bonita e falava: “ai vocês duas irmãs, que linda duas irmãs.” “não moço, ela é minha mãe” “não, não sei o que” aí ficava aquela coisa né “ah, então vocês duas, vocês querem participar com a gente do sarau, semana que vem?” era toda quarta e era tão bom, “venham, tragam os textos, vocês gostam de escrever? Escreve alguma coisa e vem aqui declamar pra gente.” e aí foi aonde a primeira poesia que eu escrevi que tá lá no fundo da gaveta né que é como um camarada aí disse “uma poesia um pouco rudimentar”, mas foi um sucesso, em seguida foi que comecei a criar, criar, criar, nasceu a poesia da cachaca “Amantes da manguaça” que o povo ama de paixão né e essa “Amante da manguaça” então foi aquela coisa né aí depois veio “As formas femininas” que é também o carro chefe que o pessoal fala e aí aquela coisa erotizada, mais um erotismo assim todo mundo “nossa, meu Deus essa mulher é demais, arrebatada e tal” e eu fui gostando disso menina e fui ver que eu tinha dom pra escrever e interpretar ao mesmo tempo e eu comecei a criar em cima disso e é onde que hoje eu tô nessa busca pra montar um, uma coisa legal né que eu vejo as pessoas montarem tanta coisa eu falo: “poxa e o meu, um dia que eu montar, como é que vai ser?” né e você começa a ver e aprender a criar também e vê que você já se identifica também com a coisa né, então é onde veio essa literatura minha e aí veio a minha filha em seguida que escreve uns textos maravilhosos, ela é muito inteligente tem uma outra linhagem diferente da minha, até porque ela freqüentou muito mais a escola e ela teve muito mais tempo de ler agora na atualidade né, grandes livros, grandes nomes né eu tenho lido agora grandes nomes até pra eu falar: “poxa que os cara tem aí que, vamos ver que.” tá muito essa coisa aqui em São Paulo eu não sei em Belo Horizonte, de literatura marginal, literatura periférica né que que é isso que que não é...

P – Dá uns exemplos aí das coisas que você anda lendo ultimamente.

I – Ah, eu tô, como é o nome, Manoel Bandeira, Cora Coralina, maravilhosa, nossa gente do céu eu falo: “como é que essa pessoa foi fazer sucesso com 76 anos né?” esse Plínio Marcos que é super forte aqui em São Paulo que é também tô tentando compreender melhor ainda é aquele Bocage identifica muito comigo né, safadeza pura é “trem bão só” (risos) falei: “ah é a minha cara isso.” é o Bocage, quem mais que eu tenho lido, eu tenho em casa nossa, um monte de livro bacana né, li a história do Malcolm X lá, maravilhoso eu me identifico com esse homem né, um trequinho da história do Nelson Mandela também, Martin Luther King, todos esses grandes nomes os negros eu quero ler, Luis Gama, Luis Gama devia tá nos livros de história, tenho uma revolta com isso, das escolas né que foi um herói nacional negro, tem vários outros e não tão no livro de história, por quê? Porque nós éramos negros, nós não tínhamos, mas a gente vai ter a gente tá tendo né essas opções, então essas pessoas assim eu devo ter tido alguma coisa com eles no passado, ele foi meu pai, meu tio, meu primo, meu irmão, meu filho, porque não é possível tanta, parecer né, a gente parecer aquela mesma situação, a mesma briga, a mesma luta, eu tô aqui, sou uma pessoa eu existo, eu também sei ler, eu também sei escrever né tudo isso que a sociedade barra tanto, então é essa coisa polêmica, tá muita polêmica em cima do que eu escrevo sabe, aqui em São Paulo.

P – Que tipo de polêmica?

I – Ah, então “ah, onde você arrumou dom, em quem que você se inspira?” sabe assim e o que você escreve outro dia uma jornalista perguntou pra mim se eu acho que eu sou parte da literatura marginal e eu até não sabia identificar o que que era essa literatura marginal que eu tô aprendendo agora com isso, que depois do último debate que teve lá que quase saiu fogo né, lá na periferia porque eles tão indo lá pra periferia debater com a gente literatura marginal é poeta da periferia, é poeta não sei das quantas né, então a gente tá incomodando né eu falo. Então assim eu não tenho academicismo eu acho que se eu tivesse academia né de letras que as pessoas falam tanto eu acho que, gente eu já tava rica, já te juro eu já teria escrito mil livros que eu tô atrás de escrever um livro sabe, juntar meus textos eróticos, por exemplo, e fazer nem que fosse um livrinho de dez páginas, um livretinho né pra eu ganhar um dinheirinho não acho como assim, mas se eu tivesse, e uma coisa que me revoltou assim barbaramente umas moças que, o cara foi fazer um trabalho com a gente: “ah, ‘fulana’ eu vou te escolher, não sei o que, não sei o que.” e não pegou os meus textos, num pegou a mim, mas pegou as outras três moças que uma delas não tem nem tanta essência assim, ela sabe a academia, mas ela não

tem essência, aquela coisa de “ah, que linda essa moça assim, aí que lindo isso que você escreveu”, mas ela tá lá porque ela fez Letras na USP não sei o que, todas elas têm PUC, USP, sei lá o que mais “PUSP” sabe e eu não e eu não tenho e não tô fazendo questão sabe não tô fazendo questão porque eu não quero correr pra, pra academia pra eu ter valor não, se tiver que ter valor vai ser assim mesmo “Carolina de Jesus” e que seja enquanto eu estiver viva né que a Carolina agora que ela morreu, tão aí fazendo mil sucessos com as coisas dela e ela morreu de fome, porque também não se vendeu né então pra mim, Cora Coralina 76 anos, agora tá aí, livros lindos, maravilhosos, grossos, com poesias mil né, aí não adianta sabe, eu falo “então que seja agora” e falo pros meus filhos também “ó se eu for embora aí ficar nego aí ‘escafunchando’ sua mãe, ‘fulana’, ‘fulana’, vocês não deixam não, rasga tudo, taca fogo.” porque tem que ser agora que eu tô aqui.

P – E o que que é pra você, ler e escrever? Pra “fulana” o que que é ler e escrever?

I – Ah, é um momento mágico, mágico assim fantástico eu diria assim, uma coisa que vem de dentro do ser da gente, uma coisa que ninguém tira que ninguém coloca, brota lá no seu “eu” sabe assim, não sei como e às vezes eu fico lendo as pessoas, eu fico ouvindo certas músicas né, eu gosto muito de guitarra, às vezes eu ouço uns guitarristas eu ouço aquele saxofonista, eu gosto muito do som do sax também, falo: “esse cara tava com alguma coisa na alma assim, quando ele compôs isso sabe.” coisa que só ele tinha isso naquele momento eu acho que, pelo menos os textos que eu gosto que são os mais polêmicos, os mais marcantes né que talvez seja dois, ou três ou quatro, mais esses textos eu acho que é um momento mágico assim, só meu que Deus me deu, a natureza fez brotar dentro de mim, uma mágica assim sabe de repente, que nem essa coisa de dançar também, que nem agora que eu tô dançando às vezes eu observo assim que, a marca da gente né na dança, porque poucas apresentações eu fiz agora que eu realmente sei a dança africana pelo menos né, os passos que eu fiz eu colocaria como dança contemporânea numa oportunidadezinha que eu tive lá na adolescência que eu nunca mais esqueci e mais aquela coisa de tanto que você assiste você cria e mais aquela coisa mesmo você ter a postura, sei lá de repente né, então eu acho assim uma coisa mágica que Deus me deu, foi de repente ele me deu essa postura pra fazer assim, você vê bailarinos e bailarinos, mas tem um ou outro que você vê que é uma coisa mágica né, então eu acho que pra mim é criação escrever e ler, ler também eu acho que é dom, você tem que ter “saco” e pra gostar, porque tem gente lê, mas não tem “saco” lê porque né e depois quer discutir, lê pra ir lá pros debates pra falar: “ah, porque eu leio...” como é que é aquele, vou falar um, não é Dias Gomes é outro da linhagem do Dias Gomes, Castro Alves... aí meu Deus tem um trabalho muito bacana o homem eu nunca lembro os nomes quando, quando eu quero, enfim então ele lê é pra dizer “o poeta maldito” né aquele lá “que escarra nessa boca que te beija” todos esses caras aí muita gente lê esses cara pra chegar, mas assim não tem essência que ele criou né e aí você lê só, eu nem discuto sabe, quer saber eu nem quero discutir essas coisas.

P – Você não diria que a escrita é um desabafo.

I – Um desabafo? Sim é, é um desabafo, muitas das coisas que eu escrevo, porque eu tenho o meu diáriozinho né eu até pretendo um dia, sei lá, fazer alguma coisa com ele que é muito forte, então é um desabafo eu costumo também me desabafar na caneta, mas as coisas que eu escrevo que nem assim, vamos dizer dessas poesias erotizada mesmo que é os momentos às vezes que eu tô assim, de “sarro” com a vida sabe, a pessoa tá me “tirando”, tá tudo difícil, “caramba”, não tenho dinheiro, menino tá doente, não tenho dinheiro pra comprar remédio aí eu vi um bonitão, “nossa eu queria dar uns beijos naquele ‘bofe’ ali, isso sim” aí eu começo imaginar aí desabafo ali sabe e nasce assim, esses textos assim, erotizados né que é aquela coisa que podia tá acontecendo naquele momento ou que aconteceu mesmo ((risos)), às vezes no quartinho ali alguma coisa, umas beijoca, três filhos né, com uns homens diferentes, cada homem forte, bonitão, busto eu “ai meu Deus” e aí nasce esse desabafo assim eu não vou dizer safadeza sabe é bom que seja uma safadeza gostosa que eu acho que todos nós deveríamos ter e expor, porque às vezes as pessoas ficam com vergonha de expor um lado mais sabe assim, “ah, eu gosto de beijar, eu gosto de apertar, amassar um homem assim” as mulher “ai você tá louca?” eu falei “gente, mas é tão bom!” sabe e as mulheres tem vergonha, muitas mulheres que eu conheço, minhas amigas né, tem vergonha disso, muitos homens ficam muito comportados, tem vergonha né, então eu acho que às vezes esse erotismo que eu escrevo sai assim, essa arrebatção assim, eu sou assim pronto, sabe toda aberta que nem mala velha, sem alça, sem fecho, mas ao mesmo tempo uma coisa ponderada, comportada, até demais sabe.

P – Desse grupão todo que você convive aí “fulana”, você identifica assim muitas pessoas que tem um nível de leitura e de escrita razoável assim como o seu ou são poucos os que realmente têm um hábito de leitura, de escrita e são envolvidos?

I – São poucos, são muito poucos principalmente essa coisa da periferia sabe, pessoas que tem qualidade mesmo, que tem dom mesmo na periferia eu vejo muito pouco, eu vejo assim muito igual, que nem tem essa coisa do Rap, do Hip Hop né, tá muito, isso tá muito na moda isso né, então são poucas as pessoas assim, essa coisa, por exemplo, do erotismo que até teve o sarau erótico que a gente criou o sarau erótico “ah, porque foi eu e o outro cara, que só nós dois escrevíamos erotismo” e a gente foi fazer o sarau erótico pra, até pra ver a linhagem erótica das pessoas, no fim não fiz coisa nenhuma, tinha umas pornografia, sacana, pobre, horrível de se ouvir né, pra mim horrível de se ouvir, uns palavrão, uns negócio isso não é erotismo, pelo menos né, do que eu leio assim.

P – Mesmo que não tenha qualidade, você acha que tem assim uma prática das pessoas de lerem, de escrever, mesmo que não seja assim lá grandes coisas, mas você vê assim no cotidiano de pessoas em situação de rua práticas de leitura, de escrita?

I – Num tem, num tem eu acho que se tivesse, as pessoas tivessem mais esse hábito de ler mais elas veriam o mundo, fariam o mundo melhor em tempo, sei lá, de tá se drogando, traficando ou trabalhando demais, que às vezes a gente também vê muito isso ou reclamando demais da vida, se tivesse lendo ela ia achar alguma coisa na leitura, no livro, na música sabe que na dança mesmo, eu digo num baile popular, num baile que você dançar, tomar uma cerveja, conhecer as pessoas, abraçar um homem, porque você tá dançando, você não tá buscando um homem, você tá buscando um par pra você dançar, rodopiar com a música, que eu já fiz muito isso nas época de solidão que eu era empregada doméstica, eu saía, ia pros baile, conheci tantos bailes bom aqui em São Paulo e eu ia, os caras pensavam que eu tava ali caçando, me dando né, eu tava me dando pra dança, eu aprendi a dançar bolero, “tchá, tchá, tchá”né essas coisas que tinha um baile legal aqui é o “Cartola” que hoje eu não vou mais, não sei como é que é, mas eu ia, os sinhozinhos ficavam encantados né “aí, chegou a mocinha pra dançar com a gente” eu ia pro forró, tinha um forró que chamava “Asa Branca” então eu ia buscar o par pra extravasar minha solidão, minha tristeza na dança, então eu busquei um mundo melhor, consegui talvez eu não tenha caído na esquizofrenia, porque se eu tivesse ficado ali muito me drogando, sei lá, bebendo que eu gosto de uma cachacinha né, se eu ficasse tomando cachaça demais, ou num lesse um livro, num ouvisse uma música ou num dançasse eu ia, sei lá, eu acho que se as pessoas tivessem mais hábito eu não digo no mundo sabe, mas aqui no nosso país, as pessoas não tem hábito de leitura não.

P – E os que você conheceu em situação de rua, os que leem e escrevem, vão falar dos que lêem, eles lêem mais o que, que tipo de leitura?

I – Os meninos, ah que eu me lembro, pelo menos nessas reuniões nossas, tem muita gente que lê muita coisa boa viu, dos meus amigos o... o “JFJ”, esse menino que entrou agora o “EAS”, nossa o “EAS” é inteligentíssimo, ele lê umas coisas boas, ele é superintelectual.

P – Mas o que? Literatura? Jornal? Revista?

I – Literatura das boas. É Plínio Marcos, o JFJ você conversa com ele, ele fala de Plínio Marcos ele sabe de Bocage, ele sabe desse “poeta maldito” aí, foi com ele que eu aprendi aquele negócio, como é que é, “jamais morrerei, sou velha, não sei o que, jamais, nunca comi, ‘fodi’ sem nunca ter” um negócio assim que é esse, eu nunca lembro os nomes, mas o JFJ é bom nisso, ele é bom mesmo “JFJ como é que é aquele poema?” falou a frase tal, ele sabe “JFJ quem falou a frase X?” ele sabe, ele sabe tudo e tinha uma época que nós ficava vendendo revista, nós dois não trabalhava não, nós ficava aqui no Banco do Brasil, Centro Cultural Banco do Brasil, vivia enfiado lá aí tinha uma época que era aqueles argentino, não italiano, maravilhoso do cinema italiano ah, “Vancini”... um grande escritor italiano meu Deus, doce, meigo, tava tendo um festival dele a gente não saía de lá assistiu tudo quanto é filme desse homem, maravilhoso, depois teve a exposição no Centro Cultural da Caixa lá no Conjunto Nacional também eu fui desse mesmo cara que eu tô falando.

P – E vocês...

I – Fellini. Ah, Frederico Fellini

P – E vocês descobriam essas coisas como?

I – Porque a gente vende OCAS, então a gente tá nos pontos culturais, então o que eu mais o JFJ ia de peça de teatro, show musical é debate literário ixi, nós sabemos eu falei “JFJ nós somos pós-graduado meu amigo ((risos)) que ninguém desse povo da academia, ninguém desse povo da academia sabe o que nós sabemos”.

P – E escrever desse meio que você viu, as pessoas costumavam, desses colegas em situação de rua que tem essa prática de escrita o que que você via mais escrever, carta, conto, poema, outras coisas, diário o que que você via mais assim de textos deles?

I – Ah, textos assim pra tudo que pedia que nem o seu “C” mesmo a gente participou muito de muita coisa de oficina de textos o pessoal pedia o seu “C” ele tem muita facilidade pra escrever.

P – Mas o que, poema, mais conto, mais notícia, o que?

I – Eu diria que crônica notícia né o JFJ já não tem tanta facilidade pra escrever, ele é ótimo pra lê, assimilar e sabe os grandes nomes e tudo do cinema, da música, da literatura, mas ele já não tem tanta... ele fala: “‘fulana’ como é difícil criar” e nos textos que os cara pedia pra gente na oficina de texto né era uma das que “pipipá” nossa, aí todo mundo vinha atrás de mim “ai que legal isso daí” desde a época da escola né, que engraçado então é dom mesmo, porque não era todo mundo na oficina de texto, você vê que às vezes até os jornalistas tinham dificuldade também pra criar ali em cima daquilo, “ah, hoje nós vamos escrever sobre tal coisa” então “ah, a oficina mês que vem é sobre tal, já tragam textos” eu e seu “C” era um dos dois que trazia já, o “Tião”...

P – Fala pra mim pra gente encerrar um grande nome da leitura que marcou sua vida.

I – Ah, o “Negras raízes”, “A cor púrpura” marcou a minha vida assim, a minha infância inteira até hoje eu lembro e eu lembro que quando eu li o “Negras raízes” eu chorava muito, chorava muito, como que podia fazer isso com um homem, porque que fizeram isso contra Kunta Kinte, chorava, chorava, chorava, que hoje passa o filme, até pouco tempo eu falei pros meus filhos “mãe vamos assistir” eu falei: “não quero assistir esse filme.” porque me marcou muito.

P – E na escrita, quando você escreve, passa um tempo que você lê você fala assim: “poxa isso aqui tem cara de ‘fulano’”, não é que você tem se inspira em, mas a gente quando lê muito a gente, mesmo que você não queira você incorpora coisas, palavras, estruturas e une um outro autor, você já percebeu algum que assim é mais provocador que você ousa.

I – Então quando eu li o Bocage, então eu tenho um texto que eu escrevi que chama “Giselda” eu quis pô esse nome “Giselda” que eu achei esse nome exótico e que inclusive eu peguei dicas com aquele, Marcelino Freire, aqui em São Paulo tá super na moda Marcelino Freire eu fiz oficina de poesia com ele e ele me deu umas dicas eu alterei o texto, mas assim quando eu li eu digo “ó, ‘fulana’ que Giselda é essa?” aí depois eu li Bocage que era um texto não sei o que “ah é de ‘foder’ com meu negrinho né” que era uma madame toda pompa, mas ela gostava bem de ir lá com o negrinho eu “ah, tá vendo à toa” então eu me identifiquei eu falei: “poxa não é que eu tenho uma linhagem meu Deus do céu né, de Bocage.” e depois uma outra, uma outra também que eu li que agora não vou lembrar, também identifiquei aí as pessoas me identificavam com ele “Elisa Lucinda” né “ai você não sei o que” eu falei: “mas quem que é essa Elisa Lucinda meu Deus que que é isso, quero conhecer essa mulher.” aí fui na peça da Elisa Lucinda “Parei de falar mal da rotina”, nossa que espetáculo aí falei: “tá vendo eu sou a mulher mesmo” porque ela é toda “pá” né ela chega, ela interpreta os textos dela eu falei: “nó, mas não é que eu tenho mesmo um ‘Q’ da mulher gente, identifico com a mulher, nem sabia né.” eu não sabia, mas tem essa coisa mesmo e é muito engraçado às vezes você escrever e pensar “poxa tá parecendo ‘fulano’” e a Cora Coralina essa coisa do socialismo é de ler assim, do preocupar com o social, com os irmãos, morador de rua, prostituta né eu lendo os textos dela, da criança eu falei “poxa, eu escrevo umas coisas que as pessoas falam que é...” que eu achei que era bobo algumas coisinhas que eu tenho em casa eu falei: “poxa, mas parece Cora Coralina, porque que eu não vou falar disso no

sarau, vou declamar sim.”entendeu, porque parece se a mulher faz sucesso, também vou fazer eu num copiei dela, nem sabia que existia entendeu, tem toda né essa identificação mesmo assim, então...

P – Você gostaria de falar mais alguma que eu não perguntei pra você e eu esqueci que você acha importante deixar registrado?

I – Ah, só que quero deixar registrado assim que eu tô buscando né, que eu tô construindo a minha história já tem anos que eu tô construindo e eu quero mesmo, sei lá, um dia poder publicar as coisas que eu escrevo mesmo publicar legal pras pessoas lerem, pra poder chegar lá e falar “ó, isso” mostrar que ainda que eu coloque dança que eu coloque música, que eu coloque só os textos, mas que eu tenha essa oportunidade eu quero ter essa oportunidade ainda né que tá vindo tanto dinheiro aí do fomento essas coisas todas só que eu ainda num, sinto que eu num tenho o preparo ainda pra buscar isso né, mas eu quero, quero ter mais oportunidades de ir no SESC que nem eu fui lá com cartografia literária, nesses lugares assim ganhar um dinheiro, ser reconhecida, aplaudida, ah, eu quero muito e quero continuar na minha simplicidade e né vender OCAS eu quero vender OCAS lá na rua, mais sofrendo, no sol, na chuva, no frio, mas nos eventos fechados porque tá fazendo muita falta pra mim a revista que essa coisa da, como é que eu falo, da comunicação né, porque vendendo OCAS eu ia em todos os eventos eu sabia de tudo, eu entrava em várias peças, agora eu não tenho mais isso, tem que pagar ou vai só nas que são grátis né, porque eu não tô lá “ah, você vende aí, vem cá que eu te arrumo ingresso”né, nos filmes, o Espaço Unibanco tô sentindo muita falta disso e eu quero voltar a vender OCAS sim, mas não, vamos dizer, que mais por esporte do que por necessidade né que nem era antes, quero deixar isso bem claro assim e ah, o projeto do meu coração, pena que não é como deveria ser eu acho ou não é como eu gostaria que fosse, infelizmente é pra incluir, mas eu acho que anda excluindo bastante ou andou excluindo só isso que eu quero deixar bem claro assim, talvez eu tenha me afastado porque eu sou uma pessoa, tenho sentimento, então é isso.

P – Muito obrigada então tá.

I – De nada.

Informante 10 – Código de identificação 010ASC, entrevista feita em 31/10/08. Porto Alegre. Tempo: 00: 31:46

Pesquisadora – “Fulano” pra gente começar eu gostaria que você me contasse um pouquinho do seu dia-a-dia, como é que é um dia seu comum?

Informante – Ah meu dia pra mim agora é melhor que antes porque antes meu mundo eu... no meu mundo eu... era drogado, o dia pra mim não era bom porque eu gostava de curtir mais a noite entendeu, aí eu fazia a noite não tinha o que fazer no dia aí o dia eu dormia todo eu sei que a vida do drogado guarda horror né, mas pra mim agora tá melhor que eu larguei de tudo e trabalho hoje né?

P – Você trabalha em que?

I – Eu trabalho no restaurante do “Boteco do Natalício”, nós trabalhamos ali na Coronel Genuíno.

P – Lá o que que você faz?

I – Lá eu trabalho, eu CUIDO DE CARRO.

P – E como é que é a história da sua vida? Você já começou me contando alguma coisa eu falei “perai um pouquinho” agora você vai me contar. Me conta um pouquinho sobre a sua história, sua vida a sua família, sua vida os fatos que aconteceram com você, onde que você nasceu...

I – Ah, eu nasci na Santa Casa às dez horas da manhã, dez horas da manhã, mas eu saí pra rua com 6 anos de idade, quando eu completei 6 anos de idade eu saí pra rua, mas eu estudava, eu estudava e vinha pra rua, eu estudava e vinha pra rua porque na rua eu podia fazer coisa que eu não podia fazer na minha casa, era cheirar cola, bagunçar com os guri na rua, roubar, tocar pedra nos ônibus, nos carros, isso que a gente fazia, aí eu e eu nunca tinha conselho do meu pai, meu pai me fez, a minha mãe que me criou.

P – E são muitos irmãos?

I – Eu me virei até os 6 anos. Irmão? Irmão tenho, duas irmãs só.

P – E você é o mais velho?

I – Eu sou o mais velho.

P – Aí você saiu e ficava na rua e até quando que você ficou?

I – Fiquei até os meu 30 ano de idade.

P – Hoje você tem quantos anos mesmo?

I – 31.

P – Ah, então você tem um ano que você voltou. Você voltou pra morar na sua casa?

I – Faz um ano que eu larguei de tudo que eu usava droga, cheirava cola, não gosto nem que cheire perto de mim, pra mim agora tá bom, eu trabalho, todo mundo gosta de mim, viram que eu mudei né, que eu não sou mais aquele mesmo... que eu roubava, fazia as coisas, andava sujo sabe, sempre com unha grande.

P – E o que que te fez voltar pra casa?

I – Eu conheci meu pai, eu conheci meu pai. ((ri))

P – Você conheceu já com 30 anos?

I – Eu pensei que o meu pai era morto, pensava que a minha mãe era viúva, meu pai nunca tinha ido me ver, aí quando eu fui fazer 30 anos minha mãe me levou em casa dizendo assim que tinha um presentão grande pra mim, aí eu fazendo meus 30 anos festejar como não como bolo, não como doce, sou vegetariano não como carne também aí a mãe “ah, mas eu trouxe um presente bom pra ti” aí voltou tomei um banho, botei outra roupa, uma camisa novinha do meu aniversário, ela botou uma venda nos meus olhos aí fomo lá ela botou eu na frente do bolo quando todo mundo cantou parabéns ela trouxe meu pai.

P – Puxa foi um presentão.

I – “Bá” o maior presente do mundo, daí ela falou assim: “agora vou tirar a venda vou te mostrar o presente que eu trouxe pra ti” tirou, eu vi um cara na minha frente, mas não sabia que era meu pai, tô com a minha identidade aqui a minha certidão eu deixo em casa né, aí falou assim, bem assim: “Ó ô mano esse aí que é teu pai”, quando a minha mãe me chamou de mano ela não me chamou de filho, mano que eu sou o mais velho dela, minha mãe bate aqui no meu peito, ela é muito baixinha, aqui, ela bate aqui em mim ((mostrando com a mão a altura mãe)) aí eu falei assim: “tá mãe, então vão ver se ele é o meu pai mesmo.”eu dizia: “eu não tenho pai, eu acho que meu pai tá é morto.”ela falou assim: “não, teu pai não é morto, tá aqui na tua frente.” “como é que é teu nome?” “meu nome é CBR.”aí peguei minha identidade, olhei na carteira “como é que é mesmo seu nome?”CBR, fiquei meio desconfiando “daí o nome da tua mulher” que era FNS, que é o nome da minha mãe, peguei a certidão “como é que é o seu nome mesmo?” “CBR”, “e o nome da minha mãe”, “o nome da tua mãe é F né, não tá, sasabendo?” o jeito dele gaguejar sabe eu... “Bá é meu pai mesmo”aí eu peguei, abracei, ele dele dei um beijo na BOCA dele assim ((faz som de beijo)) aí depois ele ficou... aí e eu não quis ir mais embora pra rua aí foi onde eu saí da rua... e continuo trabalhando no jornal que eu nunca deixei de trabalhar no jornal que o jornal é para os moradores de rua, hoje eu não moro mais na rua, eu tenho tudo na minha casa entendeu, eu moro numa ilha, mas os meus irmãos mesmo são os que moravam na rua comigo, meus pais são aqueles que me criaram na rua que me davam cada coisa pra mim comer na rua pra eu não ir pegar negócio no lixo, esses são meus parentes mesmo que eu não moro com meu pai e não moro com a minha mãe.

P – Você até que série “fulano” a quinta que você falou?

I – Até a quinta série.

P – E...

I – Eu moro do lado da casa do meu pai só.

P – E você morava antes na rua mesmo assim onde, debaixo de ponte...

I – Morei debaixo da ponte sabe, morei debaixo da ponte do (Praia) de Belos, morei na Prainha a gente fazia barraco sabe, a gente morou ali, a gente juntava negócio pra comer, a gente ia no fórum aí tinha um cara que ele largava lá no prédio, lá no portão de... que ele largava lá no portão... lá largava um saco de comida assim feijão, saco de arroz, saco de salada vinha tudo separadinho sabe, a gente ia lá no lixo lá e pegava lá, aí levava de carrinho ou então levava aqui na paleta, aí lá embaixo da ponte a gente tinha uns latão, a gente botava nas lata, a gente esquentava era a nossa alimentação e tinha carro terça, quarta, quinta eles passavam meia noite “pipi” ((som de buzina de carro)) ó o lanche” aí eles traziam, uns traziam cachorro quente pra gente, uns traziam sanduíche e suco, uns traziam marmiteix que é um potezinho de comida assim sabe todas essas coisas levavam na rua pra nós e a gente assim sobrevivia na rua né.

P – E aí você começou depois... como é que foi a sua entrada no jornal? -- O seu telefone é que tá...((som ininterrupto))

I – É o meu relógio.

P – Ah, seu relógio tá despertando?

I – É um minuto.((interrupção))

P – Me conta como é que você foi parar... como é que é você participa das oficinas, como é que é a sua participação das oficinas do “Boca”?

I – Ah, a participação na oficina do “Boca” é que cada um, nós tamos entre agora... nós tamos entre mais ou menos uns trinta... aí cada oficina do jornal que a gente faz, na primeira reunião é todo mundo junto... aí cada um, por exemplo, tem a Alzira, a Natália, a Nanda, tem o Manoel que o Manoel tá viajando agora lá pra França, lá pra fazer o trabalho pra nós também, aí quando a gente tá tudo junto primeiro a gente se vê todo mundo, aperta a mão do outro, aí a gente já fala sobre o jornal que a gente vai fazer...

P – E eles são os jornalistas?

I – Aqueles ali é o jornal que fala só dos moradores de rua, nosso jornal é só um que fala da rua nosso jornal não fala mais de coisa que nem o “Diário Gaúcho” entendeu nosso Diário é só dos moradores de rua aí aquele grupo que a gente tem ali ((apontando espaço onde se formam os grupos na sala)) a gente forma cinco grupo, cinco com o Manoel, cinco com a Natália, cinco com a Alzira, cinco com a Nanda... aí a gente... cada um faz a matéria do morador de rua, tem eles já tem eles falam pra nós “a gente vai fazer isso aí”, a gente tem que procurar os lugar, a gente tem que saí bem certo mesmo, aquilo ali que a gente quer fazer pra sair do jornal do morador de rua, a gente tem que ir lá no local, fazer a entrevistada com ele ,aí ele vai responder, a gente vai escrever né, aí depois que a gente conversa de novo, a gente, a gente vai de novo, aí pega mais um nome na família porque que ele tá na rua e tudo, que nem aconteceu comigo aqui... entendeu, aí a gente coloca na matéria do jornal, a gente escolhe uma capa pro jornal que é só de moradores de rua também, esse senhor que tá na capa ali ((apontando jornal)) só com uma perna, esse senhor a gente botou ele na capa do jornal porque ele foi um pai para vários moradores de rua que hoje são advogado, delegado são hoje são dono de firma...

P – E quem que lê esse jornal?

I – O jornal todo mundo lê.

P – Quem mora na rua lê o jornal?

I – Ah muitos gostam do nosso trabalho.

P – E você acha que as pessoas que vivem nas ruas, que moram nas ruas costumam ler, alguma outra coisa?

I – Ah alguns até perguntam né, porque tem muita gente que compra o nosso jornal, daí eles falam desse “ah, já saiu a nova edição, então eu gostei desse jornal” aí se tu vai mostrar ali.

P – E eles escrevem? Você já viu alguém escrevendo na rua, pessoas que moram na rua têm hábito de escrever?

I – Tem.

P – Que que será que eles escrevem, você sabe?

I – Ah, alguns escrevem a história da sua vida né, como é que é a sobrevivência deles, tem uns que gostam de escrever pra depois ficar lendo... se alguém chegar perguntar pra eles, daí eles saber um dia como responder espia no papel, escrever sobre uma vida aí:: tempo que eu fiquei muito na rua né, tem muitos que falam isso aí né, e eu como fiquei muito tempo na rua assim... eu aprendi a fazer a música porque eu tenho um irmão que é poeta e eu sei fazer tudo que eu sobrevivi na rua, de vez em quando que eu gosto de falar na música entendeu, porque eu choro... se eu for cantar a música eu canto isso do meu pai eu choro também, se eu ficar falando muito no nome dele eu choro também, porque agora ele não tá perto de mim, sabe onde ele tá? Tá em Estância Velha, pra mim vê ele é só domingo.

P – E quando você escreve, você não escreve então sobre coisas que aconteceram com você, você gosta de escrever algumas coisas que você imagina, são histórias imaginárias que você escreve né, é um Rap, que você faz... são Raps?

I – Eu faço Rap eu faço um monte de coisa, música pra mim não tem música certo.

P – E aí tão publicadas no jornal? Eu vou conseguir ler esses Raps no jornal?

I – Tão no livro.

P – Ah, no livro tem os seus Raps então, eu vou conseguir conhecer.

I – Tenho “História de mim”.

P – Lá no “Histórias de mim” tem um Rap seu, você escreveu e tá lá, vou poder usar esse Rap, ler e analisar...

I – Vai poder usar ele sim, tem umas quatro música eu acho.

P – É mesmo?

I – Tem quatro músicas.

P – Então você é um artista de verdade, tem muito texto. E você gosta de ler também, não?

I – Claro que eu gosto de ler.

P – Que que você gosta de ler?

I – Ah, gosto de lê aquela letra de jornal maior “tem problema” ((lê em jornal)).

P – O que?

I – Isso aqui ((aponta e lê em jornal)) é “tem problema” isso ali tô lendo ó “Projeto moradores em situação de rua”.

P – Pois é, e você gosta de ler o que... que é que você costuma pegar pra ler, você gosta de ler livro, não? Ou mais é revista?

I – Áham ((afirmativa)), o meu signo.

P – Ah, você gosta de ler jornal então... sobre o seu signo?

I – Gibi pra mim lê... eu só gosto de ler aqueles de super-heróis história em quadrinho. A revistinha do X-man, um deles morre, ele morre em...

P – E desde quando que você gosta de ler?

I – Ah, desde quando eu nasci porque eu nunca “rodei”, eu parei de estudar por causa dos tiro que eu tomei, fiquei oito ano de cadeira de roda.

P – Por causa do tiro, foi a sua ex-mulher que deu tiro?

I – Ela não foi nada, foi os malandro.

P – Ah foi na rua?

I – Foi lá na (Pilastra) Jardim donde eu moro, lá na pedra, perto da “Pedra da vovó”.

P – Aí na rua então eles te deram um tiro e você parou de estudar, você tinha quantos anos?

I – Um tiro? Eu tomei quinze tiro.

P – De uma vez?

I – Aqueles tiro de ponta 40, um de quarenta cartucho desse tamanho aqui ó.

P – Poxa vida, então você é duro na queda uai, você não morreu ficou ainda depois de quarenta, você tá bem.

I – Isso me deu problema na visão entendeu, eu enxergo, mas quando eu tô me viciando pra ler assim começa e embarçar entendeu, eu tenho que usar um óculos, mas eu sou pobre né irmão, não sou mais morador de rua, mas eu...

P – Mas continua com dificuldade né...

I – Porque em casa agora, em casa é diferente pra mim né, agora em casa eu posso mais acordar a hora que eu quero, que antes na rua ... tô dormindo debaixo da ponte as mulher ia lá te acordava, chute sabe, aí tu ia pegar teus bagulho que eles botavam em cima do caminhão, eles te davam paulada e te algemavam, esperavam vim a polícia te levavam lá pro negócio lá da brigada, lá tu ficava lá de molho lá até de noite pra depois você ir pra rua.

P – “Fulano” espera aí só uma coisa, como é que você falou que gosta de ser chamado mesmo?

I – Tim¹³⁰.

P – Tim... Tim MC? ((escrevendo))

I – É MC.

P – MC?

I – Bota o ponto ali no meio do M ali. ((aponta o nome no papel para pesquisadora))

P – ãh ((interrogativa))?

I – Botar um ponto ali.

P – Ponto?

I – Senão fica mais... aqui ó.

P – Ah, tá MC, isso tá certo. Então me fala uma coisa Tim, qual que é o assunto que você mais escreve nos Raps, que que você mais gosta de escrever, sobre o que?

I – Ah, tem muitas história que, porque o cara que é Rap... o cara Rap... ele geralmente, ele procura muito na rua, eu sou um... eu ando muito na rua, eu gosto de olhar a rua pra ver como que ela é, eu faço a música, eu fiz a música do “Povo brasileiro” que geralmente a senhora passa na Andradas, sempre tem um menorzinho que pede pra senhora não é? Aí isso aí, então quando a minha cabeça... um dia tava lá comendo um cachorro quente aí chegou o menorzinho “tio consegue um pedacinho”,

¹³⁰ Nome fictício.

daí eu falei “o tio não pode dar um pedacinho, o tio vai te dar todo ele e vou te dar mais um dinheirinho pra ti comprar outra coisinha pra ti comer, não ficar com fome” entendeu, porque na rua era assim a gente... tem gente que não gosta, não gosta de nós nem que encoste, encosta a gente “ah, pô” já fica bravo, tem gente que já é nervosa mesmo, mas tem gente que tem um carinho por amor por moradores de rua, gosta de ajudar aquela pessoa, eu sou um, eu sou bom até pras pessoas que são ruim pra mim e eu não moro mais na rua, cheirava cola, não cheiro mais.

P – Então o assunto que você gosta são de coisas que você vai vendo?

I – É.

P – Sobre coisas que você vê.

I – Eu faço a música, quer ver vou dizer essas aqui pra ti ó, essas aqui eu fiz dos moradores de rua aqui ó ((cantando em ritmo de rap)) “trabalho, trabalho, não consegue o que comer se você passar na Andradadas como eu não aprendi para você, primeiro lhe recebe com carinho para dar a ele o que comer, mas seus amigos já começam a dizer hã até que você tem sorte arrumou o que comer, mas não foi o suficiente para dividir com vocês, mas um amigo diz não dá nada vamos pra casa tirar essa roupa rasgada, esquecer o passado, renovar o presente para que a miséria não encoste em mais gente, se você é do Brasil e está sua mente sempre sonhando então com um Brasil mais diferente.”... isso é real com os moradores de rua.

P – Nossa legal hein! Porque que você escreve? Quando você escreve qual que é o sentimento que você tem?

I – Ah, vários sentimentos mais é com a música porque, porque eu não tenho mais amor na minha vida.

P – Ah, então quando você, quando você tá apaixonado você escreve? É isso que você tá falando?

I – Então agora eu tô fazendo mais música de amor sabe, porque geralmente só quando acontece uma coisa assim de... um assim que eu vejo, na rua assim sabe, mas a gente não pode tá falando muito essas coisas se a gente vai cantar assim na hora falando essas coisas assim, não vê o “Sabotage”? “Sabotage” morreu porque falava muito da vida dele, aí chegou o cara da Vila dele lá, mandou matar ele, porque ele falava muito da vila dele.

P – Da VILA dele?

I – É da VILA, onde eles morava em São Paulo é a mesma coisa aqui no Sul, aqui tem muita gente que canta né ((cantando)) “que só pra ler pode nascer da descoberta”... tem uns que falam isso aí, mas isso aí não tem nada a ver, não pode falar do que ACONTECE na vila se tu falar, tem muita gente que não gosta, diz que a gente é um “zambiase”.

P – Que que é “zambiase”?

I – É uma rádio que tem na... uma rádio na AM o “zambiase a rádio farroupilha” aquilo ali ele fala tudo... que tal malandro foi assim, matou, ele é dessa cor...

P – Tipo um fofoqueiro.

I – É tem “fifi”.((rindo))

P – Ah, fofoqueiro.

I – É fifi aprendeu a fofoca.

P – Então normalmente você escreve... o motivo que você escreve...

I – Que nem uma música agora que eu vou cantar lá na feira do livro, o título da música é “Eu quero ser seu namorado”... que eu sou muito apaixonado pela guria que eu cantei lá (na UMBRE), não lá na (Rodembergue), no Cesmar lá aí... o nome dela é Patrícia, aí eu fiz uma música pra ela... na hora que eu vi ela... eu quero ser o namorado dela né, aí eu peguei fiz uma música pra ela, um dia eu botei pra ela “ó o título da música pra você, ‘Eu quero ser seu namorado’.”

P – Ah, ta... você tá se declarando. Então você falou que não gostava muito de falar sobre o que acontecia na sua vida, mas na verdade você fala, você já falou da vida na rua, você falou que escreve porque...

I – É porque a senhora está me entrevistando, pra senhora eu tô falando mais terminar isso aqui já...

P – Ah, tá você não fala que são coisas que se passam com você. Você acha que a escrita, as pessoas escrevem pra que? Em geral quem escreve... o que que a escrita pode mudar na vida de uma pessoa?

I – Ah que um dia tu pode morrer, aquilo ali que tu foi... aí eles vão ficar pensando “ah você lembra daquele cara, ó isso aqui ele deixou escrito aqui ó”

P – Pra ficar na memória das pessoas?

I – Que nem minha música tá gravada no CD, o dia que eu morrer eles não vão me ver mais, mas vão ouvir a minha voz ali ó, minha voz eles nunca vão esquecer.

P – É a memória então?

I – Vão poder ouvir a voz, é.

P – Quando você acaba de escrever um texto ou uma música, como é que é o seu sentimento, que que você sente?

I – Eu me sinto feliz, fico contente.

P – Realizado?

I – Áham ((afirmativa)).

P – Essa... você fala “isso aí foi demais, gostei do que eu escrevi” é isso?

I – É.

P – Você tem quantos textos publicados?

I – Música?

P – É, textos num modo geral, músicas, textos, você sabe quantos?

I – Ah, isso aí eu tenho desde os 6 anos de idade.

P – E que já saíram em revista e jornal aí são menos.

I – Revista e jornal agora foi mesmo foi saiu só lá na FASP lá que a gente fazia música assim a gente digitava né, digitava lá e aqui no “Boca de rua” sai no jornal, sai nos livros que a gente faz entendeu.

P – Quem que você tem como um bom modelo de escritor que você olha e fala assim “nossa eu podia escrever igual esse cara”? Tem alguém?

I – É muita poesia que eu gosto de fazer.

P – Tem algum poeta que você gosta mais?

I – Eu gosto de escrever muito a história da vida também... se você chegar e falar pra mim “Tim queria escrever toda a história da minha vida” eu conto pra ti, aí eu paro ali ele conta pra mim ele conta toda a história da vida dele, aí eu escrevo toda a história da vida dele e se ele quiser eu sei fazer aquela história dele em ritmo de uma canção de uma música que ele gosta, aí eu boto vários tipos de canção pra ele, o ritmo que ele gostar eu tenho o dom de botar aquela história dele, fazer uma música com o ritmo daquela canção que ele gosta de escutar.

P – Você gosta de... além do Rap você faz outras coisas...

I – Eu já tenho um dom naquilo ali já.

P – Além do Rap você faz outras músicas também.

I – Qualquer história, em português meu irmão quando eu estudava eu era bom em Estudos Sociais tudo que eu bagunçava muito (em “H” da história), eu já fazia história e gostava muito da história e nisso aí era sempre nota cem.

P – E quanto tempo tem a oficina aqui do “Boca” que você participa?

I – Seis anos.

P – Seis anos. Você acha que a oficina muda a vida de quem participa contribui como assim pra quem participa dessa...

I – Ah, eu acho que é um lugar que a única coisa que muda é o seu estilo, porque aqui tu vem com um estilo aí tu sai daqui com outro estilo, que é um estilo que tu nunca mais vai querer esquecer, que tu gostou de fazer e de aprender fazer com todo mundo que é a música, a dança entendeu, o grafite, a coreografia...

P – Aqui trabalham também isso com as atividades?

I – Registrar a música que é escrever a música, depois digitar ali no computador que nós temos sabe... é muita coisa que... então (eu não gosto aqui, mas) tem muitos que já foram que era o Toninho, Vinícius, tinha um monte que vinha aqui que dançava pra caramba, o Tiago.

P – Então tem essas atividades também? Tem outras atividades sem ser escrever né. E você acha que as pessoas mudam quando elas participam da oficina, mudam pra melhor em alguma coisa?

I – Ah o mudar deles só ficam falando como é que foi a oficina do outro lado assim sabe “ah, a oficina foi assim, assim, assim, assim”, eles falam isso... aí que muda pra eles porque diferente pra eles, única coisa mesmo que mudou é o lugar que às vezes a oficina não dá, às vezes é porque o que muda é só isso aí ... porque pra eles o que eles acham, a palavra que corresponde é sempre a mesma, eles pensam assim véio, mas é que eles não sabem que ainda eles tão fazendo, falando com outras pessoas diferente e é outra conversa, não é que é a mesma conversa, mas eles tando no lugar pra eles sempre é tudo a mesma coisa.

P – “Fulano”...

I – Tem gente que não entende meu.

P – Tem alguma coisa que você queria me falar... que eu acho que o nosso tempo já tá quase encerrando, tem alguma coisa que você queria me contar ou falar que nós não conversamos aqui?

I – Ah, eu queria saber o teu nome.

P – Até agora você não sabe “fulano”? ((rindo))

I – Eu não sei.

P – Eu falei acho que no início e eu achei que a Nanda também tivesse falado, meu nome é Magna.

I – Magda?

P – Isso. Só que não é com “d” é com “n” Magna.

I – Magna?

P – Isso. E eu estou fazendo um trabalho pra...

I – Sabia que o nome da minha madrinha é Magda?

P – Então... quase o mesmo nome. Atualmente você mora com sua família né “fulano” tá morando com sua mãe...

I – Meu pai mora do lado da minha casa, mas eu não moro com ele.

P – Ah sei, mas você vê todo dia, com seus irmãos mais novos então né.

I – É.

P – E tem alguma coisa que você queria contar que você não contou?

I – É que na minha casa é diferente do que aqui... eu não tô mais na rua entendeu, tô na minha casa, na minha casa eu só vou pra mim dormir, tomar banho, escovar os meus dentes, trocar a minha roupa, eu lavo a minha roupa lá também tem máquina, mas eu não gosto de lavar a roupa na máquina não, encolhe a roupa, eu lavo na mão, eu mesmo gosto de lavar que a gente fica com a unha bem limpinha...

P – Fica mesmo.

I – Eu acho diferente que aonde eu moro não é com o meu pai, não é com a minha mãe entendeu, lá na minha mãe eu já como, no meu pai eu já como.

P – Você fica... você trabalha é à noite?

I – Eu trabalho seis e meia, lá no “Restaurante Natalício”.

P – Ah tá.

I – Mais aí:: lá onde eu moro lá com meu irmão, meu irmão deu fogão, deu bujão entendeu, mas dificuldade mesmo comer... que eu passo na casa do meu pai, eu posso comer...eu passo na casa da minha mãe eu posso comer... é:: que eu não gosto de comer a comida que eles comem, sou vegetariano não como carne.

P – Aí você que faz sua comida?

I – Eu como só peixe.

P – E você que faz a sua comida?

I – Eu faço só a minha comida e lá no meu irmão não tem tempo pra comer aí eu como lá no “Bandejão” aí lá no “Bandejão” eu como e à noite eu como no restaurante, mas eles sabem pra mim eles faz só arroz, feijão e salada... que eu não gosto de carne não como (“proa”) nem de galinha pra mim comer só se for salsicha, assim mesmo não gosto.

P – Então tá bom “fulano” então é isso... eu queria mesmo conversar sobre isso, pra você me contar um pouquinho da sua história né, pra contar sobre isso, sua leitura, sua escrita...

I – Quer ver a minha música que eu fiz pra Patrícia?

P – Ah eu quero porque enquanto isso o outro chega.

I – ((cantando)) “Escute que eu digo, escute que eu falo, só quero ser seu namorado, escute que eu digo, escute que eu falo, só sei viver curtindo do seu lado, quando eu vejo você meu corpo começa arrepiar, é uma explosão, é você que está completa no meu coração, fico preso com seus beijos te encho de desejos, te abraço bem forte e ((cantando e batucando)) sabendo que eu não quero te perder, voltei, voltei só para ter você, a vida inteira sempre do meu lado, escute que eu digo, escute que eu falo, só quero ser seu namorado, já cansei de ver que fica preocupado só não de ter você ao meu lado, que isso não acontece com quase todo mundo, deste estado todo mundo me olhando, sabendo, dizendo que eu quero ser o seu namorado, escute que eu digo, escute que eu falo, só sei viver curtindo do seu lado.” Isso é uma música que eu fiz pra ela.

P – Ficou muito bonita... e a “PA” já conhece a música?

I – Ah já conhece já gravei até no CD pra ela.

P – É? E a “PA” tá correspondendo aí ao namoro ou tá mais ou menos?

I – Ah, que ela é muito nova.

P – É mais nova que você?

I – Ela tem 25 anos mais ou menos, mas o pai dela deixa ela namorar, mas ela é muito nova, não dá pra gente andar muito junto, mas ela é mais alta que eu.

P – Deixa eu te falar... essas músicas que você cantou não foram publicadas.

I – Eu mesmo faço.

P – Pois é... se eu quiser usar algum texto seu não publicado posso também, esse aí que você acabou de falar, pode não pode?

I – Claro. Quer saber o título da música? “Eu quero ser seu namorado”.

P – Aí então já tá gravado o nome porque se a gente for usar... só que eu preciso da sua autorização também e aí ... você quer que o seu nome saia completo ou que ele, você não quer que saia seu nome na música, mas só o seu pseudônimo, seu apelido.

I – XXX¹³¹.

P – Seja abreviado, então seja abreviado apareça como... ((preenchendo “Autorização para uso de texto não publicado”))

I – XXX.

P – Engraçado é XXX, assim na frente. Tá ótimo. Aí você assina aqui pra mim, mais assinatura hein “fulano”. Você tá virando um artista aqui, você só assina hein?

I – É.

P – Tá vendo como é que tá importante?

I – É sim.

((Interrupção e retorno: Entrevistado pede para continuar gravando entrevista, enquanto o próximo entrevistado não chega))

P – Pode contar.

I – Porque a gente trabalha no “Restaurante Natalício” aqui né, aí a gente tem muitos tem... que agora a CIEDA mandou tirar os flanelinha da rua... mas só que pra quem a gente trabalha ela não pode tá lá, eu e a guria, que a gente é flanelinha, a gente cuida dos carro, na verdade eu cuido de carro no SENAC eu trabalho ali 25 ano, eu saí dali com 30 ano, mas eu venho todo dia trabalhar e vou pra casa todo dia, que ali eu morava na rua, na verdade eu dormia no chão usava tudo ali, mas eu andava sempre limpo, nunca andei sujo ia na “Harmonia” tomá o meu banho.

P – Harmonia é uma Praça?

I – Aí eu conheci a Isabel¹³² uma rueirinha “tri” guria assim, aí ela começou a namorar comigo, ela queria ter filho comigo, só que ela morava no Monte Negro aí foi morar comigo embaixo da ponte lá no prédio dela aí a gente teve, ela ganhou filho, as minhas filha ter ganhado dois gêmeos, as minhas filhas agora tem 9 anos...

P – Nossa, ela ganhou gêmeos?

I – Ganhou gêmeos.

P – Uma menina, Maria Cecília?

I – Não.

P – Como é que eles chamam?

I – Taciana e Ana Clara.

P – Taciana e Ana Clara.

¹³¹ O pseudônimo foi retirado para impossibilitar identificação do entrevistado.

¹³² Nomes fictícios.

I – O nome da mãe delas é Isabel. Mas só que elas moram no Monte Negro né, elas não moram... eu moro na Zona Sul elas moram no Monte Negro, aí eu posso ver elas só no aniversário delas ou no Natal ou no Ano Novo. Mas elas já falaram “paiê quando nós fazemos 15 anos nós tamo indo embora, vamos fugir do vô e da vô”, elas não moram com a mãe delas, elas moram com o vô e com a vô que... uma tem o olho azul e uma tem olho verde, eu não tenho olho azul não tenho nem olho verde (risos) entendeu, é que elas puxaram o vô, o vô delas tem olho verde e a vô delas tem olho azul. Elas tão meio, elas tão bem, aí eu vou lá levar negócio pra elas, um almocinho, elas falam assim: “pai ó... sabendo né, nós tamo estudando nós queremos se advogada do Estado, nós vamos ser grandona, nós vamos te ajudar como ce ajuda nós, só que nós não precisamos, mas aceitamos tudo dado... que é nosso pai... aí tu vai ficar velhinho, nós vamos te dar tudo na tua boquinha, na tua mãozinha, vamos cobrir os pezinhos pra ti dormir, dá cafezinho na cama”... aí eu rio, falo “ah gente” e elas vão embora.

P – E a mãe, você é casado com a mãe delas?

I – A mãe delas se casou com um cara mora lá na... lá em Santa Catarina lá na, como é o nome daquela...

P – Lá em Florianópolis?

I – Florianópolis ela tá morando com um cara em Florianópolis (e minhas filhas mora no Monte Negro).

P – É bom que é perto da pra você encontrar.

I – Ah eu vou ali, pago vinte e sete real a passagem, mas eu vou e volto.

P – É só de vez em quando também.

I – Tem o pessoal da hípica lá, o vô delas é militar também que ele é sargento da brigada.

P – Ah é?

I – Raro ele brigar.

P – Então você tem que ficar esperto com ele, qualquer coisa ele puxa a sua orelha, sargento...

I – E já comprei a casa delas também, deixei a minha irmã cuidando, a minha irmã tem a casa dela, mas aí eu comprei a do lado e a minha irmã cuida.

Informante 11 – Código de identificação 011JNMR, entrevista feita em 31/10/08. Porto Alegre. Tempo: 00: 28:07

Pesquisadora – “Fulano” primeiro eu queria que você me contasse assim como que é o seu dia a dia, um dia assim normal da sua vida.

Informante – Ah o meu dia a dia normal uma... não tenho horário pra acordar nem horário pra dormir, de manhã quando eu me acordo provavelmente eu... vou direto trabalhar no sinal, tá ligado, eu pego meu jornal e trabalho na sinaleira e eu vou pro sinal arrumo uma moeda pra poder tomar um café aí depois que eu tomei o café aí:: continuo trabalhando.

P – E qual que é o seu trabalho?

I – Eu trabalho é:: vendendo o jornal “Boca de rua” um jornal feito totalmente pelos moradores em situação de rua sendo que a gente mesmo, nós próprios moradores de rua fizemos as fotos, as entrevistas, escrevemos as matérias, fizemos os textos, tudo como um jornalista faz né, a gente faz... bem dizer... a gente faz mais que o jornalista porque jornalista apesar de tudo eles tem algum certificado, eles tem algum atestado que eles são jornalistas, tá ligado, mas nós não temos nada que comprove que nós somos jornalista, mas nós temos a mesma função que eles.

P – Eles estudam pra isso, eles se formam.

I – Eles estudam pra isso.

P – Tem que correr atrás sem ter ninguém pra ensinar.

I – Sem ninguém ensinar o dia a dia nos ensina.

P – Isso, como é que é... eu queria que você me falasse um pouco assim sobre a sua vida, onde você nasceu sua família, como que é.

I – Eu nasci aqui em Porto Alegre mesmo, me criei com a minha mãe até os meus 10 anos de idade, com 10 anos de idade eu comecei a sair de casa e já comecei a frequentar a rua e daí o momento que eu conheci a rua conheci... falar bem diretamente né, é o momento que eu conheci a droga com meus 12 anos de idade aí eu já comecei já a frequentar a rua mais por causa da droga entendeu, e pra mim tá sendo uma batalha bastante difícil, tá ligado, porque a droga ela tira várias oportunidades do cara assim como ela dá várias oportunidades pro cara, mas as oportunidades que a droga dá é geralmente pra... é uma porta pra... é uma porta pra morte, tá ligado, porque a rua todo mundo diz que é liberdade, mas na rua não é liberdade porque a gente na rua a gente é preso por causa do vício da droga entendeu, então é realmente uma prisão porque a gente vem pra rua pensando que vai ter liberdade, que vai ter uma vida livre, tu tem uma vida livre, tu tem liberdade, não tem horário pra acordar, não tem horário pra dormir, não tem horário pra fazer uma refeição, não tem horário pra nada entendeu, então tu tem que fazer (política) na rua, agora em casa aí já é uma vida mais regrada, tu tem que ter horário pra se levantar, tem que ter horário pra dormir ou então pra dormir até mais tarde, tem tudo isso.

P – Quando você foi morar... você saiu de casa com quantos anos você falou?

I – 10 anos.

P – 10 anos e aí com 12 você começou...

I – Com 12 eu comecei.

P – Porque que você saiu da sua casa?

I – Eu saí da minha casa porque a minha mãe nesse tempo né ela vivia com um senhor negro, meu padrasto, ele era negro e ele:: acho que a gente não se entendia muito “tá ligado”, ele bebia, ele batia na minha mãe e a gente acabava brigando e como naquele tempo eu era pequeno né, não podia fazer nada, aí eu peguei e preferi chegar e sai pra cá pra rua, aí eu consegui me assegurar até meus 12...com 12 anos de idade minha mãe vinha detrás de mim me levava pra casa, só que daí com 12 anos eu já conhecia a droga aí eu já não ficava mais em casa não pela mordomia de casa entendeu, mas já vinha pra rua já por causa da intenção da droga, já vinha pra rua aí:: eu peguei e disse pro meu padrasto né “meu, ó...” ele pegava bebia, brigava com a minha mãe, brigava comigo né, aí eu peguei e disse pra ele né “ó meu um dia eu vou crescer e um dia nós vamos conversar de homem pra homem, hoje tu é um homem feito eu sou, recém tô entrando na adolescência, mas um dia tu, um dia eu ainda vou conhecer a maldade eu vou te mostrar o que que é isso daí a gente vai conversar de homem pra homem”... aí com 16 anos já tinha já um pouco de maldade na cabeça, já tava já louco pela droga, tá ligado, louco pela droga porque... quando os primeiros momentos da droga, tá ligado, ela te deixa mais impulsivo, tá ligado, te deixa mais homem, freqüente a todas as necessidades aí:: eu com 16 anos eu peguei acabei... acabei dando uma facada no meu padrasto entendeu, porque ele pegou e deu um soco na cara da minha mãe... eu peguei e disse pra ele “ó meu agora eu tô grande, nós vamos conversar de homem pra homem” aí eu peguei acabei dando uma facada nele, mas não matei tá lá ele, hoje ele me respeita tudo.

P – Você chegou a ser preso, não?

I – Não, não cheguei a ser preso.

P – Era menino ainda né?

I – Era menino eu tinha 16 anos.

P – Na verdade não acontece nada assim né. Você parou de estudar quando você foi pra rua?

I – Não até então foi na rua que eu comecei a estudar, foi na rua que eu aprendi a ler, foi na rua que eu aprendi a escrever e foi na rua que eu tenho interesse por livros.

P – Ah é? Mas até... você estudava quando menino, você entrou na escola...

I – Eu entrei na escola depois que eu já vim pra rua já... quando eu tava em casa eu não tinha, não tinha tempo de ir pro colégio porque até então minha mãe era... minha mãe e meu padrasto eles eram vendedores ambulantes entendeu, então eu tinha que vim pro centro pra poder ajudar eles a cuidar das banca, vender sacola pra poder ajudar no sustento da casa entendeu.

P – Aí quando você foi pra rua... mas aí... você entrou numa escola ou não?

I – Quando eu fui pra rua aí ainda não tinha entrado numa escola entendeu, porque cheirava muita cola entendeu, muita “loló”, cola eu nunca cheirei cola de sapateiro, mas antes quando era mais novo eu usava era muito solvente, muita “loló” entendeu aí o: “Boca de Rua” teve uma época isso há... seis anos atrás, teve ali na rodoviária ... nesse tempo eu era da rodoviária ali, ficava por ali pelos entornos da rodoviária... aí eles tiveram lá fazendo uma entrevista com um pessoal, com uma gurizada de lá né e me convidaram pra entrar no programa, aí eu peguei bah! fiquei um tempo sem comparecer nas reuniões aí teve um integrante que pegou e insistiu pra mim entrar na reunião, pra mim entrar no projeto fazer parte da equipe, aí eu me interessei aí eu comecei a participar das reuniões aí bah! é só gravador e isso e aquilo aí eu fiquei pensando pra mim “pô” como é que eu vou fazer um trabalho, como é que eu vou fazer um artesanato sendo que eu não sei montar as peça, como é que eu vou fazer um jornal sendo que eu não sei lê, não sei escrever” aí foi aonde eu me matriculei no Colégio Willians Richard, fica aqui na Érico Veríssimo aí ali eu comecei a estudar, comecei a dar o começo dos estudos.

P – Então você já era rapazinho quando você começou a estudar?

I – Ah (interrogativa)?

P – Você já era rapazinho.

I – Já, tinha uns 14/15 anos já.

P – Você tem quantos anos?

I – 27.

P – E aí você já entrou na primeira série normal?

I – Entrei na primeira série normal.

P – E aí foi até que série?

I – Aí eu entrei na primeira série fiz até a quinta completa, tenho o começo da sexta.

P – E parou agora?

I – Parei porque tá um pouco difícil da gente conseguir vaga entendeu, por a gente não ter um endereço fixo aí fica um pouco difícil... critério, critério dos colégios entendeu, aí fica um pouco difícil pra gente arrumar uma vaga e lá no Willians... lá agora terminou as aulas de noite entendeu, que eu estudava de noite, aí como terminou às aulas de noite aí eu tive que parar de estudar.

P – Olha só. Então quer dizer que aí você falou que o “Boca” é que começou... a rua que te ensinou a ler.

I – Exatamente, o “Boca” que me deu incentivo.

P – A gostar de ler?

I – Exatamente.

P – Você gosta de ler?

I – Eu gosto de ler bastante.

P – É que que você costuma ler?

I – Eu costumo ler mais é ROMANCE.

P – É que tipo de romance? Fala algum aí que você já leu e que gostou.

I – Que eu gostei foi “Cidade de Deus”.

P – Você leu “Cidade de Deus” o livro?

I – Li “Cidade de Deus”.

P – Qual mais?

I – “Cidade de Deus” li bastante... Paulo Coelho, Paulo Coelho eu curto bastante também.

P – Qual livro do Paulo Coelho que você leu?

I – Eu li o... é... até me esqueci... teve um o:: “O anjo da luz”, “O guerreiro da luz” quer dizer, “O guerreiro da luz” ele bah! me deu bastante força, me apoiou bastante “tá ligado”, porque quando tava assim, tava meio caído, tava meio pra baixo, pegava o livro assim folheava e daí ele tinha uma mensagem “tá ligado” aí ele dizia às vezes bah! ser um Guerreiro de luz “tu tem que ser calmo, tu tem que ser espiritual, tu não pode ser carnal” entendeu alguma coisa assim que bah! me inspirava e bah! me deixava pra cima.

P – E tem algum escritor que você admira muito?

I – Paulo Coelho.

P – Paulo Coelho né tá. Quando você escreve você tem alguma influência do Paulo Coelho pra escrever?

I – Ah, eu tenho bastante.

P – Você acha que a leitura pode mudar a vida de uma pessoa?

I – Pode.

P – Em que?

I – Pode mudar porque, ah o momento que ela começa a ler, ela começa a se expressar melhor, ela começa a conversar melhor, ela começa a dar mais atenção à pessoa que ela está conversando entendeu e ela absorve mais atenção de quem ela tá conversando entendeu.

P – E escrever, você gosta de escrever também?

I – Eu gosto.

P – E que tipo de... o que que você costuma escrever?

I – Ah eu costumo escrever mais é:: poemas e música entendeu.

P – Esses poemas que você escreve, normalmente você fala de coisas que acontecem na sua vida real ou você fala mais de histórias criadas?

I – De histórias criadas, mais ficção.

P – É ficção. Você gosta mais do texto de ficção.

I – Exatamente.

P – Qual que é o assunto que você mais gosta de escrever?

I – O assunto que eu mais gosto de escrever é... assim... é de pessoas desconhecidas que num mundo totalmente distante eles acabam se encontrando, acabam se conhecendo e se tornando uma amizade e futuramente criam um romance entendeu é mais ou menos um aspecto assim.

P – Mais, então você gosta mais da história de AMOR mesmo.

I – Exatamente.

P – Romance mesmo.

I – Eu gosto assim meio que conto de fada.

P – É, será porque que você gosta desse assunto?

I – Ah eu acho que eu, eu acho que eu gosto desse assunto porque eu acho que na vida real é impossível “tá ligado” uma rainha pega e casar com um plebeu entendeu.

P – Você acha que não é possível, não acontece isso?

I – Eu acho que não acontece, na vida real não acontece, mas pelo que a gente lê em vários livros, vários como teve no... no... aquela a do... da “Távola redonda” aquela mulher do “Rei Arthur” lá que ficou com Lancelot entendeu.

P – Então você gosta dum conto de fadas, quem sabe pode acontecer na vida real. É uma história que você pensa pra você?

I – É, é uma história que eu penso pra mim né.

P – No futuro né?

I – Nada é impossível.

P – É isso aí. Pra quem que você costuma escrever? Que tipo de leitor que lê seus textos, tem alguém que lê ou...

I – Ah eu escrevo mais pra mim e mostro na roda do... pros colegas, tá ligado, pra gente pegar fazer um comentário.

P – Aqui, você fala na roda aqui?

I – Aqui exatamente. No grupo de Hip Hop que eu participo, na reunião do “Boca” e com alguns conhecidos na rua... alguns clientes, tá ligado, que tem bastante cliente... com a minha venda de jornal, já faz seis anos já né, então a gente conhece, acaba conquistando bastante amizades aí a gente pega e pára pra debater algum assunto sobre aquilo ali.

P – E porque que você escreve?

I – Porque que eu escrevo, ah eu escrevo pra poder pegar e sair um pouco da paranóia da loucura da droga.

P – Você ainda é...

I – Eu sou consumidor ainda.

P – É dependente ainda?

I – Eu sou dependente.

P – Mais com muita frequência você usa, não?

I – Ah, não uso com bastante frequência... tento dá uma parada entendeu, por exemplo, durante o dia, durante o dia, o dia é belo, é movimentado tem muito movimento na rua né, então eu acho que a gente também tá em função de trabalho eu acho que fica meio “xarope”, tá ligado, a gente pega e conversar com o cliente drogado ou fora, totalmente fora de si entendeu, aí então eu deixo mais é pra noite.

P – E quando você está drogado você escreve, não?

I – Eu procuro escrever pra mim poder me centrar num mundo, num mundo atual entendeu

P – Mas você escreve mais quando está drogado ou quando não está drogado?

I – Quando eu tô drogado eu escrevo mais e presto mais atenção na leitura.

P – Você consegue concentrar mais?

I – Consigo me concentrar mais.

P – Pena que isso é passageiro né, porque a tendência depois é ir...

I – É e a gente fica bem fácil de pegar e esquecer do que a gente leu, do que a gente escreveu.

P – Com qual frequência que você escreve?

I – Mais na noite, mais na “madru”.

P – Quando mesmo que você criou esse hábito de escrever?

I – Com 14 anos.

P – O motivo que fez com que você criasse esse hábito que fez com que você começasse a escrever foi o jornal?

I – Foi o jornal.

P – A vontade...

I – A vontade de pegar e mostrar pras pessoas aquilo que eu gostaria de falar.

P – Que que você acha que a escrita pode mudar na vida de uma pessoa?

I – O que que pode mudar?

P – É.

I – Pode mudar bastante coisa.

P – O que, por exemplo?

I – Ah porque, porque uma pessoa que não sabe ler ela... pode chegar num banco, não sabe ler, não sabe escrever aí:: ela tem que pedir ajuda pra alguém, pra poder pegar abrir uma conta ou acessar algum serviço de dentro do banco, aí ela tem que tá sempre pedindo ajuda pra alguém, tá ligado, agora se ela sabe ler, sabe escrever aí não precisa tá pedindo pra segundos e terceiros pra ajudar ela.

P – Pois é, mas e essa escrita de poemas e tal que que isso muda? Você acha que na sua vida, muda alguma coisa? Quando você escreve, você acha que isso muda?

I – Ah, muda porque eu saio totalmente da realidade do mundo que eu vivo, tá ligado, eu vivo mais um mundo de fantasia quando eu tô escrevendo.

P – Então é uma valvulazinha de escape?

I – Exatamente.

P – Você escreve e aí você consegue viver outra coisa?

I – Outra realidade totalmente diferente.

P – Um conto de fada?

I – Exato. Aí eu penso que sou a Alice e tô no País das Maravilhas... ((risos))

P – Você tem quantos textos publicados?

I – Ah eu tenho, tenho bastante textos publicados no jornal tenho uns três.

P – Será que eu vou conseguir ler ali muitos, parece que tem pouco jornal ali.

I – É tem um livro também a gente pegou e fez um livro e tem alguma coisa minha no livro também.

P – Ah, vou querer ver.

I – A página, até não sei se você conseguiu o livro já.

P – Eu comprei, eu ainda não conheci o livro.

I – O, tem ali na página parece que é 22 ou 23 “Na rua também existe amor” um texto meu.

P – Ah é, tá assinado esse texto?

I – Tá assinado.

P – A gente vai conseguir saber qual que é seu né? Você costuma participar além da oficina às segundas, você costuma participar na quarta, parece que tem...

I – Na quarta, o “realidade de rua” um grupo de Hip Hop que a gente formou... a gente tinha com o apoio da prefeitura aí quando o PT, quando o PT saiu da prefeitura aí a gente perdeu o nosso “oficineiro” né, aí como a gente tava com esse projeto em dia, como a gente tava a fim de pegar e continuar né... que a gente pegou e acabou perdendo já dois colegas desde quando começou em função do Hip Hop, tá ligado, aí a gente pegou veio aqui no “GAPA”, aqui trouxe o nosso projeto, trouxe a nossa proposta aí o “GAPA” pegou e abriu o espaço, por isso que o nome do nosso primeiro CD é “As portas se abrem” entendeu, porque foi uma oportunidade as portas se abriu, faz quatro anos que a gente tá na batalha aí, escrevendo, compondo e fazendo e acontecendo e agora a gente, se der tudo certo, dia 10 de Dezembro a gente consegue fazer o lançamento do nosso CD.

P – Você vai ter que voltar a estudar.

I – Com certeza.

P – Vai fazer um supletivo, em pouco tempo você consegue fazer o primeiro grau, terminar a oitava e quem sabe até fazer aí universidade, ser jornalista né, trabalhar com o pessoal ensinar a escrever, porque você fez muito em pouco tempo, você começou estudar com 12 anos... olha bem o tempo que a meninada está na escola você e... num estava, se você começou com 12 anos e já tá aí, tá escrevendo tá “mandando brasa”, você tem que aproveitar esse dom né, porque isso não pode jogar fora não.

I – E até aqui no grupo às vezes quando a gente tá no grupo aqui, quando têm umas pautas que tem que ler isso e aquilo, tá ligado, aí todo mundo corre, todo mundo corre pra cima de mim né...((risos))

P – Ouvir o líder na leitura e na escrita.

I – Exatamente, ouvir o líder até quando têm que apresentar o grupo, representar alguma coisa assim eles topam tudo pra cima de mim “aí o gravatinha” eles já me chamam de “gravatinha” já né ((risos)), mas tudo isso porque é um dom que eu acho que eu tive essa oportunidade de pegar e correr atrás do meu sonho, correr atrás do meu objetivo, tá ligado, e hoje graças a Deus eu tenho... eu tenho assim... uma facilidade de conversar com público, público grande, tá ligado, coisa que eles não tem eles são meio tímidos e tudo aí quando tem assim (interrupção)

P – Aí você tava falando que você representa muito o grupo...

I – Eu represento bastante o grupo, tenho facilidade pra isso entendeu, então os próprios companheiros eles me cobram bastante, me cobram bastante isso também, tá ligado, que quanto tem assim alguma apresentação, alguma palestra, algum show ou alguma coisa assim eles cobram bastante a minha presença, muitas vezes eu falo que eu não vou, tá ligado, que eu não tô com vontade que eu não tô a fim de ir aí eles pegam “não, mas tu tem que ir, pô!, se não é tu, bibi, baba...” eu “tá, eu tenho que ir” não por mim né, mas pelo grupo.

P – Mas você gosta também né...

I – Ah, claro né.((risos))

P – Você acha que o jornal, a escrita ela te dá um certo poder?

I – Ah, eu acho que sim, eu acho que sim porque até então quando tu escreve alguma matéria, tu faz alguma matéria, tu escreve aquela matéria ali que tu mostra aquela matéria ali pra alguém, aquele alguém ali que tá lendo aquela matéria ali já vê que seguinte, tu tem algum potencial porque tu teve capacidade de botar alguma coisa pra várias pessoas lê, sendo que aquela pessoa ela tem uma casa, ela

tem um emprego, ela tem uma faculdade e não teve a capacidade de pegar e fazer AQUELA escrita ali e botar pra várias pessoas lê.

P – Você me fala só uma coisa, porque que você chama “CE”, porque que você gosta desse apelido?

I – Ah eu acho que é por causa da minha estatura mesmo eu sou magro desde pequeno.

P – O pessoal começou a te chamar de “CE” e você, você mesmo gostou do apelido.

I – Não até então foi assim né porque na rua, como tá escrito ali no jornal, nomes e eles foram trocados pra preservar a sua identidade, na rua tem muita gente que tem nomes parecidos entendeu nomes iguais, então aí tinha muito essa confusão e eu não gosto muito do meu nome de “fulano” “tá ligado” não gosto muito de “fulano” porque eu acho que é nome de velho ((risos)) eu sou guri novo entendeu aí então eu optei pelo apelido.

P – Eu não lembro se você falou no início... você gosta mais de dormir na rua?

I – Na rua.

P – Você não gosta muito de albergue.

I – Não albergue não.

P – Por causa do horário?

I – É por causa do horário porque até então nosso horário, o meu horário de trabalhar na sinaleira normalmente eu gosto de trabalhar de tarde porque de manhã eu tô dormindo...

P – Arreventado...

I – arreventado aí de manhã eu também não gosto muito de trabalhar na sinaleira porque tem a “Zero hora” tem o “Correio” e tem o (“Suim”) entendeu aí dá muita concorrência e eu já não gosto muito entendeu, eu prefiro mais a tarde, aí pra ir prum albergue, pra ir prum albergue tem que chegar na fila às quatro hora pra poder entrar às sete, aí das quatro as sete são três horas que eu perco, três horas eu trabalhando no sinal eu tiro em dinheiro pra mim almoçar e jantar e dormir e ainda usar a minha substância química.

P – E normalmente você fica... onde você dorme onde?

I – Ah eu não tenho paradeiro fixo porque na rua desde quando eu vim pra rua e comecei a dormir em locais fixos eu aprendi uma coisa que... a gente não pode dormir num lugar só entendeu, a gente tem que tá sempre trocando é uma estratégia porque a gente dormindo sempre num lugar só sempre no mesmo local entendeu, porque na rua... nesse mundo da rua que a gente vive, nesse mundo das drogas que a gente vive ainda existe muita... rivalidade, muita briga muita rivalidade, aí então muita gente gosta de pegar a gente dormindo entendeu, aí sabe como ó se o fulano, o fulano dorme em tal lugar “bom é lá que eu vou pegar ele é lá que ele tá”...

P – Marca a pessoa né, fica marcada.

I – Exatamente.

P – Você vê muita leitura e escrita na rua, não?

I – Eu...

P – As pessoas leem muito e escrevem, não?

I – Ah eu, pelo que eu vejo elas mais lê do que escreve.

P – Lê é, mas lê o que?

I – É elas lê mais é jornal.

P – Porque a rua tem muito jornal, tem pra todo lado e as pessoas leem esses jornais, dão notícias das coisas?

I – Ah eu acho que elas leem notícia, notícia a única notícia que a gente mais ouve na rua é futebol e página policial.

P – Isso todo mundo sabe.

I – Isso todo mundo sabe.

P – Política não tem.

I – Política ninguém dá valor à política.

P – Política ninguém gosta, tá certo. E escrever você vê muita gente escrevendo, não?

I – Não vejo muito, escrita não.

P – Tem alguma coisa que nós não conversamos e você acha que seria interessante você falar?

I – Ah o que seria interessante é que... estamos com um projeto aí que só falta o espaço agora a gente vai... a gente conseguiu o espaço, conseguiu os armários vamos ver se até o ano que vem a gente consegue dá abertura a nossa “bocoteca”.

P – Ah é? Vocês vão fazer o que uma...

I – É uma biblioteca, uma biblioteca pros usuários do “Boca de Rua”, tá ligado, pra... que essa ideia foi uma ideia minha entendeu, que... da gente pegar e a gente sabe que na rua tem muita gente que sabe ler mais não tem oportunidade de ter acervos pra poder exercer a sua leitura entendeu e tem muita gente que não sabe ler e gostariam de aprender a ler entendeu, então aí eu tive essa ideia de pegar da gente montar uma biblioteca pra gente poder pegar e:: fazer uma leitura em roda ou... discutir de repente algum livro em roda entendeu e aqueles que não sabe lê da gente pegar e ajudar entendeu, ensinar.

P – Criar um hábito né.

I – Exatamente.

P – Nossa essa ideia sua foi muito boa.

I – E a gente tem já um acervo bastante grande de livros já, só agora aqui a gente tá provisoriamente aqui no “GAPA”, fazemos nossas reuniões aqui se der tudo certo, se der tudo certo não, com certeza vai dar tudo certo, a gente pegar vai começar a se encontrar lá no restaurante popular aonde a gente se encontrava, aí a gente já tá tudo armado lá... a gente vai arrumar tudo direitinho e vamos dar continuidade a esse...

P – Vai dar certo se Deus quiser né.

I – Se Deus permitir... Quer Ele quer né basta a permissão Dele.

P – Querer Ele quer e os homens têm que querer também pra dar certo, vocês querem então um grande passo já é um caminho né...

I – Caminho bem sucedido.

P – Isso. Então tá bom é isso muito obrigada.

Informante 12 – Código de identificação 012LC, entrevista feita em 31/10/08. Porto Alegre. Tempo: 00:17:02

Pesquisadora – “Fulano” pra gente começar eu gostaria que você me contasse como é o seu dia a dia.

Informante – O dia a dia é que?

P – É o que você faz durante um dia, por exemplo.

I – Eu trabalho na sinaleira vendendo jornal “Boca de rua”.

P – E você levanta cedo e já vai...

I – Eu me acordo de manhã vou nas madrinha pegar um café né, que eu tenho minhas madrinhas confirmada.

P – Madrinha é...são pessoas que te dão café.

I – Pessoas que eu aperto a campainha e todo dia certinho...

P – Elas já sabem que você vai lá.

I – Isso. E depois trabalho no jornal às vezes vou pro albergue.

P – Ah, então tem noite que você dorme em albergue.

I – Tem.

P – Mas você não tem albergue fixo não?

I – Não.

P – E aqui é fácil chegar e dormir no albergue?

I – Não é fácil.

P – Não é fácil por faltar vaga?

I – Falta, falta e às vezes é:: tem que chegar muito cedo pra pegar uma fila tem que chegar quatro hora pra entrar sete hora.

P – E aí quando você não consegue dormir no albergue... aí você tem algum lugar que você prefere?

I – Aí eu durmo nas “aba” ali na Excelso... na Ipiranga, Avenida Ipiranga.

P – É o que que é lá?

I – É uma “aba”.

P – Ah sei, tipo uma loja?

I – Isso, isso, uma loja de carro.

P – E lá é fácil é tranquilo, chegando lá tem lugar pra você?

I – Tem, tem.

P – Ninguém briga...

I – Não cabe um monte ali que morava debaixo da ponte ali.

P – Já são amigos.

I – São.

P – E não tem problema nenhum né.

I – Não tem problema nenhum.

P – Agora me fala um pouquinho como é que foi a sua vida. Eu quero assim que você me conte um pouco da história da sua vida, onde você nasceu, sobre a sua família... porque que você deixou de morar com eles, como é que é isso?

I – Eu nasci em Porto Alegre né, minha família são de Viamão... aí meu padrasto e minha mãe bebiam muita cachaça “tá ligado”, eu apanhava muito quando era pequeno aí quando deu eu abandonei eles né.

P – E quantos anos você tinha?

I – Ah faz quinze anos que eu moro na rua, tenho 25 anos.

P – Você tem 25?

I – Tenho 25.

P – Então você tinha, você era um menino ainda.

I – 10 anos.

P – Você chegou a estudar, não?

I – Estudei.

P – Estudou até que série?

I – Até a terceira série.

P – Até a terceira?

I – Até a terceira.

P – E aí você nessa época você já saiu de casa e foi morar... você continua estudando?

I – Não aí eu abandonei tudo.

P – Largou a escola.

I – Isso.

P – Você tava com 9/10 anos?

I – Isso, aí comecei no mundo da droga né conheci a droga...

P – Que é uma coisa, parece que comum né com as pessoas que estão morando na rua...

I – Isso aí faz parte é em situação de ruas né, situação de rua mesmo.

P – Como é que você participa, como é que funciona, você falou que vende o jornal.

I – Isso.

P – Você escreve você participa das oficinas durante o mês todo, como é que é que funciona?

I – Participo. Todas segundas-feiras nós se reunimo a uma e meia no “GAPA” pra fazer as matéria do jornal o grupo todo, que nós somo a base de uns trinta componentes, aí soma uma cota de vinte e cinco jornais que são vinte e cinco reais, você paga vinte e cinco reais e viemo aí... tiremos fotos, fizemos texto, ilustrações feita tudo por nós mesmos moradores de rua.

P – E aí vocês compam depois, vocês fazem, você falou que fazem vinte e cinco jornais?

I – Não nós vendemo uma cota de vinte e cinco jornais.

P – É quem participa da oficina?

I – Todas segundas, todas segundas.

P – Aí você participando você tem direito de vinte e cinco jornais?

I – Isso participando... e tu tem que vim em quatro reunião pra começar ganhar jornal tem que participar de quatro segunda-feira que são um mês né , aí depois dum mês tu já entra pegar jornal.

P – Você gosta de escrever?

I – Gosto.

P – Você gosta de ler?

I – Gosto.

P – Que que você costuma ler?

I – Ah eu gosto de ler tudo tia, jornal, diário da (USP) que é mais cedo.

P – Você costuma pegar o jornal então... todo dia você já dá uma lida.

I – Bah! nem que seja um velho, uma revista alguma coisa...

P – E livro você gosta, não?

I – Gosto. Nós temo um livro do “Boca de rua” também que nós fizemos “História de mim”.

P – Ah você tem texto lá também.

I – Humhum (afirmativa).

P – Tem um texto que tá seu nome lá?

I – Isso.

P – Eu mesma já comprei esse livro, mas ainda não li porque ainda não recebi esse livro eu vou querer ler sua história lá.

I – Vai ler.

P – E ... pra escrever, você costuma ler todos os dias, não?

I – Não, não todos os dias.

P – Só o dia que...

I – Vai é assim quando eu tô parado, tá ligado, porque eu passo mais tempo na ocupação é na sinaleira, vendo jornal na sinaleirinha.

P – Mais é trabalhando então né?

I – Isso, isso.

P – O que que você costuma escrever?

I – Ah, eu gosto de escrever poesias.

P – Você costuma escrever em grupo, com o grupo do “Boca” ou sozinho mesmo você já gosta de escrever?

I – Com o grupo, com o grupo também, sozinho, com o grupo, mas é melhor com o grupo porque nós somo uma família, somo unidos.

P – Você escreve mais aqui ou você escreve no seu dia-a-dia tem hora que você senta e vai lá escreve um pouquinho?

I – Eu escrevo carta pra minha mãe, pro meu filho.

P – Ah é, eles moram onde?

I – Em Viamão.

P – Viamão é que Estado?

I – É aqui mesmo.

P – Ah, aqui em Porto Alegre. Viamão é um bairro?

I – Viamão é um bairro é pra lá... É fora de Porto Alegre.

P – Quer dizer, Viamão é fora de Porto Alegre?

I – Fora de Porto Alegre.

P – Tá é aqui no Rio Grande do Sul?

I – É, é aqui mesmo.

P – Então você gosta de escrever poema é... carta que você falou... você costuma escrever nos seus poemas nas coisas que você escreve, qual que é o tema, sobre o que que você mais escreve?

I – Ah sobre a vida né.

P – A vida na rua?

I – Isso.

P – É sobre esse dia a dia das pessoas que vivem na rua ou tem alguma outra coisa?

I – Isso. Mas tem umas histórias também que... eu tenho um Rap nós tiremos, fizemos música inventada da rua entendeu, coisas que passam na rua, nós fizemos um Rap aqui todas terça, quarta-feira o Dom já te falou com a senhora?

P – Toda quarta? Não.

I – Todas quarta-feira.

P – Vocês reúnem e vão escrever Rap?

I – Duas hora, não nós cantemo Rap. Escrevemo Rap também.

P – Ah sei.

I – Nós fizemo as músicas e depois cantemo.

P – Tem quanto tempo que você participa?

I – Faz sete ano.

P – Então tem muito tempo já. Porque que você acha... você acha importante participar assim da, dessas oficinas?

I – Ah eu acho bastante interessante né.

P – E porque que você acha que é importante essa participação?

I – Vou dizer pra ti tia eu tô numa situação de rua né... é um lugar que o cara tem um espaço que o cara pode conquistar e aí tu num tá na rua, aqueles minuto ali pra ti que podia tá me drogando eu tô num... tô num...como se diz... numa redução de danos, que fica uma, duas horas, três horinha sem usar nada, não tô dizendo que eu sou um drogado pra tia não, não é necessário, mas uma horinha, duas horinha tu não usar nada já é redução, tá ligado, aí é muito bom... não bebe cachaça, não toma uma cachacinha...

P – Isso de certa forma ocupa seu tempo.

I – Ocupa, ocupa bastante... tinha que ser todo dia, segunda a segunda, feriado a feriado.

P – Na hora que você acaba de escrever um texto, qual a sensação que você tem?

I – Ah eu gosto né “tia”.

P – Você fica aliviado, você fica, você olha um texto que você escreveu o que que você sente?

I – Ah eu acho legal as coisas que eu penso né ... e admiro de escrever, acho interessante.

P – Quando que você criou o hábito de escrever, quando que você começou a escrever?

I – Quando eu conheci o “Boca de rua”.

P – Então já tem 6/7 anos? É isso? E tem alguém que lê os seus textos?

I – Tem, no jornal tem texto meu.

P – Então as pessoas que compram o jornal.

I – Isso.

P – Você vende no sinal e quem que compra, tem um pessoal já... que costuma comprar?

I – Não qualquer um, qualquer um que conhece o “Boca de rua”, porque o “Boca” é... já apareceu em TV como a senhora já ficou sabendo, a senhora veio LÁ de Minas Gerais aqui em Porto Alegre pra conhecer o pessoal do “Boca”... a senhora vê né como o “Boca” é né... naquela cidade lá é famoso o “Boca de rua”...tem um cara que trabalhava com nós aqui que tá lá na França estudando...

P – Quem é? O Manoel?

I – Manoel.

P – Eu ouvi falar dele mesmo.

I – Gente boa.

P – E normalmente quantos jornais que vocês fazem, você sabe qual que é a tiragem desse jornal?

I – A pauta dele?

P – Não quantos, são quantos, são mil jornais, dois mil, quantos jornais?

I – São doze mil exemplares.

P – Doze mil. Você vende quantos? Os seus vinte e cinco?

I – Os meus vinte e cinco.

P – Isso aí é tranqüilo?

I – Tranqüilo.

P – Durante um mês você vende?

I – Não, uma semana.

P – Uma semana? Quanto que é esse jornal?

I – É um “pilo”.

P – E depois quando você acaba de vender os vinte e cinco aí você fica sem trabalho?

I – Sem trabalho.

P – Por isso é que você quer todo dia tá escrevendo...

I – Claro.

P – E se aumentar mais o número de jornais também se vocês começarem receber mais jornais...

I – É porque tem muitos componentes né, bate uma cota de vinte mil exemplares... aí não sei o que aconteceu lá que a Alice não teve condições de pagar né, mais aí abaixaram pra doze mil, perdemos oito mil exemplares... antes era quarenta jornal...

P – Você sabe se o governo ajuda a manter esse jornal?

I – Ah eu não sei te explicar que esses contato aí...

P – Isso aí você já não sabe né.

I – Não sei.

P – Mas podia bem ajudar hein? Quanto mais jornal vocês fizerem, mais serviço vocês tem né?

I – Ô.

P – Você escreve todos os dias alguma coisa, não?

I – Não, todo dia não.

P – Porque que você escreve?

I – Ah, porque eu gosto de escrever, como eu disse pra senhora um tempo que o cara tá envolvido.

P – E lê... você lê mais é revista, livro não?

I – Livro não.

P – Não gosta muito?

I – Não. Mais é revistinha.

P – Tem alguém que escreve que você olha e fala assim “gente mais eu queria escrever igual essa pessoa, escreve muito bem”.

I – Bah! por exemplo, a letra?

P – A letra, o que a pessoa... o conteúdo, as coisas que a pessoa escreve assim, tem alguma coisa que você fala assim “ah eu queria escrever igual essa pessoa, olha como que ela escreve bem”.

I – Não

P – Não? Você gosta de música?

I – Gosto.

P – Qual música que você gosta mais é Rap?

I – Rap e pagode.

P – Você costuma usar passagem de música assim nos seus textos, não?

I – Não.

P – Não né?

I – Não.

P – No período que você morou com a sua família você... alguém de lá... você já gostava de lê, escrever, não?

I – Não.

P – Nessa época...

I – Ainda não.

P – Você tem contato ainda com a sua família?

I – Não.

P – Nenhum.

I – Nenhum.

P – A sua mãe mora em Viamão, você tem contato por... carta que você escreve.

I – Escrevo.

P – E você teve muitos irmãos, você tem você sabe, não?

I – Não.

P – Você era muito menino também quando saiu de lá né.

I – É.

P – Você já tá fazendo sua vida fora também, daqui a pouquinho já tá casando, já tá formando sua família...

I – Com certeza, formando uma família.

P – Se Deus quiser já vai ter, você pensa em sair da rua?

I – Penso.

P – Ter uma casa...

I – Claro uma família.

P – Se Deus quiser vai conseguir isso né. Quando você participa da oficina, você falou assim “ah, eu prefiro escrever no grupo” porque que você prefere com os outros?

I – Ah, porque daí eu tô botando a minha mente trabalhar junto com o grupo entendeu, um fala uma coisa aí tu vê que não é... tu vai ajudando o outro, tá ligado, aí nós montemo aquele... aí nós montemo aquele... é tipo dum quebra-cabeça, tá ligado, quando um não sabe onde vai aquela peça aí o outro sabe e pum! aí dá o (negócio documento).

P – É mais é legal mesmo. E os jornalistas eles ajudam na escrita?

I – Jornalista não.

P – Não né, só depois que eles fazem a revisão pra ver como é que é o que que tem, o que que vocês escreveram...

I – Isso.

P – É dá uma ideia de mudança de...

I – É porque se nós queremos, se nós quiser que vai com aquilo, com aquele texto ou senão vai com outro, se nós acha legal nós inclui.

P – Você gosta de escrever mais poema e tem alguma outra coisa, diário, você escreve diário, não?

I – Não diário não. Ah fazer quebra... cruzadinha?

P – Cruzadinha você gosta?

I – Gosto.

P – É gostoso mesmo, aquele de...

I – Memória.

P – Memória, legal mesmo. As histórias que você conta normalmente são histórias reais ou histórias que você cria?

I – Histórias reais.

P – Você gosta de falar da sua vida mesmo?

I – Curto.

P – Então por isso é que você fala mais é sobre o assunto que vive mesmo. E a vida na rua é muito difícil “fulano”?

I – Não.

P – Não? Você já tem os amigos, já conhece todo mundo...

I – Tenho claro, uma pá de amigos. Mais amigo que inimigo.

P – Graças a Deus né.

I – Graças a Deus.

P – Tem muita violência aqui em Porto Alegre, não?

I – Tem, tem, tem que se cuidar.

P – É né. E vocês correm risco assim com a polícia...

I – Ah com a polícia sim, toda hora eles tão levando o cara lá pro nono batalhão e levam as coberta do cara.

P – Tava levando as coisas que vocês têm. Onde você guarda suas coisas?

I – Ah por enquanto eu deixo aqui né.

P – Aqui no “GAPA”?

I – É eu deixo de dia aqui depois eu venho buscar.

P – Ah, mas pode guardar aqui? Tem lugar aqui?

I – Eu deixo né, falo que não espalho né, que é só pra mim...

P – Eu não vou contar isso na entrevista...

I – Não pode contar, pra Minas Gerais dá né. ((risos))

P – Depois sai um de lá e vai falar “vou lá no ‘GAPA’ guardar lá também aí é melhor não contar né. Mais então você tem um lugarzinho pra você por suas coisas...

I – Tenho.

P – Quando você entra no albergue você não pode entrar com as coisas?

I – Não tem que deixar ali na portaria.

P – Mas lá tem lugar de por?

I – Tem, tem, tem os armário.

P – E como é que você faz pra você almoçar onde que você almoça.

I – Almoçar eu almoço em bandejão, prato popular de um real.

P – Ah tá. Aí todo dia fica e se a pessoa não tiver esse um real, eles deixam almoçar sem, não?

I – Não.

P – Tem que pagar de qualquer jeito.

I – Tem.

P – E banho essas coisas, como é que você faz?

I – Banho eu participo da Casa de Convivência.

P – Lá tem lugar de tomar banho?

I – Tem só banho.

P – No albergue não tem lugar não?

I – Tem, mas aí tu vai tomar banho só de noite, só na hora de dormir.

P – Ah sei.

I – Aí de dia... seis hora da manhã tu tem que chegar ali pra tomar um banho até quinze pras nove.

P – Quando você falou que a polícia leva lá pro, pra esse lugar?

I – Pro nono.

P – Pro nono? Porque, mas eles são violentos, não?

I – Não, não.

P – Só leva e deixa lá.

I – Só leva pra ver se o cara tá bebendo e tira as coberta, as roupa do cara.

P – Mas pra que que tira as coberta?

I – Não sei.

P – Fica com isso, a pessoa sai sem nada.

I – Eles botam no lixo, eles tem lá um container que é pra botar os bagulho dos...

P – E onde que você, você ganha esse tipo de coisa, roupa...

I – Ganho nas carreira, peço nas casa...

P – E essas vezes que eles te pegaram, você já foi levado, eles já te levaram e pegaram suas coisas?

I – Umas três vezes já.

P – Aí quando você volta tem que conseguir tudo outra vez.

I – Me levaram um colchoado que a tia tinha me dado no dia que tava frio, que ela viu eu tremia de frio que eu sem nada... a tia pegou largou um edredom novinho em cima de mim... aí tá e era dia 7 de Setembro dia do desfile da pátria deles sabe, eles pegaram me levaram pro nono aí tocaram meu acolchoado no lixo, novinho que eu tinha ganhado da madrinha... acolchoado coisa mais linda.

P – Poxa vida. Agora todos os textos que você já escreveu estão no jornal? Tem algum que você escreveu e tá quietinho com você que você ainda não publicou, não?

I – Não.

P – Todos tão lá.

I – Todos tão.

P – No livro também.

I – Também.

P – Eu vou querer ver lá o que que tem seu lá. Tem alguma coisa que você não falou que você gostaria de falar? Não?

I – Não.

P – Então vou lá pra você me mostrar que eu acho que o livro já chegou ali, aí eu quero ver.

Informante 13 – Código de identificação 013RM, entrevista feita em 31/10/08. Porto Alegre. Tempo: 00:28:26

Pesquisadora – “Fulano” me conta um pouquinho a história do “Boca” que que você sabe do “Boca”?

Informante – Eu sei que o “Boca” foi... começou, eu tô no “Boca” vai fazer, tô indo pro terceiro ano no “Boca” ele tem oito ano eu tô no terceiro ano e... que eu saiba ele foi feito assim, não tavam nem acreditando tanto no começo, como já me disseram, começou com a Clarinha uma jornalista da “Zero hora”, no começo eles não vendiam na sinaleira aí depois trouxeram pra sinaleira aí expandiu, expandiu, começou a trazer um monte de gente assim da rua né, no caso os moradores de rua, e hoje em dia tá um trabalho bem... conceituado aqui em Porto Alegre.

P – É super legal é um trabalho que eu acho que é...

I – É antigamente também era branco e preto agora já tá colorido.

P – Eu não conheço ainda o jornal, vou conhecer agora porque a gente não tem, mesmo na internet, a gente num consegue...

I – É difícil né. É que tipo assim, pra fora daqui é muito pouco divulgado né, assim se fosse uma coisa mais...

P – É bem local e é uma coisa que tem que ser divulgado no mundo né...

I – Sim, isso aí poderia existir em outros Estados por aí né...

P – Quem sabe a gente consegue levar lá pra... Belo Horizonte.

I – Eu até sou natural do Mato Grosso do Sul.

P – Ah é.

I – Sou natural de lá.

P – Me conta um pouquinho a sua história de vida “fulano”.

I – Ah assim eu sou nascido no Mato Grosso do Sul eu vim pra cá com 17 anos quando meu pai faleceu, porque quando meus pais vieram pra cá eu tinha 14 e eu fiquei lá, aí com 17 meu pai faleceu e eu vim pra ficar com minha mãe aí eu achei que a minha família ia me dá uma ajuda alguma coisa assim, mas não... foi totalmente ao contrário passei muito aperto muita coisa ruim assim, tive problema com drogas, e... assim muito, e faz até assim, não faz muito que eu tô livre, faz seis meses que eu tô livre das drogas e desde então eu só fui pra frente, desde então só fui pra frente até no projeto mesmo tô me empenhando bem mais que antes que quando eu tava...

P – E lá em Mato Grosso você morava com quem?

I – Lá eu morei com meu irmão.

P – A sua família é grande?

I – Minha família é... é grande, mas só que todo mundo, toda a minha família é gaúcha, lá só era eu, meu pai, minha mãe e meu irmão.

P – Lá no Mato Grosso?

I – Lá no Mato Grosso.

P – Aí os dois vieram pra cá e você ficou com seu irmão lá.

I – Fiquei com meu irmão.

P – Mas você era um menino, 14 anos você era um menino ainda.

I – É.

P – Mesmo assim vocês ficaram só vocês dois.

I – Fiquei.

P – Ele é mais velho?

I – Sim.

P – Vocês ficaram fazendo o que, estudando?

I – Não eu, é eu estudava... estudei até a quinta série aí depois comecei a trabalhar com ele, logo veio o falecimento do meu pai.

P – E você trabalhava com que?

I – Eu sou artesão, faço artesanato.

P – E aí quando você veio pra cá... você já veio pra casa dos seus pais?

I – Não.

P – Seu pai morreu você veio pra casa da sua mãe.

I – Foi assim, quando eu vim pra cá... na época eles vieram pra cá eles tavam na casa da minha avó, aí depois minha mãe ficou, meu pai faleceu, minha mãe foi morar com uma tia, com essa tia até que eu te dei esse número ((número do telefone)) só que na casa da minha tia era muita gente, muita gente... e já na época eu vim pra cá eu vim casado, vim juntado com uma menina de lá, então ficava difícil pra mim ficar junto com eles, eu não conhecia nada, não tinha trabalho, não tinha nada, não tinha assim noção por onde começar e minha cabeça que era um balão por causa do meu pai, então meio que me perdi a família... sei lá... a família foi muito estranha assim comigo sabe, muito estranha assim aí eu acabei ficando na rua.

P – E o seu irmão veio também?

I – Meu irmão veio bem depois, bem depois. É que meu irmão é irmão por parte de pai só, a gente, então ele veio bem depois.

P – E aí?

I – Mas aqui eu tenho mais três irmãos, tudo mais velho por parte de pai e o resto da minha família toda é daqui, estão por aí a fora, interior assim.

P – E eles moram aqui mesmo em Porto Alegre?

I – Aqui em Porto Alegre eu tenho uma tia, aliás, duas tia e um tio só que cada um com a sua vida assim né, tem um tio que é vendedor, tenho um irmão e o resto tudo pra fora, São Borge, Santo Antônio...

P – Eles sabem que você tá morando, você mora aonde atualmente você mora aonde?

I – Atualmente eu tô com meu ex-padrasto.

P – Ah é.

I – Porque depois, como já faz o que, faz uns oito anos que eu tô aqui, aí minha mãe casou de novo, juntou, me dei bem com esse, então a gente se dá tri bem eu e ele...

P – Aí você saiu depois já então, você e quando você saiu da sua casa você foi pra onde?

I – Fiquei em albergue mesmo.

P – Mas você já saiu sabendo que você ia prum albergue? Você já saiu assim “eu vou prum albergue que é preferível que eu ficar aqui”?

I – Já. A minha mãe tem problema com bebida... aí então a gente não se... quando ele... perdeu meu... porque... por exemplo, meu pai era vivo ela bebia fim de semana assim, lá uma vez que outra, quando perdi... o meu pai faleceu era todos os dia e minha mãe fica agressiva, é uma pessoa que fica agressiva, ela não controla, sei lá, ela não é ela, ela muda, ela é outra pessoa quando bebe, então a gente não deu certo assim, não dava certo deu morar junto com ela porque era todo dia, todo dia e quase enlouquecia né aí eu peguei...

P – E aí você foi pra albergue primeiro.

I – Fui pro albergue.

P – Já chegou a dormir na rua mesmo ou não?

I – Muito tempo... depois eu desisti de albergue porque o albergue tem muito, por exemplo, o horário que é difícil né, por exemplo, assim, por exemplo, a gente que trabalha na sinaleira o melhor horário é fim de tarde, fim de tarde então quer dizer o horário do albergue não fechava com o meu.

P – Parece que tem que ir pra lá quatro horas pra você conseguir dormir.

I – Não pra conseguir a vaga a primeira vez tem que tá lá bah! duas horas da tarde, com certeza.

P – A primeira vez, mas depois aí você pega uma ficha uma coisa?

I – Aí depois que ganha pode chegar até as seis.

P – Mesmo assim é cedo ainda.

I – É cedo, mais assim em horário de verão fica pior ainda.

P – E aí vocês chegam já entram tomam banho...

I – Entra toma o banho...

P – Janta?

I – Já, já no caso eu fiquei no Felipe Diel... lá eles dão a roupa de dormir que é a roupa do albergue aí tu ganha a roupa pra se vestir ali né, mas tu não pode sair com ela só ali dentro, aí tu toma banho, janta depois vai dormir, aí seis hora da manhã acorda, aí todo mundo e é assim, quinze dias dentro do albergue e trinta na rua... porque albergue é tipo um...

P – Tem que ter uma rotatividade.

I – É.

P – Não pode ter uma pessoa toda a vida ocupando a vaga.

I – Sim.

P – Entendi.

I – E no caso eu conheci esse aí Felipe Diel né, não posso dizer de outro, tipo conheci por cima... o municipal na cidade mesmo, mas aquele lá é horrível, aquele lá é horrível.

P – E lá dentro vocês fazem o que, já tem que chegar e dormir ou tem televisão, tem alguma coisa?

I – Não é assim a televisão é dez minutos de TV assim que eles dão.

P – Então mais é chega e...

I – É chega é só pra dormir mesmo.

P – E é violento, tem violência lá dentro?

I – No Felipe Diel não porque é muito regrado, é muito regrado tem bastante monitor em cima, então não tem isso aí, mas no municipal tem, no municipal já ouvi falar em estupro lá dentro, já ouvi falar lá roubo é toda hora, tu não pode deixar uma... agora no Diel já não, cada um tem seu armário tudo assim que eles mesmo controlam, não é nem tu, tu nem bota no armário tem que ter o...

P – Como é que é essa história, você pro jornal. Como é que é você sempre gostou de escrever?

I – Sempre, isso aí sempre, sempre desde moleque assim nunca fui de criar muita coisa assim, mas sempre gostei de...

P – Lê você gosta?

I – De lê, principalmente, principalmente.

P – Que que você gosta de ler?

I – Eu li poucos livros, mas assim ó eu li “Cabeça de porco” que é do... o último que eu li foi “Cabeça de porco” que é do MV Bill que conta a história das drogas pacto que ele fez com Celso Athaide, mas já li “Papillon” já li “O cofre” que é também continuação do “Papillon” bah! já li vários livros, meu pai lia muito também de qual que é o nome? Lair Ribeiro aquele, eu li a história do Lair Ribeiro toda.

P – Você leu?

I – Li.

P – Gostou da história dele?

I – Muito.

P – Ele fala do pensamento positivo?

I – Sim ele era também ele era bem rebelde quando ele era novo né.

P – É?

I – Ele contando que ele tocava guitarra e tudo mais.

P – Ah eu não sabia não. Então isso, você criou esse hábito menino ainda, criança ainda?

I – É porque, por exemplo, minha mãe também gosta de ler, meu pai também sempre foi assim... mais assim... eu não sou tanto quanto ele sabe, se eu pudesse leria mais, mas é que eu não tenho assim o tempo nem condição de, hoje em dia a situação que eu tô hoje em dia assim minha mãe tem “acomeoplasia” doença nos ossos, então e só tem a, o benefício dela, então quem tem mantido tudo é eu, remédio essas coisas, passagem pra ela ir em, que lá eu não tenho tido muito tempo assim, pra mim mesmo eu não tenho, tô totalmente envolvido com a minha mãe.

P – E como é que você mantém... você fala mantém... financeiramente a sua mãe?

I – É financeiramente também, junto com ela assim, vamos dizer, psicologicamente porque eu tô sempre com ela, sempre acompanhando em hospital eu fico, dois meses ela botou uma prótese na perna assim porque ela perdeu o fêmur e... eu fiquei o tempo todo com ela no hospital até sair né, foi a partir daí que até eu larguei as drogas.

P – E você trabalha?

I – Só no “Boca”... e agora eu tô voltando a fazer meus artesanato.

P – Que tipo de artesanato você faz?

I – Ah eu faço desde pulseirinha até abajur mesmo.

P – É?

I – Trabalho com taquara... isso aí é minha paixão.

P – É né.

I – Isso aí é minha paixão.

P – Quando você era menino você lembra de ter alguma assim, de ler em família alguma coisa assim ou não? Ou a família ter hábito de ler pra vocês.

I – É quando eu era pequenininho a minha mãe que lia pra mim, historinhas essas coisas.

P – Ela trabalhava, não?

I – Não, na época que eu era pequeno não, quando o meu pai era vivo não, ela começou depois que o meu pai morreu.

P – E ela trabalhava com que?

I – A minha mãe é cozinheira profissional, aliás, doceira assim mais doceira ela sempre trabalhou na ala dos doces nos restaurantes.

P – Beleza em? Delícia hein?

I – Bah! nem me fala.

P – Que que você costuma escrever?

I – Ah ultimamente, como eu te disse, ultimamente... essa minha ex ela tinha, ela fez um livro lançado lá no Mato Grosso lá que chamado “Juntando os pedaços”, ela é mais velha que eu.

P – Essa moça que veio com você.

I – É. E o livro é “Juntando os pedaços” um livro de poesia, com ela escrevia muito assim, mas mais idéia dela assim tipo eu só botava uma coisinha ou outra assim, nunca sentei assim pra criar alguma coisa sabe.

P – Você acha que ela te influenciou a gostar mais de escrever?

I – Com certeza, com certeza.

P – Aí vocês escreviam e que tipo de...

I – E aqui no “Boca” mesmo assim geralmente quando pergunta quem que quer ler, que não quer ler eu sempre leio, sabe prefiro tá ali... até porque as ideias saem quando tu tá escrevendo né, tipo certas coisas assim.

P – Que tipo de texto ou gênero, tipo, por exemplo, poema, reportagem que que você mais gosta?

I – As reportagem, como assim?

P – Que que você mais gosta de escrever?

I – Ah eu não sei te explicar, eu gosto de tudo assim o que me der ali pra escrever, assim eu não sou de criar, eu gosto de escrever o que me ditam assim você entendeu, mais ou menos isso, não sou aquele cara assim pra...

P – Pra criar...

I – Pra criar, eu tenho, a minha criação sai mais num artesanato numa coisa assim, numa peça, uma coisa assim do que num papel, desenho mais ou menos também.

P – Pois é, mas as pessoas, na oficina, normalmente o pessoal vai falando e você vai escrevendo o que eles estão falando.

I – Sim.

P – Igualzinho eles estão falando.

I – Sim.

P – Mas você não é muito de inventar uma história.

I – Não.

P – E se for pra você...

I – Assim pode... às vezes assim... tu tá ali no meio alguém tá falando uma coisa outra, as ideias juntam lógico tu contribui né assim tipo...

P – A oficina acontece é assim, vocês em grupo, cada um fala uma coisa...

I – Cada um faz um grupo, cada um dá uma idéia, tipo agora o último jornal eu dei, tem uma matéria ali que é feita com um pessoal que tava embaixo da ponte do viaduto da Conceição, eles tavam dormindo ali chegou a empresa pra... reformar e contrataram os cara que tavam dormindo ali, então essa matéria aí foi até eu que dei a ideia, porque eu conheci o cara, tava trabalhando na sinaleira embaixo do viaduto... aí o cara me contou ele falou “bá” eu falei “bah! que bacana cara isso aí a gente podia botar no jornal” aí dei a idéia, na época não pude participar junto com a matéria porque eu tava dormindo com a minha mãe no hospital, mas é... e tem mais um senhor aí que a gente vai fazer agora uma matéria que é um senhor que, eu conheci na sinaleira que ele faz poesia sobre moradores de rua.

P – Ah é?

I – Só sobre pessoal da rua.

P – Mas ele mora na rua?

I – Não, mas ele, eu não cheguei assim a conversar muito com ele porque é muito rápido né, mas ele chegou a me dar dois livros dele tudo e me deu o número dele.

P – Mas deve morar ou ter morado na rua, porque será que ele conhece tanto?

I – É ele, eu tenho uma ideia porque muito assim é muito dentro das coisas que a pessoa que a gente vive na rua é muito dentro as coisas dele.

P – Interessante isso hein?

I – Pena a gente não ter como mostrar assim, mas a gente tá atrás dele pra fazer uma matéria com ele.

P – Seria interessante eu queria até ver o livro dele.

I – Muito boa muito bacana.

P – Quem que é normalmente que lê o jornal?

I – Olha, eu já assim eu vejo assim que é mais gente intelectual mesmo, porque é o pessoal que tem curiosidade de conhecer sabe, tu vê que a pessoa que quer mesmo não é aquela pessoa que tu tem que forçar ali, falar, falar pra conseguir vender tem gente que já chega te chamando “vem cá, vem cá” sabe, então tu já vê que é aquele um estilo assim tipo universitário essas coisas assim gente que tá sabe...

P – Estudando.

I – É.

P – Vocês ganham vinte e cinco jornais é rápido pra vender?

I – Bah! às vezes é, às vezes não, às vezes é.

P – Você deve ficar doido pra vender, mas quando acaba aquilo ali também não tem como...

I – Ah tipo eu tô sem agora, tô sem jornal, mas...

P – E um não passa pro outro porque todo mundo quer vender os vinte e cinco né.

I – É tem gente, por exemplo, o D mesmo o D é um cara que tem um ponto de carro, ele cuida carro, o negócio dele é mais cuida carro do que vender, então acaba às vezes assim a gente precisa de o pessoal que tem mais jornal chega nele “pô’ e aí D” sabe...

P – Aí ele vende. Aí ele passa.

I – Passa ou vende por um preço mais barato.

P – É porque pelo menos ele ganha alguma coisa também né.

I – Sim e vinte e cinco jornais é, por exemplo, pra passar uma semana é pouco, tira vinte e cinco reais, lógico tem...

P – É por semana?

I – É por semana que a gente ganha, mas o jornal é trimestral.

P – Ah tá, mas vocês ganham vinte e cinco por semana, então em um mês vocês vendem cem jornais.

I – Cem jornais.

P – E é um real cada um? Vocês vendem por um real?

I – Vende por um real.

P – Não pode vender por mais?

I – Não. Às vezes, não, às vezes tem gente que dá mais, tem gente que dá um real num que o jornal. ((interrupção))

P – Ô “fulano” você acha que as pessoas que moram na rua elas leem, você vê esse hábito das pessoas de ler, de escrever?

I – Olha é difícil.

P – É?

I – É difícil.

P – Mesmo de escrever? Você já viu alguém quietinho...

I – Não já, já, mas assim é muito pouco, é muito pouco.

P – É?

I – Mais senhor de idade assim.

P – E que que será que eles ficam escrevendo quando escrevem assim?

I – Ah tem uns senhores aí, por exemplo, tem um senhor que ele até saiu no jornal daqui na “Zero hora” que ele bah! aquele lá é abrigado há anos, anos, tem várias poesias também dele assim, não conheço da rua, mas tem bastante...

P – Ele escreve?

I – Ele escreve. E conheço também um cara ele fala três línguas é formado em Teologia e mora na rua, por causa da cachaça.

P – Tem muito isso?

I – Tem muita gente assim que podia ter um futuro bem melhor sabe, às vezes por falta de oportunidade, às vezes problema com família, às vezes problema com droga, às vezes problema com bebida assim e tão numa situação difícil.

P – E lê, você acha que você vê mais gente lendo ou escrevendo?

I – É que a leitura pessoal na rua assim, por exemplo... não é coisa importante sabe a pessoa não lê coisa assim tipo, eles querem saber mais coisa banal assim.

P – Mais livro, é jornal as pessoas dão notícia?

I – É, não, até lê...

P – Já me falaram isso não foi aqui, me falaram em São Paulo que o pessoal que tá na rua dá notícia de tudo que tá acontecendo.

I – Sim.

P – Inclusive é eventos, é teatros é que tão acontecendo tal porque eles vão pra vender...

I – Sim pra vender ou pra pegar carro ou pra...

P – E que eles sabem de tudo, conversam, falam tudo que tá acontecendo na cidade, sabem todos os assuntos, política tal você percebe que...

I – Sim, não às vezes a pessoa na rua fica sabendo antes que saia no jornal, certas coisas assim... problemas que ocorrem assim tipo... até problema em albergue mesmo quando sai no jornal “pá albergue não sei o que, pá, pá, pá” morador de rua já tá sabendo há horas sabe já tá sabendo do problema a tempos, agora a gente tá com um problema aqui no... numa casa de convivência aqui em cima o pessoal já tava sabendo, eu já sabia há anos que aquilo ali tava assim.

P – Essa participação aqui na oficina porque que você acha que as pessoas participam dessa oficina?

I – Como assim, as coordenadoras?

P – Não, os moradores...

I – O grupo?

P – É.

I – O grupo assim hoje, assim tem muitos que vem só pelo jornal sabe, não tá nem aí pra reunião pra nada, só querem o jornal pra pegar e vender, mas eu já sou assim, eu, por exemplo, no meu caso

principalmente por mim assim... eu acho que assim a gente ainda pode ter uma oportunidade muito grande dentro desse jornal, porque vem gente de fora já veio gente de Moçambique veio... tem um ex-coordenador nosso que tá em Paris, não sei se chegaram a comentar isso contigo, que tá tentando fazer um projeto lá parecido a gente tá sempre em contato, agora esses tempos atrás ele tava aí, então é uma coisa que a qualquer momento assim pode “Tum” explodir e o pessoal... sabe...

P – É uma oportunidade, você vê que é uma oportunidade até pra sair dessa situação?

I – Sim.

P – Você tem vontade de sair dessa situação de rua, tem?

I – Com certeza, com certeza.

P – E você alguma oportunidade, fora o jornal, você vê alguma outra saída, não?

I – Olha no meu caso é difícil assim.

P – É né.

I – Mas assim pelo jornal eu acho que ainda vai aparecer alguém que ainda vai botar o grupo pra cima assim sabe, vai encaminhar, não digo todos, mas pelo menos alguns...

P – Até cresça né, só se crescesse a tiragem já daria, já seria uma oportunidade e tanto pra vocês.

I – Sim, é verdade.

P – Normalmente qual que é o assunto que mais sai nesses textos?

I – Ah mais acho que é sobre a saúde né

P – É?

I – Porque o que mais afeta na rua é saúde.

P – Você acha que é o problema maior?

I – Ô, tipo a saúde porque é “foda”... alimentação é difícil, “pô” tudo é difícil na rua pra ti chamar, esses dia chamei o SAMU, tava um amigo nosso passando mal o SAMU não veio, porque era morador de rua.

P – Vocês não podem falar que é morador de rua.

I – Pois é.

P – Se chamar não pode contar.

I – Ou às vezes quando chega tu já vê as cara assim “pá” sabe, de decepção assim, “pô, se soubesse nem tinha vindo” sabe aquela cara que se soubesse nem tinha vindo. Como também existe muita gente legal que não tá nem aí e pega e vem cumprimenta, às vezes até abraça nós sabe, que assim o preconceito é forte, o preconceito é forte... em certos lugares o cara não pode ENTRAR sabe, não pode...

P – Que tipo de lugar assim.

I – Ah Mc Donald’s, o shopping Praia de Belas aqui no...

P – Mas eles pedem pra sair assim, chega e pede...

I – Não tu nem entra, o segurança já nem deixa tu entrar, não dá tempo nem de pedir pra sair, eles não deixam nem tu... Mc Donald’s lá uma vez, assim uma história rápida assim, eu tô passando pela, porque o Mc Donald’s tem Drive Tru pro pessoal estacionar assim sabe, aí eu tô passando tem um copo de refri no chão, mas assim tipo ninguém tá bebendo, largaram ali... muito acontece isso e eu peguei e o segurança pegou e me chamou de “filho da puta” falou assim “que que é ‘filho da puta’ larga isso aí não sei o que” aí eu falei “é do senhor?” ele falou “não larga isso aí ‘meu’” aí eu falei “cara isso aqui vai pro lixo” falei pra ele “isso aqui vai pro lixo” ele falou “não quero saber tá

retrucando ainda” veio pra cima de mim com um bastãozinho que cresce assim dá um choque, eu tenho marca até hoje aqui assim nas costas...

P – Que isso?

I – Pegou me deu um choque nas costas, saí correndo e tava de chinelo, larguei o chinelo o segurança do Mc Donald’s pegou meu chinelo, tocou pra dentro dum... do terreno do prédio assim sabe, pra mim não pegar no caso, “pô” aquilo lá me revoltou o cara me chamou assim, ele xingou, xingou minha mãe sabe, xingou minha mãe, pior foi isso... aí eu peguei xinguei ele falei um monte de coisa ele veio correndo atrás de mim, na hora eu tava com uma mochila pesada, larguei a mochila ele pegou minha mochila aí eu fui no tumulto lá no Mc Donald’s né “pô” não precisava tudo aquilo por causa de um copo que ia pro lixo sabe, porque muitas vezes quem tá na rua come do, vive do lixo né.

P – E se chama a polícia a polícia não dá razão nenhuma pra vocês.

I – Não, lógico que não.

P – Ainda vai te levar preso.

I – Quem vai apanhar mais é nós.

P – É o preconceito é grande mesmo. Você acha então que a revista, no caso, essa participação nas oficinas é... você estando na rua com a revista muda esse preconceito, muda o foco assim?

I – É um pouco, um pouco sim, não digo total muita gente ainda tem preconceito quando vê um “bucê” de rua fala assim “não isso aí é ‘chinelagem’ isso aí é...” eles acham que a gente ganha um rio de dinheiro, sei lá que eles pensam né porque tem muita gente fala assim “ah vai trabalhar, não sei o que isso aí não é serviço, não sei o que” “pô” mas a gente se...

P – De vender o jornal?

I – De vender.

P – Acha que não é serviço.

I – É. Pó! a gente se empenha em fazer o jornal, a gente se empenha em vender, como é que não vai ser um tipo de serviço, então quer dizer que a “Zero hora” não é serviço, tipo assim...

P – Porque vocês atuam muito como jornalistas né?

I – Bem mais que como vendedor às vezes, por causa que às vezes pra uma matéria o cara tem que correr bastante assim sabe pra conseguir tudo mais.

P – É a atuação suas é muito de... Você tem vontade de estudar e de...

I – Tenho muita.

P – Você parou na quinta que você falou?

I – Quinta série.

P – Não tem vontade de fazer um supletivo?

I – Tenho.

P – Tentar um supletivo, num instante. Você tem quantos anos?

I – Tô com 26.

P – Então você pode fazer o supletivo, num instantinho você consegue quem sabe até você pode até fazer Comunicação?

I – É como eu disse agora como eu sou do Mato Grosso do Sul aí recém eu fiz a minha identidade entendeu, porque foi difícil até pra trazer até conseguir minha certidão aqui, quando eu vim perdi tudo os meus documentos e...

P – Você não tem documento de identidade?

I – Não, agora eu tenho.

P – Depois até eu preciso do número pra por aqui.

I – Só tenho a identidade agora, só tenho por enquanto a identidade, então por isso que ainda tá meio difícil pra mim... e também porque eu tô envolvido ainda com a minha mãe assim sabe, tem muita coisa que eu podia agora, tive muito tempo nas drogas entendeu muito tempo nas drogas então ali... tipo... era eu não vivia só vivia pela droga, então não tinha vida, agora que eu tô botando a minha cabeça no lugar de novo que eu tô querendo correr atrás, tô...

P – Você fez tratamento?

I – Ahm (interrogativa)?

P – Você fez algum tratamento?

I – Não.

P – Largou por sua conta.

I – Larguei por conta.

P – Você não tem nem como fazer tratamento quando você quer.

I – Não. Eu tentei me internar três vezes, as três vezes tinha que ir com família alguma coisa assim, não sei o que, não sei o que cheio de burocracia não consegui... aí disseram que pela FASC podia tentar né, mas nem cheguei a tentar depois a minha mãe acabei parando sozinho.

P – Mas que bom que você conseguiu né, parar.

I – É.

P – Porque agora a sua vida entra no eixo né?

I – Sim, mas é aquele tal negócio o cara tem que tá alerta todos os dia né.

P – Todos os dias. E a droga na rua é fácil?

I – Muito fácil.

P – Mesmo sem dinheiro a droga... Chegou gente aí não?

I – Não.

P – Mesmo sem dinheiro a droga é não é, fica fácil.

I – É mais fácil que comida.

P – É né, porque pessoas que oferecem?

I – Ah... é as amizade né, as amizade acabam tipo assim... às vezes tu nem tá querendo, mas acaba alguém vem...

P – Alguém oferece.

I – Tu vê, às vezes tu vê... já é “foda” sabe, tem que segurar muito, muito, muito.

P – É a dependência não é, triste né. Tá certo. Tem alguma coisa que nós não conversamos que você acha que seria importante falarmos? Eu acho que eu te perguntei, mas eu, você acha que a escrita tem algum valor na vida das pessoas, você acha que muda alguma coisa?

I – Totalmente, totalmente.

P – Por quê?

I – Eu acho que a escrita é fundamental pra vida de uma pessoa.

P – Por quê?

I – Porque é uma forma de tu... às vezes tu não consegues transmitir com palavras, mas na escrita tu transmite o que tu quer, às vezes muito...

P – É uma forma de desabafo?

I – Desabafo e de outras coisas mais.

P – Você acha que serve de ascensão, pra pessoa mudar a posição dela ali.

I – Sim “pô” estimula, “pô” tu vê, a escrita é uma produção acho né, tipo às vezes pode ser até uma produção tipo tu tá produzindo alguma coisa.

P – Quando você falou do jornal de certa forma você falou isso, você viu como, você vê o jornal como uma forma de mudança de vida.

I – Sim.

P – Né de uma outra posição.

I – Com certeza.

P – Então a escrita seria isso, porque o jornal significa escrita também não só venda, mas escrita, trabalho, já me falaram aqui... por ele, um deles aí, todo dia teria jornal certo.

I – Eu também, com certeza.

P – Preenche o dia com coisa boa né.

I – Com certeza. E às vezes assim, por exemplo, porque tem muita gente ruim na sinaleira, mas tem muita gente boa eu sinto falta de tá ali na sinaleira, tá ali conversando, tá ali mostrando o trabalho, tá ali sabe, eu sinto falta disso, às vezes tô em casa tô louco pra ir pruma sinaleira pra sabe, às vezes nem é, tô nem ali pelo dinheiro tô mais prali pra conversar e brincar e...

P – E as pessoas conversam, dão... uns devem fechar o vidro...

I – Sim.

P – Mas muitas...

I – Eu bah! assim eu conheço muita gente já assim que me vê e fala assim “ó lá aquele cara não sei o que” porque eu brinco muito na sinaleira, não chego sem aquele que olha e chega chorando alguma coisa, ah eu chego dando risada, brincando de alto astral sabe aí...

P – Então você tem vários amigos?

I – Bah!

P – Que bom.

I – E é legal que às vezes o cara te encontra aqui depois te encontra numa outra sinaleira lá em cima, depois bah! isso é que é legal e aí eles lembram de ti sabe.

P – Aqui você tem muito amigos também, aqui no jornal?

I – No jornal sim, todos, vários somos uma família.

P – Que quase trinta pessoas?

I – São trinta é trinta participantes fora os coordenadores.

P – É e todo mundo amigo, todo mundo alegre assim...

I – Todo mundo, é uma família, é uma família.

P – Se precisar de alguma coisa...

I – Lógico, como toda família tem essa encrenca.

P – Tem briga.

I – Tem briga, mas às vezes não bater com o outro, mas nada que vá...

P – Se não fosse assim não seria uma família né?

I – Sim.

P – É isso então se você quiser falar mais alguma coisa.

I – Não acho que sei lá...

P – Não, tudo tranquilo.

I – Tudo tranquilo.

P – Então é isso, acho que vai dar uma, um bom material aí pra entrevista.

I – Obrigada.

P – Muito obrigada viu “fulano”.

I – Obrigado você.

Informante 14 – Código de identificação 014WMP, entrevista feita em 31/10/08. Porto Alegre. Tempo: 00:21:46

Pesquisadora – “Fulano” pra começar eu queria que você me contasse um pouco sobre o seu dia-a-dia que que você faz num dia seu comum.

Informante – Ah num dia comum eu:: tipo... cuido carro de noite, de dia eu vou dormir pelo umas cinco horas da manhã, me acordo pelo umas dez horas da manhã e faço meus compromisso tomo meu café, almoço e... faço tipo, segunda-feira eu venho aqui na reunião do “GAPA” né, que é a reunião do jornal onde que nós... o grupo se encontra pra fazer as matérias, tirar as fotos e faço as outras se tiver que fazer, tipo que nem agora esse compromisso que eu tenho aqui contigo né, que eu tô fazendo e depois se não tiver mais eu vou dormir de dia.

P – É você falou que mora aqui em frente você fica mais é aqui mesmo?

I – É tipo eu fico aqui mais aqui na frente porque a maioria dos meus compromisso é aqui né.

P – Aqui em frente ao “GAPA”.

I – É.

P – Tem carro que você olha?

I – Não é na Sarmento Leite... onde que eu trabalho há um ano e dois meses.

P – Ah é?

I – ãham (afirmativa).

P – Você vende o jornal também?

I – Vendo só que o jornal eu não vendo na sinaleira, jornal eu vendo nos... bairros e vendo pra moradores que ficam lá na região do bairro aqui do Cidade de Baixo.

P – Então tem muito tempo que você é bem conhecido aqui.

I – Sou.

P – Que tem um ano e pouco que você tá aqui então... e você dorme sempre por aqui tem algum lugar fixo?

I – Sempre. É tipo que nem o lugar fixo é aqui na frente do “GAPA”, na frente do Zafare...

P – No portão ali?

I – Não, do outro lado, do outro lado daí tipo... na frente do Zafare e na Sarmento Leite.

P – E onde você guarda as suas coisas?

I – As minhas coisas eu carrego comigo, porque é pouca coisa né.

P – Não tem muito não.

I – É não tenho muita coisa.

P – Me conta um pouquinho a sua história de vida, onde você nasceu é...

I – Ah eu nasci aqui em Porto Alegre mesmo, no Hospital Santa Casa... aqui e registrado no cartório quarta zona, só que a minha vida foi muito assim tipo... como é que eu vou lhe explicar pra senhora com... 5 anos de idade tipo meu pai e minha mãe separaram.

P – Sei.

I – Daí a minha mãe se juntou com outro lá... com outro cara, aí foi onde que separou a família toda... aí esse cara levou nós embora daqui pra... Santiago, Minas do Butiá pra aqueles lado de lá pra fora pra nós tentar esquecer um pouco da cidade aqui né, que aqui naquela época era muita, era briga de arma, era briga com facão e garrucha e coisas né, daí então ele queria levar nós pra lá pra nós esquecer um pouco daqui. Aí eu me criei apanhando dele porque eu tinha aquela revolta né, que eu queria ser criado com meu pai não com ele, aí com meus 8 anos de idade ele me levou pra... trabalhar lá na (praia de Magister) nós construiu uma casa eu ia, e eu fui levando a vida aí eu fui, com essa revolta eu fui fugindo de casa comecei com 13 a 14 anos fugi de casa... parei de estudar daí quanto mais eu fugia mais eu apanhava, mais eu fugia mais apanhava aí foi, foi, foi que eu vim embora pra Porto Alegre.

P – Veio sozinho?

I – Não o Conselho Tutelar me trouxe.

P – Ah tá.

I – Lá de Minas do Butiá pra cá.

P – Aí você já não tava mais com sua mãe.

I – Não.

P – Eles te trouxeram você já tinha...

I – Eu tava pelo mundo, eu já tava com 16 anos... de idade, na verdade meu pai e minha mãe são 16 anos de separados.

P – E aí você veio e...

I – Daí eu vim pra cá e fui pra... casa do meu pai... 16 anos eu era menor né, só que daí na casa do meu pai o que tinha pra me oferecer era só mundo do crime, só mundo do... aí então tipo pra mim não fazer nada na vida, como tipo eu não gosto de roubar, não gosto de assaltar, não gosto de nada entendeu, eu peguei saí pra rua e na rua tive um monte de opção né, que eu ia fazer, se eu ia roubar, a traficar se eu ia né, eu escolhi a guardar de carro né.

P – Você chegou a se envolver com alguma droga, com crime, com roubo alguma coisa assim?

I – Ah eu me envolvi bastante só que daí... tipo na minha cabeça eu acho que errar é humano né, mas persistir no erro é burrice né, então tipo por isso que é um ano e dois meses que já faz que eu fico ali nesse serviço já.

P – E aí então você não é dependente de droga nem nada.

I – Tipo dependente eu sou, eu sou usuário do crack eu uso crack, foi a única droga que eu... tipo assim me, que eu conheci e fiquei... tá entendendo, só que tipo agora esse um ano e dois meses que eu fiquei assim direto na rua foi por causa que eu... consegui parar por força de vontade tipo... com... desentender da família assim eu tem caído.

P – Sei então você usa ainda ou tem um ano que você não usa?

I – Não, uso.

P – Usa?

I – Áham (afirmativa).

P – Mais aí vão ter alguma...

I – Só que eu uso consciente do que eu tô fazendo.

P – Ah sei.

I – Tipo assim se eu uso crack não vou sair roubando, matando...

P – Você fica mais na sua.

I – É, fico mais é... pra... pegar e sustentar meu vício, que nem tipo que nem trabalhar ali, que nem eu trabalho ali, eu trabalho ali mais eu tenho que... eu tenho aquilo na minha cabeça que amanhã de manhã eu tenho que comer, que amanhã de manhã o meu cachorro tem que ter a ração do meu cachorro, tem que ter água do meu cachorro por que...

P – Tem quanto tempo que você tem seu cachorro?

I – O cachorro eu tenho há um ano. Um ano e dois meses.

P – É você cuida direitinho dele então?

I – Cuido.

P – Que isso aí é uma responsabilidade.

I – É.

P – Você não tem filho, então esse é seu filho.

I – Esse é meu filho... pra senhora ter uma ideia que eu chego que eu falo “vem com o pai”.

P – Pois é e ele é bonitinho, ele gosta de você né.

I – Sim, que nem aquele cachorro ali é um... tipo ele que me deu a visão da coisa né, tipo o cachorro não foi... eu não peguei aquele cachorro ali pras pessoas ter pena de mim e me dá as coisas pra mim tá entendendo, tipo que pelo ao contrário... antes de eu ter ele, antes de eu ter ele eu ficava na frente do supermercado... na frente dos outros... eu era bem rebelde, eu era bem revoltado, entendeu...

P – Agora...

I – Aí eu peguei ele eu saí de frente do:: supermercado pras pessoas não acharem que eu tava usando o cachorro pra pedir dinheiro... tá entendendo, tipo ah, porque todas as pessoa que tem cachorro é bom né eu sei tipo, agora o cachorro ele tem mais mente e coração do que o ser humano né...

P – É um companheiro né.

I – É. O cachorro não conhece dinheiro e nem fala de ninguém.((risos))

P – É verdade ele é um companheiro. Você falou que você veio com 12 anos, mais cedo você foi morar fora e tal e a escola como é que ficou você frequentou escola?

I – Frequentei até a quarta série.

P – Antes de mudar então pra Santiago.

I – Não.

P – Aqui ainda... antes de sair de...

I – Em Porto Alegre eu fiquei até eu “rodei” três vezes na primeira.

P – E depois quando você voltou então que você foi pra escola?

I – Não daí eu fui, estudei, na verdade eu passei de ano a foi mesmo a Minas do Butiá.

P – Onde que é isso?

I – Minas do Butiá fica depois de Charqueada, São Jerônimo.

P – Ah tá, você falou que foi pra Santiago que você foi morar, mas em Santiago que você fala no Chile?

I – Não.

P – Santiago aqui... em Porto Alegre?

I – Não.

P – É uma cidade?

I – Não, Santiago no Rio Grande do Sul, depois de Santa Maria.

P – Ah, tá então são cidadezinhas daqui de...

I – Não.

P – Do Rio Grande do Sul.

I – Do Rio Grande do Sul, dá seis horas de viagem.

P – Então lá você continuou estudando, estudou até a...

I – A primeira.

P – Só a primeira?

I – Áham (afirmativa), que lá eu só fiquei um ano.

P – E depois você continuou a escola?

I – Áham (afirmativa).

P – Depois que voltou pra cá?

I – Não.

P – Parou?

I – Parei.

P – Não tem vontade de voltar não?

I – É tipo vontade o cara tem né, mas falta daí eu tava fazendo o pró-jovem... houve um negócio eu tava fazendo o pró-jovem... eu fiz o pró-jovem, só que o pró-jovem tipo... era muito longe pra mim tá entendendo era muito longe pra mim, tipo eu morava no Alvorada, aí pra sair do Alvorada pra ir até lá... que era no Parthenon perto da casa do meu pai eu devia de usar dois ônibus... daí eu não tinha condições de passagem pra esses dois ônibus.

P – Sei. Ô “fulano”, você costuma ler?

I – Eu leio.

P – Você gosta de ler?

I – Bastante.

P – Que que você gosta de ler?

I – Eu gosto de ler... livros, coisa até tem um livro ali até sobre... como é que o cara deve de falar, como é que o cara não deve de falar, como é que tem que ser as coisas, como é que não tem que ser.

P – Como é que chama esse livro você sabe?

I – Bah! o livro tá lá na frente agora.

P – Depois a gente vê. E o que mais, que outros livros que você já leu?

I – Um outros livros que eu já li... foi aquele livro lá de... agora eu me esqueci o nome agora do cara, mas esse ele fala sobre uma história hiper engraçada história do “pum”, história de um monte de coisa sabe.

P – Ah é? ((risos))

I – Ãham ((afirmativa)) ((risos)). É eu só me esqueci o nome dele agora.

P – Depois se você lembrar você me conta. E de escrever, assim tem algum autor que você gosta muito, não?

I – Não, não.

P – Uma pessoa que você fala “ah vou ler livros dessa pessoa”, não?

I – Não.

P – Não, você lê aquilo que você consegue.

I – É.

P – Que chega na sua mão.

I – É que na verdade...

P – Esse livro, por exemplo, quem te deu?

I – Esse livro eu achei.

P – Na rua tem muito livro né?

I – Tem bastante.

P – Vira e mexe acha livro.

I – Bastante.

P – Jogado fora ou...

I – É bastante até... esses dias eu achei uns livro que era bem interessante com um cara lá... aí o cara pegou e me deu pra mim... eu troquei com ele por dinheiro né, ele “ah esses livros são bem interessante pra mim” aí ele “ah vou dá vinte pila pra ti pelos livro tá bom?” ah tá bom achei no lixo mesmo né.

P – Você acha que a pessoa que lê muito ela tem alguma oportunidade maior, você acha que a leitura pode mudar a vida de uma pessoa?

I – Pode.

P – Por quê?

I – Porque a leitura é o principal né, a leitura é o principal das coisas né.

P – É? E escrever, você costuma escrever?

I – Escrever eu já não sou muito já.

P – Não?

I – Tenho preguiça.

P – Que tipo de... mas você participa da oficina?

I – Participo.

P – Mas como é que é a sua participação na oficina?

I – A participação?

P – É.

I – É conversar.

P – Ah tá... você dá mais é ideia?

I – É, tem mais é ideia.

P – Você vem participa fala sobre qual o assunto que você que deve ser escrito...

I – Eu participei ali do... duma matéria que tá no jornal fala sobre o trabalho.

P – Livros você não participou né?

I – Do livro não.

P – Tá, só do jornal né?

I – Humhum ((afirmativa)).

P – Artigos publicados no jornal.

I – Eu tenho e-mail, eu tenho...

P – Você tem?

I – MSN e internet.

P – Então depois eu tenho que gravar, tem que anotar aqui o seu e-mail uai ... você me passa. E como que você acessa o seu e-mail?

I – Eu acesso às vezes aqui no “GAPA” e às vezes no... nas Lan.

P – Ah, você pode entrar e acessar. Então a escrita... escrever você não gosta.

I – Não.

P – E lê... tem algum assunto que te, quando você lê, tem algum assunto que te chama mais atenção?

I – Tipo o que?

P – Algum assunto assim pra você lê que te chama mais atenção, se você tiver que ler alguma coisa qual é o assunto que você, sobre qual assunto que você gostaria?

I – Eu gosto muito de lê a Bíblia.

P – Ah, você costuma ler a Bíblia.

I – Leio a Bíblia.

P – Você tem a Bíblia, não?

I – Não, mas eu quando eu morava em casa tipo eu... era 24 horas lendo Bíblia.

P – É? E agora você não tem como ler a Bíblia, mas outros...

I – O meu sonho era ser Pastor né.

P – Ah é?

I – Só que esse meu sonho a minha mãe quebrou.

P – Por quê?

I – Porque uma Pastora e um Pastor iam me adotar e a minha mãe não quis me dá pra eles.

P – Ah sei.

I – Foi onde que a minha vida tudo mudou também.

P – ãham (afirmativa) você queria ter ido...

I – Eu queria ter ido pra Barra do Ribeiros com eles e seguir uma carreira com eles.

P – Esse livro que você falou que você tá lendo que ensina como falar...

I – Hum hum ((afirmando))

P – Mas você gosta desse tipo de livro?

I – Eu gosto, é meio interessante.

P – E porque que você acha, por exemplo, te ensina como falar, porque, falar com quem, porque que você acha que é importante um livro... porque que você gosta desse livro?

I – Eu gosto desse livro porque ele fala sobre tipo... como é que é a linguagem que tu tem, como é que trata as pessoa como é que não trata.

P – E você acha que isso assim muda assim na... pra você vai ser visto se você falar melhor, você acha o que?

I – É tipo porque bem visto assim tipo não é:: você falar melhor, mas tipo assim com respeito, com caráter de nome e honestidade as pessoa vão em qualquer lugar né, chegam onde que quer né.

P – Você viveu muito tempo na rua né, já tem muito tempo?

I – Vivi muito tempo na rua.

P – Mas você é uma pessoa que quer preservar esses valores você tá seguindo, você até falou assim “eu estou na rua, mas eu não quero roubar” e na rua tem muito isso, tem de tudo.

I – É. Tem.

P – E quem que te ensina essas coisas pra você ter esse caráter firme que você tá demonstrando aí?

I – Quem me ensina é o mundo grande que eu vivo... tipo que as pessoas que eu convivo...

P – Você tá escolhendo um caminho...

I – Porque as pessoas são muito gananciosas por dinheiro, as pessoas são muito tipo... assim... uma quer ter mais que as outras né, tipo... que o dinheiro leva as pessoas né... a um certo nível né, mas não é... não quer dizer uma boa, umas boas condições não é prejudicando um ao outro tu vai conseguir aquilo.

P – Tá certo, porque eu tô vendo aí pelo que você tá falando que você é uma pessoa que tem conseguido um bom caminho né...

I – Que nem morador de rua né, só tô dormindo porque acho que durmo com meu cachorro do meu lado... durmo com meu cachorro do meu lado porque tipo eu durmo com um morador de rua ali... eu dou um rango pra ele, dou alguma coisa pra ele e ele me rouba, não são todos...

P – O próprio morador de rua?

I – É. Não são todos... entendeu, não são todos, mas a maioria de cinquenta tira dez, quarenta é... sabe, então tipo assim que eu acho que é uma coisa que se ajudasse acho que melhoraria muito mais né.

P – É, tá certo. É “fulano” você que a escrita... ela pode mudar a vida de uma pessoa?

I – Tipo como assim?

P – As pessoas que gostam de escrever, você acha que essa pessoa que escreve muito ela pode mudar a vida de uma, essa escrita, essa pessoa ela é diferente no mundo...

I – É por muitas vezes é que nem eu tipo se eu gostasse de escrever... eu podia escrever uma história sobre mim... porque na verdade minha vida é uma história ...tá entendendo, é um tipo eu podia botar um livro aí uma história sobre mim... mas eu comecei, no começo eu comecei no Parobé que eu fui pruma clínica... só que nessa clínica eu fiquei quatro dias... dentro desses quatro dias eu escrevi... oito folhas contando sobre mim e sobre o cachorro... só que o cachorro ficou em Porto Alegre e eu fui... e

no dia seguinte eu peguei tive uma visão preta... que era pra mim voltar pra cá pra Porto Alegre... que o que eu tinha que cumprir eu não, o que eu tinha que cumprir a missão que eu tinha que cumprir não tava cumprida ainda, não sei se a senhora tá me entendendo?

P – Tô entendendo sim.

I – Aí então eu voltei pra cá... só que tipo eu não fugi nem nada lá da fazenda... porque a maioria das pessoas que vão pra lá eles fogem né, mas tipo... eu cheguei lá no seu pro Seu Federal que é o dono, que é o responsável pela fazenda e pedi “Seu Federal eu quero ir embora... não tá na minha hora ainda de né de ficar puro, então eu não vou ficar aqui forçado né”.

P – Quem que te mandou pra lá, quem que...

I – A Patrícia da casa de convivência.

P – Ah, ela conseguiu essa vaga.

I – Sim. Aí eu peguei vim com ele... ele pagou passagem tudo chegou aqui em Porto Alegre ele chegou lá e falou que eu era guia turístico dele ((rindo)) fui o guia turístico dele dentro de Porto Alegre... tipo ele as portas estão abertas pra mim a hora que eu quiser a hora que né, tiver uma vaga...

P – A hora que você conseguir você vai.

I – É. Tipo que eu disse não agora vou me limpar mesmo eu vou ficar né... as portas, mas tipo acho que não precisa tá dentro de uma fazenda... acho que não precisa tu tá dentro de algum lugar...

P – Tem que querer né?

I – Pra ti poder né vai de dentro da cabeça da pessoa.

P – “Fulano” tem alguma coisa que nós não falamos e que você gostaria de falar?

I – É tipo eu acho que... assim eu acho que aqui em Porto Alegre eu acho que é muito errado tipo... eu como natural de Porto Alegre eu acho que eu tenho todo o direito de tipo de... dormir numa calçada, de ficar numa calçada de dentro de Porto Alegre sentado... e aqui acontece muito de a polícia correr né, os moradores de rua sair... fazer sair... tipo que nem ocorre no supermercado Zafare aqui... eles dão café e almoço ali pra eles, pra eles pega e correr nós dali, só que eu não fico na frente...

P – Então você acha que falta um lugar pra vocês assim, é direito seus ficar...

I – É que tipo na calçada onde que eu quiser... tá entendendo tipo se eu quiser dormir ali na calçada, isso é... porque a maioria das pessoas não gosta... mas eu não tô usando droga... eu não tô cheirando loló... eu não tô bebendo cachaça tá entendendo, respeito do menor ao maior...tipo qual é o mal que eu tô fazendo de tá deitado ali naquela calçada com meu cachorro? Bob sai daí ((dirigindo-se ao cachorro)).

P – É então tá certo, tem mais alguma coisa “fulano”?

I – Eu não só se a senhora quiser fazer mais uma pergunta.

P – Não, eu gostei muito da entrevista, fiquei sabendo que a gente nem ia ter muito tempo né, porque ia passar do horário, mas que você queria dar a entrevista... pra mim foi muito importante, mostra assim... que vocês foram receptivos, que vocês querem atender a gente, eu fui muito bem recebida, seus colegas todos são, foram muito educados comigo, você também... então eu queria só te agradecer viu.

I – Tá ok.

I – E boa sorte pra senhora aí.